

“TODOS TÊM DIREITO À CULTURA”

A DINÂMICA CULTURAL DA CIDADE DE SANTARÉM (1930-1959)

Maria Teresa do Rosário Lopes da Cruz Moreira

Tese de Doutoramento em História

Dezembro de 2013

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do
grau de Doutor em História, realizada sob a orientação científica do

Professor Doutor José Neves

DECLARAÇÕES

Declaro que esta Tese de Doutoramento é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,

Lisboa, 10 de Dezembro de 2013

Declaro que esta Tese de Doutoramento se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O orientador,

Lisboa, 10 de Dezembro de 2013

Agradecimentos

Ao longo destes últimos quatro anos, muitos foram os que pacientemente souberam ouvir-me e acompanhar-me neste projecto. Aquilo que começou por ser um percurso solitário acabou por se tornar numa viagem com excelentes companhias. Sem o encorajamento de alguns, a amizade e companheirismo de outros e o apoio familiar, esta etapa da minha vida teria sido muito difícil e quem sabe impossível de percorrer. O meu primeiro reconhecimento fica para o meu pai, Alberto Lopes, que onde me possa estar a ver vai sorrir-me de felicidade e orgulho, enquanto o segundo vai para o meu marido, João Carlos Moreira, que acreditou sempre na viabilidade deste projecto. As matriarcas da família, a minha mãe Lourdes Lopes e a minha sogra Violante Moreira, contribuíram com o seu afecto para a minha estabilidade emocional.

Ao Professor Doutor João Paulo Oliveira e Costa agradeço o apoio e a orientação nos primeiros meses de frequência deste curso. No entanto, este projecto muito fica a dever ao Professor Doutor José Neves que, para além de orientador, me acompanhou e aconselhou nas várias etapas percorridas.

O meu agradecimento é extensivo aos dirigentes das colectividades de Santarém que apoiaram este trabalho e o incentivaram, não podendo deixar de louvar, o presidente de “Os Caixeiros”, Fernando Graça e ao director do jornal *Correio do Ribatejo*, João Paulo Narciso. João Gomes Moreira, Bertino Coelho Martins, Custódio Alexandre Silva, Zeferino Silva, assim como outros, revelaram-se verdadeiras memórias vivas da cidade ao recordar tantos dos episódios que viveram ao longo de três décadas. As palavras de apoio de Maria Antónia Ginestal Machado estiveram sempre presentes na minha memória ao longo deste percurso onde tantos outros tiveram o seu lugar.

Aos meus amigos deixo a minha gratidão. Todos eles sabem o papel que têm na minha vida e compreendem que relembre Ana Cristina Castelo que pacientemente me ouviu, Ana Margarida Vieira Dias sempre pronta a incentivar-me para novos projectos.

A todos o meu eterno agradecimento!

Ao meu pai, Alberto de Jesus Lopes (1935-2005).

“O que é que Santarém tem!”¹

Santarém tem tudo, tudo:
Tem cinemas a um escudo,
Tem jardins, tem miradouros,
Tem as corridas de touros,
Tem os recintos do fado,
Tem as montras do Chiado
Tem Orfeão dos primeiros,
Tem a Banda dos Bombeiros,
Tem bons cafés de luxo,
Tem os lagos sem repuxo
Tem um belo liceu novo
Que vais ser aberto ao povo.
Tem o Campo Sá da Bandeira,
Com as nuvens de poeira,
Tem quartéis p’ra “taratas”,
Polícia a pesar batatas,
Tem bandeiras e emblemas,
E até tem dois cinemas.
Tem sopeiras com carritos
P’ra levarem os pequenitos,
Tem a Escola de Regentes
Com fábrica d’aguardentes,
Tem a Junta Nacional
Para a “pinga” regional,
Tem carreira p’rá estação,
Um dia sim, um dia não.
Tem grandes livrarias
Com “leitões” e “melancias”,
Tem os bolos da Abidis,
Tem a mulher das pevides,
Tem também um Presidente
Que anda sempre sorridente.
Tem janelas com canários,
Um reitor e três vigários,
Tem cavalos de cilha e manta
Ensinados pelo Anta.
Tem bomba e mangueira
P’rós fogos de Vale Figueira,
Tem o Mata retratista,
O Martins excursionista,
Tem Sopa para os pobres
Que tem levado muitos cobres,
Tem damas de pernas nuas
E muito lixo nas ruas.
Tem um “Grupo” para as pegas
Tem tudo... menos as regas!”

Henrique Vigário

¹ *Correio da Extremadura*, 17/7/1943, p. 6.

Índice

Introdução	1
Planta de Santarém	10
Quadro	11
I - “Através de Santarém” e do Ribatejo	
1. Da Estremadura ao Ribatejo: o nascimento e consolidação de uma Província	13
II – Associativismo em Santarém	
1. A Elite da Cidade	
1.1. Club de Santarém	21
1.2. Teatro Rosa Damasceno	37
1.3. Teatro Club Ribeirense	48
1.4. Círculo de Cultura Musical, Delegação de Santarém	57
Conclusão	68
2. “Todos têm Direito à Cultura”	
2.1. Banda dos Bombeiros Voluntários	69
2.2. Teatro Sá da Bandeira	90
2.3. As Companhias de Teatro Ambulante	101
2.4. Club Literário Guilherme de Azevedo	105
2.5. Coral Infantil Scalabitano	124
2.6. Orfeão Scalabitano	130
2.7. Círculo Cultural Scalabitano	184
2.8. Orquestra Típica Scalabitana	229
2.9. Grupo de Coordenação Cultural de Santarém	239
2.10. O Movimento Cineclubista em Santarém	256
2.11. Exposições de Arte organizadas pela Comissão Municipal Turismo	267
2.12. Tauromaquia	271
Conclusão	278
3. Fraternidade Operária	
3.1. Sociedade Recreativa Operária	280
4. Cultura e Desporto	

4.1. Grupo de Futebol os Empregados no Comércio “Os Caixeiros”	290
4.2. Sport Lisboa e Santarém	309
4.3. Sport Grupo Scalabitano “Os Leões”	312
4.4. Sport Club Ribeirense	328
4.5. Sport Grupo União Operária	332
4.6. Club dos Caçadores de Santarém	342
4.7. Associação Académica de Santarém	345
4.8. O Campismo Escalabitano	369
Conclusão	364
5. Festas Populares e Feiras	
5.1. Esplanadas, Verbenas e Cafés	366
5.2. Das Exposições - Feira à Feira do Ribatejo	389
Conclusão	409
Fontes e Bibliografia	414
Anexo I	I
Anexo II	VII
Anexo III	X
Anexo IV	XIII
Anexo V	XXVIII
Anexo VI	XLIII
Anexo VII	XLVI
Anexo VIII	L
Anexo IX	LVII
Anexo X	LX
Anexo XI	LXIII
Anexo XII	LXXI
Anexo XIII	LXXV

“TODOS TÊM DIREITO À CULTURA”

A DINÂMICA CULTURAL DA CIDADE DE SANTARÉM (1930-1959)

Maria Teresa do Rosário Lopes da Cruz Moreira

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Associativismo, Cultura Popular, Identidade Regional, Santarém, Ribatejo

O dirigente associativo Manuel Ginestal Machado defendeu numa entrevista publicada no *Jornal de Santarém*, a 20 de Março de 1958, que “todos têm direito à cultura”. Esta afirmação decorria num projecto mais vasto, dinamizado entre as décadas de 30 e 50, na cidade de Santarém, por membros de um grupo social privilegiado que se empenharam na difusão cultural junto dos mais desfavorecidos da cidade, ao mesmo tempo que pretenderam contribuir para a construção da identidade da região do Ribatejo. Maioritariamente ligados ao associativismo, estes homens definiram um amplo projecto de coordenação cultural que constitui o objecto central do estudo de caso que esta tese realiza e na qual igualmente se abordou a história da importância das associações culturais e recreativas na dinâmica da cidade. Como unidades de observação estudaram-se casos significativos, como a organização do Grupo de Coordenação Cultural no pós Segunda Guerra Mundial, a fundação do Círculo Cultural Scalabitano e a tentativa de construir o “Palácio da Música”. Também se estudou o papel desenvolvido pelas mulheres, especialmente nas colectividades, numa sociedade controlada e controladora. Os interesses da vasta e heterogénea classe operária da cidade também mereceram um estudo específico a partir da análise do trabalho desenvolvido pela Sociedade Recreativa Operária. As cadeias de relacionamento cultural estabelecidas pela cidade com a região ribatejana, Lisboa e além fronteiras através da programação estabelecida com a delegação de Santarém da Alliance Française, também foram alvo de estudo. A tese pretende ser um contributo para alargar o conhecimento da história da cultura numa cidade de província, durante as décadas de 30 a 50.

"EVERYONE HAS THE RIGHT TO CULTURE"
THE DYNAMIC CULTURAL CITY OF SANTAREM (1930-1959)

Maria Teresa do Rosário Lopes da Cruz Moreira

ABSTRACT

KEYWORDS: Associations, Popular Culture, Regional Identity, Santarem, Ribatejo

The associative leader Manuel Ginestal Machado defended in an interview published in the newspaper of Santarém, the March 20, 1958, that "everyone has the right to culture". This statement was a wider project, pivoted between the decades of 30 and 50, in the city of Santarém, by members of a privileged social group who have worked on cultural diffusion among the most disadvantaged of the town, at the same time that wished to contribute to the construction of the identity of the Ribatejo region. Mostly linked to associations, these men have defined a broad cultural coordination project which is the subject of this case study thesis performs and in which also dealt with the story of the importance of cultural and recreational associations in the dynamics of the city. As units of observation significant cases were studied, such as the Organization of Cultural coordination group in the post World War II, the Foundation of the Cultural Circle Scalabitano and attempting to build the "Palau de la Música". Also studied the role developed by women, especially in the communities, in a controlled and controlling society. The interests of the vast and heterogeneous working class of the city also deserved a specific study from the analysis of the work done by the Sociedade Recreativa Operária. Cultural relationship established chains around town with the Ribatejo region, Lisbon and beyond borders through the schedule established with the delegation of Santarém from the Alliance Française, also were the subject of study. This thesis is intended as a contribution to broadening the knowledge of the history of culture in a country town, during the decades of 30 to 50.

Introdução

A gazetilha “O que é que Santarém tem!” foi escrita em Julho de 1943 pelo escalabitano Henrique Dias Vigário (1897-1954) e pretendia caracterizar uma cidade de província durante a Segunda Guerra Mundial. Este inspector da Singer encontrava-se habilitado para o fazer, pois envolveu-se em diversos projectos ligados ao associativismo, ao desporto, ao teatro amador, ao jornalismo desportivo e aos bombeiros voluntários. Ele estava desperto para os problemas sociais e culturais da cidade da qual era um fiel observador e crítico, dando o seu contributo em colectividades com objectivos e interesses tão diversificados como a Banda dos Bombeiros, o Club de Santarém, “Os Leões”, a Sociedade dos Bombeiros Voluntários, o Grupo de Coordenação Cultural, o Cineclube e a Orquestra Típica. O perfil deste homem confere com o de muitos dos agentes culturais e dirigentes associativos de Santarém entre as décadas de 30 e 50 do século XX. Se, como referiu o historiador Fernando Catroga, a associação “... constituía um modo livre do homem superar o seu egoísmo e de contratualisticamente realizar a sua função sociabilitária.”², estes homens, herdeiros do “velho republicanismo”, tinham uma elevadíssima responsabilidade na missão que se empunham concretizar. Muitos encontravam-se envolvidos em associações recreativas, culturais e desportivas, em associações de carácter mutualista e assistencial e/ou nas de carácter profissional. Os dois últimos tipos de associações dinamizaram e/ou apoiaram actividades culturais conforme se pode verificar pelo historial dos Montepios Geral de Santarém e Ribeirense. A Sociedade dos Bombeiros Voluntários, sem descurar a missão humanitária que lhe era inerente, desenvolveu diversos projectos de âmbito cultural ao organizar exposições de pintura, provas desportivas (atletismo, futebol, ginástica), bailes, sessões de cinema e récitas teatrais. Do seu seio surgiu um grupo dramático dirigido por João Codina e que se estreou em Abril de 1925 com a peça “Os Campinos”³, e o Grupo Jazz dos Bombeiros Voluntários de Santarém, constituído por oito elementos, apresentou-se a 27 de Junho de 1936⁴. A Associação Comercial de Santarém promoveu várias iniciativas de carácter económico,

² Fernando Catroga, *O Republicanismo em Portugal da Formação ao 5 de Outubro de 1910*, Lisboa, Casa das Letras, 2010, p. 53.

³ *O Combate*, n.º 7, 25/4/1925, p. 3.

⁴ Cf. *Renovação Nacional*, n.º 30, 25/6/1936, p. 8.

dando destaque às valências culturais e patrimoniais, a fim de consolidar a componente regionalista. Esta última pretendia potenciar ao máximo os recursos económicos da região apresentando-os em exposições feiras importantes para divulgar a cidade no âmbito nacional e reforçar o poder das elites a nível político local. A afirmação da região do Ribatejo e da identidade do ribatejano foram bandeiras que se agitaram ao longo das primeiras décadas do século e que não desvaneceram com o nascimento oficial da província em 1936. No seio da Associação Comercial surgiu, em 1935, um conjunto de cursos “literários e práticos” diurnos e nocturnos para “... enriquecer e fortalecer as inteligências daqueles que, por insuficiência de recursos ou pelas condições especiais em que trabalham, não podem frequentar escolas públicas oficiais...”⁵. No ano seguinte, perante a necessidade de abrir uma escola de ensino técnico na cidade, a Associação decidiu fundar na sua sede o Ateneu Comercial de Santarém. Em 1945, os estudantes fundaram o Grupo Desportivo do Ateneu Comercial ligado à prática do atletismo, ténis de mesa, basquetebol e voleibol. Das estruturas do Ateneu Comercial surgiu, em 1957, a Escola Industrial e Comercial de Santarém. O mundo académico da cidade alargava-se ao Liceu, frequentado essencialmente pela elite do distrito e pela Escola de Regentes Agrícolas onde um conjunto de rapazes, especialmente das colónias, procurava alargar os seus conhecimentos sobre a agricultura e pecuária. Qual o papel desempenhado por estes jovens na dinâmica cultural da cidade? Quem eram estes activistas da cultura? Como se integravam nas colectividades da cidade? Que papel cultural foi desempenhado por estes homens e pontualmente por algumas mulheres? Podemos afirmar que surgiu um grupo de trabalhadores ligados à difusão deste projecto cultural?

Na década de 30, a elite da cidade de Santarém investiu no desenvolvimento económico, investimento que decorreu a par do apelo à criação da província do Ribatejo, conforme se pode verificar pelos recursos mobilizados para a Exposição Feira Distrital de 1936. No entanto, a cidade continuava a pautar-se por uma forte ligação à agricultura e as suas circunstâncias rurais era bem patentes, apesar da proximidade geográfica com Lisboa. Muitos eram aqueles que abandonavam o campo à procura de uma vida melhor na cidade. Estes engrossavam o contingente de operários que trabalhavam nas oficinas, nas tipografias e noutras pequenas indústrias e que constituíam um grupo à parte, ao viverem num bairro próprio fora da centro urbano e ao integrarem uma colectividade ligada à defesa do operariado, a Sociedade Recreativa

⁵ *Renovação Nacional*, n.º 43, 24/9/1936, p. 5.

Operária. Assim, optou-se por um estudo individualizado desta colectividade considerando a sua importância na defesa dos direitos dos operários da cidade. Os dirigentes e os sócios desta Sociedade pouca influência tiveram noutras colectividades locais, o que fugiu à norma associativa da cidade, conforme se pode verificar no anexo XIII. O único sócio licenciado da Sociedade era o advogado Humberto Lopes (1918-1984) que tinha como missão divulgar junto do operariado a oposição ao Estado Novo desenvolvida pelo Partido Comunista Português. Das zonas rurais e das franjas mais desfavorecidas, vinham os numerosos empregados no comércio que iniciavam a sua vida profissional como moços de recados, passando a caixeiros e conseguindo nalguns casos atingir o grau profissional de comerciante. Na década de 50, verificou-se um desenvolvimento económico da cidade associado ao crescimento da população, após o superar das dificuldades dos anos anteriores.

Este período da história da cidade encontra-se pouco estudado. Considerando duas premissas importantes como são a criação da província do Ribatejo e a afirmação de Santarém como a sua capital, é objectivo deste trabalho conhecer a dinâmica cultural deste meio urbano muitas vezes ligado à ruralidade de uma região, sem perder de vista as grandes linhas traçadas pela “política do espírito”. Para o nosso estudo, a articulação entre a identidade ribatejana e o associativismo escalabitano é um ponto orientador a ter em consideração. Assim, como unidades de observação tomámos alguns dos projectos realizados na cidade com âmbito cultural e educacional como foram o ressurgimento do Orfeão Scalabitano (1943), a organização Grupo de Coordenação Cultural (1944) e a fundação do Círculo Cultural Scalabitano (1954). A dinâmica cultural da cidade era essencialmente sentida pelo pulsar das colectividades a que se encontravam ligados pequenos comerciantes, militares, funcionários públicos e inevitavelmente, nalguns casos, as elites.

Uma das referências no dirigismo associativo da cidade foi o advogado Manuel Ginestal Machado (1905-1964) que delineou um projecto cultural durante as décadas de 40 e 50 assente no seu lema “todos têm direito à cultura”. Para ele, todos aqueles a quem a vida tinha proporcionado oportunidade de adquirir cultura tinham obrigação de a transmitir aos que dela necessitariam. Esse patamar cultural era possível atingir proporcionando educação ao povo. Estaremos perante um projecto de “cultura popular”? Em caso afirmativo, de que maneira essa “cultura popular” permitiu a união de classes sociais na cidade e consequentemente um “clima de paz e de boa

compreensão”? Essa abertura entre grupos sociais concretizou-se levando a que todos tivessem acesso à cultura? Aqueles que tiveram oportunidade económica e social de aceder à cultura utilizaram os meios ao seu alcance para a difundir entre aqueles que tinham sido preteridos economicamente e socialmente? Será que essa integração na prática se concretizou conforme teorizou Ginestal, de forma a estabelecer a proximidade e a união? Qual o papel das associações recreativas e culturais da cidade “na consagração da obra”? De que forma as associações herdeiras do republicanismo se adaptaram e transformaram perante as novas exigências do regime, das quais a política cultural não era excepção? Partindo dos estudos de Jacques Revel⁶, de que forma o projecto cultural de Ginestal se encontrava ligado aos projectos políticos do poder local e consequentemente ao poder central e centralizador? Sendo este dirigente associativo um opositor ao regime, que apoios obteve e de que maneira se relacionou com as elites ligadas ao Estado Novo?

Manuel Ginestal Machado rodeou-se de um grupo de amigos com quem comungava as mesmas ideias e envolveu-se num movimento cultural que, bastante fortalecido nas décadas de 40 e 50 acabou por não resistir ao terramoto Humberto Delgado. No entanto, sobreviveram alicerces suficientes para a adaptação desse movimento cultural aos novos tempos da década de 60, apesar do desaparecimento físico do seu principal mentor.

Os limites cronológicos deste trabalho estão balizados entre o início da década de 30, momento de afirmação do novo regime político, mas também da consolidação da região do Ribatejo com a criação da nova província, e os finais da época de 50, após o acto eleitoral para a presidência da República e o desencanto de Ginestal, que viria a profetizar o seu afastamento do associativismo pouco tempo antes de falecer. No entanto, houve necessidade de recuar e avançar neste período cronológico de forma a clarificar alguns dos assuntos em análise. Para mapear os cerca de trinta anos em estudo fez-se um périplo pelo associativismo da cidade considerando o centro urbano e a parte baixa da cidade, a Ribeira de Santarém. Também se procurou conhecer os protagonistas do movimento cultural da cidade, as actividades que desenvolveram, como se relacionaram e o seu espírito associativo. Por vezes, as dificuldades em manter esta orientação metodológica surgiram ao esbarrar-se em “becos sem saída” como falta de bibliografia específica e desaparecimento de fontes.

⁶ Cf. Jacques Revel, *A Invenção da Sociedade*, Lisboa, Difel, [1990], p. 95.

Para um melhor conhecimento do associativismo escalabitano no período em estudo dividiu-se o corpo deste trabalho em cinco partes. Numa primeira parte analisou-se o trabalho das elites na cidade tentando-se comparar a rivalidade entre os clubes da cidade e da Ribeira, considerando que eram colectividades que possuíam uma sala de espectáculos, vulgo teatro. Duma forma mais ampla, procurou-se conhecer as colectividades, dirigentes e associados que se envolveram na difusão cultural junto dos mais desfavorecidos, procurando eliminar as barreiras sociais e assentes no lema “todos têm direito à cultura”. O papel das mulheres nestas associações e nalgumas das actividades desenvolvidas ligadas à música, ao teatro, ao cinema e à dança foi um prelúdio de uma emancipação desejada numa sociedade onde o “chefe de família” imperava. A fraternidade operária foi abordada a partir de uma associação de carácter profissional, a Sociedade Recreativa Operária, herdeira do republicanismo operário da cidade e preocupada com o bem-estar social dos seus associados mas também com a sua formação profissional e a componente cultural. O desporto, em ascensão no século XX, cedo atraiu a fundação de várias colectividades empenhadas na cultura do corpo com a prática de modalidades como o futebol, o atletismo, o basquetebol, o pugilismo, o ténis de mesa, o voleibol, o ciclismo e o campismo. Finalmente, não se pode ignorar o papel das festas populares, das romarias, das verbenas e das exposições feiras no contexto cultural de uma cidade de província.

Ao longo deste estudo também se pretendeu verificar a influência cultural vinda do exterior tomando como exemplos a fixação na cidade de delegações da Alliance Française e do Círculo de Cultura Musical, na década de 40, ou o relacionamento com a Juventude Musical Portuguesa e a Fundação Calouste Gulbenkian. A presença frequente de docentes nas áreas da música, da dança e do teatro vindos de grandes academias de Lisboa e até do Conservatório, como o professor de teatro Carlos Sousa, o encenador Humberto d’Ávila, o maestro Fernando Cabral, as bailarinas Bruna Barocchi e Wanda Ribeiro da Silva permitiu valorizar o ensino nestas áreas.

No período em estudo, as actividades dinamizadas e/ou patrocinadas pelo S.N.I. e pela F.N.A.T. foram mantendo a sua periodicidade pelos teatros e salas das colectividades. De que modo os “Serões para Trabalhadores”, assim como outros espectáculos de “variedades” difundidos pela Emissora Nacional, marcaram gerações de artistas amadores? Quais as ligações estabelecidas entre estes organismos e o

movimento cultural impulsionado por Ginestal? Sabendo que muitos dos referidos espectáculos decorreram no Ginásio do Seminário, importa perceber o posicionamento da Igreja na construção desta teia cultural. Da mesma forma, também se procura verificar o papel das estruturas políticas locais (junta de província, governo civil e câmara municipal) na divulgação do trabalho cultural desenvolvido por um grupo de entusiastas amadores apoiados em dirigentes voluntariosos e determinados. Os agentes culturais escalabitanos recorrem várias vezes ao apoio do ministério da educação, entidade reguladora do funcionamento da vida associativa, de forma a angariar apoios monetários e logísticos que lhes permitissem potenciar novos projectos culturais. Quais as contrapartidas das colectividades perante os dividendos obtidos?

Ao envolvermo-nos neste trabalho tínhamos consciência que as monografias sobre a cidade de Santarém durante o século XX eram praticamente inexistentes e que os estudos de caso de outras localidades, ou por rarearem ou por se afastarem do objectivo deste trabalho, não poderiam facilmente servir de referência. A excepção foi a dissertação de mestrado *Leiria entre 1920 e 1940: Sociabilidade e Vida Quotidiana*, de José Oliveira Dias. *Santarém Memórias da Cidade*, de Luís Eugénio Ferreira, publicado em 1998 e esgotado há vários anos, continua a ser ainda a única fonte impressa para o estudo da vida cultural de Santarém. A quantidade de fontes primárias a consultar mostrava-se bastante elevada, dispersa, mal conservada e sem ter sido objecto de qualquer estudo prévio. A falta de inventários, classificadores e índices dificultou a consulta dessas fontes. Também a insensibilidade das direcções de algumas associações, totalmente desconhecedoras da importância do seu património e pouco abertas ao estudo das memórias colectivas dos espaços que tutelam, limitou a investigação. Por outro lado, sem o esforço de actuais dirigentes, associados mais antigos e seus descendentes seria impossível desbravar a floresta de documentação por vezes considerada esquecida e rotulada de pouco importante, com a qual nos confrontámos. As bibliotecas das associações guardam a pouca documentação oficial que nos chegou como livros de actas da direcção e da assembleia-geral e livros de contabilidade que relatam a verdade oficial e na maioria das vezes ignoram projectos, ideias, conflitos e reformas, tentando contornar a censura. Esta documentação reflecte a história “oficial” e muitas vezes “politicamente correcta” das colectividades enquanto muitos dos factos que podem construir a história e reforçar a identidade desses organismos se encontram guardados na memória de homens e mulheres que se envolveram nesses projectos e que ainda resistem ao passar dos anos. Para além do levantamento de documentação nos

arquivos do Círculo Cultural Scalabitano, Sociedade Recreativa Operária, Grupo de Futebol “Os Caixeiros”, Club de Santarém e Associação Académica de Santarém, também foram consultados os Arquivos Distrital e Histórico da Câmara Municipal. Lamentavelmente, os arquivos das colectividades desportivas, como do Sport Club Scalabitano “Os Leões”, o Sport Club Ribeirense, o Sport Lisboa e Santarém, Sport Grupo União Operária, Club dos Caçadores, encontram-se perdidos, dispersos, entregues a particulares, ou foram destruídos, o que dificultou bastante este trabalho de levantamento de fontes, deixando várias questões sem resposta.

As fontes orais e a consulta da imprensa local foram imprescindíveis para reforçar a documentação consultada e traçar a dinâmica cultural da cidade. No primeiro caso socorremo-nos muitas vezes de entrevistas e conversas estabelecidas com homens e mulheres da cidade que participaram activamente neste projecto cultural, como João Gomes Moreira, Luís Eugénio Ferreira, Florindo Custódio, Joaquim Vale Cruz, Laura Casimiro, Maria Elisa Figueiredo, Maria Antónia Ginestal Machado, entre muitos outros que, por vezes de forma informal, permitiram-nos levantar novas questões e abrir novos caminhos à investigação. Os títulos de imprensa (*Correio da Extremadura / do Ribatejo, O Debate, O Combate, Jornal de Santarém, Renovação Nacional, Jornal do Ribatejo*) foram valorizados como fonte pois permitiram traçar o relacionamento entre os dirigentes associativos e programadores de actividades culturais com os directores dos referidos jornais. Por vezes, estes últimos acumulavam as suas funções com a gestão de algumas colectividades, como foi o caso de Virgílio Arruda, José Avelino de Sousa e António Carlos Borges. O papel da divulgação de eventos culturais encontrava-se a cargo desta imprensa, sendo muitas das vezes a única fonte que permitiu inventariar as actividades culturais desenvolvidas na cidade. A imprensa de outras regiões visitadas pelas “embaixadas culturais”, assim como, a imprensa nacional, permitiu completar muita da informação. A Emissora Nacional, a Rádio Ribatejo e a televisão, estas últimas a partir do final década de 50, tiveram influência na difusão da cultura nomeadamente na cidade de Santarém, não sendo possível consultar os arquivos destas instituições. As primeiras transmitiram vários concertos do Orfeão e da Orquestra Típica. Esta última também actuou em vários programas televisivos, especialmente durante a década de 60.

Com este trabalho também se pretendeu valorizar os estudos de história local. Espera-se que este estudo de caso possa abrir outros caminhos que se encontram por desbravar no âmbito da cultura no Ribatejo. O estudo da vida cultural de outras cidades,

à semelhança do que se apresenta relativamente a Santarém, deixando em aberto a pesquisa sobre diferentes ramos e/ou actividades culturais, pode conduzir a outros trabalhos de investigação, permitindo uma visão mais complexa. A questão regional associada à criação da província do Ribatejo levou à consulta de estudos antropológicos de autores como Aurélio Lopes e Nelson Ferrão. O primeiro tem estudado o trabalho rural associado à “cultura popular” e ao papel da mulher do Ribatejo, “a campina”, enquanto o segundo tem abordado as diversas representações do povo no contexto dos grupos folclóricos, das feiras e outras festas populares. A realidade local não pode dissociar-se da realidade nacional, por isso recorreu-se a estudos sobre a política cultural durante o Estado Novo de autores como Daniel Melo, Luís Trindade, Nuno Domingos, Frédéric Vidal e José Neves. *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, do primeiro destes autores, forneceu pistas e abriu caminhos na orientação deste trabalho. Os trabalhos interpretativos sobre “cultura popular” de Terry Eagleton, Pierre Bourdieu, Michel Certeau, Peter Burke, e Roger Chartier revelaram-se da maior importância para problematizar este estudo permitindo a possibilidade de definir a acção do homem em torno da acção cultural.

Finalmente, não podemos deixar de referir o prazer com que nos envolvemos neste estudo, conscientes que se trata do desbravar de uma pequena courela num imenso terreno por conhecer e trabalhar.

Período de tempo em que funcionaram as colectividades mais significativas da cidade de Santarém

Colectividade	Século XIX	Século XX Década 10	Século XX Década 20	Século XX Década 30	Século XX Década 40	Século XX Década 50	Século XX Década 60	Século XX Década 70	Século XX Década 80
Alliance Française, delegação de Santarém									
Associação Académica de Santarém									
Associação de Classe dos Empregados no Comércio									
Associação Comercial de Santarém									
Associação de Futebol de Santarém									
Associação Scalabitana dos Amigos do Cinema									
Banda do Asilo									
Banda dos Bombeiros									
Banda Ribeirense									
Cineclube de Santarém									
Círculo de Cultura Musical, delegação de Santarém									
Círculo Cultural Scalabitano									
Club Atlético Ribeirense									
Club dos Caçadores									
Club de Futebol “Os Ribeirenses”									
Club Literário Guilherme de Azevedo									
Club de Santarém									
Coral Infantil Scalabitano									
Desportivo Volley-ball Club									
Grupo Académico de Danças Ribatejanas									
Grupo Columbófilo Scalabitano									
Grupo de Coordenação Cultural de Santarém									

Grupo Desportivo do Ateneu Comercial									
Grupo Operário 14 de Maio									
Montepio Geral de Santarém									
Montepio Ribeirense									
Núcleo de Campismo “Os Livres”									
Núcleo Campista Scalabis									
Grémio Musical Ribeirense									
Grupo de Futebol os Empregados no Comércio “Os Caixeiros”									
Orfeão Scalabitano									
Orquestra Típica Scalabitana									
Santarém Futebol Club “Os 13”									
Sociedade dos Bombeiros Voluntários									
Sociedade Filarmónica União Ribeirense									
Sociedade Recreativa Operária									
Sociedade de Tiro de Santarém									
Sport Club Ribeirense									
Sport Grupo Scalabitano “Os Leões”									
Sport Grupo União Operária									
Sport Lisboa e Santarém									
Teatro Club Ribeirense									
Tejo Futebol Club									

I – “Através de Santarém”¹ e do Ribatejo

1 - Da Estremadura ao Ribatejo: o Nascimento e Consolidação de uma Província

“Lezíria

São duzentas mulheres. Cantam não sei que mágoa
Que se debruça e já nem mostra o rosto.
Cantam, plantadas n’água,
Ao sol e à monda neste mês de Agosto.

Cantam o Norte e o Sul duma só vez.
Cantam baixo, e parece
Que na raiz humana dos seus pés
Qualquer coisa apodrece.”

Miguel Torga²

A expressão “Ribatejo” remonta à Idade Média e em 1370 apareceu referida num documento de “... venda de um batel em Aldeia Galega, Ribatejo...”³. Durante a sua passagem por Santarém, Gil Vicente referiu-se a “Riba Tejo”. Após a reforma administrativa no século XIX, o Ribatejo foi apresentado como uma vasta zona do centro do país com ligação às duas margens do Tejo e inserida na Estremadura.⁴ Apesar da dificuldade em definir os seus limites, foram-lhes identificadas características próprias que lhe permitiam definir-se como região, “o Ribatejo, dada a sua situação

¹ João Arruda, *Através de Santarém*, Santarém, Imprensa Moderna, 1898.

² O poema foi escrito no Ribatejo a 11 de Agosto de 1941. Miguel Torga, “Diário I” in *Poesia Completa*, Vol. I, Lisboa, D. Quixote, 2001, p. 118.

³ Luís Chaves, “Aspectos Etnográficos do Distrito de Santarém” in *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, n.º 43, Santarém, Junta Geral do Distrito de Santarém, 1936, p. 132.

⁴ Cf. Humberto Nelson Ferrão, “Ribatejo: do Rancho de Trabalhadores ao Ranchos Folclórico. A Construção Social de Novas Práticas Configuradas numa Identidade Regional” in *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, 2000, pp. 1-25.

geográfica, é uma província complexa e difícil do ponto de vista etnográfico e cultural, uma província que, apesar de possuir inúmeros e bem definidos elementos culturais próprios recebeu, ao longo dos séculos, importantes contribuições culturais da Estremadura, da Beira Litoral, da Beira Baixa e do Alto Alentejo; e nesta aculturação efectuada no Ribatejo não poderemos esquecer a tentacular influência de uma grande capital como é Lisboa, o veículo cultural que o rio Tejo sempre foi pondo em contacto a capital com as terras interiores, o constante vai-vem das populações campinas – as do Ribatejo que vão trabalhar para as províncias limítrofes e as destes e as destas que vêm trabalhar para o Ribatejo e a fixação de populações piscatórias estremenho nas margens do Tejo. Geográfica, etnográfica, humana, cultural e sociologicamente o Ribatejo é uma província que marca eloquentemente a transição do norte para o sul do país, mas não o é, precisa e verdadeiramente uma região do centro.”⁵.

Nas décadas de 20 e 30, com a afirmação do distrito de Santarém, a discussão versava a definição dos limites do Ribatejo. O geógrafo Orlando Ribeiro chegou a defender que “... o estudo duma região deve começar pelos seus elementos e não, como é vulgar, pelos seus limites...”⁶. Ribeiro especificava na região ribatejana três zonas ou sub-regiões: a borda de água, junto ao rio Tejo, o norte rodeado de planaltos e vales e o sul onde predominam as planícies. Assim, criou-se um cenário ribatejano composto por lezíria, bairro e charneca que se manteve até à actualidade, sendo bem visível nas apresentações dos ranchos folclóricos ribatejanos. O problema da territorialidade acabou por ser um dos pontos de discussão do I Congresso do Ribatejo que decorreu entre 18 e 21 de Maio de 1923, para além da navegabilidade do Tejo, do aumento da linha férrea, da construção de diques para evitar os prejuízos das cheias, do aumento da produção agrícola, da manutenção das touradas e da criação de museus regionais.⁷ Após o I Congresso Ribatejano, decorreram em Santarém algumas exposições-feiras (1923, 1925, 1926) com o objectivo de promover a região acentuando a sua separação da Estremadura. Esses certames revelaram-se um sucesso quer em número de visitantes quer em meios envolvidos. A Exposição-Feira Distrital de 1936 foi um acontecimento de grande envergadura que marcou a afirmação local e regional do Ribatejo a meses da

⁵ Tomás Ribas, “Introdução ao Estudo das Danças Populares do Ribatejo” in *Actas do I Congresso de Folclore do Ribatejo – 1987. Comunicações, Recomendações e Propostas*, Santarém, Região do Turismo do Ribatejo, 1990, p. 200.

⁶ Orlando Ribeiro, “Algumas Notas de Geografia do Ribatejo” in *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, n.º 43, Santarém, Junta Geral do Distrito de Santarém, 1936, p. 65.

⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 26/5/1923, p. 1.

sua criação como província, com a aceitação de Carmona e Salazar que marcaram a sua presença em Santarém.

A identificação de um povo tornava-se insubstituível nas exposições - feira, sendo esta última a apoteose desses certames e onde o povo foi apresentado nos seus *habitats* naturais ribatejanos do bairro à lezíria passando pela charneca. Nestas mostras pretendia-se afirmar a importância de se ser ribatejano. Mas será possível ser ribatejano?⁸ Quando nascemos integramos uma cultura da qual necessitamos para sobreviver e com a qual criamos dependência, quer concordemos ou não com ela. Se essa cultura estiver em permanente contacto com outras, pode ser facilmente modelada mesmo sendo algo que faz parte da nossa natureza.⁹ A que podemos apelidar de popular? Segundo Roger Chartier, “... saber se pode chamar-se popular ao que é criado pelo povo ou àquilo que lhe é destinado é, pois, um falso problema. Importa antes de mais identificar a maneira como, nas práticas, nas representações ou nas produções, se cruzam e se imbricam diferentes formas culturais.”¹⁰ A cultura popular não passava só pela educação do povo. Este também podia revelar a sua autonomia e fortalecer a cultura através dos seus usos, costumes, danças, cantares, trajes, romarias. A identificação de “culturas regionais” torna-se um factor determinante para aqueles que defenderam a criação da província do Ribatejo e que se encontra expresso nas intervenções dos Congressos do Ribatejo de 1923 e 1947.

Apesar de todas as discussões à volta da criação e limites da região, a nova divisão administrativa do Estado Novo criou a província do Ribatejo, em embrião desde 1931 e legitimada a partir do decreto-lei n.º 27424/1936, de 31 de Dezembro. Durante o II Congresso do Ribatejo, alguns oradores ainda questionavam a não inclusão de alguns concelhos na província.¹¹ Algumas rivalidades e resistências internas surgiram na nova província, como foi o caso dos concelhos de Riachos e de Vila Franca de Xira, enquanto Tomar, velho bastião republicano e com fortes ligações ao operariado, discutiu a supremacia de Santarém ao tornar-se a capital do Ribatejo. Santarém é uma cidade com

⁸ Formulada a partir da questão de Revel “Será possível ser bretão?”. Cf. Jacques Revel, *op. cit.*, p. 71.

⁹ Cf. Terry Eagleton, *A Ideia de Cultura*, Lisboa, Temas e Debates, 2003, pp. 128-9.

¹⁰ Roger Chartier, *A História Cultural entre Práticas e Representações*, Lisboa, Difel, 2002, p. 56.

¹¹ Cf. Humberto Nelson Ferrão, “Ribatejo: do Rancho de Trabalhadores ao Ranchos Folclórico. A Construção Social de Novas Práticas Configuradas numa Identidade Regional” p. 7. A província do Ribatejo era composta pelos concelhos de Abrantes, Alcanena, Almeirim, Alpiarça, Benavente, Cartaxo, Chamusca, Constância, Coruche, Ferreira do Zêzere, Golegã, Rio Maior, Salvaterra de Magos, Santarém, Sardoal, Tomar, Torres Novas e Vila Nova da Barquinha, do distrito de Santarém; Azambuja e Vila Franca de Xira, do distrito de Lisboa; e Ponte de Sor, do distrito de Portalegre.

características rurais que se localiza nas margens do rio Tejo, a pouco mais de setenta quilómetros de Lisboa. A sua elite, fortemente ligada ao Estado Novo, conseguiu obter a sua supremacia em relação a outros concelhos transformando-a na capital ribatejana. Em 1951, a população da cidade rondava cerca de vinte mil habitantes, o que fazia de Santarém uma pequena cidade do interior, ou seja, uma “cidade de província”. Se a sua proximidade de Lisboa é muitas vezes apontada como limitativa do seu desenvolvimento, muitos foram os escalabitanos que aproveitaram o alargamento das vias viárias e ferroviárias para se deslocar à grande cidade. O comboio trazia as novidades e ditava as modas, enquanto a chamada “camioneta dos teatros”, organizada diariamente a partir da década de 40, pela camionagem Vinagre, permitia a uma vasta camada social deslocar-se ao teatro e ao cinema à capital, partindo ao fim da tarde para regressar após os espectáculos por volta da uma da manhã.

A nova província iniciava a construção da sua identidade e pretendia legitimar “... os valores do que deveria ser o ribatejano, segundo os traços comportamentais influenciados principalmente pelo relevo.”¹². Nesse período, Santarém, enquanto capital do Ribatejo, multiplicou-se num conjunto de eventos promocionais e geradores do reforço de uma identidade ao organizar as Festas Provinciais do Ribatejo, em 1940, que constavam de uma Exposição Parada Agrícola e Pecuária, de uma Parada Folclórica e de um Cortejo do Trabalho. O Congresso Eucarístico Regional que contou com a presença do Cardeal Cerejeira decorreu em Abril desse ano na cidade. Simultaneamente, o Ribatejo participou no Cortejo Folclórico organizado pela Emissora Nacional em Lisboa,¹³ na Exposição-Feira do Cartaxo, ambos em 1937, e na fase final do concurso “A Aldeia mais Portuguesa de Portugal”, em 1938, ao submeter à votação Azinhaga e Pêgo, aldeias dos concelhos da Golegã e Abrantes respectivamente.

A Junta de Província do Ribatejo, herdeira da Junta Geral do Distrito de Santarém, desenvolveu uma série de eventos conducentes à promoção do Ribatejo, tendo em atenção as directrizes do regime político sobre a política regional. Para além de manter a publicação de um boletim, promoveu conferências e exposições. Entre Abril e Junho de 1938, a Junta apresentou um ciclo de palestras onde os professores universitários Aristides de Amorim Girão (1895-1960), António Lino Netto (1873-1961), António Mendes Correia (1888-1960) e António de Monte São apresentaram as

¹² Idem, p. 8.

¹³ Sobre este cortejo “O Ribatejo em Lisboa”, realizado a 30 de Maio de 1937, cf. *Correio da Extremadura*, 22/5/1937, p. 1; 29/5/1937, p. 8; 5/6/1937, p. 6.

dissertações “O Ribatejo no Portugal do Aquém e do Além-Mar”, “Municipalismo e Corporativismo em Portugal. Função do Ribatejo do seu Desenvolvimento. A Obra Municipal do Estado Novo”, “Pré-História e Gente do Ribatejo” e “Ribatejo, Terra de Gente Forte e Boa”, respectivamente.¹⁴ A 12 de Julho de 1952, o jornalista e escritor Leopoldo Nunes (1897-1988), após ser considerado “ribatejano de honra”, apresentou a conferência “Do Ribatejo, da sua História, da sua Arte e da sua Gente”.¹⁵

A Junta de Província teve um papel primordial na organização de feiras francas durante as décadas de 40 e 50. Estas revelaram-se ensaios para a fundação da Feira do Ribatejo, em 1954, verdadeira mostra da região que funcionava “... como mostra periódica do desenvolvimento e visibilidade regional.”¹⁶ A Feira transformou-se também num “... forte centro regional de actividades de carácter recreativo-cultural oriundas de um *ribatejanismo* que tinha aqui lugar para se expressar em todo o seu esplendor.”¹⁷ Neste contexto e considerando a necessidade de reinventar as tradições locais, Celestino Graça (1914-1975), homem forte da organização do certame, envolveu-se no movimento folclórico quer fundando vários grupos quer motivando outros a fazê-lo, de forma a recolher as tradições ribatejanas. Se possível, pretendia-se que cada concelho integrado na província tivesse o seu grupo folclórico representativo da diversidade ribatejana.¹⁸ Os anuais cortejos do Trabalho e das Oferendas apresentavam-se como um espelho representativo das divisões da província do Ribatejo em lezíria, bairro e charneca, revelando-se mostras etnográficas com a capacidade de “fazer e de fazer ver”¹⁹.

O discurso sobre o Ribatejo proferido ao longo dos anos 20 e 30 sofreu alterações nas duas décadas seguintes, “... em que os valores ideológicos do regime, ligados aos da província, foram defendidos mais exacerbadamente, tentando legitimar uma identidade do Ribatejo e, muitas vezes, do homem ribatejano, que se pretendia como expressão valorativa e doutrinária da região.”²⁰ A figura do campino “... até na

¹⁴ As conferências realizaram-se no teatro Rosa Damasceno a 2 de Abril, 14 de Maio, 18 e 25 de Junho. Cf. *Correio da Extremadura*, 9/4/1938, p. 1; 21/5/1938, pp. 5, 6, 10; 25/6/1938, pp 1, 6; 2/7/1938, p. 8.

¹⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 19/7/1952, p. 4.

¹⁶ Humberto Nelson Ferrão, “Ribatejo: do Rancho de Trabalhadores ao Ranchos Folclórico. A Construção Social de Novas Práticas Configuradas numa Identidade Regional”, p. 11.

¹⁷ *Idem*, p. 11.

¹⁸ O forte incentivo de Celestino Graça permitiu a apresentação de vinte grupos folclóricos ribatejanos no festival de folclore da Feira do Ribatejo de 1956.

¹⁹ Cf. Pierre Bourdieu, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989, pp. 115-120.

²⁰ Humberto Nelson Ferrão, “Ribatejo: do Rancho de Trabalhadores ao Ranchos Folclórico. A Construção Social de Novas Práticas Configuradas numa Identidade Regional”, p. 9.

maneira de andar, até no seu porte, o ribatejano tem personalidade (...) altivo e elegante, sofredor nos trabalhos, heróico nas decisões, quando aparece em público, quer na nossa província quer nas províncias estranhas, envergando o seu trajo tão belo e tão colorido, ele prende todas as atenções, ofusca todos os mais. Pescadores não são homens, // Varinos homens não são. // Onde chegam os campinos // Treme a terra, bate o chão.”²¹. Perante a construção do mito, os homens do bairro e da charneca, mas especialmente os que ganhavam o sustento no rio Tejo como os avieiros e os varinos, são ignorados em prol da lezíria, do touro, da coragem e da masculinidade indiscutível do campino. A mulher, a vulgar campina, aparece esquecida no cenário ribatejano, quando desde cedo disputava semanalmente a sua força de trabalho na praça das mulheres perante proprietários e capatazes exigentes e maus pagadores para o esforço feminino. Por vezes, as campinas cumpriam a jorna em locais distantes da sua casa de onde saíam cedo e onde regressavam tarde para cuidar da família e da lida da casa. Mais raros eram os casos de “mulheres que trabalhavam como se fossem homens” e por isso assumiam responsabilidades no mundo do trabalho rural ao comandarem ranchos de trabalhadoras: “Aí, viva a nossa boneca // Que leva uma fita amarela // Viva a nossa capataza // A Mari’ Luísa Farela.”²².

O fandango é uma dança tradicionalmente atribuída ao Ribatejo. Nela, dois homens disputavam a coragem e a primazia um sobre o outro, como um campino enfrentava o touro e simultaneamente exercia a sedução sobre a mulher. A política do S.N.I explorou e difundiu esta imagem alimentando o mito do campino em associação ao fandango. As mulheres que habitualmente dançavam o fandango foram sendo afastadas e totalmente despojadas da moda, usando-se o dito popular “onde há homens não se confessam mulheres”. A disputa entre bailadores tornou-se definitivamente masculina. Em 1951, os fandanguistas Joaquim da Silva e Manuel Pascoal, ambos de Coruche, ganharam o Concurso Internacional de Folclore em Madrid. A sua fama levou-os a acompanhar a Orquestra Típica Scalabitana, fundada em 1946 e que foi transformada numa embaixadora da região e da sua cultura popular quer através do seu reportório, onde o campino e a lezíria eram uma constante, quer através do vestuário alusivo à região. A “Ode ao Ribatejo” dita pelo poeta e apresentador José Luís Nazareth Barbosa (1926-2012), a região cantada na voz da fadista Dilma Melo (1938-2010) e os

²¹ Francisco Cântio, “Nós, os Ribatejanos” in *Duas Conferências sobre O Ribatejo*, Santarém, Edição das Cantinas Escolares de Santarém, 1947, p. 24.

²² Aurélio Lopes, Bertino Coelho Martins, *Campinas. A Mulher Ribatejana, o Canto e a Dança*, Chamusca, Edições Cosmos, 2011, pp. 22-23.

acordes do tema “Marcha Ribatejana” de António Gavino (1923-2005) completavam a propaganda. A imagem das figuras regionais, marcantes das províncias a que correspondiam, passou a ser aquela a difundir no exterior. O campino ribatejano, os Pauliteiros de Miranda, o Rancho Tá-Mar da Nazaré passaram a ser postais turísticos a apresentar no estrangeiro. Actualmente, poucos são os grupos folclóricos que arriscaram afastar esta construção fandango/campino. A presença da mulher aparece timidamente nos grupos folclóricos do bairro, enquanto os ranchos da linha limítrofe do Tejo resistem agarrados à trilogia masculinizada do campino, touro e lezíria.²³ A fundação da Casa do Ribatejo, na capital do país em 1943, à semelhança do que outras províncias fizeram, permitiu unir e organizar os ribatejanos em torno de uma política regional. O II Congresso Ribatejano foi organizado pela Casa do Ribatejo, em 1947, a fim de discutir os problemas que abalavam a região. O Grupo de Coordenação Cultural de Santarém integrou a comissão executiva da sessão do Congresso que se realizou na capital de distrito a 29 e 30 de Junho. O Grupo mantinha o seu trabalho em prol do Ribatejo no qual se incluiu um ciclo de conferências realizadas nesse ano e que contou com a participação de Gustavo de Matos Sequeira (1880-1960) e Francisco Cântio (1903-1973).²⁴



Conferência “Nós os Ribatejanos” proferida por Francisco Cântio, Teatro Taborda, Santarém, 18 de Abril de 1947. Fotografia cedida por Maria Antónia Ginestal Machado.

²³ Sobre esta polémica Idem, *Ibidem*, pp. 73-79.

²⁴ Cf. Gustavo de Matos Sequeira, Francisco Cântio, *Duas Conferências sobre o Ribatejo*, Santarém, Edição das Cantinas Escolares de Santarém, 1947.

As ligações do Grupo ao movimento neo-realista eram evidentes. Na década de 40, Soeiro Pereira Gomes, Alves Redol e Manuel da Fonseca partilharam o seu saber em conferências organizadas pelo Grupo. Muitas das pesquisas de Redol foram feitas na cidade e arredores, como sucedeu em Março de 1946 quando se encontrava a pesquisar para um novo livro sobre folclore.²⁵ O advogado e dirigente do Grupo, Humberto Lopes, apoiou Soeiro Pereira Gomes durante a clandestinidade, chegando a receber um prémio pecuniário nuns Jogos Florais pelo conto “Um Caso sem Importância” incluído em *Refúgio Perdido*.²⁶

A construção da identidade ribatejana passou, em parte, pela articulação com o associativismo dos concelhos da província. Alguns dos projectos que envolveram toda a região como as Exposições-Feira e a Feira do Ribatejo permitiram consolidar essa identidade.

²⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 30/3/1946, p. 2.

²⁶ Cf. Luís Eugénio Ferreira, *Santarém Memórias da Cidade*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1998, p. 92.

II – Associativismo em Santarém

1 - A Elite da Cidade

1.1 - Club de Santarém

A Sociedade Philharmonica de Santarém foi fundada em 1851¹ por um conjunto de homens embutidos no espírito liberal, entre os quais o comendador Julião Casimiro Ferreira (1821-1908), primeiro visconde de Landal, e tinha como objectivo “... o recreio dos sócios e suas famílias”². Entre os seus sócios encontravam-se proprietários, advogados, médicos e oficiais do exército, formando o escol de homens da cidade. Os primeiros estatutos foram aprovados na assembleia-geral de 28 de Maio de 1863 e por carta régia de 18 de Dezembro, sendo publicados em 1864.³ Neles fazia-se referência a uma secção de música e a “... um gabinete de leitura em sala para isso apropriada...”⁴. Do seu funcionamento pouco se sabe, no entanto, por motivos desconhecidos, a Sociedade passou a chamar-se Club de Santarém, por alvará de revogação dos anteriores estatutos de 15 de Novembro de 1876.⁵ Os novos estatutos, publicados em 1883, definiam que “... o seu fim é a instrução, distracção e recreio dos sócios pela leitura, reuniões de famílias e jogos lícitos. A sociedade tem reuniões ordinárias e extraordinárias no Club. Naquelas haverá leitura e jogos lícitos e nestas haverá também dança, música e outros quaisquer divertimentos.”⁶. As actividades desenvolvidas destinavam-se exclusivamente aos sócios e suas famílias, sendo raras as aberturas à

¹ Cf. *Estatutos do Club de Santarém*, Santarém, T. da E. E. de “O Debate”, 1915, p. 5.

² *Estatutos da Sociedade Philharmonica de Santarém*, Lisboa, Tipographica Franco-Portugueza, 1864, p. 7.

³ Cf. Idem, p. 22.

⁴ Idem, p. 20.

⁵ Cf. *Estatutos do Club de Santarém. Aprovados por Alvará de 1876*, Santarém, Minerva Industrial Typ. de Domingos Santos & Irmão, 1883.

⁶ Idem, p. 9.

comunidade como os concertos musicais organizados no Passeio da Rainha, no Verão de 1881⁷, ou as fogueiras alusivas aos santos populares, organizadas na cerca do teatro Rosa Damasceno, em 1925.⁸

A 5 de Março de 1895, reuniu-se na Associação Comercial um grupo de novos obrigacionistas do Club de Santarém que elegeram a comissão instaladora composta por Henrique Gallis, António Mendes Cabral (-1937), Augusto Montez, Emílio Infante da Câmara (-1949), Artur Marques Ferreira da Cunha e Silva, José da Silva, Guilherme Guerra (1869-1939)⁹ e Máximo Julião Pais Júnior.¹⁰ O Club de Santarém entrou no século XX pretendendo imitar o figurino de um clube inglês. Este destinava-se essencialmente aos homens “da primeira sociedade” que aí podiam ler jornais e revistas¹¹, fumar, jogar bilhar e às cartas, ouvir telefonia e discutir as suas novas conquistas amorosas. Tradicionalmente, mantinha-se os bailes de Natal, passagem de ano, Carnaval e Páscoa, onde as portas do velho solar dos Telhada se abriam às famílias dos sócios. No entanto, às mulheres encontrava-se interdita a sala de jogos, ontem tal como hoje. No limiar da revolução republicana, o Club fez obras no salão de baile da sua sede, decorando-o em estilo império e com “objectos de arte” adquiridos em Paris. As peças de mobiliário e outros elementos decorativos foram substituídos e vendidos em leilão público.¹² Em 1926, o mobiliário foi restaurado e a sala de jogo sofreu obras de beneficiação.¹³ Em 1950, a sede beneficiou de algumas obras como a introdução de um bar e de uma sala de chá.¹⁴ A colectividade, apesar de possuir um edifício construído ao lado do teatro Rosa Damasceno para aí instalar a sua sede, optou por manter e melhorar o palacete arrendado à família Telhada, onde ainda hoje se encontra.¹⁵ A casa junto ao teatro foi arrendada a Oliveiras Braz Machado para aí instalar o Colégio Santarém, a partir do final dos anos 20. Na década seguinte, o edifício foi arrendado pela Junta de Província do Ribatejo para aí instalar a direcção do distrito

⁷ Cf. Livro das Actas das Sessões da Comissão Nomeada para Promover a Edificação de Casa e Teatro para o Club de Santarém, 1877-1885, acta de 13/7/1881.

⁸ Cf. *O Combate*, n.º 16, 27/6/1925, p. 8.

⁹ Guilherme Guerra foi secretário das finanças em diversos concelhos, vogal da Junta Geral do Distrito e posteriormente da Junta de Província do Ribatejo, dirigente do Club e impulsor da remodelação do teatro Rosa Damasceno (1937-8). Cf. *Correio da Extremadura*, 11/2/1939, p. 6.

¹⁰ Cf. *Idem*, 16/3/1895, p. 2.

¹¹ Em Abril de 1943, o Club passou a assinar os jornais *O Primeiro de Janeiro* e *Diário de Notícias* e as revistas *Esfera*, *Mundo Gráfico*, *Signal* e *London News*. Cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 1922-1947, acta de 3/4/1943, fl. 80v.

¹² Cf. *Correio da Extremadura*, 2/4/1910, p. 3; 5/11/1910, p. 4.

¹³ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, Santarém, 1922-1947, acta de 15/1/1926, fl. 20.

¹⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 11/11/1950, p. 2.

¹⁵ Em 1924, a renda da casa orçava em 300\$00 mensais. Cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 1922-1947, acta de 18/3/1924, fl. 18.

escolar de Santarém. A partir de 1939, com a rescisão do contrato de arrendamento pela Junta, o Club alugou-o à professora Ana Schiappa para habitação e colégio externo e interno feminino.¹⁶

Apesar de no seu seio existirem adeptos assumidos do partido republicano, como António Ginestal Machado (1873-1940), Júlio Araújo (-1925), general Jaime Figueiredo (1859-1930) e José Osório (1868-1931), o Club pretendeu não se comprometer com o novo regime político, ainda que tenha decidido, por maioria e após intenso debate, aceitar o convite da Comissão Municipal Republicana para participar na manifestação de 6 de Novembro de 1910 “... que o povo de Santarém e suas colectividades iam a Lisboa fazer (...) ao povo, exército e marinha da capital pelo advento da República Portuguesa.”¹⁷. Em 1915, o Club procedeu à reforma dos seus estatutos apesar de manter os seus objectivos, ainda que alargados: “... o seu fim é a instrução, distracção e recreio dos sócios pela leitura, reuniões de famílias e jogos lícitos, conferências e diversões teatrais.”¹⁸. No período da I Grande Guerra, o Club decidiu, a partir de 1917, cancelar os bailes de Carnaval para que fosse “... entregue a instituições de assistência material e espiritual dos soldados em campanha...”¹⁹ metade da importância que se despendia na organização desses eventos. Nesse ano, o Club entregou a importância de 240\$00.²⁰ Em Junho de 1916, Margarida Alegrete reuniu um grupo de mulheres e familiares dos sócios com o objectivo de se filiarem na Cruzada das Mulheres Portuguesas e organizar festas e diversões, sendo o rendimento para assistência a feridos e familiares dos portugueses mobilizados. A comissão, para além da presidente Margarida Alegre, era composta por Adelina Figueiredo (-1937) (vice-presidente), Maria Eugénia Cabral e Maria Silvéria Caldas (secretárias), Matilde Branco (tesoureira), Elisa Borges, Virgínia Bettencourt, Virgínia de Castro, Maria Luísa Jacobetty Rosa, Maria Lopes Silva Pereira e Ermelinda Caldas (vogais).²¹ Entre 22 e 24 de Junho de 1918, a colectividade apoiou a referida Comissão com o transporte da energia eléctrica do teatro para o jardim das Portas do Sol para a realização de um festival de angariação de fundos.²²

¹⁶ Cf. Idem, acta de 10/10/1939, fls. 69v-70.

¹⁷ *Livro de Actas da Assembleia-Geral do Club de Santarém*, 1909-1944, acta de 2/11/1910, fl. 10v.

¹⁸ *Estatutos do Club de Santarém*, Santarém, T. da E. E. de “O Debate”, 1915, p. 5.

¹⁹ *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 1904-1922, acta de 27/2/1917, fl. 52v.

²⁰ Cf. Idem, fl. 54v.

²¹ Cf. Jorge Custódio, Luís Mata, *Santarém, Roteiros Republicanos*, Matosinhos, Quidnovi, 2010, p. 97.

²² Cf. *Livro de Actas da Assembleia-Geral do Club de Santarém*, 1909-1944, acta de 14/6/1918, fl. 61.

Entre as actividades desenvolvidas pelo Club, as mais famosas eram os bailes como os de Carnaval, muitas vezes abrilhantados por *jazz-bands*, por tercetos e quartetos de músicos vindos de Lisboa, pelo terceto que tocava no teatro Rosa Damasceno sob a direcção de José Belo Marques (1898-1986), pelo grupo musical do maestro Luís Silveira (-1955), e na década de 40 pela Orquestra Scalabis e que decorriam quer na sede quer no teatro. Os sócios e familiares deviam envergar traje de cerimónia. Por vezes, os chás dançantes e/ou os serões familiares eram abrilhantados por músicos convidados como o violinista espanhol Celso Dias que tocou no Club a 26 de Junho de 1937.²³ Os filhos e os netos dos sócios eram lembrados com *matinéés* de Carnaval onde podiam apresentar as suas fantasias e, após a remodelação do teatro Rosa Damasceno, no final dos anos 30, com a exibição de filmes infantis e juvenis.²⁴ Os bailes do Carnaval de 1933 realizaram-se excepcionalmente no palácio do sócio Eugénio de Carvalho e Silva, actual edifício dos Paços do Concelho.²⁵ O Natal era festejado entre os sócios que formavam uma vasta família que se reunia no próprio dia 25 de Dezembro numa sala enfeitada com árvores de Natal e presépio. Aos mais jovens eram distribuídos brinquedos e guloseimas enquanto os mais velhos se deliciavam com um refinado lanche.²⁶ As passagens de ano também eram motivo para grandes festejos marcado pela elegância dos sócios, pelos inesquecíveis bailes e pelas abundantes ceias mesmo em tempos de guerra, as chamadas “ceias à americana”, primeiro servidas pela Confeitaria Estrela Scallabis e na década de 40 pelo Hotel Abidis, do sócio Diamantino Veloso. Por vezes, algumas descendentes dos sócios organizavam chás dançantes no Club, especialmente “... para quebrar a monotonia dos passados dias quaresmais...”²⁷ ou para prestar homenagens²⁸. Apesar de pouco tradicionais numa colectividade conservadora como o Club, nalguns anos organizaram-se bailes do Micareme. A 4 de Dezembro de 1929, a Companhia de Teatro de Amélia Rey Colaço apresentou, no teatro Rosa Damasceno, a peça “O Romance”, sendo-lhe oferecido um “Porto de Honra” e um baile abrilhantado pelo violinista Luís Silveira e pelo pianista Gonçalves, na sede do Club. Quer a actriz quer o actor Assis Pacheco recitaram poesia perante “... as figuras mais marcantes da nossa sociedade (...) das nossas distintas damas, com as suas *toilettes*

²³ Cf. *Correio da Extremadura*, 26/6/1937, p. 2.

²⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 15/2/1947, p. 7.

²⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 25/2/1933, p. 2.

²⁶ Cf. *Idem*, 27/12/1930, p. 2.

²⁷ *Idem*, 13/4/1929, p. 1.

²⁸ A Tuna Académica de Coimbra, após se exibir no teatro Rosa Damasceno, foi homenageada com um baile no Club organizado pelas filhas dos sócios. Cf. *Correio do Ribatejo*, 3/2/1945, p. 1.

de grande gala...”²⁹. Em 1951, a agremiação comemorou o seu centenário com um baile de gala.³⁰

O Club era a colectividade onde o jogo tinha um maior peso entre os seus sócios. Interdito às mulheres, levou muitos homens a perderem fortunas e até a jogarem a sua esposa.³¹ Por vezes, os conflitos começavam na mesa de jogo e terminavam em actos de violência física como o episódio protagonizado pelo médico Francisco Nunes Godinho, o jurista Manuel Teles Feio, o advogado João Francisco Cabral e o comerciante António Mendes Cabral, em 1917.³² Pazes feitas, todos se mantiveram no Club como sócios e jogadores, obtendo cargos de dirigismo. Os lucros obtidos ao jogo permitiram financiar a construção de um pavilhão representativo do Club na II Exposição-Feira de Santarém, realizada entre 6 e 27 de Junho de 1926.³³ O pavilhão localizado na área de diversões destinava-se “... aos sócios e às suas famílias, que ali terão o seu casino...”³⁴. A estratificação social defendida pelo Club encontra-se bem evidente naquilo que “... parece anedota mas não é: duas senhoras andavam em minuciosa visita aos diversos pavilhões da Feira. Chegadas em frente do Club, uma delas, suficientemente míope para não distinguir a um primeiro exame qual o destino da interessante barraca, interroga a companheira: — E aqui o que se expõe? Resposta decidida da outra: — Homens e mulheres...”³⁵. A colectividade representava a elite da sociedade ribatejana especialmente de Santarém e arredores. A sociedade mantinha as velhas tradições sendo as suas festas e/ou bailes marcados pela elegância, distinção, luxo e velha tradição de uma “sociedade civilizada”. Durante o baile de domingo de Carnaval de 1930 “... viam-se ali luxuosas *toilettes*, caras de lindas mulheres que ostentavam pedrarias e ricas jóias, vestindo os homens com rigoroso aprumo as suas casacas e *semochings* de peitilhos lustrosos. Ao som de uma excelente jazz-band todas aquelas figuras se mexiam com elegância, rebrilhando as sedas à luz da electricidade, reproduzindo todo o conjunto de pares dançantes nos espelhos grandes e profundos, parecendo que assistíamos àquelas festas coreográficas que os cines nos dão em películas de grande valor artístico.”³⁶.

²⁹ *Correio da Extremadura*, 7/12/1929, p. 2.

³⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 29/12/1951, p. 9.

³¹ O proprietário João Sabino de Castro Caldas “perdeu ao jogo” a sua mulher Maria Romana Batalhoz de Vilhena Barbosa Caldas.

³² Cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 1904-1922, acta de 15/5/1917, fls. 58v-59.

³³ Cf. *Idem*, 1922-1947, acta de 5/6/1926, fl. 22.

³⁴ *Jornal de Santarém*, n.º 63, 22/5/1926, p. 8.

³⁵ *Idem*, n.º 67, 19/6/1926, p. 1.

³⁶ *Correio da Extremadura*, 8/3/1930, p. 2.

Em 1930, a direcção do Club passou para as mãos de Francisco Nunes Godinho coadjuvado por Augusto Frazão, Pedro Schiappa, Rui Figueiredo (1898-1933), Nuno Caldas Franco Duarte e António Augusto Antunes. Estes jovens tentaram incutir um novo dinamismo à colectividade mantendo a tradição. Estes dirigentes iam “... pôr em prática a ideia de promover, de levar por diante determinadas manifestações de arte como exposições, conferências...”³⁷. O recém sócio Faustino da Rosa Mendes (1902-1935) elogiou essas inovações no jornal *Correio da Extremadura*: “Muito bem! A finalidade do nosso Club é preciso que se evidencie, que se mostre claramente. A função do Club, armazém de rabonas, em que muitas assembleias da província liquidaram por lhes faltar o gás preciso a uma ascensão evolutiva, tinha tanto de cómoda, como de antipática. A gente moça que por seu valor real e pessoal (...) propõe-se modernizar o velho Club de Santarém. Vai fazê-lo — decerto — elevadamente, elegantemente, sem vaidades ridículas, insuportáveis. (...) O contrário seria demonstração de excessivo amor-próprio, e o amor-próprio em demasia, só se justifica nos imbecis, nas pessoas ponderadas nem se desculpa sequer.”³⁸. Faustino Rosa Mendes continuou a sua cruzada na defesa da “... gente nova, a gente moça (...) desempoeirada à maneira americana...”³⁹ contra os “... cépticos que se erguem sempre em todos os campos escudados pela tradição...”⁴⁰ garantindo que “...não há incompatibilidade senão de ordem sentimental...”⁴¹. E concluiu: “... a rádio telefonia, o jazz, um *botones* de uniforme verde, criados de casaca⁴², um bar servido criteriosamente pelo Leitão⁴³, as festas modernas, saudáveis de alegria e bom gosto, as conferências, os concertos, os saraus, as exposições (...) nada é incompatível com o aprumo, a linha, a compostura do Club, que velho embora, se sente também novo, voltado aos tempos de rapaz, já tão distantes!...”⁴⁴. A primeira actividade desenvolvida por estes novos dirigentes foi a conferência de Alberto Cardoso dos Santos (1876-1964) que versou sobre “Trovadores e Cavaleiros”, acompanhado pela sua esposa Georgina Cardoso dos Santos que declamou poemas do marido, de Camões e de Garrett. A actividade que decorreu a 8 de

³⁷ Idem, 1/2/1930, p. 2.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem, 22/2/1930, p. 2.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem.

⁴² O corpo de criados do Club era composto por um contínuo e dois ajudantes que era reforçado com tarefeiros sempre que se justificava. O contínuo ganhava 90\$00 mensais em 1924 sendo aumentado para 100\$00, em 1928. Cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém, 1922-1947*, acta de 9/2/1924, fl. 18; acta de 2/3/1928, fl. 27.

⁴³ Alfredo da Silva Leitão (1895-1969) era comerciante, proprietário do café e restaurante Estrela Scalabis e correspondente do jornal *O Século*.

⁴⁴ *Correio da Extremadura*, 22/2/1930, p. 2.

Fevereiro de 1930 terminou com um animado baile abrilhantado por Luís Silveira.⁴⁵ Apesar de o Club não ter tradição de convidar conferencistas, desde que em 1927 Cunha Leal dissertou sobre “Vida Nacional”, no teatro Rosa Damasceno⁴⁶, outros oradores encontravam-se em agenda como o professor do Instituto de Odivelas Artur Lobo e a poetisa e declamadora Branca de Gonta Colaço. Perante o sucesso das actividades desenvolvidas em 1930, Georgina Cardoso dos Santos organizou uma “festa elegante” que contou com a presença de Sara Beirão, Fernanda de Castro, Alice Ogando, Branca de Gonta Colaço e Maria Gabriela Castelo Branco. Para além da conferência da escritora Sara Beirão, as restantes convidadas recitaram diversos poemas enquanto a revista *Portugal Feminino* patrocinou um desfile de moda parisiense. A festa terminou com um baile estando a parte musical novamente a cargo do maestro Luís Silveira.⁴⁷

Em Abril de 1930, Faustino da Rosa Mendes propôs aos dirigentes do Club que a obra iniciada tivesse um objectivo definido sugerindo a promoção de um espectáculo que permitisse ajudar a chamada “... pobreza envergonhada da nossa terra...”⁴⁸ daquelas “... famílias que viveram bem! Algumas que bens de fortuna chegaram a usufruir (...) outras que comiam o pão de cada dia com alegria e a quem a perda do braço ganhador lançou na pobreza (...) para quem a miséria é insuportável porque até de esperanças empobreceram...”⁴⁹. Os corpos gerentes de 1930 foram reconduzidos, no ano seguinte, num gesto de apoio ao trabalho desenvolvido em prol da modernização do Club. Os dirigentes eleitos para o ano de 1934 promoveram uma viragem na abertura da colectividade, se é que existiu, optando por “serões ou reuniões familiares” mensais ou referentes a datas festivas. Estas reuniões tinham um carácter mais conservador, tradicional e eram reservadas aos sócios e suas famílias. Muitos destes dirigentes mantiveram-se largos anos nos cargos como o presidente da direcção, o deputado à Assembleia Nacional, António Carlos Borges (1879-1958), o presidente e o vice-presidente da assembleia-geral, respectivamente os advogados António Gomes de Abreu (1891-1955) e Artur Proença Duarte (1894-1968), o director Virgílio Arruda (1905-1989) e o presidente do conselho fiscal, o advogado Luís Vaz de Sousa.⁵⁰

⁴⁵ Cf. Idem, 8/2/1930, p. 2; 15/2/1930, p. 3.

⁴⁶ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 1922-1947, acta de 2/1/1927, fl. 23v.

⁴⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 21/6/1930, p. 3.

⁴⁸ Idem, 12/4/1930, p. 2.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Cf. Idem, 16/12/1933, p. 6.

Ao longo dos anos, o Club tentou manter vivo o seu espírito altruísta que “... consiste em distribuir pelas casas de caridade de Santarém uma parte das suas receitas líquidas.”⁵¹. Nitidamente, era a colectividade com maior desafogo económico, o que lhe permitiu apoiar estruturas de apoio social como o Asilo da Misericórdia, o Asilo de Santo António, o Hospital, a Cantina Escolar e a Creche de Nossa Senhora dos Inocentes. Em 1924, as três últimas instituições receberam 600\$00 de donativos do Clube.⁵² A escolha preferencial por apoiar estas “casas de caridade” provavelmente devia-se ao facto de serem obras fundadas por sócios ou familiares e/ou locais onde estes exerciam actividade profissional. A maioria dos médicos que se encontrava associada ao Club exerciam no Hospital e conheciam as dificuldades desta instituição da Misericórdia de Santarém, cujos provedores também ingressaram nas fileiras da colectividade, como António Ginestal Machado ou António Canavarro (1905-). A Cantina Escolar foi uma obra fundada por Júlio Araújo em Março de 1939, enquanto a Creche de Nossa Senhora dos Inocentes era obra de Luísa Andaluz (1877-1973), filha do Visconde de Andaluz. Em Janeiro de 1926, o Club apresentou um espectáculo cinematográfico e de variedades para as crianças das escolas e asilos no teatro Rosa Damasceno.⁵³ Curiosamente, o Asilo de Santo António foi o menos afortunado pela generosidade dos “clubistas” quem sabe se por ser uma associação ligada ao operariado de Santarém, uma vez que geria o legado do Padre Francisco Nunes da Silva (1790-1869), vulgo Chiquito, aos trabalhados pobres da cidade e que abrigava exclusivamente meninas órfãs ou oriundas de famílias numerosas e no limiar da miséria. Em Janeiro de 1927, o Club contribuiu com 100\$00 para a subscrição pública organizada pelo jornal *Correio da Extremadura* a fim de erigir uma estátua ao Marquês Sá da Bandeira, do qual descendiam alguns dos sócios da colectividade.⁵⁴ A professora Ana Schiappa organizou dois serões de caridade a favor do Hospital realizados no teatro Rosa Damasceno a 2 e 3 de Junho de 1933 e que contaram com a conferência de Luís de Feitas Branco (1890-1955) sobre “O Valor Cultural da Música” e com a exibição das alunas que tocaram piano e dançaram, após a récita de poesia acompanhada ao piano por Olímpia Dória. O Club contribuiu com o empréstimo do teatro e com um chá

⁵¹ *Livro de Actas da Assembleia-Geral do Club de Santarém*, 1909-1944, acta de 6/4/1923, fl. 86.

⁵² O Hospital recebeu 300\$00 enquanto a Cantina Escolar e a Creche de Nossa Senhora dos Inocentes auferiram 150\$00. Cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 1922-1947, acta de 4/1/1924, fl. 17.

⁵³ Cf. *O Combate*, n.º 43, 1/1/1926, p. 8.

⁵⁴ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 1922-1947, acta de 2/1/1927, fl. 23v.

dançante de homenagem às organizadoras do evento.⁵⁵ Em Dezembro de 1946, o Club atribuiu a quota mensal de 500\$00 ao Albergue Distrital de Mendicidade.⁵⁶

O Club manteve contactos com outras colectividades da cidade ao apoiar a fundação e reorganização do Orfeão Scalabitano cedendo-lhe donativos esporádicos; ao subsidiar o Círculo Cultural Scalabitano; ao financiar pontualmente a Banda dos Bombeiros⁵⁷; ao estabelecer apoios nos filmes a ceder para serem exibidos na verbena dos Bombeiros Voluntários⁵⁸; e ao colaborar com o Sport Clube Scalabitano “Os Leões”. Em 1943, tornou-se sócio da Casa do Ribatejo.⁵⁹ No ano seguinte, integrou o conjunto de colectividades que se uniram em torno do projecto de Manuel Ginestal Machado sobre a criação de um movimento cultural que conduziu à formação do Grupo de Coordenação Cultural. O dirigente do Club, Eurico Ferreira expôs, na reunião de direcção de 24 de Novembro de 1944, o sucedido no encontro preparatório do referido movimento “... com o fim de se levar a efeito nesta cidade um vasto programa de cultura e arte, e tendente a determinar as condições em que o nosso teatro podia ser cedido para tal efeito. O referido director (...) apenas manifestava a opinião de que o Club certamente daria todo o seu apoio a tão necessária e elogiável tentativa de desenvolvimento cultural. Para levar a bom termo este programa pediu-se a cedência do teatro Rosa Damasceno para espectáculos gratuitos, em benefício desse programa de cultura e arte, segunda as condições a estudar. Nessa reunião estavam presentes delegados de todas as associações da cidade, assim como um representante do teatro Sá da Bandeira, este investido já de amplos poderes, o qual manifestou o certo aplauso da empresa que representava e declarando que o mesmo seria cedido nas indicadas circunstâncias: todas as despesas do teatro Sá da Bandeira seriam pagas pela empresa nos espectáculos gratuitos; nos espectáculos pagos seriam concedidas as maiores facilidades a indicar oportunamente. Posto o assunto à discussão pelo presidente, foi aprovado por unanimidade o seguinte: apoiar inteiramente a simpática iniciativa do Órfão Scalabitano; ceder o teatro para espectáculos gratuitos nas mencionadas condições em que foi cedida a outra casa de espectáculos de Santarém; para os espectáculos pagos serão igualmente concedidas facilidades a estabelecer

⁵⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 10/6/1933, p. 8.

⁵⁶ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 1922-1947, acta de 7/12/1946, fl. 96.

⁵⁷ Em Novembro de 1944, o Club adquiriu vinte rifas referentes a um sorteio em benefício da Banda dos Bombeiros. Cf. *Idem*, acta de 24/11/1944, fl. 86v.

⁵⁸ Cf. *Idem*, acta de 2/5/1933, fl. 47v.

⁵⁹ Cf. *Idem*, acta de 11/6/1943, fl. 81.

oportunamente para cada caso...”⁶⁰. À maioria destas e de outras colectividades cedeu a baixos custos ou até gratuitamente o teatro Rosa Damasceno, onde eram apresentados os saraus anuais. O espólio da orquestra que integrava a Academia Bellini de Santarém (1878-1896) encontrava-se à guarda do Club que, em 1917, decidiu adquirir caixas para o organizar e catalogar.⁶¹

A Exposição-Feira da Liga Regionalista do Ribatejo, realizada entre 28 e 31 de Julho de 1923, na Escola Agrícola de Santarém, contou com o apoio logístico e financeiro do Club, de acordo com os interesses profissionais e económicos de muitos dos seus associados, que tinham estudado ou eram professores na Escola ou simplesmente proprietários agrícolas.⁶² Conforme já foi referenciado, o Club apresentou-se na II Feira Franca de 6 a 27 de Junho de 1926, através da construção de um pavilhão de acesso exclusivo a sócios e convidados onde se pretendia recrear o espaço sede. À semelhança de outras colectividades escalabitanas também participou na Exposição-Feira de Santarém, realizada no Campo Fora de Vila, entre 17 de Maio e 7 de Junho de 1936, onde deu o apoio logístico necessário à recepção de muitas das altas individualidades do regime. O mesmo apoio logístico foi facilitado ao organizador da Exposição-Feira de 1946, Artur Proença Duarte. O Club foi a única colectividade que construiu um pavilhão de carácter permanente no espaço onde se instalou a Feira do Ribatejo. Aí, tal como no Club, o acesso era restrito e mesmo os membros da Comissão da Feira que não fossem associados viam a sua entrada vedada conforme testemunho de João Gomes Moreira (1922-), membro da comissão executiva da Feira do Ribatejo e do Festival Internacional de Folclore e homem próximo de Celestino Graça, sócio do Club.⁶³

António Carlos Borges foi um dos mais emblemáticos dirigentes do Club e que mais vezes foi homenageado, em especial pela sua “... dedicação, particularmente manifestada no que respeita ao financiamento das obras de ampliação e remodelação do teatro Rosa Damasceno...”⁶⁴. A primeira dessas homenagens concretizou-se a 16 de Junho de 1938, aquando da reinauguração do teatro e perante a Companhia do Teatro Nacional de Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro.⁶⁵ Em Fevereiro de 1947, o Club

⁶⁰ Idem, acta de 24/11/1944, fls. 86-86v.

⁶¹ Cf. Idem, 1904-1922, acta de 6/5/1917, p. 56.

⁶² Cf. *Gazeta do Ribatejo*, n.º 2, 5/8/1923, p. 3.

⁶³ Entrevista não gravada a João Gomes Moreira, Santarém, 23/3/2005.

⁶⁴ *Correio do Ribatejo*, 22/12/1945, p. 3.

⁶⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 18/6/1938, p. 8.

homenageou-o internamente com o descerrar do seu retrato numa sala da colectividade, após os tradicionais discursos de Artur Duarte e António Bastos (-1948).⁶⁶ Nos dois anos seguintes, Carlos Borges voltou a integrar os corpos gerentes do Club, secundado por Manuel Ginestal Machado. A 31 de Julho de 1949, voltou a ser homenageado com um jantar no Club, organizado por um grupo de sócios que pretendeu relembrar o aniversário natalício daquele que integrou os corpos gerentes da colectividade desde 1915. Nesta homenagem estiveram presentes cerca de cem convidados de entre os sócios do Club “... da maior categoria e representação social...”⁶⁷. Nos agradecimentos, o homenageado “... salientou a estima que sempre teve pelo Club, que considera um verdadeiro oásis de paz e harmonia no meio das questiúnculas do nosso meio...”⁶⁸. Mas o dirigismo do Club não se reduzia a António Carlos Borges. A partir de 1927, o também deputado da Assembleia Nacional Artur Proença Duarte acumulou os corpos gerentes do Club, do Orfeão e do Círculo Cultural. O mesmo sucedeu com Manuel Ginestal Machado, a partir de 1943, quando começou por integrar a comissão revisora de contas do Club. O presidente da Câmara António Bastos, o médico Ramiro Nobre (1905-1992) e os advogados Eurico Ferreira, Augusto Frazão, Virgílio Arruda e Eduardo Figueiredo (1904-1983) deram o seu contributo à gestão da colectividade, com especial destaque para o último destes homens.

Desde a sua fundação e até à actualidade, o Club teve apenas dois mil setecentos e vinte e seis sócios, o que é manifestamente um número reduzido para uma colectividade com cento e sessenta e um anos de actividade, mas bem revelador do elitismo de uma instituição que funciona em círculo fechado. Ser sócio era um privilégio a que nem todos tinham acesso. Para além do estatuto social, por vezes de maior importância que a condição financeira, era necessário obter-se um convite de acesso coadjuvado pelo apoio de dois padrinhos. O Club era uma colectividade que se pretendia familiar e onde a maioria das “grandes famílias” da cidade se encontrava representada com mais do que um membro. As famílias Nobre, Borges, Veríssimo, Ginestal, Figueiredo, Pedroso da Costa, Infante da Câmara, Sá Nogueira, Guedes de Amorim, Hintze Ribeiro, Passos Canavarro marcaram a história da colectividade. Outros obtiveram o acesso ao Club sem antecedentes familiares, de forma a afirmar o seu estatuto social, como foi o caso de Virgílio Arruda, filho de João Arruda (1868-1934), que se orgulhava de não ser sócio do Club. O mesmo sucedia com Luís Vaz de

⁶⁶ Cf. *Correio do Ribatejo*, 21/12/1946, p. 3.

⁶⁷ *Idem*, 6/8/1949, p. 1.

⁶⁸ *Idem*.

Sousa, filho de um dos maiores impulsionadores do associativismo escalabitano, José Avelino de Sousa (1877-1933). Quer Arruda quer Sousa representavam os “velhos tipógrafos republicanos” que não tinham e possivelmente não queriam o acesso a uma colectividade com o perfil do Club. As portas abriram-se aos seus filhos, ambos advogados e defensores do ideário conservador do Estado Novo e ávidos do reconhecimento daqueles que tinham “nascimento de berço”. Os representantes do poder político beneficiavam de acesso directo ao Club, mesmo que estivessem de passagem na cidade, como os governadores civis Eugénio de Lemos (1899-1980), Abílio Tavares e João Carlos Castro Reis.

Famílias no Club de Santarém⁶⁹		
Famílias	Sócios	Grau de Parentesco
Anachoreta	José Manuel da Silva Anachoreta	
	Abel Sabino da Silva Anachoreta	
	Henrique de Carvalho Nunes da Silva Anachoreta	
Caldas	João Sabino Passos Caldas	
	Ramiro Caldas	
Figueiredo	Jaime de Sousa Figueiredo	Luís, Eduardo e Rui eram filhos de Jaime Figueiredo, enquanto Jaime Luizelo era seu neto.
	Luís de Sousa Figueiredo	
	Eduardo de Sousa Figueiredo	
	Rui de Sousa Figueiredo	
	Jaime Luizelo Figueiredo	
Holbeche Trigoso Hintze Ribeiro	João Holbeche de Almeida Trigoso	João era sogro de Manuel que era casado com Maria de Lourdes Nobre Trigoso Hintze Ribeiro.
	Manuel Hintze Ribeiro	
Ginestal Topinho	António Ginestal Machado	António era pai de Manuel e cunhado de Manuel Topinho.
	Manuel de Almeida Ginestal Machado	
	Manuel Bernardes de Almeida	

⁶⁹ Cf. *Livro de Matrícula de Sócios do Club de Santarém*, 1924-2000.

	Topinho	
Guimarães Nobre Borges	Hélio de Castro Guimarães	Hélio era o sogro de António Nobre, avô de Ramiro e Mário e bisavô de António Borges Nunes. Este último era filho de Mário e neto de António Carlos. Ramiro e Mário eram irmãos e filhos de António Nobre.
	António Nobre	
	Ramiro Guimarães Nobre	
	Mário Guimarães Nobre	
	António Carlos Borges	
	António Borges Nobre	
Martinho	Joaquim Santos Martinho	Respectivamente tio e sobrinho.
	Joaquim Martinho da Silva	
Nobre da Veiga	Abel Caldas Nobre da Veiga	Genro do sócio Romeu das Neves.
Passos Canavarro	Pedro de Sousa Canavarro	Pedro era avô de António.
	António de Passos Canavarro	
Pedroso da Costa	Joaquim Pedroso da Costa	Cunhados porque Francisco era casado com Georgina Pedroso da Costa Perdigão.
	Francisco da Silva Perdigão	
Pita	Hugo dos Santos Moraes	Cunhados, casados respectivamente com as irmãs Angélica e Cândida Pita.
	Joaquim Esteves Pires	
Sá Nogueira Guedes de Amorim	Faustino de Sá Nogueira	Descendentes do Marquês Sá da Bandeira.
	Vasco de Sá Nogueira	
	Guilherme Guedes de Amorim	
Veríssimo	Amadeu Veríssimo	Fernando e Manuel eram respectivamente filho e genro de Amadeu. Manuel era casado com Celeste Veríssimo.
	Fernando Veríssimo	
	Manuel Afonso	

A grande maioria dos sócios possuía licenciatura e tinha uma situação profissional estável. Entre os sócios apenas se encontrava um padre, membro desde 1922 e um caixeiro inscrito em 1918.⁷⁰ O número de comerciantes que integrava a colectividade era apenas de dez sócios. Estes desenvolviam na cidade negócios com expressividade e/ou em forte ascensão como António Nobre, António Mendes Cabral e Custódio Branquinho dos Santos na área dos têxteis, Augusto José da Silva e Salvador Supardo (-1965) no ramo automóvel, Alfredo da Silva Leitão e Diamantino Veloso na

⁷⁰ Do clérigo apenas há registos sobre o seu apelido, padre Rosa. O caixeiro chamava-se Américo Soares Ferreira e tornou-se sócio do Club a 11/11/1918. Cf. Idem.

restauração e Jacinto Cardoso da Silva dono de uma papelaria, tipografia e livraria. O número de sócios que vivia dos rendimentos das suas terras, vulgarmente apelidados de proprietários, também era elevado, como D. Diogo de Almeida e Vasconcelos (1921-1975), João Sabino Caldas e Alfredo César Henriques. Assim, o Club era a colectividade de Santarém em que os sócios tinham maior poder económico, o que lhes permitia alargar os seus horizontes para além de Santarém. A grande maioria comungava as ideias políticas do regime, sendo as excepções marcadas por alguns resistentes como Eduardo Figueiredo, Manuel Ginestal Machado, Eurico Ferreira e Custódio Branquinho dos Santos. À semelhança do que sucedia no Café Central, em que a oposição se sentava à esquerda e a situação à direita, mantendo-se uma paz propícia do politicamente correcto com prioridade para a amizade, o mesmo sucedia no Club, onde entre os sócios encontramos homens do regime como Inácio Melo Duque.⁷¹ Os sócios do Club podiam frequentar outras colectividades, enquanto todos os outros, devido à sua condição social, independentemente da sua situação económica, nem sequer tinham acesso à sede do Club.

Quadro demonstrativo das profissões dos sócios do Club de Santarém (1924-1959)⁷²	
Agricultores	3
Advogados	39
Comerciantes	10
Delegado da Companhia Sonap	1
Director Escolar	1
Domésticas	4
Empregado de escritório	1
Engenheiros	52
Estudantes	8
Farmacêuticos	9
Funcionários da Câmara Municipal	2
Funcionários bancários	19
Funcionários dos C.T.T.	5
Funcionários judiciais	2
Funcionários públicos	24
Funcionários da Vacunn Oil Compagny	9
Geógrafo	1

⁷¹ Inácio Melo Duque tornou-se sócio do Club de Santarém a 26 de Março de 1926 e pediu a demissão a 26 de Abril de 1939. Cf. Idem.

⁷² Para a elaboração desta tabela analisaram-se as 551 fichas de sócios inscritos entre 1924 e 1959. Dessas fichas apenas 499 possuíam informação relativa à profissão do sócio. Cf. Idem.

Gerentes	2
Industriais	5
Inspectores e corretores de seguros	4
Inspectores da Shell	3
Juízes	10
Licenciado em ciências	1
Médicos	38
Médico dentista	1
Médicos veterinários	14
Notários	2
Oficiais do exército	77
Professores do Liceu e da Escola de Regentes Agrícolas	31
Proprietários	72
Regentes Agrícolas	48
Solicitador	1

Numa associação de primazia masculina, o papel das mulheres resumia-se a acompanhante de festas e bailes a quem se exigia que se apresentasse “luxuosamente” vestidas. Mesmo aquelas que tinham um papel activo noutras associações, como Maria de Lourdes Hintze Ribeiro, Georgina Perdigão (-1949) ou Celeste Veríssimo, encontravam-se ofuscadas pelos pais, maridos e irmãos. Se estes eram associados da colectividade elas também o eram por acréscimo. As suas iniciativas no Club são praticamente inexistentes salvo situações muito pontuais de organização de chás dançantes ou o trabalho mais amplo que envolveu a Cruzada das Mulheres Portuguesas. Mesmo entre os músicos convidados para actuarem no Club a ausência das mulheres é notória, sendo a excepção, a partir da década de 40, a Orquestra Scalabis, com as duas vocalistas Matilde Gavino (1929-) e Gina Anjos e a pianista Judite Figueiredo David (1916-2004). Até à década de 70, apenas constam na lista de sócios do Club cinco mulheres. A primeira mulher sócia efectiva da colectividade foi admitida em 1936 e chamava-se Maria Augusta Carvalho Santos. Nesse ano, Lúcia Serrão de Faria Pereira também passou a integrar a lista de sócios. Tal como a sua antecessora, era doméstica e pertencia à família Serrão de Faria, proprietária do solar e capela do Espírito Santo na Azinhaga. No ano seguinte, a professora Angélica de Figueiredo Larcher Marçal (1894-1982), residente em Santarém, tornou-se a sócia número mil setecentos e noventa e dois do Club. Isabel Montez e Isabel Maria Augusta Cordeiro (-1958) apenas acederam ao Club em 1940 e 1956 respectivamente. Das cinco mulheres, pensa-se que apenas

Angélica Marçal era casada, com Eduardo da Costa Larcher Marçal, e mãe de duas raparigas⁷³

O Club é a colectividade mais antiga de Santarém, a mais desconhecida da maioria dos escalabitanos e a que permaneceu ao longo de décadas inalterável. Tal como no passado, hoje o acesso à colectividade mantém-se inacessível à maioria da população e a maioria das actividades desenvolvidas são desconhecidas. O Club continua a organizar jantares festivos e/ou de convívio com carácter familiar. Dos bailes só resta a memória entre os lustres e os espelhos do velho salão. O jogo continua a despertar o interesse de muitos dos velhos sócios que passam pelo Club à procura da sorte entre uma chávena de chá ou de café. O gabinete de leitura também não sobreviveu, tornando-se o Club a única colectividade que deixou de possuir uma biblioteca, justificável para os actuais dirigentes porque os sócios são cultos, possuem livros em casa e não procuravam o espaço para ler. O recrutamento de novos sócios é reduzido e feito entre os descendentes dos associados. O velho teatro Rosa Damasceno, agora em ruína, foi vendido deixando o Club mais pobre, mas convencido que concluiu a obra cultural que se propôs desenvolver.

73

Sócias do Club de Santarém (1851-1973)			
Nome	Profissão	Data de Admissão	N.º de Sócio
Maria Augusta Carvalho Santos	Doméstica	6/3/1936	1783
Lúcia Serrão de Faria Pereira	Doméstica	14/12/1936	1787
Angélica de Figueiredo Larcher Marçal	Professora	31/3/1937	1792
Isabel Montez	Doméstica	29/4/1940	1819
Isabel Maria Augusta Cordeiro	Doméstica	11/12/1956	2028

Cf. *Livro de Matrícula de Sócios do Club de Santarém*, 1924-2000.

1.2 - Teatro Rosa Damasceno

A partir de 1877, o Club de Santarém projectou a construção de um teatro e de uma sede para a colectividade. A comissão nomeada para dirigir a obra era liderada pelo presidente da direcção do Club, Alexandre Marques Sampaio. Numa reunião realizada a 12 de Julho de 1877, escolheu-se o terreno, tendo-se optado pelo espaço da igreja de S. Martinho fácil de adquirir, excluindo-se os palheiros de Manuel Maria Holbeche Correia, na rua do Milagre, e a casa de Jerónimo Nogueira, no largo da Graça.¹ A obra ficou a cargo do arquitecto e professor na Escola de Belas Artes José Luís Monteiro (1849-1942) e os trabalhos iniciaram-se a 5 de Dezembro desse ano, após a demolição da referida igreja.² Para ajudar a financiar a obra, emitiram-se, nesse ano, títulos de crédito que, em 1883, valiam 100 réis e em 1930, 100\$00. Os detentores destas acções eram na sua maioria os sócios e/ou descendentes mais antigos da colectividade. Em 1930, verificava-se que, por motivos de herança ou de doação, as acções encontravam-se nas mãos de algumas das famílias mais tradicionais e enriquecidas da cidade ou pertenciam ao próprio Club.³

O teatro de Santarém foi inaugurado a 11 de Março de 1884 “... com um sarau literário musical organizado por um grupo de distintos amadores desta cidade com a cooperação da extinta Academia de Amadores de música Bellini.”⁴ A cidade ficou dotada de mais uma sala de espectáculos ampla e moderna a juntar aos teatros Ribeirense, Taborda e Aliança. A 4 de Julho de 1894, o teatro tomou o nome da actriz Rosa Damasceno que aí se apresentou numa récita de amadores em conjunto com os actores da Companhia do Teatro Normal de Lisboa, Eduardo Brasão e Augusto Rosa. Após a representação da peça “O Amigo Fritz”, a actriz recebeu das mãos dos dirigentes do “... Club a chave do teatro em prata dentro de um estojo, em cuja tampa e num escudete de prata se lia – chave do Teatro Rosa Damasceno em Santarém, Julho,

¹ Cf. *Livro das Actas das Sessões da Comissão Nomeada para Promover a Edificação de Casa e Teatro para o Club de Santarém*, Santarém, 1877-1885, acta de 20/4/1877.

² Cf. *Idem*, acta de 12/7/1877.

³ Cf. *Livro das Obrigações Emitidas pelo Club de Santarém dos Accionistas do Teatro Rosa Damasceno*, Santarém, 1883-1930.

⁴ *Portugal Anunciador. Ilustração de Turismo e Propaganda Regionalista. Santarém*, ano I, Lisboa, [s.n.], n.º 2, Novembro de 1927.

1894.”⁵. Entre 24 e 28 de Maio de 1885, um grupo de amadores escalabitanos representou a comédia “As Rédeas do Governo”, a partir da tradução livre de Luís Augusto Rebelo da Silva. No início de 1892, o dirigente do Club, Moreira Feio, estimulou o dualismo administrativo que previa duas direcções, uma para a colectividade e outra para o teatro, o que levou a primeira a desinteressar-se pelo bom funcionamento do segundo.⁶ Dois anos depois e perante a grave situação financeira do teatro, a direcção deste demitiu-se pois nem mesmo promovendo espectáculos conseguiu angariar os 1200 réis impostos pela escritura de empréstimo. O Club decidiu retomar a tutela directa do teatro, apesar de ter equacionado a hipótese de o alienar. A comissão dirigida pelo visconde de Andaluz propunha-se pagar as dívidas e diminuir as despesas nos anos seguintes, esperanças “... que o nosso teatro vai sair da vida atribulada que sempre tem tido desde o seu nascimento.”⁷. Passada a crise, o teatro voltou a obter a liberdade directiva que perdeu após a crise financeira de 1915. Nesse ano, o Club aprovou a reforma dos seus estatutos e o teatro passou a ser parte integrante da colectividade enquanto as duas direcções se unificaram.

Em Janeiro de 1926, “... as direcções dos teatros “Rosa Damasceno” e “Sá da Bandeira” resolveram que os espectáculos durante o ano corrente distribuídos pelas duas casas de modo a evitar a dispersão dos espectadores e a garantir aos frequentadores de ambas as casas as audições do quarteto contratado pela primeira, o qual põe uma nota de brilho em todas as festas que concorre.”⁸. Em Dezembro de 1929, o Club adquiriu um novo aparelho de projecção para enriquecer as festas da quadra natalícia. No ano seguinte, os dirigentes do Club de Santarém envolveram-se numa polémica com o director do Correio da *Extremadura*, João Arruda, devido às possíveis insinuações do jornal sobre os interesses da colectividade na demora das obras do teatro Sá da Bandeira: “Por “intrigas de bairro” continua Santarém privada do seu mais popular teatro, o que não só traz prejuízo para a empresa que nele empregou os seus capitais, como para o público citadino pela deficiência da lotação do teatro Rosa Damasceno. Este assunto deveria já ter sido ponderado devidamente e não se compreende porque até agora se deixassem de atender as pretensões da empresa, a não ser que se ocultem na sombra entidades interessadas em que continue encerrada esta casa de espectáculos.”⁹.

⁵ Idem.

⁶ Cf. *Estatutos do Club de Santarém*, 1915, p. 18.

⁷ *Correio da Extremadura*, 23/1/1894, p. 2.

⁸ *O Combate*, n.º 44, 9/1/1926, p. 2.

⁹ *Correio da Extremadura*, 25/10/1930, p. 2.

O assunto ficou sanado quando Arruda se retratou e garantiu “... que não há motivo para tal suspeita, pois não julgamos que qualquer membro da direcção do Club anteponha os propósitos de estreito interesse associativo ao intuito patriótico de ver beneficiada, com maior amplitude, uma das casas de espectáculo de Santarém.”¹⁰.

Os corpos gerentes do Club, em 1932, hipotecaram o teatro a fim de adquirirem um aparelho de cinema com sistema sonoro e alguns filmes para a sala de espectáculos.¹¹ Ao mesmo tempo, dizia-se “... que a empresa do teatro Sá da Bandeira se divorciou da direcção do teatro Rosa Damasceno. Cozinham agora em panela à parte.”¹². Este acordo manteve-se ao longo de seis anos até ambas as salas optarem pela aquisição de aparelhos de cinema com sistema sonoro. No início de 1936, o Rosa Damasceno voltou a investir na qualidade do som dos filmes projectados ao adquirir um amplificador de alta-fidelidade.¹³



Fotografias do teatro Rosa Damasceno antes e depois das obras de 1937. Fotografias cedidas por Zeferino Silva.

No final de 1935, o Club decidiu ampliar e modernizar as instalações do teatro Rosa Damasceno, tendo contratado o arquitecto Frederico de Carvalho para elaborar o ante-projecto das obras.¹⁴ Estas só se iniciaram em Junho de 1937, ficando o teatro “...

¹⁰ Idem, 1/11/1930, p. 2. Sobre esta polémica cf. *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 9/1/1922-2/6/1947, acta de 25/10/1930, fl. 37.

¹¹ Cf. *Livro de Actas da Assembleia-Geral do Club de Santarém*, 1909-1944, acta de 26/8/1932, fls. 109-110v; acta de 24/10/1932, fls. 110v-112v.

¹² Cf. *Correio da Extremadura*, 9/4/1932, p. 8.

¹³ Cf. Idem, 8/2/1936, p. 2.

¹⁴ Cf. Idem, 14/12/1935, p. 7.

com lotação para 1400 espectadores. A plateia será prolongada até um terço do espaço reservado ao palco actual, de forma a comportar 600 pessoas. Ficará com duas ordens de balcões, cada um para 400 espectadores, guarnecida a primeira ordem com dez camarotes laterais, com a disposição do cinema Tivoli, de Lisboa. A fachada do edifício ficará beneficiada com uma bela *marquise* sobre a entrada, que será ampliada, oferecendo um belo conjunto de linhas modernistas. O primeiro pavimento avançará sobre a *marquise*, num elegante contorno, do melhor efeito decorativo e na altura do segundo pavimento será construído um grande salão, que ficará sobranceiro ao bar.”¹⁵. Para proceder às obras dessa envergadura, o Club solicitou empréstimos à Caixa Geral de Depósitos, ao Montepio Geral de Santarém, ao Banco Nacional Ultramarino e ao Banco de Portugal. O dirigente do Club, António Carlos Borges, emprestou cerca de seiscentos mil escudos livres de juros e de prazos.¹⁶ O elevado nível de endividamento para concretizar a obra levou Manuel Ginestal Machado a assumir pela primeira vez funções de dirigente no Club. O projecto ficou a cargo do arquitecto Amílcar Pinto de Lisboa enquanto a primeira empreitada da obra foi adjudicada aos empreiteiros João Lopes e Justo da Silva por 295 250\$00. A segunda empreitada foi entregue ao construtor Benjamim de Almeida.¹⁷ A cidade observava o novo teatro que tomava “... alturas gigantescas. Até os devotos da religião do cinema pasmam das proporções que o seu templo vai tomando!”¹⁸. No entanto, os atrasos da obra levaram a adiamentos na inauguração do Rosa Damasceno, primeiro para Carnaval, depois para Abril e finalmente para Maio “... por não ter chegado a tempo o novo mobiliário...”¹⁹ e porque “... todas as obras, demoram sempre mais do que se julga...”²⁰. A “... melhor e mais moderna casa de espectáculos da província...”²¹, com bares na plateia e nos balcões, reabriu a 16 de Junho de 1938 com a Companhia do Teatro Nacional Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, que representou a peça em três actos “Recompensa”, de Ramada Curto. Nos discursos, o sócio do Club e presidente da Câmara, António Bastos, enalteceu todos os que trabalharam para a concretização da obra como o arquitecto, os empreiteiros, os técnicos e os operários que se encontravam no palco. O presidente da direcção do Club, António Carlos Borges foi homenageado numa ceia realizada na

¹⁵ Idem, 27/2/1937, p. 2.

¹⁶ Cf. Idem, 11/6/1938, p. 1.

¹⁷ Cf. Idem, 5/6/1937, p. 2; *Livro de Actas da Assembleia-Geral do Club de Santarém*, 1909-1944, acta de 2/3/1937, fls. 124-129.

¹⁸ *Correio da Extremadura*, 13/11/1937, p. 6.

¹⁹ Idem, 30/4/1938, p. 6.

²⁰ Idem, 14/5/1938, p. 8.

²¹ BMS – Programas do Teatro Rosa Damasceno, 16/6/1938.

colectividade na presença dos actores da Companhia Teatral.²² Em Abril de 1939, o sócio Joaquim Mata ofereceu ao teatro “... a cortina do sarau e os números de alumínio para a marcação dos lugares da geral...”²³.

Por este espaço de cultura passaram as grandes companhias teatrais de Lisboa que se deslocavam em tournée pela província. Estas apresentavam duas a três representações de forma a rentabilizar a sua passagem por cidades como Santarém, conforme se pode verificar pelo anexo I. Alguns destes espectáculos beneficiavam de redução de preços de forma a atrair mais público, para além da elite habitual. Quando as companhias teatrais que integravam os actores escalabitanos Rafael Marques, Henrique Campos e Costinha se deslocavam a Santarém, a direcção do teatro aproveitava para lhes promover homenagens. A partir do final da década de 40, o teatro passou a disputar o seu lugar com o cinema, levando ao afastamento das companhias de teatro. Para isso, muito contribuiu o Club ao aceitar a proposta de arrendamento por dez anos do teatro Rosa Damasceno, feita pelo industrial de cinema Fernando Santos, em Junho de 1949.²⁴ A proximidade entre Lisboa e Santarém, a melhoria de acessibilidades e a “carreira dos teatros” promovida pela Empresa de Camionagem Vinagre que facilitava o regresso à cidade escalabitana após o fecho dos teatros aceleraram essa separação.

Os espectáculos de teatro amador também marcaram a sua tradição no palco do Rosa Damasceno especialmente nas primeiras décadas do século XX, com predomínio para as operetas e os dramas. A dupla constituída por Menezes e Almeida e Augusto Montez escreveu, ensaiou e representou várias peças como “As Criadas” (1909), “A Frasqueira do Convento” (1910), “Os Lazaristas” (1910), “O Duelo” (1915), “À Sesta” (1923). Muitos dos grandes actores amadores da cidade passaram por este palco, como Faustino Rosa Mendes, José Avelino de Sousa, Guilherme Pereira, António Cacho (1917-2004) e Carlos Mendes (1910-1975). Por vezes, peças em um acto serviam de complemento à projecção de filmes, como sucedeu a 4 de Julho de 1933, com a representação de “A Gente vê Caras...” por Noémia Cardoso e Guilherme Pereira.²⁵ Paralelamente, algumas das colectividades da cidade apresentaram os seus espectáculos teatrais anuais no palco cedido pelo Club de Santarém, como o Orfeão Scalabitano, o

²² Cf. *Correio da Extremadura*, 18/6/1938, p. 8.

²³ *Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém*, 1922-1947, acta de 20/4/1939, fl. 68.

²⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 11/6/1949, p. 8.

²⁵ A peça foi representada em complemento ao filme “Madame Satan”, num programa dedicado à direcção da Associação Comercial da Covilhã. Cf. BMS – G 288 A – 134, Programas do Teatro Rosa Damasceno, 4/7/1933.

Club Literário Guilherme de Azevedo, a Associação Académica de Santarém e o Círculo Cultural Scalabitano.

As récitas dos estudantes finalistas do Liceu e da Escola Agrícola decorriam anualmente no Rosa Damasceno com a apresentação de comédias e variedades protagonizados pelos alunos, que por vezes recebiam apoio de amadores teatrais da cidade (João Codina²⁶, Guilherme Pereira, Carlos Mendes), de escritores (Cardoso dos Santos) e músicos (Luís Silveira, Judite David, José Rosário (-1990), Celeste Veríssimo).²⁷ As meninas que frequentavam o Colégio de Ana Schiapa também apresentaram um sarau anual onde a dança, a música e pequenos apontamentos teatrais constituíram a base do programa. A 25 de Junho de 1932, os alunos da Escola do Magistério Primário de Lisboa apresentaram a sua récita.²⁸ A pianista Olimpia Dória também procurou este palco para apresentar, no fim de cada ano lectivo, um sarau com a participação das suas alunas.

Os espectáculos musicais ocorriam com frequência no teatro Rosa Damasceno quer apresentados por amadores da cidade quer por artistas vindos de Lisboa. Os tradicionais espectáculos de variedades que incluíam números de dança, canto e representação eram os mais populares. Estes permitiam a deslocação à cidade dos cantores e músicos ligados à Emissora Nacional. Entre a programação musical do teatro também se contava com concertos de Bandas e de Orfeões, recitais de poesia com acompanhamento musical e espectáculos de fado.²⁹

Todos os concertos da delegação do Círculo de Cultura Musical decorreram neste palco. No entanto, os recitais de música clássica nem sempre atraíam o público em número desejado. Os críticos justificavam a ausência dos espectadores “... porque não se anunciou a Maria Cachucha e qualquer tango mais ou menos fatal (...) Santarém tem prosápias de ser um meio entendido em arte. A música, essa então não guarda segredos para ninguém... É ouvir por essas esquinas as exigentes censuras de quantos se julgam nos segredos da complicada ciência da harmonia...”³⁰. No palco do Rosa Damasceno

²⁶ Sobre a biografia do funcionário do Tribunal, dirigente associativo e amador teatral João António Codina (1876-1946) cf. *Correio do Ribatejo*, 4/5/1946, p. 7.

²⁷ Nos dias 4 e 5 de Junho de 1933, na sua récita anual, os alunos do Liceu apresentaram a comédia “Miss Diabrete”, de Cardoso dos Santos, musicada por Luís Silveira. Cf. *Correio da Extremadura*, 10/6/1933, p. 2.

²⁸ Cf. Idem, 2/7/1932, p. 6.

²⁹ Cf. Anexo II.

³⁰ *Jornal de Santarém*, n.º 63, 22/5/1926, p. 5.

também decorreram actuações do Orfeão Scalabitano, da Orquestra Típica e de outros agrupamentos escalabitanos. A Festa da Chita, iniciativa do jornal semanário lisboeta *Cartaz*, realizou-se a 21 de Novembro de 1953, patrocinada pela Câmara de Santarém, Comissão Municipal de Turismo e Grémio do Comércio de Santarém. Nela, foi eleita rainha distrital Maria Helena Varela Santos que desfilou entre outras quinze candidatas com um vestido de chita da Casa Silvita. Após a exibição de cantores amadores da cidade e da Orquestra Típica Scalabitana, decorreu no teatro um baile abrilhantado pela Orquestra Belson e uma ceia.³¹

Pela sala de cinema passaram os êxitos do Tivoli, do S. Luís, do Éden, do Condes, primeiro do cinema europeu e durante e após a II Guerra Mundial as grandes produções dos estúdios norte-americanos. Pela tela passaram heróis da selva africana como o “Tarzan” com John Weissmuller, do “western” norte-americano com Tom Mix e John Wayne, este último dirigido por John Ford, do Império Romano como “Ben-Hur”. “A Rainha Cristina”, com Greta Garbo, “E Tudo o Vento Levou”, com Clark Gable e Vivian Leigh. Muitos foram os actores que apaixonaram plateias, como Gary Cooper, Cary Grant, Joan Grawford, Dorothy Lamour, Charles Boyer, Jean Gabin, Eddie Cantor, Spencer Tracy, Myrna Loy, James Cagney, Henry Fonda, Rita Hayworth, Douglas Fairbanks Jr., Tyrone Power, Bette Davis, Humphrey Bogard, Gina Lollobrigida, Burt Lancaster, Tony Curtis e James Dean, entre muitos outros. Os filmes de Frank Capra, Cecil B. de Mille e Jean Renoir moveram novos públicos. Os escalabitanos assistiram ao “Ídolos do Estádio” e “Vencedores Olímpicos”, de Leni Riefenstahl, em Março de 1939. Hardy e Laurel, os famosos Bucha e Estica, Charlie Chaplin, Fernandel, arrancaram gargalhadas. As canções de Bing Crosby, Frank Sinatra, Maurice Chevalier, Carmen Miranda, Judy Garland, Carlos Gardel embalaram os corações. O “pézinho de dança” moveu-se com Gene Kelly, Fred Astaire e Ginger Rogers. As crianças entraram no mundo da Disney, através da “Branca de Neve”. A programação cinematográfica encontrava-se dividida nas épocas de Inverno e Verão, sendo a primeira essencialmente dedicada às estreias e a filmes alusivos às épocas de Natal, Carnaval e Páscoa. As sessões decorriam de terça-feira a domingo com matinées ao fim-de-semana. Na época de Verão repunham-se os êxitos estrangeiros e os filmes portugueses mais populares. O número de sessões limitava-se ao fim-de-semana. A partir da segunda metade da década de 40, a sala passou a encerrar no mês de Agosto devido à preferência dos escalabitanos pelas esplanadas que também exibiam filmes ou

³¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 21/11/1953, pp. 1, 8; 28/11/1953, pp. 4, 6.

pelas férias nas praias e/ou nas termas. Esporadicamente, o Rosa Damasceno apresentava filmes denominados culturais e cedidos pelo S.P.N./S.N.I.. Estes eram essencialmente visionados por soldados que integravam a guarnição militar na cidade.³²

Os filmes portugueses contavam-se entre aqueles que atraíam mais público porque “Os filmes estrangeiros passam! Mas um filme português fica sempre! Um filme português não provoca apenas um êxito como os outros! É um acontecimento nacional que fica para sempre no coração do povo, por ser falado na nossa língua, por focar os nossos assuntos, os nossos costumes e os nossos ambientes familiares.”³³. A sua popularidade levava a constantes exhibições³⁴, algumas delas a preços populares ou “... para que todos possam ver mais uma vez o popular filme “A Canção de Lisboa”, cada bilhete dá entrada a duas pessoas (...) os bilhetes não são numerados.”³⁵. No entanto, os preços praticados pelo Rosa Damasceno eram superiores aos do teatro Sá da Bandeira e das esplanadas, pelo que as classes mais baixas preferiam esperar que esses êxitos mudassem de local de exibição.³⁶

Nas décadas de 30 e 40, os filmes dobrados em português também tiveram o seu sucesso de bilheteira devido ao número elevado de analfabetos ou daqueles que, como meros soletradores, não conseguiam acompanhar a legendagem. Actores populares como Vasco de Santana, Hortense Luz e Manuel Santos Carvalho fizeram dobragens nos estúdios da Lisboa-Filme e ajudaram a promover filmes que de outra forma teriam passado completamente despercebidos entre o público, como “O Grande Nicolau” e “Hora de Tentação”, exibidos a 9 de Fevereiro de 1936 e 23 de Junho de 1940, respectivamente.³⁷ A internacionalização dos actores portugueses também atraía o público ao cinema, como sucedeu com a apresentação das películas espanholas “D. Juan” (1950), protagonizada por António Vilar e “Nossa Senhora de Fátima”, com Maria Dulce, ambos apresentados em 1951.

³² Cf. *Correio da Extremadura*, 6/5/1944, p. 1.

³³ BMS – G 288 A – 180, Programas do Teatro Rosa Damasceno, 1/5/1935.

³⁴ Cf. Anexo III.

³⁵ BMS – G 288 A – 180, Programas do Teatro Rosa Damasceno, 17/9/1940.

³⁶ Em 1940, os preços praticados pelo teatro Rosa Damasceno para se assistir a sessões de cinema eram: plateia, primeiras filas 4\$00 e últimas filas 3\$00; primeiro balcão, 4\$50; segundo balcão, 2\$00; e galeria, 1\$50. Todos os bilhetes sofreram um aumento de \$50, em 1941, excepto a galeria, para auxiliar as vítimas do ciclone. Cf *Correio do Ribatejo*, 15/5/1941, p. 2.

³⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 8/2/1936, p. 2; BMS - G 288 A – 552, Programas do Teatro Rosa Damasceno, 23/6/1940.

Os complementos aos filmes eram de temática variada pois apresentaram-se documentários de propaganda, resumos de desafios de futebol, combates internacionais de boxe³⁸ e apontamentos musicais. Também a componente regional apareceu documentada com pequenos filmes sobre Santarém, o Ribatejo, ou eventos como a Exposição Feira de 1936 e a II Feira do Ribatejo de 1955, realizado pelo amador Francisco de Assis. A 1 de Dezembro de 1939, foi exibido o documentário sonoro “Toiros na Faina Agrícola Ribatejana”.³⁹ O documentário “Audioscópios”, exibido a 26 de Julho de 1936, apresentou, pela primeira vez em Santarém, o relevo no cinema, levando os espectadores a adquirirem umas “lunetas especiais” por 1\$00.⁴⁰ Por vezes, durante os intervalos dos filmes eram apresentados números musicais. Na década de 10, um sexteto amador abrihantava os espectáculos e integrava entre outros os músicos escalabitanos Jaime Nunes, Augusto Montez e Júlio Araújo. Na década seguinte, a animação musical pertencia a um quarteto musical, inicialmente dirigido pelo maestro e violoncelista Belo Marques. No final de Dezembro de 1938, os momentos musicais estavam a cargo da nova orquestra jazz da Banda dos Bombeiros.

Para além do teatro, dos concertos e do cinema, na sala de espectáculos também se realizaram festas de Carnaval, Natal e passagem de ano. As festas de Entrudo eram constituídas pela exibição de filmes cómicos, bailes de máscaras animadas por *jazz-bands*, jogos de Carnaval e espectáculos de variedades por onde passaram artistas diversos como as Irmanas Ibéria, as bailarinas Rosita de Espanha e Zaida Nerina, o cómico brasileiro Waldomiro Lobo, os bailarinos acrobáticos Trio Erasto acompanhados por um quinteto de Lisboa, as bailarinas Luísa Ibéria e Maria Pereira, a dupla de dança Isabel Otero e Júlio Esparza, a cantora Lenita Maria acompanhada pela Orquestra Portugália e os cantores Júlio Género, Roma Taberi e Clarifa Novais acompanhados pela Orquestra d’Ávila. A anteceder os tradicionais bailes de passagem de ano, o Natal era comemorado com concertos, quermesses, e a tradicional diversão da árvore de Natal, revertendo as receitas para as casas de caridade da cidade. A partir de 1943, a Orquestra Scalabis marcou a sua presença em muitos dos bailes organizados pela direcção do teatro para comemorar estas festividades.

³⁸ A 23 de Novembro de 1936, foi apresentado em complemento o combate de boxe entre Schemelling e Joe Louis em Nova Iorque, para o qual cada cadeira para o ringue custou 500\$00. Cf. BMS – G 288 A – 249, Programas do Teatro Rosa Damasceno, 23/11/1936.

³⁹ Idem, G 288 A – 474, 1/12/1939.

⁴⁰ Cf. *Correio da Extremadura*, 27/7/1936, p. 2.

O Club emprestava com regularidade o Rosa Damasceno para a realização de espectáculos de caridade. Habitualmente, a programação envolvia a projecção de um filme e variedades, revertendo as receitas para instituições como o Hospital da Misericórdia de Santarém, o Instituto do Cancro, a Liga dos Combatentes da Grande Guerra, o Dispensário de Puericultura de Santarém, a Sopa dos Pobres e os Asilos. A 12 de Março de 1935, um grupo de rapazes do Asilo da Misericórdia apresentou um acto de variedades no intervalo da projecção do filme “Rivais em Singapura”, a fim de “... manter essa casa de caridade.”⁴¹ O teatro também foi palco de récitas com o objectivo de obter receitas para algumas obras com a aquisição de uma estátua de homenagem ao soldado desconhecido, em 1925.⁴² Na década de 30, o jornal *Diário de Notícias* organizou no referido espaço matinées para as crianças das escolas e dos asilos. Na mesma década, o teatro acolheu anualmente a “Semana da Tuberculose” (récitas, filmes, conferências) de forma a angariar receitas para as instituições que apoiavam os doentes, como a “Obra do Ovo”. A 25 de Abril de 1940, os alunos do Colégio Moderno em Lisboa participaram numa récita a favor da Sopa dos Pobres de Santarém, onde apresentaram canções, representações e ginástica, estando a regência do seu Orfeão a cargo do maestro Fernando Lopes Graça.⁴³ O Grupo Cénico do Ateneu Ferroviário de Lisboa representou, a 11 de Maio de 1941, a opereta “A Flor do Bairro”, de Félix Bermudes, João Bastos e maestro Wenceslau Pinto, tendo a receita revertido para o Dispensário de Puericultura de Santarém.⁴⁴ A Juventude Católica Feminina organizou, a 28 de Abril de 1945, a récita de caridade “Sol da Lezíria”, espectáculo de dança e canto e dança, a favor das crianças pobres da cidade.⁴⁵

Habitualmente, o Club também cedía o espaço do Rosa Damasceno para palestras⁴⁶, exposições, homenagens⁴⁷ e comícios políticos quer da situação quer da oposição. Entre 15 de Maio e 11 de Junho de 1927, os pintores Francisco Vilela (1889-1974) e Augusto Braz Ruivo (1906-1983) expuseram aguarelas, desenhos e faianças artísticas.⁴⁸ Dois anos depois, os mesmos pintores da cidade voltaram a expor no salão

⁴¹ BMS – G 288 A – 168, Programas do Teatro Rosa Damasceno, 14/3/1935.

⁴² As récitas decorreram entre Abril e Maio de 1925 e foram abrilhantadas pelos Orfeões de Infantaria 16 e de Artilharia 3. Cf. *O Combate*, n.º 4, 4/4/1925, p. 8; n.º 8, 1/5/1925, p. 8.

⁴³ Cf. BMS – G 288 A, Programas do Teatro Rosa Damasceno, 25/4/1940.

⁴⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 17/5/1941, p. 2.

⁴⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 28/4/1945, p. 1; 5/5/1945, p. 6.

⁴⁶ No início de Dezembro de 1935, António Baião dissertou no teatro sobre a vida e obra de Anselmo Braamcamp Freire. Cf. *Renovação Nacional*, n.º 2, 12/12/1935, p. 7.

⁴⁷ Alberto Cardoso dos Santos foi homenageado no teatro Rosa Damasceno a 11 de Junho de 1930 e a 30 de Março de 1935. Cf. *Correio da Extremadura*, 14/6/1930, p. 2; 30/3/1935, p. 1.

⁴⁸ Cf. *Idem*, 21/5/1927, p. 2.

nobre do teatro, juntamente com Eduardo Rosa Mendes (1906-1983) e com o fotógrafo Augusto Palhé (1896-1968). Se na primeira exposição se registaram vendas que permitiram a Braz Ruivo a oferta do produto para a subscrição pública a fim de construir uma estátua ao Marquês Sá da Bandeira, na segunda nada se vendeu porque “... há falha na educação (...) mas os artistas afirmaram os seus valores.”⁴⁹.

Ao longo de várias décadas, o teatro Rosa Damasceno foi palco de muitos acontecimentos culturais mantendo o seu cordão umbilical ligado ao Club de Santarém, do qual nunca se automatizou. À semelhança de outros teatros com grande auditório entrou em declínio na década de 70. O público começou a abandoná-lo, acelerando a decadência do espaço. Os elevados custos de manutenção precipitaram o anúncio do seu encerramento e a sua venda. Hoje, permanece um gigante esventrado pelas ruínas do tempo e de um incêndio, em estado de abandono.

⁴⁹ Idem, 8/4/1929, p. 2.

1.3 - Teatro Club Ribeirense

A Sociedade Filarmónica União Ribeirense foi legalmente constituída na conformidade do decreto de 15 de Junho de 1870, apesar de se encontrar instituída desde 2 de Agosto de 1854, na Ribeira de Santarém.¹ O seu principal objectivo era “... procurar o recreio de seus sócios por meio de gabinete de leitura, música, dança e jogos lícitos.”² Para concretizá-lo, a Sociedade promovia duas reuniões anuais de famílias, a 8 de Dezembro e num dos dias de Carnaval, para além dos “... saraus concertantes que a direcção julgar oportunos; e além de isso haverá reuniões diárias, que constam de leitura de jornais, jogos de bilhar, ou quaisquer outros com absoluta exclusão dos jogos de azar.”³ No caso dos jogos, os estatutos da colectividade reforçavam que “... não é permitida a falta de pagamento do preço dos jogos, senão sob a responsabilidade do director que estiver de serviço, assim como fazer apostas ao jogo de qualquer natureza que sejam.”⁴ Às mulheres era atribuído um papel secundário com excepção de “... convidar para os diferentes divertimentos que houver na Sociedade as senhoras que fizerem parte da família em cujo grémio não haja homem por chefe e cuja residência seja neste bairro da Ribeira da cidade de Santarém.”⁵ A secção de música reunia os sócios de mérito, membros da Sociedade que “...ficam coibidos de ir tocar só por si incorporados com qualquer outra associação ainda mesmo que seja gratuitamente, sob pena de deixar de fazer parte da Sociedade todo aquele que transgredir a disposição deste artigo. Exceptua-se desta penalidade o que for tocar ao teatro ou a qualquer festividade da Igreja.”⁶ Esses músicos deviam “... tocar em todas as reuniões consignadas nos estatutos da Sociedade, e bem assim nas procissões e festas gerais, ou quaisquer divertimentos públicos que hajam neste bairro da Ribeira da cidade de Santarém...”⁷, para além de se reunirem “... todos os domingos do mês desde o primeiro domingo do mês de Junho até ao último do mês de Agosto de cada ano na

¹ Cf. *Estatutos da Sociedade Philharmonica União Ribeirense*, Lisboa, Typographica de Salles, 1870, p. 1.

² Idem, P. I, Cap. I, Art. 2, p. 5.

³ Idem, P. I, Cap. VIII, Art. 47, p. 16.

⁴ Idem, p. 20.

⁵ Idem, P. I, Cap. VI, Art. 40, p. 13.

⁶ Idem, P. II, Cap. III, Art. 14, p. 23.

⁷ Idem, P. II, Cap. II, Art. 8, p. 21.

praça pública da Ribeira de Santarém, ou em qualquer outro local próprio que lhe for designado pela direcção da Sociedade, onde desempenhará pelo tempo de duas horas o programa de música que lhes for distribuído pelo seu director ou regente.”⁸. Entre as actividades desenvolvidas pela Sociedade contou-se com a organização de uma tourada a 12 de Abril de 1896.

O Grémio Musical Ribeirense foi fundado na Ribeira de Santarém, por António Faustino Duarte, Faustino Antolin Mauro⁹ e Máximo Júlio Pais, em 1909. Os bailes alusivos ao Carnaval de 1910 foram as primeiras actividades que realizaram numa casa situada na travessa da Portagem na Ribeira.¹⁰ No mês seguinte, o capitão Eduardo Sarmiento proferiu uma conferência. A 27 de Março de 1921, na celebração de mais um aniversário do Grémio, foi distribuído um bodo a cem pobres¹¹. Durante a sessão solene, os oradores destacaram a missão altruísta da colectividade assim como os serviços por ela prestados, sem esquecer a homenagem ao fundador António Faustino Duarte, entretanto falecido. A direcção do Grémio ofereceu um beberete seguido de um baile abrilhantado por um terceto de Lisboa que no dia anterior tinha animado o serão no Club de Santarém.¹²

O Teatro Club Ribeirense foi fundado, provavelmente, em 1871, na Ribeira de Santarém.¹³ A sede possuía um “pequeno teatro” onde se realizaram vários espectáculos de teatro e opereta protagonizados por companhias profissionais que se deslocavam de Lisboa. Estes atraíam um vasto público burguês numa época em que o teatro de Santarém ainda não tinha sido construído. No final do século XIX, um grupo de amadores da Ribeira e da parte alta da cidade organizava récitas em especial com fins de caridade, para entre outras situações “... suavizar as amarguras de uma pobre viúva a quem a sorte tem sido madrasta...”¹⁴. O facto de o Teatro se localizar na parte ribeirinha da cidade levava os organizadores dos espectáculos a garantir “... carros para os

⁸ Idem, P. II, Cap. III, Art. 14, p. 22.

⁹ Faustino Antolin Mauro nasceu em 1868, na cidade de Valladolid e morreu na Ribeira de Santarém, a 2 de Dezembro de 1941. Antolin veio viver para Portugal em 1904 e fixou-se na Ribeira de Santarém. Este industrial para além de fundar o Grémio Ribeirense e o Teatro Club Ribeirense montou os Serviços de Socorros a Náufragos e Inundados do qual se tornou mecenas. Cf. *Correio da Extremadura*, 6/12/1941, p. 2.

¹⁰ Cf. Idem, 5/2/1910, p. 3.

¹¹ O bodo foi distribuído pelas sócias do Grémio Noémia Cantante, Augusta Teixeira Neto, Maria dos Anjos Faustino, Vitória Almeida Governo, Maria Leonor Aguiar e Alzira Teixeira Neto. Cada pobre recebeu ½ l azeite, 1l de feijão, ½ kg de bacalhau e 1kg de pão. Cf. *O Debate*, 7/4/1921, p. 3.

¹² Cf. Idem.

¹³ Cf. *Portugal Anunciador. Ilustração de Turismo e Propaganda Regionalista*, Novembro de 1927.

¹⁴ *Correio da Extremadura*, 5/11/1891, p. 2.

espectadores que queiram regressar ao bairro alto da cidade.”¹⁵. O Club Ribeirense também promovia bailes em especial nas épocas festivas, como o Carnaval, a Páscoa, o Natal e a passagem de ano. O modelo a seguir pela colectividade era o do Club de Santarém, construindo na Ribeira de Santarém um espaço elitista de uma burguesia comercial que comungava de ideias republicanas, ainda que com maior abertura social. Em 1910, o salão de festas era descrito como elegante e iluminado a “bico Auer” dando “... um cunho de distinção que os membros dirigentes daquela sociedade se esforçam por conseguir.”¹⁶. Enquanto se especulava que o Club Ribeirense ia organizar uma fanfarra, em Março de 1910, um grupo de senhoras ribeirenses promoveu um baile onde se apresentou um orfeão com vinte figuras de ambos os sexos que interpretou “A Primavera”, música de Bartolomeu Pereira e letra de João Arruda, e “O Chá e Serenata”, do reverendo Maia.¹⁷ O teatro amador acabou por se tornar uma actividade no Club Ribeirense e nela se estrearam alguns amadores como João Arruda, Virgílio Arruda e Henrique Dias Vigário, entre outros ribeirenses. Aparentemente esta colectividade tinha maior facilidade em envolver mulheres no teatro do que as congéneres do planalto, pois tratava-se de uma comunidade mais pequena, relativamente acessível e com fortes elos familiares. Esta organizava quermesses, jogos e saltos em altura na alameda junto ao rio Tejo, abrilhantadas pela Banda de Caçadores 6 com o objectivo de angariar fundos para os mais necessitados.

Na sessão solene realizada no Grémio Ribeirense a 27 de Março de 1921, o dirigente Alfredo Soares afirmou que “... seria lamentável que alguém pretendesse aniquilar a existência duma tão prestimosa instituição...”¹⁸. No entanto, quatro anos depois, o Grémio Ribeirense foi agregado ao Teatro Club Ribeirense tal como sucedera no passado com Sociedade Filarmónica União Ribeirense. No início de 1926, a direcção do Club Ribeirense estava empenhada na reorganização do Corpo de Socorros a Náufragos e Inundados do extinto Grémio que, na década de 30, se mantinha em funcionamento.¹⁹ O Teatro Club Ribeirense tornava-se numa colectividade de referência da zona ribeirinha da cidade.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Idem, 5/2/1910, p. 3.

¹⁷ Cf. Idem, 19/3/1910, p. 3.

¹⁸ *O Debate*, 7/4/1921, p. 3.

¹⁹ Cf. *O Combate*, n.º 50, 20/2/1926, p. 5; *Correio da Extremadura*, 28/5/1932, p. 2.

Numa carta enviada ao seu filho Virgílio Arruda, a 26 de Abril de 1926, Custódia Júlia Arruda (-1959) escreveu: “Anunciaram música às quintas-feiras na Ribeira [pela Banda dos Bombeiros], pois o dia esteve sombrio, e só começou chovendo, mas bastante, apenas a música começou. Recolheu logo ao teatro [Club Ribeirense], e aí deu o concerto enchendo o Zé Povinho, rapidamente os camarotes.”²⁰. Apesar se notar uma maior abertura social no Teatro Club Ribeirense em relação ao Club de Santarém, não deixa de ser significativo o comentário de Custódia Arruda sobre a postura popular à entrada no Teatro, local onde em condições normais não teria acesso. Esta não se tornou associada da colectividade por “questões de berço” mas porque o seu marido, o tipógrafo João Arruda, ganhou prestígio ao fundar os jornais *O Santareno* e o *Correio da Extremadura* e porque o seu filho, Virgílio Arruda, concluiu o curso de direito e veio a casar com Maria Gertrudes Lino Netto (1905-1989), filha do professor António Lino Netto.

No início de 1927, a colectividade efectuou “... importantes obras na sua sala de espectáculos, sendo completamente substituída a plateia que se encontrava em péssimas condições de segurança...”²¹, em parte devido às cheias quase anuais que muitas vezes inviabilizavam a utilização da sede. O Club Ribeirense entrou na década de 30 sob a liderança de Egídio de Sousa (1865-1943) e Miguel Vaz Mourão, respectivamente presidentes da assembleia-geral e da direcção e ambos sócios do Club de Santarém. A colectividade apresentava-se engrandecida “... sob os auspícios da nova direcção que está proporcionando muito conforto aos associados.”²². No entanto, na década de 30, a colectividade viveu momentos de menor prosperidade, como o atesta a necessidade de em 1933 o “... bairro da Ribeira procurar restaurar o seu Club, dando-lhe foros da sua sala nobre.”²³. No Carnaval desse ano, a direcção propôs-se “... reanimar a velha agremiação de tão brilhantes tradições que ultimamente estava em franco declínio. Promoveu assim uma subscrição entre os sócios desta casa para obras urgentes a realizar no seu teatro e aquisição de melhoramentos que vão dar aquele Club uma vida nova, muito prometedora.”²⁴. A fim de “... dar ao velho Club Ribeirense aquele relevo que noutros tempos tanto o caracterizou...”²⁵ e obter fundos que lhe permitissem fazer

²⁰ BMS – Espólio de Virgílio Arruda, “Carta de Custódia Júlia Arruda para Virgílio Arruda”, Ribeira de Santarém, 26/4/1926.

²¹ *Correio da Extremadura*, 5/2/1927, p. 3.

²² Idem, 1/2/1930, p. 2.

²³ Idem, 18/2/1933, p. 6.

²⁴ Idem, 11/2/1933, p. 6.

²⁵ Idem, 15/4/1933, p. 6.

melhoramentos na sede, uma comissão de sócios organizou o “Baile Vermelho” que contou com a actuação gratuita da orquestra jazz “Os Grifos” de Lisboa e do pintor e cenógrafo Francisco Vilela que apresentou “... uma bizarra decoração futurista, com desenhos modernistas do artista ribeirense Carlos Aguiar ...”²⁶. O velho Club beneficiou de obras na sede, em 1947. Durante o Verão de 1951, novos problemas atingiram os sócios ribeirenses “... alarmados com um esticão sofrido pela renda da casa, por motivo duma recente avaliação, doem-se os sócios do velho Club da Ribeira de haver falta de carinho por aquela veneranda relíquia da cidade, ameaçada de ver acabar os seus dias ingloriamente, sem o menor respeito pelas suas tradições (...) Noites de arte se realizaram ali que ficaram memoráveis, perdurando a recordação dos bailes dos tempos idos, festivais cuja lembrança faz lacrimar os velhos e serve de incentivo aos novos que acreditam no futuro...”²⁷. O apelo feito pelo ribeirense Virgílio Arruda foi ouvido quer pelo senhorio do edifício quer pelos sócios que se mobilizaram pela sua colectividade.

Entre as actividades desenvolvidas, a predominância ia para os bailes de passagem de ano, Carnaval com prémios para os melhores mascarados, Micareme, Páscoa e Natal com a tradicional árvore e distribuição de brinquedos e guloseimas aos filhos dos sócios. Estes eram abrilhantados, pontualmente, por orquestras jazz de Lisboa como “Os Grifos” (1933-4), “Cruz de Cristo” (1939), Jazz “Águias de Ouro” (1943), “Os Caprichosos” (1943), Costa Pinto (1943-4), “Dimmi” (1944), “Caravela” (1947-8), “Hot Club” (1948), “Luso” (1950), “Hollywood” (1950), “La Vie en Rose”, com o vocalista Nazaré (1951), “Pigalle” (1951) Luso Espanhola (1957) e “Talismã”, dirigida por Moreira Pinto (1961). Também os agrupamentos musicais da região marcaram presença nestes animados bailes como a Tuna do Entroncamento (1931), a Orquestra “Os Novos” de Vila Franca de Xira (1933-4), e outras *jazz-bands* que se deslocaram do Cartaxo, Almeirim e de Santarém. A partir de Agosto de 1929, a direcção da colectividade “... resolveu facultar o salão do seu elegante teatro a todos os sócios e famílias que ali desejarem reunir-se, em ameno “serão”, sem encargo de pianista, nos segundos e últimos sábados de cada mês...”²⁸. A colectividade adquiriu um rádio em Abril de 1933, o que permitiu uma maior frequência de bailes abrilhantados pelos concertos radiofónicos.²⁹ A 3 de Outubro de 1936, o Club Ribeirense promoveu uma

²⁶ Idem.

²⁷ *Correio do Ribatejo*, 14/7/1951, p. 1.

²⁸ *Correio da Extremadura*, 27/7/1929, p. 2.

²⁹ Idem, 15/4/1933, p. 6.

feita e um baile de homenagem aos desportistas ribeirenses Jaime Bernardes da Silva, Manuel Faustino Duarte, Pedro Augusto da Silva e Manuel Pires Beato, que venceram a prova de remo “Santarém-Abrantes”.³⁰ A Orquestra “Aldrabofona” de Lisboa deslocou-se ao Club Ribeirense, a 17 de Junho de 1939, para abrilhantar o baile e apresentar o seu espectáculo cómico com a participação do ventríloquo Virgílio da Mata, do tocador da harmónica Alexander, do acordeonista João Pedro, entre muitos outros artistas “do monólogo e do assobio”.³¹ Na década de 40, os bailes eram essencialmente abrilhantados pelas Orquestra “Scalabis” e pela “Ribatejo Orquestra Jazz”. A 26 de Maio de 1945, a colectividade organizou um baile a que chamou de “Noite de Primavera” e onde a Orquestra “Luso-Hawaiana” de Lisboa tocou perante uma sala decorada com motivos florais.³² À semelhança de outras colectividades, durante os Santos Populares e ao longo do Verão de 1943, o Teatro Club Ribeirense organizou bailes num espaço ao ar livre e situado à beira do Tejo, na chamada Cerca da Alcôrça. Por vezes, nos bailes realizavam-se sorteios, a partir da extracção da lotaria nacional, que permitiam financiar actividades a desenvolver pela colectividade. Em 1934, o Club Ribeirense sorteu lençóis.³³ Este meio de encaixar verbas era utilizado pela grande maioria das colectividades, com destaque para o Club Literário Guilherme de Azevedo, a Sociedade dos Bombeiros Voluntários, a Banda dos Bombeiros e o Sport Grupo União Operária.

As récitas amadoras continuavam a realizar-se no Teatro. Por vezes, os amadores ribeirenses socorriam-se de colegas do planalto para reforçar o elenco ou até mesmo a encenação. As comédias e os musicais estavam entre as peças mais representadas na colectividade, como “Um Cálculo Errado” (1927), “Uma Anedota” (1927), “O Nariz do Visconde” (1927) e “Páscoa e Quaresma” (1927). Paralelamente a estas récitas, apresentavam-se actos de variedades com representações de cabaret, fado, dança e poesia. Muitas destas actividades eram dinamizadas por mulheres que representavam, cantavam, dançavam e tocavam.³⁴ A 1 de Junho de 1939, o Club Ribeirense apresentou um sarau de arte com a presença dos artistas Natália Varela e Alberto Miranda que representaram e cantaram. O espectáculo foi repetido nos dias

³⁰ Cf. Idem, 3/10/1936, p. 2.

³¹ Idem, 17/6/1939, p. 2.

³² Cf. *Correio do Ribatejo*, 26/5/1945, p. 2.

³³ Cf. *Correio da Extremadura*, 20/1/1934, p. 8.

³⁴ Na récita realizada a 7 de Julho de 1927, actuaram Maria Isabel Beato que cantou fado e dançou tango, Natália Gomes que recitou, Leonor Coelho que cantou, Adélia Gonçalves que representou e Manuela Malta que tocou piano. Cf. Idem, 9/7/1927, p. 3.

seguintes no salão dos Bombeiros e no Grémio Literário Guilherme de Azevedo.³⁵ Em 1942, a colectividade organizou um grupo cénico que, com a colaboração de actores amadores do planalto e reforçado com músicos de Lisboa, conseguiu levar à cena a revista local “Água de Palhais”, de M. Oliveira Santos e Henrique Dias Vigário e com música de Joaquim Luís Gomes (1914-2009) que dirigiu a orquestra. Os ensaios musicais estiveram a cargo da pianista Judite David, enquanto a coreografia e a encenação pertenceram a Mário Ramsky³⁶ e M. Oliveira Santos respectivamente. Entre os actores encontravam-se nomes ligados ao associativismo da cidade como Guilherme Pereira, Carlos Mendes, Joaquim Campos e António Verediano Gomes. Henrique Vigário, herdeiro de uma família ribeirense, procurou registar no texto dos treze quadros o quotidiano das gentes da beira-rio com a referência à medieval “Fonte de Palhais”, com uma “Oração a Santa Iria”, padroeira dos “Pescadores da nossa Terra” e de todos os que frequentavam a “Praia da Ribeira” e a “Marcha da Ribeira”. Não esqueceu a tradicional romaria da Senhora da Saúde com o “Vira da Saúde”, ao mesmo tempo que enalteceu com “Paixão” os “Campinos” do “Meu Ribatejo!”. A estreia decorreu a 21 de Novembro no teatro Rosa Damasceno, com repetições a 22 e 26 do mesmo mês.³⁷ Perante o sucesso obtido, dois anos depois, o grupo cénico do Club Ribeirense lançou-se nos ensaios da revista de fantasia local “Do mais Alto Miradouro”, texto de M. Oliveira Santos e música de Joaquim Luís Gomes e que teve a colaboração do bailarino de Lisboa, Mário Ramsky, e de Judite David. Novamente, o grupo cénico contou com actores de grupos de outras colectividades, a que se associou o tenor Manuel Afonso (1917-1971). A montagem cénica esteve a cargo dos cenógrafos lisboetas Reinaldo Martins e Mário Garcia que levaram “... ao palco do Rosa Damasceno, em cenografia, tudo o que Santarém possui de mais notável em monumentos e paisagens...”³⁸, com destaque para “... a risonha “ida para a romaria”³⁹, a “salerosa” marcha de motivos taurinos, a cena das queijeiras, a melancolia dos estudantes, a alegria dos celestes⁴⁰, o pitoresco dos futebolistas, o modernismo dos automobilistas, a amargura dos “almeidas”, agradaram bastante. E mais ainda satisfizeram a sonhadora valsa do Jardim

³⁵ Cf. Idem, 3/6/1939, p. 2.

³⁶ Mário Ramsky estreou-se como bailarino no Coliseu dos Recreios, em 1930. Trabalhou como bailarino e coreógrafo para várias companhias de revista do Éden Teatro e participou nos filmes portugueses “Fidalgo da Casa Mourisca”, “Bocage” e “Camões”. Em Santarém, coreografou as revistas “Água de Palhais”, “Do mais Alto Miradouro”, “Portas do Sol” e “Ondas Curtas”. Em Julho de 1950, despediu-se da cidade ao partir em digressão pela Europa. Cf. *Correio do Ribatejo*, 1/7/1950, p. 2.

³⁷ Cf. BMS – Programa de “Água de Palhais”, 21/11/1942.

³⁸ *Correio da Extremadura*, 27/5/1944, p. 2.

³⁹ Romaria às Ómnias que se realizava a 19 de Março. Os participantes deslocavam-se à capela da Quinta de S. José, na zona ribeirinha acompanhados pela Banda dos Bombeiros.

⁴⁰ Os celestes de Santa Clara são um doce típico da cidade confeccionado com açúcar e ovos.

[da República], a bem mimada lenda mourisca, a fantasia do moinho⁴¹, o quadro vivo da tomada de Santarém, o animadíssimo bailado dos campinos, a originalidade dos cavadores, a alegria das mulheres da carqueja, aquele remexido e vistoso vira das vindimas e a apoteose final, a evocação da Exposição Feira de 1936 que terminou com vivas ao Chefe do Distrito.”⁴². A estreia decorreu a 9 de Julho de 1944 com repetições a 10 e 16 desse mês. Perante o sucesso obtido, a Casa do Ribatejo convidou o grupo cénico do Teatro Club Ribeirense para apresentar “Do mais Alto Miradouro” num teatro de Lisboa, durante o mês de Novembro. Esta garantia o patrocínio da deslocação para que se apresentasse na capital “... a riqueza e exuberância do nosso folclore, e muito especialmente os costumes e o pitoresco da velha Scalabis...”⁴³.

Apesar de os estatutos do Club Ribeirense permitirem apenas os jogos lícitos, os jogos de azar tinham um papel importante na colectividade e um peso na economia local, pois muitas famílias viam o seu dinheiro perder-se nas mesas de jogo. No final de 1931, o jornalista ribeirense Joaquim Correia⁴⁴ criticava o desinteresse da direcção do Club Ribeirense perante os jogos ilícitos que decorriam na colectividade e que arrastavam muitas famílias para a miséria.⁴⁵ O Club Ribeirense organizou um campeonato de bilhar entre os seus associados que decorreu de forma faseada em Maio de 1934, encontrando-se em disputa taças e outros prémios oferecidos por diversos mecenas da cidade oriundos do comércio, dos jornais e de outras colectividades.⁴⁶ Durante o mês de Abril de 1943, decorreu um campeonato de pingue-pongue entre os sócios do Club.⁴⁷ As actividades desportivas tinham presença esporádica na colectividade e apenas se alargavam aos associados.

⁴¹ Referência ao moinho de Fau que na altura se localizava nos arredores da cidade e que se encontrava inserido num conjunto de pequenas quintas.

⁴² Idem, 15/7/1944, p. 6.

⁴³ Idem, 12/8/1944, p. 6.

⁴⁴ Joaquim Augusto Correia nasceu na Ribeira de Santarém a 7 de Fevereiro de 1910 e foi praticante amador de atletismo e de boxe quer na sua terra natal quer em Lisboa. Cedo abraçou o jornalismo ao fundar, editar e dirigir *O Atleta, Quinzenário de Sport, Cinema e Teatro*, em 11 de Junho de 1933 do qual se editaram vinte e dois números até 3 de Março de 1934. Dois anos depois, dirigiu em Lisboa o seu jornal semanário de propaganda e crítica desportiva, *Futebol*. Em 1949, publicou em Santarém *Fernando Cardoso Jogador, Capitão e Treinador do Sport Grupo Scalabitano “Os Leões”* e Joaquim Augusto Correia apresenta *Fernando Cardoso*. No ano seguinte, fundou a *Revista d’Aquém e d’Além Mar (Mensário dos Portugueses de todo o Mundo)* e tornou-se um entusiasta do turismo e um apaixonado por África. Em 1955, coordenou a publicação dos *Almanaques de Angola e Moçambique* e passou a editar os *Guias Turísticos* dessas Províncias Ultramarinas.

⁴⁵ Cf. *Notícias do Ribatejo*, n.º 7, 22/11/1931, p. 3.

⁴⁶ O Sport Club Scalabitano “Os Leões” ofereceu a taça Alfredo Aguiar. Cf. *Correio da Extremadura*, 5/5/1934, p. 2.

⁴⁷ Cf. Idem, 24/4/1943, p. 2.

As relações com as outras colectividades da cidade eram próximas com principal destaque para as associações ribeirinhas como o Club Atlético Ribeirense, a Associação Sport Socorros Ribeirenses, o Club de Futebol “Os Ribeirenses” e o Sporting Club Ribeirense. Para além de apoiar logisticamente os concertos da Banda dos Bombeiros na Ribeira, o Club Ribeirense também contratou o *jazz* dos Bombeiros Voluntários para animar alguns dos seus bailes. A colectividade apoiou outras associações oferecendo a receita obtida em récitas extraordinárias como sucedeu a 23 de Julho de 1927, quando apoiou o Grupo Dramático Ferroviário.⁴⁸ Também acolheu os componentes da Marcha da Ribeira num animado convívio na sede da colectividade após os sucessos obtidos na Exposição Feira de 1936.⁴⁹ Juntamente com outras colectividades, o Club Ribeirense aderiu ao projecto de movimento cultural dinamizado por Manuel Ginestal Machado e que conduziu à fundação do Grupo de Coordenação Cultural (1944-47).

O Teatro Club Ribeirense entrou na década de 60 com as suas instalações renovadas e modernizadas. Apesar da festa que contou com a actuação de António Calvário e Gina Maria e dos ilustres convidados presentes como o governador civil Lino Dias Valente, Artur Proença Duarte, Manuel Ginestal Machado, Virgílio Arruda e Leonardo Ribeiro de Almeida (1924-2006), a colectividade obteve os seus últimos balões de oxigénio que a conduziram à decadência que se arrasta até à actualidade.⁵⁰

⁴⁸ Cf. Idem, 23/7/1927, p. 2.

⁴⁹ Cf. Idem, 25/7/1936, p. 3.

⁵⁰ Sobre a inauguração da sede remodelada do Teatro Club Ribeirense cf. *Jornal do Ribatejo*, 23/2/1961, pp. 1, 8.

1.4 - Círculo de Cultura Musical, Delegação de Santarém

O Círculo de Cultura Musical foi fundado pela pianista Elisa Baptista de Sousa Pedroso (1876-1958), na cidade de Lisboa, em 1934, com o objectivo de “...intensificar a cultura musical portuguesa por meio do maior número de serões musicais, conferências ou quaisquer outras festas de Arte, nas quais tomarão parte, designadamente, os maiores valores artísticos estrangeiros da actualidade, menos conhecidos em Portugal, e, sempre que as circunstâncias o indiquem, os artistas nacionais que forem considerados de reconhecido mérito.”¹. A sua primeira delegação surgiu no Porto, cidade natal de Elisa Pedroso, em 1937, seguida de delegações em Coimbra e Braga (1944), Viana do Castelo e Funchal (1945), Aveiro, Guimarães e Viseu (1946), Macau (1952), Goa (1954), Setúbal (1963), Ponta Delgada (1966) e Évora.² Se o Círculo beneficiou em parte da compreensão e apoio de Salazar, com quem Elisa Pedroso se correspondia cordialmente, dos subsídios do S.P.N./S.N.I., da presença frequente da Orquestra da Emissora Nacional nos concertos, da transmissão de concertos pela rádio e da cedência do teatro S. Carlos, também se soube impor ao regime político quando atribuiu prémios a Fernando Lopes Graça pela composição para concerto e piano (1940), pela obra “História Trágico Marítima” (1942) e pela composição de sinfonia para orquestra (1943). A violoncelista Guilhermina Suggia, sócia honorária do Círculo juntamente com José Viana da Mota, apresentou-se num concerto com a Orquestra Sinfónica Nacional dirigida pelo maestro Malcom Sargent, no teatro de S. Carlos, a 25 de Janeiro de 1943, que se tornou memorável nos anais da música clássica.³

Provavelmente, a elite de Santarém que se interessava por música teve acesso aos concertos realizados em Lisboa por orquestras ou solistas estrangeiros e portugueses que passaram a actuar a partir de 1940 no teatro de S. Carlos. A presença das famílias Ginestal, Arruda, Barros e Mattos, Pedroso da Costa, Nobre, Borges, Proença Duarte ou

¹ *Estatutos do Círculo de Cultura Musical do Porto*, Porto, [s.n.], 1940, Cap. I, Art. 2.º.

² O Círculo também teve delegações em Luanda, Benguela, Lobito, Sá da Bandeira, Nova Lisboa, Lourenço Marques, Ilha de Moçambique, Moçâmedes e S. Tomé. Cf. Ana Cristina de Oliveira Almeida, *Memórias no Feminino: O Círculo de Cultura Musical no Porto (1937-2007)*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Tese de Mestrado (texto policopiado), 2008, p. 1, n. 3.

³ Cf. *Diário de Notícias*, 26/1/1943.

Zarco da Câmara, assim como de Eduardo Figueiredo, Eurico Ferreira, Joaquim Cunha e Matta, Maria de Lourdes Hintze Ribeiro, Georgina Perdigão, não seria de estranhar, uma vez que possuíam poder económico, estatuto social e paixão musical para se deslocarem a Lisboa. Também não seria de estranhar que alguns dos citados tivessem acesso aos frequentados “serões musicais” que Elisa Pedroso promovia na sua residência por onde passaram centenas de músicos estrangeiros e portugueses.

Perante a obra cultural desenvolvida e motivado pelo ressurgimento do Orfeão Scalabitano, no início de 1945, Manuel Ginestal Machado pretendeu que a colectividade fosse nomeada como delegado do Círculo de Cultura Musical em Santarém. Nesse âmbito, a presidente e o secretário do Círculo, Elisa de Sousa Pedroso e Constantino Varela Cid, visitaram Santarém a 5 de Março de 1945 onde, após serem recebidos pelo presidente da Câmara, António Bastos, e pelo Governador Civil, major Valente de Carvalho, assistiram no teatro Rosa Damasceno a um concerto radiofónico do Orfeão para a Emissora Nacional. Durante a visita foram obsequiados com um jantar no Hotel Abidis organizado pelas “senhoras da cidade”⁴ e presidido por António Bastos e Manuel Ginestal Machado.⁵ Por motivos desconhecidos, o Orfeão não conseguiu tornar-se delegado do Círculo, ficando o projecto temporariamente adiado.

Em Janeiro de 1948, encontrava-se em marcha o projecto de criação de uma Delegação do Círculo de Cultura Musical com o objectivo de trazer a Santarém os concertos de “...celebridades artísticas, nacionais e estrangeiras ...”⁶ e considerando que poucas eram as capitais de distrito que não possuíam essa delegação. Um grupo de “escalabitanos votados ao progresso da sua terra” e “devotos amadores de música” renovaram as diligências anteriormente feitas e iniciaram os trabalhos para a constituição da delegação, “... cuja formação implica o mínimo de algumas centenas de inscrições”⁷. O projecto desenvolvido por Joaquim Barros e Mattos (1883-1954), Georgina Perdigão, Joaquim Matta, Manuel Soares de Bastos e Salvador Supardo começou por obter bom acolhimento entre as classes mais favorecidas de Santarém, Alpiarça, Almeirim e Cartaxo, porque “... mediante a quotização anual de duas escassas

⁴ Entre as organizadoras do jantar encontravam-se: Maria da Paz Brito Ginestal Machado, Georgina Perdigão, Gertrudes Arruda, Emília Proença Duarte, Maria Soares Bastos, Ana Schiappa, Albertina de Oliveira, Irene Baptista, Maria Cecília Fino de Abreu, Maria Emília Maia de Campos, Maria Ester Zarco da Câmara, Maria da Glória Vinagre, Maria da Graça Serra Pedroso, Mariana Salema Supardo, Olímpia Dória, Susana Maria Azevedo Alcobia Ferreira e Margarida Schiapa (1921-).

⁵ Sobre a visita de Elisa de Sousa Pedrosa a Santarém cf. *Vida Ribatejana*, 18/2/1945 e *Correio do Ribatejo*, 10/3/1945, pp. 1-2.

⁶ *Correio do Ribatejo*, 10/1/1948, p. 8.

⁷ Idem.

centenas de escudos – se não menos! – poderemos ter ensejo de ouvir nesta cidade e, portanto, sem dispendiosas deslocações à capital, concertos musicais com a participação das melhores orquestras, dos mais afamados regentes, dos mais célebres concertistas nacionais e estrangeiros, de quantos, vindos a Portugal, se fazem apreciar nos meios cultos de todo o país (...) Santarém e a sua região não podem nem devem desinteressar-se deste movimento cultural...”⁸. Salvador Supardo numa carta dirigida ao director do jornal *Correio do Ribatejo*, Virgílio Arruda, referiu que os elementos que integravam a comissão organizadora da Delegação estavam “... dispostos a trabalhar com o maior entusiasmo e ardor e para isso, contam com todos os amadores da nossa cidade e das terras amigas e vizinhas como Almeirim, Cartaxo, Alpiarça, Golegã e Chamusca onde existem muitos interessados nesta organização, pois ali há já um grande número de sócios do Círculo de Lisboa e que amanhã, organizado este em Santarém, aqui viriam assistir aos concertos com a maior facilidade e com muito menos dispêndio. Que bom seria ver o Rosa Damasceno completamente cheio de sócios e constatar que, mercê do número, as assinaturas seriam pagas a um preço que estaria ao alcance de todos, podendo ter uma série de concertos anuais com os melhores artistas do mundo?”⁹. Em Maio, o número de sócios inscritos incluía os principais advogados, proprietários, professores de Liceu, engenheiros, militares, médicos, padres e políticos da cidade.¹⁰ Todos aqueles que se inscreveram até Maio foram considerados sócios fundadores da Delegação quando pagaram a primeira prestação no mês de Junho o que lhes permitiu obter direito de voto na primeira reunião da assembleia-geral. Os preços variavam conforme os lugares que os sócios pretendiam ocupar alternando entre os 180\$00 (camarotes, plateia filas C-L, I balcão filas A-C), 150\$00 (plateia filas M-K, I balcão filas D-K), 120\$00 (plateia filas R-Z, I balcão filas L-P) e 80\$00 (II balcão). Os bilhetes ficavam totalmente reservados aos sócios do Círculo pelo que não existia venda avulsa de ingressos para os espectáculos programados. Durante o período de inscrição que decorreu na Comissão de Turismo de Santarém, o Círculo de Cultura Musical proporcionou a vinda à cidade da violinista francesa Ginette Neveu acompanhada pelo seu irmão, o pianista Jean Neveu, num gesto de apreço pela nova Delegação que surgia. O concerto realizou-se no dia 25 de Maio, no teatro Rosa Damasceno, perante numeroso público que escutou peças de Bach, Tartini-Kreisler, Beethoven, Paganini,

⁸ Idem.

⁹ Idem, 17/1/1948, p. 8.

¹⁰ A lista dos sócios que se inscreveram em 1948 encontra-se publicada no *Correio do Ribatejo*, 8/5/1948, p. 1; 15/5/1948, p. 8; 22/5/1948, p. 1; 29/5/1948, p. 3; 5/6/1948, p. 8; 3/7/1948, pp. 1, 2; 24/7/1948, pp. 1, 8.

Szymanowsky e Ravel. Os Neveu, que anteriormente haviam actuado no teatro de S. Carlos, foram recebidos na casa do capitão Barros e Mattos, presidente da Comissão de Turismo e dinamizador da Delegação do Círculo, que lhes ofereceu uma ceia de despedida perante numerosos convidados.¹¹

A primeira assembleia-geral reuniu-se a 15 de Julho de 1948, no salão da Caixa de Crédito Agrícola, com o objectivo de eleger os corpos gerentes e analisar as contas da Delegação apresentadas pelo presidente da comissão organizadora, capitão Joaquim Barros e Mattos. Este agradeceu o apoio logístico do Club de Santarém que cedeu o teatro Rosa Damasceno para os concertos, do Orfeão Scalabitano que emprestou o seu piano de concerto, do jornal *Correio do Ribatejo* que publicitou o projecto e do advogado Eduardo Figueiredo que elaborou graciosamente os estatutos da Delegação, para além das entidades políticas locais (Governo Civil, Junta de Província e Câmara Municipal). Os novos corpos gerentes integravam na direcção o capitão Barros e Mattos, João da Cunha Baptista, Salvador Supardo, Francisco Costa Reis e Ramiro Fernão Pires, enquanto a presidência e vice-presidência da assembleia-geral pertenciam a António Carlos Borges e António Maria Galhordas (1893-1953) respectivamente, enquanto D. José Zarco da Câmara (.1964) e Joaquim da Cunha Matta secretariavam. O conselho fiscal ficava a cargo de Artur Proença Duarte, Francisco Cordeiro e Georgina Perdigão.¹²

A inauguração da temporada de 1948-1949 deu-se com o concerto da Orquestra Sinfónica Nacional dirigida pelo maestro, compositor e pianista russo Issay Dobrowen, a 13 de Novembro, no teatro Rosa Damasceno. A Orquestra Sinfónica, composta por oitenta executantes, apresentou-se pela primeira vez em Santarém que a conhecia da audição dos concertos da Emissora Nacional. O maestro Dobrowen que já se deslocara a Portugal em 1938, actuava pela primeira vez em Santarém, após o sucesso vivido no teatro de S. Carlos. A apresentação dos artistas ficou a cargo do presidente da assembleia-geral da Delegação, António Carlos Borges, e do secretário-geral da direcção do Círculo, Constantino Varela Cid. No programa constavam o “Concerto Grosso em ré menor”, de Haendel; “Danças Guerreiras do *Príncipe Igor*”, de Borodine; e a “Sinfonia n.º 5”, de Tschaikovsky.¹³ O segundo concerto decorreu a 18 de Dezembro, com a apresentação da pianista Nella Básola Maissa que interpretou

¹¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 22/5/1948, pp. 1, 2; 29/5/1948, p. 8.

¹² Cf. Idem, 24/7/1948, pp. 1, 8.

¹³ Cf. Idem, 13/11/1948, p. 8; 20/11/1948, p. 8.

“Baladas”, de Chopin; “Partita em si bemol”, de Bach; “Sonata opus 57”, de Beethoven; “Ondine”, de Ravel; “Dança da *Vida Breve*”, de Falla; e “El Albaicin”, de Albeniz. O maestro do Orfeão Scalabitano, Joel Canhão (1928-2010), publicou na imprensa regional uma crítica ao concerto, onde analisou cada peça executada quer no perfeccionismo quer nos aspectos menos conseguidos, concluindo que a pianista “... sabe dar a cada compositor o devido lugar e achar o ambiente necessário à interpretação das grandes obras.”¹⁴. A 19 de Janeiro de 1949, o violoncelista francês Pierre Fournier acompanhado pelo pianista inglês Ernest Lush executou em concerto obras de Varacini, Beethoven, Weber, Chopin, Joaquim Nin, Paganini, Debussy, Albeniz e Korsakoff. O violoncelista e professor do Conservatório de Paris revelou “o seu estilo inconfundível, a segurança dos ataques, a sonoridade aveludada, a sua extraordinária mão esquerda...”¹⁵. O quarto concerto da temporada realizou-se a 9 de Fevereiro de 1949 com o violinista polaco Henryk Szering acompanhado pelo pianista espanhol Enrique Aroca. O violinista tocou temas de Paganini, Tartini, Schumann, Milhaud, Villa-Lobos, Manuel de Falla e Szymanowsky, confirmando o sucesso obtido no teatro de S. Carlos.¹⁶ A 19 de Março de 1949, a Delegação do Círculo apresentou o Grupo Coral “Poliphonia” de Lisboa, dirigido pelo musicólogo Mário Sampaio Ribeiro. O Grupo foi fundado em 1942 “... para fazer a revelação e propaganda das obras dos grandes mestres portugueses de outrora...”¹⁷ e era composto por quarenta elementos (vinte e uma mulheres e dezanove homens). Em Santarém, o “Poliphonia” executou temas de Bach, D. Pedro de Cristo, Archadolt, Lucas Marenzio, Duarte Lobo, Lopes Morago, Francisco António de Almeida e Joaquim Casimiro Júnior e “oito cantares do povo, trabalhados para vozes”¹⁸. Apesar de o Grupo Coral se encontrar “... bastante desfalcado, a execução foi apreciadíssima no que se refere a solistas e ao coro, revelando este um equilíbrio e uma afinação excepcionais, que justificaram bem os prolongados aplausos da assistência.”¹⁹. A 3 de Abril de 1949, a Delegação do Círculo em parceria com o Club de Santarém apresentou a Orquestra Sinfónica do Porto dirigida pelo maestro italiano Pierino Gamba, jovem prodígio de onze anos. A sua presença marcou a vida cultural da cidade que “... viveu horas de alvoroço, entusiasmo (...) pois aqui afluíram centenas de pessoas das vilas e cidades próximas, enchendo-se o teatro

¹⁴ Idem, 24/12/1948, p. 23.

¹⁵ Idem, 22/1/1949, p. 2.

¹⁶ Idem, 5/2/1949, p. 2; 12/2/1949, p. 2.

¹⁷ Idem, 19/3/1949, p. 1.

¹⁸ Idem, 19/3/1949, p. 2.

¹⁹ Idem, 26/3/1949, p. 2.

[Rosa Damasceno] com a mais selecta assistência.”²⁰. Na realidade, os elevados preços seleccionaram os que tiveram oportunidade de assistir ao concerto. Na rubrica “O que se diz...” do jornal *Correio do Ribatejo* pode ler-se “... que o fenomenal Pierino está fazendo o desespero de quantos musicólogos não sabem o que hão-de fazer à sua vida – com os bilhetes pela hora da morte...”²¹. O sucesso do concerto onde se ouviu a “Terceira Sinfonia”, de Beethoven, “Sinfonia Incompleta”, de Schubert e a abertura de “A Flauta Mágica”, de Mozart, levou a que “... à saída do teatro a multidão aclamou novamente o jovem maestro levando-o aos ombros e acompanhando o automóvel em que este retirou, com seus pais, para Lisboa.”²². O último concerto da temporada realizou-se a 10 de Maio de 1949 e contou com a presença do pianista alemão Walter Giesecking que actuou nessa semana no teatro S. Carlos.

A assembleia-geral da Delegação reuniu-se a 19 de Julho de 1949, no salão da Caixa de Crédito Agrícola, para analisar as contas e o relatório das actividades desenvolvidas ao longo da temporada. As despesas da Delegação foram de 83 858\$30, enquanto as receitas orçaram 97 450\$15, sendo o saldo positivo de 13 591\$85.²³ Entretanto, a renovação das inscrições de sócios ou novos pedidos para a temporada 1949-1950 podiam ser feitos no Turismo durante os meses de Verão. O programa para a nova temporada de concertos prometia ser ambicioso até porque “...o Círculo de Cultura Musical e o Orfeão Scalabitano parecem apostados em mostrar qual deles faz este ano maior cultura...”²⁴ e “... a cidade está convertida numa academia de amadores de música! Concertos e mais concertos, – é a harmonia que se vê...”²⁵.

A temporada de 1949-1950 iniciou-se a 14 de Novembro com a apresentação da Grande Orquestra Sinfónica de Florença composta por noventa e quatro executantes e dirigida pelo maestro russo Igor Markéwitsch. A Orquestra que foi fundada em 1928 sob a direcção do maestro Victorio Gui, apresentou em Santarém a “Sinfonia Heróica”, de Beethoven, a abertura da “Força do Destino”, de Verdi, a suite “Pizanella”, de Pizzetti, e o “Sombrero de Três Bicos”, de Manuel de Falla.²⁶ O segundo concerto realizou-se no âmbito do primeiro centenário do nascimento de Chopin com a exibição do pianista

²⁰ Idem, 9/4/1949, p. 8.

²¹ Idem, 2/4/1949, p. 8.

²² Idem, 9/4/1949, p. 8.

²³ Cf. Idem, 25/6/1949, p. 1

²⁴ Idem, 22/10/1949, p. 8.

²⁵ Idem, 2/4/1949, p. 8.

²⁶ Cf. Idem, 29/10/1949, p. 8; 12/11/1949, p. 8.

polaco Marian Filar, a 12 de Dezembro de 1949. O discípulo de Walter Gieseking repetiu em Santarém o concerto que deu no teatro de S. Carlos a 2 de Dezembro tendo obtido o mesmo sucesso.²⁷ A 13 de Fevereiro de 1950, a Delegação do Círculo apresentou o Quinteto Instrumental de Paris composto pelos professores do Conservatório da capital francesa e solistas de diversas orquestras: o harpista Pierre Jamet, o flautista Gaston Crunelle, o violinista René Blas, o violetista Georges Blanpain e o violoncelista Robert Krabansky. O Quinteto que fez sucesso em Lisboa, pretendia dar a conhecer obras pouco tocadas que abrangiam compositores clássicos como Mozart ou modernistas como Vincent d'Indy e Gabriel Pierné.²⁸ O quarto concerto da temporada realizou-se a 4 de Março de 1950, com a presença da Companhia de Ópera Cómica de Milão acompanhada pela Orquestra de Câmara da Emissora Nacional dirigida pelo maestro Federico de Sanctis. Os sócios do Círculo assistiram às óperas “O Irmão Enamorado”, de Pergolesi e “Uma Italiana em Londres”, de Cimarosa, anteriormente apresentadas no teatro de S. Carlos, aplaudindo os cantores Juan Oucina, Guido Pasella, Grethe Rapisardi e Vittoria Mastropsolo.²⁹ Os Instrumentistas de Câmara da Emissora Nacional deram o último concerto da temporada no teatro Rosa Damasceno, a 2 de Junho de 1950. Os dezassete músicos dirigidos por Maxim Jacobsen executaram peças de Vivaldi, Mozart, Handel, Manuel de Falla, Chausson e Braga Santos.³⁰

Apesar do sucesso obtido ao longo da temporada de concertos, adivinhava-se a crise perante a dificuldade em recrutar sócios que garantissem o cumprimento da programação e das directrizes estabelecidas pelo Círculo da Cultura Musical, em Lisboa. A direcção do Orfeão Scalabitano foi informada das “... dificuldades em continuar a existir a Delegação do Círculo [Cultura Musical]. Foi aprovada a proposta do Sr. Vice-Presidente [Manuel Ginestal Machado] para que o Orfeão faça as diligências necessárias, junto da Direcção da Delegação e dos sócios desta, a que o Orfeão, caso não haja outra possibilidade fique encarregado de reorganizar a referida Delegação, a qual ficaria dentro desta colectividade, mas com a necessária autonomia, desde que tal não traga encargos ao Orfeão. Esta Direcção entende que interessa para a Cultura e Arte a existência da Delegação do Círculo, e que se devem congregar dentro

²⁷ Cf. Idem, 3/12/1949, p. 1; 17/12/1949, p. 8.

²⁸ Cf. Idem, 11/2/1950, pp. 1-2; 18/2/1950, p. 8.

²⁹ Cf. Idem, 4/3/1950, p. 8.

³⁰ Cf. Idem, 3/6/1950, p. 2.

do Orfeão todas as actividades artísticas e culturais desta cidade.”³¹. A temporada de concertos de 1950-1951 encontrava-se comprometida.

Virgílio Arruda, num artigo escrito em Setembro de 1950, garantia que “... o Círculo de Cultura Musical não podia nem deve abdicar da sua acção nesta cidade”³². Segundo o jornalista “... desbravado o caminho, aplanadas as dificuldades que obstavam à acção desta salutar campanha, a Delegação orientou os seus esforços no melhor sentido, agindo com critério e contentando as mais exigentes na selecção de programas, executando-se um plano que mereceu veementes aplausos. Não há, por consequência, a justificar qualquer falta de interesse por parte dos sócios que, estamos em crer, não deixarão de acudir ao apelo que vai ser feito para a habitual inscrição, agora que o ano vai adiantado e urge trabalhar para a organização da próxima temporada.”³³. E concluiu que “... imperdoável seria na verdade, deixar sucumbir tão belo empreendimento, que cidades e vilas menos prósperas e abastadas alimentam com carinho e uma dedicação exemplares.”³⁴. Em consequência do artigo de Arruda, o número de sócios aumentou, a direcção da Delegação decidiu manter-se por mais uma temporada e apareceu publicado na imprensa um programa provisório. Este incluía concertos da Orquestra Inglesa Halle dirigida pelo maestro John Barbirolli, a Orquestra de Câmara de Estugarda dirigida por Karl Munchiger, o maestro Chauncey Kelley a dirigir a Orquestra Sinfónica Nacional, concertos com o violoncelista francês Maurice Gendron, o pianista francês Jean Français, o violinista Zino Francescatti e o pianista Earl Wild.³⁵ Se o número de sócios aumentou, por que motivo não se publicava os seus nomes como se fez nos anos anteriores? Em Outubro de 1950, a direcção da Delegação admitiu que o número de sócios inscritos era insuficiente pelo que decidiu, com a concordância de Lisboa, instituir a inscrição livre por concerto, permitindo o acesso a mais pessoas e a custos mais baixos. Os concertos apenas se realizavam se o número de inscrições o justificasse. A Orquestra Sinfónica de Praga, dirigida pelo maestro Clemens Krauss, agendada para Dezembro, acabou por não actuar por falta de inscrições.³⁶ Na cidade comentava-se “... que têm sido rezadas bastantes missas por alma do Círculo de Cultura Musical não faltando preces para que o defunto ressuscite...”³⁷ ou “... que

³¹ *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, Acta n.º 13, 1/8/1950.

³² Virgílio Arruda, “O Círculo de Cultura Musical” in *Correio do Ribatejo*, 2/9/1950, p. 8.

³³ Idem.

³⁴ Idem.

³⁵ Cf. Idem, 16/9/1950, p. 1.

³⁶ Cf. Idem, 21/10/1950, p. 8

³⁷ Idem, 25/11/1950, p.8.

depois do Círculo de Cultura Musical vamos conhecer o Círculo de Iniciação Coreográfica. Já lá dizia a formiga da fábula: — Cantaste? Pois dança agora...”³⁸.

Em Setembro de 1951, o advogado Leonardo Ribeiro de Almeida escreveu o artigo “Círculo Fechado” onde lamentava que “... a Delegação do Círculo de Cultura Musical, em boa hora criada na nossa terra, ao cabo de dois anos de acção, viu-se forçada a não continuar, pois foi tão pequeno o número de associados inscritos, que não dava à direcção aquele mínimo de garantias preciso para manter sem perigo as magníficas realizações dos dois primeiros anos.”³⁹. Como que pressentindo o fim de um ciclo musical, questionava “Será que Santarém e a região renunciaram voluntariamente a uma organização que lhe deu durante dois anos um total de onze concertos, apresentando sempre figuras do maior relevo mundial?”⁴⁰. O advogado apelava a Santarém para que não negasse “... na altura própria, o melhor da sua compreensão a uma iniciativa que se não é das que movimentam mais público, não deixam por isso de ser das que mais podem impor uma cidade.”⁴¹. Este último apelo acabou por não mobilizar a cidade, que deixou cair no vazio a Delegação já moribunda. A assembleia-geral reuniu-se pela última vez a 12 de Junho de 1951, com o objectivo de eleger novos corpos gerentes o que não veio a suceder perante a extinção da Delegação em Santarém.

Após dois anos de sucessos, o que levou à decadência do projecto e à sua consequente extinção? A Delegação do Círculo nunca teve sede própria sendo as suas reuniões em espaços cedidos pela Caixa de Crédito Agrícola ou a Comissão de Turismo. A sua documentação perdeu-se com a sua extinção e o passar dos anos. Assim, para escrever sobre este projecto as fontes disponíveis encontram-se no único jornal publicado em Santarém nesse período, o *Correio do Ribatejo*, e nas actas do Orfeão Scalabitano. Apesar do esforço inicial de Manuel Ginestal Machado, o projecto de instalar uma Delegação do Círculo só vingou à segunda tentativa e por dois breves anos. Porquê? Possivelmente, devido ao elitismo do mesmo. Sabemos que no Círculo de Cultura Musical criado por Elisa Pedroso “os concertos constituíam um espaço alternativo e o seu público formava uma elite musical. Este espaço alternativo era definido por uma série de factores que condicionavam o acesso a esta realidade. Apesar de, à partida, todas as pessoas se poderem inscrever como sócias do Círculo, este

³⁸ Idem, 1/12/1950, p. 8.

³⁹ Leonardo Ribeiro de Almeida, “Círculo Fechado” in *Correio do Ribatejo*, 15/9/1951, p. 1.

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem, p. 8.

número era limitado aos lugares da sala onde tinham lugar os concertos, ao valor da quota, ao enquadramento dos sócios nos objectivos da sociedade, ao seu respeito pelas normas fixadas pela direcção, à sua admissão por parte dos dirigentes e à obrigatoriedade do uso de traje de cerimónia nos concertos realizados no Teatro Nacional de S. Carlos. A sacralização, ritualização e solenidade dos espectáculos tornava-os inacessíveis à generalidade das pessoas e cada vez mais circunscritos a um número restrito de pessoas, o que reforçava um sentimento de distinção e distanciamento em relação aos assistentes dos concertos públicos.”⁴². Ainda que haja referência a “... numerosas inscrições de pessoas de todas as condições sociais, empenhadas em participar e aproveitar os benefícios de tão admirável empreendimento, que nos vai proporcionar mediante uma reduzida quota, momentos do mais vivo prazer espiritual...”⁴³, a verdade é que entre o número de sócios encontravam-se as classes mais privilegiadas, o que justifica a afirmação de Leonardo Ribeiro de Almeida quando indicava que a Delegação “... não é das que movimentam mais público...”⁴⁴. Em 1949, a Delegação tinha quatrocentos e oitenta e dois sócios e no ano seguinte o número reduziu-se passando para trezentos e noventa e cinco, sendo que a maioria residia em Santarém.⁴⁵ A partir das listas de sócios publicadas pelo *Correio do Ribatejo* verifica-se que o número dos que possuíam um curso superior é de noventa e quatro, predominando os médicos, os advogados e os professores, enquanto os militares inscritos de patente entre aspirante e coronel são vinte e três, os padres treze e os proprietários vinte e cinco. Também eram sócios da Delegação do Círculo o presidente da Câmara, o governador civil, dois deputados à Assembleia Nacional e quatro vereadores. O número de comerciantes, funcionários públicos e empregados de escritório ou bancários era insignificante e referia-se a indivíduos economicamente abastados. O sonho expresso por Salvador Supardo de que o preço das assinaturas estivesse ao alcance de todos⁴⁶ não passava de uma utopia, uma vez que os mais desfavorecidos ou mesmo os remediados nunca puderam assistir aos concertos. A própria “geral” do teatro Rosa Damasceno, habitualmente frequentada pelas classes sociais de mais fracos recursos, “... nunca teve uma frequência tão selecta como a que vai ter amanhã [concerto dirigido pelo maestro

⁴² Ana Cristina de Oliveira Almeida, *op. cit.*, p. 100.

⁴³ *Correio do Ribatejo*, 22/5/1948, p. 1.

⁴⁴ *Idem*, 15/9/1951, p. 8.

⁴⁵ A Delegação, entre 1948 e 1950, teve 28 sócios do concelho do Cartaxo, 25 de Alpiarça, 15 de Almeirim, 11 das Caldas da Rainha, 8 de Coruche, 3 da Chamusca, 2 da Golegã, 1 de Rio Maior e 1 do Entroncamento. Cf. Anexo IV - “Círculo de Cultura Musical, Delegação de Santarém. Lista de Sócios (1948-1950)”.

⁴⁶ Cf. *Correio do Ribatejo*, 17/1/1948, p. 8.

Pierino Gamba]...”⁴⁷. Santarém vivia um intenso movimento cultural, em especial, graças à actividade mobilizadora do Orfeão Scalabitano de acesso a todos independentemente do seu estatuto social e/ou económico. O facto de o Círculo de Cultura Musical estimular “... a criação e manutenção [da] elite social e musical...”⁴⁸ foi outro factor determinante para o declínio da Delegação. Passado o entusiasmo do primeiro ano e a manutenção do mesmo modelo de concertos no segundo ano, levou ao afastamento dos sócios com mais capacidade económica e estatuto social, aos quais interessava mais deslocarem-se aos espectáculos do teatro de S. Carlos onde poderiam estabelecer contactos com as elites lisboetas. Os dirigentes mais visionários da cidade como Ginestal Machado optaram por investir em projectos que permitissem que a cultura fosse de acesso a todos, daí que passada a novidade, nada poderia salvar o projecto da Delegação de Santarém do Círculo de Cultura Musical.

⁴⁷ Idem, 2/4/1949, p. 8.

⁴⁸ Ana Cristina de Oliveira Almeida, *op. cit.*, p. 100.

2 – “Todos Têm Direito à Cultura”

2.1 - Banda dos Bombeiros

A Banda dos Bombeiros de Santarém foi a herdeira de outros agrupamentos escalabitanos ligados à Real Associação dos Bombeiros Voluntários (1871-1908) que desenvolveram projectos musicais como a Fanfarra dos Bombeiros Voluntários (1882-) e a Charanga dos Bombeiros (1889-1892). Muitos dos músicos tocaram na famosa orquestra da Academia Bellini (1878-1884?), fundada por Paulo Freire Gameiro e constituída por quarenta elementos. Na década de 80 do século XIX, os serões escalabitanos também eram abrilhantados pela Banda do Montepio Filarmónico 1.º de Dezembro (1880-), rival da Banda 18 de Maio, e pelas Charangas Regimentais dos Corpos de Artilharia e Cavalaria de Santarém, extintas em 1892.¹ Dois anos depois, a Banda Ribeirense fez a sua primeira apresentação pública sob a batuta de Filipe José Stoffel.²

A Charanga dos Bombeiros era composta por vinte elementos e a regência estava a cargo de Tomás Jorge. A sua estreia decorreu no dia de Corpo de Deus de 1889 quando acompanhou a procissão e à noite tocou no Passeio da Rainha, antepassado do Jardim da República.³ Em 1893, Tomás Jorge obteve um contrato para dirigir uma banda de indígenas em S. Tomé, sendo substituído na Charanga pelo mestre de clarins de Artilharia 3, José Dorcas. A partir desse ano a Charanga passou a chamar-se Banda dos Bombeiros. No ano seguinte recebeu um regulamento próprio, convertendo-se na secção de música da Real Associação dos Bombeiros Voluntários. Entre 1894 e 1895, a Banda manteve uma intensa actividade na cidade onde tocava em bailes e em eventos comemorativos como o Ano Novo e as Festas de Nossa Senhora da Saúde. Em Agosto

¹ Cf. Regina M. Ferreira Gomes, *As Bandas Filarmónicas como Expressão e Veículo Culturais*, [Lisboa], [exemplar dactilografado], [1985], pp. 73-74.

² A Banda Ribeirense encontrava-se integrada na Sociedade Recreativa Musical e foi fundada por José Afra Ferreira. A sua primeira apresentação pública decorreu a 6 de Maio de 1894, sob a regência de Filipe José Stoffel, junto à Câmara e à sede da Banda dos Bombeiros. No ano seguinte, deslocou-se com sucesso a Lisboa onde acompanhou a comunidade do Seminário Patriarcal. Até ao início do século XX, participou em diversas festas, concertos e outras actividades como o “Enterro do Bacalhau”, especialmente promovidas na Ribeira de Santarém. Cf. *Correio da Extremadura*, 17/6/1944, p. 6; 4/10/1947, p. 8; *O Cabaceiro*, 20/7/1932, p. 2.

³ Cf. *O Santareno*, 13/4/1889, p. 2.

de 1894, a Banda deslocou-se a Coruche para actuar nas festas de Nossa Senhora do Castelo e no ano seguinte exibiu-se nas Festas Centenárias de Santo António, em Lisboa. O regente José Dores saiu de Santarém em 1895 e a Banda passou a ser dirigida durante escassos meses pelo músico reformado da Guarda Municipal de Lisboa, Luís Ferreira. Ainda em 1895, o regente da Banda Ribeirense, Filipe José Stoffel, sugeriu que a Banda dos Bombeiros fosse regida pelo seu sobrinho, Augusto de Moura Stoffel, professor de música no Seminário de Bragança e que entretanto se mudara para Santarém.⁴ Este último passou a dirigir a Banda a partir de 1896 contando entre os executantes com os seus três filhos, Luís Augusto, Amadeu e Humberto. A Banda manteve os seus habituais concertos no Passeio da Rainha, na romaria às Ómnias e nas Festas da Senhora da Saúde, intercalados com compromissos pontuais como a actuação numa missa realizada na igreja de Salvador, em 1897. A Banda atravessou um período de decadência a partir da morte do regente Augusto Stoffel, a 19 de Novembro de 1899. No entanto, a 29 de Setembro de 1901, a Banda deslocou-se a Cascais onde tocou na esplanada de D. Luís Filipe perante a família real a quem prestou homenagem.⁵ A instalação do Batalhão de Caçadores em Santarém com a sua Banda que passou a exhibir-se aos domingos e quintas-feiras aumentou a falta de apoios à sua congénere dos Bombeiros.

A 23 de Março de 1908, foi nomeada uma comissão composta por Júlio Francisco José de Sousa, Augusto César de Abreu e Oliveira e Isidro Barbosa Caldas para reorganizar a Sociedade de Bombeiros Voluntários devido à extinção da Real Associação dos Bombeiros Voluntários. Os estatutos da Sociedade previam “...conceder a qualquer filarmónica desta cidade o título de “Banda da Sociedade dos Bombeiros Voluntários de Santarém” e o uso das respectivas insígnias, ficando sujeita neste caso a referida filarmónica às obrigações consignadas no respectivo regulamento da Sociedade.”⁶ Caso não o fizesse, era-lhe retirada a concessão após a deliberação da assembleia-geral. No ano seguinte, a Banda ainda actuou nos bailes de Natal e Ano Novo no teatro Rosa Damasceno em conjunto com a Banda dos Caçadores.⁷ No Carnaval de 1910, como a Banda dos Bombeiros Voluntários se encontrava extinta, foi

⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 17/11/1945, p. 1.

⁵ Cf. *Idem*, 6/10/1951, p. 4.

⁶ *Estatutos da Sociedade de Bombeiros Voluntários de Santarém*, Santarém, Typographia Progresso, 1909, artigo 3.º, p. 6.

⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 1/1/1910, p. 3.

um conjunto dos seus antigos músicos que abrilhantou os bailes de forma a obter fundos que permitissem a sua reorganização.⁸

A Banda ressurgiu em 1923 após a sua agregação à Companhia dos Bombeiros Municipais com a autorização da Câmara Municipal de Santarém. Esta ensaiava numa casa situada junto à Igreja da Graça cedida por Joaquim Matta, era regida pelo professor Nicolau Júnior e contava com novos músicos como o futuro compositor e maestro Joaquim Luís Gomes.⁹ A estreia decorreu durante uma tourada realizada no início de Julho de 1923. No mês seguinte, perdeu o seu regente que apenas regressou à sua direcção em 1925.¹⁰ Durante esse ano, a Banda manteve um papel regular na animação de eventos enquanto abrilhantava concertos no Jardim da República e touradas. Se a 5 de Outubro de 1925, a Banda ainda tocou pelas ruas para assinalar a efeméride, o mesmo não sucedeu na comemoração do primeiro de Dezembro desse ano, quando “... pela alvorada (...) um dos mais antigos executantes da Banda dos Bombeiros, ladeado por dois homens de archotes, deu volta às ruas fazendo a contra-baixo a sua parte no Hino da Restauração. Madureza? Parece-nos antes uma afirmação aliada a uma ironia cheia de espírito. O contrabaixista afirmou assim que não se dissolverá a velha corporação artística por falta do seu concurso, prevenindo-nos ao mesmo tempo de que mais uma vez soou para aquele grupo cheio de tradições a hora do canto do cisne, porque Santarém, decididamente, não é capaz de manter uma filarmónica.”¹¹ Em Abril de 1927, surgiram notícias sobre a congregação de esforços para reerguer a Banda, projecto defendido por José Osório que escreveu o artigo “A Banda dos Bombeiros Voluntários, as suas Tradições e a Necessidade de que seja Reorganizada”. Nele defendia que “...era um crime ver-se que em Santarém, terra que teve sempre bons cultores de música e onde se tem feito boa música, se deixasse ao abandono uma Banda que tem tradições locais e que é, pelo seu passado, como um padrão de velha glória a impor-se ao patriotismo de todos os cidadãos...”¹², relembrando a necessidade de investir na educação musical à semelhança do que se passava na capital. A Banda estreou-se a 18 de Maio desse ano, ao participar juntamente com a Banda de Infantaria 16 numa parada no campo de futebol de “Os Leões”, onde as duas corporações de bombeiros da cidade fizeram exercícios após o baptismo de um auto-tanque dos

⁸ Cf. Idem, 5/2/1910, p. 3.

⁹ Cf. Nuno Beja, “A Nossa Banda” in *A Banda dos Bombeiros*, 30/11/1964, p. 7.

¹⁰ Cf. *Gazeta do Ribatejo*, n.º 5, 26/8/1923, p. 6.

¹¹ Cf. *O Combate*, n.º 39, 5/12/1925, p. 1.

¹² José Osório, “A Banda dos Bombeiros Voluntários, as suas Tradições e a Necessidade de que seja Reorganizada” in *Correio da Extremadura*, 30/4/1927, p. 2.

Bombeiros Voluntários.¹³ Após o sucesso da estreia, a comissão angariadora de fundos conseguiu obter quotizações mensais que permitiram a sua manutenção. A Banda era constituída por vinte e seis executantes e, a partir de 5 de Julho de 1927, passou a ser regida pelo subchefe da Guarda Republicana de Lisboa e músico de primeira classe, Carlos Franco que obteve a garantia que “...todo o instrumental vai ser substituído e modernizado segundo as exigências actuais, mercê da boa vontade da direcção...”¹⁴. O primeiro concerto regido por Carlos Franco decorreu com sucesso no Jardim da República a 31 de Julho, seguido de uma festa na casa dos ensaios para homenagear o benemérito Joaquim Matta e o antigo executante e membro da comissão que promoveu a reorganização, Júlio Maria da Costa.¹⁵ José Osório declarou-se “... contente comigo mesmo por ter contribuído com um fraco valimento, para o ressurgimento deste grupo musical (...) de tão nobres tradições nesta terra.”¹⁶. Entre 18 e 19 de Setembro de 1927, a Banda deslocou-se à Nazaré para no coreto local apresentar o seu reportório perante os escalabitanos que se encontravam “a banhos”.¹⁷

Durante o ano seguinte, a Banda manteve a sua agenda de concertos na cidade até o regente Carlos Franco apresentar o seu pedido de demissão por motivos desconhecidos. A direcção substituiu-o pelo tenente-chefe de música do exército, Manuel Joaquim Canhão.¹⁸ Este músico acompanhou a Banda às festas da Azambuja e reorganizou o reportório ao inserir mais temas portugueses. Nas comemorações do 5 de Outubro de 1928, durante o seu tradicional concerto, a Banda apresentou um novo fardamento e temas como a marcha “O Scalabitano” de autoria do seu regente, tendo as “... centenas de pessoas que a ele assistiram, exteriorizaram os seus entusiasmos em calorosos aplausos, sendo a Banda muito apreciada pela execução do seu difícil e escolhido programa, como só o desempenharia uma banda regimental.”¹⁹. Os executantes da Banda eram elogiados pelas suas “aptidões artísticas” considerando que se tratavam de amadores empenhados e “... apaixonados pela música e que, guiados por uma batuta autorizada, irromperam para a vida musical rapidamente, como homens encanecidos no cultivo da arte, o que são provas irrefutáveis os seus concertos...”²⁰. Apesar do sucesso obtido, as dificuldades financeiras colocaram mais uma vez em risco

¹³ Cf. Idem, 14/5/1927, p. 3.

¹⁴ Idem, 23/7/1927, p. 2.

¹⁵ Cf. Idem, 6/8/1927, p. 2.

¹⁶ José Osório, “A Banda dos Bombeiros de Santarém” in Idem, 20/8/1927, p. 2.

¹⁷ Cf. Idem, 24/9/1927, p. 2.

¹⁸ Cf. Idem, 26/5/1928, p. 3.

¹⁹ Idem, 13/10/1928, p. 2.

²⁰ Idem.

a sua continuidade, no final da década de 20: “... por deficiência de quotização a Banda está em risco de desaparecer, numa cidade onde toda a gente a conhece na execução de magníficos programas e, ao mesmo tempo, a desconhece para efeito de... pagamento duma pequena quota! Pois não será uma vergonha para a nossa terra desamparar uma das mais prestantes instituições (...) vamos senhores santarenos, inscrevam-se como contribuintes, porque assim darão um patriótico exemplo. O contrário é que não faz sentido.”²¹. Nesse período, a Banda apresentou concertos em diversas localidades do distrito com o intuito de obter fundos que permitissem evitar a dissolução. O primeiro desses concertos realizou-se a 8 de Agosto de 1929, em Almeirim, seguido por actuações em Alpiarça, Cartaxo e Rio Maior. Nestes espectáculos colaborou um grupo de amadores de Santarém que organizou um “acto de variedades”.²² Também com o mesmo objectivo organizou algumas “vacadas” lidadas por amadores e dois saraus de arte realizados no teatro Rosa Damasceno a 5 e 6 de Outubro que contaram com a participação dos actores Erico Braga e Sílvio Vieira e da bailarina Cármen Henares que se deslocou propositadamente do Porto.²³ A Banda parecia sobreviver às dificuldades e a 1 de Janeiro de 1930 inaugurou na sua casa de ensaios o retrato do seu regente, Manuel Canhão.²⁴ Os elogios não lhe eram poupados recordando a necessidade do apoio monetário a este projecto “... pois dizem-nos que os progressos são notáveis. Pena é que, o que é bom, não se repita por mais vezes. A música faz parte integrante da educação dos povos, ao mesmo tempo que é um motivo para regalo dos espíritos ensombrados pelas agruras da vida. Todas as capitais de distrito, digamo-lo com verdade, têm a sua banda militar oficial, que se faz ouvir pelo menos duas vezes em cada semana. Santarém não é digna de gozar desta regalia, porque, como sempre, traz junto de si a tradicional “caveira de burro”. Venha ao menos a Banda dos Bombeiros preencher essa lacuna e digna é que ela tenha um generoso auxílio por parte de toda a cidade, que a estima e preza e que deve dar-lhe os elementos precisos para poder viver desafogadamente e corresponder à sua nobilitante missão dentro de Santarém.”²⁵. Em Março de 1930, o maestro Manuel Canhão, que se encontrava adido em Lisboa devido à dissolução de várias bandas militares, foi transferido para Setúbal a fim de reger a banda militar, levando-o a afastar-se da direcção da Banda escalabitana. O tenente chefe de

²¹ Idem, 20/7/1929, p. 3.

²² Cf. Idem, 17/8/1929, p. 3.

²³ Cf. Idem, 5/10/1929, p. 3.

²⁴ Cf. Idem, 4/1/1930, p. 2.

²⁵ Idem, 11/1/1930, p. 2.

banda reformado, Francisco Matos, foi o escolhido para substituir Canhão devido aos seus créditos de “músico hábil” na Banda de Infantaria 14.²⁶

A partir de Agosto de 1930, Faustino da Rosa Mendes escreveu no *Correio da Extremadura* uma série de artigos onde defendia a municipalização da Banda de forma a superar os problemas financeiros de um projecto que enaltecia a vida cultural da cidade que não possuía bandas militares.²⁷ Mendes apontava as dificuldades constantes que a Banda soube superar em parte com o auxílio do povo “... com o pouco das suas migalhas, com o esforço da sua dedicação, com o alento da sua contida admiração. É assistir-se a um concerto da Banda dos Bombeiros. Aonde quer que seja, lá está o povo, de alma aberta, o povo autêntico (...), o povo das mãos calejadas e da blusa de ganga; lá está ele, à volta do coreto, à volta da sua, da muito sua Banda, em massa, afogando-a num círculo humano, como que a dizer-lhe que está ali não só para a ouvir como para a proteger, para a acalantar, para a defender. Mas o povo não a pode amparar sempre! (...) As circunstâncias da vida moderna exigem mais, muito mais! Aquilo que o povo não pode dar, a que ele – mau grado toda a sua boa vontade – não pode chegar. A vida da Banda principia a ser aflitiva. Entrou no capítulo em que carece de algo mais, que do carinho do povo.”²⁸ Para Mendes, à semelhança do que sucedia noutros concelhos do Alentejo e do Algarve, “... à Câmara incumbe a organização da sua Banda, porque, e muito principalmente, a edilidade que hoje se senta nos *fauteuils* do município não foi para ali com o pretexto mistificador de fazer política ao sabor de determinada corrente partidária. Tomou as rédeas da governação porque se impunha realizar uma obra em favor da cidade, em benefício do povo. E é o povo que precisa que quer a sua Banda! E tem direito a ela porque paga para a ter! Criar a Banda Municipal é abrir uma escola, é semear a educação na alma, rude mas generosa, do povo!”²⁹. A ideia de municipalização da Banda defendida por Faustino Rosa Mendes recebeu apoios quer de escalabitanos anónimos quer das associações da cidade, como a Associação Comercial³⁰, o Orfeão Scalabitano³¹, o Grémio Literário Guilherme de Azevedo e o Sport Club Scalabitano “Os Leões”³². O Grémio Recreativo Operário reviu-se neste projecto tal como “... a classe operária, desta cidade, a qual está disposta a todos os sacrifícios a fim de que

²⁶ Idem, 22/3/1930, p. 2.

²⁷ Cf. Faustino Rosa Mendes, “A Municipalização da Banda dos Bombeiros” in Idem, 16/8/1930, p. 2; 30/8/1930, p. 1; 20/9/1930, p. 1; 18/10/1930, p. 1; 22/11/1930, p. 1; 24/1/1931, p. 8; 28/2/1931, p. 2.

²⁸ Idem, 16/8/1930, p. 2.

²⁹ Idem, 30/8/1930, p. 1.

³⁰ Cf. Idem, 1/11/1930, p. 3.

³¹ Cf. Idem, 20/12/1930, p. 8.

³² Cf. Idem, 24/1/1931, p. 8.

Santarém possa ombrear com as terras de maior cultura e civilização do país.”³³. O Grémio considerava importante uma posição pública sobre o assunto por parte dos “musicólogos” da cidade, o maestro Luís Silveira, a pianista Olímpia Dória e o ex-regente da Banda, Manuel Canhão. Destes a pianista acreditava que, após a municipalização, a Banda obteria mais e melhores contratos, nomeadamente fora de Santarém, pelo que o retorno para além de cultural também seria financeiro.³⁴ O dirigente associativo José Fragoso também defendeu a municipalização da Banda porque se “... a Câmara quer representar a vontade dos seus munícipes, se de facto julga interpretar o sentir popular, deve chamar a si a questão, fazendo incidir o espírito analítico dos seus componentes, demais havendo, entre estes, homens de reconhecida cultura artística e até amadores de boa música. Porque não se atende o povo? Acaso não fica à Câmara o direito irresponsável de actuar segundo a vontade dos munícipes? Se a Banda não tem condições financeiras para bastar-se a si própria, se a sua perduração implica a necessidade de a tornar Banda da cidade (...) porque não municipalizá-la?”³⁵.

Municipalizar ou não municipalizar a banda, eis a questão que se levantava na cidade. A vereação municipal optou por gerir o seu silêncio durante o maior tempo possível incentivando a ideia dos elevados custos envolvidos se tal decisão fosse tomada. Rosa Mendes apressou-se a refutar esse argumento, “... contesto e provarei que a municipalização da Banda não constitui agravamento de despesas, não provoca qualquer sombra de desequilíbrio do erário, não é sequer epígrafe nova a considerar no balancete anual de contas. E não é, porque o povo que paga para a Banda, em média por cabeça, vinte e quatro escudos anuais, muito beneficiará se uma pequena percentagem de dois ou três por cento lhe for lançada nos seus impostos. Simplesmente a municipalização da Banda forçará a pagar para “ela” todo aquele que ainda o não faz por desleixo ou esquecimento. Levará e edilidade a exigir de todos que ainda a não ajudam, a sua cota parte nas despesas com a manutenção duma obra que é pata o povo, e como tal pelo povo deve ser mantida!”³⁶. E concluiu que “... a Banda dos Bombeiros é de Santarém, pertence a todos, a todas as elites, mas a sua municipalização interessa principalmente ao povo que a quer ver de pé, com um interesse ilimitado...”³⁷. Numa carta de apoio à proposta de Rosa Mendes, o director da Banda, José Mota de Carvalho,

³³ Idem, 6/9/1930, p. 1.

³⁴ Cf. Idem, 1/11/1930, p. 1.

³⁵ Idem, 29/11/1930, p. 6.

³⁶ Idem, 20/9/1930, p. 1.

³⁷ Idem, 18/10/1930, p. 1.

referiu-se ao elemento material, mas também ao elemento musical relembrando que “... uma banda de música de amadores em todos os tempos careceu de aprendizes para ir substituindo os executantes que forem desaparecendo; agora já não é garantia para a sustentação de uma banda de amadores o ministrar instrução musical a aprendizes, pelo simples motivo de que quando esses novos elementos se encontram habilitados a construir para o desenvolvimento do grupo musical que os preparou, tratam de si e... voam. Vão procurar, o que é legítimo, o seu futuro, alistando-se em bandas militares. (...) É preciso que Santarém saiba a nossa Banda, em princípio do ano corrente, tinha trinta e seis executantes e os naipes mais ou menos completos; hoje, conta apenas trinta e um e tem os seus naipes truncadas, resultante de saídas motivadas por falta de trabalho, irregular procedimento, serviço militar, amuos e, até influências irrisórias para outros.”³⁸. Este dirigente concluiu a sua missiva convicto que a solução para a estabilidade da Banda era a municipalização que evitava assim a sua dissolução.

Consciente da importância da campanha que promoveu para a sobrevivência da Banda, Faustino Rosa Mendes entrevistou o regente Francisco Matos e o maestro Luís Silveira. O primeiro regia a Banda e considerava imprescindível a municipalização que, segundo os seus cálculos, orçava em quinze tostões mensais por munícipe. Também lembrou que desde o início da divulgação do projecto tinham surgido diversos apoios de admiradores do trabalho da Banda que residiam fora de Santarém. Vários músicos militares residentes em Lisboa voluntariaram-se para colaborar com a Banda escalabitana. Para o tenente Matos, a nova Banda devia ser constituída por cinquenta componentes que seriam remunerados de acordo com as sete classes em que se inseriam: chefes, subchefes, primeiros, segundos e terceiros músicos, aspirantes e alunos músicos.³⁹ Para o maestro Luís Silveira, “... o assunto não tem discussão, a Banda dos Bombeiros “tem que ser” municipalizada...”⁴⁰ porque “... até os surdos seriam egoístas se não quisessem pagar...”⁴¹. As suas esperanças de uma decisão favorável, assim como as de muitos outros, assentavam no facto de o presidente da Câmara, Lino Dias Valente, ser sócio, executante e presidente da direcção da Banda entre 1931 e 1933.⁴²

³⁸ Idem, 25/10/1930, p. 1.

³⁹ Cf. Idem, 22/11/1930, p. 1.

⁴⁰ Idem, 10/1/1931, p. 1.

⁴¹ Idem.

⁴² Cf. Idem, 14/2/1931, p. 6.

Apesar do número elevado de apoiantes à municipalização da Banda, a vereação camarária continuou a manter o seu silêncio, segundo Rosa Mendes, porque “... talvez se aguarde que o cansaço nos chegue, e que esta perseverante vontade que é nós é uma virtude, abrande e amoleça e acabe por extinguir-se...”⁴³. Na opinião de José Osório, era “... urgente que esta questão seja estudada e resolvida de forma a contentar toda a população citadina, que muito o anseia e que tem os olhos postos na corporação administrativa, não desejando só escrever como cultivar o seu espírito na música...”⁴⁴, seguindo o exemplo de sucesso da municipalização da Banda dos Bombeiros, em Lisboa.

Entretanto, as dificuldades financeiras adensavam-se, até porque alguns dos sócios tinham deixado de pagar as suas quotas na total convicção de que a Banda seria municipalizada. Neste contexto, o Regimento de Cavalaria 4 cedeu uma dependência do seu quartel, a alameda de S. Francisco, “... para ali se realizarem, durante o Verão, uma verbena, espectáculos de cinema e bailes populares, com entradas pagas, revertendo o produto líquido em favor do cofre...”⁴⁵ da Banda dos Bombeiros, que marcava presença assídua nas verbenas. Nos anos seguintes, a Banda manteve a organização da verbena de S. Francisco juntamente com os Bombeiros Voluntários. Em Novembro de 1931, a Banda organizou, no teatro Rosa Damasceno, um espectáculo de angariação de fundos que contou com a colaboração da pianista Olímpia Dória, da cantora Ema Silveira, do músico João Luís Silveira, da actriz Enita Correia e do maestro Luís Silveira.⁴⁶ A 2 de Abril de 1932, a direcção da Banda organizou um sarau no teatro Sá da Bandeira onde foi exibido o filme “Dilema”, seguido de um espectáculo de variedades pelos artistas Dorisini’s e pelos fandanguistas premiados no Coliseu dos Recreios de Lisboa. A insuficiência de receitas alertava os santarenos a “... concorrer a este espectáculo e proporcionar a sustentação daquela colectividade que honra a nossa terra, a qual sem este auxílio dificilmente se poderá manter...”⁴⁷.

Apesar do insucesso da pretendida municipalização da Banda, a colectividade ia sobrevivendo às adversidades e, em 1932, preparava-se para comemorar o seu quadragésimo aniversário na presença de um novo regente, o subchefe de música

⁴³ Idem, 24/1/1931, p. 8.

⁴⁴ José Osório, “Questão Palpitante a Banda dos Bombeiros” in Idem, 7/2/1931, p. 8.

⁴⁵ Idem, 11/7/1931, p. 2.

⁴⁶ Cf. *Notícias do Ribatejo*, n.º 6, 15/11/1931, p. 3.

⁴⁷ *Correio da Extremadura*, 26/3/1932, p. 6.

reformado Francisco Baía. A festividade decorreu a 19 de Junho e contou com a actuação da Banda pelas ruas da cidade e com uma sessão solene, presidida pelas entidades políticas da cidade, onde a associação recebeu um estandarte oferecido por um grupo de cidadãos.⁴⁸ No entanto, o sobressalto da extinção por falta de verbas voltou no final de Agosto, em parte devido à quebra de quotização que não permitia cobrir as despesas. O tesoureiro da Banda, António de Almeida Costa, concordava com a municipalização da colectividade mas considerava-a irrealizável devido à falta de verbas camarárias. A Banda necessitava mensalmente de uma quantia elevada, 2500\$00, para manter os seus executantes e apoiar a escola de música que estava em risco de encerrar. Para aquele dirigente, a solução passaria pelo aumento dos subsídios da Câmara Municipal e da Comissão de Iniciativa e Turismo para valores de 12000\$00 e 3000\$00 respectivamente.⁴⁹ A Junta Geral do Distrito podia contribuir com a verba de 3000\$00, a fim de subsidiar a escola de música que funcionava, desde Março de 1932, na sede da Banda e que contava com vinte e três alunos.⁵⁰

A 4 de Julho de 1933, Manuel Canhão reassumiu a regência da Banda composta essencialmente por amadores.⁵¹ A crise económica da Banda subsistia apesar de a Câmara lhe atribuir, em 1934, o subsídio de 6000\$00, “... e os encargos da Banda, grandes como são, exigem que se aumente a sua magra quotização que, tal como está, é insuficiente para a manutenção daquela nossa organização artística.”⁵² Alguns escalabitanos alertavam para o possível desaparecimento da Banda, tal como sucedeu neste período com o Orfeão.⁵³ Perante a situação agonizante da Banda, a 22 de Agosto de 1935, o presidente da direcção da Associação Comercial, Alfredo da Silva Leitão, decidiu iniciar um movimento que conduzisse à municipalização da agremiação musical. Cinco anos depois, municipalizar ou não municipalizar a Banda voltou a tornar-se um tema de intenso debate na cidade. A partir da decisão da Associação Comercial, organizou-se uma comissão composta pelas “forças vivas da cidade” que integrava os advogados António Carlos Borges, Eduardo Figueiredo, Virgílio Arruda, António Gomes de Abreu e o comerciante Alfredo da Silva Leitão. Estes foram recebidos pelo vice-presidente da Câmara, capitão Romeu das Neves (-1942), a 14 de

⁴⁸ Cf. Idem, 25/6/1932, p. 6.

⁴⁹ A Comissão de Iniciativa de Turismo atribuiu à Banda dos Bombeiros um subsídio anual de 2000\$00 a partir de 1930. Cf. Idem, 3/5/1930, p. 2.

⁵⁰ Cf. Idem, 13/8/1932, p. 2.

⁵¹ Cf. Idem, 8/7/1933, p. 2.

⁵² Idem, 14/7/1934, p. 6.

⁵³ “Perde-se o Orfeão Scalabitano de tão honrosas tradições. Arriscam-se a ver desaparecer a Banda dos Bombeiros que tanto se devia impor à nossa consideração.” in Idem, 20/7/1935, p. 1.

Novembro de 1935, onde apresentaram a proposta de “... que a Banda dos Bombeiros não pode subsistir tal como se encontra, e que os meios de vida que até aqui têm permitido a sua conservação são insuficientes para que ela possa satisfazer as justas necessidades espirituais duma população que na existência duma banda musical encontra a par dum poderoso instrumento de cultura, de aperfeiçoamento e de perfectibilidade humana, uma escola criadora de hábitos de disciplina e ao mesmo tempo de convivência e de comunicabilidade que estão na base da vida social.”⁵⁴. A referida comissão também defendia que “... sempre que a iniciativa e a acção individual se mostram impotentes para manter uma organização da qual toda a colectividade tira proveito e utilidade, é aos organismos públicos, Estado e autarquias, que incumbe dar-lhe força e alento para que se não perca e desvaneça o que muitas vezes representa o fruto de longos e porfiados esforços, de tenaz e paciente actividade. E é porque a cidade assim o entende e carinhosamente quer à sua Banda, porque a deseja ver prestigiada e engrandecida...”⁵⁵. Em resposta, a Câmara decidiu nomear o capitão Romeu das Neves para elaborar “... o estudo das condições a que deve obedecer a municipalização da Banda dos Bombeiros.”⁵⁶. No dia 15 de Dezembro de 1935, todas as partes interessadas foram convocadas para uma reunião na Câmara, presidida pelo capitão Romeu das Neves. Este revelou que a quantia necessária para manter a Banda seria de 80 000\$00, o que implicava o aumento de \$20 por quilo na matança das rezes no matadouro municipal. Carlos Borges, apoiante da municipalização, rapidamente mudou de opinião perante a elevada quantia pois considerava “... que a Câmara de Santarém não é rica, entendendo que outras obras existem para realizar, de muito maior urgência. Que a municipalização da Banda é um luxo de cultura que se não justifica, quando há muita gente pobre a socorrer e instituições de beneficência que atravessam uma vida precária (...) esta medida posta em prática teria a reprovação das entidades superiores...”⁵⁷. António Abreu, apoiante da municipalização, contestou a posição de Carlos Borges, garantido que este tinha conhecimento da verba necessária e “... que não podia admitir que se considerasse a municipalização da Banda um simples luxo de cultura, visto a Banda dos Bombeiros ter, além de tudo o mais, realizado já uma importante obra de beneficência, visto ter contribuído e poder contribuir para auxiliar as instituições de caridade...”⁵⁸. Com os ânimos extremados, Carlos Borges retratou-se ao defender a

⁵⁴ Idem, 16/11/1935, p. 1.

⁵⁵ Idem, p. 8.

⁵⁶ Idem, 23/11/1935, p. 3.

⁵⁷ Idem, 21/12/1935, p. 2.

⁵⁸ Idem.

municipalização da Banda mas com o apoio da quotização particular de forma a aliviar o município. Por fim, Alfredo da Silva Leitão⁵⁹ lamentou o conflito entre os dois advogados e chegou a solicitar ao capitão Romeu das Neves que retirasse a proposta de municipalização da Banda da agenda da reunião de Câmara. Este último atribuiu “... a diminuição das quotizações não a dificuldades económicas mas a uma apatia crescente, a um desinteresse geral, a uma inércia desconcertante, que fazem morrer todas as iniciativas particulares como sucedeu com o Orfeão e outras, e colocam os corpos administrativos, as autoridades, tudo enfim que tenha uma função orientadora, na contingência de resistirem por todos os meios à derrocada.”⁶⁰. Romeu das Neves não considerava a Banda um luxo porque “... creio que a música, como outras manifestações de actividade espiritual, são consideradas hoje como necessidade social, pela função educativa que desempenha nas massas populares e pela própria disciplina a que obriga os seus executantes. É assim que o próprio Estado mantém uma Emissora Nacional com várias orquestras e agrupamentos musicais; um Conservatório; que subsidia a Companhia do Teatro Nacional; que cria as casas de Alegria e do Trabalho; mantém obrigatória, nos cursos secundários, a frequência das aulas de canto coral; estimula por todos os processos a pintura, a escultura...”⁶¹. O dirigente autárquico levou à reunião do executivo a proposta da criação de uma escola de música e de uma banda musical totalmente financiada pelo município através do aumento das receitas obtidas com as taxas aplicadas no matadouro municipal. Esta proposta obteve na votação um empate, o que inviabilizou a municipalização da Banda.⁶² Assim, a agremiação musical decidiu apresentar-se pela última vez ao público num concerto realizado a 22 de Dezembro, no Jardim da República. No programa do concerto podia ler-se: “... historiar a vida da Banda, o que ela tem construído para o bom nome e prestígio da cidade, é desnecessário! Falar desse organismo que durante quarenta e três anos prestou relevantes serviços às casas de caridade e honrou incontestavelmente Santarém, nunca é demais! Aos músicos, na sua maioria operários, a quem por vezes se exigiram esforços superiores às suas forças, vindo à rua alguns deles – quem sabe! – imprimir alegria e consolação espiritual à população, quando deixavam no lar os seus sem pão e conforto – vamos prestar-lhes homenagem! Aos seus actuais e anteriores dirigentes, que lutaram sempre abnegadamente pela arte, pela cultura popular e ainda pela existência da Banda

⁵⁹ O presidente da direcção da Associação Comercial, Alfredo da Silva Leitão, e o vice-presidente, João Marques Fernandes, demitiram-se na sequência do fracasso do projecto de municipalização da Banda. Cf. *Renovação Nacional*, n.º 6, 9/1/1936, p. 8.

⁶⁰ *Correio da Extremadura*, 21/12/1935, p. 2.

⁶¹ *Idem*.

⁶² Cf. *Idem*, p. 9.

e contra o indiferentismo, a apatia, até contra a má vontade e interesses dos homens, a todos, pois, as homenagens dum punhado de santarenos, verdadeiros amigos do progresso da sua terra!”⁶³.

Esta crónica de morte anunciada desagradava a alguns dinamizadores culturais como Zeferino Sarmento (1893-1968) que defendia a continuidade e a tradição da associação musical sob pena da cidade sucumbir a um lento suicídio. Sarmento alertava para a necessidade de se combater o indiferentismo e defender o espírito regionalista. Se a solução da municipalização tinha falhado outras soluções poderiam surgir, evitando um cruzar de braços “... e se esgotados todos os meios tivermos que abdicar do nosso intuito, depositaremos o instrumental na casa dos ensaios, afixaremos à porta uma cruz com a inscrição seguinte “aqui jaz a gloriosa Banda dos Bombeiros, jazigo oferecido pela ingrata população de Santarém”.”⁶⁴. Também Lino Dias Valente acreditava que a Banda sobreviveria com mais uns balões de oxigénio até porque, apesar da indiferença de alguns, muitos eram os que estavam empenhados em socorrê-la, levando a colocar à porta da sede uma placa com a inscrição “fortalecida pelo auxílio e simpatia da cidade de Santarém, eternamente grata”⁶⁵. A 7 de Janeiro de 1936, reuniu-se a assembleia-geral da Banda, a fim de aprovar o relatório de contas do ano anterior e eleger os novos corpos gerentes. Perante uma análise cuidada das finanças e da falta de soluções que permitissem resolver o problema a curto prazo, foi aprovada uma proposta de dissolução da Banda por todos os que se mostraram certos do seu ressurgimento num curto espaço de tempo, quando se sentisse verdadeiramente o vazio deixado na música da cidade.⁶⁶

O vazio deixado pela Banda acordou alguns escalabitanos três meses após a sua dissolução perante a necessidade de um agrupamento musical que abrilhantasse entre outros eventos a Exposição Feira de 1936. Um grupo de antigos associados, presidido por Virgílio Arruda, reuniu-se, a 28 de Março, com o objectivo de decidir o destino do espólio da Banda como fardamento, arquivos, livros de música e instrumentos que tinha sido rejeitado pela Câmara com o argumento de não possuir meios económicos para proceder à sua conservação.⁶⁷ Enquanto se decidia a entrega do referido espólio a uma

⁶³ BMS - Programas da Banda dos Bombeiros, 22/12/1935.

⁶⁴ Zeferino Sarmento, “Viva a Banda dos Bombeiros!” in *Correio da Extremadura*, 28/12/1935, p. 8.

⁶⁵ Lino Valente, “A Banda dos Bombeiros” in *Idem*, 4/1/1936, p. 6.

⁶⁶ Cf. *Idem*, 11/1/1936, p. 8; AHCMSTR, *Livro de Actas das Reuniões da Câmara Municipal de Santarém*, 8/4/1936.

⁶⁷ Cf. AHCMSTR, *Livro de Actas das Reuniões da Câmara Municipal de Santarém*, 18/3/1936.

colectividade ou a sua venda pública, o sócio e antigo dirigente António de Almeida Costa propôs-se a reorganizar a Banda juntamente com Joaquim Custódio e José da Silva Telhada. A Banda ressurgiu com o apoio das quotas dos sócios, do subsídio camarário de 9 000\$00 e da cedência municipal de dois metros de água e oito quilowatts de energia eléctrica para os executantes.⁶⁸ O Colégio Liceu de Tomar ofereceu as estantes e os bancos necessários para os ensaios do agrupamento.⁶⁹ A primeira apresentação pública da Banda, dirigida por Manuel Canhão, deu-se no domingo de Páscoa, 12 de Abril de 1936, no Largo dos Paços do Município e nas principais ruas da cidade, perante numerosa assistência.⁷⁰ Santarém comentava orgulhosa “... que a Banda depois da crise porque passou, voltou toda nova, fresca e cristalina como a água, a ver a luz...”⁷¹. A 3 de Maio, a Banda brindou os escalabitanos com um concerto no teatro Rosa Damasceno, na presença das suas madrinhas escolhidas entre “a melhor sociedade” como Maria Fernanda Caldas Duarte, Maria Fernanda Dias Valente, Maria Cristina Caldas Pereira Branco, Maria Helena Caldas Neves, que colocaram fitas no estandarte.⁷² O delegado do jornal *Diário de Notícias*, Américo Gramacho, agradeceu o “brilhantismo” da Banda aquando da sua apresentação na II Parada dos Bombeiros em Portugal, realizada em Lisboa por iniciativa do jornal, em Junho de 1935, e convidou o governador civil, Eugénio de Lemos, para colocar no estandarte a medalha comemorativa.⁷³ Nesta nova fase, a Banda participou nalgumas manifestações de carácter político como o cortejo realizado a 7 de Novembro de 1936, nas ruas da cidade para saudar o êxito das tropas nacionalistas ao entrarem em Madrid,⁷⁴ no comício anti-comunismo realizado na praça de touros de Santarém, a 22 de Novembro do mesmo ano,⁷⁵ na homenagem a Salazar promovida pela Câmara e pela Legião a 5 de Julho de 1937⁷⁶ e na passagem de os “Viriatos” por Santarém, a 15 de Junho de 1939⁷⁷.

⁶⁸ Cf. *Correio da Extremadura*, 4/4/1936, p. 8.

⁶⁹ Cf. *Idem*, 6/6/1936, p. 7.

⁷⁰ Cf. *Idem*, 18/4/1936, p. 8.

⁷¹ *Idem*, 25/4/1936, p. 8.

⁷² Durante o concerto foi lido o poema “Lá Vem a Música” de Alberto Cardoso dos Santos:

“Como a Fénix das cinzas renascida
por milagre dos deuses imortais,
briosos sentimentos fraternais,
deram à Banda novo alento e vida.
Vibrante a anunciar festa garrida
na fanfarra sonora dos metais,
vem pelas ruas em marchas triunfais,
através da cidade envaidecida.”

Cf. *Idem*, 9/5/1936, p. 3.

⁷³ Cf. *Idem*, 9/5/1936, p. 6; *Renovação Nacional*, n.º 23, 7/5/1936, p. 8.

⁷⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 14/11/1936, pp. 1, 2.

⁷⁵ Cf. *Renovação Nacional*, n.º 52, 26/11/1936, pp. 4-5, 8.

⁷⁶ Cf. *Correio da Extremadura*, 10/7/1937, p. 6

No seu discurso de tomada de posse como presidente da direcção em 1937, Alfredo da Silva Leitão referiu que “... a nova direcção, fiel continuadora da obra encetada pela comissão reorganizadora, vai fazer da Sociedade da Banda dos Bombeiros um centro de ordem e cultura, amor e dedicação pela nossa terra. É desejo dos homens que hoje estão à frente da Banda dos Bombeiros engrandecendo a cidade, tornando-as dignas uma da outra. A Banda tem tradições! A história repete-se! Assim a Banda dos Bombeiros de Santarém, há-de ser, dentro em pouco, o corpo musical que os santarenos hão-de sentir sua, orgulhosamente. É preciso fazer agir as boas vontades adormecidas dentro desta acolhedora cidade, para fazer sentir aos que de fora vieram que Santarém, à falta do seu Orfeão, tem a Banda dos Bombeiros a simbolizar a arte e a dar a nota alegre e a fazer realçar os seus jardins e parques.”⁷⁸ A nova direcção recebeu da comissão organizadora o valor em cofre de 2 579\$77, diferença entre a receita de 28 049\$75 e a despesa de 25 469\$98.⁷⁹ No entanto, no final dos anos 30, a Banda continuava a viver verdadeiros sobressaltos financeiros, daí que recorresse muitas vezes a sorteios e a festas com a das flores, em 1939, para reforçar a liquidez dos seus cofres. Os corpos gerentes da Banda em 1940 tinham conseguido reduzir o défice de 31 000\$00 para 11 000\$00.⁸⁰ A partir de Janeiro de 1937, os dirigentes da colectividade iniciaram um movimento de recolha de fundos para criar uma caixa de auxílio e previdência da Banda dos Bombeiros. A 13 de Março, os executantes da Banda promoveram um baile na sede da colectividade a fim de obter fundos para a caixa de previdência.⁸¹ O produto da Esplanada da Banda dos Bombeiros, em 1947, reverteu a favor do Cofre de Auxílio ao Executante.⁸²

Para comemorar o seu 45.º aniversário, a Banda organizou um vasto programa a apresentar entre 4 e 6 de Junho de 1937. No primeiro dia, a Banda tocou nas ruas da cidade e apresentou cumprimentos às entidades oficiais. Na noite seguinte, apresentou um espectáculo dedicado às “Ceifeiras” que obtiveram sucesso no Cortejo Folclórico em Lisboa, seguido da distribuição de vestuário aos filhos dos executantes. No último dia, a Banda apresentou um concerto no adro da igreja do Seminário.⁸³ Entre 14 e 16 de

⁷⁷ Cf. Idem, 17/6/1939, p. 2.

⁷⁸ *Renovação Nacional*, n.º 58, 7/1/1937, p. 8.

⁷⁹ Cf. *Correio da Extremadura*, 9/1/1937, p. 2.

⁸⁰ Cf. Idem, 1/2/1941, p. 6.

⁸¹ Cf. *Província do Ribatejo*, 28/1/1937; 25/3/1937; *Correio da Extremadura*, 13/3/1937, p. 2.

⁸² Cf. *Correio do Ribatejo*, 23/8/1947, p. 2.

⁸³ Cf. *Correio da Extremadura*, 12/6/1937, p. 6.

Julho de 1940, a Banda comemorou o seu 48.º aniversário com um programa variado que incluiu um concerto, uma tourada, uma sessão solene, bailes e espectáculos na Esplanada onde participaram o Rancho Tá-Mar da Nazaré e os fadistas do “Retiro da Severa”. A Banda dos Bombeiros, à semelhança de outras colectividades da cidade, envolveu-se no movimento cultural dinamizado por Manuel Ginestal Machado e que conduziu à constituição do Grupo de Coordenação Cultural, em 1944, com o objectivo de elevar o nível intelectual, das classes mais desfavorecidas.⁸⁴

No início da década de 50, a Banda, para além dos habituais problemas financeiros, debatia-se com falta de músicos. Em Abril de 1950, o maestro Manuel Canhão, mais uma vez, afastou-se da regência da Banda, sendo substituído por Álvaro Ventura, antigo regente da Banda Gualdim Pais de Tomar.⁸⁵ O ano de 1950 trouxe ainda outros sinais negativos para a vida da Banda, pois a sua sede, que pertencia a Joaquim Matta, foi demolida no âmbito das obras de restauro da igreja da Graça.⁸⁶ Perante o problema, o comerciante Florentino Dias Vigário (1882-1963) sugeriu, novamente, a construção de uma casa da música que servisse de sede à Banda, ao Orfeão e ao Coral Infantil, e de um auditório para as actividades culturais desenvolvidas na cidade. Este projecto carecia do apoio das entidades oficiais regionais e nacionais, do apoio e subscrição de todos, do operário mais pobre ao lavrador mais abastado.⁸⁷ Em Março de 1951, a assembleia-geral da Banda aprovou a comissão encarregue da construção da nova sede, presidida pelo dirigente e engenheiro Manuel Soares de Bastos, enquanto recebeu os seus primeiros donativos.⁸⁸ A nova sede acabou por ser construída com apoio maioritário do município e foi inaugurada a 10 de Maio de 1953. De entre os oradores da sessão solene, Manuel Ginestal Machado, “... como santareno, congratulou-se por ver, de novo, a Banda dos Bombeiros, a dar horas de elevação espiritual. Disse que, através, das horas boas e más, a Banda tem proclamado bem alto o nome da sua terra. Sem a Banda – disse – Santarém deixaria de ser a verdadeira capital do Ribatejo. Falou da escola de cultura popular que a Banda tem sido, e da qual resultou o Orfeão Scalabitano, e afirmou que a cidade tem obrigação de acarinhar a banda dos

⁸⁴ Cf. Idem, 21/10/1944, p. 2; 28/10/1944, p. 2.

⁸⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 8/4/1950, p. 8; 15/4/1950, p. 8; 22/4/1950, p. 10; *Ribatejo*, n.º 6, Abril de 1951, p. 13.

⁸⁶ “... que as obras da Graça foram o diabo que apareceu à Banda dos Bombeiros, na iminência de ensaiar a céu aberto, pela demolição da sua sede.” in *Correio do Ribatejo*, 29/4/1950, p. 4.

⁸⁷ Cf. Idem, 18/11/1950, p. 8.

⁸⁸ Manuel Soares de Bastos doou 1 000\$00 e cedeu a sua camioneta com gasolina para o transporte de materiais, Camilo Teixeira deu vinte e cinco quilos de pregos, o pintor local Dionísio Anjos ofereceu um quadro para ser leilado. Cf. Idem, 10/3/1951, p. 2.

bombeiros. Terminou pondo ao dispor da banda a colaboração do Orfeão, pois este não pode esquecer as horas de felicidade e colaboração que a banda lhe tem proporcionado.”⁸⁹. Nesse ano, a Banda era regida pelo maestro Amadeu de Moura Stoffel, que por motivos pessoais se afastou em Novembro, para regressar no final de 1954.

As dificuldades financeiras da Banda arrastavam-se em 1955, levando a comissão administrativa a apelar ao apoio, “Convicta de que os bons escalabitanos se não podem viciar pela maré de indiferentismo que tem deixado perder alguns dos melhores valores da terra; convicta de que todos os admiradores e amigos desta agremiação artística, de tão belas tradições, a não deixarão de auxiliar e manter com o seu concurso moral e material; convicta de que pugnando pela manutenção desta Banda defende um dos valores que melhor tem representado a sua terra, com elevação e merecimento; lembra a todos os santarenos que a Banda é pertença da cidade e um dos motivos da sua mais justificada ufania; solicita o seu amparo e a dignificadora atitude de concorrer para o seu desenvolvimento e progresso. Pede a todos aqueles que desejem inscrever-se como sócios que o façam quanto antes, utilizando as listas existentes nos estabelecimentos comerciais da cidade. Termina, pedindo a todos os seus conterrâneos que desejam valorizar o nome da sua terra que os acompanhem, num brado de afirmação regionalista, dizendo bem alto: viva a Banda dos Bombeiros de Santarém.”⁹⁰.

A maioria dos concertos da Banda realizava-se essencialmente em Santarém. Muitos dos eventos anuais da capital ribatejana, como as festas da cidade, as feiras, os feriados, as romarias na Ribeira e nas Ómnias e outras efemérides, contavam com a sua presença. À semelhança de outras bandas, fossem militares ou civis, esta agremiação musical oferecia frequentes concertos gratuitos nos coretos dos jardins da República, das Portas do Sol e da avenida Júlio Malfeito, na Ribeira de Santarém, frequentados por todos os grupos sociais que uniam o convívio ao gosto pela música. Anualmente, a Banda apresentava concertos no teatro Rosa Damasceno, revertendo muitas vezes a receita para causas sociais ou até mesmo para financiamento próprio. A Banda encontrava-se fortemente ligada aos espectáculos taurinos que abrilhantava e que muitas vezes organizava de forma a reforçar o seu escasso pecúlio. Os seus concertos foram frequentemente associados à chuva, conforme registos observados quer na imprensa da

⁸⁹ *Ribatejo*, n.º 2, Dezembro de 1953, p. 41; Cf. *O Século*, 11/5/1953.

⁹⁰ Regina M. Ferreira Gomes, *op. cit.*, p. 77.

época quer em correspondência privada. Em carta dirigida ao seu filho Virgílio, Custódia Arruda registou que “A Ribeira sempre embruxada quando aqui vem a música dos Bombeiros, mais uma vez isso aconteceu ontem. Anunciaram música às quintas-feiras na Ribeira, pois o dia esteve sombrio, e só começou chovendo, mas bastante, apenas a música começou. Recolheu logo ao teatro, e aí deu o concerto (...) todos diziam que quando for preciso que chova, é só pedir aos Bombeiros, para vir à Ribeira.”⁹¹. O *Correio da Extremadura* afiançava “... que as chuvas copiosas e intervaladas dos últimos dias foram de oiro para a agricultura. À Banda dos Bombeiros o devem agradecer...”⁹² ou “... que a Banda continuava a fazer concorrência ao “Borda d’Água” da viúva Teixeira. Dia de música é dia de chuva! Aviso aos ... lavradores.”⁹³. Para melhor se conhecer o percurso artístico da Banda dos Bombeiros no concelho de Santarém, elaborou-se uma lista dos concertos efectuados, conforme se pode verificar pelo anexo V.

A Banda apresentou-se poucas vezes fora de Santarém. Muitos desses concertos inseriram-se nas viagens organizadas pelo Bombeiros, pelo Orfeão e mais tarde pelo Círculo Cultural. Nalgumas deslocações efectuadas unicamente pela Banda, organizava-se uma excursão de camioneta ou de comboio com objectivos culturais e garantia de visitar o património local. A viagem à Covilhã, em 1932, facilitou a deslocação dos excursionistas à serra da Estrela, devido ao mecenato dos escalabitanos Joaquim Matta e António Mendes Cabral,⁹⁴ enquanto a visita a Évora, em 1929, permitiu conhecer o património histórico da cidade. Muitas destas excursões efectuaram-se a concelhos limítrofes como o Cartaxo, Almeirim, Alpiarça e Coruche. Os concertos da Banda realizavam-se com alguma regularidade no coreto da Nazaré para que os muitos escalabitanos que partiam para aquele local de veraneio se sentissem em casa. O sucesso obtido pela Banda no final da década de 30 permitiu-lhe receber honrosos convites para participar em festividades como as Comemorações Centenárias, em Lisboa.⁹⁵ Muitos dos concertos em que a Banda participou tinham carácter de beneficência conforme se pode verificar pelo anexo VI que lista as actuações desta agremiação musical fora de Santarém.

⁹¹ AHCMSTR, Carta de Custódia Cravador Arruda a Virgílio Arruda, Ribeira de Santarém, 26/4/1929.

⁹² *Correio da Extremadura*, 4/5/1929, p. 2.

⁹³ Idem, 8/2/1930, p. 2.

⁹⁴ Cf. Idem, 30/7/1932, p. 3.

⁹⁵ Cf. Idem, 24/2/1940, p. 8.

O percurso da Banda foi essencialmente marcado pelo maestro Manuel Joaquim Canhão que esteve à frente do seu destino durante cerca de vinte anos. No entanto, esquecer a família Stoffel (Augusto e Amadeu), que teve a seu cargo a regência da Banda em momentos fulcrais, é ignorar muito do percurso desta associação composta essencialmente por operários, caixeiros, pequenos comerciantes, militares de baixa patente. A maioria destes amadores tocava por “amor à arte” e para completarem o seu curto orçamento familiar. As gerações sucediam-se entre os executantes da Banda sendo exemplificativo a presença das famílias Stoffel (pai e três filhos) e Gomes (pai e filho). Este último, Joaquim Luís Gomes, iniciou aí um percurso musical que o levou à Orquestra Típica Scalabitana e à Orquestra da Guarda Nacional Republicana. Na década de 60, obteve a regência da Banda quando já era um maestro e autor musical de prestígio nacional. Apesar de ser um agrupamento civil, muita da sua organização tinha como modelo as bandas militares, daí a importância da farda, da forma como se apresentava publicamente e do repertório tocado. Assim, justificava-se que a sua regência fosse entregue a militares ligados a bandas militares quer no activo quer aposentados.

Maestros da Banda dos Bombeiros (1889-1977)⁹⁶	
Período	Regente / Maestro
1889-1893	Tomás Jorge
1893-1894	José das Dores
1894	Luís Ferreira
1896-1899	Augusto de Moura Stoffel
1909	(?) Correia
?	Ciriano Cardoso
1923	Nicolau Júnior
1925	Nicolau Júnior
1927-1928	Carlos Franco
1928-1930	Manuel Joaquim Canhão
1930-1932	Francisco Matos
1932	Luís Fernandes
1932-1933	Francisco Baía
1933-1950	Manuel Joaquim Canhão
1950-1952	Álvaro Ventura da Ponte
1953	Amadeu de Moura Stoffel
1954	José Alfredo Dias

⁹⁶ Cf. Idem, 1891-1944 e *Correio do Ribatejo*, 1945-1977.

1954-1955	Amadeu de Moura Stoffel
1955-1959(?)	Herculano Silvério da Rocha
1960-1964(?)	Joaquim Luís Gomes
1965-1977	António Gonçalves



Concerto da Banda dos Bombeiros de homenagem ao maestro Amadeu de Moura Stoffel, teatro Rosa Damasceno, 6/11/1953. Fotografia cedida pelo Círculo Cultural Scalabitano.

O repertório da Banda era muito variado e assentava essencialmente em música clássica (Wagner, Verdi, Puccini, Schubert, J. Strauss, Tschaikowsky, Ravel) e música popular portuguesa, conforme se pode verificar pelo anexo VII. O maestro Manuel Canhão escreveu temas originais para serem executados pela Banda na sua maioria com características regionais, como as marchas “O Scalabitano”, “Atamarma”, “Província do Ribatejo” e “Forcados de Santarém”. O regente dos anos 20, Nicolau Júnior, escreveu um dos temas mais tocados, o “Hino de Santarém”. O maestro Herculano Rocha musicou o poema de Alberto Cardoso dos Santos, “Ode de Exaltação ao Ribatejo”, que foi apresentado no espectáculo de encerramento da Feira do Ribatejo de 1956, executado pela Banda dos Bombeiros, pelo Orfeão e pela Orquestra Típica, num total de cento e cinquenta executantes em palco.⁹⁷

⁹⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 23/6/1956, p. 1.

<p style="text-align: center;">Músicas escritas para a Banda dos Bombeiros (1928-1944)⁹⁸</p>			
Ano	Título	Tipo de Música	Autor
	“Hino de Santarém”		Nicolau Júnior
1928	“O Scalabitano”	Marcha	Manuel Canhão
1930	“Atamarma”	Marcha militar	Manuel Canhão
1937	“Província do Ribatejo”	Marcha de concerto	Manuel Canhão
1941	“Gafetense”		Manuel Canhão
1942	“Forcados de Santarém”	Marcha	Manuel Canhão
1944	“Abertura Sinfónica”		Manuel Canhão

Ao longo da sua instável existência, muitos foram os músicos que passaram pelas fileiras da Banda tendo alguns a seu cargo o ensino da música. Em 1939, a escola de música da Banda era frequentada por cerca de vinte aprendizes.⁹⁹ A partir de Setembro de 1950, o maestro Álvaro Ventura passou a reger semanalmente aulas no Asilo da Misericórdia de Santarém de forma a fomentar o gosto pela música e a recrutar novos executantes para a Banda.¹⁰⁰ Na memória de muitos escalabitanos ainda perdurava a extinta Banda do Asilo.¹⁰¹ A constante crise financeira trouxe momentos de grande sufoco à Banda que atravessou com dificuldade as décadas de 60 e 70. A pausa do início da década de 80 foi substituída por um breve ressurgimento que não ultrapassou 1998, ano em que a Banda foi extinta e o seu espólio entregue à guarda da Câmara.

⁹⁸ Cf. *Correio da Extremadura*, 1928-1944.

⁹⁹ Cf. *Idem*, 29/4/1939, p. 2.

¹⁰⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 16/9/1950, p. 2.

¹⁰¹ A Banda do Asilo, herdeira da Fanfarra do Asilo (1907-), foi fundada a 27 de Junho de 1909 e manteve-se em actividade até 1920. A regência esteve a cargo de Manuel Bartolomeu Pereira enquanto os executantes eram recrutados entre os rapazes asilados na instituição como Manuel Pereira Bastos, Francisco Silva, Alexandre Freitas, Manuel Fernandes, José Fernandes, José Bernardes da Silva, Joaquim Bernardes da Silva, Joaquim Cardoso, João Freitas, João P. Monteiro e António Luís Machado. A Banda abrilhantava as diversões tauromáquicas na praça de touros. Esta sobrevivia com os donativos de alguns dos irmãos da Misericórdia. Em Agosto de 1913, o provedor Faustino de Paiva Sá Nogueira (1845-1920) ofereceu-lhe a quantia de 10\$00 enquanto no ano seguinte a Banda recebeu uma gratificação no mesmo valor por ter actuado numa vacada a favor do Grémio Ribeirense. Em 1938, o antigo executante da Banda, Francisco Silva, tentou reorganizar a Banda com o objectivo de proporcionar educação musical aos mais desfavorecidos, ensinar-lhes uma profissão e recrutar executantes para a Banda dos Bombeiros. Neste projecto contou com o apoio de outro antigo executante, Alexandre de Freitas, e da direcção da Banda dos Bombeiros que ofereceu o apoio logístico necessário para a reorganização da Banda, chegando a sugerir como organizador o antigo professor de canto coral e apoiante dessa nova causa, o padre José Maia dos Santos. As dificuldades financeiras, em especial para adquirir instrumentos, condicionaram o projecto levando a Mocidade Portuguesa a interessar-se pela ideia de forma a realçar a sua ala de Santarém. No entanto, a quantia de 20 000\$00, levou as entidades oficiais a recuar numa época em que manter a Banda dos Bombeiros também se tornava muito difícil. O ressurgimento da Banda do Asilo não passou de um sonho que nasceu em Janeiro e morreu em Abril de 1938. Cf. *Correio da Extremadura*, 22/1/1938, p. 6; 5/2/1938, p. 8; 19/2/1938, pp. 3, 26/2/1938, p. 3; 19/3/1938, p. 3; 2/4/1938, pp. 1, 8; António Monteiro, “A Fanfarra do Asilo da Misericórdia” in *Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Santarém*, n.º 49, Abril-Junho de 2009, p. 8.

2.2 - Teatro Sá da Bandeira

O Salão Ideal de Santarém foi inaugurado em 1909 e substituiu “um barracão de pedra, cal e zinco” onde esteve instalada a charanga dos Bombeiros Voluntários.¹ Nos seus dois primeiros anos de vida, a programação esteve a cargo da companhia do Teatro Lisbonense, passando posteriormente para os empresários António Pires (1911-1914) e Manuel de Sousa (1914). A dupla composta por Alberto Lucena, empresário de vários cinemas em Lisboa, e António Marques Pinheiro, empresário em Santarém, explorou o espaço entre 1915 e 1922, privilegiando a projecção de filmes. Em 1924, uma “empresa de capitalistas de Lisboa e Santarém”² fundou no espaço do Salão Ideal um novo teatro com mil e trezentos lugares, o Sá da Bandeira.³ Apesar de vocacionado para o cinema, foi a Companhia de Luísa Satanela e Estêvão Amarante que o inaugurou com uma das revistas do teatro Avenida. Perante a concorrência com a outra grande sala de espectáculos da cidade, o teatro Rosa Damasceno, as duas empresas acordaram distribuir a programação pelos dois espaços, em Janeiro de 1926. Assim, o Sá da Bandeira passou a beneficiar da exibição do quarteto musical do Rosa Damasceno, uma vez por semana, em complemento aos filmes.⁴ Em 1927, o teatro Sá da Bandeira era explorado pela Empresa Procine de Santarém.⁵

Em 1930, o teatro apresentava sinais de degradação e até de algum desleixo, como sucedia com a sujidade das casas de banho.⁶ Após uma vistoria ao espaço realizada em Agosto desse ano, os bombeiros decidiram proibir a venda de bilhetes para os balcões e camarotes evocando a falta de segurança em caso de incêndio.⁷ Perante este problema, a empresa do teatro decidiu fazer obras de modernização e ampliação, pelo que solicitou à Câmara a aquisição de um terreno anexo.⁸ Apesar desta não ter cedido o referido terreno, as obras iniciaram-se no Verão, com o objectivo de melhorar a

¹ Cf. O Cabaceiro, 18/6/1932, p. 2.

² *Portugal Anunciador. Ilustração de Turismo e Propaganda Regionalista*, Novembro de 1927.

³ Cf. Idem.

⁴ Cf. *O Combate*, n.º 44, 9/1/1926, p. 2.

⁵ Cf. BMS – Programas do Teatro Sá da Bandeira, 15/12/1927.

⁶ Cf. *Correio da Extremadura*, 1/3/1930, p. 2.

⁷ Cf. Idem, 30/8/1930, p. 6.

⁸ Cf. Idem, 11/10/1930, p. 3.

comodidade da sala e de tornar o espaço num “cine” que recebesse filmes das melhores distribuidoras.⁹ O atraso na conclusão das obras levou a uma polémica que envolveu o director do *Correio da Extremadura*, João Arruda, e os dirigentes do Club de Santarém, proprietário do teatro Rosa Damasceno. Estes últimos eram indirectamente referenciados como parte interessada no prolongamento das obras para que o popular teatro se mantivesse encerrado.¹⁰ A reabertura do teatro deu-se a 31 de Janeiro de 1931, com a exibição do filme sonoro “A Mártir do Amor” e “... não há dúvida nenhuma e está bem dito: o teatro popular. Ali sentimo-nos bem e o nosso povo está contente (...) Ali está à vontade. Passeia, fala, discute, dá uma mão à do vizinho de lado e julga-se no seu grémio.”¹¹ O Sá da Bandeira tornou-se na primeira sala de Santarém a apresentar com regularidade filmes sonoros, a partir de Fevereiro de 1931,¹² o que lhe trouxe dissabores com a direcção do teatro Rosa Damasceno. O acordo anteriormente estabelecido entre estas duas salas de espectáculos foi interrompido pois “... cada qual passará a viver vida independente.”¹³

A partir do início de 1932, para promover este espaço popular e dinamizar a cultura entre os mais desfavorecidos, “No momento que a crise é tão grande, a digna empresa deste teatro usou de um gesto verdadeiramente digno de atenção do povo scalabitano baixando os preços, de maneira que os pobres que também são gente, podem de ora avante, passar umas noites em agradável e instrutiva distracção, por um preço relativamente módico. E creio que isto representa mais que um benefício pecuniário. Porque gastariam na taberna mais do que ali pagam por uma entrada. Além disso, a mesma empresa, procurará trazer filmes úteis e instrutíveis como tem feito ultimamente. É necessário instruir e educar o povo, que não podendo frequentar os teatros caros, possa ter o seu sempre aberto. Nem tão pouco há direito que assim não seja, numa cidade como Santarém. De resto, haja fitas boas e nada mais é preciso. O povo será justo e saberá corresponder ao sacrifício que representa, para uma empresa manter assim, um teatro – cine, sempre aberto...”¹⁴ Entretanto, a divulgação dos filmes sonoros continuava, enquanto os filmes mudos beneficiavam de redução de preços.¹⁵

⁹ Cf. Idem, 20/12/1930, p. 3; 17/1/1931, p. 6.

¹⁰ Cf. Idem, 25/10/1930, p. 2; 1/11/1930, p. 2.

¹¹ *Notícias do Ribatejo*, n.º 12, 25/12/1931, p. 2.

¹² Cf. *Correio da Extremadura*, 7/2/1931, p. 2.

¹³ Idem, 21/10/1931, p. 6.

¹⁴ *Notícias do Ribatejo*, n.º 14, 10/1/1932, p. 3.

¹⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 7/11/1931, p. 6; 1/1/1932, p. 2.

A empresa do teatro Sá da Bandeira, dirigida por António Marques Pinheiro, adquiriu em Abril de 1932 uma nova instalação sonora que esteve em exposição nas montras dos Grandes Armazéns do Chiado em Santarém. O sistema “Miviatone” (gravação na fita) e “Vitafone” (gravação no disco), adquirido em Paris, permitia “... que a nossa terra se antecipe a tantas outras de igual categoria que não têm conseguido até hoje tão custosa instalação.”¹⁶ e foi inaugurado a 29 de Maio com a apresentação do filme da Fox “Loucura de um Beijo”, protagonizado pelo tenor espanhol José Mogica. No entanto, durante o Verão a exibição dos filmes sonoros foi suspensa “... devido às grandes despesas que não têm sido correspondidas pelo público.”¹⁷. No final de Agosto, a empresa do teatro adquiriu um novo aparelho sonoro alemão para estrear, em Outubro, o filme “O Congresso que Dança”.¹⁸ No Verão do ano seguinte, foi comprado um outro aparelho sonoro que foi montado por um técnico da Tóbis.¹⁹ Em Julho de 1935, o teatro montou seis ventoinhas de forma a refrescar a sala e a manter os espectadores que não tinham partido de férias evitando as deserções para as esplanadas.²⁰

A 7 de Agosto de 1938, a sala encerrou para obras após a exibição da película “A Rosa do Adro”. No entanto, as obras tardavam e no final de Outubro a imprensa local anunciava o trespasse do teatro.²¹ As obras de renovação do teatro só tiveram início do final de 1941, após a aprovação da Direcção Geral dos Espectáculos. Para além da substituição do soalho e das cadeiras de ferro fundido com tampo de madeira da plateia, também o primeiro balcão, a geral e os camarotes sofreram modificações. As entradas e as salas de fumo tiveram alterações significativas. A cabine de projecção foi aumentada ao ser-lhe acrescentada uma divisão para as bobinagens e desbobinagens feitas à manivela manual. A orientação das obras ficou a cargo do engenheiro Mendonça Ribeiro.²² Entretanto, a 30 de Março de 1942, constituiu-se a Empresa do Teatro Sá da Bandeira composta pelos sócios António Marques Pinheiro, sócio maioritário, Carlos Marques, Álvaro Sampaio da Costa e Antonino Pires da Silva (1892-1973).²³ A referida empresa acabou por ser reformulada a 10 de Outubro de 1944, com a entrada de novos sócios. A Carlos Marques, António Pinheiro e a Antonino

¹⁶ Idem, 2/4/1932, p. 6.

¹⁷ Idem, 9/7/1932, p. 2.

¹⁸ Cf. Idem, 27/8/1932, p. 1.

¹⁹ Cf. Idem, 8/7/1933, p. 2; 22/7/1933, p. 2.

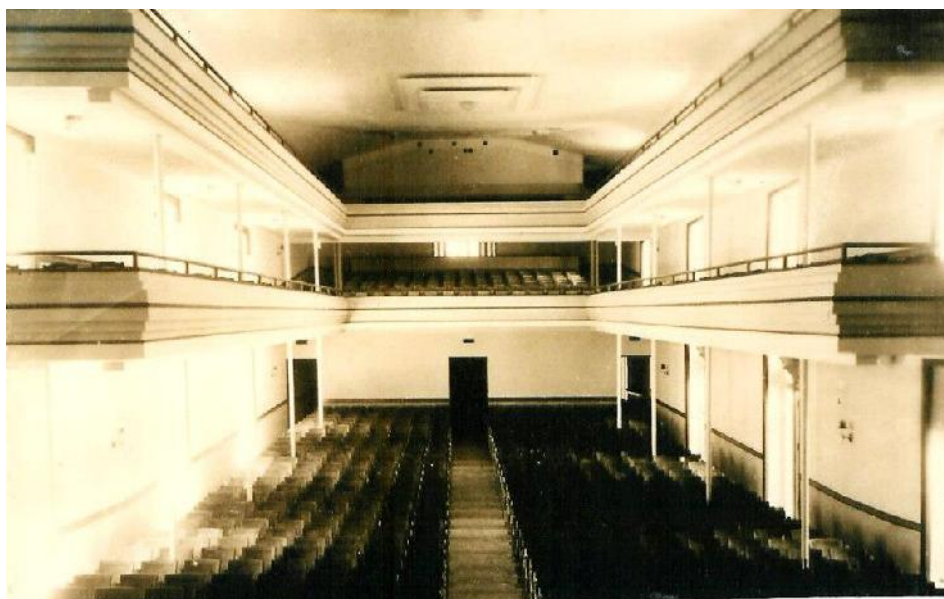
²⁰ Cf. Idem, 27/7/1935, p. 2.

²¹ As propostas de trespasse deviam ser enviadas ao cuidado de António Pinheiro, residente no Beco dos Cortezes, n.º 2, Santarém. Cf. Idem, 29/10/1938, p. 10; 5/11/1938, p. 7.

²² Cf. Idem, 4/7/1942, p. 2.

²³ Cf. Idem, 11/4/1942, p. 3.

Pires da Silva uniram-se Silvino Lourenço Fernão Pires, Fernando Gomes dos Santos e os herdeiros do falecido sócio Álvaro Sampaio da Costa, a mulher Hortense Adelaide Costa, os filhos Maria da Assunção Adelaide Costa e Manuel Sampaio da Costa.²⁴ O Sá da Bandeira restaurado reabriu a 20 de Dezembro de 1942 com a exibição do filme “O Cantor e a Corista” quando já era apelidado de “cinema fantasma” após tão forçada paragem.²⁵ O teatro voltou a beneficiar de obras em 1959, onde quer a plateia quer o balcão sofreram modificações assim como o palco onde foi feita a “instalação do cine-mascópio”²⁶.



Interior do teatro Sá da Bandeira, Santarém, 1960. Fotografia cedida por Zeferino Silva.

Desde a sua construção que o teatro Sá da Bandeira foi essencialmente vocacionado para a exibição de cinema a preços populares.²⁷ Enquanto a elite da cidade procura o teatro Rosa Damasceno, os menos favorecidos esperavam que muitos dos filmes fossem exibidos naquele seu espaço de diversão. A programação cinematográfica encontrava-se dividida nas épocas de Inverno e de Verão. Os períodos festivos como o Natal, Carnaval e Páscoa traziam a estreia de filmes alusivos como musicais, comédias e infantis. As sessões cinematográficas decorriam de sexta-feira a terça-feira, com matinées ao fim-de-semana. No início da década de 50, as sessões restringiram-se ao fim-de-semana e à sessão nocturna de quarta-feira, quando passou a partilhar o mesmo

²⁴ Cf. Idem, 28/10/1944, p. 2.

²⁵ Cf. Idem, 12/12/1942, p. 6; 19/12/1942, p. 2.

²⁶ *Correio do Ribatejo*, 28/11/1959, p. 2.

²⁷ Em Maio de 1935, os preços praticados no teatro Sá da Bandeira eram: camarotes de 12\$00 e 6\$00; balcão e cadeiras a 3\$00; superior a 2\$00; geral numerada a 1\$50; e geral a 1\$00. Cf. *Correio da Extremadura*, 25/5/1935, p. 2.

distribuidor que o teatro Rosa Damasceno e a Esplanada da Feira Popular.²⁸ Durante o Verão, repunha-se aos fins-de-semana alguns êxitos do cinema estrangeiro e português, enquanto no mês de Agosto se optava por praticar preços muito baixos ou mesmo por encerrar, devido à preferência pelas esplanadas onde a exibição de filmes intercalava com os bailes. Apesar dos sucessos do cinema norte-americano e europeu passarem pelo Sá da Bandeira, a prioridade foi dada à exibição de filmes portugueses, conforme se pode verificar através do anexo VIII.

Muitos dos filmes eram exibidos com pouca diferença de tempo em relação à sua estreia em Lisboa. Alguns estrearam mesmo com diferença de poucos dias, como “Um Homem do Ribatejo” (1946), do escalabitano Henrique Campos, e “O Leão da Estrela” (1947). Perante o sucesso obtido ficava garantida a sua repetição, mesmo em período de Festas da Cidade ou das tradicionais Feiras do Milagre e da Piedade. A 6 de Maio de 1944, a empresa do teatro programou uma maratona de filmes portugueses exibidos durante vinte e quatro horas.²⁹ No âmbito da promoção do filme “Fado História de uma Cantadeira”, Amália Rodrigues deslocou-se ao teatro Sá da Bandeira, a 21 de Fevereiro de 1948, onde foi recebida com grande ovação depois de ter cantado alguns dos fados que interpretava no filme.³⁰ Os filmes produzidos em Espanha e protagonizados por actores portugueses também obtinham sucesso como “Doze Luas-de-Mel” (1944), com Milú, “O Diabo são Elas” (1946), com Barreto Poeira, “Ladrão da Luva Branca” (1948), com Alberto Ribeiro e Óscar de Lemos, e “Rua sem Sol” (1950), com António Vilar.

Os complementos aos filmes eram de temática variada optando-se por documentários de carácter regional, como “A Criação de Toiros Palha Blanco”³¹ e “Audácia e Touros” (1950) com Manuel dos Santos³²; resumos de desafios de futebol especialmente protagonizados pela selecção nacional; inaugurações de grandes obras do Estado Novo como o Estádio Nacional, ou o filme “Quinze Anos de Obras Públicas” (1949); apontamentos sobre as Guerras em Espanha e na Europa; momentos musicais,

²⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 20/5/1950, p. 2; 22/7/1950, p. 2

²⁹ Da programação constavam os filmes “Pai Tirano”, “A Severa”, “As Pupilas do Senhor Reitor”, “O Costa do Castelo”, “Bocage”, “Fátima, Terra de Fé”, “A Menina da Rádio”, “Varanda dos Rouxinóis”, “Ala Riba”, “Lobos da Serra”, “Rosa do Adro” e “Ave de Arribação”. Cf. *Correio da Extremadura*, 5/8/1944, p. 2.

³⁰ A noite terminou no hotel Abidis, local onde a fadista cantou para um grupo de admiradores e pernitoou. Cf. *Correio do Ribatejo*, 28/2/1948, p. 8.

³¹ Cf. *O Combate*, n.º 18, 19/9/1925, p. 5.

³² Cf. *Correio do Ribatejo*, 1/4/1950, p. 2.

com destaque para os fados de Amália Rodrigues no final da década de 40. Por vezes, nos intervalos dos filmes eram apresentados espectáculos de variedades que predominaram nas décadas de 20 e 30.

Espectáculos apresentados nos complementos dos filmes Teatro Sá da Bandeira (1925-1948)³³		
Data	Artistas	Outras Informações
Março de 1925	Ginastas “Les Gaulois”	Um ginasta caiu na plateia durante a exibição. Apesar de transportado ao hospital não sofreu ferimentos graves. ³⁴
Março de 1925	Manuela Conde	Canções portuguesas.
Abril de 1925	Palhaços Albanos	Atracção do Coliseu de Lisboa.
25/10/1925	Ventríloquo Cabalero Castillo	Os vinte e cinco bonecos representavam pequenas comédias e cantavam.
13/12/1925	Bailarina internacional Maritaña e os acrobatas portugueses “The Bazilios”	
13 e 14/11/1927	“Circo em Miniatura Mr. Rambeau”	Trinta e cinco artistas e animais (cães, macacos, pombos, galos e cavalos), todos amestrados pelo professor Mr. Rambeau. Este sucesso do Coliseu de Lisboa estava de passagem para o Coliseu do Porto.
1/1/1930	Artistas “Vanah et Floyse	Variedades.
30/3/1930	Bailarina Laisy Lindley, “coupletista” e cantora de tangos argentinos Marissa.	Variedades.
20/4/1930	Concerto de Harmónica com o “Ceguinho da Luz” e Joaquim Pacheco	
17/4/1932	“Jazz band” dirigida pelo maestro Luís Silveira.	Variedades.
5/10/1933	Cantor Silva Sanches	
5/4/1934	Orquestra Jazz “Os Persistentes”	Espectáculo a favor do cego Bento Domingos.
8/5/1934	Cantores Maria do Carmo Torres, Filipe Pinto e Joaquim Pimentel acompanhados pelos	

³³ Cf. *Correio da Extremadura*, 1925-1944; *Correio do Ribatejo*, 1945-1948; *O Combate*, 1925.

³⁴ Cf. *O Combate*, n.º 2, 21/3/1925, p. 5.

	músicos Fernando Freitas e Alfredo Mendes.	
2/5/1935	Orquestra Jazz “Os Persistentes”	Espectáculo a favor do cego Bento Domingos e da sua mãe.
17, 19, 26/4/1936	Mágicos Ferusa e Ferdoli	
9/1/1938	Mágicos Ferusa e Ferdoli	
16/12/1944	Dueto cómico Óscar de Lemos e Arménio Silva.	Variedades.
29-30/1947	Actriz Lina de Moel.	Variedades.
17/3/1948	Acordeonista Eugénia Lima.	
15/4/1948	Cantores Alberto Ribeiro e a sua irmã Aura Ribeiro.	
6/12/1948	Fadista Fernanda Peres e os seus guitarristas.	

Algumas das companhias teatrais de Lisboa procuraram o palco do teatro Sá da Bandeira para apresentar os seus sucessos. A comédia e a revista foram os géneros mais divulgados pelas suas características populares. No entanto, a partir do final da década de 40 estes espectáculos começaram a rarear em favor das exhibições de cinema.

Companhias de Teatro de Lisboa que apresentaram espectáculos no teatro Sá da Bandeira (1925-1947)³⁵		
Data	Companhia	Peças Representadas
1925	Luísa Satanela e Estêvão Amarante	
10/10/1926	Companhia Otelo de Carvalho	Comédias “Era uma vez uma Sogra” e “Bric-à-Brac”. Acto de variedades em complemento.
15/12/1927	Tournée Carlos Leal, Companhia da Revista do Teatro Maria Vitória	Revista “Lisboa em Santarém” com Carlos Leal, Luísa Durão, Maria Brasão, Armando Machado.
26, 27/5/1929	Companhia de Teatro Sales Ribeiro e Alves da Cunha	Comédias “O Domador de Sogras” e “O Batoque”, com Teresa Gomes e Costinha.
25-26/2/1930	Companhia do Teatro Ginásio	Revista “Cova da Piedade”, com os actores Elisa Santos e Silvestre Alegirim. Opereta “Maria Rapaz”.

³⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 1925-1944; *Correio do Ribatejo*, 1945-1947; *O Combate*, 1925-1926; *Jornal de Santarém*, 1926.

18-19/3/1930	Companhia Chaby Pinheiro	Comédias “O Nosso Homem” e “O Leão da Estrela”.
10/3/1932	Companhia de Teatro Ilda Stichini	Peça histórica “Um Bragança”.
3/11/1935	Companhia de Teatro Ilda Stichini e Alves da Cunha	Peça “Meu Amor é Traíçoeiro”.
6/7/1937	Companhia de Teatro Alves da Cunha	“Os Fidalgos da Casa Mourisca”, com Henrique Campos.
4/10/1937	Companhia de Teatro Ilda Stichini	Recital da actriz Ilda Stichini.
11-13/11/1937	Companhia de Teatro Maria Matos	Peças “A Bernarda”, “Novos e Velhos”, “A Tia Engrácia”.
12, 17/1/1938	Tournée Portuguesa de Revistas	Revistas “Pirilampos”, “Fungagá”.
17/1/1938	Tournée Portuguesa de Revistas	Revista
17/5/1938	Companhia de Teatro Alves da Cunha	Peça “O Pai”
11-12/7/1947	Companhia de Maria Matos	Peça “Fim de Festa”, com Maria Matos, Luís Filipe, Maria Schulz, António Palma, Mendonça de Carvalho.

O teatro amador marcou presença pontual no palco do Sá da Bandeira enquadrado em espectáculos de variedades, como a representação da peça em um acto “Na Rua do Fado”, de José Avelino de Sousa, seguida de um sarau musical com o dueto “Vidamina”, a 28 de Junho de 1925.³⁶ Esporadicamente, o grupo cénico da Associação Académica de Santarém apresentou no teatro as suas récitas, como a comédia “A Maluquinha de Arroios” representada a 21 de Maio de 1938.³⁷ Por vezes, as récitas dos estudantes finalistas da Escola Agrícola e do Liceu decorriam no Sá da Bandeira com a apresentação de comédias e variedades protagonizados pelos alunos com o apoio de amadores escalabitanos, como sucedeu em 1938 e 1945.³⁸

Os espectáculos musicais ocorriam com pouca frequência no teatro Sá da Bandeira quer fossem apresentados por amadores da cidade quer por artistas vindos de Lisboa, conforme se pode verificar pelo seguinte quadro.

³⁶ Cf. *O Combate*, n.º 16, 27/6/1925, p. 8.

³⁷ Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*, Santarém, Associação Académica de Santarém, 1961.

³⁸ Cf. *Correio da Extremadura*, 18/6/1938, p. 2; *Correio do Ribatejo*, 12/5/1945, p. 6.

**Espectáculos Musicais no teatro Sá da Bandeira
(1925-1948)³⁹**

Data	Artistas	Outras Informações
21 e 22/3/1925	Tournée artística de Filomena Lima e da fadista Adelina Fernandes.	Farsas, comédias, variedades e fados.
29/4/1930	Fadistas Ercília Costa, Virgínia Soler e Georgina Fernandes	Espectáculo para proclamar a rainha da canção nacional.
21/7/1930	Companhia de variedades do grupo Brunswick.	
Abril de 1934	Fadista Joaquim Pimentel	
18/2/1943	Artistas da Emissora Nacional Maria da Graça e Maria Gabriela acompanhadas pelo maestro António Melo.	Variedades.
16/10/1943	Artistas da canção nacional Noémia Cristina, Maria Pereira, Ana Adelaide Cardoso, Gabino Ferreira, Manuel Calisto, Manuel dos Santos e Francisco dos Santos.	Variedades.
21-22/2/1944	Grupo Musical “Os Rambóias”	
12-13/3/1944	Grupo Musical “Os Rambóias”	
.	Grupo Musical “Os Rambóias”	
28/5/1948 19/6/1948	Recital do acordeonista belga Henri Bastien, campeão internacional de acordeão.	
10/7/1948	Orquestra Scalabis, dirigida por Adriano Pereira.	Variedades.

No teatro Sá da Bandeira, também decorriam festas de Carnaval, Natal e passagem de ano, com espectáculos de variedades, bailes e filmes. O Entrudo era festejado com a exibição de filmes cómicos, bailes de fantasiados, concursos de máscaras, matinées de cinema dedicadas às crianças, jogos de Carnaval e espectáculos de variedades abrilhantados por diversos artistas, como as bailarinas “Dory and Lys” e a espanhola Manolita, a acrobata Lita, o bailarino Ranis, os duetos “Os Geraldos” e “Os Característicos” a “coupelista” La Sultana e a Companhia de Zarzuela de Rafaela Haro, após êxito no Coliseu dos Recreios⁴⁰. Durante o Carnaval de 1926, o Sá da Bandeira proporcionou ao seu público uma série de espectáculos pela Companhia que trabalhava

³⁹ Cf. *Correio da Extremadura*, 1925-1944; *Correio do Ribatejo*, 1945-1948; *O Combate*, 1925.

⁴⁰ Cf. *Correio da Extremadura*, 28/2/1931, p. 2.

no Coliseu dos Recreios. Esta apresentou números de sucesso “... desde o arrojado domador de leões, Ivanoff até aos palhaços Atalaias (...) patinadores, acrobatas, equilibristas honraram bem os créditos de que vinham precedidos. O público, de princípio retraído, acabou por dar à Companhia fartas casas e bastos aplausos.”⁴¹.

Pelo palco do teatro Sá da Bandeira passaram vários espectáculos com o objectivo de angariar fundos para instituições como o Hospital da Misericórdia de Santarém, Juventude Católica Feminina, Sopa dos Pobres, Comissão Municipal de Assistência e Asilos. As receitas de alguns espectáculos cinematográficos reverteram a favor dos pobres da cidade. No teatro também decorreram festas para apoiar personalidades em dificuldades financeiras, como foi caso da homenagem ao professor e poeta Bartolomeu Salazar Moscoso (1856-1933) que se encontrava gravemente doente.⁴² A 19 de Abril de 1933, decorreu um espectáculo de angariação de fundos para comprar uma prótese ao operário José Feliciano, amputado de uma perna durante uma cirurgia.⁴³ A própria empresa do teatro protegia o cego Bento Domingos e a sua família, para quem organizou espectáculos de beneficência entre 1934 e 1935 e para os quais contava com o apoio da Orquestra Jazz “Os Persistentes”, de Santarém.⁴⁴ A 20 de Dezembro de 1934, decorreu um espectáculo a favor do “Natal dos Inválidos do Comércio”, organizado pela Delegação de Santarém, que contou com uma conferência sobre a instituição, proferida por Alberto Baptista Álvares.⁴⁵ O padre Américo proferiu uma palestra sobre a sua obra na Casa do Gaiato, a 1 de Julho de 1947, a convite da Junta de Província do Ribatejo, com o objectivo de obter contributos monetários para a referida obra.⁴⁶ O Sá da Bandeira também recebeu outras actividades como o Congresso Confederal (23 a 26 de Setembro de 1925)⁴⁷, a festa de homenagem ao ciclista José Castelhão Romão que participou na III Volta a Portugal (29 de Setembro de 1932)⁴⁸ e o combate de boxe com o coruchense Cristóvão Pereira (Abril de 1934)⁴⁹.

⁴¹ *O Combate*, n.º 50, 20/2/1926, p. 5.

⁴² A homenagem decorreu a 20 de Abril de 1933 e contou com cinema, fados e poesia recitada pelos amadores escalabitanos Guilherme Pereira, Agostinho Mariano e José Avelino de Sousa. Cf. *Correio da Extremadura*, 29/4/1933, p. 8.

⁴³ Cf. Idem, 14/4/1933, p. 2.

⁴⁴ Cf. Idem, 7/4/1934, p. 2; 27/4/1935, p. 5.

⁴⁵ Cf. Idem, 22/12/1934, p. 3.

⁴⁶ Cf. *Correio do Ribatejo*, 28/6/1947, p. 8; 5/7/1947, p. 1.

⁴⁷ Cf. *O Combate*, n.º 28, 19/9/1925, p. 5.

⁴⁸ Cf. *Correio da Extremadura*, 24/9/1932, p. 5.

⁴⁹ Cf. Idem, 7/4/1934, p. 2.

Ao dedicar-se exclusivamente ao cinema e sendo um espaço popular que praticava preços mais baixos do que o Rosa Damasceno, a partir do final da década de 50 o Sá da Bandeira viu-se remetido para um lugar secundário pelas casas distribuidoras. Os filmes estreados eram reposições ou filmes de pouca qualidade. O banco corrido da geral atraía as franjas marginais da cidade, jovens estudantes em busca da emancipação e soldados em cumprimento do serviço militar obrigatório. O teatro foi-se degradando e perdendo público à semelhança do que acontecia com outras salas de espectáculos. Da lenta agonia salvou-o a Câmara, em 2004, que o adquiriu e restaurou, reduzindo a sala a uma plateia de duzentos lugares.

2.3 - As Companhias de Teatro Ambulante

As companhias de teatro declamado e/ou musical deslocavam-se com frequência a Santarém instalando a sua “sala de espectáculo” no campo Fora de Vila ou Sá da Bandeira. As companhias que mais marcaram a cidade foram a Companhia Ambulante dos “Rentini”, a Companhia de Teatro Desmontável de Mimi Muñoz e a Companhia Teatral Rafael de Oliveira. Estes espectáculos atraíam público diversificado que tinha assim oportunidade única de ver cinema, teatro, operetas, apontamentos circenses e musicais a baixo custo.

A Companhia Ambulante dos “Rentini” possuía um teatro desmontável que albergava cerca de mil e duzentos espectadores e que se instalava, habitualmente durante três meses, no Campo Fora de Vila. A sua passagem por Santarém era frequente e aguardada com alguma ansiedade, tal a diversidade de espectáculos apresentados com incursão no teatro, cinema e “variedades”. Em 1910, a Companhia era esperada na cidade porque “o que corre... é que a tournée Rentini só virá dar os seus espectáculos em fins deste mês ou nos primeiros dias de Novembro...”¹ A expectativa de receber a Companhia de Dolores Rentini mantinha-se apesar de esta ter actuado na cidade em Junho, Julho e Setembro desse ano. A empresa da viúva Julieta Rentini Godfrey geria a Companhia quando esta instalou o seu salão metálico em Santarém, entre Fevereiro e Maio de 1938. A novidade residia no facto de a Companhia se auto-intitular “cine-teatro-circo Rentini porque “... além de cinema sonoro e variedades, haverá espectáculos teatrais pela Companhia Rentini de que fazem parte as actrizes Julieta Rentini, Rabira de Sousa, Olinda Rentini, Camilo de Oliveira, Cristiano Mesquita e um excelente grupo de bailarinas...”². A diversidade de espectáculos motivava comentários “... que o teatro Rentini se dispõe a criar raízes no Campo Sá da Bandeira brindando-nos com alguns meses de cinema e variedades, para dar um pouco mais de alegria à vida cá do burgo.”³. Durante a sua passagem por Santarém, a Companhia apresentou um reportório teatral variado, permitindo ao público recordar velhos êxitos e encantar-se com as novidades. De entre as peças representadas contavam-se essencialmente textos

¹ *Correio da Extremadura*, 1/10/1910, p. 2.

² *Idem*, 12/2/1938, p. 2.

³ *Idem*, 26/2/1938, p. 8.

portugueses como “Amor de Perdição”, “A Rosa do Adro”, “Milagre de Fátima”, “Morgadinha de Vale Flor”, “Ódio de Raça”, “João José”, “As Duas Órfãs”, “O Avarento” e “Inês de Castro”. Os críticos lembravam “... que o salão Rentini promete uma temporada teatral para matar saudades aos amadores da arte de Talma e desopilar o fígado aos gulosos das comédias do Ginásio.”⁴ A programação de cinema abarcava essencialmente filmes ingleses e norte-americanos como “O Grito de 1938”, “Os Mistérios de Londres”, “Palhaços”, “Último Adeus!”, “Demónios do Mar”, “Festa Brava”, “O Homem Sombra” e “Ana Karenina”. Após a exibição dos filmes a noite terminava com espectáculos de variedades ou com a exibição de operetas em um acto como “Polícias Encravados”, dirigida pelo maestro Fernando Isidro.⁵ A Companhia também preparou espectáculos alusivos ao Carnaval onde se exibiram “... cantoras, bailarinas, cançonetistas, cantoras de fado, duetistas cómicos que interpretaram números de revista e os maiores sucessos de variedades.”⁶ Quando a Companhia se despediu de Santarém, efectuou-se o sorteio de um piano por todos os espectadores que tinham adquirido senhas.⁷ Cinco anos mais tarde, a Companhia Rentini voltou a instalar-se em Santarém durante os três meses de Outono, para apresentar exclusivamente espectáculos teatrais e de variedades. O reportório variava entre as comédias (“O Gaiato de Lisboa”), as revistas (“Sorte Grande”, “Bonecos Articulados”), as operetas (“O Menino quer Mamã”) e os dramas (“A Vingança”, “A Filha Maldita”, “Gaspar o Serralheiro”, “A Filha do Saltimbanco”). Mas o grande drama da Companhia decorreu com o falecimento inesperado do popular actor natural do Cartaxo, Roberto de Oliveira, aos trinta e nove anos, após uma operação cirúrgica.⁸

A modesta Companhia Dramática Societária, dirigida por Silva Vale, passou em 1918 para as mãos do actor Rafael de Oliveira (1890-1965) após o seu casamento com Ema Vale. O jovem actor acabou por reestruturar a Companhia que, a partir de 1933, se passou a chamar Rafael de Oliveira e Artistas Associados. Após a construção do seu teatro ambulante, a Companhia também passou a ser conhecida por Teatro Desmontável Rafael de Oliveira.⁹ Na década de 40, a Companhia passou a actuar com frequência em Santarém, onde “... para aqueles que se não podem deslocar a Lisboa e mesmo para os

⁴ Idem, 12/3/1938, p. 6. Referência ao teatro amador apresentado no Ginásio do Seminário.

⁵ Cf. Idem, 16/4/1938, p. 2.

⁶ Idem, 26/2/1938, p. 2.

⁷ Cf. Idem, 14/5/1938, p. 7.

⁸ Cf. Idem, 9/10/1943, p. 8.

⁹ Cf. José Guilherme Mora Filipe, *Percursos Itinerantes, a Companhia de Rafael de Oliveira Artistas Associados*, [texto policopiado da dissertação de mestrado em Estudos de Teatro], Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.

que estão habituados a ver do melhor teatro, estes espectáculos são sempre bem vindos. Teatrinhos como aquele (...) deveria haver às centenas por esse país fora, para educação do povo e gozo espiritual de todos. Faça-se arte, com preços acessíveis a todas as bolsas, pois que desta forma todos poderíamos apreciar as obras-primas da nossa literatura...”¹⁰. Entre Janeiro e Abril de 1949, a Companhia apresentou peças essencialmente de Ramada Curto, como “A Recompensa”, “O Tio Rico” e “A Fera”, para além de outros textos que gozavam de grande popularidade como “A Tomada da Bastilha”, “As Duas Causas” e “A Viúva Alegre em Cascais”. No seu reportório constavam peças em comum com a Companhia Rentini, como os clássicos “Amor de Perdição”, “Inês de Castro” e “Rosa do Adro”. Entre Outubro e Dezembro de 1958, a Companhia apresentou em Santarém um novo programa teatral (“A Calúnia”, “Frei Luís de Sousa”, “Prémio Nobel”, “Raça”, “O Grande Industrial”, “O Marquês de Villemér”, “Está lá Fora um Inspector”, “Deus lhe Pague”, “As Pupilas do Senhor Reitor” e “Os Fidalgos da Casa Mourisca”), sem esquecer os velhos êxitos como “Duas Causas”, “A Recompensa” e “Amor de Perdição”. Durante o mês de Dezembro, a Companhia trocou o seu espaço desmontável pelo teatro Rosa Damasceno onde apresentou algumas das suas peças.¹¹ O elenco da Companhia integrava os actores Lisete Frias, Geny Frias, Ema de Oliveira, Lucinda Trindade, Carlos Frias, Eduardo de Matos, Fernando de Oliveira, José Carlos de Sousa, Rafael de Oliveira e Fernando Frias.¹² Os jovens actores amadores da cidade colaboravam frequentemente com a Companhia para conviver com actores profissionais que lhe permitiram enriquecer os seus conhecimentos. João Gomes Moreira, António Cacho e Carlos Mendes, entre muitos outros, interpretaram pequenos papéis ou fizeram de ponto no vasto reportório de peças de autores portugueses e estrangeiros. Segundo João Moreira, “... a “malta” da secção de teatro do Círculo Cultural tornou-se rapidamente amiga dos artistas, compostos por duas famílias, os Oliveiras e os Frias, a que se juntou o casal Vilela, o grande encenador Eduardo de Matos e ainda a artista de revista Lucinda Trindade e o actor e declamador Luís Pinhão. Íamos todos os dias como convidados e por diversas vezes participámos em peças onde só era necessário estar presente o que muito nos honrava.”¹³.

A Companhia de Teatro Desmontável de Mimi Muñoz apresentou-se no Campo Fora de Vila, durante a década de 30, destacando-se no elenco, para além da sua

¹⁰ *Correio do Ribatejo*, 12/3/1949, p. 2.

¹¹ Cf. Idem, 13/12/1958, 2; 20/12/1958, p. 31.

¹² Cf. Idem, 19/3/1949, p. 2.

¹³ João Gomes Moreira, *Teatro, Circo e Cinema na Vida de João Moreira*, Santarém, [texto policopiado], 2010, p. 12.

proprietária, os actores Dora Vieira, Holbeche Bastos e Hernâni Muñoz. Para além do seu reportório teatral, a Companhia também apresentava espectáculos de variedades com “... números de revista, quadros em que se exibem tangos, bailados, fados, canções, duetos...”¹⁴. Das peças representadas em Outubro de 1937, destacaram-se as comédias “O Rapto de Fernando” e “Criado Doido”, enquanto no ano seguinte a peça em cartaz era o “Milagre da Rainha Santa Isabel”.¹⁵ A Companhia instalava-se em Santarém no decorrer da Feira da Piedade, que se realizava em Outubro, sendo mais um motivo de diversão a juntar a tantos outros e onde se destacavam os circos.

Algumas companhias de variedades deslocavam-se em tournée pela província aproveitando espaços mais acessíveis para se exhibir, como as tendas dos circos. A Companhia de Variedades Casablanca de Lisboa, dirigida pelo empresário José Miguel, apresentou em Santarém três espectáculos de variedades entre 29 de Abril e 1 de Maio de 1944, durante a Feira do Milagre. Para se exhibir aproveitou a tenda do circo Mariano que se encontrava instalado no Campo Fora de Vila. Do programa da Companhia constavam a “... Orquestra Ibéria e um excelente conjunto de artistas nacionais e estrangeiros, de que fazem parte a estrela de cinema Maruja Goijg, a graciosa coupletista Fina Wells, a azougada cancionista Maria Vilaça, o popular actor Júlio Martins, as Hermanas Soler, a apreciada actriz Lucinda Trindade, os bailarinos excêntricos do Trio Wells, o ventríloquo Marius, a estrela de baile Paulita Flores...”¹⁶.

A partir de 1959, ano em que Rafael de Oliveira foi homenageado¹⁷, estas companhias afastaram-se gradualmente de Santarém, enquanto a modernidade dos transportes aproximava a cidade da capital. Muitos dos espectáculos permanecem na memória dos mais velhos e “Rentini” está presente no nome de um restaurante escalabitano. Os amadores de teatro tentaram aprender muitos dos segredos da arte de Talma por entre suspiros de paixão pelas vedetas dessas companhias.¹⁸

¹⁴ *Correio da Extremadura*, 30/10/1937, p. 2.

¹⁵ Cf. *Idem*, 23/10/1937, p. 2; 15/10/1938, p. 2.

¹⁶ *Idem*, 29/4/1944, p. 2.

¹⁷ A homenagem decorreu no teatro Taborda do Círculo Cultural Scalabitano, a 21 de Fevereiro de 1959, e foi organizada por um grupo de amigos e admiradores do actor e da sua Companhia. Cf. João Gomes Moreira, *Teatro, Circo e Cinema na Vida de João Moreira*, p. 12.

¹⁸ Cf. *Idem*.

2.4 - Club Literário Guilherme de Azevedo

Dos Grupo Recreativo do Teatro Taborda e Grémio de Santarém...

João António Codina, António Bento Machado, Jaime Pereira, Manuel Maria de Oliveira, João Luís da Silva, Alfredo Barradas, José Governo Martins, João Augusto de Oliveira e Silva, Ajax da Silva Rato fundaram o Grupo Recreativo do Teatro Taborda, em 1895.¹ A sua récita de inauguração decorreu no teatro da colectividade onde o grupo de amadores apresentou aos restantes sócios e familiares as comédias “Os Sobrinhos do Papá” e “Simplicio Castanha”, a 29 de Abril desse ano. Em Agosto, a récita repetiu-se a favor da Banda dos Bombeiros Voluntários.² No ano seguinte, a 5 de Abril, o grupo apresentou as comédias “A Timidez de Cornélio Guerra” e “Na Boca do Lobo”, enquanto o amador J. Alhandra recitou a cançoneta “Toma lá Pinhões”.³ O grupo dos amadores de teatro era ensaiado por Alexandre Marques Sampaio e constituído essencialmente por trabalhadores no comércio. A proximidade à actividade comercial levou a que a sede da colectividade albergasse a Tuna dos Empregados no Comércio, no início de 1905.⁴ Apesar de vocacionado para o teatro, o Grupo Recreativo fundou, em 1896, uma orquestra amadora dirigida pelo maestro Augusto de Moura Stoffel e na qual participavam alguns elementos da Banda dos Bombeiros. A partir de 7 de Outubro de 1901, passou a funcionar na sua sede um curso de ginástica sueca, orientado por Benjamim de Oliveira Jardim.⁵

O Grémio de Santarém foi fundado a 5 de Março de 1895, na sala de sessões da Associação Comercial de Santarém. A comissão instaladora era constituída por Henrique de Gallis, Augusto Montez, Emílio Infante da Câmara (todos ligados à Associação dos Bombeiros Voluntários), João Fagundo da Silva Júnior, António Mendes Cabral, Artur Marques Ferreira da Cunha e Silva e Guilherme Guerra. Os

¹ Cf. *Jornal do Ribatejo*, 14/3/1963, p. 4.

² Cf. *Correio do Ribatejo*, 5/5/1945, p. 6.

³ Cf. *Idem*, 6/4/1946, p. 8.

⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 22/4/1905, p. 2.

⁵ Cf. *Idem*, 5/10/1901, p. 2.

primeiros dirigentes do Grémio foram Francisco Cunha e Silva (presidente), José da Silva e Máximo Julião Pais Júnior (secretários), substituídos no ano seguinte por José Tomás Duarte Coelho (presidente da assembleia-geral) e Jacinto Bettencourt (presidente da direcção).⁶ A sede situava-se na travessa da Misericórdia n.º 46, numa casa alugada ao comerciante de “produtos líquidos”, Manuel Bernardes d’Almeida Topinho⁷. As secções de tiro, ginástica, esgrima, tiro, pau e outros jogos decorriam no Teatro Taborda, tal como os bailes e outras actividades desenvolvidas pelo Grémio. Elisário de Sousa Reis e Benjamim de Oliveira Jardim dirigiram respectivamente as secções de esgrima e ginástica, fundadas em Junho de 1895, enquanto a partir de Outubro do mesmo ano Luís Ferreira e o maestro Augusto de Moura Stoffel regeram a secção de música que integrava amadores da cidade. No início do século XX, o percurso do Grémio assim como os seus sócios confundiram-se muitas vezes com os do Grupo Recreativo do Teatro Taborda e os da Tuna dos Empregados no Comércio. As três colectividades comungavam do ideário republicano e divulgavam-no nas actividades que desenvolviam. Em Junho de 1903, o tipógrafo republicano e actor amador José Avelino de Sousa⁸ foi homenageado pelo Grémio, enquanto, no ano seguinte, o advogado e republicano José Montez⁹ proferiu a conferência “Educação Cívica”. Entre a lista de sócios do Grémio encontrava-se o nome do dirigente do partido republicano em Santarém, Manuel António das Neves¹⁰. A 25 de Março de 1904, o Grémio promoveu um sarau literário e musical de homenagem a Guilherme de Azevedo durante o qual inaugurou um retrato do poeta escalabitano que foi encomendado e pago pela colectividade ao pintor lisboeta José Aires.¹¹

O Grupo Recreativo do Teatro Taborda cessou a sua actividade em 1905. Nesse ano, o Grémio reduziu a sua programação a alguns bailes devido a problemas

⁶ Cf. Idem, 18/5/1895, p. 3.

⁷ Manuel Bernardes d’Almeida Topinho era avô materno de Manuel Ginestal Machado, um dos principais impulsionadores do associativismo em Santarém durante as décadas de 40 e 50 do século XX. Cf. Carlos Augusto da Silva Campos, *Almanach Commercial de Lisboa para 1886*, Ano VI, Lisboa, Lalléman Frères Imprensa, 1885, p. 233.

⁸ José Avelino de Sousa envolveu-se cedo no movimento associativo, na defesa das ideias republicanas e na Maçonaria ao ser iniciado na Loja Liberdade n.º 247 de Santarém, em 1909 e foi director e proprietário do jornal escalabitano republicano *O Debate*. Sobre a homenagem cf. *Correio da Extremadura*, 20/6/1903, p. 2; 27/6/1903, p. 2.

⁹ José Madeira Montez (1881-1943) participou nas greves académicas de 1907 quando já era filiado no partido republicano, foi director de *O Debate* e tomou posse, a 6 de Outubro de 1910, como presidente da Comissão Municipal Republicana de Santarém.

¹⁰ Manuel António das Neves (1857-1927) fundou e dirigiu o jornal *O Debate*, foi membro do Centro Eleitoral Republicano de Santarém, integrou a Comissão Municipal Republicana de Santarém em 1910 e exerceu funções de presidente da Câmara entre 1918 e 1919.

¹¹ Cf. Idem, 19/3/1904, p. 1 e 26/3/1904, p. 2. O retrato de Guilherme de Azevedo encontra-se na sala da biblioteca do Círculo Cultural Scalabitano.

financeiros, vindo a decretar a sua dissolução a 17 de Novembro de 1906.¹² A comissão para liquidar os haveres do Grémio era composta por Álvaro Peixoto, Fernão Pires e Henrique Pais e a dívida da colectividade foi assumida pelo Grémio Literário Guilherme de Azevedo a 1 de Dezembro de 1906¹³, que “... por escritura lavrada pelo notário desta cidade Joaquim de Aguiar Barradas tomou este Grémio [Guilherme de Azevedo] por trespasse todos os haveres pertencentes ao extinto Grémio de Santarém...”¹⁴.

... Ao Grémio Literário Guilherme de Santarém

Um grupo de republicanos, entre os quais Bernardo Pereira, Manuel da Silva Nunes, Máximo Julião Pais Júnior, Manuel António das Neves e José Avelino de Sousa, fundou o Grémio Literário Guilherme de Azevedo, a 8 de Fevereiro de 1905.¹⁵ A estratificação social da cidade encontrava-se bem evidenciada aquando da sua constituição, uma vez que à “... grande parte dos elementos que o constituem é vedado o acesso ao Club de Santarém – como sejam o modesto comerciante e homem de negócio, o caixeiro, o operário, o oficial inferior do exército...”¹⁶. Durante um comício republicano realizado em Santarém a 16 de Dezembro de 1906, Sebastião Magalhães Lima referiu que “... lhe fora muito grato vir àquela cidade, por ter contribuído para lançar, com os seus velhos amigos Manuel António das Neves e Francisco Canha, a primeira pedra do edifício republicano com a fundação do Grémio Guilherme de Azevedo”¹⁷. A nova sede, situada na rua de S. Nicolau, n.º 32, 1.º, foi inaugurada a 6 de Janeiro de 1907, com o descerrar do retrato de Guilherme de Azevedo que pertenceu ao Grémio de Santarém. O espaço era partilhado pela redacção do jornal republicano *O Debate*, fundado em Dezembro de 1907, e pelo Centro Eleitoral Republicano de Santarém, inaugurado em Março de 1908. Se na sede funcionavam algumas secções como o bilhar, o local das récitas passou a ser o teatro Taborda, espaço herdado do extinto Grupo Recreativo.¹⁸ Em 1912, o Grémio instalou a sua sede no teatro Taborda devido ao aumento de sócios. Aí, durante a década de 10, desenvolveram-se festas de

¹² Cf. Idem, 24/11/1906, p. 3.

¹³ Cf. Idem, 22/12/1906, p. 3.

¹⁴ “Carta do Grémio Literário Guilherme de Azevedo para o Clube de Santarém assinada por Hermínio Julião Pais Júnior” in *Pasta de Documentos Avulsos do Club de Santarém*, Santarém, 17/7/1907.

¹⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 20/1/1906, p. 3 e *O Debate*, 7/4/1921, p. 3. Durante alguns anos, defendeu-se que o ano de fundação da colectividade era 1917.

¹⁶ *O Debate*, 12/7/1923, p. 3.

¹⁷ *O Mundo*, 17/12/1906, p. 3.

¹⁸ Cf. *Correio da Extremadura*, 12/1/1907, p. 2.

confraternização e jantares entre aqueles que defendiam o ideário republicano.¹⁹ Os primeiros estatutos conhecidos do Grémio datam de 1914 e previam a criação e organização de uma biblioteca e de um gabinete de leitura a fim de “... promover e auxiliar o desenvolvimento físico, moral e intelectual dos associados e de seus filhos...”²⁰. A direcção nomeava um bibliotecário que devia “... administrar o todo inerente à biblioteca, redigir o regulamento privativo (...) propor à direcção, nas suas reuniões, a compra de livros e demais despesas da biblioteca (...) preparar índices, catalogação, numeração e arrumação das obras, organizar um livro especial para movimento de entradas e saídas, escriturar o livro de inventário da biblioteca...”²¹. O Grémio foi homenageado em 1918 juntamente com a Associação Comercial, a Associação Fraternidade Operária, os Bombeiros Voluntários, o Grupo de Empregados no Comércio e o Grémio Ribeirense, em prol dos actos de altruísmo praticados durante a epidemia de gripe asiática.²² A 27 de Março de 1921, realizou-se uma sessão solene na sede da colectividade para a inauguração de retratos dos sócios fundadores Bernardo Pereira e Manuel da Silva Nunes, sendo presidida pelos sócios Agostinho Pereira e António da Conceição Ferreira. Os discursos ficaram a cargo de José Avelino de Sousa que testemunhou o facto de ter acompanhado os homenageados nos tempos em que serviram o Grémio e a justiça da homenagem prestada em prol dos serviços e dedicação destes, e do seu filho, o estudante de direito, Luís Vaz de Sousa que acentuou “... o apreço em que devem ser tidos os esforços de quem, com afínco e a maior tenacidade se dedica ao meio associativo...”²³.

Um incêndio destruiu toda a colectividade incluindo o espaço do teatro Taborda, assim como toda a documentação, em 1922.²⁴ A primeira reunião da assembleia-geral decorreu a 16 de Dezembro desse ano, na sede da Associação de Empregados no Comércio onde passaram a decorrer algumas das actividades desenvolvidas pelo Grémio. Conscientes do desafio que os esperava, os novos dirigentes eleitos, José Avelino de Sousa (presidente da assembleia-geral) e João Codina (presidente da direcção), pretendiam transformar “uma acanhada sociedade” em “uma das primeiras do

¹⁹ Cf. *O Debate*, 9/5/1912, p. 2.

²⁰ *Estatutos do Grémio Literário Guilherme de Azevedo*, Santarém, [s. n.], 1914.

²¹ *Idem*.

²² Cf. *Jornal de Santarém*, n.º 63, 22/5/1926, p. 5.

²³ *O Debate*, 7/4/1921, p. 3.

²⁴ Cf. *Idem*, 12/7/1922, p. 3.

género e com todas as comodidades”²⁵. Segundo José Avelino de Sousa, necessitavam de “... resolver a melhor forma de adquirir receita para complemento das obras de reconstrução do nosso Grémio...”²⁶. João Codina apresentou a proposta de se “... emitir um ilimitado número de acções de dez escudos, que serão cobráveis em duas prestações, as quais pensa em favor distribuir por indivíduos sócios e não sócios, mais explica que a indemnização dessas será feita por meio de sorteio e com preferência aos não sócios.”²⁷. A proposta foi aprovada por unanimidade, tal como a sugestão do sócio José Frágoso “... para que se torne obrigatório a cada sócio a posse de uma acção e que em caso de recusa seja eliminado o sócio recusador.”²⁸. Em Maio de 1923, o senhorio das instalações da colectividade, Hédio Guimarães, aumentou o pagamento mensal da renda de 300\$00 para 500\$00, o que representava mais um rombo nas precárias finanças do Grémio. Mudar de instalações estava fora de questão devido aos investimentos feitos após o incêndio e porque na opinião de José Avelino de Sousa o “... Grémio teria de acabar, pois dificilmente se encontrará casa onde o mesmo possa ser instalado...”²⁹. A solução foi encontrada no aumento do pagamento da quota dos sócios que passou para 2\$50 e na recomendação para que a direcção se entendesse com o senhorio “... para de futuro não vir novamente com exigências e que depois de estarmos cá instalados, não faça o complemento das obras como deve ser.”³⁰. Perante todos os compromissos assumidos em nome da colectividade e pessoal, a direcção de João Codina foi reeleita para o ano seguinte. A reabertura da sede do Grémio ampliada e transformada decorreu em Outubro de 1923 com uma récita e um baile. A sede tinha um salão de festas com palco adornado pelo pintor e bombeiro amador Francisco Vilela e um terraço no piso térreo, enquanto no andar superior funcionava a biblioteca, o gabinete de leitura, o bufete, as salas de jogo e os sanitários.³¹ A revista de propaganda regionalista *Portugal Anunciador* apresentava a nova sede como “... um amplo edifício com um esplêndido salão de festas...”³² que servia os quatrocentos sócios. Em 1931, a colectividade já tinha setecentos e quarenta e oito sócios.³³

²⁵ *Livros de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Literário Guilherme de Azevedo*, Santarém, 16/12/1922.

²⁶ *Idem*, 28/2/1923.

²⁷ *Idem*.

²⁸ *Idem*.

²⁹ *Idem*, 26/5/1923.

³⁰ *Idem*.

³¹ Cf. *O Debate*, 20/9/1923, p. 2.

³² *Portugal Anunciador. Ilustração de Turismo e Propaganda Regionalista*. Santarém, Novembro de 1927.

³³ Cf. *Correio da Extremadura*, 14/3/1931, p. 2.

A necessidade de equipar a nova biblioteca da colectividade levou a direcção de José Coelho, na reunião de 7 de Fevereiro de 1928, a apelar aos editores, escritores e sócios para oferecerem livros. Muitos dos sócios, como João Arruda, Romeu Neves, Américo Rodrigues de Passos e Silva, Manuel Neves, Carlos Borges, José Avelino de Sousa e António Braz Ruivo, responderam ao pedido doando livros. Também a viúva do professor de liceu, João Maria da Silva ofereceu livros e fotografias do marido. A Câmara ofereceu livros que se encontravam em triplicado na Biblioteca Municipal Camões.³⁴ O Grémio procedeu a obras na sua biblioteca e adquiriu duas estantes com torcidos em mogno, seis cadeiras e uma secretária para instalar o espólio oferecido e abrir o espaço aos sócios.³⁵ A biblioteca Guilherme de Azevedo foi formalmente inaugurada a 8 de Novembro de 1930, com discursos de José Avelino de Sousa e Artur Proença Duarte, um “Porto de honra” e um animado baile.³⁶

Os estatutos do Grémio foram alterados em 1932 a partir das sugestões da comissão composta por Guilherme Pereira, José Fragoso e António José de Almeida. As alterações focaram-se na definição de sócio que podia ser efectivo ou extraordinário variando as quotas entre os 3\$50 e os 10\$00 respectivamente. Estes podiam ser sócios individuais e/ou colectivos sendo o direito de frequência extensivo à família com quem viviam. O papel do bibliotecário saía reforçado nesta alteração pois passava a ser eleito para o cargo juntamente com os outros corpos gerentes, deixando de ser atribuído o cargo ao segundo secretário da direcção. O artigo 20.º definia as competências do cargo: “Ao bibliotecário compete administrar privativamente todo o serviço inerente à biblioteca: redigir o regulamento privativo em harmonia com os estatutos e regulamento geral interno; propor à direcção, nas suas reuniões, a compra de livros e demais despesas da biblioteca; dar parecer sobre todas as consultas que a direcção lhe faça respeitantes ao cargo; preparar índices, catalogação, numeração e arrumação das obras; organizar um livro especial para movimento de entrada e saída dos livros; escriturar o livro de inventário da biblioteca.”³⁷ A importância de ser a única colectividade que possuía uma “sala de espectáculos”, o antigo teatro Taborda, levava a estabelecer regras mais precisas sobre o seu empréstimo e aluguer no artigo 18.º: “A direcção pode alugar a sua sala de espectáculos a qualquer companhia, grupo ou empresa – eventualmente e

³⁴ Cf. Idem, 11/10/1930, p. 2.

³⁵ O mobiliário para a biblioteca custou 2300\$00 e foi adquirido a José Pinto da Silva, de Gondomar. Cf. *Livros de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Literário Guilherme de Azevedo*, 10/6/1930.

³⁶ Cf. *Correio da Extremadura*, 15/11/1930, p. 2.

³⁷ *Livros de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Literário Guilherme de Azevedo*, 2/1/1934.

nunca por temporada – para realização de espectáculos, conferências ou outras diversões que não briguem com os fins desta colectividade e seus estatutos; devendo as condições ser observadas na defesa de interesses morais e materiais dos associados.”³⁸. No entanto, reservava para si a promoção de “... espectáculos cénicos extensivos a sócios e não sócios deste Grémio, com entradas pagas, embora com preços módicos, a título de cobrir as despesas de organização dos referidos espectáculos ou em benefício do cofre do Grémio.”³⁹.

Ao longo da sua história, a colectividade foi-se debatendo com problemas financeiros agravados pelo facto de nem todos os sócios honrarem os seus compromissos pagando atempadamente as quotas, o que se alastrava a alguns dirigentes. Na reunião de 18 de Janeiro de 1936, os sócios José Pedro e Rogério Martins contestaram o número elevado de sócios em débito, nomeadamente da direcção, e o facto dos corpos gerentes o permitirem ao contrário do que era referido nos estatutos.⁴⁰ As soluções passavam pela realização de sorteios⁴¹ e pela introdução de quotas suplementares anuais em determinados períodos e com fins específicos, como para a aquisição de um novo piano, em 1928, ou para a reparação da mesa de bilhar e compra de um jogo de bolas, em 1929.⁴² Alguns corpos gerentes obtiveram empréstimos ou contraíram dívidas, o que levou à sua manutenção na gestão do Grémio, pois segundo José Avelino de Sousa se tinham “...contraído dívidas que se encontravam por liquidar (...) só a eles cabia o dever da sua liquidação”⁴³. Só através de alguns desses empréstimos ou da boa vontade de alguns dirigentes se conseguiram fazer obras como uma sala de fumo ou “a escada de salvação”, em 1934.⁴⁴

O grupo cénico do Grémio apresentava récitas anuais no teatro Taborda. As comédias e o teatro musicado, preferencialmente de autores portugueses, constituíram o reportório apresentado. A encenação encontrava-se, inicialmente, a cargo dos sócios e dirigentes João Codina e José Avelino de Sousa e mais tarde passou para as mãos de

³⁸ Idem.

³⁹ Idem, artigo 19.º.

⁴⁰ Cf. Idem, 18/1/1936.

⁴¹ A 8 de Fevereiro de 1932, a colectividade sorteu um “objecto de arte”. Cf. *Correio da Extremadura*, 6/2/1932, p. 2. Outros sorteios se seguiram na década de 40, como “O Trevo de Quatro Folhas” que tinha como objectivo angariar fundos para melhorar as instalações do Club e oferecer mais comodidade aos sócios. Cf. Idem, 21/12/1946, p. 23.

⁴² Cf. *Livros de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Literário Guilherme de Azevedo*, 10/2/1928; 18/1/1929.

⁴³ Idem, 13/1/1931.

⁴⁴ Cf. Idem, 12/1/1934.

Guilherme Pereira. Todos desenvolveram projectos de encenação e representação noutras colectividades da cidade. Os cenários encontravam-se a cargo do pintor, professor de Liceu, Frederico Aires, e do seu discípulo Francisco Vilela, secundados pelo fotógrafo Carlos Gomes (1881-1933). Os números musicais eram acompanhados por uma orquestra constituída por amadores entre os quais se encontravam alguns membros da Banda dos Bombeiros. Por vezes, o grupo tinha dificuldade em recrutar entre os sócios mulheres que quisessem ou pudessem representar. Assim, convidavam senhoras que tinham participado em récitas diversas e que nem sempre se encontravam vinculadas a colectividades ou em alternativa os homens representavam os papéis femininos. A maioria dos actores masculinos provinha do mundo operário, amanuense e comercial, enquanto as actrizes eram jovens que pertenciam a famílias abastadas que apreciavam a arte de Talma. “A Frasqueira do Convento” (1910), música de Wenceslau Pinto e argumento de Joaquim Romão Duarte; “Valentes e Medrosos” (1910); “O Comendador Aleixo” (1910); “Maria do Amparo” (1925), de José Rui de Pina; “A Traviata” (1933), ópera “bufa” com música de Verdi, a revista “Pequenos Delitos” (1933), de Pedro Bandeira e Luís Zamara, com música de Camilo Rebocho e orquestra de amadores escalabitanos dirigida por Francisco Silveira e Luís Silveira; “O Grande Homem” (1934); “No Pico de Regalados” (1934); “A Tia Mariana” (1935), de Pedro Bandeira e Luís Zamara e música do maestro Vasco de Macedo; “Enredos de Amor”, de Diogo Soromenho (1938), foram alguns dos sucessos apresentados por este grupo cénico. Durante o Carnaval de 1916, o Grémio apresentou a opereta “O Sonho de Luísa”, escrita propositadamente por José Avelino de Sousa e musicada pelo maestro capitão João Carlos Pinto Ribeiro, de Lisboa, e representada por um grupo infantil dirigido por Jacobetty Rosa e João Codina. Esta récita, promovida pela direcção do Núcleo de Santarém da Liga Nacional de Instrução em benefício da Cantina Escolar, foi interpretada por alguns dos futuros actores e músicos amadores da cidade como Guilherme Monteiro Pereira e Alexandre da Fonseca Tavares (1900-1987). Alguns frequentaram a escola de música fundada em 1912 para os filhos dos sócios. Os adereços ficaram a cargo de Joaquim Matta, mecenas e dirigente associativo, e de Francisco Vilela. A orquestra de amadores do Grémio, fundada em 1912⁴⁵ e composta por vinte e oito elementos, abrilhantou o espectáculo com a execução de diversos números musicais sendo dirigida pelo autor da partitura por deferência do seu regente João Lopes.⁴⁶ O grupo cénico acompanhou a Banda dos Bombeiros nas suas

⁴⁵ Cf. *O Debate*, 9/5/1912, p. 2.

⁴⁶ Cf. BMS – Programa da récita “O Sonho de Luísa”, 12-13/2/1916.

deslocações pelo concelho durante 1939. Este apresentou a comédia “O Barão de Marvila”, de Artur Horta, e a revista “Conchinhas do Mar”, de Jaime Santos, ensaiadas por João Codina Albertina Melo e Luís Fernandes. A estreia da tournée decorreu no Cartaxo, a 25 de Maio.⁴⁷ O grupo cénico da Juventude Escolar Católica apresentou no Club, a 16 de Dezembro de 1939, a comédia “Os Médicos”, relativa aos costumes locais e inspirada em Molière. A orquestra de amadores foi dirigida pelo autor da música, Luís Fernandes, enquanto os ensaios estiveram a cargo do padre Fernando Duarte.

Para além das récitas teatrais, o Grémio desenvolveu outras actividades como os bailes que se realizavam com frequência e dos quais os mais apreciados eram os de Carnaval, do “micarême”⁴⁸ e da passagem de ano, a que se associavam, por vezes, os de Natal e da Páscoa e, a partir de 1935, o “baile das chitas”. A 23 de Março de 1927, realizou-se uma festa tradicional da Meia Quaresma abrilhantada por um quarteto do Asilo de Cegos Feliciano de Castilho, e na qual foi representada uma farsa alusiva à morte do rei Carnaval.⁴⁹ O recurso à representação de farsas, musicais e/ou comédias quer no Carnaval quer na Meia Quaresma tornou-se habitual com a participação dos amadores de teatro e de música associados do Grémio e por vezes reforçados com o apoio de familiares e amigos. O Carnaval de 1931 foi festejado com dois espectáculos para os sócios com “... peças desopilantes, trechos musicais, bailados extravagantes...”⁵⁰. No ano seguinte, um “espectáculo teatral com revista musicada e variedades”⁵¹ associou-se aos tradicionais bailes do Carnaval. Estes eram abrilhantados por pianistas como Marcelina Monteiro, Francisco de Almeida Bessa, Olímpia Dória, por professores de música como o maestro Luís Silveira e António Gonçalves ou por Orquestras designadas por “Jazz” ou “Jazz Band”. Algumas destas orquestras deslocavam-se de Lisboa, como a Orquestra Lusitana, de Vila Franca de Xira ou de outras localidades ribatejanas, como “Os Setas”. A partir de 1933, na cerca ou esplanada do Grémio decorreram os festejos dos Santos Populares, dos quais constavam sessões de cinema, concertos populares, bailes, largada de flores, fogo-de-artifício, ornamentações, largada de balões, venda de flores e serviço de bufete.⁵² Paralelamente, realizavam-se récitas e serões familiares, saraus de arte como o de Olga Mooris,

⁴⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 13/5/1939, p. 2.

⁴⁸ Festa de origem francesa realizada a meio da Quaresma e conhecida como o Carnaval fora de época.

⁴⁹ Cf. *Idem*, 26/3/1927, p. 2.

⁵⁰ *Idem*, 14/2/1931, p. 2.

⁵¹ *Idem*, 6/2/1932, p. 2.

⁵² Cf. *Idem*, 17/6/1933, p. 8.

realizado a 21 de Novembro de 1931,⁵³ ou o da cantora Elisabet Pola e da bailarina Mary Castilho que se apresentaram a 10 de Setembro de 1932.⁵⁴ A 6 de Abril de 1933, o Grémio e o jornal *Correio da Extremadura*, com o apoio da Câmara e do *Diário de Notícias*, promoveram uma homenagem ao patrono Guilherme de Azevedo na passagem do 51.º aniversário da sua morte. Após o descerrar de uma lápide na casa onde o poeta nasceu pelo seu familiar e dirigente da colectividade, José Avelino de Sousa, realizou-se na sede um serão literário onde foram oradores o capitão Romeu das Neves e os advogados Virgílio Arruda, Eduardo Figueiredo, Luís Vaz de Sousa e João Aurélio Fragoso.⁵⁵ A 30 de Novembro de 1939, o Club promoveu uma homenagem ao seu patrono no âmbito do centenário do nascimento do poeta e das comemorações nacionais. Os discursos ficaram a cargo do tenente Nuno Beja e do advogado João Fragoso que enalteceram a obra de Guilherme de Azevedo e lamentaram que Santarém “... ainda lhe não prestasse a devida homenagem erguendo um justo padrão à sua memória...”⁵⁶. Durante os anos 30, realizaram-se pontualmente conferências de que é exemplo a realizada por Eduardo Figueiredo, a 18 de Dezembro de 1934, e intitulada “Cooperação Social”, encontrando-se inserida no programa “Natal dos Inválidos do Comércio”.⁵⁷ A nível desportivo, a colectividade desenvolvia aulas de ginástica e sabre leccionas, a partir de 1937, pelo sócio sargento cadete Vasco do Ó.⁵⁸ Desde a década de 20 que se realizavam campeonatos inter-sócios de bilhar. Os jogos de azar não eram permitidos, havendo referência à expulsão de sócios devido à introdução de jogo com cartas viciadas.⁵⁹

Ao longo das primeiras três décadas, a colectividade manteve o seu ideário republicano entre os sócios mais antigos⁶⁰ e na sua sede encontrava-se “... um retrato primorosamente emoldurado do presidente Manuel de Arriaga, autografado, indicando-nos o iniludível espírito republicano daquela instituição...”⁶¹. A colectividade promoveu contactos com outras associações quer participando nas actividades por estas

⁵³ Cf Idem, 21/11/1931, p. 2.

⁵⁴ Cf. Idem, 10/9/1932, p. 2.

⁵⁵ Cf. Idem, 1/4/1933, p. 6; 8/4/1933, p. 2.

⁵⁶ Idem, 9/11/1939, p. 6.

⁵⁷ Cf. Idem, 15/12/1934, p. 3; 22/12/1934, p. 3.

⁵⁸ Cf *Livros de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Literário Guilherme de Azevedo*, 31/3/1937.

⁵⁹ Cf. Idem, 10/1/1942.

⁶⁰ José Augusto Frazão, sócio do Grémio e membro da primeira direcção do Orfeão Scalabitano, testemunhou a favor de vários sócios republicanos presos entre 1927 e 1930. O sócio Augusto Porfírio Fragoso, membro da comissão municipal do Partido Republicano, em Santarém, dirigente do jornal republicano *O Debate* e correspondente do jornal *O Rebate*, foi preso em consequência da sua ligação às revoltas de Fevereiro de 1927 e de Maio de 1933. Cf. *Correio do Ribatejo*, 3/12/2010, p. 13.

⁶¹ Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, p. 17.

desenvolvidas quer emprestando os meios que possuía, dos quais o mais cobiçado era o palco do Taborda. No seu seio nasceu e renasceu o Orfeão Scalabitano, a partir de Novembro de 1925. Na reunião da assembleia-geral de 31 de Março de 1937, o presidente da direcção, tenente José Daniel Clemente, deu a conhecer que a Inspecção-Geral dos Espectáculos exigia o cumprimento da Portaria n.º 6501, de 24/11/1929⁶². Apesar de todas as tentativas para evitar esse cumprimento, o Grémio cedeu, pois sem a certidão passada pela referida Inspecção tornava-se impossível obter licença de funcionamento do Governo Civil. Em consequência da decisão, os corpos gerentes demitiram-se em Maio. Na reunião extraordinária da assembleia-geral de 23 de Junho, foi constituída uma comissão composta por Guilherme Pereira, Joaquim dos Santos e Joaquim Pinheiro, para elaborar uma lista para os corpos gerentes. A direcção de Acácio Pereira manteve-se até Janeiro de 1939, sendo substituída pela de José Coelho.⁶³ A 26 de Junho de 1939, realizou-se uma reunião extraordinária da assembleia-geral “... face a um mandado de intimação emanado do Comandante de Polícia de Segurança Pública deste distrito a fim de dar cumprimento às disposições do artigo 11.º do Decreto-Lei n.º 29232, de 8 de Dezembro de 1938...”⁶⁴. Perante o mandato, procedeu-se à alteração do artigo 1.º dos estatutos com a organização de “...uma sociedade essencialmente de instrução e recreio que se denomina Club Literário Guilherme de Azevedo e a qual será composta de número ilimitado de sócios.”⁶⁵. Pelos motivos óbvios, a alteração foi aprovada “sem discussão e por unanimidade”⁶⁶.

Club Literário Guilherme de Santarém

No início da década de 40, a colectividade enfrentou muitas dificuldades financeiras e desenvolveu um reduzido plano de actividades devido essencialmente à conjuntura política que se vivia quer a nível nacional, com as constantes perseguições da ditadura, quer a nível internacional, com o advento da Segunda Guerra Mundial. No entanto, os tradicionais bailes de Carnaval, da Meia Quaresma, da Passagem de Ano, da Páscoa, dos Santos Populares e da Pinhata mantiveram a sua importância entre os associados e seus familiares, algumas vezes abrilhantados por orquestras que se

⁶² Cf *Livros de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Literário Guilherme de Azevedo*, 31/3/1937; Portaria n.º 6501, 24/11/1929; *Diário do Governo*, n.º 275/29, I série, 29/11/1929, p. 2423.

⁶³ Cf. *Livros de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Literário Guilherme de Azevedo*, 23/6/1937 e 9/1/1939.

⁶⁴ Idem, 26/6/1939.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ Idem.

deslocavam de Lisboa (Dancing, Sweet Melody Band, Broadway, Mousinho) ou de outras localidades (Jazz Ribatejo de Almeirim). A partir de 1942, a maioria dos bailes passou a ser abrilhantado pela Orquestra Scalabis. No ano seguinte, surgiu o grupo musical “Os Rambóias”, constituído por alunos da Escola de Regentes Agrícolas, que passou a abrilhantar os bailes com o seu repertório de canções e números cómicos. A receita dos bailes onde tocavam bandas e orquestras da cidade revertia muitas das vezes para a Misericórdia (asilo e hospital), para o Centro Familiar e Social ou para a “Sopa dos Pobres”. A fama e a animação registada em muitos dos bailes levavam à presença de intrusos nas festas da colectividade, “... tendo-se notado, nos últimos bailes, a presença abusiva de pessoas que não tinham direito, à face dos estatutos, de frequentar o nosso salão de festas, dando, por isso, azo a justas reclamações, informamos que será rigorosamente fiscalizada a admissão, não sendo, por isso, admitida a presença de pessoas que, com o sócio, não vivam em comum, ou que estando de visita, não sejam apresentados aos directores da sala. Esperamos, com este antecipado esclarecimento, evitar possíveis dissabores.”⁶⁷ A 10 de Abril de 1948 realizou-se no Club uma “Festa Ribatejana” com um baile em que actuaram alternadamente as orquestras Scalabis e Ribatejo, perante a maioria dos sócios que se apresentaram em trajes regionais.⁶⁸ Por vezes, aos bailes associavam-se a outras actividades como sessões de cinema de “filmes culturais, cómicos e descritivos”⁶⁹. Estas sessões também permitiam o visionamento de películas dos amadores José Maria Chaves, Joaquim Matta, Salvador Supardo e José de Almeida que documentavam as “actualidades” da cidade.⁷⁰

Das secções anteriormente existentes, apenas o grupo cénico manteve a sua estrutura organizativa e regularidade na apresentação de trabalhos sempre na área do teatro musicado e da comédia. Durante o Carnaval de 1941, promoveu festas teatrais como a revista “Na Corte do Rei Ché-Ché”, a opereta infantil “S. Ex.^a o Papão” e a comédia “Gazes”.⁷¹ A 7 e 20 de Julho desse ano, o grupo apresentou, a favor do Hospital de Santarém, a comédia em três actos “Greve Geral”, de Joaquim Dicenta Filho e António Paso Filho.⁷² O grupo cénico parou a sua actividade durante três anos por dificuldades diversas, em especial a falta de actrizes. A estreia do novo grupo cénico deu-se em Agosto de 1945 com a comédia burlesca em um acto “Zázá”, imitação da

⁶⁷ BMS – Convite para o baile do “Micâreme”, 28/2/1948.

⁶⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 10/4/1948, p.2.

⁶⁹ BMS – Convite para o baile do “Micâreme”, 28/2/1948.

⁷⁰ Cf. *Correio da Extremadura*, 28/11/1942, p. 2.

⁷¹ Cf. *Idem*, 22/2/1941, p.2.

⁷² Cf. *Idem*, 19/7/1941, p. 2.

comédia italiana “La Fémina e la Béstia”.⁷³ A 11, 12 e 17 de Novembro desse ano, o grupo apresentou “Não o levarás contigo”, uma adaptação de Álvaro de Castro, seguido de um espectáculo de variedades no qual “... tomarão parte um friso de gentis meninas desta cidade que já por várias vezes nos tem deliciado como encanto das suas vozes.”⁷⁴. O grupo cénico apresentou a comédia em três actos “Com o Amor não se Brinca”, de João da Costa Pio, em parceria com a Orquestra Scalabis que actuou no final da representação com os actores e com a colaboração da pianista Judite David. Os convites relembavam que “... dada a elevada despesa da organização, agradecíamos o auxílio de 2\$50 por cada convite.”⁷⁵. O grupo cénico deslocou-se a Alcanhões (concelho de Santarém), no dia 9 de Junho, para apresentar a referida comédia no Alcanhões Futebol Club, “... iniciando a sua política de intercâmbio entre as colectividades congéneres...”⁷⁶. Em Janeiro de 1950, iniciaram-se os ensaios da revista em dois actos e quinze quadros “Ondas Curtas”, original de Álvaro Castro, musicado pelo maestro da Orquestra Scalabis, Adriano Pereira, encenado por Guilherme Pereira e coreografado por Mário Ramsky. Segundo Álvaro Castro, “... se procurou fugir ao debatido tema do campino, do pampilho e da lezíria...”⁷⁷ e previa-se um êxito para a colectividade que “... tanto tem contribuído para a difusão da cultura e do teatro de amadores no nosso meio...”⁷⁸. Os títulos dos quadros assim o indicavam: “Champanhe”, “Varandas Floridas”, “Aprenda a Amar”, “Todos Cantam!”, “O Fado foi Marinheiro”, “Viva o Carnaval!”, “Sucessos da Rádio”, “Taborda”, “Hot” (quadro alusivo ao jazz), “Aventais de Chita”, “Um Caso Misterioso”, “Janelas Embandeiradas”, “Sonho em Haway”, “Varinas de Lisboa”, “Fogo de Vistas”.⁷⁹ A estreia ocorreu a 14 de Fevereiro no teatro Rosa Damasceno e revelou-se um enorme êxito documentado na imprensa regional e nacional que lhe traçou rasgados elogios pela apresentação de uma “revista popular de fantasia”, porque “... há muito tempo não assistíamos a um espectáculo desta natureza, mesmo por profissionais que tanto nos impressione, quer pelo seu belo colorido, quer pelo conjunto da graça hilariante que autores e intérpretes souberam emprestar a tão interessante trabalho que podemos dizer sem exagero, não os envergonhará em qualquer parte onde o representarem...”⁸⁰ e concluía “... que se pode ver e se pode considerar

⁷³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 25/8/1945, p. 2.

⁷⁴ *Idem*, 10/11/1945, p. 2.

⁷⁵ BMS – Programa, 27-28/5/1946.

⁷⁶ *Correio do Ribatejo*, 25/5/1946, p. 2.

⁷⁷ *Idem*, 28/1/1950, p. 8.

⁷⁸ *Idem*.

⁷⁹ Cf. BMS – Programa da revista “Ondas Curtas”, 14-15/2/1950.

⁸⁰ *República*, 15/2/1950.

como excelente, mesmo se em Lisboa fosse representada.”⁸¹. O sucesso de “Ondas Curtas” levou à sua reposição em Santarém (4 de Março) e a uma digressão que percorreu a Chamusca (5 de Março), Almeirim (12 de Março), Abrantes (15 de Março) e Alcobaça (21 de Maio). A “Missão Cultural” do S.N.I. exibiu-se a 1 de Março de 1942, no teatro da colectividade onde apresentou um sarau com os cantores Stela Tavares e Martinho Severo, a violoncelista Madalena Moreira de Sá e Costa, o violinista Paulo Manso e o pianista Armando José Fernandes que apresentaram temas de Chopin, Manuel de Falla, Schumann, Viana da Mota, Fauré, Francisco de Lacerda e Brahms.⁸²



Quadro “Varinas de Lisboa” da revista “Ondas Curtas”, teatro Rosa Damasceno, 14/2/1950. Fotografia dos Estúdios Grandela Aires cedida por Círculo Cultural Scalabitano.

Durante o ano de 1946, o Club organizou um ciclo de conferências que se iniciou a 23 de Março, com “Afonso Lopes Vieira, Poeta do Nacionalista do Ideal e da Beleza”, proferida pelo advogado e professor Manuel Busquetts de Aguiar e ilustrada pela leitura de poemas por amadores da colectividade, ensaiados por Carlos Mendes. Após a conferência, actuou um grupo coral infantil misto dirigido pela pianista Judite de Figueiredo David que cantou poemas do homenageado.⁸³ A 27 de Abril de 1946, a

⁸¹ *Diário de Notícias*, 15/2/1950. Também os jornais *O Século* e o *Comércio do Porto* publicaram críticas a “Ondas Curtas”.

⁸² Cf. *Correio da Extremadura*, 7/3/1942, p. 2.

⁸³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 30/3/1946, p. 6.

directora da Cadeia das Mónicas, Lúcia de Mesquita, apresentada pela professora Olívia Alves de Castro Martins, dissertou sobre “A Acção Social da Mulher”, onde “... verberou a indisciplina gerada por um pretenso modernismo, causa de quebra de respeito entre pais e filhos e tanto afecta as relações de família e deu salutaros conselhos sobre a forma de fortalecer aquele entendimento que é imprescindível condição de boa harmonia social e cuja defesa compete em especial à mulher.”⁸⁴. O investigador João Afonso Corte Real deslocou-se a Santarém, a 25 de Maio, para apresentar a conferência “Braamcamp Freire e a Historiografia Nacional”, enquanto no dia 22 de Junho, foi a vez do conservador do Museu Numismático Nacional da Casa da Moeda, Jaime de Oliveira Surigman de Azevedo, dissertar sobre “As Ciências Auxiliares da História”.⁸⁵ No seguimento do tributo ao poeta Guilherme de Azevedo em 1933, a colectividade promoveu outras homenagens ao seu patrono na passagem do seu aniversário natalício, a 30 de Novembro. Em 1945, o advogado e dirigente do Club, Humberto Lopes, dissertou sobre a vida e a obra do poeta de *Alma Nova*, seguido da leitura de poemas e da apresentação de alguns temas do Orfeão. O historiador Joaquim Veríssimo Serrão (1925-) proferiu, em 1948, a conferência “A Mundividência na Poesia de Guilherme de Azevedo”, à qual se seguiu um recital de poesia por Carlos Mendes.⁸⁶ Na sessão que decorreu em 1951, em colaboração com a Rádio Ribatejo, Luís Eugénio Ferreira (1926-) leu uma palestra de Afonso Nogueira enquanto Rosete Silva (1931-) declamou os poemas de Azevedo.

Os anos finais da Segunda Guerra Mundial trouxeram uma lufada de esperança democrática que se repercutiu no desenvolvimento de actividades culturais na cidade. As contas do Club conheceram o seu equilíbrio com a gestão do alfaiate e comerciante José Rodrigues Portela, iniciada em 1943. No ano seguinte, o Club Literário, para além de integrar o Grupo de Coordenação Cultural, emprestou a sua sede para aí funcionar toda a logística deste movimento.

O professor de Liceu Alexandre da Silva Rodrigues publicou quatro artigos no *Correio da Extremadura*⁸⁷ sobre a importância do Jardim-Escola e a necessidade de se fundar uma instituição dessas em Santarém, à semelhança do que acontecia noutras

⁸⁴ Idem, 4/5/1946, p. 8.

⁸⁵ Cf. Idem, 23/2/1946, p. 6.

⁸⁶ Cf. Idem, 4/12/1948, p. 8; Joaquim Veríssimo Serrão, *A Mundividência na Poesia de Guilherme de Azevedo*, Santarém, Edição do Club Literário Guilherme de Azevedo, 1948.

⁸⁷ Cf. Alexandre da Silva Rodrigues, “Jardim-Escola em Santarém” in *Correio da Extremadura*, 14/11/1942, pp. 1, 8; 21/11/1942, pp. 1, 6; 19/12/1942, p. 6; 9/1/1943, p. 6.

localidades como Coimbra, Alcobaça, Figueira da Foz, Leiria, Viseu e Castelo Branco. A fundação de um jardim-escola na cidade ganhou adeptos entre os defensores dos recém-criados Maternidade, Lactário e Colónia Balnear na Nazaré, como Mário Forte, Virgílio Arruda e João de Deus Ramos, que escreveram os artigos “Jardins-Escola, uma Interessante Iniciativa que Merece ser Acarinhada”⁸⁸, “Criança a grande Reformadora”⁸⁹ e “Jardins-Escola”⁹⁰, respectivamente. Segundo Humberto Lopes, sentia-se “... a falta de instituições educativas, no amplo sentido da palavra, que tomem conta das crianças, de entre dois e sete anos e durante umas horas por dia as preparem para vir a ser escolares conscientes, calmos e capazes, longe do extremo do traquinas malcriado, como do extremo do menino anormal bem comportado, orgulho da família e pasmo das visitas. Dir-se-á que a educação familiar é a mais desejável e legítima para crianças de idade pré-escolar. Assim seria, com efeito, se a vida de família se “aproximasse” sequer de certo ideal. Mas não é assim. Assiste-se hoje a uma desintegração da família para a qual se tem de olhar a sério (...) além do que (...) o nível de cultura do nosso povo é, infelizmente muito baixo e por isso, muitas vezes na melhor das intenções, os pais estragam irremediavelmente os seus filhos (...) por outro lado, é hoje frequente encontrar-se a mãe trabalhadora que (...) se vê na dura necessidade de deixar os filhos pela rua ou entregues a uma vizinha...”⁹¹. Perante o exposto, Humberto Lopes considerava que o problema da educação infantil em Portugal e concretamente em Santarém necessitava de rápida resolução, o que levou “... o Club Literário Guilherme de Azevedo e o Grupo Pró-Cultura dos Empregados no Comércio, ajudados por alguns beneméritos⁹², a lançaram ombros à árdua empresa da instalação do primeiro jardim infantil de Santarém e cremos que primeiro em todo o Ribatejo.”⁹³. Conscientes que “... nos jardins infantis não se ensina aritmética nem leitura pelos livros, mas ensina-se a viver, a conviver, a trabalhar, isto é, a dominar a matéria...”⁹⁴, os empreendedores do projecto promoveram de 18 a 20 de Março de 1944, na sede do Club, uma exposição com materiais pedagógicos (jogos e brinquedos) a utilizar no novo jardim infantil que foi inaugurado a 25 de Março. Este recebeu os filhos dos sócios das duas colectividades que tivessem entre os três e os sete anos e era dirigido por Arminda

⁸⁸ Cf. Idem, 5/12/1942, p. 8.

⁸⁹ Cf. Idem, 12/12/1942, p. 1.

⁹⁰ Cf. Idem, 16/1/1943, pp. 1, 6.

⁹¹ Humberto Lopes, “O Primeiro Jardim Infantil de Santarém” in Idem, 18/3/1944, p. 6.

⁹² José Rodrigues Portela, Mário Forte, Francisco Martins, João Correia e Eurico Peste. Cf. Idem, 6/5/1944, p. 1.

⁹³ Idem, 18/3/1944, p. 6.

⁹⁴ Idem.

Soares⁹⁵, ficando a assistência médica das crianças a cargo de Maria Ernestina Caldas Oliveira.⁹⁶ Por motivos desconhecidos, o jardim infantil apenas durou três meses. Em 1946, Humberto Lopes continuava a defender o projecto da criação de um jardim infantil agora ligado ao Grupo de Coordenação Cultural de Santarém.⁹⁷ Nesse âmbito, João de Deus Ramos apresentou uma conferência sobre a obra dos jardins escolas, a 15 de Fevereiro de 1946, na sede do Club Literário, promovida pelo referido Grupo.⁹⁸

A partir de 1943, o Club passou a integrar a organização do Concurso Literário Ribatejano. Nesse âmbito, apresentou exposições anuais de livros para fomentar a leitura dando a conhecer as melhores obras da literatura nacional.⁹⁹ A “Semana do Livro”, que decorreu entre 18 e 24 de Dezembro de 1944, promoveu duas palestras e venda de livros a fim de o produto obtido reverter para um fundo cultural que pretendia actualizar o espólio da biblioteca Guilherme de Azevedo.¹⁰⁰ Para o sucesso desta iniciativa muito contribuíram os livreiros da cidade que “concederam facilidades”¹⁰¹ e o dirigente Humberto Lopes que se envolveu activamente nesta divulgação dos livros sendo um dos conferencistas juntamente com Ferreira de Almeida, professor da Faculdade de Letras de Lisboa. A 27 de Junho de 1942, realizou-se no teatro Taborda a conferência “A Poesia Moderna do Brasil” proferida pelo escritor brasileiro José Osório de Oliveira com a colaboração da declamadora Manuela Porto. Esta actividade foi organizada pelo Pró-Cultura de “Os Caixeiros” em colaboração com o Club.¹⁰² A palestra de Gameiro Pereira sobre a arbitragem no futebol, organizada pela Associação de Futebol de Santarém com a colaboração da Comissão Distrital de Arbitragem, decorreu no Club sendo presidida por Agostinho Mariano, dirigente nas duas associações.¹⁰³ O Orfeão Scalabitano ressurgiu em 1943, novamente a partir do apoio do Club Literário, pois algumas das secções orfeónicas funcionavam ou ensaiavam na sua sede, onde também se realizavam actividades diversas. Nem mesmo o conflito pontual entre os dirigentes das duas colectividades, em Abril de 1946, afastou o seu relacionamento fraterno.¹⁰⁴ A reunião fundadora do Scalabis Aéreo Club também

⁹⁵ Arminda Soares era casada com Humberto Lopes e irmã do militante comunista Pedro Soares.

⁹⁶ Cf. Idem, 25/3/1944, p. 1.

⁹⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 9/2/1946, p. 1.

⁹⁸ Cf. Idem, 16/2/1946, p. 8.

⁹⁹ Cf. *Correio da Extremadura*, 5/6/1943, p. 6.

¹⁰⁰ Cf. Idem, 9/12/1944, p. 6.

¹⁰¹ Idem, 16/12/1944, p. 6.

¹⁰² Cf. Idem, 27/6/1942, p. 2.

¹⁰³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 17/11/1951, p. 5.

¹⁰⁴ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, Santarém, 21/3/1946 a 11/8/1950, acta n.º 8, 30/4/1946.

decorreu no espaço do antigo teatro Taborda, a 9 de Abril de 1945.¹⁰⁵ A sede do Club serviu de palco a diversas actividades, como a recepção à excursão de “Os Manuéis”, a 7 de Julho de 1946, abrilhantada com um baile e variedades¹⁰⁶, ou as conferências sobre espiritismo promovidas pela filial do Centro Espiritualista Luz e Amor de Santarém, em 1947 e 1948, com a presença do redactor da revista “Estudos Psíquicos”, Álvaro Ramos Pereira.¹⁰⁷ A 2 de Dezembro de 1949, o fotógrafo Dinis Ferreira, proprietário do estúdio Novarte, apresentou no Club o documentário cinematográfico “Santarém em Festa”, realizado durante as festas da cidade desse ano.¹⁰⁸ Em 1952, Lima de Freitas apresentou no teatro Taborda uma conferência “... na qual fixava os limites prospectivos da arte em geral e da pintura em particular, expondo a opinião dos inúmeros vultos que povoavam a sua vasta cultura, referidos como pontos de apoio da tese que desenvolveu...”¹⁰⁹. Na conferência esteve presente o presidente da Comissão Municipal de Turismo, capitão Joaquim Barros e Matos, “... que nos agradecimentos finais demonstrou ter acompanhado as ideias de Lima de Freitas e ter reconhecido os filósofos mencionados, excepto o dessa última referência a um Vladimir Illich, cuja obra o capitão honestamente confessou desconhecer por completo...”¹¹⁰. Lima de Freitas “compreendeu e relevou o lapso”¹¹¹, pois nem todos os homens do regime reconheciam o ideário de Lenine.

Os primeiros anos da década de 50 revelaram-se penosos para o Club Literário porque “... vivia ultimamente das suas tradições, atravessando uma grave crise financeira...”¹¹². Em 1953, “... o Club punha em causa de forma dramática, a sua sobrevivência, devido a falta de apoios e porventura ao desinteresse da sua massa associativa.”¹¹³. Conscientes da gravidade do problema, os dirigentes procuraram solucioná-lo aprovando a fusão com a colectividade com quem mantinham maiores afinidades e sócios em comum, o Orfeão Scalabitano. Este, desejoso de obter uma sede e perante o momento de prosperidade económica e cultural vivido, abraçou essa união. A tomada de posse da comissão administrativa do Círculo Cultural Scalabitano, composta por componentes dos corpos gerentes das colectividades fundidas como Artur

¹⁰⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 14/4/1945, p. 6.

¹⁰⁶ Cf. *Idem*, 6/7/1946, p. 8.

¹⁰⁷ Cf. *Idem*, 25/10/1947, p. 2; 30/10/1948, p. 8.

¹⁰⁸ Cf. *Idem*, 3/12/1949, p. 8. Entrevista a Dinis Ferreira.

¹⁰⁹ Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, p. 19.

¹¹⁰ Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, p. 19.

¹¹¹ *Idem*.

¹¹² *Comércio do Porto*, 31/7/1954.

¹¹³ Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, pp. 17, 19.

Proença Duarte, Manuel Ginestal Machado, José Carlos de Oliveira Sollas (1912-1970), Américo Passos, decorreu a 29 de Julho de 1954, no Ginásio do Seminário.¹¹⁴

¹¹⁴ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, Santarém, 29/7/1954-12/2/1957, Acta de Tomada de Posse, 29/7/1954.

2.5 - Coral Infantil Scalabitano

“Cantai, cantai a natureza,
Cantai o amor e o bem,
Cantai a pátria portuguesa
E a nossa terra – Santarém!

Cantando um cântico de glória
Com muito engenho e muita arte
Espalhou Camões por toda a parte,
O resplendor da nossa história.”¹

A 23 de Março de 1946, como já referimos, o Club Literário Guilherme de Azevedo organizou a conferência “Afonso Lopes Vieira, Poeta do Nacionalista do Ideal e da Beleza”, proferida pelo advogado e professor Manuel Busquetts de Aguiar e abrilhantada por um grupo coral infantil misto (quatro raparigas e nove rapazes) dirigido pela pianista Judite de Figueiredo David que cantou poemas do homenageado.² O sucesso do grupo levou os dirigentes do Club à génese de um coro infantil misto e de um curso de solfejo tendo como público-alvo os descendentes dos sócios da colectividade com idade compreendida entre os cinco e os quinze anos.³ A sua regência ficou a cargo do maestro Luís Silveira coadjuvado pela pianista Judite David. O Coral Infantil Scalabitano, secção do Club Literário Guilherme de Azevedo, estreou-se no teatro Taborda, a 26 de Janeiro de 1948, após a conferência “A Acção das Artes na Cultura Popular”, pelo escultor Anjos Teixeira Filho. O grupo apresentou canções populares infantis, peças de Costa Ferreira, Tomás Borga e Silveira Pais, alguns solos de piano e recitativos.⁴ O coral era composto por cerca de quarenta cantores enquanto a orquestra integrava treze instrumentistas (um violoncelo, oito violinistas, um clarinete, um flauta, um rabecão e um flautim) entre os nove e treze anos.⁵

¹ “Hino do Coral Infantil Scalabitano” in BMS – Programas do Coral Infantil Scalabitano, 5/5/1952.

² Cf. *Correio do Ribatejo*, 30/3/1946, p. 6.

³ Cf. Idem, 13/12/1947, p. 1.

⁴ Cf. Idem, 24/1/1948, p. 2; 31/1/1948, p. 8

⁵ Cf. Idem, 17/7/1948, pp. 1, 8.

A opereta em dois actos e quatro quadros “A Princesa Perolina”, escrita por Alberto Cardoso dos Santos, musicada por Luís Silveira e encenada por Guilherme Monteiro Pereira, foi uma das principais produções apresentadas pelo Coral Infantil. Esta fantasia infantil contava entre os seus personagens com um rei liberal de uma imaginário país, uma princesa que não ria, vários cortesãos intrigantes, um bobo da corte, anões, gente do povo, um pastor que não queria ser príncipe e uma bruxa. Todos se moviam no reino da Florilândia, numa mistura entre a realidade e a ficção. Os ensaios do coro e da orquestra infantil iniciaram-se em Outubro de 1948 e a estreia decorreu no teatro Rosa Damasceno, a 30 de Abril do ano seguinte, com repetição a 2 de Maio, revertendo a receita para o Centro Familiar e Social.⁶ A opereta encetou uma breve *tourneé* com uma passagem de êxito pelo Club Art e Sport, em Lisboa.⁷



Opereta “A Princesa Perolina”, teatro Rosa Damasceno, 30/4/1949. Fotografia Estúdios Grandella Aires cedida por José Carlos Garcia.

Nos seus espectáculos, o Coral apresentava reportório variado com preferência pelas peças de autores portugueses (Frederico de Freitas, Luís Silveira, Sampaio Ribeiro, Gonçalves Simões, Armando Leça, Gonçalves Simões, Joel Canhão) e pelos clássicos (Beethoven, Schubert, Fauconnier, Kuntz, Gounod).

⁶ Cf. Idem, 23/10/1948, p. 8; 7/5/1949, pp. 4, 8; “O Coral Infantil Scalabitano” in *Ribatejo*, 2.^a série, n.º 6, Dezembro de 1954, p. 124.

⁷ Cf. Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, p. 17.

O Coral promoveu o ensino da música ao proporcionar inicialmente um curso de solfejo que se alargou ao ensino de diversos instrumentos. O primeiro curso de solfejo decorreu no ano lectivo de 1947-48, tendo os alunos recebido diplomas atribuídos por um júri presidido pelo maestro Frederico de Freitas (1902-1980) que, na distribuição dos prémios, elogiou quer os laureados quer o trabalho dos seus professores.⁸ Perante este sucesso, o Coral resolveu abrir inscrições para a frequência de um novo curso de solfejo desta vez aberto a todas as crianças da cidade (raparigas dos seis aos dezassete anos e rapazes dos seis aos quinze anos) que poderiam beneficiar de aulas de música gratuitas.⁹ Segundo o maestro Luís Silveira, pretendia-se que esses cursos de música dessem acesso ao Conservatório e permitissem a continuidade do Orfeão sem necessidade de recrutar músicos fora de Santarém.¹⁰

No final de 1949, o Coral passou a ser “... organizado, de molde a passar de um simples curso para uma instituição regular, com os seus estatutos e cortes gerentes...”¹¹. Um grupo de associados do Club Literário Guilherme de Azevedo constituiu uma Comissão Directiva, presidida por Francisco de Raimundo de Azevedo Cordeiro, e promoveu uma assembleia-geral da referida colectividade onde foram aprovadas “...as bases do seu regulamento interno, permitindo-lhe admitir sócios individuais e colectivos que, pela sua quotização, possam suavizar os encargos que, dia a dia, vão aumentando...”¹². O regulamento interno do Coral dava ampla autonomia à Escola de Música, conforme se pode verificar no anexo IX.

Apesar da autonomia expressa a partir de 1950, o Club e o Coral mantinham uma relação de grande proximidade, partilhando muitos dos sócios e a mesma sede. No entanto, essa autonomia permitia ao Coral obter mais apoios quer das entidades políticas da cidade quer dos “beneméritos” e amantes da música. O acesso ao Conservatório tornou-se um dos principais desafios do Coral, que elaborou o seu plano de estudos com duração de cinco anos, distribuídos pela secção geral que compreendia os três primeiros anos e a secção complementar de preparação para o ingresso. Do currículo escolar faziam parte disciplinas de “Língua Portuguesa”, leccionada pelo professor de Liceu Bernardo Neto, “História Pátria” e “Ginástica”, orientadas pelos professores Mário

⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 17/7/1948, pp. 1, 8.

⁹ Cf. *Idem*, 25/9/1948, p. 2.

¹⁰ Cf. *Idem*, 16/4/1949, p. 4.

¹¹ *Idem*, 29/10/1949, p. 1.

¹² “O Coral Infantil Scalabitano” in *Ribatejo*, 2.^a série, n.º 6, Dezembro de 1954, p. 124.

Maria e Armando Campeão.¹³ Em Fevereiro de 1950, estabeleceu-se um curso de música nocturno para os rapazes e raparigas que trabalhavam e que por isso estavam impossibilitados de frequentar o regime diurno.¹⁴ A direcção do Coral ficou a cargo de Joaquim Barros e Mattos, enquanto o trabalho pedagógico pertencia ao maestro Luís Silveira, a Judite Figueiredo David, a D. José Zarco da Câmara e, mais tarde, a Luís Fernandes.¹⁵ Ao maestro Silveira coube a missão de dirigir a Escola de Música que possuía uma “direcção juvenil” eleita e maioritariamente composta por raparigas.¹⁶ A madrinha do Coral era Teresa Augusta Vigário Pereira da Silva.

Em 1950, a Escola de Música contava com cinquenta e oito alunos, sendo que trinta e seis frequentavam o primeiro ano, quinze encontravam-se no segundo ano e os restantes no terceiro ano. Entre os alunos do segundo e do terceiro ano, doze aprendiam violino, enquanto seis optaram por piano e dois por violoncelo.¹⁷ Nesse ano, o júri que atribuiu os diplomas e as medalhas aos melhores alunos foi presidido pelo maestro e compositor Rui Coelho (1892-1986) que se deslocou a Santarém para o sarau de entrega de prémios realizado a 24 de Julho, no teatro Taborda.¹⁸ Esse maestro referiu-se ao Coral como uma obra “...tão nobre em valor e realidade...”¹⁹, enaltecendo “... a tarefa daqueles que se dedicavam a educar os filhos do povo, sem distinções de classes ou situações, dando-lhes cultura musical, nivelando-lhes a sensibilidade...”²⁰. No ano seguinte, a Escola de Música manteve-se em funcionamento e por ela passaram “... dezenas de crianças de todas as condições sociais – filhos de sócios do Club Literário Guilherme de Azevedo, filhos dos sócios dos Sindicatos Nacionais, pequenos recolhidos do Asilo da Misericórdia – ali têm recebido uma cuidada preparação musical, que os tornará, num futuro muito próximo, imprescindíveis colaboradores das “grandes coisas” que então podem ser realizadas com êxito.”²¹. Na festa de encerramento do ano lectivo 1951-52, o Coral integrava quarenta e três coralistas enquanto a orquestra era composta por treze executantes de piano, violino e violoncelo.²²

¹³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 25/2/1950, p. 2; 4/3/1950, p. 2.

¹⁴ Cf. *Idem*, 4/3/1950, p. 2.

¹⁵ Cf. *Idem*, 4/2/1950, p. 8; 11/3/1950, p. 4.

¹⁶ A direcção era constituída por Aida Moreira Jacob (presidente), Maria de Lourdes Piedade Augusto (secretária), Victor Manuel Faustino (tesoureiro), Silvete Cardoso Ferreira e Maria João das Neves Duarte (vogais). Cf. *Idem*, 21/1/1950, p. 1.

¹⁷ Cf. *Idem*, 21/1/1950, p. 1.

¹⁸ Cf. *Idem*, 29/7/1950, pp. 1, 8.

¹⁹ *Idem*, 23/9/1950, p. 1.

²⁰ *Idem*.

²¹ *Idem*, 6/10/1951, p. 1.

²² Componentes do Coral: 1.ª Voz – Filomena Maria Suspiro, Tilita Amaral Cravador, Maria do Rosário Tainha Ruivo, Nídia Castro Varzielas, Perpétua da Graça Libânio, Nídia Parreira de Almeida, Maria

A partir do final de 1953, o Coral passou a participar nas “Horas de Arte” do Orfeão Scalabitano. A 4 de Maio de 1954, deslocou-se à Batalha e a Leiria integrado na visita organizada pelo Orfeão. Em Leiria realizou uma “matinée” a favor da assistência local, apresentando “Auto da Barca do Inferno”, numa adaptação infantil de Afonso Lopes Vieira. Na Batalha cantou junto à campa do “Soldado Desconhecido” um tema do maestro Luís Silveira, “Ode ao Soldado Desconhecido”.²³ No final do ano lectivo de 1953-54, passaram nos exames trinta alunos dos quatro anos de ensino, cinco dos quais do Asilo da Misericórdia, avaliados pelo júri constituído pelo pianista Campos Coelho, professor no Conservatório Nacional de Música, o maestro e director artístico do Coral Luís Silveira, a pianista Judite David e o professor Luís Fernandes.²⁴

O surgimento do Círculo Cultural Scalabitano, fruto da união entre o Orfeão Scalabitano e o Club Literário Guilherme Azevedo, em 1954, levou o Coral Infantil a integrar uma secção desta nova colectividade, dirigido pelo maestro Luís Silveira. Em 1955, a Escola de Música do Coral contava com a direcção artística do maestro Joel Canhão, sendo frequentado por cento e trinta alunos com idade média de dez anos.²⁵ Às aulas de música (coral e instrumental) associaram-se aulas de dança clássica e regional. A partir de 1956, à lista de colaboradores da Escola juntaram-se os professores de piano, Maria de Lurdes Hintze Ribeiro e de violino, João Torres Costa. A secção sofreu algumas reformas, nomeadamente pedagógicas, com o afastamento do músico Luís Fernandes, em 1959. O Coral, a Orquestra de Cordas e a Escola de Música passaram para a direcção de Manuel Afonso.²⁶ No entanto, a crise que afectou nesse período o

Helena Peças de Magalhães, Helena S. Bicudo Martins, Rosária Maria Mateus, Maria Irene da Graça, Maria João das Neves Duarte, Silvette Cardoso Ferreira, Isabel Maria de Figueiredo David, Emília Maria das Neves, Maria Noémia Gameiro; 2.^a Voz – Herculano Ferreira Joaquim, Orlando Baptista Ferreira Mendes, António Pereira de Castro, António Rodrigues Santos, José Silvestre Ferreira, Gláucia Castro Varzielas, Maria Judite Nogueira, Laura Maria Pereira de Castro, Maria Virgínia Vieira, Arseolinda Antunes, Maria de Lourdes de Oliveira, Maria Etelvina Ferreira da Silva, Maria de Fátima Ferreira da Silva, Gisela Maria da Graça; 3.^a Voz – Manuel Beirão, Leandro de Jesus Osório, José Jesus Alves, António Gerardo, António Vassalo, José Faria da Costa, Francisco Gomes da Graça, Humberto Soares, José Baptista Alves, José Pereira Duarte, Luís Marques Maria, Rui Pereira Lúcio, José da Silva Matos, José M. de Oliveira.

Componentes da Orquestra: Pianista – Rosária Maria Caetano Mateus; Violinistas – Orlando Baptista Ferreira Mendes, Maria João das Neves Duarte, Silvette Cardoso Ferreira, Maria Etelvina F. Ferreira da Silva, Maria de Lourdes de Oliveira, Herculano Ferreira Joaquim, Maria Judite Nogueira, José Manuel Alves, Francisco Gomes da Graça, Maria Virgínia Vieira; Violoncelistas – Maria Irene da Graça, Marília Nogueira Bastos. BMS – Programa do Sarau do Coral Infantil Scalabitano, 5/5/1952.

²³ Cf. “O Coral Infantil Scalabitano” in *Ribatejo*, 2.^a série, n.º 6, Dezembro de 1954, p. 124.

²⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 26/6/1954, p. 8.

²⁵ Cf. *Circular* n.º 3, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 16/2/1955.

²⁶ Cf. *Circular* n.º 13, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 10/10/1959.

Círculo Cultural Scalabitano foi determinante para a extinção do Coral Infantil no início da década de 60. Para trás deixou formação musical a muitos escalabitanos que de outra forma não a teriam obtido.

2.6 - Orfeão Scalabitano

A Fundação (1925-1926)

“Santarém foi sempre um alfobre de vocações artísticas, cultura da música, amante do teatro. Atesta-o a tradição dos seus afamados grupos cénicos e conjuntos orquestrais de valor. Mercê desse património artístico, Santarém viveu noites de inesquecível prazer espiritual. Não é, pois de estranhar, que destas realizações artísticas e culturais, Santarém conservasse, em potencial, o amor pela arte, em qualquer das suas manifestações, e que não deixasse perder essa tradição. E assim, surgiu em fins de 1925, o Orfeão Scalabitano.”¹

“Falar do Orfeão Scalabitano é narrar a história de pequenos heroísmos ignorados, dedicações e entusiasmos, sacrifícios em que o amor à música e à obra a que se votaram é a única recompensa que recebem.”²

No início de 1925, foram várias as vozes escalabitanas que opinaram no sentido de se criar um Orfeão em Santarém. Na reflexão “Acerca da Música” publicada pelo jornal *O Combate* garantia-se a existência de dirigentes e executantes provenientes do Liceu, da Escola Primária Superior e até um grupo de militares que já se tinha apresentado publicamente. Assim, Santarém reunia os pré-requisitos para a constituição de um Orfeão à semelhança dos de Condeixa, Póvoa do Varzim e Fafe ou da Sociedade Promotora de Concertos em Tomar. Cedo ficaram definidas as regras de que o Orfeão tanto se viria a orgulhar: “Para cultura artística, disciplina de vontades, conjugação de esforços, realização duma pequena democracia de exemplar finalidade educativa, talvez não haja muito melhor do que o funcionamento de um orfeão (...) sem siglas de classes, marca de origem ou distintivo de grupo rival, diferentemente do que estamos habituados

¹ BMS - Programa de Sala, 31/5/1949 – 1/6/1949.

² José Luís Nazareth Barbosa, “O Círculo Cultural Scalabitano – Um Sonho que é Hoje uma das Melhores Realidades Culturais do País. Deus Quer, o Homem Sonha, a Obra Nasce” in *Século de Domingo*, coord. de Olavo d’Eça Leal, n.º 16, 9/11/1958, p. 1.

a ver em agrupamentos de outras naturezas, em política, em quase tudo?”³. A ideia amadureceu no seio do Grémio Literário Guilherme de Azevedo que acolheu, a 13 de Novembro de 1925, uma conferência do advogado Artur Proença Duarte, antecedida por “... uma audição musical de propaganda da ideia em marcha...”⁴. Perante a questão, “Por que não havíamos de ter um Orfeão em Santarém, terra de tantos amadores de música?”, uma numerosa assistência elegeu o orador como presidente da Comissão Organizadora do Orfeão coadjuvado por Teles Fazendeiro, José Avelino de Sousa, José Augusto Frazão, José Rodrigues Portela e José Coelho. A regência do grupo coral ficou a cargo do violoncelista do Quarteto do Teatro Rosa Damasceno, José Belo Marques que em entrevista ao jornal republicano *O Debate* defendeu o “espírito de realização dos escalabitanos”⁵. A eleição do primeiro corpo directivo do Orfeão procedeu-se na assembleia-geral de 19 de Dezembro de 1925. Artur Proença Duarte, José Coelho, Américo Passos e Manuel Teles Fazendeiro foram eleitos respectivamente presidente, tesoureiro e secretários enquanto os directores do Orfeão eram António Verediano Gomes, Seabra Coelho e os tenentes José Augusto Frazão, José Augusto da Cunha Belo e Afonso de Bívar Costa.⁶

No projecto inicial pensava-se integrar cem coralistas de ambos os sexos desfazendo “... a lenda de que em Santarém não vinga nenhuma iniciativa de alcance...”⁷. As inscrições surgiram nesse mesmo mês de Novembro, registando-se uma forte adesão das trinta mulheres, deitando por terra o mito que o “... meio santareno tem fama de refractário a cometimentos desta ordem”⁸. Na primeira audição de vozes, realizada a 23 de Novembro de 1925 no Grémio Literário Guilherme de Azevedo, foram apurados quarenta e dois orfeonistas pelo maestro Belo Marques que fez “... uma prelecção sobre canto coral, suas vantagens educativas e higiénicas, sendo ouvido com muito agrado. Aproveitou a oportunidade para prevenir todos os inscritos de que nada conseguiriam sem um trabalho aturado e aconselhou a riscarem-se desde já todos os que não sentissem em si as necessárias qualidades de persistência.”⁹. De entre os amadores reunidos no Grémio não se notaram “... preocupações de categorias ou classes. É animador. Ali, só a natureza das vozes separa os elementos do grupo coral: não há

³ *O Combate*, n.º 8, 1/1/1925, p. 2.

⁴ BMS – Programa de Sala, 13/11/1925.

⁵ *O Debate*, 5/11/1925.

⁶ Cf. *O Combate*, n.º 42, 25/12/1925, p. 5.

⁷ *Idem*, n.º 38, 28/11/1925, p. 4.

⁸ *Idem*.

⁹ *Idem*.

artistas nem oficiais do exército, não se pergunta se este é caixeiro ou se aquele é proprietário – há baixos, barítonos, tenores e sopranos. E este estabelecimento de novas *gerarquias* é talvez o melhor condão da arte musical na sua modalidade do canto coral.”¹⁰.

O ensaio da canção russa “O Moinho” iniciou-se a partir de 24 de Novembro de 1925 no Grémio Literário Guilherme de Azevedo onde se reuniam cerca de duzentas pessoas, duas vezes por semana.¹¹ Em Dezembro, o Orfeão também ensaiava as peças “A Lágrima” e uma “Rapsódia” (popular), enquanto em Janeiro de 1926 começaram os estudos do “Coro dos Punhais” dos “Huguenotes”¹². No mês seguinte, trabalhava-se no hino do Orfeão com letra e música de Belo Marques¹³. O 27.º aniversário do maestro Belo Marques foi festejado no ensaio de 27 de Janeiro de 1926, transformando-se numa festa surpresa onde se cantou, dançou, recitou e se ouviram os solos de violoncelo executados pelo aniversariante.¹⁴ Este grupo empreendedor mostrava o seu empenho e crença na obra de constituir em Santarém um Orfeão, cumprindo a sua missão ao estabelecer uma obra educativa sem precedentes na cidade. Perante esta atitude, surgiram alguns boatos de que o Grupo Dramático dos Bombeiros Voluntários tinha pensado primeiro do que o Grémio Literário na constituição do Orfeão. A rivalidade entre as duas colectividades acabou por ser sanada com a publicação na imprensa de uma declaração da direcção dos Bombeiros que para “... desfazer boatos que ultimamente têm corrido na cidade, que nunca pensaram na organização de qualquer orfeão e que não as move a mínima animosidade contra o “Orfeon Scalabitano”, ou qualquer outra sociedade, a quem desejam as maiores prosperidades.”¹⁵.

A estreia do Orfeão Scalabitano decorreu nos dias 3 e 4 de Abril de 1926, sábado e domingo de Páscoa, no teatro Rosa Damasceno. A orquestra do Orfeão acompanhou o grupo coral durante a actuação sob a direcção de Belo Marques, enquanto Guilherme Pereira e José de Sousa Máximo, membros do grupo cénico do Grémio Literário Guilherme de Azevedo, recitaram as letras de algumas das canções interpretadas. A orquestra era composta por alguns dos músicos amadores da cidade, na sua maioria uma elite social composta entre outros por militares, proprietários,

¹⁰ Idem.

¹¹ Cf. Idem, n.º 39, 5/12/1925, p. 5.

¹² Cf. Idem, n.º 45, 16/1/1926, p. 5.

¹³ Cf. Idem, n.º 48, 6/2/1926, p. 8.

¹⁴ Cf. Idem, n.º 47, 30/1/1926, p. 8; *Correio da Extremadura*, 30/1/1926, p. 1.

¹⁵ *O Combate*, n.º 46, 23/1/1926, p. 1.

advogados e médicos, que se uniu a orfeonistas formando uma relação de empregado e patrão de dia e colegas artistas à noite porque “...o Orfeão, a par de uma obra de arte, está realizando uma notável obra social, aproximando as diferentes classes do modo a que umas às outras melhor se conheçam para mais se estimarem.”¹⁶. Esta interpretou temas de Mozart, Bach, Grieg e Schubert. Durante o sarau, as variedades estiveram a cargo de Maria Isabel Pires Beato, José Cunha Belo, Álvaro de Oliveira, Camilo Bettencourt, António Seabra Coelho, José Avelino de Sousa, Manuel Justo e D. António de Atalaia. No entanto, um dos momentos altos do espectáculo foi o dueto de violoncelos entre D. José Zarco da Câmara e o maestro José Belo Marques.¹⁷ A imprensa de Lisboa elogiou a qualidade dos espectáculos que encheram o teatro com a melhor sociedade de Santarém.¹⁸ As receitas dos dois espectáculos foram de 7500\$00, revertendo 2000\$00 para instituições de beneficência da cidade: Misericórdia, Liga dos Combatentes, Asilo de Santo António e Refeitório dos Indigentes.¹⁹ Perante o êxito obtido, o Orfeão repetiu, a 10 de Abril, a apresentação do sarau no teatro Sá da Bandeira a preços populares. A 27 e 28 de Abril voltou a exhibir-se no teatro Rosa Damasceno onde repetiu o sucesso e se afirmou perante o público da cidade.²⁰

Os Primeiros Anos (1926-1932)

Os dirigentes do Orfeão Scalabitano, conscientes que a maioria dos componentes não conhecia o país nem tinha capacidade económica de viajar, decidiram organizar uma deslocação com componente lúdica e artística, facultando “... aos conterrâneos um instrumento de ilustração, nas viagens há sempre que aprender da natureza, dos costumes da língua, das tradições.”²¹. O projecto de deslocação a Viseu acabou por ser substituído pela primeira de várias viagens à Covilhã. Na madrugada de 20 de Maio de 1926, um comboio especial transportou uma vasta comitiva escalabitana que integrava representantes das forças políticas e das colectividades de Santarém.²² Na Covilhã

¹⁶ *Jornal de Santarém*, n.º 57, 10/4/1926, p. 3.

¹⁷ Cf. Idem; *Correio da Extremadura*, 10/4/1926, p. 2.

¹⁸ Cf. *O Século*, 5/4/1926 e *Diário de Notícias*, 5/4/1926.

¹⁹ Cf. *Jornal de Santarém*, n.º 60, 1/5/1926, p. 8.

²⁰ Cf. Idem, n.º 56, 3/4/1926, p. 1; n.º 57, 10/4/1926, p. 3; n.º 58, 17/4/1926, p. 2.

²¹ Idem, n.º 61, 8/5/1926, p. 1.

²² A comitiva integrava representantes da Junta Geral do Distrito, do Governo Civil, da Câmara Municipal, do Comando Militar, do Liceu, da Escola de Regentes Agrícolas, da Associação Comercial, da Associação de Futebol, do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio, do Grémio Recreativo Operário, do Grémio Literário Guilherme de Azevedo, do Club de Santarém, dos Bombeiros Voluntários, do Sindicato Agrícola, da Caixa de Crédito Agrícola e do Sindicato de Construção Civil. O custo da viagem orçou em 60\$00 por pessoa. Cf. Idem, n.º 62, 15/5/1926, p. 8; *Correio da Extremadura*, 8/5/1926, p. 3.

viveram-se experiências únicas de amizade e companheirismo. A laboração das fábricas de fiação parou para receber Santarém ficando apenas uma das maiores fábricas a trabalhar “... para que nos seja dado, a nós, gente de ocupações tão diferentes das dos seus habitantes uma ideia da vida característica da nossa Manchester.”²³. À tarde, decorreu uma partida de futebol entre alguns orfeonistas e uma equipa da Covilhã. Após o jantar oficial entre as entidades e convidados e o jantar convívio entre todos os outros, decorreu uma récita no Teatro Covilhanense onde actuou o grupo coral e a orquestra do Orfeão que executaram temas de Schubert, Mozart, Bach, Boudelier, Albeniz e Braams. Durante o espectáculo foram declamadas poesias por Américo Passos, José Avelino de Sousa e pelo “menino” Humberto Lopes, todos dirigentes ou futuros dirigentes do Grémio Literário Guilherme de Azevedo e com papel activo no associativismo escalabitano. Pela primeira vez, surgiu a figura da “madrinha” com a homenagem na Covilhã a Maria de Aguiar Ribeiro que representava o Orfeão naquela cidade. A colectividade criou uma rede de madrinhas em Santarém e nas principais localidades por onde actuou, todas escolhidas entre famílias das elites locais. Após a récita, os excursionistas reuniram-se no Club União da Covilhã onde dançaram e cearam até à hora do comboio que regressou a Santarém na madrugada de 21 de Maio.²⁴ Desta viagem resultou uma aliança de amizade e convívio entre as duas cidades em que os seus habitantes se visitavam com frequência firmando os seus contactos. A partir desta viagem e seguindo o exemplo escalabitano, foi fundado um Orfeão na Covilhã. A imprensa regional, como o *Correio da Extremadura*²⁵, o *Jornal de Santarém*, o *Notícias da Covilhã*, *A Mocidade Portuguesa*, publicou artigos ou números dedicados às duas cidades.

O maestro Belo Marques deixou a direcção artística do Orfeão em 1927 que passou a ser regido pelo jovem violoncelista Tiago Alcobia e Silva²⁶. Este procedeu a uma reorganização do coro e ao reforço do número de elementos que integravam a orquestra. Dos cerca de cento e cinquenta componentes do coro e da orquestra salientava-se o número reduzido de mulheres, apenas vinte e uma, sendo na sua maioria familiares directas de outros orfeonistas ou de dirigentes e pertencentes a estratos

²³ *Jornal da Covilhã*, Abril de 1945, p. 1.

²⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 15/5/1926, p. 1.

²⁵ Sobre esta deslocação João Arruda publicou o artigo “O Orfeão Scalabitano em Peregrinação à Covilhã. Impressões e Comentários” in *Correio da Extremadura*, 29/5/1926, p. 2; 19/6/1926, p. 2; 26/6/1926, p. 3; 3/7/1926, p. 3.

²⁶ O maestro Tiago Alcobia e Silva faleceu num acidente de automóvel na Cúria em Agosto de 1927. O Orfeão fez-se representar no funeral através do maestro Luís Silveira. Cf. *Idem*, 18/8/1928, p. 2.

sociais elevados.²⁷ A orquestra era exclusivamente masculina e também aí se verificava a presença de uma elite social em relação aos elementos que integravam o coro.²⁸ O repertório ensaiado pelo novo regente passou por temas de Alfredo Keil, Salazar Antunes, A. Rolland, Meyerbeer, Mendelssohn, Puccini, Gounod, A. Menano e A. Thomas. Do repertório dirigido por Belo Marques apenas se manteve o seu hino do Orfeão. Em 1927, o coro interpretava e divulgava temas de sucesso de algumas óperas como “Madame Butterfly” e “Huguenotes”. A nova composição do Orfeão apresentou-se ao público no teatro Rosa Damasceno a 2 e 3 de Abril durante a inauguração da lápide comemorativa do seu primeiro concerto, oferecida pelo Club de Santarém.²⁹ O produto dos espectáculos e da venda do programa de sala reverteu a favor da Cantina Escolar de Santarém. Segundo o oficial do exército e jornalista Areosa Feio (-1936), o Orfeão “...além da bela tentativa de arte que vem realizando, dá-nos uma esplêndida lição de perseverança e um exemplar salutar de disciplina; os elementos que o formam impõem-se pelo seu labor, obscuro de meses e meses, como dos melhores factores de

²⁷ O coro do Orfeão era composto por: Maria Leonor Carreira, Deolinda Valente, Judite Frutuoso, Maria Clara Brito Carvalho, Maria do Carmo Rodrigues, Maria Emília Portugal, Maria Emília Nobre, Maria Olívia Santos, Maria Martins Ferreira, Albertina Melo (sopranos); Alice Carreira, Adélia Portela, Clotilde Carreira, Deolinda Costa, Georgete Vieira, Maria Júlia Neto, Maria Portela, Prudência Neto, Virgínia Portela, Maria da Piedade Frutuoso, Alice Portela (contraltos); António Neto, António de Seabra Coelho, Bernardino Bernardes da Silva, Eduardo Proa, Fernando Resende, Hugo Ferreira, João Casquilho Faria, João Ferreira, José Farinha, José Brito Carvalho, Manuel Vieira, Manuel dos Santos Justo, D. António Xavier Manuel, Manuel Carreira, Pedro Freire, Paulo Peste, Pedro Beja Santos, Vital da Silva Fialho, João Marques Fernandes, Constâncio António Fernandes, Henrique Carvalho Pais, António Marques Fernandes, António Miranda, António Venceslau Moraes, José António Frutuoso, Pedro Nunes, João Tavares de Campos, Joaquim Lopes (1.º tenores); Manuel José Machado, tenente Maximino M. das Neves, Romão Neto, Virgílio Patriarca, José Bernardes Vidigal, David Pinheiro, Eduardo Melo, Eurico Peste, Eduardo Vieira, Gil Viana, Henrique Gonçalves, Joaquim Coelho, Joaquim dos Santos, João da Silva Santos, Luís Medeiros, Manuel Maurício, António Ruivo, Armando da Silva, António Frutuoso, Ângelo dos Santos, António Henriques, José Maria da Gama, José Prado, Alfredo Lopes, Francisco Seabra, Manuel Ribeiro, Henrique Ferreira, João Ferreira, Ramiro Fernão Pires, António Faustino (2.º tenores); José Avelino de Sousa, Agostinho Mariano, António Guimarães, Alfredo Pinheiro, Augusto Isaac, António José de Almeida, António Fumaças, Custódio Branco dos Santos, Manuel Simões dos S. Justo, João Luís, José Máximo, José Rodrigues Portela, Manuel Filipe, Manuel António de Oliveira, Manuel Raimundo Godinho, Manuel Maria da Costa, Rafael Pais Calado, Carlos Mariano, Francisco Rosado Prado, António Duarte, Júlio Dias, Fernando Neves (barítonos); José Coelho, tenente José da Cunha Belo, Américo de Passos, tenente António de Bivar, tenente Álvaro de Oliveira, António Verediano Gomes, José Azevedo, Joaquim Marques, Francisco Formigo, Manuel Simões Ribeiro, Guilherme Pereira, Joaquim Alhandra, José Augusto Ferreira, Adelino Ferreira, Adelino de Almeida Portugal, Júlio Maria da Costa, Augusto José da Silva, Dionísio da Silva Valeriano, António Ribeiro da Costa, Jorge Martins (baixos). Cf. BMS – Programa de Sala, 2/4/1927.

²⁸ A orquestra do Orfeão era composta por: João Maria da Costa, D. José Zarco da Câmara, António de Almeida Costa, José A. de Carvalho, Joaquim Mendes Pedroso da Costa, capitão Adriano Garcez Pereira Caldas, José Garcez Pereira Caldas, António Gonçalves, António Saúde, Joaquim Carvalho, António Brás Ruivo, João Ferreira, Francisco Neto, Francisco Freire Gameiro, Eurico Ferreira, Manuel José Coutinho, Alfredo Ferreira, Francisco Bastos da Silveira, Jaime Nunes, Manuel Flores, Júlio Maria da Costa, Virgílio Venceslau, António Moraes, Manuel Maria da Costa, António H. Correia, Fortunato de Carvalho, José Vicente Flores, António Victorino, Joaquim Mata, Rogério Gomes, João Rodrigues Ferreira, José da Conceição Jordão, Augusto Barata Júnior. Cf. BMS – Programa de Sala, 2/4/1927.

²⁹ Sobre os concertos cf. *Correio da Extremadura*, 9/4/1927, p. 1 e 23/4/1927, p. 1.

aperfeiçoamento moral e social.”³⁰, enquanto o médico e reitor do Liceu de Santarém, Silva Pereira, considerava-o uma “... excelente organização para a cultura da inteligência e do sentimento; belo motivo de confraternização social; poética distração, educativa e moralizadora, que tanto aperfeiçoa os que estão ouvindo, como os que se fazem ouvir...”³¹ dando destaque às “brilhantes manifestações de arte”³². A 5 de Maio de 1927, o Orfeão deslocou-se de camioneta a Leiria para repetir o espectáculo. Durante a viagem, os orfeonistas cantaram no Mosteiro da Batalha, junto ao túmulo do Soldado Desconhecido.³³

Em Junho de 1927, Tiago Alcobia e Silva fixou residência em Lisboa e deixou a regência do Orfeão. Numa festa de homenagem ao jovem violinista, o Orfeão cantou “Ave-Maria”, “Fado Patriótico” e “Fausto” e Adriano Caldas apresentou “películas animatográficas” das deslocações a Leiria e à Batalha.³⁴ Para além dos registos fotográficos das viagens começavam a surgir outros suportes que pretendiam preservar a memória de momentos únicos do Orfeão.³⁵ Carlos Franco regia provisoriamente o Orfeão quando este se apresentou durante uma conferência realizada no Grémio Literário Guilherme de Azevedo, a 19 de Outubro de 1927.³⁶ O maestro, violinista e professor de canto coral no Liceu de Santarém, Luís Silveira, passou a dirigir artisticamente o Orfeão, em 1928, adaptando-o aos temas que compunha e à voz da nova vocalista, a sua mulher Ema Silveira. Nos saraus realizados a 7 e 8 de Abril no teatro Rosa Damasceno, o maestro abdicou do hino composto por Belo Marques e do reportório escolhido pelo regente Tiago Alcobia e Silva pois apenas manteve “Serrana” (coro dos pastores), de Alfredo Keil. Em contrapartida, apresentou as suas peças “Hino ao Sol”, “Cantigas do Arraial” e “Ode ao Soldado Desconhecido”, poema coral de Alberto Cardoso dos Santos. O coro cantou ainda peças de F. Moutinho, Mendelssohn e “Saragaço”, uma canção alentejana com estilização do maestro enquanto a orquestra executou temas de Weber, Charles Hubans, Gillet e Tchaikowsky. No acto de variedades participaram José Avelino de Sousa que recitou, Francisco Duarte que cantou “A Média Luz” ao som de piano e D. António Atalaia que interpretou uma

³⁰ BMS – Programa de Sala, 2/4/1927.

³¹ Idem.

³² Idem.

³³ Sobre a deslocação do Orfeão a Leiria cf. *Correio da Extremadura*, 30/4/1927, p. 3 e 21/5/1927, p. 2.

³⁴ Cf. Idem, 25/6/1927, p. 2.

³⁵ Muitas destas fotografias ainda existem em álbuns que pertencem ao Círculo Cultural Scalabitano ou em colecções particulares. Dos filmes não existe memória onde possam estar guardados se é que não se encontram totalmente perdidos.

³⁶ Idem, 22/10/1927, p. 2.

canção brasileira. Finalmente, foi apresentada a madrinha do Orfeão, Maria de Lourdes Nobre da Veiga Holbeche Trigos, que iniciou um longo percurso na associação, mantendo-se madrinha, leccionando aulas de música e de piano e integrando os corpos gerentes.³⁷ A 24 de Maio de 1928, o Orfeão deslocou-se de camioneta a Tomar a fim de fortalecer a união das duas cidades ligadas pela lenda da Santa Iria. A recebê-los encontraram foguetes e a música da Filarmónica Nabantina e da Tuna Comercial juntamente com uma multidão entusiástica e os dirigentes políticos da cidade. À tarde decorreu um jogo de futebol entre amadores das duas cidades, enquanto outros escalabitanos preferiram passear ao longo do Nabão, visitar o parque do Mouchão ou subir a ladeira em busca do Convento de Cristo. À noite, o teatro tomarense encheu-se para a audição do Orfeão e de apontamentos de variedades. Sempre guiado pelos apresentadores e animadores do espectáculo, Maria de Lourdes Trigos, Mário Cambezes e Francisco Pereira, o público ficou a conhecer a madrinha do Orfeão em Tomar, Maria Carlota Gouveia.³⁸ Na reabertura dos trabalhos do Orfeão, em Outubro de 1928, o maestro Silveira na sua palestra referiu a importância do novo desafio: “Trabalhe-se com alma e com estoicismo por alguma coisa de grande, por qualquer coisa que seja alguma coisa. Não estou disposto a mover uma palha pela banalidade. Eu pretendo ensaiar o “Messias” de Haendel e pretendo fazê-lo ouvir pela primeira vez em Portugal. Só as sociedades artísticas assentes em bases absolutamente sólidas e de carácter absolutamente artísticas conseguem ensaiar partituras deste fôlego. Os *orfeonzecos*, armados em organizações excursionistas, esses não poderão aspirar além do *Ai, ó linda do rebola a bola*, e outras maravilhas da biblioteca orfeónica portuguesa... Mas não. Uma cidade que eu reputo a terceira cidade do país em desenvolvimento musical, uma cidade que possui o Orfeon Scalabitano com a sua orquestra e com as suas tradições, é a terra fértil que eu podia ter encontrado. Nunca em minha vida me abalancei a um empreendimento desta envergadura. Conseguida a vitória, o nosso esforço é de tal modo importante que não poderá ficar esquecido.”³⁹ “O Messias” foi apresentado ao público escalabitano no teatro Rosa Damasceno nos dias 1 e 2 de Junho de 1929 pelo grupo coral misto, pela orquestra que foi reforçada por executantes vindos de Lisboa e pelos solistas Arminda Correia, Maria Luísa Lisboa e José Maria Rosa também vindos da capital.⁴⁰ A 5 e 6 do mesmo mês, o Orfeão apresentou-se no Coliseu dos Recreios de Lisboa em dois concertos “... que causaram o

³⁷ Sobre os saraus cf. Idem, 14/4/1928, p. 2.

³⁸ Sobre a deslocação do Orfeão a Tomar cf. Idem, 26/5/1928, p. 3; 2/6/1928, pp. 1-2.

³⁹ *Jornal de Santarém*, n.º 85, 13/10/1928, p. 7.

⁴⁰ BMS – Programa de Sala, 1-2/6/1928.

entusiasmo e a admiração da crítica, pela segurança de ritmo, boa sonoridade e colorido com que executou o programa.”⁴¹. Na sua crítica, Nogueira de Brito referiu que Lisboa gostou do que ouviu mas teria preferido “... que um dos concertos tivesse sido consagrado à música do Ribatejo (...) no palco (...) devia ter estado a raça com todas as tendências folclóricas, com o melodioso dos seus campos, com a plangência das suas canções!”⁴². Perante o sucesso obtido, a Câmara Municipal de Santarém homenageou o Orfeão através do maestro Luís Silveira e do pianista Domingos Gonçalves que receberam uma bolsa de prata com dez libras, uma carteira com 500\$00 e uma caneta de tinta permanente em prata.⁴³

Em Julho de 1929, o Orfeão foi convidado pela esposa do Presidente da República para actuar nas Festas de Caridade a realizar no Jardim da Estrela em Lisboa. As férias do maestro Silveira que se encontrava nas Pedras Salgadas inviabilizaram a presença do Orfeão.⁴⁴ Após a abertura da nova época o Orfeão apresentou-se no teatro Rosa Damasceno a 4 e 5 de Outubro com a opereta “Amores de Gueisha” e a peça “Pena de Talião”.⁴⁵ Os orfeonistas pretendiam angariar fundos que permitissem manter a obra cultural a que estavam ligados e que vivia um forte aperto financeiro. O Orfeão apresentou-se novamente ao público escalabitano no seu sarau anual realizado no mesmo teatro, a 20 e 21 de Abril de 1930. Este encontrava-se reforçado com o aumento das vozes femininas, os seus naipes tornaram-se mais homogêneos e dizia-se “... que em matéria de canto coral o professor Luís Silveira está tornando Santarém emula das cidades alemãs”⁴⁶. Entre o reportório constava “Ode ao Soldado Desconhecido”, “Hino ao Sol”, a canção alentejana “Saragaço” e “Saudades” “... estilização muito original dalguns trechos que andam na boca do povo.”⁴⁷. O coral ainda interpretou temas de Bach e Haendel “... embora incompreendidos por uma parte do público que não tem culpa da sua deficiente cultura musical...”⁴⁸. A orquestra composta por amadores de Santarém, Almeirim e Alpiarça, para além de apoiar o coral interpretou temas de Tchaikowsky e Delibes. No final da sua crítica ao sarau, João Arruda deixou um novo lamento, “... pena foi que Santarém não compreendesse melhor o quanto deve em

⁴¹ Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano, n.º 2, Maio de 1950, p. 2. Sobre os concertos no Coliseu dos Recreios cf. *Correio da Extremadura*, 8/6/1929, p. 3.

⁴² *Correio da Extremadura*, 15/6/1929, p. 1.

⁴³ Cf. Idem, 22/6/1929, p. 1.

⁴⁴ Cf. Idem, 27/7/1929, p. 1.

⁴⁵ Cf. Idem, 26/10/1929, p. 3.

⁴⁶ Idem, 11/1/1930, p. 2.

⁴⁷ João Arruda, “Horas de Arte. O Orfeão Scalabitano Dois Concertos Memoráveis” in Idem, 26/4/1930, p. 2.

⁴⁸ Idem.

gratidão ao Orfeão – que tanto brilho e renome está dando à nossa terra – não cooperando com maior entusiasmo e valimento nos saraus que visam à manutenção e engrandecimento do grande corpo coral.”⁴⁹. Esta opinião foi secundada pela crítica mordaz de Faustino Rosa Mendes que acusava os seus conterrâneos de pouca educação musical e reduzida abertura ao conhecimento, preferindo touradas e espectáculos de cariz popular como concertos de concertina ou o “enterro do bacalhau”⁵⁰. Rosa Mendes advertiu “... os apreciadores do bacalhau e da concertina, cujos sucessos não conseguiram, graças a Deus, sair deste âmbito acanhado, onde a gente se move como em um espartilho...”⁵¹ garantindo que “... do Orfeão à concertina do ceguinho”⁵² vai uma abismal distância...”⁵³. No final questionava-se se valia a pena reagir ou “... não passamos pois de uma meia dúzia que lembra um tipo encasacado, fazendo uma conferência sobre música de Wagner aos hotentones?”⁵⁴, para concluir “Então embainhemos as espadas, deixemos a liça onde temos lanceado apenas por amor!... E agora aos outros: “Abaixo o Orfeão! Abaixo Luís Silveira! Abaixo a Arte! Venham os touros, as guitarras, venham as concertinas, salta o bacalhau à Gomes de Sá!”.”⁵⁵. O grupo que Faustino Rosa Mendes representava resolveu homenagear o violinista e maestro do Orfeão, Luís Silveira pelo seu trabalho em nome de “Santarém Artística”. A comissão composta por Alberto Cardoso dos Santos, Georgina Cardoso dos Santos, Cunha Belo, José Osório, D. José Zarco da Câmara, Cândido Vilaça, José Avelino de Sousa, Faustino Rosa Mendes e D. António de Atalaia organizou um serão de arte que se realizou no teatro Rosa Damasceno a 1 de Junho de 1930.⁵⁶ Do programa constava a primeira audição do Grupo Coral Infantil Scalabitano do Orfeão Scalabitano com a sua Orquestra sob a direcção do homenageado⁵⁷; “O Conto da Velha”, da obra “Auto do Fim” de António Correia de Oliveira, adaptação musical do maestro Hermínio do Nascimento e interpretado por Georgina Cardoso dos Santos acompanhada pelo coro

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ O “enterro do bacalhau” era um cortejo que percorria as principais artérias da cidade incluindo a Ribeira de Santarém, após o domingo de Páscoa. As personagens faziam uma espécie de julgamento popular onde satirizavam a vida da cidade.

⁵¹ Faustino Rosa Mendes, “Tribuna Livre. A Semana Dia-a-Dia. Quem tem Razão? Nós ou Eles?” in *Correio da Extremadura*, 3/5/1930, p. 2.

⁵² Referência ao concerto de harmónica com o “Ceguinho da Luz” e Joaquim Pacheco realizado no domingo de Páscoa, 20 de Abril de 1930, no teatro Sá da Bandeira. Cf. Idem, 19/4/1930, pp. 3, 4.

⁵³ Idem, 3/5/1930, p. 2.

⁵⁴ Idem.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Cf. Idem, 24/5/1930, p. 6.

⁵⁷ O Grupo Coral Infantil Scalabitano do Orfeão Scalabitano e a sua Orquestra apresentaram: “Pastoral”, coro e orquestra; “Cantem, Ceifeiras”, canto, piano e violino, Lúcia Marques, Maria de Lourdes Pereira, Adolfo Branco; Poesia por João Pedro Silveira; “Concertino”, violino por João L. Silveira acompanhado ao piano por Olímpia Dória; Bailado por Georgina Silveira acompanhada ao piano por Maria de Lourdes Pereira; e “Fuga”, coro e orquestra.

feminino do Orfeão; um programa de variedades escrito para a ocasião e interpretado por orfeonistas e diversos actores e músicos amadores da cidade⁵⁸; e um concerto pela Orquestra do Orfeão que tocou mazurcas, valsas e czardas. O êxito da homenagem ao maestro que reuniu “... à sua volta o grupo de intelectuais que admiram a sua obra de beleza moral, o seu génio, as suas qualidades de bondade e de ser pensante e criador...”⁵⁹, levou à repetição do evento nos dois anos seguintes, sob o patrocínio de Georgina Cardoso dos Santos. No sarau de 25 de Junho de 1931 realizado no teatro Rosa Damasceno, para além de se apresentarem os jovens talentos e discípulos do maestro Silveira, representaram-se as peças “Lenda de Santo António”, escrita por Alberto Cardoso dos Santos e “Soror Mariana” de Júlio Dantas e exibiu-se o tenor José Rosa acompanhado por Cruz e Sousa. O espectáculo foi encenado pelo actor local Rafael Marques enquanto o caricaturista amador Faustino Rosa Mendes assinou os cenários.⁶⁰ A homenagem de 11 de Junho de 1932 contou com a terceira exibição do Grupo Coral Infantil do Orfeão que apresentou uma orquestra composta por vinte e dois violinistas acompanhada pela pianista Olímpia Dória, com a interpretação por oficiais da guarnição militar da peça histórica “Visões de Antanho”, de Cardoso dos Santos e variedades com académicos e orfeonistas. Os cenários ficaram a cargo de Francisco Vilela enquanto o ensaio pertenceu a Rafael Marques.⁶¹ Durante o ano de 1930, toda a estrutura do Orfeão trabalhou para a consolidação dos objectivos atingidos e “... criou um regulamento interno que, em todas as suas cláusulas, impõe embora com prejuízo aparente, medidas tendentes a fazer do Orfeão Scalabitano uma sólida organização. Quotas, disciplina, frequência, tudo tratado com rigor mas com larga visão de futuro.”⁶². Segundo o maestro Silveira, o futuro e a continuação do Orfeão estavam na fidelidade das oitenta e quatro crianças que aprendiam música gratuitamente para garantirem a manutenção da associação que neles confiava e investia, “... trabalhava-se com vontade, honestamente, sem charlatanices, sem condescender com as opiniões de mau gosto que nunca poderão orientar uma agremiação que tem por fim principal o progresso artístico de uma cidade.”⁶³. O Orfeão apresentou-se ao público da sua cidade para mais um serão

⁵⁸ Nas variedades actuaram Maria Emília Nobre da Veiga, Maria Olívia Santos, Albertina Melo, D. José Zarco da Câmara, Guilherme Pereira, D. António Atalaia, Faustino Rosa Mendes, Cunha Belo, José Avelino de Sousa, Cândido Vilaça, Braz Ruivo, Victor Peixoto, Carlos Espinheira, João Santos e um grupo de orfeonistas. Cf. BMS – Programa do Sarau de Homenagem ao Maestro Luís Silveira, 1/6/1930.

⁵⁹ José Osório, “Vida Artística. A Festa de Luís Silveira” in *Correio da Extremadura*, 7/6/1930, p. 2.

⁶⁰ Sobre a festa de homenagem ao maestro Luís Silveira em 1931 cf. Idem, 20/6/1931, p. 2 e 27/6/1931, p. 2.

⁶¹ Sobre o sarau de 1932 realizado no teatro Rosa Damasceno cf. Idem, 28/5/1932, p. 2, 4/6/1932, p. 2, 11/6/1932, p. 2, 11/6/1932, p. 6 e 27/6/1932, p. 2.

⁶² Idem, 20/12/1930, p. 2.

⁶³ Idem.

de arte no teatro Rosa Damasceno, a 17 de Maio de 1931 e revelava “... nítidos progressos (...) melhor equilibrado, todo ele constituído por elementos activos e estudiosos...”⁶⁴, destacando-se a interpretação de “Sete Palavras de Cristo” de Hadyn, “Coral” de Bach, “Madrigal” de Luís de Freitas Branco e “Suite Portuguesa” de Rui Coelho, sendo solistas Ema Silveira e D. António de Atalaya. Perante o sucesso obtido, o Orfeão apresentou-se a 4 de Junho no teatro Sá da Bandeira, num espectáculo dedicado “ao povo de Santarém” e apresentado “a preços verdadeiramente populares”⁶⁵. Ao sair do seu espaço habitual, o Orfeão pretendia obter a cumplicidade do “povo” que por motivos económicos apenas aspirava a frequentar o “piolho” de banco corrido do teatro Sá da Bandeira. Para tal, abdicou de um programa mais erudito e apresentou temas como “Hino ao Sol”, “Ode ao Soldado Desconhecido” e “Cantigas do Arraial” da autoria do maestro Silveira que lhe permitiram alcançar um êxito entre o povo.⁶⁶ Este sucesso levou a mais uma homenagem ao maestro, agora dentro do seio da colectividade e realizada no Grémio Literário Guilherme de Azevedo onde decorreu uma ceia volante seguida de um animado baile.⁶⁷ O sarau anual de 1932 previsto para 10 de Janeiro apenas se realizou sete dias depois no teatro Rosa Damasceno, devido à doença da pianista Olímpia Dória, tendo a sua receita revertido a favor da obra do Orfeão. Pela primeira vez, foram apresentados no sarau documentários cinematográficos sobre temas diversos acompanhados pela orquestra que executou temas de Rossini, Strauss e Mendelssohn⁶⁸.

A partir de 1928, alguns saraus do Orfeão passaram a apresentar teatro. Os actores eram simultaneamente orfeonistas ou então provinham de outras colectividades onde integravam grupos cénicos como o Grémio Literário Guilherme de Azevedo e o Teatro Club Ribeirense. Nos saraus de 7 e 8 de Abril de 1928, foi representada a comédia de Júlio Dantas “D. Beltrão de Figueirôa”, com Francisco P. Duarte, Cunha Belo, José Avelino de Sousa, Olívia Santos, Clotilde Carreira e António Verediano Gomes. Em Abril de 1929, os orfeonistas iniciaram os ensaios da opereta “Amor de Gueisha” de Alberto Cardoso dos Santos, a cargo de Armando de Vasconcelos e de Luís Silveira. Os papéis principais foram atribuídos a Maria Emília Nobre da Veiga, única que não pertencia ao Orfeão, D. António Ataíde, Maria Lúcia Cardoso dos Santos, José

⁶⁴ Idem, 23/5/1931, p. 6.

⁶⁵ Idem, 30/5/1931, p. 2.

⁶⁶ Cf. Idem, 6/6/1931, p. 2.

⁶⁷ Cf. Idem, 13/6/1931, p. 1.

⁶⁸ Cf. Idem, 16/1/1932, p. 2 e 23/1/1932, p. 2; e *O Cabaceiro*, n.º 1, 17/1/1932, p. 1.

Avelino de Sousa, Verediano Gomes e Seabra Coelho, Guilherme Pereira, Albertina Melo, Georgina Cardoso dos Santos e José Gonçalves.⁶⁹ A estreia decorreu a 4 e 5 de Novembro de 1929, no teatro Rosa Damasceno, juntamente com a apresentação da comédia em um acto “Pena de Talião”, também de Cardoso dos Santos.⁷⁰ “À Sesta”, peça regional em um acto escrita por Faustino dos Reis Sousa, foi representada no sarau de 20 e 21 de Abril de 1930, pelos amadores escalabitanos Maria Emília Nobre da Veiga, António Alhandra, António Verediano Gomes, José Avelino de Sousa e António José de Almeida. Uma filha das melhores famílias da cidade contracenava com o tipógrafo republicano Avelino de Sousa. Perante o sucesso obtido, estes voltaram a exhibir-se aquando da deslocação a Coimbra, no mês seguinte.⁷¹ No sarau de arte realizado a 17 de Abril de 1931, foi apresentada a opereta regional em um acto “Irene” de Faustino de Sousa, numa encenação de M. Pereira e interpretada pelos amadores do Grémio Literário Guilherme de Azevedo, Guilherme Pereira, Albertina Melo, Joaquim Alhandra, João Santos e António José de Almeida.⁷² Em 1931, começaram os ensaios da revista em dois actos e seis quadros “Rádio-Santarém” de autoria de Alberto Cardoso dos Santos que, ao longo dos seus quadros, pretendia retratar o quotidiano escalabitano.⁷³ Provavelmente, por motivos financeiros a revista nunca foi exibida na sua totalidade, restando alguns quadros de enorme sucesso como o “Café Estrela Scalabis”⁷⁴, protagonizado por Guilherme Pereira e “Cruz de Cristo”, que através da música e da coreografia apresentava “as características de cada província lusitana”⁷⁵. No sarau que o Orfeão apresentou em Coruche, a 27 de Janeiro de 1932, um grupo de amadores escalabitanos representou a peça regional “À Sesta”, de Faustino dos Reis Sousa.⁷⁶

As viagens ferroviárias reiniciaram-se a 8 de Maio 1930 com a deslocação a Coimbra. Os componentes do Orfeão acompanhados pelos da Banda dos Bombeiros foram recebidos pelas entidades políticas e pelos representantes da Associação Académica, antes de iniciarem o seu passeio pelas ruas, jardins, monumentos e histórias da cidade dos estudantes. À noite, o Orfeão apresentou no teatro Avenida o repertório

⁶⁹ Cf. *Correio da Extremadura*, 27/4/1929, pp. 1-2.

⁷⁰ Cf. *Idem*, 9/11/1929, p. 3.

⁷¹ Cf. João Arruda, “Horas de Arte. O Orfeão Scalabitano Dois Concertos Memoráveis” in *Idem*, 26/4/1930, p. 2.

⁷² Cf. BMS – Programa de Sala, 17/4/1931.

⁷³ Cf. *Correio da Extremadura*, 28/3/1931, p. 1.

⁷⁴ O café Estrela Scalabis foi muito popular em Santarém nas décadas de 20 e 30.

⁷⁵ *Correio da Extremadura*, 23/1/1932, p. 2.

⁷⁶ Cf. *Idem*, 30/1/1932, p. 2.

exibido no seu sarau anual, acolhido por numerosos aplausos da sala lotada. A imprensa de Lisboa, Porto e Coimbra foi unânime no elogio à actuação do Orfeão nas áreas da música, canto coral e arte dramática, suscitando o convite da Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa para actuarem na sua festa de aniversário.⁷⁷ A 21 de Janeiro de 1932, o Orfeão deslocou-se a Coruche onde actuou no Cine-Teatro local⁷⁸ e a 10 de Março actuou no Cartaxo.⁷⁹ Uma excursão do Orfeão organizada em comboio especial deslocou-se a Abrantes, a 2 de Junho de 1932, onde foi saudada pelos membros do Orfeão Abrantino Pinto Ribeiro. O sarau de arte decorreu no Teatro-Cine da Misericórdia onde os dois agrupamentos se exibiram e Maria José Milhariço se tornou madrinha do Orfeão naquela cidade ribatejana.⁸⁰ Uma semana depois, o Orfeão deslocou-se a Torres Vedras onde foi recebido e aclamado pela Banda dos Bombeiros e a Tuna Comercial Torreense antes de actuar em mais um sarau de arte⁸¹.

A 1 de Outubro de 1928, o Orfeão criou um curso musical para crianças de ambos os sexos entre os 9 e os 15 anos, ministrado pelo maestro Luís Silveira, auxiliado por Ema Silveira e, nos primeiros meses, por Wenceslau de Moraes. Os filhos dos orfeonistas e dos sócios frequentavam o curso gratuitamente enquanto todos os outros pagavam 1\$00. O curso durava três anos e tinha como objectivos a aprendizagem da música e a preparação orfeónica. Os alunos eram sujeitos a exames que revelavam evolução nos conhecimentos musicais.⁸² Em Julho de 1930, na sala de espectáculos do Grémio Literário Guilherme de Azevedo, onde funcionava a sede provisória do Orfeão, foram distribuídos diplomas de aprendizagem musical aos alunos. No seu discurso, o presidente da colectividade, Artur Proença Duarte, enalteceu o trabalho pedagógico do maestro Silveira assim como o mérito dos jovens discípulos de diferentes estratos sociais. Não passou despercebido o episódio de um aluno, “... o mais pobrezinho, que, ao receber o seu diploma, não se conteve que não chorasse. Ficou envergonhado pelo facto de estar descalço e mal vestido em relação aos outros.”⁸³ As “almas benfazejadas” presentes ficaram com os “corações condoídos” e reuniram a quantia necessária para a compra de uma “andaina” e de uns “sapatinhos novos”.

⁷⁷ Sobre a viagem a Coimbra cf. Idem, 3/5/1930, p. 3, 10/5/1930, p. 3, 17/5/1930, p. 1 e 24/5/1930, p. 1.

⁷⁸ Cf. *O Cabaceiro*, n.º 1, 17/1/1932, p. 1; *Correio da Extremadura*, 23/1/1932, p. 7 e 30/1/1932, p. 2.

⁷⁹ Cf. *Correio da Extremadura*, 12/3/1932, p. 2.

⁸⁰ Cf. Idem, 28/5/1932, p. 2 e 11/6/1932, pp. 1, 8.

⁸¹ Cf. Idem, 11/6/1932, p. 7.

⁸² Cf. Idem, 15/9/1928, p. 2 e *O Orfeão*, número único, Santarém, [s.n.], Maio de 1932, p. 9.

⁸³ *Correio da Extremadura*, 5/7/1930, p. 2.

A fim de enriquecer culturalmente os seus associados, o Orfeão promoveu algumas conferências como “A Música”, pelo padre Tomás Borga realizada a 19 de Outubro de 1927⁸⁴ e “A Vida de Haydn”, por Virgílio Arruda que decorreu a 22 de Abril de 1931⁸⁵. Também programou outras que, por diversos motivos, não se concretizaram como a do escritor António de Cértima ilustrada pelo caricaturista Cunha de Barros e agendada para Abril de 1927.⁸⁶

Ao longo dos seus primeiros anos de vida, o Orfeão Scalabitano viveu momentos de grande asfixia financeira. O maestro Luís Silveira assumia, em 1929, que “... só penso em salvar as finanças do Orfeão e tornar-me um Dr. Oliveira Salazar para uma operação de receita que salve o seu cofre...”⁸⁷. Em 1930, recebeu subsídios da Câmara Municipal e da Comissão Municipal de Turismo no valor total de quatro mil escudos.⁸⁸ No entanto, as contas desse ano terminaram em défice perante as elevadas despesas como o pagamento de 450\$00 de luz ao Grémio Literário Guilherme de Azevedo ou o salário do maestro Silveira.⁸⁹ Em Janeiro de 1931, um grupo de intelectuais da cidade propôs-se organizar espectáculos cuja receita revertesse a favor do Orfeão porque a sua “... situação económica não é lisonjeira, devido não só à magra quotização, que não chega para o ordenado do seu regente, mas ao défice existente no seu cofre, por despesas feitas superiores à sua receita.”⁹⁰. Nesses anos difíceis ficava expressa a falta de bairrismo porque “... custa, em verdade, ver desfalecer um agrupamento musical que tanto nos tem honrado, por falta de auxílio da família santarena, a qual, na sua maioria, se desprende completamente dele como de todas as instituições locais...”⁹¹. No entanto, as dificuldades subsistiam e em Junho de 1931, Artur Duarte (550\$00), o tenente Belo (270\$90), o tenente Caldas (250\$00), Salvador Supardo (200\$00) e João Ferreira (842\$00) emprestaram dinheiro ao Orfeão.⁹²

Apesar dos contratempos de ordem financeira, os projectos mantinham-se vivos na cabeça de alguns dos dirigentes associativos que beneficiavam do apoio da Câmara

⁸⁴ Cf. Idem, 22/10/1927, p. 2.

⁸⁵ Cf. Idem, 25/4/1931, p. 2. A conferência foi publicada no mesmo jornal a 2/5/1931, pp. 1-2.

⁸⁶ Cf. Idem, 5/2/1927, p. 4.

⁸⁷ Idem, 28/9/1929, p. 2.

⁸⁸ Cf. Idem, 26/4/1930, p. 3 e 3/5/1930, pp. 1, 2.

⁸⁹ Cf. *Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Julho de 1930 a 1946.

⁹⁰ *Correio da Extremadura*, 17/1/1931, p. 1.

⁹¹ Idem, 17/1/1931, p. 1. Também a Banda dos Bombeiros vivia grandes problemas financeiros encontrando-se à beira de extinguir a sua actividade.

⁹² Cf. *Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Julho de 1930 a 1946.

Municipal. Na reunião de 7 de Fevereiro de 1932, foi considerado “... que pode, se a cidade o ajudar, contribuir para uma larga cruzada de educação nacional cuja necessidade se reconhece há muito; que os organismos como o Orfeão podem e devem ser núcleos de formação de escolas livres, onde a par duma quase espontânea educação artística se possa fornecer aos que trabalham um mínimo de cultura; que não tem podido trazer para a cidade alguma honra e nome quando se tem feito ouvir fora de Santarém; que não pode preencher todos os fins de educação que se propôs enquanto não possuir instalações indispensáveis e próprias de que absolutamente carece...”⁹³. Assim, ficou deliberado envidar esforços para que a breve prazo fosse construído esse edifício em Santarém, contando para tal com a boa vontade e auxílio da população em geral. O Orfeão pretendia criar uma “Escola Livre” de educação artística, intelectual e física, “... fazer construir com o seu salão de concertos e um pequeno ginásio, algumas salas para cursos públicos nocturnos e rudimentares de todas as ciências que nas escolas do Estado se professam, além do curso de música que já mantêm, com a frequência média e muito animadora de noventa alunos.”⁹⁴. Um dos grandes objectivos deste projecto era solucionar “... o problema da extensão da cultura no povo português (...) que é preciso fazer a todo o custo junto das camadas populares, ainda hoje absolutamente e desastrosamente abandonadas a si-mesmas.”⁹⁵.

Em Abril de 1932, o Orfeão Scalabitano foi agraciado com a comenda da Ordem da Benemerência porque teve “... o mérito de realizar uma obra de educação moral e artística, digna de todo o elogio, de congregar em volta do seu nome e do seu objectivo, elementos das várias classes sociais, dando assim o exemplo de uma grande obra de solidariedade social, de tornar conhecido o nome da sua terra, erguendo-o como troféu de honra em todas as localidades que tem visitado...”⁹⁶. Novamente, o mecenato de algumas das elites da cidade resolveu os problemas financeiros, quando Joaquim Cunha e Matta pagou “... ao Estado a importância dos direitos da mercê que lhe eram devidos por motivo da condecoração conferida aquele agrupamento musical...”⁹⁷, enquanto o governador civil, José Garcez Pereira Caldas (1895-1958), ofereceu as insígnias da condecoração. A comenda fez renascer o orgulho pela obra de educação realizada, para

⁹³ *Correio da Extremadura*, 27/2/1932, p. 2.

⁹⁴ *Idem*.

⁹⁵ *Idem*.

⁹⁶ *O Orfeão*, número único, Santarém, [s.n.], Maio de 1932, p. 9. Cf. *Diário do Governo*, n.º 93, II série, 21/4/1932. O Orfeão Académico de Coimbra foi agraciado com o grau de Comendador da Instrução, em 1931.

⁹⁷ *Idem*, p. 8.

além de se tornar um estímulo e incentivo para obras futuras quer para obter progressos artísticos e culturais quer para prestigiar Santarém. Em Maio de 1932, publicou-se o número único da revista *O Orfeão*, alusivo à condecoração obtida, redigido por Virgílio Arruda, Nuno Beja (1890-1966) e Olímpia Dória. O sarau de consagração decorreu a 8 de Maio, no teatro Rosa Damasceno, onde foram impostas as insígnias no estandarte do Orfeão pelo governador civil, José Garcez Pereira Caldas. Na festa de gala estiveram presentes as madrinhas do Orfeão, de Coruche, Maria Noémia Lopes de Carvalho, do Cartaxo, Maria Manuela Bruschy Montez, de Leiria, Maria Beatriz de M. Baptista Cardoso e Cunha, de Coimbra, Maria de S. José de Castro Corte Real (Fijô), de Tomar, Maria Carlota Campeão Gouveia, e da Covilhã, Maria Cândida de Aguiar Almeida Ribeiro, e a nova madrinha de Santarém, Branca Maria Batalhoz Caldas⁹⁸, jovens a quem Alberto Cardoso dos Santos chamou “A Constelação das Sete Marias”⁹⁹. O sarau de gala do Orfeão onde actuou o grupo coral com cento e vinte elementos de ambos os sexos e a orquestra sinfónica composta por quarenta e cinco executantes revelou-se um sucesso,¹⁰⁰ sendo repetido a 15 de Maio, agora com um acto de variedades onde actuaram os actores amadores Guilherme Pereira, Albertina Melo, Maria de Lourdes Melo, Noémia Cardoso e pelos profissionais vindos de Lisboa, Henrique Campos (1909-1984), Maria Pestana e Amélia Figueirôa.¹⁰¹

A Decadência (1933-1935)

Após receber a comenda da Ordem de Benemerência, o Orfeão entrou num período de decadência em parte devido a dificuldades financeiras, à ausência de uma sede, à falta de inscrições de componentes que permitissem a manutenção do grupo coral e da orquestra e à mudança sistemática de maestros. Apesar da conjuntura vivida,

⁹⁸ Branca Maria Batalhoz Caldas, filha de Maria Romana Batalhoz Passos Caldas e do proprietário João Passos Caldas, membro da “primeira sociedade escalabitana” aceitou ser madrinha após a retirada para Lisboa da primeira madrinha, Maria de Lourdes Nobre da Veiga Holbeche Trigoso Hintze Ribeiro. Cf. Idem, p. 3.

⁹⁹ Cf. Idem, p. 3.

¹⁰⁰ O Coro e Orquestra interpretaram: “O Messias”, Handel; “Coral”, Bach; “Sete Palavras de Cristo”, Haydn; “Missa de Requiem, Sanctus”, Mozart; “A Severa, prelúdio do “fono-film””, Frederico de Freitas; e “À lá Riba, coro de pescadores”, V. Macedo. A Orquestra executou os temas: “O Barbeiro de Sevilha, abertura”, Rossini; “Recitativo e Aria”, Luís Silveira; “No Mercado Persa”, Ketelbey; “Cavalaria Rusticana, Intermezzo”, P. Mascagni; e “Marcha do Tanhauser”, Wagner. Finalmente, o Coro apresentou: “Desgarrada”, Luís Silveira; “Para a Romaria”, A. Leça; “Os Moinhos”, Silveira Pais; “Prière du Soir”, Gounod; “Canção dos Barqueiros do Volga”. Cf. BMS – Programa de Sala, 8/5/1932 e *Correio da Extremadura*, 7/5/1932, p. 5 e 14/5/1932, p. 6.

¹⁰¹ Cf. *Correio da Extremadura*, 14/5/1932, p. 1 do suplemento e 21/5/1932, p. 8.

a colectividade projectou um dinâmico plano de actividades. No início de 1933, o Orfeão tentou deslocar-se a Vigo ao oferecer a sua colaboração à comissão organizadora da “Semana Portuguesa” a realizar naquela cidade espanhola. Os inúmeros obstáculos acabaram por não ser ultrapassados inviabilizando a internacionalização do Orfeão.¹⁰² Os dirigentes da colectividade foram convidados pelo Orfeão da Covilhã para se deslocarem à serra da Estrela durante o mês de Fevereiro de 1933.¹⁰³ No entanto, estes optaram por se deslocarem ao Porto e a Braga após a viagem de trabalho de Humberto Lopes e Américo Passos a fim de preparar “uma excursão artística” a estas duas cidades.¹⁰⁴ A viagem efectuou-se a 25 e 26 de Maio de 1933 e possibilitou aos orfeonistas escalabitanos o contacto com os prestigiados orfeões das cidades visitadas. No primeiro dia, os orfeonistas e os numerosos excursionistas que os acompanharam, visitaram Braga, enquanto à noite actuaram com sucesso no Teatro Circo. No dia seguinte, o comboio especial transportou os escalabitanos até ao Porto para mais uma visita e uma actuação no teatro Carlos Alberto perante “... uma escolhida assistência em que sobressaía larga representação dos elementos orfeónicos da cidade [Porto] que é, no nosso país, aquela em que o movimento orfeónico tem tido maior incremento e entusiasmo.”¹⁰⁵. Durante o espectáculo, os escalabitanos foram obsequiados pelos representantes do Orfeão do Porto “Marcos Portugal”, Tuna dos Empregados do Comércio e do Orfeão Lusitano. De entre o repertório exibido constavam peças de Mozart, Haendel, Bach, do maestro Luís Silveira, a composição “P’rá Romaria”, de Armando Leça que assistiu à interpretação e o tema “Cruz de Cristo” da revista “Rádio Santarém”. A imprensa regional portuense elogiou o espectáculo, o trabalho do maestro Luís Silveira e da única componente feminina da orquestra, a pianista Olímpia Dória. Um dos dirigentes que organizou e acompanhou a viagem do Orfeão, o advogado Luís Vaz de Sousa, formava uma segunda geração de associados pois era filho do dirigente associativo, José Avelino de Sousa.

O sucesso alcançado na viagem ao norte “... veio demonstrar que o Orfeão não morrerá porque o seu passado lhe deu raízes vigorosas e o seu futuro lhe aponta muitos e justificados títulos de conservação e progresso...”¹⁰⁶, contrariando aqueles que por vezes afirmavam “... que o Orfeão está decadente, que atravessa uma crise à qual será

¹⁰² Cf. Idem, 28/1/1933, p. 6.

¹⁰³ Cf. Idem.

¹⁰⁴ Cf. Idem, 25/2/1933, p. 6.

¹⁰⁵ Idem, 3/6/1933, p. 1.

¹⁰⁶ Idem.

difícil sobreviver”¹⁰⁷. Na realidade, estes velhos do Restelo pareciam estar mais próximos da realidade vivida pela colectividade. Para além da referida viagem, o Orfeão apenas actuou uma vez entre 1933 e 1935 quando se apresentou na romagem ao túmulo de Pedro Álvares Cabral, realizada na igreja da Graça em Santarém, a 3 de Maio de 1933¹⁰⁸. Todas as outras actividades previstas acabaram por não se realizar como o espectáculo na sede do Teatro Club Ribeirense, apesar dos ensaios iniciados em Janeiro de 1933¹⁰⁹, a apresentação no teatro de S. Carlos prevista para 22 de Junho de 1933 e adiada por dificuldades económicas¹¹⁰, as viagens do Verão de 1934 às Caldas da Rainha, Nazaré e Figueira da Foz,¹¹¹ a exibição da opereta “Solar dos Barrigas” em 1934¹¹² e os projectos do ano seguinte para se exhibir no Estoril ou apresentar-se aos microfones da Emissora Nacional¹¹³. A mudança de maestro também trouxe instabilidade ao Orfeão. Em Outubro de 1933, o maestro Luís Silveira abandonou o projecto orfeónico e passou a residir em Lisboa. Perante o facto, a assembleia-geral da colectividade reuniu-se a 18 de Outubro de 1933 para eleger novos corpos gerentes e definir a nova orientação dos trabalhos. Nessa reunião decidiu-se contratar como regente o antigo director artístico do Orfeão Abrantino Pinto Ribeiro, Joaquim Luís, “.... que atendendo às difíceis condições financeiras do Orfeão generosamente se propõe assumir a sua direcção artística”¹¹⁴. A escolha recaiu sobre este músico que residia em Chaves devido à sua fama de disciplinador o que levava a entender que a indisciplina e ausência nos ensaios imperavam no agrupamento escalabitano. O novo regente foi apresentado na assembleia-geral do Orfeão de 27 de Janeiro de 1934 enquanto eram abertas as inscrições para os orfeonistas com a garantia que os ensaios recomeçavam após o Carnaval.¹¹⁵ Entretanto, os dirigentes tinham definido um novo rumo: “... promover uma maior valorização do folclore musical português, dando à música popular um especial destaque. Desaparecerá a orquestra sinfónica de difícil e custosa manutenção, antes se organizando uma orquestra de arco para interpretação de música de câmara. Com numerosas excursões se procurará restituir ao Orfeão uma desafogada situação financeira, fazendo-se um apelo aos subscritores para não afrouxar a sua cotização que é, por enquanto a garantia única dos seus recursos materiais. Vai-se

¹⁰⁷ Idem.

¹⁰⁸ O coral e a orquestra interpretaram a composição “Santa Cruz” do maestro Luís Silveira. Sobre a romagem cf. Idem, 29/4/1933, p. 3 e 6/5/1933, p. 1.

¹⁰⁹ Cf. Idem, 21/1/1933, p. 2.

¹¹⁰ Cf. Idem, 10/6/1933, p.1 e 17/6/1933, p. 8.

¹¹¹ Cf. Idem, 17/2/1934, p. 6.

¹¹² Cf. Idem, 31/3/1934, p. 6.

¹¹³ Cf. Idem, 8/12/1934, p. 6.

¹¹⁴ Idem, 27/1/1934, p. 1.

¹¹⁵ Cf. Idem, 3/2/1934, p. 2.

proceder à reinscrição dos orfeonistas a qual será rigorosa pois se prefere a qualidade à quantidade, adoptando-se o uniforme para as senhoras, por a sua simplicidade melhor corresponder ao critério de igualdade que moral e materialmente preside a esta organização.”¹¹⁶. Mas o problema da regência subsistia perante o fracasso da orientação de Joaquim Luís que não conseguiu “... dar ao brilhante coral as condições indispensáveis para manter a sua linha tradicional.”¹¹⁷. Eis que surgiu a proposta do maestro José Belo Marques para reorganizar o Orfeão que ajudara a fundar, “... em condições de ainda este Inverno dar algumas audições, além de cinco ou seis concertos durante o próximo ano, para a Emissora Nacional, os quais seriam radiodifundidos mesmo de Santarém.”¹¹⁸. A grande dúvida encontrava-se no facto de saber se os orfeonistas, especialmente as mulheres, corresponderiam à dedicação e tenacidade do mentor do projecto, sendo “... preciso fazer um apelo às gargantas escalabitanas que ainda tenham brio e coragem...”¹¹⁹. Os ensaios do Orfeão iniciaram-se na sede do Montepio Geral, a 26 de Novembro de 1934, após o maestro Belo Marques ter apresentado o seu plano de trabalhos perante o presidente da direcção, Virgílio Arruda, e os orfeonistas.¹²⁰ Pelos apelos publicados na imprensa local percebe-se que a assiduidade dos orfeonistas se mantinha irregular: “Pena é que a afluência de orfeonistas não seja tão grande como desejamos, lembrando-se todos os santarenos que pelas suas tradições e pelos seus projectos o Orfeão Scalabitano foi e será um dos nossos mais fortes valores, destinado a engrandecer o nome da sua terra, pela realização duma grande obra de arte. Esperemos que todos se compenetrem desta verdade, acorrendo a dar a sua inscrição ao Orfeão, que não deve desaparecer... por falta de orfeonistas.”¹²¹. A 18 de Fevereiro de 1934, os dirigentes e orfeonistas reuniram-se num convívio realizado no ginásio do antigo Colégio de Santarém, cedido por Pedro Schiappa, com o objectivo de promover a união e evitar a extinção do Orfeão.¹²² Apesar de os ensaios se manterem semanalmente, o recrutamento, assiduidade e disciplina dos orfeonistas continuavam a ser um problema de difícil resolução e que, a par com as dificuldades económicas, incomodava outras colectividades com a Banda dos Bombeiros.¹²³

¹¹⁶ Idem, 27/1/1934, p. 1.

¹¹⁷ Idem.

¹¹⁸ Idem.

¹¹⁹ Idem, 3/11/1934, p. 6.

¹²⁰ Cf. Idem, 24/11/1934, p. 1.

¹²¹ Idem, 19/1/1935, p. 1.

¹²² Cf. Idem, 16/2/1935, p. 8.

¹²³ Cf. Idem, 20/7/1935, pp. 1-2.

Apesar dos constantes ensaios, o Orfeão não se apresentou publicamente, sendo “... forçado a suspender os seus trabalhos não obstante a vontade indomável do insigne maestro Belo Marques e as incansáveis diligências da direcção”¹²⁴...¹²⁵. Um grupo de saudosistas propunha-se “... reorganizar esta embaixada artística e nesse sentido vão iniciar as suas diligências junto da família das senhoras orfeonistas, para que voltem a fazer parte do Orfeon, que não perderá assim a sua tradição.”¹²⁶. Perante a perspectiva da visita do Orfeão de Setúbal a Santarém, o jornal *O Scalabitano* insistiu “...na necessidade de se reconstituir o Orfeão Scalabitano (...) ou já estarão apagadas as energias morais, que têm sido o apanágio desta viril e robusta gente ribatejana?”¹²⁷, reafirmando que “... hoje, como sempre, estamos dispostos a prestar o nosso auxílio desinteressado em prol da organização de tão honrosa e prestante iniciativa. Quem está connosco?”¹²⁸. Na realidade, as prioridades culturais da cidade pareciam ser outras e o apelo da imprensa regional não colhia adeptos. Em 1936, algumas vozes da cidade ainda questionavam o desaparecimento do “... grande embaixador da cidade, o seu melhor cartaz de propaganda (...) escola de arte, de disciplina, de camaradagem ...”¹²⁹ e desejavam a sua reorganização.

A Reorganização (1943-1948)

No início de 1943, uma comissão de sócios do Club Literário Guilherme de Azevedo composta por Artur Proença Duarte, Humberto Lopes, Virgílio Arruda, Salvador Supardo, major Lino Valente, José Rodrigues Portela, José Rodrigues de Almeida, e José Augusto Frazão organizou-se com o objectivo de reorganizar o Orfeão. Alguns desses sócios pertenciam à fundação do Orfeão na década de 20 como Artur Proença Duarte, José Augusto Frazão e José Rodrigues Portela ou eram filhos de antigos dirigentes como Humberto Lopes. A. Braz Ruivo elaborou as directrizes para que o Orfeão cumprisse a sua missão com “meritório elogio público” considerando a necessidade da “... máxima união e identidade de ideias; a não recusa dos orfeonistas de ambos os sexos baseada na rivalidade antagónica de posições, de privilégios mundanos (uma das causas mais graves para o seu desagregamento); uma escolha criteriosa nos

¹²⁴ A última direcção do Orfeão era composta por Manuel Maria de Oliveira, Américo Passos, António Brás Ruivo, Humberto Lopes, José Rodrigues Portela e Agostinho Mariano. Cf. Idem, 16/2/1935, p. 8.

¹²⁵ *O Scalabitano*, n.º 2, 24/10/1935, p. 2.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Idem, n.º 4, 28/11/1935, p. 1.

¹²⁸ Idem.

¹²⁹ *Santarém Exposição – Feira – 1936*, [Santarém], [s.n.], [1936], p. 16.

seus programas destinados a todas as classes; a máxima assiduidade e disciplina absoluta nos seus ensaios, as suas melhores relações de colaboração para com o regente e a direcção e, por último o melhor desempenho possível da parte que a cada um competir, e teremos finalmente suprida esta letargia orfeónica com a melhor vontade de levantar o prestígio do Orfeão Scalabitano e bom-nome da cidade de Santarém...”¹³⁰. Também alertou para a necessidade de formar jovens elementos musicais que integrassem quer a orquestra sinfónica quer o grupo coral de forma a reforçar a “grandiosa obra cultural da província”¹³¹. Humberto Lopes no artigo “Um Orfeão em Santarém” defendeu que “... o cinema, o pouco teatro que na cidade se faz, de maneira nenhuma podem preencher o vazio que o Orfeão desaparecido deixou...”¹³², pois este “... retirava os homens ao ambiente de 365 estéreis noites de café, daria às raparigas mais alegria e mais larga e simples humanidade, educaria a juventude na grande escola da arte.”¹³³. A comissão organizadora do Orfeão convidou o maestro José Belo Marques para novamente dirigir os numerosos orfeonistas que tinham aderido ao projecto. Entretanto, este estivera em Lourenço Marques onde trabalhou na Rádio Clube de Moçambique, fundou um orfeão, fez uma recolha de folclore africano após percorrer vasto território moçambicano durante dez meses e actuou com sucesso em Joanesburgo. Belo Marques encontrava-se a trabalhar na Emissora Nacional e não hesitou em aceitar o convite escalabitano, convicto no engrandecimento do desafio que lhe era proposto e na aplicação das experiências do folclore africano num Orfeão distante dessa parte do Império.¹³⁴ Também as antigas madrinhas foram chamadas a dar o seu apoio ao Orfeão de forma a reforçar a importância do passado vivido.¹³⁵

O ressurgimento do Orfeão, mais uma vez, partia de uma colectividade com créditos firmados, o Club Literário Guilherme de Azevedo. Considerando que todos os envolvidos neste projecto eram sócios do Club, que o Orfeão necessitava de uma sede para reuniões e ensaios e que os recursos financeiros não eram abundantes era imprescindível obter apoio desta colectividade. Assim, a assembleia-geral do Club

¹³⁰ *Correio da Extremadura*, 9/1/1943, p. 2.

¹³¹ *Idem*.

¹³² Humberto Lopes, “Um Orfeão em Santarém” in *Idem*, 10/4/1943, p. 6.

¹³³ *Idem*. Cf. Virgílio Arruda, “O Renascimento do Orfeão Scalabitano” in *Idem*, 24/4/1943, p. 6.

¹³⁴ Cf. a entrevista de Humberto Lopes ao maestro José Belo Marques in *Idem*, 1/5/1943, p. 6.

¹³⁵ As madrinhas de Santarém eram Maria de Lourdes Holbeche Trigo Hintze Ribeiro filha do dirigente da primeira fase do Orfeão entretanto falecido, João Holbeche Trigo; Branca Maria Batalhoz Caldas Correia Pereira; Maria da Glória Lopes Vinagre, filha do empresário de camionagem Francisco Ferreira Vinagre; a madrinha da Covilhã, Maria Cândida de Aguiar Almeida Ribeiro; e a madrinha de Leiria, Maria Beatriz de M. Baptista Cardoso e Cunha. Cf. *Idem*, 5/6/1943, p. 6; 19/6/1943, p. 6; 26/6/1943, p. 8; 17/7/1943, p. 6.

presidida por José Fragoso reuniu-se a 7 de Maio de 1943, de forma a estabelecer a forma de cooperar com o Orfeão. Os corpos gerentes do Orfeão integravam os dirigentes do Club Humberto Lopes, José Rodrigues Portela e José Almeida. No dia seguinte, a comissão organizadora do Orfeão presidida por Artur Proença Duarte e na presença do maestro Belo Marques reuniu-se para preparar a reorganização e o plano de ensaios perante uma sala cheia de entusiásticos candidatos a orfeonistas.¹³⁶ As pianistas e professoras de música, Judite Figueiredo David e Maria do Carmo Gaspar, asseguravam os ensaios dos diversos naipes do Orfeão que se reuniam às segundas e sextas-feiras para ensaiar com o maestro Belo Marques. Após dois meses de intensos ensaios, o Orfeão fez a sua reaparição no teatro Rosa Damasceno, a 25 de Julho de 1943, apresentando os temas “Joselito” do folclore, “Crepúsculo”, fragmento do poema sinfónico “Canção dum Dia” de Belo Marques; e “O Moinho”, Rimsky-Korsakow. Joaquim Ferreira Campos recitou o poema “Canção de um Dia”. A Orquestra Típica da Emissora Nacional e os Quartetos Vocais Feminino e Masculino da Emissora¹³⁷ sob a regência do maestro Belo Marques abrilhantaram as duas outras partes do espectáculo apresentando temas de folclore e do maestro. As duas primeiras partes que incluíam a exibição do Orfeão foram retransmitidas pela Emissora Nacional.¹³⁸ O Orfeão recebeu diversos apoios para que a sua estreia se concretizasse como os 2500\$00 de um anónimo, o subsídio atribuído pela Junta de Província do Ribatejo, apoios diversos de particulares e comerciantes da cidade e o contributo de “... António Ferro [a quem] se deve a suavização das despesas...”¹³⁹ na deslocação da Orquestra e Quartetos Vocais da Emissora Nacional.

A assembleia-geral do Orfeão reuniu-se a 30 de Outubro de 1943, sob a presidência de Virgílio Arruda, a fim de aprovar o relatório de contas da comissão organizadora, o regulamento interno e a eleição dos novos corpos gerentes. Muitos dos dirigentes transitavam da comissão organizativa e acumulavam funções na gestão do Club Literário Guilherme de Azevedo.¹⁴⁰ Nesta reunião foram aprovados como sócios

¹³⁶ Cf. Idem, 15/5/1943, p. 6.

¹³⁷ Os Quartetos eram compostos por Gina Esteves, Maria Lemos, Cidália Meireles, Graciete Melo, Orlando Settimeli, Tito Olívio, Rino dos Santos e Alberto Afonso.

¹³⁸ Sobre o concerto cf. Idem, 31/7/1943, p. 6; e BMS – Programa de Sala, 25/7/1943.

¹³⁹ *Correio da Extremadura*, 21/8/1943, p. 6.

¹⁴⁰ Assembleia-geral: Virgílio Arruda (presidente), Carlos Rodrigues de Almeida Mariano e Manuel Francisco da Costa Guimarães (secretários). Direcção: Artur Proença Duarte (presidente), Humberto Diniz Lopes (vice-presidente), José Rodrigues Portela (tesoureiro), José Rodrigues de Almeida e Manuel Jacinto da Fonseca (secretários), Salvador Supardo, José Augusto Frazão e Gilberto Alves (vogais). Conselho fiscal: José Caetano Fragoso, Joaquim Pereira Diniz Lopes e Manuel Veloso. Cf. Idem, 6/11/1943, p. 6.

de honra a Junta de Província do Ribatejo, o Sindicato Nacional dos Empregados no Comércio¹⁴¹, Francisco Ferreira Vinagre, Francisco Martins, João Sabino Passos Caldas, D. José Zarco da Câmara, Augusto Braz Ruivo, A. Braz Ruivo Júnior e Noel F. de Oliveira porque se tinham distinguido pelo seu mecenato na reorganização do Orfeão. Ao longo de 1944, quer os grandes comerciantes quer as casas agrícolas da região deram o seu apoio e acolhimento ao Orfeão, registando-se numerosas inscrições de sócios. O proprietário agrícola, Emílio Infante da Câmara (1888-), deu à direcção do Orfeão a liberdade de fixar a importância com que devia contribuir.

Ao longo de 1944, um dos grandes objectivos do Orfeão era manter e consolidar o grupo coral e fundar uma orquestra de câmara composta por amadores da cidade. No seu programa de actividades constava um concerto, uma opereta e uma viagem a Leiria. A 13 de Abril de 1944 realizou-se, no teatro Rosa Damasceno, um concerto transmitido pela Emissora Nacional, onde o Orfeão interpretou temas de Rui Coelho, Arménio Silva, Tchaikowsky e do seu maestro. Na segunda parte do espectáculo o coronel Alberto Cardoso dos Santos apresentou uma conferência sobre a poesia e música, aproveitando para historiar o percurso do Orfeão.¹⁴² No final, os dirigentes Artur Proença Duarte e Humberto Lopes enalteceram o trabalho que tinha sido realizado assim como os apoios obtidos, para além de homenagear os orfeonistas entretanto falecidos.¹⁴³ A 17 e 18 de Junho, o Orfeão e o seu grupo cénico¹⁴⁴ apresentaram, no teatro Rosa Damasceno, a opereta em dois actos “Os Amores de Gueisha”, traduzida, adaptada e dirigida por Cardoso dos Santos e Belo Marques e baseada na opereta “Gueisha” musicada por Sidney Jones. Georgina Perdigão, Arménio Silva e Francisco Baptista ensaiaram os coros e o poema. Nas outras partes do sarau, apresentou-se pela primeira a Orquestra de Câmara do Orfeão constituída por amadores de Santarém e Almeirim¹⁴⁵ e o grupo coral que interpretou temas de Beethoven, Mozart, Tchaikowsky, Arménio Silva, Rui Coelho, Rimsky-Korsakow, Johann Strauss, do maestro e do

¹⁴¹ O Sindicato atribuiu ao Orfeão um donativo de 100\$00. Cf. *Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Julho de 1930 a 1946.

¹⁴² A conferência foi publicada no *Correio da Extremadura*, 22/4/1944, p. 6; 29/4/1944, p. 6; 6/5/1944, p. 6; 13/5/1944, p. 6.

¹⁴³ Sobre a audição do Orfeão cf. Idem, 8/4/1944, p. 2; 15/4/1944, p. 1.

¹⁴⁴ O grupo cénico era composto por Deline Martins, Elvira Franco, Júlia Alexandre, Maria Luísa Santos, Manuel Afonso, Francisco Baptista, Joaquim Campos e Carlos Mariano. Cf. BMS – Programa de Sala, 17-18/6/ 1944.

¹⁴⁵ A Orquestra de Câmara era composta por Alfredo Ferreira, António Gavino, M. Abreu, Guilherme Ferreira, Joaquim Carvalho, José Jordão, Torcato Cardoso Júnior, Carlos Correia, Gonçalves Leal, Francisco Neto (violinos); Joaquim Mata, Eurico Ferreira, Fausto Caldeira (violas); D. José Zarco da Câmara, A. Braz Ruivo (violoncelos); José António Carvalho, Frederico Fonseca (rabecões); e Georgina Perdigão da Costa (piano). Cf. Idem.

folclore.¹⁴⁶ A 30 de Julho de 1944, o Orfeão deslocou-se à Leiria acompanhado pela Banda dos Bombeiros para apresentar, no teatro Maria Pia, a opereta. À semelhança da anterior viagem, os excursionistas pararam na Batalha onde o Orfeão entoou “Crepúsculo” junto ao túmulo do Soldado Desconhecido após a Banda ter tocado o hino nacional.¹⁴⁷

A direcção do Orfeão fez um balanço positivo do seu primeiro ano de trabalho e do empenho de alguns “carolas” como orfeonistas, sócios, dirigentes e mecenas, apesar das “dificuldades e das impossibilidades” e lembrou que “... a boa gente da cidade convenceu-se definitivamente de que há que contar com o Orfeão. O operário, a costureira, o empregado no comércio, o lojista, o homem das profissões liberais, o funcionário público sabem hoje (...) que o Orfeão está a continuar a obra (...) da sua primeira fase.”¹⁴⁸. Nos novos corpos gerentes eleitos para 1945, Manuel Ginestal Machado assumiu a presidência do Orfeão ao substituir Artur Duarte que passou a desempenhar as funções de presidente da assembleia-geral. Pela primeira vez, uma mulher, a pianista Georgina Perdigão, assumiu um cargo na direcção de uma colectividade escalabitana, quando se tornou directora do Orfeão. No discurso da tomada de posse, Ginestal propôs ampliar a acção cultural da associação com conferências, palestras, a criação de uma escola de música e a organização de espectáculos recreativos e culturais. Este referiu a necessidade de “... a quotização deixar de ser o que tem sido, isto é, uma verdadeira ridicularia; e que as autarquias locais, que a esta obra têm dado o seu concurso, possam aumentar os seus subsídios, de molde a permitir a realização desta magnífica obra de cultura, digna de ser protegida e acarinhada por quantos tenham a noção do seu real valor.”¹⁴⁹. Segundo o dirigente, o Orfeão devia tornar-se no “...fulcro de uma obra cultural e artística a realizar nesta cidade com o fim de elevar o nível intelectual da população e especialmente dedicada às classes pobres...”¹⁵⁰. Para que o plano se concretizasse, esta associação “... devia colaborar com todas as colectividades de carácter cultural e recreativo desta cidade e conseguir também dos organismos oficiais quer da cidade quer da província quer do país, o auxílio material indispensável, (...) firmar um contrato com a Emissora Nacional

¹⁴⁶ Sobre o sarau cf. *Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Maio de 1950, p. 2; *Correio da Extremadura*, 24/6/1944, pp. 1, 6.

¹⁴⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 5/8/1944, pp. 1, 6.

¹⁴⁸ Idem, 16/9/1944, p. 6.

¹⁴⁹ Idem, 21/10/1944, p. 1.

¹⁵⁰ “O Orfeão Scalabitano” in *Vida Ribatejana*, n.º especial, Natal de 1944.

e (...) estabelecer uma activa colaboração com a Casa do Ribatejo...”¹⁵¹. Do plano de actividades para 1945, constavam quatro espectáculos gratuitos em colaboração com a Emissora Nacional e artistas nacionais para além de conferências com intelectuais como Reinaldo dos Santos, Luís Freitas Branco, Hernâni Cidade e João de Barros destinadas “... exclusivamente para as classes pobres, estudantes e sócios das agremiações culturais e recreativas desta cidade...”¹⁵². Ginestal definia assim o seu pensamento sobre associativismo e preparava-se para dinamizar o Orfeão como o principal pilar de um vasto projecto cultural que culminou na organização do Grupo de Coordenação Cultural de Santarém. O desejo de apresentar um espectáculo em Lisboa “... para provar ao país que o Ribatejo não é só a região das touradas e das belas paisagens, mas também a terra onde a cultura e a arte são acarinhadas e compreendidas...”¹⁵³, concretizou-se a 29 de Outubro de 1944 com a exibição do Orfeão no teatro S. Carlos onde, juntamente com a Orquestra Sinfónica Nacional, interpretou em primeira audição a composição “Fantasia Negra” de Belo Marques. O concerto foi patrocinado pelo S.N.I., Agência Geral das Colónias e Emissora Nacional e contou na assistência com a presença do presidente da República e membros do governo.¹⁵⁴



O Orfeão Scalabitano e a Orquestra Sinfónica em “A Fantasia Negra” de Belo Marques, no teatro S. Carlos, 29/10/1944. Fotografia cedida pelo Círculo Cultural Scalabitano.

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Idem.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ Cf. *Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Maio de 1950, p. 2; *Diário de Notícias*, 20/10/1944; *Correio da Extremadura*, 28/10/1944, p. 1; 4/11/1944, pp. 1, 6.

Muitos escalabitanos entraram pela primeira e última vez no teatro de S. Carlos, onde viveram um dia inesquecível, após terem sido recebidos na Casa do Ribatejo. Aí, o secretário da Casa do Ribatejo e director da *Vida Ribatejana*, Fausto Dias, informou que as colectividades ribatejanas como o Orfeão Scalabitano, iriam promover espectáculos em benefício das famílias pobres residentes em Lisboa.¹⁵⁵ Na festa promovida em Santarém, a 10 de Novembro, para homenagear o maestro Belo Marques, a Emissora disponibilizou o registo sonoro do espectáculo do S. Carlos permitindo encher de orgulho todos os que estiveram envolvidos nesse projecto.

A nova direcção do Orfeão promoveu a criação das comissões de honra, festas, teatro, orquestra, propaganda e orquestra regional¹⁵⁶ para tornar mais eficiente a acção cultural programada. A 9 de Novembro de 1944, realizou-se no teatro Rosa Damasceno o primeiro espectáculo gratuito promovido pelo Orfeão com a colaboração da Banda dos Bombeiros, do Quarteto Vocal Scalabitano¹⁵⁷ e outros músicos amadores da cidade. A definição de cultura popular defendida por Ginestal começava a apresentar os seus frutos. Ainda em 1944, Francisco Câncio, escritor e dirigente da Casa do Ribatejo, proferiu em Santarém a conferência “Orfeão Scalabitano Honra e Orgulho do Ribatejo” enaltecendo a “... esplêndida demonstração de arte, de bairrismo e de civilização...”¹⁵⁸. O plano de actividades para 1945 foi elaborado e entregue ao governador civil para ser submetido a aprovação pelo subsecretário de Estado da Educação Nacional. O plano acabou por beneficiar do apoio financeiro do Governo Civil que atribuiu o subsídio de 2000\$00. A sobrevivência do Orfeão dependia do apoio de muitos particulares como Fernando Martins que ofereceu 300\$00 em menos de um ano, Braz Ruivo que doou 50\$00, Joaquim Matta que cedeu uma sala da sua casa para ensaios, os comerciantes da cidade que apoiaram monetariamente para além de se tornarem sócios, as casas agrícolas da região que forneceram géneros. Em Junho de 1944, o sócio José Rodrigues

¹⁵⁵ Cf. *Vida Ribatejana*, Outubro de 1944, p. 3.

¹⁵⁶ Comissão de honra: governador civil, delegado do Instituto Nacional do Trabalho, presidente da Junta de Província do Ribatejo, presidente da Câmara Municipal, presidente do Grémio da Lavoura, presidente do Grémio do Comércio, presidente do Sindicato Nacional dos Caixeiros e Empregados de Escritório, presidente da Casa do Ribatejo. Comissão de festas: Manuel Ginestal Machado, Noel Augusto de Oliveira, teatro Rosa Damasceno, teatro Sá da Bandeira, Henrique Vigário. Comissão de teatro: Maria Margarida Schiappa Pietra, Henrique Vigário, Joaquim Campos, Manuel Afonso, José Rodrigues de Almeida, Francisco Baptista. Comissão da orquestra: Georgina Pedroso da Costa Perdígão, António Abreu, D. José Zarco da Câmara, Alfredo Baptista Ferreira, Augusto Braz Ruivo, Eurico Peste. Comissão de orquestra regional: Alfredo Ferreira, Salvador Supardo, Henrique Vigário, Jacinto Montez. Comissão de propaganda: Aníbal Campos, “Correio da Estremadura”, “Diário de Notícias”, “República”, “Voz”, Humberto Lopes, José Rodrigues Portela. Cf. *Correio da Estremadura*, 11/11/1944, p. 1.

¹⁵⁷ O Quarteto Vocal Scalabitano foi fundado em 1943 e era constituído por António Gavino, Casimiro Silva (-2010), Mário Clemente e António Alfaiate Júnior (1922-).

¹⁵⁸ Idem, 23/12/1944, p. 4.

Portela emprestou 602\$98 ao Orfeão para que este pudesse honrar alguns dos seus compromissos.¹⁵⁹ Os sócios em 1945 participavam com a quota mensal de 1\$50 enquanto a Casa do Ribatejo se inscreveu como sócia fazendo um donativo de 500\$00. A direcção defendia a necessidade do “... apoio financeiro de todos, mas absolutamente de todos quantos em Santarém e na sua região estiverem em condições de o prestar...”¹⁶⁰, assim como o subsídio de entidades que coadjuvaram o Orfeão com “... a melhor boa vontade, mas com um reduzido montante de numerário...”¹⁶¹, como a Comissão de Turismo, a Câmara Municipal, e a Junta de Província. As duas últimas atribuíram subsídios de 6000\$00 e 4000\$00 respectivamente para o ano de 1945. No ano seguinte, a Junta de Província e o Governo Civil concederam um subsídio de 2500\$00 e 3000\$00 respectivamente enquanto a Câmara aprovou o apoio de 8400\$00.¹⁶² Por vezes, organizavam-se espectáculos de cinema e variedades cuja receita revertia a favor do Orfeão, como aconteceu a 16 de Novembro de 1944 no teatro Sá da Bandeira, onde passaram os filmes “Romance de um Violino” e “A Força da Lei” e actuaram Óscar de Lemos e Arménio Silva, famoso dueto cómico-musical da época¹⁶³ ou a 23 de Março de 1945 com a apresentação do filme “Minha Mulher Favorita” e a actuação do Quarteto Vocal Feminino da Emissora Nacional e o Quarteto Vocal Scalabitano¹⁶⁴. Entre 1945 e 1946, os sócios e amigos do Orfeão quotizaram-se a fim de adquirir um piano de concerto. Muitos foram os que contribuíram a título individual com a elevada quantia de 500\$00 como D. José Zarco da Câmara e Joaquim Matta, enquanto Ginestal e Artur Duarte ofereceram 300\$00. O Governo Civil doou 2000\$00 enquanto a Casa de Cadaval e a Fundação Casa de Bragança atribuíram 1000\$00 e 2000\$00 respectivamente.¹⁶⁵ Anualmente, entre outras despesas, o Orfeão tinha de pagar quantias relativas à água e luz ao Club Literário Guilherme de Azevedo pela utilização do espaço.¹⁶⁶

A popularidade do Orfeão aumentou e os convites surgiram para actuar num espectáculo na Covilhã juntamente com a Orquestra Sinfónica Nacional, promovido pela FNAT, pela Agência Geral das Colónias e pelo Governo Civil de Castelo Branco e

¹⁵⁹ Cf. *Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Julho de 1930 a 1946.

¹⁶⁰ *Correio da Extremadura*, 16/9/1944, p. 6.

¹⁶¹ Idem.

¹⁶² Cf. *Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Julho de 1930 a 1946.

¹⁶³ Cf. *Correio da Extremadura*, 16/11/1944, p. 6.

¹⁶⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 24/3/1945, p. 2.

¹⁶⁵ Cf. Idem, 10/3/1945, p. 1.

¹⁶⁶ Essas quantias variavam entre os 354\$50 em 1944 e os 435\$00 em 1945. Cf. *Livro de Caixa do Club Literário Guilherme de Azevedo*, 30/9/1943 a 31/12/1947.

para participar no Coliseu dos Recreios na festa de homenagem aos pescadores que trabalhavam na Terra Nova¹⁶⁷. A imprensa brasileira enalteceu a obra do Orfeão e do seu maestro Belo Marques.¹⁶⁸ Os Jogos Florais organizados pela Emissora Nacional decorreram a 18 de Julho de 1945, em Santarém, na presença de António Ferro, que no seu discurso elogiou Santarém que “... soube organizar, para seu próprio alimento espiritual, o magnífico Orfeão Scalabitano, a sua orquestra, o seu delicioso quarteto vocal, os seus excelentes grupos dramáticos...”¹⁶⁹. A partir de 1945, o Orfeão investiu no sentido de tornar o delegado do Círculo de Cultura Musical em Santarém. Por ocasião da comemoração do “Dia da Vitória”, o Orfeão promoveu uma conferência sobre o percurso político de Roosevelt proferida por Ginestal Machado, interpretou “A Portuguesa” e “A Marselhesa” nas ruas da cidade e celebrou a paz num concerto radiofónico onde actuou a sua Orquestra de Câmara reforçada com executantes da Orquestra Sinfónica Nacional.¹⁷⁰ Mensalmente, o Orfeão assumiu o compromisso com a Emissora Nacional da transmissão de um concerto radiofónico que se iniciou a 5 de Fevereiro de 1945, no teatro Rosa Damasceno passando mais tarde para o Ginásio do Seminário e esporadicamente na Escola de Regentes Agrícolas e no teatro Taborda. Os temas apresentados variavam entre melodias do folclore nacional e reportório clássico. Estes concertos eram de acesso gratuito sendo os convites distribuídos entre os sócios do Orfeão e os de outras associações da cidade com quem mantinha relações estreitas de cooperação e que se encontravam envolvidas no Grupo de Coordenação Cultural. Por vezes, os convites eram distribuídos por estudantes, asilados, militares e polícias.¹⁷¹ Em Dezembro de 1945, o Orfeão coadjuvado pela Emissora Nacional organizou dois concertos. O primeiro realizou-se no teatro Rosa Damasceno, a 13 de Dezembro, e contou com a exibição de um filme musical, para além do concerto com a cançonetista Luísa Maria e o tenor José António da Emissora Nacional e a Orquestra do Orfeão.¹⁷² O segundo concerto radiofónico decorreu no Quartel do Grupo de Artilharia 6, a 17 de Dezembro, e foi dedicado às praças da unidade. Ginestal Machado agradeceu na presença do governador civil, comandantes da polícia, da GNR, oficiais, sargentos e praças de diversas unidades as palavras elogiosas do comandante major Estêvão Netto de Almeida (1894-) que explicou aos soldados a importância da obra cultural do Orfeão

¹⁶⁷ O espectáculo realizou-se a 22 de Abril de 1945. Cf. *Correio do Ribatejo*, 7/4/1945, p. 1.

¹⁶⁸ Cf. *Lux Jornal*, Rio de Janeiro, 23/4/1946.

¹⁶⁹ *Rádio Nacional*, Julho de 1945, p. 14.

¹⁷⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 28/4/1945, p. 1; 12/5/1945, p. 6.

¹⁷¹ Segundo Ginestal Machado, os concertos radiofónicos mensais destinavam-se a “... estudantes, empregados no comércio e operários, bem como nos estabelecimentos de ensino, quartéis e edifícios públicos que tenham as necessárias condições acústicas”. Idem, 12/1/1946, p. 3.

¹⁷² Cf. Idem, 8/12/1945, p. 8.

e o facto da “Sala dos Soldados” se ter inscrito como sócia da colectividade. Na segunda parte do concerto actuou o “grupo excêntrico-musical” “Os Rambóias”, dirigido por Arménio Silva, sendo solista Matilde Gavino.¹⁷³ A 20 de Março de 1946, o Orfeão e a Emissora organizaram no teatro Rosa Damasceno a “Noite do Soldado” dedicada à guarnição militar de Santarém, comandada pelo tenente-coronel Adriano Caldas a quem laços de parentesco uniam à família Ginestal. O regimento de Cavalaria 4 atribuiu um subsídio ao Orfeão. Para além da actuação do Coral e da Orquestra escalabitanas também se exibiu a Orquestra Ligeira da Emissora dirigida por Tavares Belo que acompanhou os cantores Maria Gabriela, José António, Luísa Maria, Fernanda Remartinez e o conjunto vocal Irmãs Meireles.¹⁷⁴

O Orfeão manteve a realização anual de saraus no teatro Rosa Damasceno onde, para além da exibição do Grupo Coral, da Orquestra de Câmara e do Quarteto Vocal Scalabitano, o Grupo Cénico apresentava o seu trabalho. No sarau de 25 e 28 de Maio de 1945, este apresentou a fantasia em um acto “Reunião”.¹⁷⁵ A 3 e 4 de Maio de 1946, foi apresentada a opereta em dois actos “Um Homem do Ribatejo” de Alberto Cardoso dos Santos e José Belo Marques.¹⁷⁶ A popularidade do tema regional levou à sua repetição em Santarém no início de Junho e em Almeirim no mesmo mês. João de Freitas Branco, presente na estreia, escreveu em *O Século* que “... o seu grande significado é de demonstrar a perfeita compreensão do papel cultural, que cabe às agremiações artísticas da província e, sobretudo, de ter sido encontrado o verdadeiro caminho para solução do problema musical do nosso país. O simples facto de se juntar mais de uma vez por semana a melhor mocidade de Santarém de todas as camadas sociais com o simples mas elevado intuito de fazer boa música chegaria, para que viéssemos de Santarém encantados.”¹⁷⁷. Na sua crítica à opereta, o jornal *República* elogiou a partitura de Belo Marques, referiu que aos actores não se podia exigir mais porque eram amadores e considerava que Cardoso dos Santos tinha capacidade para escrever um melhor texto, pois este não apresentava qualidade para ser adaptado ao

¹⁷³ Cf. Idem, 22/12/1945, p. 2.

¹⁷⁴ Cf. Idem, 23/3/1946, p. 1; *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, Santarém, 21/3/1946 a 11/8/1950, acta n.º 7, 21/3/1946.

¹⁷⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 26/5/1945, p. 8.

¹⁷⁶ A opereta foi interpretada por Laura Silva, Manuel Afonso, António Ribeiro, Celeste de Carvalho, Elvira Franco (1924-), Deline Martins (1925-), Carlos Mendes, Lourdes Dória, Carlos Mariano, Américo Passos, Olímpio Silva, Marta Codina, José Barata e os fandanguistas Manuel Santiago e Manuel Santos. A encenação foi de Guilherme Pereira e Francisco Baptista. Os ensaios da orquestra e dos coros estiveram a cargo de Alfredo Ferreira e Georgina Perdigão respectivamente. A orquestra do Orfeão foi reforçada com alguns músicos da Sinfónica Nacional entre os quais a harpista Cecília Borba.

¹⁷⁷ *O Século*, 4/5/1946.

cinema.¹⁷⁸ Apesar da crítica, o realizador escalabitano Henrique Campos adaptou o texto ao cinema tendo a estreia do filme “Um Homem do Ribatejo” decorrido no teatro Sá da Bandeira na presença de intérpretes e realizador. Na noite da estreia, o Orfeão ofereceu uma festa em homenagem a Henrique Campos, aos actores e aos técnicos do filme nos salões do Montepio Geral. As saudações e o “Ribatejo de Honra” ficaram a cargo de Ginestal Machado sendo a festa abrilhantada pela Orquestra Scalabis.¹⁷⁹

Nesta segunda fase do seu percurso, o Orfeão manteve os contactos com outras realidades do país que permitiam aumentar o conhecimento cultural dos seus associados e familiares. A primeira dessas viagens realizou-se a 3 e 4 de Junho de 1945 com a deslocação à Covilhã retomando esse contacto de amizade. A excursão ferroviária contou com a presença da Banda dos Bombeiros e foi recebida no teatro Covilhanense onde Ginestal Machado “... descreveu o que era o Orfeão Scalabitano, onde a amizade e a confraternização eram verdadeiros esteios, pois não havia diferenças de categorias sociais nem de credos políticos, mas sim uma finalidade: harmonia, fraternidade e arte. Todos os Orfeões devem ser escolas de espírito comum, de elevação moral, de aumento de instrução e de elevado culto pela Arte...”¹⁸⁰. O dirigente fazia votos para que o Orfeão da Covilhã retomasse a sua actividade tal como sucedera com o escalabitano. Do programa constou um concerto da Banda dos Bombeiros, um encontro de futebol no estádio José dos Santos Pinto entre as equipas de Santarém e da Covilhã, um passeio à cidade e às Penhas da Saúde, uma homenagem junto ao monumento aos Mortos da Grande Guerra onde se tocou o hino nacional, um encontro de confraternização no mercado e dois saraus no teatro Covilhanense onde actuou o Grupo Coral, a Orquestra de Câmara e o Grupo Cénico. O regresso a Santarém foi apoteótico com recepção do governador civil e de outras entidades e representantes das colectividades na estação de caminhos-de-ferro. Os excursionistas percorreram as ruas da cidade, num desfile abrilhantado pela música da Banda dos Bombeiros.¹⁸¹ A 2 de Julho de 1945, o Orfeão deslocou-se a Almeirim acompanhado de vasta comitiva onde se integravam o presidente da Câmara de Santarém, António Bastos, o poeta Silva Carvalho e a madrinha Maria da Glória Vinagre. A recepção festiva foi presidida pelo presidente da

¹⁷⁸ Cf. *República*, 8/5/1946.

¹⁷⁹ Na festa estiveram presentes os actores Eunice Muñoz, Barreto Poeira, Julieta Castelo, Hermínia Silva, Assis Pacheco, Linda Miranda, Costinha, Luísa Durão, Hermínia Silva, António Palma, Maria Olguim, Armando Machado, Arminda Vidal e o bailarino António Gonçalves. Cf. *Correio do Ribatejo*, 28/9/1946, p. 6.

¹⁸⁰ *Notícias da Covilhã*, n.º 1272, 10/6/1945, p. 1.

¹⁸¹ Sobre a visita à Covilhã cf. Idem, pp. 1, 2, 7; *Correio do Ribatejo*, 9/6/1945, pp. 1, 6.

Câmara de Almeirim, Torrão Santos, a madrinha local, Maria José da Conceição Marçal, e a Banda Marcial. No seu discurso, Ginestal Machado “... afirmou não ser o coral privativo de Santarém mas de todo o Ribatejo e, por consequência, se impor a sua visita aquela vila, como a todas as outras da nossa Província, onde tem deveres para com os seus patrícios; depois do que passou a defender a sua tese favorita, de que muitas questões sociais se resolvem pela política orfeónica e proclamando a igualdade e a fraternidade humana sob o signo da Arte.”¹⁸². O Orfeão exibiu-se no teatro-cine local, após a dissertação de D. Luís Margaride sobre o Ribatejo e a leitura de poemas por Silva Carvalho. O Orfeão deslocou-se, a 19 de Maio de 1946, a Vila Viçosa e quatro meses depois ao Vidigal a convite da Fundação Casa de Bragança para participar em saraus.¹⁸³ Provavelmente, estes convites foram obtidos através do capitão Júlio da Costa Pinto, secretário da rainha D. Amélia e amigo de Ginestal Machado. Os orfeonistas percorreram Óbidos, S. Martinho do Porto e a Nazaré, onde jantaram no edifício da colónia balnear da Junta de Província do Ribatejo, a 30 de Junho de 1946. Nessa noite, apresentaram “Um Homem do Ribatejo” no teatro-cine de Alcobaça.¹⁸⁴

Para além dos concertos radiofónicos, dos saraus e das viagens, o Orfeão desenvolvia outras actividades com preocupações pedagógicas, culturais e sociais. A pianista Georgina Perdigão passou a dirigir o curso de rudimentos de música destinado a sócios e familiares, a partir de 26 de Fevereiro de 1945.¹⁸⁵ A fundação da biblioteca musical surgiu após a oferta de partituras de Wagner por João Correia Vieira. O espólio à disposição dos sócios foi reforçado por outras ofertas de Clarisse Machado, Georgina Perdigão e Alfredo César Henriques que doou quinhentas partituras de diversas óperas e “preciosidades bibliográficas” para além de um violino para a escola de música que era orientada pelo ensaiador dos naipes, o violinista amador Alfredo Ferreira.¹⁸⁶ Em Março de 1945, o Orfeão e o Governo Civil de Santarém acordaram a organização do concerto do Orfeão Danostiarra de San Sebastian no teatro Rosa Damasceno, revertendo a favor do “Socorro de Inverno”.¹⁸⁷ Por vezes, o Orfeão actuava em actividades desenvolvidas por outras colectividades, como a conferência de Humberto Lopes comemorativa do centenário de nascimento do poeta Guilherme de Azevedo, promovida pelo Club

¹⁸² *Correio do Ribatejo*, 7/7/1945, p. 6.

¹⁸³ O espectáculo no Vidigal decorreu a 29 de Setembro de 1946. Cf. *Idem*, 4/5/1946, p. 8; 12/10/1946, p. 1.

¹⁸⁴ Cf. *Idem*, 29/6/1946, p. 1

¹⁸⁵ Cf. *Vida Ribatejana*, 18/2/1945.

¹⁸⁶ Cf. *Correio do Ribatejo*, 24/2/1945, p. 1.

¹⁸⁷ Cf. *Vida Ribatejana*, 18/2/1945.

Literário Guilherme de Azevedo, a 30 de Novembro de 1945.¹⁸⁸ No dia de Natal, o Orfeão colaborava com o espectáculo infantil organizado pelo Club de Santarém no teatro Rosa Damasceno e que constava da passagem de filmes recreativos infantis, de alguns momentos musicais e da exibição do primeiro dueto de palhaços da cidade, Juanito e Toneca, protagonizados por António Cacho e João Gomes Moreira.

Em Outubro de 1945, a direcção decidiu transformar a Orquestra de Câmara numa Orquestra Sinfónica reduzida para a qual não eram necessários “instrumentos de metal e madeiras”. Assim necessitava-se de amadores com ou sem instrumento que soubessem tocar oboé, flauta, clarinete, trompa, fagote, trompete, trombone, bateria e instrumentos de corda.¹⁸⁹ Em 1946, António Gavino fundou a Orquestra Típica Scalabitana que integrava vinte e quatro músicos amadores e pretendia divulgar a música popular do Ribatejo. A partir de Março de 1947, a Orquestra integrou-se no Orfeão e passou a ensaiar no Ginásio do Seminário e a participar nos saraus, viagens e nalguns concertos radiofónicos.

Um dos grandes projectos do Orfeão de Ginestal passava pelos apoios sociais a atribuir aos orfeonistas e suas famílias.¹⁹⁰ Em Julho de 1945, a orfeonista Maria de Lourdes Dória agradeceu ao Orfeão “... o gesto altruísta de custear todas as despesas com o seu internamento num quarto particular do hospital desta cidade, quando da doença de que foi acometida...”¹⁹¹, no valor de 846\$80. Em Abril e Maio de 1946, dois orfeonistas, Augusto Picoto e Adelino F., receberam subsídios de 120\$00 e 160\$00, respectivamente. Nesse período foram atribuídos subsídios de 230\$00 a diversos orfeonistas para pagamento de taxas de urgência de bilhete de identidade.¹⁹² A Companhia Teatral “Os Comediantes de Lisboa” apresentou o seu espectáculo a 1 de Junho de 1946 no teatro Rosa Damasceno. Um grupo de orfeonistas sugeriu uma homenagem pública à Companhia e a João Villaret à qual o Orfeão se associou. Para que todos os orfeonistas pudessem assistir ao espectáculo, a direcção do Orfeão adquiriu bilhetes para oferecer aos orfeonistas mais pobres no valor de 325\$00.¹⁹³ Ginestal considerava “... de absoluta necessidade a criação de uma Caixa de Previdência com

¹⁸⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 1/12/1945, p. 6.

¹⁸⁹ Cf. *Idem*, 29/9/1945, p. 1.

¹⁹⁰ “... Ginestal Machado (...) discursou (...) sobre a influência do Orfeão na solidariedade social dos escalabitanos...” in *Idem*, 26/5/1945, p. 8.

¹⁹¹ *Idem*, 14/7/1945, p. 5. Cf. *Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Julho de 1930 a 1946.

¹⁹² Cf. *Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Julho de 1930 a 1946.

¹⁹³ *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, acta n.º 9, 31/5/1946.

que se possa ocorrer às necessidades mais urgentes dos orfeonistas com menos possibilidades financeiras. A organização dessa Caixa, pendente de um estudo profundo dos moldes em que deveria assentar, não nos é possível levar a termo dados os escassos dias que nos restam de gerência. No entanto, e animados dos bons desejos de levar tão longe quanto possível a nossa iniciativa, encetámos a compilação de um ficheiro dos orfeonistas, base em que deverá assentar, como ponto de partida, a organização da respectiva baixa.”¹⁹⁴. Paralelamente, o Orfeão participava em espectáculos de solidariedade para com as instituições da cidade como a Misericórdia, os Asilos e o Albergue Distrital.

No final do biénio de 1944-1946, Manuel Ginestal Machado afastou-se dos corpos gerentes do Orfeão sendo substituído na direcção pelo ex-presidente da Câmara, António Bastos. Artur Duarte manteve-se na presidência da assembleia-geral enquanto os antigos colaboradores de Ginestal como Georgina Perdigão, Henrique Vigário, Luís Bruto da Costa (1904-1984), Alfredo Ferreira e Salvador Supardo se mantiveram entre os dirigentes. O afastamento de Ginestal parece estranho e de difícil explicação, até porque a crer nas actas tudo decorria normalmente desde as actuações, aos apoios, até à gestão financeira. No final do mandato, o saldo das contas era positivo e encontravam-se garantidos subsídios por parte de entidades como a Câmara, a Junta de Província e o Governo Civil. A um mês de abandonar o cargo directivo, Ginestal apresentou a proposta de criação de uma Caixa de Previdência que apoiava os orfeonistas mais necessitados. Este projecto acabou por ser abandonado pela nova direcção. O que terá levado Ginestal Machado a afastar-se, quando o seu irmão Armando se tinha associado nesse ano ao Orfeão? Algum acto de rebeldia de algum membro, sabendo-se que ele era um homem disciplinado e disciplinador?¹⁹⁵ Divergências políticas? Dedicar-se exclusivamente ao Grupo de Coordenação Cultural? Ainda conflitos com o Clube Literário Guilherme de Azevedo que tinham levado ao corte de relações em Abril de 1946?¹⁹⁶ Por que se afastou da consolidação da Orquestra Típica, projecto que lhe era tão caro? Muitas perguntas para as quais não há resposta. No entanto, foi Ginestal quem endereçou o convite ao seu substituto porque “... congratulou-se pela eleição de

¹⁹⁴ Idem, acta n.º 11, 30/9/1946.

¹⁹⁵ Os orfeonistas eram suspensos ou expulsos por falta de assiduidade. Cf. Idem, acta n.º 8, 30/4/1946.

¹⁹⁶ “Devido ao procedimento incorrecto por parte da direcção do Club Literário Guilherme de Azevedo, para com a direcção do Orfeão e orfeonistas em geral, foi resolvido, abandonar aquele Club, visto a situação que nos foi criada se ter tornado absolutamente insustentável, tendo-se instalado, provisoriamente, a secretaria do Orfeão, em dois gabinetes generosamente cedidos pelo vice-presidente desta direcção, Dr. Aníbal Campos. Para ensaios do coro e grupo cénico foi-nos gentilmente cedido o Ginásio do Seminário, pelo seu Reitor, Cónego Félix.” in Idem.

António de Bastos para a nova direcção, considerando-se feliz por ter contribuído para tal com o convite que oportunamente lhe fez...”¹⁹⁷. Este continuou ligado indirectamente ao Orfeão como membro do Grupo de Coordenação Cultural.

A nova direcção liderada por António Bastos abandonou os apoios sociais aos orfeonistas e manteve uma programação semelhante à delineada por Ginestal. Os concertos radiofónicos mantiveram-se mensalmente no Ginásio do Seminário. A 31 de Maio de 1947, o Orfeão apresentou-se num sarau ribatejano promovido pela Casa do Ribatejo e realizado no Coliseu dos Recreios onde também colaboraram o Rancho dos Varinos de Vila Franca de Xira, o Rancho de Sorraia, a Orquestra de Harmónicas Vocais de Ponte de Sor “Os Mindagos”. Segundo a *Vida Ribatejana*, “... as peças que [o Orfeão] executou, com o acompanhamento da orquestra ou à capela, deixaram-nos a todos encantados pela perfeição e harmonia das vozes, pela correcta apresentação das figuras. Tudo, neste Orfeão, interessa e prende. A arte e a dedicação dos seus componentes, dos seus directores, dos seus associados. O Orfeão Scalabitano, só por si teria constituído uma grande noite de propaganda do Ribatejo em Lisboa, porque ele é verdadeiramente uma honra para a Província e não exageraremos ao afirmar que é igualmente uma honra para Portugal.”¹⁹⁸. Os saraus anuais mantiveram-se com o figurino anteriormente definido quer no formato quer no local de exibição. A 9 e 11 de Junho de 1947, o Orfeão apresentou no seu sarau a opereta “Esmeralda” de Manuel Amargo e Belo Marques.¹⁹⁹ A partir de 4 de Junho de 1948, estes saraus tornaram-se mais enriquecidos com a actuação da Orquestra Típica dirigida por António Gavino e com a participação das vocalistas Matilde Gavino, Maria José e Maria Graciete.²⁰⁰ O Orfeão deslocou-se à Figueira da Foz acompanhado pela Banda dos Bombeiros e por numerosos excursionistas a 14 de Setembro de 1947. Antes da tourada abrilhantada pela Banda dos Bombeiros, a Casa Agrícola Infante da Câmara apresentou um desfile de campinos. À noite, o Orfeão apresentou-se no Casino Peninsular encerrando a visita desta embaixada escalabitana.²⁰¹ No ano seguinte, a 20 de Junho, o Orfeão deslocou-se em comboio especial a Aveiro, novamente acompanhado pela Banda dos Bombeiros e pela equipa de futebol do Sport Club Scalabitano “Os Leões”. Após um passeio na ria, os excursionistas almoçaram no refeitório da fábrica de cerâmica Aleluia enquanto os

¹⁹⁷ *Correio do Ribatejo*, 12/10/1946, p. 9.

¹⁹⁸ *Vida Ribatejana*, Edição Comemorativa da Conquista do Ribatejo e da Estremadura aos Mouros, Julho de 1947.

¹⁹⁹ Cf. BMS – Programa de Sala, 9 e 11/6/1947; *Correio do Ribatejo*, 14/6/1947, pp. 1-2.

²⁰⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 5/6/1948, p. 8.

²⁰¹ Cf. *Idem*, 20/9/1947, pp. 1, 8.

convidados e as entidades oficiais se reuniram num restaurante da Costa Nova. Unidos na viagem, desunidos no repasto. À tarde, a Banda dos Bombeiros deu um concerto no Parque da Cidade enquanto “Os Leões” derrotaram o Beira Mar. O Coral, a Orquestra Sinfónica e a Orquestra Típica actuaram à noite no teatro Aveirense.²⁰²

O maestro Belo Marques deixou a regência do Orfeão no final de 1947, sendo substituído pelo músico e violinista Silva Pereira que exercia funções na Emissora Nacional. Antigo bolseiro em França, Silva Pereira considerava a necessidade de no Orfeão “.... se cultivar alguma coisa mais do que o folclore, de enveredar pelo caminho das realizações artísticas...”²⁰³. A sua estreia à frente do Orfeão deu-se com o concerto radiofónico realizado a 5 de Março de 1948, onde foram interpretados peças de Beethoven, Schumann, Bach, Rui Coelho, Júlio Silva e Rimsky-Korsakow, para além das do próprio maestro.²⁰⁴ O artigo “Tem a Palavra o Orfeão Scalabitano...” de Beirão do Mondego foi redigido em forma de entrevista feita ao próprio Orfeão e abordava as críticas que soavam ao nível artístico do Grupo Coral e da Orquestra e ao seu maestro sendo extensível aos corpos directivos. Sobre o seu nível artístico, o Orfeão referia “... embora permaneça alheio ao que se diz pelos cafés, devo confessar-lhe que lamento muito que a minha vida artística e privada seja discutida sem o mais leve respeito por aqueles que, não sendo dum ou doutro lado, me têm imprimido todo o amparo, prestígio e carinho, razão pela qual devem estar à margem das críticas mesquinhas e estéreis, só possíveis em âmbitos onde muitos criticam e quase nenhuns produzem (...) Silva Pereira, com a sua indiscutível competência, incute-me confiança para encarar o futuro sem preocupações, isto é, permite-me conjecturar maiores louros e perscrutar mais largos horizontes.”²⁰⁵. Outra das críticas feitas abordava o reduzido número de coralistas, que segundo o Orfeão “... não é a quantidade mas sim a qualidade que mais interessa. E, diga-me: para que me servem cem elementos, por exemplo, se desse número só metade canta? (...) Seja qual for o número de elementos com que se constitua o grupo coral, o necessário, o indispensável é que esse número se interesse pela arte que voluntariamente abraçou. Sem a devida assiduidade, sem aquele amor-próprio a que nós devemos subordinar todo o trabalho, nem a quantidade nem a qualidade resulta...”²⁰⁶. Finalmente, abordava-se a situação financeira que “... não é

²⁰² Cf. Idem, 26/6/1948, pp. 1, 3; Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano, n.º 2, Maio de 1950, p. 3; *Vida Ribatejana*, Julho-Agosto de 1948.

²⁰³ *Correio do Ribatejo*, 13/12/1947, p. 1.

²⁰⁴ Cf. Idem, 6/3/1948, p. 8.

²⁰⁵ Idem, 18/9/1948, p. 8.

²⁰⁶ Idem.

desanimadora, mas está longe de ser brilhante. Vivo subsidiado pela Câmara Municipal, Junta de Província do Ribatejo e, por vezes, pelo Governo Civil (...) recebo, da Emissora Nacional, um “cachet”, que não é pequeno, por cada emissão que vai para o ar. Como vê, se não fossem os subsídios concedidos por aquelas entidades, a minha existência seria precária. Mais: teria já desaparecido.”²⁰⁷.

O Projecto Cultural de Ginestal Machado (1949-1954)

Manuel Ginestal Machado passou a reintegrar os corpos gerentes do Orfeão em 1949 como vice-presidente da direcção, enquanto Artur Proença Duarte exercia o cargo de presidente da direcção e António Abreu era o presidente da assembleia-geral, posteriormente substituído por Virgílio Arruda. Os homens da direcção tornaram-se uma dupla de sucesso e de continuidade em que o poder executivo estava nas mãos de Ginestal que coordenava todas as secções e tinha como desafio a reorganização do grupo cénico, o aumento de sócios²⁰⁸, o voluntariado de novos músicos, a manutenção do contrato com a Emissora Nacional para a transmissão mensal dos concertos, a divulgação da Orquestra Típica nomeadamente através da Emissora e a substituição do maestro do Orfeão, Silva Pereira, por Fernando Cabral (1900-)²⁰⁹ coadjuvado pelo professor do Liceu de Santarém, Joel Canhão. Ginestal apresentava-se como um homem dinâmico “... de acção, viril, trabalhador resolutivo e incansável, apoiado por toda a cidade que acarinha e auxilia o Orfeão...”²¹⁰.

O sarau anual de 1949 decorreu a 31 de Maio e 1 de Junho no teatro Rosa Damasceno com a exibição do Coral, Orquestra Sinfónica, Orquestra Típica e Grupo Cénico. A Orquestra Sinfónica tocou o “Prometeu” de Beethoven e “Cenas Alsacianas” de Massenet, enquanto o coral interpretou peças de Antonino Pestana, Armando Leça, Fernando Cabral, o coro dos pastores da ópera de Alfredo Keil “A Serrana” e fechou com a marcha triunfal da “Aida” em conjunto com a orquestra sinfónica reforçada por

²⁰⁷ Idem.

²⁰⁸ Período em que se inscreveram como sócios Leonardo Ribeiro de Almeida e António Cacho fundamentais para o futuro da colectividade pelas actividades desenvolvidas no âmbito cultural e pelos cargos directivos exercidos.

²⁰⁹ Fernando Cabral era professor no Conservatório Nacional, director da Orquestra da Academia dos Amadores de Música e dirigiu orfeões em Lisboa e Leiria para além de orientar coros no teatro de S. Carlos. Juntamente com outros músicos, fundou a Sociedade Nacional de Música de Câmara tornando-se seu director e chefe de orquestra. O êxito da apresentação da ópera “Serrana”, de Alfredo Keil, no Coliseu dos Recreios valeu-lhe a concessão de uma bolsa de estudos pelo Instituto para Alta Cultura que o levou a percorrer centros musicais na Alemanha, Áustria, Bélgica e França. Cf. *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, actas n.º 3, 16/10/1948.

²¹⁰ *Jornal da Covilhã*, Abril de 1945, p. 4.

músicos vindos de Lisboa. Na segunda parte actuou a Orquestra Típica, trajada “à campina” e dirigida por António Gavino que executou composições de Teodoro Gonçalves, Arnaldo Justo, David Silva (1921-1996) e do maestro. A vocalista foi Matilde Gavino e os solistas Manuel Marques e Alexandre Tavares em guitarra. O Grupo Cénico apresentou a “fantasia regional” em um acto e oito quadros “Portas do Sol”, de Joaquim Veríssimo Serrão e Henrique Vigário, partitura de Eduardo Loureiro, cenários de Mário Ramsky e Reinaldo Martins e encenação de Francisco Baptista. A orquestra composta por amadores foi dirigida por Eduardo Loureiro. Segundo os autores pretendia evocar-se “... as origens lendárias da velha Scalabis para, através da epopeia da Fundação, vir até ao presente, a glorificar o esforço da terra e da grei ribatejana, com suas festas e tradições, sua faina de campinos e ceifeiras, ganhões e pescadores. A “festa brava” teve as honras do estilo, tudo amenizado pelo comentário faceto às coisas do burgo.”²¹¹. O carácter regionalista encontrava-se expresso nos títulos dos quadros (“Como nasceu Santarém”, “Portas do Sol”, “Folclore Ribatejano”, “Ceifeiras”, “Ribatejo Mártir”, “Sol e Toiros”, “Senhora da Piedade” e “Ribatejo em Festa”) e na letra da “Marcha das Ceifeiras” e dos fados “Ribatejo Mártir” e “Portas do Sol”. Estes últimos abordavam as características e belezas da cidade e da lezíria, o touro e o campino, o flagelo das cheias do Tejo, a vida dura dos pescadores do rio que o “compère” Zé Santareno mostrava ao turista que visitava Santarém.²¹² O sarau anual do Orfeão de 1951 decorreu a 9 de Julho no teatro Rosa Damasceno, com a actuação do Orfeão, da Orquestra Típica e do Grupo Cénico que apresentou a peça “Os Velhos” de D. João da Câmara e encenada por Carlos Sousa.²¹³ No sarau de 21 de Maio de 1952, actuaram o Orfeão que apresentou temas de folclore e de Schubert, a Orquestra Típica e o Sexteto Vocal Masculino constituído por Abraão de Matos, António Matos, José Carlos Garcia, António da Silva Lavareda, Manuel das Neves Duarte, Narciso Nogueira que interpretou temas do folclore beirão e minhoto. O Curso de Arte de Representar da Escola de Música e Teatro apresentou a comédia “D. Beltrão de Figueirôa” de Júlio Dantas e encenada por Carlos Sousa.²¹⁴ O sarau anual de 1953 decorreu no teatro Rosa Damasceno a 29 de Maio com a actuação do Orfeão dirigido por Fernando Cabral que

²¹¹ BMS – Programa de Sala, 31/5/1949.

²¹² Sobre “Portas do Sol” cf. *Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano*, n.º 1, Dezembro de 1949, pp. 10-11; e *Correio do Ribatejo*, 11/6/1949, pp. 4, 8.

²¹³ A peça “Os Velhos” foi interpretada por Carlos Mendes, Américo Passos, Joaquim Campos, Fernando Vitorino, António Cacho, Rosete Silva, Deline Martins, Fernanda Vieira (1933-2005) e Rute Silva (1928-). Cf. *Correio do Ribatejo*, 14/7/1951, p. 8; 21/7/1951, p. 12.

²¹⁴ A comédia foi interpretada por António Cacho, Carlos Mendes, Joaquim Campos, Rosette Silva, Maria de Fátima Soares e Fernando Vitorino. Cf. Idem, 24/5/1952, p. 10. BMS – Programa de Sala, 21/5/1952.

apresentou em primeira audição os temas “Hino ao Trabalho” de Augusto Chapius e “Oliveira Pequeninina” do maestro, da Orquestra Típica regida por Casimiro Silva e dos alunos do Curso de Arte de Representar da Escola de Música e Teatro que apresentaram a comédia em dois actos “O Morgado de Fafe em Lisboa” de Camilo Castelo Branco, encenada por Carlos Sousa.²¹⁵ O sarau de 28 de Maio de 1954 decorreu integrado no programa das festas da primeira Feira do Ribatejo e contou com a participação do Orfeão, da Orquestra Típica acompanhada por dançarinos do Rancho da Azinhaga e dos alunos da Escola de Arte de Representar que representaram “O Avarento”, de Molière, traduzido e encenado por Carlos de Sousa e Américo Passos.²¹⁶

Ginestal Machado delineou um programa comemorativo das bodas de prata do Orfeão de carácter cultural e educativo contemplando teatro, poesia, música e uma exposição retrospectiva das principais actividades artísticas e culturais. Também se decidiu publicar um boletim relativo à efeméride, subsidiado por anúncios das casas comerciais e agrícolas da cidade. Para este dirigente, era importante fomentar o convívio entre os orfeonistas, transmitir cultura aos mais necessitados e desprotegidos e aos jovens ligando-os e envolvendo-os na realidade cultural e social de Santarém.²¹⁷ A comemoração decorreu nos dias 14 e 15 de Maio de 1950 e constou de um vasto programa: exposição evocativa das bodas de prata do Orfeão num salão da rua Guilherme de Azevedo e distribuição de diplomas; almoço convívio no Ginásio do Seminário que reuniu antigos e actuais orfeonistas; missa por alma dos orfeonistas falecidos na Igreja do Seminário pelo cônego Francisco Félix; e sarau no teatro Rosa Damasceno. Nas duas primeiras partes do sarau actuaram o Orfeão dirigido pelo maestro Fernando Cabral que entoou temas de Antonino Pestana, Gonçalves Simões, Raul de Campos, Saint-Saens, Schumann e Auguste Chapius e a Orquestra Típica dirigida por António Gavino que estreou um dos seus temas de maior sucesso “Marcha Ribatejana” da autoria do seu maestro. Os alunos do Curso de Arte de Dizer e Representar, dirigidos por Carlos Sousa, apresentaram a comédia em um acto “Meu Marido que Deus Haja!”, de André Brun. Na última parte do sarau foi apresentado “Recordando”, da autoria e arranjo teatral de Manuel Afonso, no qual se recordaram os melhores números de cada uma das peças representadas pelo Grupo Cénico, durante vinte e cinco anos, terminando com o poema “Recordar é Viver” interpretado por Joaquim Campos e expressamente escrito por Alberto Cardoso dos Santos. No final, um

²¹⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 30/5/1953, p. 10.

²¹⁶ Cf. *Idem*, 29/5/1954, p. 10; *Diário de Notícias*, 30/5/1954; BMS – Programa de Sala, 28/5/1954.

²¹⁷ Cf. “Orfeão Scalabitano” in *Vida Ribatejana*, n.º especial, Maio de 1950.

grupo de antigos e actuais orfeonistas que juntou cerca de trezentas pessoas em palco interpretou a peça orfeónica “O Moinho” de Rimsky-Korsakow. A Orquestra Ligeira do Orfeão dirigida por António Cabreira colaborou na última parte do espectáculo.²¹⁸

O primeiro semestre de 1949 concluiu-se com problemas financeiros atribuídos “...principalmente aos grandes encargos da fantasia e à má situação económica da região...”²¹⁹. Em Outubro de 1949, Artur Proença Duarte emprestou 3000\$00 para “... liquidar certos encargos (...) e sancionar o desconto de uma letra de 21 000\$00, no Banco Nacional Ultramarino...”²²⁰. No ano seguinte, a direcção liderada por Ginestal foi cumprimentar o governador civil, Abílio Tavares, e apresentar a situação financeira do Orfeão, pedindo um subsídio extraordinário para liquidar alguns encargos e outro anual de forma a manter em funcionamento a recém-criada Academia de Música e Teatro. Este contribuiu com um subsídio que permitiu financiar as actividades comemorativas das bodas de prata do Orfeão.²²¹ No entanto, Ginestal lamentou “... que Santarém não quisesse corresponder, como devia, ao significado das Festas Orfeónicas (...) porque se assim sucedesse, mais expressivo teria sido o saldo líquido do saraú...”²²². Em Novembro de 1951, o Orfeão abriu uma campanha para angariar novos sócios porque “... os encargos são muitos e, infelizmente, as receitas, apenas dos subsídios, não são suficientes. O Orfeão vive em situação deficitária e amparado pelo sacrifício de alguns bons amigos.”²²³.

Em Outubro de 1949, Ginestal Machado deslocou-se a Lisboa para se avistar com o presidente da Juventude Nacional Portuguesa, João de Freitas Branco a fim de o Orfeão se tornar o delegado em Santarém da Juventude o que veio a suceder. Também lhe solicitou que esta colaborasse nos saraus de arte a realizar mensalmente sob o título de “Horas de Arte”.²²⁴ O primeiro destes saraus realizou-se a 7 de Novembro de 1949 no Ginásio do Seminário com a actuação do Orfeão, da cantora Maria Alice Vieira de Almeida que interpretou temas de Mozart, Bach, Monteverdi, Hermínio do Nascimento, Alfredo Keil e Fernando Cabral e da pianista e dirigente da Juventude Nacional

²¹⁸ Cf. *Ribatejo*, n.º 6, Abril de 1951, p. 14; *Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Maio de 1950, contra-capá; *Correio do Ribatejo*, 20/5/1950, p. 10; 27/5/1950, p. 4.

²¹⁹ *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, acta n.º 7, 15/6/1949.

²²⁰ Idem, acta n.º 9, 1/10/1949.

²²¹ Cf. Idem, acta n.º 8, 14/3/1950.

²²² Idem, acta n.º 10, 23/4/1950.

²²³ *Correio do Ribatejo*, 20/5/1951, p. 4.

²²⁴ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, acta n.º 1, 20/10/1949.

Portuguesa, Maria Elvira Barroso que tocou Chopin.²²⁵ Apesar de os sócios não terem aderido e o concerto ter prejuízo financeiro, Ginestal decidiu manter o segundo sarau mensal de 5 de Dezembro. Nesta “Hora de Arte” actuou o Orfeão, como em todos os outros concertos mensais, a violoncelista Pilar Coimbra Torres, discípula de Guilhermina Suggia, que ganhou o prémio de violoncelo da Emissora Nacional em 1947 e a pianista Elsa Klebanowsky.²²⁶ A terceira “Hora de Arte” decorreu a 6 de Fevereiro de 1950 com a actuação da actriz e declamadora Bárbara Virgínia (1923-) e da compositora e pianista Leonor Caldeira Leitão (1929-) que dedicou um tema à pianista e dirigente do Orfeão, Georgina Perdigão.²²⁷ Na quarta “Hora de Arte”, a 6 de Março de 1950, para além do Orfeão, actuaram a pianista Elisa Paulina Lamas e a cantora Irene Servais Tiago, que interpretou canções populares inglesas e de Schubert.²²⁸ No mês de Abril de 1950, a “Hora de Arte” apresentou a pianista Leonor Caldeira Leitão e a declamadora Manuela Couto Viana.²²⁹ O recital de piano e violino do professor do Conservatório e pianista Fernando Lares e de Mário Simões Dias, director da Academia de Música de Coimbra, decorreu a 2 de Abril de 1951. Neste sarau, apresentado por Domingos Lança Moreira, também participaram o Orfeão e os alunos do Curso de Arte de Dizer, Alda Rodrigues e António Cacho, que declamaram poemas de José Régio, Fernanda de Castro, Maria Lamas, António Couto Viana e Miguel Trigueiros.²³⁰ O Trio de Câmara de Lisboa, composto por alunos de violino²³¹ do maestro Fernando Cabral no Conservatório, interpretou várias árias francesas dos séculos XVI-XVIII no Ginásio do Seminário a 7 de Maio de 1951. O sarau que se iniciou com a exibição do Orfeão concluiu-se com a actuação das alunas do Conservatório do professor Carlos Sousa, Maria de Lourdes Albergaria e Maria Wanda, que declamaram poesia portuguesa dos séculos XIX e XX.²³² A partir de Janeiro de 1952, as “Horas de Arte” passaram a estar integradas nos concertos mensais radiofónicos.²³³ A 20 de Junho, o Orfeão apresentou-se numa Hora de Arte através do seu Grupo Coral e dos alunos do Curso de Arte e Dizer que recitaram poemas de autores portugueses. O programa terminou com um recital da pianista Maria Fernanda Ribeiro

²²⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 19/11/1949, p. 2.

²²⁶ A violoncelista interpretou Bach, Paradis, Braga Santos, Bocherini, Frank Bridge, Ernest Bloch e J. Nin enquanto a pianista tocou Beethoven, Chopin e Halffler. Cf. *Ribatejo*, n.º 3, Janeiro e Fevereiro de 1950, p. 14.

²²⁷ Georgina Pedroso da Costa Perdigão faleceu a 15 de Dezembro de 1949. Cf. *Correio do Ribatejo*, 11/2/1950, p. 8.

²²⁸ Cf. *Idem*, 11/3/1950, p. 8.

²²⁹ Cf. *Idem*, 8/4/1950, p. 1.

²³⁰ Cf. *Idem*, 7/4/1951, p. 8.

²³¹ Luís Alberto de Almeida, Adolfo de Campos Chaves, Ramiro de Azevedo Simões.

²³² Cf. *Idem*, 12/5/1951, p. 2.

²³³ Cf. *Idem*, 8/12/1951, p. 8.

Correia que interpretou temas de Beethoven.²³⁴ A 12 de Dezembro de 1952, o compositor Fernando Lopes Graça apresentou-se na “Hora de Arte” acompanhado pelas cantoras Maria da Graça Amado Cunha e Arminda Correia que acompanhou ao piano.²³⁵ Perante o sucesso do concerto, as críticas registaram que “... do compositor Lopes Graça se pode dizer sem favor, que é considerado uma das mais vigorosas manifestações de nacionalismo musical. Ao contacto com o nosso mais puro folclore, a sua forte personalidade artística deu-nos uma obra que já se caracteriza por um portuguesismo de linguagem que, aliado à perfeição da técnica musical, nos fala dum merecimento verdadeiramente superior.”²³⁶ A 13 de Fevereiro de 1953, o Orfeão regido por Fernando Cabral apresentou no Ginásio do Seminário um concerto onde apenas se tocaram peças portuguesas de Gonçalo Sampaio, José Henriques dos Santos, Fernando Lopes Graça e Tomás Borba, das quais três em primeira audição. A Orquestra Típica regida por Casimiro Silva exibiu essencialmente composições do seu regente.²³⁷ A décima “Hora de Arte” realizou-se a 18 de Dezembro de 1953 no Ginásio do Seminário e contou com a participação do Orfeão que interpretou temas de Natal, da pianista Leonor Caldeira Leitão e do Coral Infantil Scalabitano, dirigido pelo maestro Luís Silveira.²³⁸

Alguns dos concertos radiofónicos mensais foram dedicados aos jovens estudantes do Liceu, do Seminário e da Escola Agrícola, aos mais desfavorecidos, como os internados dos Asilos de Santo António e da Misericórdia e os protegidos da Acção Social de Nossa Senhora de Marvila e as internadas da Creche de Nossa Senhora dos Inocentes e aos soldados da guarnição militar de Santarém.²³⁹ A partir de 1950, algumas das actuações radiofónicas do Orfeão eram preenchidas também com a apresentação da Orquestra Típica. Esta, apesar de beneficiar de autonomia administrativa desde esse ano, não tinha conseguido concretizar um dos seus grandes projectos, actuar a solo num concerto radiofónico. Os concertos radiofónicos permitiam a ligação do Orfeão a todos aqueles que não viviam em Santarém. Por vezes, os que se encontravam fora da cidade estavam mais próximos da obra orfeónica como se pode verificar pela crítica expressa no artigo “Santarém Ingrata” que referiu o facto de nenhum santareno se encontrar entre

²³⁴ Cf. Idem, 21/6/1952, p. 2.

²³⁵ A primeira interpretou duas tocatas de Carlos Seixas, uma balada de Chopin, cinco prelúdios de Luís de Freitas Branco e variações sobre um tema popular português de Fernando Lopes Graça enquanto a segunda cantou temas de Haendel, Mozart, Schubert, Duparc, Cláudio Carneiro e Rawsthorne.

²³⁶ Cf. Idem, 13/12/1952, p. 4.

²³⁷ Cf. Idem, 7/2/1953, p. 8.

²³⁸ Cf. Idem, 12/12/1953, p. 8.

²³⁹ Cf. Idem, 3/6/1950, p. 10; 12/8/1950, p. 4.

os cento e sessenta e três que escreveram para a Emissora Nacional, devido à ausência do concerto do Orfeão de Junho de 1953 por motivos administrativos. O artigo reforçava que apesar do reconhecimento internacional com o convite para actuar em Setembro no Congresso Internacional de Polifonia, em Itália, o Orfeão era esquecido pelos conterrâneos.²⁴⁰ A 16 de Julho de 1954, o Orfeão apresentou o último concerto radiofónico antes da fusão com o Clube Literário Guilherme de Azevedo, onde actuaram, para além do Grupo Coral, a Orquestra Típica, os alunos da Arte de Dizer e Representar, os cantores líricos Cristina Maria e Armando Guerreiro e a vedeta da rádio Maria de Lourdes Resende.²⁴¹

Durante o decorrer do concerto radiofónico de 4 de Dezembro de 1950, a professora do Conservatório Nacional, Margarida de Abreu, apresentou os seus bailados através dos solistas e parte do corpo de baile clássico do Círculo de Iniciação Coreográfica, do qual era directora e que tinham atingido êxito no teatro S. Carlos.²⁴² Ginestal convidou esta professora de bailado para leccionar aulas de dança clássica infantil a meninas entre os setes e os doze anos em Santarém. As aulas iniciaram-se em Janeiro de 1951 e decorriam aos sábados na sede do Orfeão. Segundo a imprensa regional “... já se encontram inscritas bastantes meninas das melhores famílias desta cidade e arredores...”²⁴³.

No seguimento das suas embaixadas culturais, o Orfeão, acompanhado pela Banda dos Bombeiros, deslocou-se a Évora a 20 de Junho de 1949, para o Coral, a Orquestra Sinfónica e a Orquestra Típica apresentarem um concerto de música portuguesa no teatro Garcia de Resende.²⁴⁴ Segundo Artur Proença Duarte, a acção do Orfeão “... não se confina no âmbito da cidade; projecta-se para bem longe e integra-se, por sua vez, no movimento cultural da Nação. Através das suas excursões e “emissões” contribui para que se forme um juízo do valor da vida portuguesa.”²⁴⁵. A 6 de Agosto de 1950, o Orfeão organizou uma viagem a preços populares às Caldas da Rainha. A embaixada escalabitana percorreu as ruas engalanadas da cidade, enquanto a vocalista da Orquestra Típica, Matilde Gavino, colocou um ramo de flores no monumento da

²⁴⁰ Cf. Idem, 17/7/1953, p. 1.

²⁴¹ Cf. Idem, 3/7/1954, p. 2.

²⁴² Cf. Idem, 1/12/1950, pp. 1, 8; 9/12/1950, p. 8.

²⁴³ Idem, 30/12/1950, p. 8.

²⁴⁴ Cf. BMS – Programa de Sala, 20/6/1949; *Correio do Ribatejo*, 25/6/1949, pp. 1, 8.

²⁴⁵ Artur Proença Duarte, “Razão de Ser” in *Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano*, n.º 1, Dezembro de 1949, p. 3.

rainha D. Leonor. Após o jantar na ilha do parque da cidade, o Orfeão e a Orquestra Típica exibiram-se no ringue de patinagem do parque. A noite terminou com um baile no Casino antes do regresso das quatro camionetas a Santarém.²⁴⁶ O Orfeão e a Orquestra Típica, acompanhada pelo grupo de fandanguistas que ganharam o prémio no concurso de Madrid, deslocaram-se à Figueira da Foz, onde actuaram no Salão do Café do Grande Casino Peninsular numa “Noite Ribatejana”, em homenagem a Santarém capital do Ribatejo, a 16 de Setembro de 1951. Os excursionistas espalharam-se pela praia, esplanadas e avenidas e participaram numa excursão pela Serra da Boa Viagem onde merendaram antes do sarau.²⁴⁷ O Orfeão visitou Vila Nova de Ourém, a 31 de Agosto de 1952, a convite da “Juventude Ouriense” e do jornal *Notícias de Ourém*. Os excursionistas dos três autocarros visitaram a barragem do Castelo do Bode e Tomar percorrendo o Mouchão e o Convento de Cristo. Depois do jantar no ringue da “Juventude Ouriense”, o sarau decorreu no jardim municipal onde actuou o Orfeão e os alunos do Curso de Arte de Dizer que recitaram poesia portuguesa.²⁴⁸ A 14 de Setembro de 1952, o Orfeão e a Orquestra Típica deslocaram-se às festas de Montemor-o-Velho a convite da Filarmónica 25 de Setembro. O Orfeão dirigido pelo tenor Manuel Afonso com a colaboração do orfeonista António Maranha das Neves em substituição do maestro Fernando Cabral e de Joel Canhão e a Orquestra Típica dirigida por António Gavino apresentaram temas do seu repertório habitual.²⁴⁹ A Orquestra Típica e os alunos do Curso de Arte de Dizer actuaram no teatro Cinemar de Peniche, a 28 de Setembro de 1952. Este último dirigido por Carlos Sousa apresentou o poema dramático em três actos “Mar”, de Miguel Torga. Os excursionistas visitaram as Caldas, onde almoçaram, e o Cabo Carvoeiro.²⁵⁰ A 28 de Junho de 1953, o Orfeão deslocou-se a Mação para apresentar um sarau de gala no cine-teatro com o patrocínio do governador civil de Santarém, Abílio Tavares. Este, natural e residente em Mação, ofereceu um copo de água em sua casa às principais individualidades enquanto os orfeonistas e restantes excursionistas comeram num dos salões da Câmara o banquete oferecido pela edilidade e servido pela pastelaria Abidis de Santarém. Para além do Orfeão, actuaram a Orquestra Típica e os alunos do Curso de Arte de Dizer que representaram “O Morgado de Fafe”.²⁵¹ O Orfeão Scalabitano, a Orquestra Típica e a Banda dos Bombeiros deslocaram-se a Rio Maior a 31 de Janeiro de 1954 a convite da Câmara local. À tarde,

²⁴⁶ Cf. *Correio do Ribatejo*, 12/8/1950, pp. 1, 4, 8.

²⁴⁷ Cf. *Idem*, 22/9/1951, pp. 1, 8.

²⁴⁸ Cf. *Idem*, 6/9/1952, pp. 1-2.

²⁴⁹ Cf. *Idem*, 27/9/1952, p. 8.

²⁵⁰ Cf. *Idem*, 11/10/1952, p. 4.

²⁵¹ Cf. *Idem*, 5/7/1953, pp. 1, 4, 8; *Concelho de Mação*, 26/6/1953, p. 1.

a Banda dirigida por José Alfredo Dias apresentou marchas e trechos de óperas num concerto realizado na praça do Comércio enquanto à noite, o Orfeão e a Orquestra Típica actuaram num sarau que decorreu no salão da Casa do Povo revertendo os lucros para o Hospital da Misericórdia de Rio Maior.²⁵² Em Fevereiro de 1954, o Orfeão “... que habitualmente efectua no final de cada ano de trabalho uma visita oficial a uma cidade ou vila do nosso país, resolveu que as suas exhibições fora da nossa cidade deveriam ser mais frequentes, visto elas contribuírem para a divulgação da sua obra cultural, para o estreitamento de relações entre a nossa terra e outras localidades do país, e ainda porque sendo sempre de beneficência, os espectáculos do Orfeão contribuem de certo modo para favorecer materialmente os menos protegidos pela sorte.”²⁵³ A 17 de Junho de 1954, o Orfeão deslocou-se a Beja para actuar num sarau de gala no cine-teatro Pax Júlia com o patrocínio da madrinha Mariana de Fátima Cansado Corujo e apresentado pelo advogado, Belard da Fonseca. Para além do Orfeão e da Orquestra Típica também actuaram os alunos da Escola de Arte de Dizer que representaram a peça “O Avarento”, tendo o produto do espectáculo revertido para a “assistência local”. As três camionetas de excursionistas regressaram de madrugada a Santarém após amplo convívio na cidade do Baixo Alentejo.²⁵⁴

As preocupações sociais subsistiam, assim quando alguns membros do Orfeão e da Orquestra Típica propuseram uma festa no Natal de 1949 para os mais desfavorecidos e dedicada “...exclusivamente a todos os educandos dos Asilos de Santarém, velhos do Asilo da Misericórdia e internados do Albergue Distrital...”²⁵⁵ a direcção aceitou colaborar. No intervalo do concerto, um grupo de orfeonistas serviu um lanche e distribuiu agasalhos, tabaco e brinquedos. No final do espectáculo, alguns orfeonistas acompanhados por Artur Duarte e Ginestal deslocaram-se ao hospital onde distribuíram brinquedos às crianças.

Os convívios entre os membros do Grupo Coral, Orquestras e Grupo Cénico eram frequentes e envolviam os dirigentes da colectividade. Por vezes, organizavam-se jogos de futebol, diversões taurinas e bailes para além de refeições convívio. A 12 de Junho de 1952, realizou-se um almoço convívio na sede do Grémio dos Industriais da

²⁵² Cf. *Correio do Ribatejo*, 6/2/1954, pp. 2, 8; *O Riomaioense*, n.º 125, 13/2/1954, pp. 1, 4.

²⁵³ *Correio do Ribatejo*, 6/2/1954, pp. 2.

²⁵⁴ Cf. Idem, 19/6/1954, pp. 1-2; 26/6/1954, pp. 1, 2, 8; *Diário do Alentejo*, 17/6/1954, pp. 1, 4; 18/6/1954, pp. 1, 4; 19/6/1954, p. 1.

²⁵⁵ *Correio do Ribatejo*, 31/12/1946, p. 8.

Panificação organizado por iniciativa do guitarrista da Típica, Alexandre Tavares, e presidido por Ginestal. Muitos foram os comerciantes e lavradores que contribuíram com géneros para o almoço que terminou com música e poesia.²⁵⁶ A partir do ano seguinte, passou a comemorar-se o “Dia da Família Orfeónica”, organizado por uma comissão presidida por António Cacho. Para além do almoço de confraternização entre os membros das diversas secções, decorria uma romagem ao cemitério para homenagear os orfeonistas falecidos e um baile no ringue da F.N.A.T.. Estes eventos envolviam anualmente cerca de cento e cinquenta pessoas. A 7 de Junho de 1953, os orfeonistas homenagearam Ginestal Machado que durante o agradecimento confidenciou a sua inspiração “...no exemplo de seu saudoso pai [António Ginestal Machado] para trilhar na vida os caminhos do dever e da honra...”²⁵⁷.



Almoço de homenagem a Manuel Ginestal Machado que se encontra ao topo da mesa acompanhado por Artur Proença Duarte, Virgílio Arruda e o maestro Fernando Cabral, Santarém, 7/6/1953. Foto Sequeira de Santarém cedida por Maria Antónia Ginestal Machado.

No ano seguinte, o jantar de confraternização decorreu no Ginásio do Seminário na presença de todos os elementos do Club Literário Guilherme de Azevedo que faziam parte da Comissão Administrativa do Círculo Cultural Scalabitano. Ginestal afirmou que “... um dos mais belos aspectos da obra orfeónica não era apenas a gloriosa série dos seus triunfos artísticos, mas também, e muito, a amizade e entendimento plenos que

²⁵⁶ Cf. Idem, 28/6/1952, p. 7.

²⁵⁷ Idem, 13/6/1953, p. 10.

cada vez mais se vão estreitando entre todos os seus componentes, a todos unindo numa verdadeira família...”²⁵⁸. A festa terminou com um baile à semelhança de muitos outros encontros.

Em Abril de 1949, o Orfeão actuou juntamente com a Orquestra Típica para os participantes do Congresso Internacional de Geografia que se deslocaram a Santarém onde também assistiram a uma entrada de touros.²⁵⁹ Santarém recebeu, a 10 de Junho de 1949, o Orfeão de Leiria dirigido por D. José Pais de Almeida e Silva que apresentou um sarau a favor da “Obra do Ovo”. A comitiva de Leiria foi acompanhada em cortejo pela cidade pelo Orfeão Scalabitano e pela Banda dos Bombeiros.²⁶⁰ O Orfeão e a Orquestra Típica actuaram no teatro Rosa Damasceno durante a Grande Festa do Centro dos Jogos Florais das Férias de 1950, uma iniciativa da Propaganda Turística Portuguesa com o patrocínio do *Diário Popular*. A Orquestra Típica, para além de apresentar o seu reportório, acompanhou a cançonetista da Emissora Nacional, Maria de Lourdes Resende. O espectáculo foi radiodifundido e filmado pela Lisboa Filme e a Pathé Baby para o “Jornal Universal”.²⁶¹ No adro da Igreja do Seminário decorreu, a 1 de Julho de 1950, uma representação de Autos Medievais “Santo António”, de Afonso Alves e “Auto da Alma” de Gil Vicente, por alunos do Conservatório Nacional, com a colaboração do Orfeão Scalabitano. O largo estava engalanado e encheu para o espectáculo tendo a receita revertido para o Instituto de Nossa Senhora dos Inocentes e do Vestiário dos Pobres a cargo da Liga Católica Feminina. Ao sarau assistiram a actriz Maria Matos e o director do Conservatório Nacional, Ivo Cruz que participaram numa ceia no Club de Santarém. Os Autos Medievais foram um êxito, mas os resultados monetários foram inferiores ao esperado perante o investimento feito daí a necessidade de pedir subsídios à Câmara Municipal e à Junta de Província.²⁶² O Orfeão organizou a recepção ao Orfeão da Covilhã que visitou Santarém a 10 de Junho de 1951. Os visitantes foram recebidos por um cortejo composto por campinos a cavalo, representantes das associações recreativas, sindicatos e asilos da cidade, entidades

²⁵⁸ Idem, 7/8/1954, p. 8.

²⁵⁹ Cf. Idem, 9/4/1949, p. 8.

²⁶⁰ O Orfeão de Leiria apresentou um recital de violino e piano por Ernesto Henriques e Maria Carlota Tinoco e o grupo cénico representou a peça de Júlio Dantas, “D. Beltrão de Figueirôa”. Cf. Idem, 18/6/1949, pp. 4, 8.

²⁶¹ No espectáculo também actuaram os actores e cançonetistas Maria Dulce, Francisco José, Luís Horta, Nilza Moreno, Tomás de Barros Queirós, Irmãs Remartinez, Maria Justina Pereira, Loubet Bravo, acompanhados pela orquestra de Victor Bonjour. A apresentação dos trabalhos premiados esteve a cargo da declamadora Bárbara Virgínia e do actor Manuel Lerenó. Cf. Idem, 11/11/1950, pp. 1, 4, 10; *Diário Popular*, 7/11/1950, p. 4.

²⁶² Cf. *Correio do Ribatejo*, 1/7/1950, pp. 1, 8; 8/7/1950, p. 8; *Ribatejo*, n.º 7-8, Maio-Junho de 1951, p. 31.

oficiais e religiosas. À passagem do cortejo, das janelas eram atirados *confetti* e pétalas de flores. Os covilhanenses passearam pela cidade, visitaram monumentos assistiram à tourada com Manuel dos Santos e Diamantino Viseu e torceram pelo Sporting Club da Covilhã que disputou uma partida de futebol contra uma selecção de Santarém. À noite realizou-se um sarau onde actuou o Orfeão da Covilhã após alguns temas do Orfeão anfitrião. A grande festa de amizade com a cidade da Covilhã terminou com bailes dispersos pela cidade.²⁶³

Os cursos da Alliance Française no Ateneu Comercial, dependente da Associação Comercial de Santarém, foram inaugurados a 9 de Maio de 1946. O Orfeão actuou nessa cerimónia e a partir daí estabeleceram-se parcerias que permitiram concertos, conferências e exposições. Na década de 50, o ensino de francês passou pelo Orfeão e Círculo Cultural Scalabitano que se tornaram delegados da Alliance. A parceria cultural permitiu apresentar em Santarém os recitais de violino de Paule Bouquet e da pianista Jacqueline Duval (18 de Janeiro de 1950); do violinista Guy Fallot e da pianista Monique Fallot (11 de Maio de 1951); da pianista Germaine de Leroux primeiro prémio do Conservatório de Paris (23 de Novembro de 1951); do pianista Dèsiaé N’Kaoua, do clarinetista Norbert Bourdon e do violoncelista Robert Bex (6 de Maio de 1953); da pianista France Clidat, da violoncelista Liliane Garnier, do saxofonista Jean Marie Londeix (19 de Fevereiro de 1954). O Coral de Estudantes Universitários Católicos de Paris “La Faluche”, regido pelo compositor Louis Liebard e composto por vinte e seis rapazes e raparigas, deu um concerto em Santarém, no adro e no Ginásio do Seminário, por empenho de Salvador Supardo, a 17 de Junho de 1950.²⁶⁴ Dois anos depois, o Coral voltou a actuar no Ginásio do Seminário onde interpretou dois temas do reportório do Orfeão. Os pequenos Cantores da Cote d’Azur²⁶⁵ deslocaram-se a Santarém, a 17 de Janeiro de 1951, onde apresentarem música francesa religiosa e profana. Vários foram os conferencistas francófonos que visitaram Santarém como Émile Henriot que apresentou a conferência “Femmes de Lettres et Lettres de Femmes”, no salão da Caixa de Crédito Agrícola, a 10 de Fevereiro de 1950. Este

²⁶³ Os bailes realizaram-se na sede da Junta de Província do Ribatejo, na Associação dos Bombeiros Voluntários, no Club Literário Guilherme de Azevedo e na Sociedade Recreativa Operária. Cf. *Correio do Ribatejo*, 9/6/1951, pp. 1, 10; 16/6/1951, pp. 1, 4, 8; *Ribatejo*, n.º 7-8, Maio e Junho de 1951, pp. 10-11, 22-23.

²⁶⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 24/6/1950, p. 1.

²⁶⁵ O agrupamento surgiu em 1941, em Nice fundado pelo padre Lefebvre sendo “uma obra de educação popular”. Percorrem vários locais nas férias para apresentar os seus concertos (Suíça, Espanha, Estados Unidos, Canadá, Holanda, Bélgica e Áustria). Cf. *Idem*, 20/1/1951, p. 8.

deslocou-se a Portugal no âmbito do centenário de Balzac e fez conferências em diversas cidades.²⁶⁶

Um dos investimentos feitos pelo Orfeão passou pelo ensino dirigido aos seus sócios, familiares ou outros que se inscrevessem na colectividade. Ginestal Machado tinha preocupações pedagógicas e procurava os melhores docentes. Em 1950, Judite David passou de ensaiadora de naipes a professora de piano na sequência do falecimento da anterior docente, Georgina Perdigão. Nesse período, o ensino do solfejo foi entregue ao padre Veríssimo do Seminário de Santarém posteriormente substituído por António Alves professor no Conservatório do Porto. A Academia de Música e Teatro do Orfeão Scalabitano foi fundada a 1 de Março de 1950 e apresentava características especiais ao ministrar música e teatro através de cursos de declamação e encenação ministrados pelo professor Carlos Sousa do Conservatório de Lisboa. A Academia dinamizou dois cursos de arte de dizer e representar entre 1950 e 1952 que formaram actores, declamadores, encenadores, técnicos de palco, directores da secção e críticos locais de teatro. A secção de música dirigida pelo maestro Fernando Cabral e pelo professor Joel Canhão oferecia aulas de história da música, harmonia, piano, violino, violoncelo, viola, contrabaixo, instrumentos de sopro, solfejo e orquestra. Declamação, solfejo e orquestra eram de acesso gratuito para os orfeonistas e sócios. Aqueles que integravam o coro, as orquestras e o grupo cénico tinham desconto de 25% nos outros cursos.²⁶⁷ De forma a manter a qualidade do ensino na Academia, a direcção do Orfeão decidiu, após a inscrição de setenta alunos “... encerrar as matrículas, visto ser já mais que suficiente o número dos alunos inscritos e o seu aumento, nas actuais condições, constituem um erro pedagógico.”²⁶⁸ Os exames que decorriam no final do ano lectivo tinham equivalência ao Conservatório Nacional. Para além do ensino da música e do teatro, actividades que permitiam a continuação e renovação das secções do Orfeão, também se deu importância ao estudo das línguas francesa e inglesa. No primeiro caso, fortaleceram-se os laços estabelecidos com a Alliance Française, através de aulas de língua e cultura francófona. Em Janeiro de 1950, o dirigente do Orfeão, Amílcar Duarte Silva ministrava um curso de inglês reservado a sócios e mediante a propina mensal de 10\$00. No ano lectivo 1950-51, a Escola de Música e Teatro oferecia aulas de português, francês, italiano, cenografia e estética, história da música, filosofia

²⁶⁶ Cf. *Ribatejo*, n.º 5, Dezembro de 1950, p. 12.

²⁶⁷ Cf. *Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, Maio de 1950, pp. 5, 15-16; *Correio do Ribatejo*, 11/3/1950, p. 1.

²⁶⁸ *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, acta n.º 8, 14/3/1950.

de teatro, violoncelo, contrabaixo de cordas, instrumentos de palheta, instrumentos de metal, canto, composição, acústica, solfejo, piano, violino, viola, arte de dizer e representar, encenação e história das literaturas dramáticas. Estas podiam ser frequentadas pelos sócios do Orfeão, os orfeonistas e os menores com idade superior a dez anos desde que inscritos sob a responsabilidade de um sócio.²⁶⁹ O secretário da Informação, Cultura Popular e Turismo, José Manuel da Costa, deslocou-se a Santarém a 20 de Janeiro de 1952, para assistir às aulas de teatro e música e a um sarau do Orfeão.²⁷⁰

Durante o II Congresso do Ribatejo realizado em 1948, Manuel Ginestal Machado defendeu a tese “Difusão da Cultura no Ribatejo” referindo a importância da obra cultural desenvolvida por algumas colectividades ribatejanas, na maior parte dos casos sem apoios oficiais. Na sua opinião “... para a efectivação dessa obra de elevação espiritual do indivíduo, incontestavelmente que podemos indicar os Orfeons, verdadeiras escolas de arte, civismo e educação (...) a existência de um Orfeão cria um ambiente de paz, solidariedade e compreensão, devido à aproximação e convivência entre pessoas de todas as classes, animadas unicamente pela nobre aspiração de adquirirem, através da arte, novos conhecimentos e de se entregarem aos nobres e puros deleites espirituais.”²⁷¹. Assim, todos os concelhos do Ribatejo deviam criar núcleos orfeónicos, sendo importante manter um acordo com a Emissora Nacional, enquanto não havia uma Emissora no Ribatejo, para apresentar a cultura da província desde o Orfeão passando por orquestras, bandas e ranchos folclóricos. O Orfeão, a Casa do Ribatejo e a Emissora deviam organizar programas quinzenais de uma hora revelando os valores artísticos e culturais do Ribatejo. Para concretizar estes projectos e cumprir a sua missão, o Orfeão necessitava de uma sede a ser construída de raiz e adaptada às suas necessidades culturais e pedagógicas que permitisse também “... uma verdadeira e gratuita escola de música e cursos nocturnos de instrução popular...”²⁷². Esta sede devia ser custeada em parte pelo Estado e chamar-se “Palácio da Música do Ribatejo”. Ginestal fazia renascer uma ideia defendida desde 1932, mas que não tinha reunido os apoios necessários para se concretizar. O projecto que inicialmente pretendia colmatar a falta de uma sede para a colectividade transformava-se num projecto de todos e para

²⁶⁹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 21/10/1950, p. 4.

²⁷⁰ Cf. *Idem*, 26/1/1952, p. 1.

²⁷¹ Manuel de Almeida Ginestal Machado, “Difusão da Cultura no Ribatejo” in *II Congresso Ribatejano. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio, Lisboa, Casa do Ribatejo*, 1948, p. 370.

²⁷² *Idem*.

todos da cidade envolvendo infra-estruturas como auditórios, ginásio, balneários, salas para ensaios, conferências e exposições. Numa entrevista concedida ao jornal eborense *Democracia do Sul*, Ginestal defendeu que o objectivo principal do Orfeão era “... a cultura educando gratuitamente os mais desprotegidos da sorte. Trata-se essencialmente de uma obra de cultura popular. Do Orfeão fazem parte pessoas de todas as classes sociais, irmanadas por igual amor à música e à cultura. Realiza também esta colectividade uma obra de assistência não só a orfeonistas pobres como também dando a sua desinteressada colaboração às instituições de caridade desta cidade e de outras terras...”²⁷³. A profissão, o credo religioso, o ideário político e a condição social e económica não eram entrave a quem se reunia com o “desejo de elevar o espírito fazendo arte” como o comprova o quadro elaborado a partir de dados obtidos na consulta do *Boletim do Orfeão Scalabitano* de 1949.²⁷⁴

Quadro demonstrativo das profissões dos componentes do Orfeão Scalabitano (Coro e Orquestras)	
Agentes de seguros	1
Alfaiates	5
Boletineiros	1
Engenheiros agrónomos	1
Canteiros	2
Estucadores	1
Estudantes	5
Serralheiros	4
Fotógrafos	1
Comerciantes	4
Empregados no comércio	21
Pintores	2
Empregados de Escritório	9
Guarda-livros	3
Professores primários	1
Electricistas	1
Proprietários	5
Tipógrafos	4
Marceneiros	4
Farmacêuticos	1
Pintores de carros	1
Sapateiros	1
Regentes agrícolas	1
Carteiros	1

²⁷³ *Democracia do Sul*, n.º 10736, 9/5/1953, pp. 3-4.

²⁷⁴ Cf. *Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano*, n.º 1, Dezembro de 1949, p. 19.

Ferroviários	1
Industriais	1
Cauteleiros	1
Oficiais do Exército	2
Carpinteiros	2
Funcionários Públicos	9
Domésticas	14

Em 1954, Ginestal garantia que “... visitar uma noite de ensaios o Orfeão, vendo a trabalhar alegre e desinteressadamente dezenas de pessoas, desde os diplomados aos modestos operários, dos fidalgos aos plebeus, dos ricos aos pobres, todos irmanados por um nobre ideal, é uma grande e proveitosa lição.”²⁷⁵. O dirigente escalabitano possivelmente revia-se em António Ferro que se tornou “... no melhor obreiro da verificação exemplar da identidade nacional: o povo seria levado pelas elites a descobrir, amar e desenvolver a sua cultura material...”²⁷⁶.

Para desenvolver este projecto, o Orfeão contou com o apoio de outras colectividades como o Club Literário Guilherme de Azevedo que emprestava a sede para reuniões, ensaios, espectáculos, exposições e conferências, o Club de Santarém que cedia com regularidade o teatro Rosa Damasceno e atribuía donativos tal como o Sport Grupo Scalabitano “Os Leões”, o Montepio Geral que emprestou a sua sede para ensaios, a Banda dos Bombeiros que acompanhava e participava em muitos dos projectos orfeónicos. O Orfeão de Ginestal foi o impulsionador e financiador do Grupo de Coordenação Cultural que envolveu a maioria das colectividades da cidade e concelhos próximos. Muitos dos sócios do Orfeão tinham fortes ligações a outras associações mesmo na área do dirigismo, sendo em vários momentos o papel do Club Literário Guilherme de Azevedo determinante para o sucesso do projecto orfeónico. Se o poder político apoiou e financiou o percurso do Orfeão, em parte devido à parceria Artur Duarte e Ginestal Machado, também a Igreja se empenhou na divulgação deste projecto ao ceder o Ginásio do Seminário como local de ensaios e de espectáculos. A 25 de Novembro de 1946, o Cardeal Patriarca Manuel Gonçalves Cerejeira assistiu a uma audição particular do Orfeão acompanhado pelo reitor do Seminário e sócio honorário

²⁷⁵ Manuel de Almeida Ginestal Machado, “O Orfeão Scalabitano. Actividades e Aspirações” in *Vida Ribatejana*, 1954.

²⁷⁶ Jorge Ramos do Ó, *Os Anos de Ferro. O Dispositivo Cultural durante a “Política do Espírito” – 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999, p. 193.

da colectividade, cónego Francisco Félix.²⁷⁷ Este último manteve uma relação de apoio incondicional aos projectos de Ginestal, mesmo quando decorreu a polémica com o padre João Ferreira da Conferência de S. Vicente de Paulo na disputa do espaço do Ginásio.²⁷⁸ O Orfeão também recebeu a colaboração da Liga e da Juventude Operária Católica.

Ginestal tornou-se o timoneiro e o principal ideólogo de um projecto que se pretendia que ultrapassasse Santarém e unisse todo o Ribatejo na expansão da sua cultura popular. Durante o longo período de 1949 até ao início da década de 60, tornou-se o líder incontestável primeiro do Orfeão e posteriormente do Círculo Cultural Scalabitano exercendo a sua disciplina e disciplinando uma vasta equipa fundamental para o sucesso deste projecto onde a política não tinha lugar. Exemplo disso foi o conflito entre a direcção do Orfeão e os sócios Humberto e Joaquim Diniz Lopes, em Junho 1950, e do qual pouco se sabe. Considerando que o primeiro destes irmãos tinha fortes ligações ao Partido Comunista, que desde 1946 conhecia as prisões do regime e que se dedicava desde a década de 40 ao associativismo em Santarém não é de estranhar que os conflitos fossem de carácter político e ideológico. A reacção de Ginestal, amigo e vizinho destes sócios, não é conhecida. Todos os contactos foram estabelecidos entre os visados e Artur Proença Duarte. Numa carta enviada à colectividade em Julho do mesmo ano, Humberto Lopes foi descrito como ex-sócio. Será que foi demitido ou a carta apresentava a sua demissão de sócio? As cartas perderam-se com o tempo e os registos no livro de actas da direcção são omissos aos detalhes deste conflito. Certo foi que os destinos de Humberto Lopes não se voltaram a cruzar com os da colectividade.²⁷⁹ Quando em Outubro de 1953, Ginestal decidiu afastar-se da direcção argumentando problemas de saúde, a estrutura tremeu e acabou provavelmente por ceder aos desejos de Ginestal que manteve o seu lugar habitual de vice-presidente na

²⁷⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 30/11/1946, p. 7. O cónego Félix foi homenageado a 31 de Maio de 1946 e a 19 de Fevereiro de 1954 com concertos do Orfeão, o último dos quais comemorativo do seu octogésimo aniversário. Cf. Idem, 25/5/1946, p. 1 e 20/2/1954, p. 8.

²⁷⁸ Durante o concerto do pianista Bernard Flavigny realizado no Ginásio do Seminário a 12 de Dezembro de 1952, alguns jovens que utilizavam uma sala anexa para a reunião da Conferência de S. Vicente de Paulo fizeram barulho excessivo o que provocou protestos da assistência ao concerto. Um director do Orfeão avistou-se com o responsável, o padre João Ferreira, que nada fez para solucionar o problema. A polémica arrastou-se com a publicação de cartas no jornal *Correio do Ribatejo*, onde o padre acusou o Orfeão da responsabilidade do sucedido porque marcou um concerto para uma sexta-feira quando havia reuniões da Conferência, o que não podia acontecer sem acordo entre as partes, conforme decidido pelo reitor do Seminário. Em resposta, Ginestal Machado defendeu que os concertos radiofónicos por indicação da Emissora Nacional se realizavam às sextas-feiras conforme indicação de Abril de 1952. Ginestal concluiu que o padre não tinha autoridade sobre os jovens e recusava-se a compreender a obra de cultura popular do Orfeão. Cf. Idem, 27/12/1952, p. 12; 3/1/1953, p. 8; 17/1/1953, p. 8; 24/1/1953, p. 8.

²⁷⁹ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, acta n.º 11, 28/6/1950 e acta n.º 12, 20/7/1950.

eleição dos novos corpos gerentes realizada um mês depois. Seria estranho este afastamento, de que pouco se sabe,²⁸⁰ quando Ginestal negociava já a fusão do Orfeão com o Club Literário Guilherme de Azevedo que se veio a concretizar a 29 de Julho de 1954 com a criação do Círculo Cultural Scalabitano. As dificuldades financeiras do Club Literário, a proximidade das duas colectividades, o facto de o Orfeão poder ter sede própria e um teatro aceleraram essa fusão pois “Na verdade as duas colectividades desde sempre viveram unidas pela sua comunidade de fins culturais e artísticos; e não se entendia, de facto, a subsistência em separado de duas organizações com os mesmos propósitos e em que a maior parte dos associados de uma era também o da outra. Deve ainda salientar-se que o abater de bandeiras se tenha feito com igual dignidade, vincando-se bem que não se tratava de qualquer delas assimilar a outra mas apenas de ambas se unirem para seu bem próprio e da cidade (...) Não restam dúvidas, pois que embora fundidas numa só organização, as duas permanecem inteiramente, visto que as colectividades do género se impõem mais pela acção que pela autonomia, e aquela é indubitável que se mantém integralmente.”²⁸¹. A fusão destas duas colectividades foi o motor de desenvolvimento do projecto cultural pensado a longo prazo por Ginestal para a cidade de Santarém e que teve o seu apogeu na década de 50.

²⁸⁰ Este pedido de demissão nunca foi oficializado pois não há registo nos livros de actas quer da direcção quer da assembleia-geral do Orfeão. A única referência encontra-se documentada na imprensa que referiu essa demissão durante um sarau que decorreu no Ginásio do Seminário a 7 de Outubro de 1953, alertando que “Santarém devia demovê-lo de tal propósito!” e demoveu. Cf. *Correio do Ribatejo*, 10/10/1953, p. 10.

²⁸¹ Idem, 7/8/1954, p. 8.

2.7 - Círculo Cultural Scalabitano

“... funciona regularmente o Círculo Cultural Scalabitano, com um amplo programa de acção que não se circunscreve à cidade ou à província, atravessando fronteiras e mares, para chegar até nós na importância dos trabalhos realizados. Porque realmente não se trata apenas de um grémio literário ou recreativo e nem de serões agradáveis ou de tertúlias poéticas. É alguma coisa de positivo e de palpável, com várias secções distintas abrangendo as várias expressões de arte. A milenária Scalabis está mais viva que nunca através dessa instituição que, fundada há três anos, propõe-se a uma obra de cultura popular e de espalhar a paz e a compreensão entre a sua gente. (...) O Círculo Cultural Scalabitano está fomentando essa aproximação entre o Brasil e Portugal. Seu trabalho merece realmente ser mais conhecido e melhor divulgado.”¹

“A bem da Cultura e da Arte, pelo engrandecimento desta velha Scalabis, glória do Ribatejo e coração de Portugal!”²

A Consolidação de um Projecto (1954-1959)

Em Outubro de 1958, Manuel Ginestal Machado escreveu que o Círculo Cultural Scalabitano era “... uma instituição que se propõe efectuar uma verdadeira obra de cultura popular e criou nesta cidade um clima de paz e de boa compreensão entre os seus habitantes, propício à elevação espiritual do homem.”³. Numa entrevista publicada nesse ano pelo *Jornal do Ribatejo*, Ginestal afirmou que “A razão fundamental que nos leva a consagrar a esta obra, reside no facto de reconhecermos que todos os homens têm direito à Cultura e aqueles que a sua situação privilegiada permitiu ascender a determinadas posições sociais e intelectuais, têm a obrigação moral de ajudar e facultar aos menos privilegiados todos os meios necessários ao seu aperfeiçoamento

¹ Campomizzi Filho, “Círculo Cultural Scalabitano” in *Folha do Povo*, Cidade de Ubá, Minas, Brasil, 11/5/1957, p. 1.

² Manuel Ginestal Machado, “O Círculo Cultural Scalabitano. Uma Obra Cultural que Honra a Cidade de Santarém, a Província do Ribatejo e todo o Portugal” in *Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo*, dir. António M. Rodrigues, n.º 3, Santarém, [s. n.], Outubro de 1958.

³ Idem, *Ibidem*.

moral e intelectual, visto que todas as classes, dentro da boa ética social, devem conviver e compreenderem-se mutuamente, sem que hajam “compartimentos estanques”, apesar dos credos e crenças que cada um possa professar. Se deste esforço resultar o aproveitamento de meia dúzia de valores, pelo menos, sentir-nos-emos satisfeitos e orgulhosos da obra que realizamos, pois reconhecemos que através da música e da arte, os homens se aproximam e se entendem.”⁴ Num jantar de confraternização entre os sócios e membros das várias secções dos extintos Orfeão e Club Literário que decorreu a 30 de Julho de 1954, no Ginásio do Seminário, Ginestal relembrou “... que um dos mais belos aspectos da obra orfeónica não era apenas a gloriosa série dos seus triunfos artísticos, mas também e muito, a amizade e entendimento plenos que cada vez mais se vão estreitando entre todos os seus componentes, a todos unindo numa verdadeira família.”⁵ No seio dessa “família” erguiam-se os pilares para a construção de um grande projecto cultural acessível a todos, o Círculo Cultural Scalabitano. A instituição pretendia “... efectuar uma verdadeira obra de cultura popular e criou nesta cidade um clima de paz e de boa compreensão entre os seus habitantes, propício à elevação espiritual do homem.”⁶ A união que conduziu ao Círculo Cultural constituiu “...uma verdadeira obra de cultura popular, congregando esforços que, embora trabalhando no mesmo campo, se encontram dispersos e, assim, se criaram bases mais sólidas em virtude do aumento da massa associativa e da existência de uma sede (...) provou-se assim ser possível, os homens trabalharem em conjunto, manifestando uma união perfeita, de modo a que a sua acção se tornasse útil à cidade e à nossa região, trazendo resultados benéficos e amplificando a sua acção cultural (...) a nossa obra já foi reconhecida do norte ao sul do país, pois nos tem surgido associados dos mais diversos pontos, o que bastante nos anima. Nota-se entretanto, e será esta a nossa única mágoa, um desinteresse, ou melhor, um alheamento de certas pessoas da “melhor sociedade”, pelas manifestações culturais do Círculo...”⁷. No entanto, o primeiro relatório da Comissão Administrativa do Círculo, referia que Santarém acolheu a nova colectividade “... com interesse e carinho, o que claramente, se depreende do facto de, não só a quase totalidade dos sócios das extintas colectividades continuar a ser do Círculo Cultural Scalabitano, como também da inscrição voluntária, até à presente data, de mais cento e dezanove novos

⁴ ““Todos os Homens têm Direito à Cultura” declarou-nos o Sr. Dr. Ginestal Machado, Vice-Presidente do Círculo Cultural Scalabitano” in *Jornal do Ribatejo*, n.º 3, 20/3/1958, p. 12.

⁵ *Correio do Ribatejo*, 7/8/1954, p. 1.

⁶ Manuel Ginestal Machado, “O Círculo Cultural Scalabitano. Uma Obra Cultural que Honra a Cidade de Santarém, a Província do Ribatejo e todo o Portugal”.

⁷ ““Todos os Homens têm Direito à Cultura” in *Jornal do Ribatejo*, n.º 3, 20/3/1958, p. 12.

associados.”⁸. As palavras dos seus dirigentes incentivavam à “... esperança e confiança no futuro da colectividade, indispensável ao Ribatejo, e de que se espera a concretização do desejo de todos os que nela trabalham, por ela batalham, de todos os que ajudam à sua manutenção e progresso, com o fim nobilíssimo de conquistar para ela o lugar merecido na vida cultural do nosso País.”⁹. O lema do Círculo, na sequência do que sucedera com o Orfeão, era “todos unidos e caminhando para a frente”¹⁰.

O primeiro desafio que a nova colectividade enfrentou foi a beneficiação e modernização da sua sede, o antigo teatro Taborda. As obras iniciadas em Agosto de 1954, enfrentaram a resistência do senhorio, Firmino Silva Pereira, que se recusava abarcar com os custos, acabando por ceder perante a argumentação do advogado Ginestal.¹¹ A sede remodelada foi inaugurada a 9 de Novembro desse ano, na presença do governador civil, Abílio Tavares. O Círculo passava a possuir, para além do antigo teatro Taborda, uma sede com diversas salas para as secções da colectividade, para a exposição de troféus e objectos de arte do Club Literário e do Orfeão, para bilhar e outros jogos lícitos. Na modernização do espaço e construção de novas dependências despenderam-se “algumas dezenas de contos” que permitiram aumentar a comodidade a todos os sócios e colocar o Círculo entre as colectividades melhor equipadas do distrito.¹²

Um outro desafio passou pela elaboração dos estatutos do Círculo que foram aprovados na assembleia-geral de 15 de Dezembro de 1954.¹³ Os primeiros corpos gerentes do Círculo tomaram posse a 3 de Janeiro de 1955 e entre eles destacavam-se na direcção o presidente Artur Proença Duarte e o vice-presidente Manuel Ginestal Machado.¹⁴ Esta dupla de advogados constituiu uma forte liderança com base na

⁸ *Relatório da Comissão Administrativa do Círculo Cultural Scalabitano*, Santarém, 31/12/1954, p. 1.

⁹ *Idem*, p. 4.

¹⁰ *Idem*.

¹¹ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, Santarém, 1954-1957, acta n.º 2, 9/8/1954; acta n.º 5, 3/9/1954.

¹² Cf. *Idem*, acta n.º 11, 11/11/1954; *O Primeiro de Janeiro*, 10/11/1954.

¹³ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 15, 13/12/1954.

¹⁴ Os restantes dirigentes da direcção eram Américo Rodrigues de Passos e Silva, Francisco Duarte Meireles, Victor Hugo Faria (secretários), Carlos Roque de Oliveira e Sousa (tesoureiro), Alfredo Ferreira, Artur de Sousa Madeira Cabral, Henrique Dias Ferreira, José Carlos de Oliveira Sollas, Leonardo Ribeiro de Almeida, Manuel Filipe, Mário Martins Rodrigues, Nuno António de Oliveira, Vasco Duarte (directores). A assembleia-geral era constituída por Virgílio Arruda (presidente), Guilherme Monteiro Pereira (vice-presidente), Pedro Beja Santos, João Gomes Moreira (secretários). António Madeira Cacho (presidente) Francisco Ferreira Vinagre e João da Silva Martins (vogais) constituíam o

amizade e na confiança. O espírito inovador e democrático de Ginestal apresentava-se escudado pelo deputado da Nação e presidente da Junta de Província do Ribatejo, Artur Duarte. Todos os projectos e assuntos práticos passavam pela esfera de Ginestal. Ao percorrer-se os livros de actas da colectividade, verifica-se que Artur Duarte foi um ilustre ausente pois raramente presidia às reuniões e nas poucas vezes que tal sucedeu nem sempre assinou as actas. O presidente era alguém com quem se podia contar sempre que necessário, quer para obter empréstimos quer para angariar apoios, mas era sempre o vice-presidente que representava o Círculo e que coordenava todas as secções. Em 1955, foi necessário legalizar o Círculo como colectividade cultural. Mais uma vez coube a Ginestal informar "... pormenorizadamente tudo o que sucedeu com o facto de terem sido proibidas quaisquer actividades na sede, sem legalizarmos a sua situação como colectividade cultural. Dadas todas as explicações, que o caso requeria, ficou resolvido mandar a quem de direito todos os documentos que possam provar o nosso direito às actividades que são o fim por que se criou o Círculo Cultural."¹⁵. Entre os documentos solicitados encontravam-se as "... plantas exigidas, por lei, para que seja aprovada a plena actividade do Círculo, documentos a enviar, logo que tudo esteja ordenado no sentido do pedido de legalização."¹⁶. Estas foram enviadas à Inspecção de Espectáculos juntamente com os regulamentos de todas as secções, enquanto os estatutos da colectividade aguardaram aprovação no Ministério da Educação Nacional até Março de 1958.

Um dos maiores problemas que os dirigentes da nova colectividade enfrentaram era a instabilidade económica que dependia de constantes apoios financeiros de outras colectividades, como o Club de Santarém, que atribuía um subsídio anual e emprestava o teatro Rosa Damasceno, e o Sport Club Scalabitano "Os Leões", que contribuía com apoios esporádicos pela cedência de salas para reuniões, a Câmara Municipal, o Governo Civil e a Junta de Província do Ribatejo que comparticipavam anualmente o Círculo. A boa gestão dos poucos meios era extremamente importante, daí que Ginestal tentasse sempre estabelecer os contactos mais favoráveis à colectividade como o acordo com o senhorio ou a cobrança de espectáculos em que a Orquestra Típica participava, como o festival organizado pelo Esperança Atlético Clube, de Lisboa.¹⁷ Em Março de

conselho fiscal. Cf. Idem, acta da tomada de posse dos corpos gerentes para o triénio 1955-1957, 3/1/1955.

¹⁵ Idem, acta n.º 8, 11/5/1955.

¹⁶ Idem, acta n.º 13, 12/9/1955.

¹⁷ "... a Direcção do "Esperança Atlético Clube", de Lisboa, ainda não satisfizera o encargo monetário, cuja obrigação assumiu, de pagar à colectividade a quantia de 3400\$00, pelo Festival que a Típica

1955, Ginestal numa reunião de direcção referiu a débil situação financeira da colectividade pois as verbas eram insuficientes para cobrir os gastos mensais, mesmo aumentando as quotas, apesar de “... poder contar com o costumado subsídio do Governo Civil...”¹⁸ e de também esperar “... avistar-se com a vereação camarária para expor à Câmara a situação actual das nossas finanças, visto que, atendendo ao fim cultural da colectividade, às autarquias locais cumpre amparar e proteger todos os organismos culturais, e assim espera-se que a Câmara, no seu próximo orçamento suplementar, inclua uma verba para o Círculo...”¹⁹. Numa das reuniões seguintes, Ginestal “... historiou, detalhadamente, todas as diligências feitas junto do Presidente e de alguns vereadores da Câmara no sentido de se conseguir um subsídio superior para o Círculo Cultural, de forma a tornar mais fácil a sua missão cultural. Infelizmente (...) até à presente data nenhum subsídio veio da Câmara, nem mesmo no orçamento suplementar dessa autarquia local se incluiu qualquer verba para a nossa colectividade. Lamentando o facto, o Sr. Vice-Presidente leu um ofício dirigido à edilidade administrativa de Santarém, em que expõe a situação precária do Círculo e se solicita um auxílio monetário condizente com a (...) nossa obra cultural e artística.”²⁰. Para solucionar o problema, Ginestal acabou por se avistar com o governador civil que reforçou o subsídio com a verba de 2500\$00.²¹ Enquanto este apoio não se concretizava e “... como o tesoureiro declarou que se não achava habilitado a fazer a amortização de uma letra do Círculo ao Banco de Portugal, por escassez de fundos, o Dr. Ginestal Machado declarou que abonará, para essa operação, o dinheiro preciso.”²². Perante a obra cultural realizada e a realizar e a persistência de Ginestal com a colaboração de Artur Duarte, a Câmara aprovou um subsídio de 8000\$00. Mas, face aos inúmeros encargos, Ginestal resolveu “... officiar à Junta da Província do Ribatejo pedindo que seja elevado para 25 000\$00, o subsídio atribuído por aquela autarquia local ao Círculo Cultural.”²³. Novamente contava com a colaboração do presidente da colectividade, Artur Duarte, que era o responsável máximo da Junta. Para 1956, o Círculo obteve

realizou em Lisboa, na sede daquele referido Clube, no dia 19 de Junho (...) findo. O caso, por deliberação do Sr. Vice-Presidente, foi entregue a um advogado de Lisboa e já se encetaram as diligências necessárias para que entre no cofre da colectividade a importância ajustada. O Sr. Vice-Presidente expôs à Direcção as razões que tem obstado a que aquele Clube cumpra o seu dever de bom pagador. A Direcção deu plenos poderes ao seu Vice-Presidente, para fazer tudo o que humanamente for possível para a liquidação da referida dívida, indo até ao abatimento que achar conveniente, dentro do que for justo e para que o prejuízo da Direcção seja o menor possível.” in Idem, acta n.º 10, 20/7/1955.

¹⁸ Idem, acta n.º 4, 14/3/1955.

¹⁹ Idem.

²⁰ Idem, acta n.º 6, 20/4/1955.

²¹ Cf. acta n.º 10, 20/7/1955.

²² Idem, acta n.º 9, 11/6/1955.

²³ Idem, acta n.º 13, 12/9/1955.

apoios do Governo Civil, da Câmara e da Junta de Província, tendo as duas últimas atribuído um subsídio de 20 000\$00 cada. O Círculo também recebeu donativos da Alliance Française e de alguns sócios como o capitão Júlio da Costa Pinto. Perante estes apoios e o aumento do número de sócios, o passivo foi sendo amortizado.²⁴ Em Abril de 1956, o Círculo pediu subsídios para a Orquestra Típica e para a secção de teatro ao S.N.I. e para o Orfeão à Emissora Nacional. Para reforçar o pedido, solicitou as diligências do governador civil “... junto do Secretariado Nacional da Informação e da Emissora Nacional com o fim de conseguir subsídios para o Círculo (...) o Secretariado prometeu um subsídio para o próximo ano e que a Emissora, como sempre, alegara não ter verba para esta colectividade...”²⁵. No final de 1956, o Círculo resolveu pedir um subsídio ao Grémio de Comércio de Santarém que podia ser atribuído na forma de quota.²⁶ A 15 de Março de 1957, o ministro da Educação, Pinto Leite, deslocou-se a Santarém para inaugurar a Escola Industrial e Comercial, sendo convidado para visitar o Círculo, onde Ginestal expôs a obra associativa, cultural e artística da colectividade e os meios necessários e “imprescindíveis” para a sua expansão. O ministro atribuiu ao Círculo um subsídio de 6000\$00 e prometeu, perante a obra que viu “no campo da Arte e da Cultura”, “... estudar o assunto a ver da possibilidade de prestar ao Círculo (...) o justo prémio do seu esforço e de todas as suas louváveis iniciativas.”²⁷.

No rescaldo desta visita, o deputado do Círculo de Santarém, António Carlos Borges, discursou na Assembleia referindo que o ministro “...teve ocasião de verificar que os homens da região ribatejana, que não negam o seu gosto pela vida ao ar livre, pela força, coragem e destreza que mostram ao abrir os braços ante a arremetida furiosa de um touro e ao dominar a resistência vigorosa de um bom cavalo, que sofreu, como quase toda a gente, da delirante psicose dos desafios da bola também sabem interessar-se e até apaixonar-se pelos mais suaves e transcendentos prazeres do espírito. No Círculo Cultural visitou o Orfeão Scalabitano e Orquestra Típica, viu os alunos das escolas de dança clássica e folclórica, que, tanto pela elegância e aprumo da

²⁴ Cf. *Relatório e Contas da Direcção referentes à Gerência de 1955*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1956.

²⁵ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 28, 19/10/1956.

²⁶ Cf. *Idem*, acta n.º 29, 19/11/1956.

²⁷ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 34, 26/3/1957, p. 5v.

apresentação como pela perfeição das suas execuções e exibições, são o desvanecido orgulho da cidade e prova insofismável do seu gosto pela arte.”²⁸



O ministro da Educação Pinto Leite, o governador civil João de Castro Reis e Manuel Ginestal Machado no Círculo Cultural Scalabitano, 15/3/1957. Fotografia cedida por Maria Antónia Ginestal Machado.

Em Novembro de 1957, a Fundação Calouste Gulbenkian atribuiu ao Círculo um apoio monetário de 75 000\$00, que foi depositado no Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa e aplicado a amortizar algumas contas e “... na compra de material didáctico-pedagógico, instrumentos para Orquestra Típica e a reparação do que for aproveitável, aquisição dum gravador e gira-discos e remodelação da biblioteca.”²⁹. No ano seguinte, Ginestal iniciou contactos com o S.N.I. de forma a obter apoios para o Círculo, convencido “... que o mesmo Secretariado Nacional, desta vez, fará alguma coisa pela colectividade, tanto mais, que o mesmo senhor [César Moreira Baptista] conheceu perfeitamente a obra do Círculo e a sua filha [Ângela Júlia dos Santos Moreira Baptista] é madrinha desta colectividade, quando da visita a Cascais.”³⁰. Ginestal conseguiu obter subsídios do S.N.I., do Governo Civil e da Câmara. A troca deste último subsídio com “Os Leões” levou-o a “... esclarecer uma notícia que anda de boca em boca o que não corresponde à verdade. Em Fevereiro, a Câmara Municipal de Santarém, concedeu ao Círculo, uma parte do subsídio oficial, que costuma anualmente conceder à colectividade. Tendo o Grupo Desportivo Scalabitano “Os Leões” também a receber em Março ou Abril, depois de votado o orçamento suplementar, e, necessitando de urgência da mesma verba e, não causando do Círculo inconvenientes em virtude da sua situação

²⁸ *Diário das Sessões da Assembleia Nacional*, IV legislatura, sessão n.º 190, 20/3/1957.

²⁹ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 43, 13/11/1957, p. 14

³⁰ *Idem*, acta n.º 53, 28/3/1958, p. 28v.

financeira, foi acordado entre a direcção dos “Leões”, o vereador do pelouro Turismo e Cultura a cedência da posição ao Círculo. Por este facto foram passados os respectivos documentos, que ficaram em poder do tesoureiro do Círculo. Tendo sido votada a parte do subsídio que a Câmara atribuiu aos “Leões”, se cedeu à mesma colectividade a importância de 7 500\$00 (...) mais acrescentou, de que este acto é uso e costume entre as diversas colectividades, sem prejuízo para qualquer delas.”³¹. A tentativa de renovar os subsídios e apoios para 1959 encontrava-se comprometida. Ginestal assumiu que o Club de Santarém não tinha possibilidades de atribuir subsídios para “... proporcionar a manutenção de bolsas de estudo...”³². As esperanças do dirigente voltaram-se para a Fundação Calouste Gulbenkian, a quem enviou relatórios pormenorizados do trabalho desenvolvido pelas várias secções. Esta retribuiu com um subsídio de 30 000\$00, em Janeiro de 1959. No mês seguinte, uma equipa da Fundação, liberada por Azeredo Perdigão, visitou o Círculo a convite de Ginestal. A tomada de posse do brigadeiro Lino Dias Valente como governador civil, antigo orfeonista, executante da Orquestra Típica e sócio, esperançava os dirigentes do Círculo em obter mais apoios para a colectividade. Logo no início das suas novas funções, a 16 de Fevereiro de 1959, Lino Valente visitou o Círculo onde estabeleceu contacto com as diversas secções. Durante o beberete, Ginestal solicitou apoio ao dirigente político para a actividade cultural a desenvolver pela colectividade e que intercedesse junto do S.N.I. para obter um subsídio para o teatro, oferta de livros e revistas para a biblioteca e convites para a Orquestra Típica participar nalgumas festas.³³ Se o Círculo recebeu um subsídio do Governo Civil, o mesmo não se pode dizer do S.N.I., “... que não possui verba orçamental disponível que lhe permita subsidiar esse Círculo.”³⁴. Em Outubro de 1959, Ginestal e alguns membros da direcção do Círculo avistaram-se novamente com o governador civil para pedir apoio financeiro. Mais uma vez, ficaram-se pela boa vontade do dirigente político e pelas pequenas promessas.³⁵ O Círculo insistiu com o pedido de obter um subsídio do Governo Civil e a necessidade de marcar uma reunião com o ministro da Educação, apesar deste ter informado “... que não é possível conceder o pretendido subsídio por

³¹ Idem, acta n.º 54, 11/4/1958, pp. 30v-31.

³² Idem, acta n.º 62, 29/10/1958, p. 38v.

³³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 21/2/1959, pp. 1, 10; *Correspondência entre o Círculo Cultural Scalabitano e o Governo Civil do Distrito de Santarém*, Santarém, 1959-1977, 16/4/1959.

³⁴ *Correspondência entre o Círculo Cultural Scalabitano e o Governo Civil do Distrito de Santarém*, 1/6/1959.

³⁵ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 81, 23/10/1959, p. 62v.

falta de verba para o fim em vista.”³⁶. A reunião apenas se realizou a 20 de Fevereiro de 1960, mas os apoios desejados nunca se concretizaram.

Apesar das contingências financeiras, o Círculo manteve os apoios sociais aos componentes das suas secções que integravam “... pessoas de todas as classes sociais, credos e crenças, irmandades por igual amor à arte e à cultura...”³⁷. No início de 1955, um grupo de orfeonistas fez um pedido de assistência social, tendo a direcção do Círculo entregue “... a quantia de 200\$00 à família (...) necessitada da referida assistência.”³⁸. Em Dezembro de 1957, a direcção da colectividade apreciou “... a carta da Santa Casa da Misericórdia de Santarém sobre a conta em aberto, pelo internamento e medicação do que foi secretário e dedicado amigo deste Círculo, Américo Passos, e, sendo a mesma bastante elevada, resolveu-se que o Dr. Ginestal Machado instasse de novo junto da Mesa da referida Misericórdia, na redução dos preços da medicação agradecendo-se porém à mesma Mesa as facilidades concedidas pelo pagamento em prestações trimestrais conforme consta da sua carta.”³⁹. Na reunião da direcção de 27 Janeiro de 1958, “... foi lida a comunicação da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, sobre a redução de 20% dos medicamentos fornecidos ao nosso extinto consócio, Américo Passos, durante a sua hospitalização nos quartos particulares do Hospital da mesma instituição. Esta redução foi feita a título excepcional e em virtude da exposição verbal feita pelo nosso Vice-Presidente...”⁴⁰. Este apoio foi contestado pelo vogal Joaquim Cordeiro Jacob (1914-2005) que alertou para que de futuro o Círculo acautelasse os seus interesses perante semelhantes casos, “... embora reconheça que um gesto altruísta da parte dos directores que tomaram a iniciativa do internamento em quartos particulares, do falecido Américo Passos.”⁴¹. Paralelamente, o Círculo continuava a adquirir bilhetes de alguns espectáculos para oferecer aos orfeonistas necessitados e a participar em saraus de “caridade” sempre “... com elevado espírito altruísta, contribuindo, assim, para minorar as necessidades e sofrimentos alheios.”⁴². Na reunião de direcção realizada a 5 de Janeiro de 1958, Ginestal “...

³⁶ *Correspondência entre o Círculo Cultural Scalabitano e o Governo Civil do Distrito de Santarém*, 30/11/1959.

³⁷ Manuel Ginestal Machado, “O Círculo Cultural Scalabitano. Uma Obra Cultural que Honra a Cidade de Santarém, a Província do Ribatejo e todo o Portugal”.

³⁸ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 7, 30/9/1954.

³⁹ *Idem*, Vol. II, acta n.º 44, 2/12/1957, p. 15v.

⁴⁰ *Idem*, n.º 48, 27/1/1958, p. 21.

⁴¹ *Idem*.

⁴² Manuel Ginestal Machado, “O Círculo Cultural Scalabitano. Uma Obra Cultural que Honra a Cidade de Santarém, a Província do Ribatejo e todo o Portugal”.

procedeu à leitura duma carta assinada pelos consócios Manuel Marecos Henriques, José Carlos de Oliveira Sollas, António Mendes e Pedro Beja Santos onde se relata a situação precária de José Coelho, grande amigo do Coral Infantil e propõe que o mesmo Coral angarie meios para o coadjuvar na sua doença. Por todos foi aprovada a iniciativa, contudo, não se deve ir pedir de porta em porta, pois ficaria má impressão. Por isso, o Sr. Vice-Presidente, propôs e foi aprovado que da verba “Assistência”, de quando em quando, fosse fornecida a verba de duzentos escudos.”⁴³. O apoio social aos mais necessitados prosseguiu no mês seguinte quando, numa reunião da direcção, Ginestal “... procedeu à leitura duma carta assinada pelo executante da Orquestra Típica, Fausto Alexandre Pinto, em que pedia um auxílio reembolsável, para acudir às despesas com uma operação da sua esposa. Comentando o facto o mesmo senhor disse que estava ao facto do passado e que era verdade o que consta da mesma, pois interveio junto do médico operador, punha ao critério da direcção a concessão dum subsídio, ficando acordado, conceder pelo fundo de “Assistência” um donativo de quinhentos escudos e por empréstimo a importância de seiscentos escudos, reembolsáveis pelas saídas a efectuar pela Orquestra Típica, em que Fausto Alexandre Pinto teria que receber, de harmonia com o estabelecido, a sua gratificação por actuação.”⁴⁴.

O Círculo manteve em funcionamento as secções que integravam o Orfeão e o Club Literário. A Orquestra Típica e o Orfeão eram secções musicais com forte carisma e integradas dentro do espírito da obra de cultura popular defendida por Ginestal. O S.N.I. passou a investir na Orquestra Típica e no seu reportório de características populares e folclóricas. Os espectáculos quer na província quer na capital, desde que tivessem componente popular, contavam com a Típica que mantinha reportório de cariz popular ribatejano musicado por três dos seus maestros, os escalabitanos António Gavino, Casimiro Silva e Joaquim Luís Gomes e escrito pelo poeta José Luís Nazareth Barbosa. Nos espectáculos passou-se a associar à Orquestra a exibição de ranchos folclóricos, muitos deles fundados na década de 50 pelo entusiasmo de Celestino Graça, sendo esta por vezes acompanhada por dois fandanguistas. O Orfeão limitava-se ao grupo coral misto pois a sua Orquestra de Câmara não sobreviveu à década de 50. Todas as tentativas de criar uma orquestra, mesmo apenas de baile, foram infrutíferas. O reportório do Orfeão manteve vários temas eruditos ainda que, no período em que foi dirigido por Fernando Cabral, optasse por apresentar alguns temas de raiz popular de

⁴³ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. II, acta n.º 65, 5/1/1959, p. 42.*

⁴⁴ *Idem, acta n.º 67, 5/2/1959, pp. 46-47.*

algumas regiões de Portugal. A aposta de Ginestal no professor de Liceu Joel Canhão, a partir de 1958, coadjuvado pelo tenor Manuel Afonso, trouxe um reportório mais erudito escolhido entre os clássicos portugueses e europeus. Para além de escrever alguns temas para o Orfeão, o maestro investiu no ensino da música quer para adultos quer para crianças. Em Fevereiro de 1955, encontravam-se matriculados cento e trinta alunos em diversos anos de aprendizagem musical, enquanto se organizava um orfeão infantil com crianças de dez anos, legítimo herdeiro do Coral Infantil Scalabitano, anteriormente inserido no Club Literário, e que se apresentou pela primeira vez a 26 de Junho desse ano, sob a direcção de Joel Canhão.⁴⁵ Dois meses depois, os alunos do Coral apresentaram uma tarde infantil sob a orientação do maestro Canhão, do professor Luís Fernandes e de Alexandre de Sousa Passos (1931-) que ensaiou uma adaptação infantil do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, segundo Afonso Lopes Vieira.⁴⁶ No ano lectivo de 1955-56, o Círculo abriu inscrições para as de aulas de coral infantil, violino e piano, sendo respectivamente dirigidas por Joel Canhão, João Torres Costa e Fernando Silva.⁴⁷ No ano lectivo de 1956-57, as aulas do orfeão infantil abriram sob a direcção do maestro Joel Canhão, com a colaboração da pianista Maria de Lourdes Hintze Ribeiro e do músico Luís Fernandes. As aulas destinadas aos filhos dos sócios com idade mínima de 5 anos eram gratuitas, enquanto as aulas de violino dirigidas por João Torres Costa orçavam no valor de 50\$00 mensais para todos os alunos.⁴⁸ Em Janeiro de 1957, abriu no Círculo um curso de acordeão e harmónica de boca sob a direcção do professor alemão Siegfried Sugg, da Orquestra Hohner que dirigia o mesmo curso em Lisboa.⁴⁹ A direcção do Círculo mantinha preocupações pedagógicas até porque os cursos ministrados tinham equivalência ao Conservatório e apercebeu-se da “... necessidade de fiscalizar as aulas de Coral, interessando os encarregados de educação dos pequenos alunos para que se faça com verdade, a justificação de faltas, eliminando-se os que dêem faltas superiores ao que for superiormente resolvido.”⁵⁰ Na reunião de 28 de Julho de 1959, Ginestal opinou sobre “... a necessidade de modificar a orgânica que tem regido o “Coral Infantil”, entregue a uma pessoa, Luís Fernandes, dedicado colaborador, mas que a sua avançada idade não pode arcar já com responsabilidades, nem possui as condições pedagógicas que a secção necessita.

⁴⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 25/6/1955, p. 8.

⁴⁶ Cf. CCS - Programa, 24/4/1955.

⁴⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 15/10/1955, pp. 6, 10.

⁴⁸ Cf. Idem, 20/10/1956, p. 8.

⁴⁹ Cf. Idem, 19/1/1957, p. 8.

⁵⁰ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 30, 4/2/1957.

Quando da última “tarde infantil” o Coral Infantil destoou do resto do programa.”⁵¹ Estas tardes infantis eram o espelho do trabalho pedagógico desenvolvido em prol de formar crianças e jovens nas áreas da música, dança e teatro. A 24 de Maio de 1959, o Círculo apresentou uma tarde infantil no teatro Rosa Damasceno, onde actuaram o Coral Infantil dirigido por Manuel Afonso, que interpretou temas de folclore e de autoria de Joel Canhão, a Orquestra de Cordas (violinos e bandolins), constituída pelos alunos dos professores João Torres Costa e Luís Fernandes, que tocaram temas de Puccini, Verdi e Franz Lehar, a Classe de Dança Clássica, dirigida por Wanda Ribeiro da Silva, que dançou o bailado “Lili” com música de Prokofieff e baseado na peça de Paul Gallico, e Teatro Infantil, dirigido por Carlos Mendes que representou “A Lição do Tempo”, parábola em verso de Luís Francisco Rebelo.⁵² Alguns dos alunos participavam nas várias secções infantis e mantiveram-se ligados ao associativismo até à actualidade, como é o caso de José Narciso Ramos (1941-), actual encenador do Veto Teatro Oficina (secção de Teatro do Círculo), e Rui Manhoso (1942-), sócio do Círculo e de “Os Caixeiros”, presidente da direcção da Associação de Futebol de Santarém e actual vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol. No ano lectivo 1959-60, o curso de solfejo foi reformulado pelo maestro Joel Canhão, que leccionava os dois primeiros anos, enquanto o terceiro ano ficava a cargo de Diva Chantre, que também regeu o curso de violino. Os três últimos anos do curso ficavam a cargo da pianista Maria de Lourdes Hintze Ribeiro. As inscrições eram gratuitas, sendo de seis anos a idade mínima de frequência no curso.⁵³ A par destas apresentações cíclicas, realizavam-se sessões solenes de final do ano lectivo, onde o governador civil distribuía prémios pelos melhores alunos de música e dança após o qual eram apresentados filmes infantis cedidos por diversas embaixadas.

Em Setembro de 1955, Ginestal projectou aulas infantis de dança clássica e regional, estas últimas a partir de uma ideia de Celestino Graça. Assim, pretendia-se “... ampliar a acção de cultura popular do Círculo [ao] criar um pequeno curso de danças regionais, destinado a crianças de ambos os sexos, dirigido por Augusto Souto Barreiros...”⁵⁴, que orientava os Ranchos Folclóricos da Casa do Povo da Azinhaga e dos Pescadores do Tejo. O curso de Dança Clássica foi criado em Outubro desse ano, sob a direcção da professora e bailarina Bruna Barocchi, casada com o tenor Giovanni

⁵¹ Idem, Vol. II, acta n.º 78, 28/7/1959, p. 58v.

⁵² Cf. CCS – Programa, 24/5/1959.

⁵³ Cf. *Circular n.º 13*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 10/10/1959.

⁵⁴ *Correio do Ribatejo*, 15/10/1955, p. 6.

Voyer, director do curso de ópera da Juventude Musical Portuguesa. O curso destinava-se apenas a meninas dos seis aos dezasseis anos e atingiu o número de quarenta e cinco alunas.⁵⁵ Os dois grupos de dança estrearam-se no teatro Rosa Damasceno, a 8 de Junho de 1956, perante o olhar atento de Ginestal. As alunas de dança clássica apresentaram temas do bailado “Quebra-Nozes”, de Tchaikowsky, enquanto o Grupo Infantil de Dança Regional, secção do Círculo, dançou “Verde-Gaio”, “Fandango”, “Vira” e “Fadinho Batido”, tradicionais do Ribatejo. Na dança clássica, Ana Topinho Caldas, sobrinha de Ginestal, destacou-se pelo rigor da sua exibição, vindo a tornar-se bailarina profissional e directora da Companhia Nacional de Bailado, enquanto nas danças regionais os olhares se voltaram para António Fontes e Graça Maria Graça, filha de Celestino Graça, e ainda hoje directora dos Grupos Académico e Infantil de Danças Regionais de Santarém. Devido a uma doença grave, a professora Bruna Barochi foi substituída, em Novembro de 1956, por Wanda Ribeiro da Silva, antiga aluna do Conservatório Nacional que completou o curso na escola de Sadlers Wells, em Londres, e se tornou a primeira portuguesa diplomada que trabalhou em Paris com os professores de bailado Nora Preobagensky e Nordi. As aulas de dança clássica desta professora admitiam apenas raparigas dos cinco aos dezoito anos, que recebiam lições duas vezes por semana mediante a mensalidade de 80\$00.⁵⁶ Entre o número de alunas inscritas, salientavam-se as filhas das famílias mais bem posicionadas socialmente na cidade. No entanto, a professora Wanda da Silva concedeu gratuitamente às duas melhores alunas o ensino na Escola de Ballet em Lisboa, pagando o Círculo as deslocações, através de apoio concedido pelas empresas de camionagem da cidade, entre outros encargos.⁵⁷ A classe orientada por esta professora apresentou, a 30 de Junho de 1957, no teatro Rosa Damasceno, “Cenas Infantis” com música de Schumann e poesias de Afonso Lopes Vieira, ditas por José Luís Nazaré Barbosa e “Serenata da Boneca”, com música de Debussy. Neste espectáculo também se apresentou o Coral Infantil e o grupo de Teatro Infantil que representou “O Príncipe das Mãos Vazias”, de Adolfo Simões Muller, com encenação de Humberto de Ávila. O acompanhamento musical ficou a cargo de um pequeno grupo de elementos da Orquestra Típica e da Banda dos Bombeiros.⁵⁸ No ano lectivo de 1959-60, as aulas de dança clássica dirigidas por Wanda da Silva, para além de serem dirigidas a raparigas entre os cinco e os dezoito anos, abriram-se, pela primeira

⁵⁵ Cf. Idem.

⁵⁶ Cf. Idem, 20/10/1956, p. 8.

⁵⁷ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 44, 2/12/1957, p. 15v.

⁵⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 6/7/1957, p. 2.

vez, a rapazes dos cinco aos dez anos, sendo a mensalidade de 100\$00.⁵⁹ No ano seguinte, os rapazes podiam inscrever-se nas aulas de dança até aos dezoito anos.

A secção de teatro continuou a ser dirigida pelo professor do Conservatório Carlos de Sousa, que também leccionava aulas de arte de dizer e representar, coadjuvado por Alexandre Passos e António Cacho. Este último escreveu, em Setembro de 1954, o artigo “Uma Instituição que Honra Portugal” para a revista italiana de teatro “L’Arecchino”, onde elogiava a obra cultural e artística e o papel das secções Orfeão, Orquestra Típica e Teatro. A Iniciação Teatral “Actor Taborda” integrava a secção e ministrava aulas de arte dramática chegando a contar com trinta e cinco alunos, em 1955. A 7 de Outubro desse ano, os alunos da Iniciação Teatral apresentaram no Círculo as peças “As Cinco Vogais”, de Romeu Correia, “O Homem da Flor na Boca”, de Luigi Pirandello, e “Se eu soubera escrever”, de Duarte Lima, todas encenadas por Alexandre Passos.⁶⁰ A 26 de Março de 1956 decorreu um sarau de arte pelos referidos alunos que representaram as peças “A Gota de Mel”, de Léon Chancerel, traduzida por António Pedro, e “Os Malefícios do Tabaco”, de Anton Tchekhov, ambas ensaiadas por Carlos de Sousa.⁶¹ Entre 1950 e 1955 passaram pela secção de teatro sessenta e dois actores amadores que realizaram treze espectáculos em Santarém e cinco em Mação, Peniche, Beja e Montemor-o-Novo. No início de 1957, o professor Carlos de Sousa deixou o Círculo, o que levou Ginestal a procurar um novo professor de teatro. Por indicação de João de Freitas Branco, a escolha recaiu em Humberto d’Ávila, director do Teatro Popular de Lisboa e antigo colaborador de António Pedro no Teatro Experimental do Porto. O novo professor de teatro deslocava-se duas vezes por semana a Santarém e auferia a quantia mensal de 100\$00.⁶² Uma das grandes dificuldades do Grupo era recrutar mulheres devido “... à tacanhez do meio, e depois, o carácter realista de algumas peças, que encontram forte barreira nos preconceitos...”⁶³. Relativamente, ao critério de escolha do repertório o “... que nos interessa é que as peças quer as clássicas ou modernas, tenham alguma mensagem, estudem a sociedade ou nos ensinem algo como ainda hoje acontece com Gil Vicente e Shakespeare. Demonstra-o o público que ocorre e nos acarinha, embora, em parte pelo preço elevado que, devido aos encargos,

⁵⁹ Cf. *Circular n.º 13*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 10/10/1959.

⁶⁰ Cf. CCS – Programa, 7 e 8/10/1955.

⁶¹ Cf. *Idem*, 26/3/1956.

⁶² Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 32, 27/2/1957, pp. 2v-3.

⁶³ “Entrevista de José Carlos de Oliveira Sollas, director da secção de teatro do Círculo Cultural Scalabitano, a Viriato Camilo” in *Plateia*, 1/8/1958, p. 27.

somos forçados a estabelecer para cada espectáculo, não venha em número que satisfaça.”⁶⁴. A 2 de Março de 1959, a Iniciação Teatral “Actor Taborda”, apresentou o “Auto do Bom Pastor”, de António Manuel Couto Viana e a peça histórica em um acto “O Beijo do Infante”, de D. João da Câmara, ambas dirigidas pelo novo responsável do grupo, o actor amador Carlos Mendes.⁶⁵ Este, um dos mais emblemáticos actores amadores de Santarém, foi homenageado pelos seus vinte e um anos de actividade artística no Orfeão Scalabitano e posteriormente no Círculo Cultural, a 4 de Julho de 1959.⁶⁶ Durante o ano de 1959, a secção de teatro tentou manter a sua actividade quer em Santarém quer nos concelhos limítrofes. No entanto, esta secção não participou no concurso organizado pelo S.N.I. porque lhe foi impossível ensaiar uma peça em dois actos de um dramaturgo português, como previa o regulamento, em tão curto espaço de tempo.⁶⁷ Em Novembro de 1959, o grupo “Teatro de Ensaio”, afecto ao Círculo, editou cinquenta exemplares dos *Apontamentos da Arte de Dizer do Professor Carlos Sousa*.⁶⁸

A biblioteca Guilherme de Azevedo era uma secção que necessitava de ser dinamizada e da aquisição de obras de carácter educativo e de ficção, apesar da Alliance Française lhe ter oferecido uma colecção de livros. A modernização da biblioteca levou o Círculo, em 1957, a investir 6000\$00 na compra e restauro do fundo bibliográfico, com o objectivo de estimular a leitura domiciliária dos associados.⁶⁹ No ano seguinte, a biblioteca encontrava-se em remodelação após a aquisição de livros de autores portugueses e estrangeiros e a encadernação de “obras de valor”. Os sócios podiam requisitar obras para leitura domiciliária às 2.^a, 4.^a e 6.^a feiras, das 21 às 23 horas.⁷⁰ A partir de 1959, a secção encontrava-se reorganizada e o fundo bibliográfico reforçado com a aquisição de obras de autores clássicos portugueses e estrangeiros. Outro projecto do Círculo era a constituição de um espaço museológico que reflectisse o percurso de memórias não só do Círculo mas também das colectividades que o antecederam. Em 1956, o jornal *Diário Popular* fazia referência a este “... Museu de Recordações (...) que encerra todos os troféus, diplomas, galhardetes e figuras com trajos regionais que

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Cf. CCS – Programa, 2/371959.

⁶⁶ Cf. Idem, 4/7/1959.

⁶⁷ Cf. *Circular n.º 13*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 10/10/1959.

⁶⁸ Cf. *Apontamentos da Arte de Dizer do Professor Carlos Sousa*, coligidos por Florindo Custódio, Santarém, Tipografia do “Jornal do Ribatejo”, 1959. Entrevista a Florindo Raimundo Custódio (1933-), Santarém, 10 de Março de 2005.

⁶⁹ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 30, 4/2/1957.

⁷⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 25/10/1958, p. 10.

têm sido oferecidos ao Orfeão e à Orquestra Típica...”⁷¹. No ano seguinte, a Escola Industrial e Comercial de Santarém organizou juntamente com o Círculo, na sede da Comissão de Turismo, uma exposição de diplomas, troféus e objectos de arte que se encontravam no “museu do Círculo”.⁷²

No início de 1955, criaram-se duas novas secções no Círculo, a Numifilatelex e o Cineclube. Ginestal “... entendia que se devia aprovar definitivamente a criação dessas duas novas secções, pois, isso vinha demonstrar, mais uma vez, que o Círculo se propõe por todas as formas possíveis, conseguir a realização dos seus fins culturais e educativos, objectivo principal da sua existência.”⁷³. A Numifilatelex dedicava-se ao coleccionismo, filatelia, numismática e ex-librismo e pretendia “... promover o desenvolvimento daquelas modalidades artísticas...”⁷⁴ através da realização de exposições. A organização desta secção ficou a cargo de José Carlos de Oliveira Sollas com a colaboração de diversos coleccionadores da cidade. A secção organizou várias conferências no salão do Círculo: “A Pintura na Filatelia”, pelo padre Filipe Tojal (6/7/1955)⁷⁵; “Os Médicos na Filatelia”, por João Vieira Pereira (28/7/1956)⁷⁶; “A Arte Dominando o Homem, a Filatelia como Arte, no Apostolado Cristão”, por António da Silva Penna Peralta (25/2/1957)⁷⁷. A Numifilatelex organizou uma exposição de selos com motivos religiosos pertencentes a António da Silva Pena Peralta que se realizou no Círculo, nos dias 24 e 25 de Fevereiro de 1957.⁷⁸ O Cineclube começou por apresentar filmes ainda em 1954 sendo dirigido pelo advogado Eduardo Cambezes com a colaboração de Manuel Castela (1929-1982).

No plano de actividades para 1954, encontrava-se reflectido o desejo do Círculo participar nas comemorações nacionais do centenário de Almeida Garrett. Ginestal deslocou-se a Lisboa onde, após reunir com a Comissão Central das Comemorações, obteve a garantia de que a secção de Teatro do Círculo participaria na efeméride a 28 de Novembro, em Santarém, sob a orientação do professor do Conservatório, Carlos

⁷¹ *Diário Popular*, 11/2/1956.

⁷² Cf. *O Século*, 24/7/1957.

⁷³ *Circular n.º 3*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 16/2/1955.

⁷⁴ *Idem*.

⁷⁵ Cf. CCS – Programa, 6/7/1955.

⁷⁶ Cf. *Idem*, 28/7/1956.

⁷⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 23/2/1957, p. 10.

⁷⁸ Cf. *Idem*, 16/3/1957, p. 7.

Sousa.⁷⁹ No mês de Outubro, o delegado e secretário-geral da informação da referida Comissão, José Manuel da Costa, deslocou-se a Santarém para se avistar com o “... Governador Civil, ao qual informou que a Comissão a que pertence concordou que seja a secção de Teatro do Círculo a encarregada da realização da parte teatral no “Rosa Damasceno”, aceitando, assim, o oferecimento da referida secção, [e] que todas as despesas do Festival seriam por conta da Comissão Central.”⁸⁰ A Comissão Nacional do Centenário de Almeida Garrett promoveu uma viagem alusiva ao itinerário da obra “Viagens na minha Terra”, a partir de Vila Nova da Rainha. O capitão Júlio da Costa Pinto (1894-1969) guiou o grupo de duzentos excursionistas que percorreu de camioneta os espaços da obra de Garrett, visitando a Quinta no Vale de Santarém, alusiva à “Joaninha dos Olhos Verdes”, onde a família Rebelo da Silva ofereceu um beberete. Em Santarém, os visitantes foram recebidos na Junta de Província e no Círculo que lhes ofereceu um jantar no Ginásio do Seminário. À noite, decorreu o sarau no teatro Rosa Damasceno, sob o alto patrocínio do S.N.I., onde Manuel Lopes de Almeida, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, proferiu uma palestra intercalada pela leitura de algumas páginas da obra garrettiana, por Joaquim Campos. Os alunos da secção de Teatro do Círculo, sob a direcção de Carlos Sousa, apresentaram a peça em um acto de D. João da Câmara, “O Poeta e a Saudade”, seguida pela representação de “O Alfageme de Santarém”, de Almeida Garrett.⁸¹ As comemorações terminaram com a conferência “Garrett, esse Desconhecido”, proferida pelo professor do Liceu José Gomes Braz, na sede do Círculo, a 9 de Dezembro.⁸²

Os concertos radiofónicos transmitidos pela Emissora Nacional mantiveram a sua regularidade mensal (primeiras sextas-feiras), sendo a primeira apresentação feita pelo Orfeão a 29 de Outubro de 1954, sob a direcção do maestro Fernando Cabral, com a audição da peça “Amanhecer”, com música de Antonino Pestana e versos de Laura Chaves.⁸³ No mês seguinte, o Orfeão apresentou a primeira audição de “Cantares”, de Manuel Tino⁸⁴ e em Março de 1955, estreou no seu concerto radiofónico “Serenata” de Schubert. O maestro Joel Canhão dirigiu pela primeira vez um concerto radiofónico a 21 de Outubro de 1955, onde apresentou a composição de Fernando Lopes Graça,

⁷⁹ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 2, 31/1/1955.

⁸⁰ Idem, acta n.º 8, 15/10/1954.

⁸¹ Cf. CCS – Programa, 28/11/1954; *Correio do Ribatejo*, 27/11/1954, p. 1; *O Século*, 25/11/1954.

⁸² Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 13, 2/12/1954.

⁸³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 30/10/1954, pp. 1, 10.

⁸⁴ O concerto realizou-se a 19 de Novembro. Cf. Idem, 20/11/1954, p. 1.

“Maria da Conceição”, extraída do folclore da Beira Baixa.⁸⁵ A 27 de Janeiro de 1956, comemorou-se o centésimo concerto radiofónico transmitido pela Emissora Nacional, organizado pelo Círculo e com o patrocínio das madrinhas do Orfeão.⁸⁶ Durante a tarde foi descerrada uma lápide com o nome do maestro Luís Silveira, pela filha e genro do maestro, Maria Georgina Silveira Anjos Teixeira e o escultor Anjos Teixeira, dando o nome à rua onde se encontra a sede do Círculo, a antiga travessa dos Bacelos. Na homenagem prestada pela Câmara Municipal discursaram os presidentes da Câmara e do Círculo, respectivamente Jacob Pinto Correia (-1974) e Artur Proença Duarte, perante os representantes da Associação Académica, “Caixeiros”, Emissora Nacional e componentes da Orquestra de Concerto da Emissora Nacional. À noite, no teatro Rosa Damasceno, actuaram o Orfeão que tocou temas do folclore nacional, de Saint-Saens, Bach e Haendel; a nova Orquestra de Concerto da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Frederico de Freitas e com o violoncelista Carlos de Figueiredo, que se apresentou pela primeira vez fora dos estúdios da Emissora; e a Orquestra Típica que tocou temas do seu maestro com destaque para “Ribatejo em Festa”, sendo solistas Dilma Melo e José Carlos Garcia (1934-). O sarau terminou com uma homenagem a Manuel Ginestal Machado que foi elogiado por Artur Proença Duarte e por Maria de Lourdes Hintze Ribeiro como sendo a alma de todas as manifestações artísticas do Círculo, sendo-lhe oferecido um pergaminho inserido em capa de pele e prata com uma mensagem de agradecimento.⁸⁷ No mês seguinte, o Orfeão apresentou no seu centésimo primeiro concerto radiofónico a audição da peça “Barca Bela”, de Armando Leça.⁸⁸ A 31 de Janeiro de 1958, o Orfeão comemorou os cento e vinte concertos radiofónicos com a exibição de temas de Cláudio Carneiro e Frederico de Freitas. “Rádio e Televisão” publicou, a 7 de Março de 1959, um artigo dedicado à presença mensal do Círculo, através do Orfeão e da Orquestra Típica, aos microfones da Emissora Nacional nomeadamente nos Serões para Trabalhadores, onde defendeu que a colectividade “... vem efectuando uma verdadeira e magnífica obra de cultura popular, criando naquela cidade um salutar clima de boa compreensão entre os seus habitantes, muito propício à

⁸⁵ Cf. Idem, 22/10/1955, p. 1; *Jornal de Notícias*, 28/10/1955.

⁸⁶ Maria de Lourdes Nobre Trigos Hintze Ribeiro, Branca Maria Batalhoz Caldas Correia Pereira, Maria da Glória Vinagre Alfaiate, Maria Pureza Zarco da Câmara Teotónio Pereira e Maria Antónia de Brito Ginestal Machado.

⁸⁷ Sobre o sarau comemorativo do 100.º concerto radiofónico do Orfeão cf. *Correio do Ribatejo*, 28/1/1956, pp. 1, 10; 4/2/1956, pp. 1, 8; 18/2/1956, p. 5; *Festa*, 27/1/1956, pp. 1, 7, 9, 10; *O Século*, 28/1/1956; *Comércio do Porto*, 29/1/1956; *Jornal de Sintra*, 29/1/1956; *Jornal de Notícias*, 5/2/1956; *Diário Popular*, 11/2/1956; *Vida Ribatejana*, 1956, p. 63; *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 20, 30/1/1956.

⁸⁸ O concerto decorreu a 17 de Fevereiro. Cf. *Correio do Ribatejo*, 25/2/1956, p. 1.

elevação espiritual do homem. Do Círculo fazem parte pessoas de todas as classes e categorias sociais, irmanadas todas elas por igual amor à cultura e à arte.”⁸⁹.

Os saraus culturais do Círculo inauguraram-se a 3 de Junho de 1955 e mantiveram o seu figurino anual e local de realização, o teatro Rosa Damasceno. O primeiro destes saraus decorreu âmbito da II Feira do Ribatejo, onde actuaram o Orfeão sob a direcção do maestro Fernando Cabral e que apresentou temas portugueses de Joel Canhão, Manuel Fino, Raposo Marques e Antonino Pestana seguidos de clássicos de Schumann, Bach e Haendel. Na segunda parte do espectáculo, actuou a Orquestra Típica dirigida por Casimiro Silva e apresentada por José Luís Nazareth Barbosa que tocou temas do folclore ribatejano e beirão. O sarau terminou com a representação das peças “Súplica da Cananea”, de Gil Vicente e “Velhacarias de Scapin”, de Molière, pelos alunos da secção Iniciação Teatral “Actor Taborda”, encenados pelo professor Carlos Sousa.⁹⁰ O sarau de 17 de Maio de 1957 foi dedicado a todas as madrinhas do Orfeão e do Círculo das diversas localidades visitadas⁹¹ que foram recebidas no Círculo e participaram num jantar em sua honra no Hotel Abidis presidido pelo governador civil. O espectáculo iniciou-se com a actuação do Orfeão, dirigido por Joel Canhão que acompanhou ao piano a primeira audição de “Ave-Maria”, de Schubert. Os temas escolhidos intercalaram-se entre o folclore, temas de Verdi e do próprio maestro. Na segunda parte, o grupo de Iniciação Teatral, dirigido por Humberto de Ávila, representou a fábula e sátira à vida contemporânea, em um acto “Sísifo e a Morte”, de Robert Merle, traduzida por José Saramago. Na terceira parte, actuou a Orquestra Típica, dirigida por Casimiro Silva, que estreou “Só eu”, de Orlando Settimelli, e os temas “Aguarela” e “Tempos que não Voltam”, do maestro, seguida da actuação do Grupo Infantil de Danças Regionais, orientado por Celestino Graça. O sarau terminou com a interpretação da peça regional “Aguarela Arraiana”, de Casimiro Silva, que dirigiu o Orfeão e a Orquestra Típica. O ponto alto do espectáculo decorreu quando o Círculo recebeu da Câmara Municipal de Santarém a medalha de ouro pelos serviços

⁸⁹ “O Círculo Cultural Scalabitano aos Microfones da Emissora Nacional” in *Rádio e Televisão*, 7/3/1959, p. 6.

⁹⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 11/6/1955, p. 12; BMS – Programa, 3/6/1955.

⁹¹ Na homenagem estiveram presentes as madrinhas Maria Eduarda Roque de Almeida (Covilhã), Maria Celeste de Oliveira Salgueiro (Aveiro), Maria José Queiroga Mira (Évora), Maria Eduarda Mendes (Leiria), Maria Guadalupe de Paiva Magalhães Calado (Caldas da Rainha), Josefina Mello Matos Tavares (Mação), Maria Amália Neves Higgs Rodrigues (Rio Maior), Mariana de Fátima Cançado Crujo (Beja), Maria Teresa Monteiro Trindade (Castelo Branco), Ângela Júlia dos Santos Moreira Baptista (Cascais), Maria José Marçal Gabirra (Almeirim). Santarém fez-se representar por Maria de Lourdes Trigo Hintze Ribeiro, Maria da Glória Vinagre Alfaiate, Maria da Pureza Zarco da Câmara Teotónio Pereira e Maria Antónia de Brito Ginestal Machado.

prestados na área da cultura, das mãos do presidente Jacob Pinto Correia⁹², e as insígnias da Ordem da Instrução Pública, atribuídas pelo ministro da Educação, das mãos do governador civil, João Castro Reis.⁹³ Após a imposição das insígnias do Grau de Oficialato da Ordem de Instrução Pública no estandarte do Círculo, actuaram o Orfeão sob a batuta de Joel Canhão e a Orquestra Típica, dirigida pelo maestro Joaquim Luís Gomes. O teatro experimental do Círculo apresentou a encenação de Humberto d'Ávila da peça “Entremez da Guarda Costeira”, de Miguel Cervantes, adaptação e versão de Leopoldo Araújo.⁹⁴ A 2 de Maio de 1958, decorreu mais um sarau anual na presença do secretário do S.N.I., Moreira Baptista, e de membros da administração da Fundação Calouste Gulbenkian. No sarau realizado a 12 de Maio de 1959, o Orfeão apresentou, entre outros temas, “Reginaldo”, harmonização de Joel Canhão do romance popular que José Régio aprendeu com a velha ama e que Fernando Lopes Graça publicou na “Antologia de Canções”, com as solistas Maria de Lourdes Dória Bastos, Manuel Joaquim Afonso, António Alfaiate, Narciso Nogueira e o narrador Carlos Mendes. O Grupo de Iniciação Teatral “Actor Taborda” representou a peça “A Fera Amansada” de Shakespeare, traduzida por Acácio de Paiva e com direcção artística de Carlos Mendes. O sarau terminou com a actuação da Orquestra Típica.⁹⁵

O Círculo também apresentou com regularidade Saraus de Arte que se realizavam no seu teatro e se destinavam exclusivamente aos sócios. A 11 de Maio de 1956, decorreu um sarau sob o patrocínio do professor Giovanni Boyer e onde colaboraram as cantoras Madalena Andersen e Maria Beatriz Horta, a bailarina clássica Maria Antónia Vasconcelos e ao piano as professoras Edith Moutinho e Helena do

⁹² A medalha de ouro da cidade foi atribuída por proposta do vereador Caetano Marques dos Santos e aprovada em reunião de Câmara por unanimidade: “Considerando que nesta cidade tem a sua sede o Círculo Cultural Scalabitano, colectividade que hoje engloba, num todo de extraordinário valor artístico, os antigos e prestigiados Grémio Literário Guilherme de Azevedo e Orfeão Scalabitano; considerando que esta agremiação cujas principais secções existentes há trinta anos, têm desempenhado um papel cultural notável e fecundo, que muito tem elevado e dignificado o bom-nome da cidade de Santarém, designadamente através de mais de cem concertos radiofónicos do seu Orfeão na Emissora Nacional, de inúmeras exhibições da sua afamada Orquestra Típica, e ainda pelo desenvolvimento artístico da juventude, por intermédio das aulas de música, do Coral Infantil e de outras secções de igual valor; considerando ainda que a mesma colectividade sempre generosa e brilhantemente colabora em obras de beneficência e em iniciativas de interesse local e regional; considerando, finalmente, que um dos mais belos reflexos de toda a sua meritória obra é a aproximação fraternal entre Santarém e outras terras do país; proponho que ao prestimoso Círculo Cultural Scalabitano seja concedida a medalha de ouro, em reconhecimento dos altos e relevantes serviços prestados à nossa querida cidade, ao concelho de Santarém e à Região do Ribatejo.” in *Livro de Actas da Câmara Municipal de Santarém*, 3/10/1956.

⁹³ Sobre o sarau das madrinhas cf. *Correio do Ribatejo*, 11/5/1957, pp. 1-2; 18/5/1957, p. 10; *O Século*, 18/5/1957; *Diário de Notícias*, 18/5/1957.

⁹⁴ Cf. CCS – Programa, 2/5/1958.

⁹⁵ Cf. Idem, 12/5/1959; *Correio do Ribatejo*, 16/5/1959, p. 6.

Nascimento.⁹⁶ Em 1957, os referidos saraus retomaram o nome de Horas de Arte, tendo o primeiro decorrido a 15 de Março em homenagem à visita do ministro da Educação. Nele, actuaram o Orfeão dirigido por Joel Canhão que apresentou exclusivamente temas do folclore português e a Orquestra Típica regida por Casimiro Silva que estreou o tema “Campinos da Azinhaga”, de José Reis. O espectáculo terminou com a palestra, “Música da Nossa Gente”, por Armando Leça, no âmbito da sua recolha etnomusicológica, “... primeiro contributo oficial de fôlego para a preservação da cultura musical tradicional.”⁹⁷ A 19 de Dezembro de 1958, decorreu na sede do Círculo uma Hora de Arte, onde actuaram o Coral Infantil, o Orfeão e a Orquestra Típica, perante os jornalistas convidados Tomé de Barros Queirós e Gentil Marques.⁹⁸ Na reunião de 28 de Setembro de 1959, Ginestal defendeu “... que havia necessidade de promover com a maior assiduidade a realização de Horas de Arte, indo assim ao encontro do espírito do subsídio da Fundação Calouste Gulbenkian...”⁹⁹.

O Dia do Orfeonista continuou a ser organizado anualmente por um grupo de sócios liderado por António Cacho. O programa era variado pois contemplava actividades desportivas e musicais, para além do almoço de confraternização e baile. No programa do Dia do Orfeonista de 1955 que decorreu a 19 de Junho, constava um jogo de futebol no Campo Alfredo Aguiar entre os naipes de tenores e baixos para a disputa da taça Círculo Cultural, um almoço de confraternização, um torneio inter-naipes nas modalidades de ténis de mesa, bilhar, damas e xadrez entre baixos e tenores, futebol de mesa entre contraltos e sopranos, um serão de confraternização, um baile e a eleição da Rainha do Orfeão.¹⁰⁰ No ano seguinte, comemorou-se a Semana do Orfeonista que incluiu, a 15 de Julho, um concerto de piano pelo maestro Joel Canhão, que tocou temas de Chopin e Schumann, e um recital pelos cantores Cristina Maria, Armando Guerreiro e Manuel Leitão acompanhados ao piano por Mário Pelegrini, que interpretaram temas de Donizetti, Rossini e Verdi¹⁰¹. Os bailes organizados pelo Círculo eram frequentados pela maioria dos sócios, componentes das secções e familiares directos e decorriam periodicamente, encontrando-se os de passagem de ano e Carnaval entre os mais

⁹⁶ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 23, 30/5/1956; CCS – Programa, 11/5/1956.

⁹⁷ Daniel Melo, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Lisboa, ICS, 2001, p. 270.

⁹⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 27/12/1958, p. 6.

⁹⁹ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 79, 28/9/1959, p. 60v.

¹⁰⁰ Cf. CCS – Programa do Dia do Orfeonista, 19/6/1955.

¹⁰¹ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 25, 31/7/1956.

animados. Esses bailes realizavam-se na sede da colectividade, tinham serviço de bar, ceias e pastelaria e eram abrilhantados por orquestras locais, como a Scalabis, ou de Lisboa, como a Monumental. Algumas das “soirées” dançantes eram dinamizadas por sócios da colectividade e/ou por componentes da Orquestra Típica. Em Julho de 1958, organizaram-se convívios entre os participantes das várias secções do Círculo. Estes incluíam actividades diversas como jogos de futebol, piquenique junto ao Tejo, romagem ao cemitério, bailes, viagem a Sintra, Praia das Mações e Cascais e um serão de arte que incluiu membros do Orfeão e da Orquestra Típica e os artistas da rádio Maria de Fátima Bravo, Paulo Alexandre e Américo Lima, que interpretaram canções do maestro Joaquim Luís Gomes, que os dirigiu.¹⁰²

O Círculo promoveu algumas conferências com o objectivo de enriquecer culturalmente os sócios e seus familiares. A 15 de Junho de 1955, o professor do Liceu e director do Ateneu Comercial de Santarém, José Gomes Braz, apresentado por Leonardo Ribeiro de Almeida, dissertou sobre o “Conceito de Amor em Camões”.¹⁰³ O reitor do Liceu de Castelo Branco, Sebastião Morão Correia, participou na conferência “Evolução da Cultura Portuguesa na Índia”, a 5 de Dezembro de 1956, numa sessão abrilhantada pela actuação do Coral Infantil e do Orfeão.¹⁰⁴ O escritor e jornalista Mário Ventura Henriques dissertou sobre “Santarém na Evolução da Arte Popular”, ilustrada com fotografias de Eduardo Gajeiro. O conferencista aludiu aos defensores do património local como João Arruda e exortou os locais para que “... tornem o passado da sua cidade como modelo do seu futuro...”¹⁰⁵, no que foi bastante elogiado por Ginestal. A 11 de Março de 1958, Luís Francisco Rebelo debateu as “Tendências Actuais do Teatro Contemporâneo”.¹⁰⁶ Nesse ano, Ginestal garantiu a presença de Vitorino Nemésio numa conferência que por motivos desconhecidos não se veio a realizar.¹⁰⁷

Ao longo do ano, o Círculo promovia diversas actividades, por vezes em parceria com outras entidades. A 13 de Dezembro de 1954, o Orfeão “Tomaz Alcaide” de Estremoz, dirigido pelo maestro Manuel João Alves, visitou Santarém sob a égide do

¹⁰² Cf. *Jornal do Ribatejo*, 17/7/1958, p. 3.

¹⁰³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 18/6/1955, p. 8.

¹⁰⁴ Cf. *Idem*, 8/12/1956, pp. 1, 8.

¹⁰⁵ *Idem*, 11/5/1957, p. 2.

¹⁰⁶ Cf. *Idem*, 15/3/1958, p. 10.

¹⁰⁷ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 64, 1/12/1958.

Círculo e com o apoio da madrinha Maria Bárbara Worisch. O grupo cénico dos visitantes apresentou a fantasia musicada “Terras de Folia”.¹⁰⁸ Através do patrocínio do jornal *Festa* e de Gentil Marques, o Círculo apresentou, exclusivamente aos sócios, a 18 de Maio de 1955, a peça “As Mãos de Euridice”, de Pedro Bloch, representada pelo actor brasileiro Rodolfo Mayer. Perante o êxito obtido, o actor tornou-se sócio de honra do Círculo.¹⁰⁹ A 26 de Julho de 1956, organizou conjuntamente com a Associação Académica uma sessão comemorativa do bi-centenário de Mozart onde participaram o musicólogo João de Freitas Branco e o concertista Eduardo Marques.¹¹⁰ A 12 de Janeiro de 1958, a Fundação Musical dos Amigos das Crianças de Lisboa, criada e dirigida pela professora Adriana de Vecchi, apresentou uma tarde infantil dedicada à juventude de Santarém e patrocinada pelo Círculo.¹¹¹ A actriz, escritora, jornalista e declamadora brasileira Margarida Lopes de Almeida, sócia de honra do Círculo, apresentou-se pela terceira vez em Santarém, a 21 de Maio de 1958, para declamar poemas de autores portugueses e brasileiros, abrindo o recital com “Ode ao Ribatejo” de Cardoso dos Santos.¹¹² Dois dias depois, foi a vez do Trio Vocal Mozart composto por Joseph Collins (barítono), Lee Meredith (soprano) e John Yard (barítono) e acompanhado ao piano por Alfred Neumann, actuar no salão de festas do Círculo com a colaboração da Sociedade de Concertos de Lisboa.¹¹³ A 28 de Fevereiro de 1959, deslocou-se a Santarém o escritor brasileiro Erico Veríssimo acompanhado pela mulher Mafalda Veríssimo, o filho Luís Fernando, o representante dos Livros do Brasil, Sousa Pinto, e o delegado do S.N.I., Jorge Sena. Os visitantes foram acompanhados por Ginestal no seu percurso pela Biblioteca Municipal, Jardim das Portas do Sol e Círculo Cultural, onde o escritor foi convidado a proferir uma conferência.¹¹⁴ Durante a romagem ao túmulo de Pedro Álvares Cabral, na Igreja da Graça, o escritor começou por parar “... a contemplar a igreja, recuando um ou dois passos para ganhar perspectiva, preparando-se de seguida para transpor o pórtico. Curiosamente, após ter entrado com Ginestal Machado e os senhores que o acompanhavam, um pequeno grupo de indivíduos, obviamente polícia à paisana, interpôs-se, formando barreira e impedindo a entrada a quem quer que fosse.”¹¹⁵ Entre 1 e 8 de Abril de 1959, o Círculo apresentou uma

¹⁰⁸ Cf. Idem, Vol. I, acta n.º 13, 2/12/1954.

¹⁰⁹ Cf. *Festa*, n.º 8, 19/5/1955, p. 12.

¹¹⁰ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 25, 31/7/1956.

¹¹¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 18/1/1958, pp. 1, 8; *Diário de Lisboa*, 13/2/1958.

¹¹² Cf. CCS – Programa, 21/5/1958.

¹¹³ Idem, 23/5/1958.

¹¹⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 25/2/1958, p. 1.

¹¹⁵ Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, p. 43.

exposição com reproduções de quadros dos pintores norte-americanos mais representativos do século XX, em colaboração com a embaixada dos Estados Unidos, que cedeu o material exposto.¹¹⁶ Em Outubro de 1959, o salão do Círculo foi cedido para uma passagem de modelos da Casa de Modas dos Irmãos Branquinho Santos. As festas de Natal eram dedicadas às crianças das famílias dos sócios e dos componentes de todas as secções que as organizavam e dinamizavam. No Natal de 1954, actuaram o Coral Infantil e os palhaços Juanito e Tonecas numa “pantemina cómico-musical”, enquanto os componentes da secção de teatro apresentaram o “Auto de Natal”, de José António Ribeiro. O Pai Natal distribuiu bolos e brinquedos a todas as crianças, incluindo as dos asilos, que eram convidadas a assistir.¹¹⁷

Consciente da importância da Feira do Ribatejo, Ginestal pretendeu associar o Círculo ao projecto a partir de 1955. Todos os contactos foram estabelecidos pelo vice-presidente coadjuvado pelo delegado Leonardo Ribeiro de Almeida. À semelhança de outros expositores, o Círculo pretendia construir um pavilhão no certame que pudesse reutilizar nas feiras dos anos seguintes. A colectividade munuiu-se do projecto e chegou a pedir um orçamento ao construtor civil Manuel Pereira de Figueiredo, pois esperava “... obter auxílio monetário do Club de Santarém, da Casa do Ribatejo e também uma comparticipação do Estado, segundo promessa feita, em tal sentido, pela Comissão da Feira...”¹¹⁸. No entanto, as promessas financeiras não se concretizaram, o que impossibilitou a construção do pavilhão apesar dos intensos esforços de Ginestal. Em último recurso, o Círculo tentou adquirir o pavilhão da pastelaria Abidis, de Diamantino Veloso, que já se encontrava construído. Também aí os argumentos monetários foram insuficientes.¹¹⁹ Apesar do fracasso relativo à construção e/ou aquisição do pavilhão, o Círculo participou no festival de encerramento da Feira do Ribatejo, a 5 de Junho de 1955, através da exibição da Orquestra Típica dirigida por António Gavino.¹²⁰ Na entrega dos prémios de participação aos representantes do Círculo, o representante da Comissão Organizadora da Feira, Celestino Graça, elogiou Ginestal “... pela notável acção cultural que vem desempenhando, na direcção do Círculo...”¹²¹. No ano seguinte,

¹¹⁶ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 69, 5/3/1959, pp. 49-49v.

¹¹⁷ Cf. *Idem*, Vol. I, acta n.º 13, 2/12/1954.

¹¹⁸ *Idem*, acta n.º 4, 14/3/1955.

¹¹⁹ Cf. *Idem*, acta n.º 7, 2/5/1955.

¹²⁰ Cf. *Festival Internacional de Folclore, Bodas de Prata – Retrospectiva*, Santarém, [s.n.], 1983, p. 7; *Correio do Ribatejo*, 11/6/1955, pp. 1, 12; *Vida Ribatejana*, n.º especial, 1955, p. 32; *Diário de Lisboa*, 5/6/1955.

¹²¹ *Correio do Ribatejo*, 25/6/1955, p. 8.

a Comissão da III Feira do Ribatejo em colaboração com o Círculo promoveu a realização de um concurso literário onde foram admitidos inéditos de poesia, conto, novela, crónica, ensaio, dramaturgia, e, restringidas a temas ribatejanos, a monografia regional e a reportagem. Também podiam concorrer composições musicais, quer populares quer eruditas.¹²² No espectáculo de encerramento da Feira de 1956, o Orfeão, a Orquestra Típica e a Banda dos Bombeiros apresentaram “Ode de Exaltação ao Ribatejo”, escrita por Cardoso dos Santos e musicada pelo maestro Herculano Rocha, num total de cento e cinquenta executantes em palco.¹²³ Em 1957, a Comissão da Feira voltou a solicitar a colaboração das secções do Círculo. Dois anos depois, a colectividade foi convidada a elaborar um programa onde todas as secções se apresentassem num espectáculo a realizar no último dia da Feira. A colectividade aceitou o desafio e apresentou, a 13 de Junho, o Orfeão, dirigido pelo maestro Joel Canhão, a secção de teatro que representou a peça passada na lezíria ribatejana “À Sesta”, de Faustino dos Reis Sousa, com direcção artística de Carlos Mendes, e a Orquestra Típica, dirigida pelo maestro Joaquim Luís Gomes. O espectáculo terminou com a peça “Ronda Ribatejana”, com letra de A. Sousa Freitas, “verdadeiro hino ao Ribatejo”, apresentada pelo Orfeão e Orquestra Típica sob a direcção de Joaquim Luís Gomes.¹²⁴ Esta foi a última vez que as secções do Círculo participaram conjuntamente na Feira do Ribatejo.

À semelhança do que sucedia no Orfeão, o Círculo continuou a organizar viagens quer de comboio quer de camioneta que permitiam alargar os horizontes dos escalabitanos através do convívio e da partilha de experiências culturais. A 27 de Maio de 1956, os excursionistas deslocaram-se em “expresso popular” a Castelo Branco, numa viagem de ida e volta que orçou em 53\$00 por pessoa. Na embaixada visitante deslocaram-se as secções do Orfeão, do Grupo Cénico e da Orquestra Típica, os Grupos Académico e Infantil Regionais de Santarém, a Banda dos Bombeiros e os Ranchos dos Campinos da Casa do Povo da Azinhaga e dos Pescadores do Tejo. Em dois comboios especiais deslocaram-se cerca de quinhentas pessoas acompanhadas pelos dirigentes políticos e agentes culturais de Santarém. Após a recepção de boas vindas por parte das entidades albacastrenses, os excursionistas visitaram a biblioteca e o museu, para além de participarem na inauguração do monumento a Amato Lusitano, do escultor Martins

¹²² Cf. *O Século*, 12/3/1956; *República*, 14/3/1956; *O Comércio do Porto*, 14/3/1956.

¹²³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 23/6/1956, pp. 1, 4, 10.

¹²⁴ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 71, 20/4/1959, p. 52v; CCS - Programa, 13/6/1959.

Correia, onde a Banda dos Bombeiros entoou o hino nacional. Nos jardins do Paço decorreu um concerto da Banda e a exibição dos grupos folclóricos ribatejanos. O sarau decorreu à noite no cine-teatro Avenida, sob o patrocínio da madrinha local, Maria Teresa Monteiro Trindade, e contou com o Orfeão, composto por quarenta e seis elementos distribuídos segundo a tradicional formação clássica de vozes femininas à frente e masculinas atrás, a Orquestra Típica acompanhada pela exibição dos dançarinos dos ranchos e a Iniciação Teatral “Actor Taborda” que apresentou a peça “A Gota de Mel” dirigida por António Cacho. Após um animado convívio, os excursionistas regressaram de madrugada ao Ribatejo. Em consequência desta viagem, o jornal albicastrense *Reconquista* decidiu criar um Círculo Cultural em Castelo Branco seguindo o modelo do escalabitano que se ofereceu para apadrinhar a obra.¹²⁵ A fim de retribuir uma visita realizada em 1948, Santarém deslocou-se a Cascais, a 12 de Agosto de 1956, para celebrar o sexagésimo aniversário dos Bombeiros Voluntários locais. Os excursionistas e as entidades oficiais escalabitanas visitaram alguns locais dos concelhos de Sintra e Cascais a convite dos presidentes da Câmara, respectivamente César Moreira Baptista e José Raposo Pessoa. À tarde, a Banda dos Bombeiros de Santarém tocou algumas das suas marchas nos jardins do Museu Conde Castro Guimarães, após o qual recebeu a medalha de ouro da Associação de Bombeiros Voluntários de Cascais. O espectáculo terminou com a exibição dos Ranchos dos Pescadores do Tejo (adultos e crianças) e Folclórico do Vale de Santarém, sob a orientação de Celestino Graça. O sarau nocturno foi organizado pela Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários e decorreu no Recinto da Patinagem de Cascais. Perante a presença da nova madrinha do Círculo, Ângela Júlia dos Santos Moreira Baptista, filha de César Moreira Baptista, actuaram o Orfeão, dirigido pelo maestro Joel Canhão e composto de sessenta e dois elementos (quinze mulheres e quarenta e sete homens), o Grupo Infantil Scalabitano de Dança Regional e a Orquestra Típica, dirigida por Casimiro Silva. Após a ceia, os visitantes regressaram de madrugada no “expresso popular”, no qual gastaram 35\$00 por pessoa. Santarém convidou Cascais para retribuir a visita no ano seguinte. O problema é que para além das colectividades desportivas não existiam outras que pudessem representar a vila. As duas bandas e os grupos cénicos tinham desaparecido e, apesar de existirem figuras típicas na vila ligadas à pesca como varinas, pescadores e camponeses, ainda não se tinha organizado um rancho folclórico. A cortesia de retribuir a visita ficou,

¹²⁵ Cf. Idem, Vol. I, acta n.º 25, 31/7/1956.

temporariamente, fora de questão.¹²⁶ A 14 de Junho de 1957, algumas secções do Círculo acompanhadas por muitos escalabitanos deslocaram-se a Vila Franca de Xira pela terceira vez. O sarau decorreu no cine-teatro, para celebrar o 66.º aniversário do Ateneu Artístico Vilafranquense e contou com a actuação do Orfeão, do grupo de Iniciação Teatral que representou “Sísifo e a Morte” e da Orquestra Típica acompanhada pelos fandanguistas José do Rosário e Joaquim Mendes. No final do espectáculo, José Van-Zeller Pereira Palha, acompanhado por raparigas do Rancho Folclórico de Vila Franca e pela nova madrinha do Círculo, Maria Noémia Ferreira de Moura, ofereceu mil e duzentas rosas da sua Quinta do Cabo às senhoras de Santarém. A noite terminou com uma ceia e um convívio que envolveu cerca de trezentas pessoas.¹²⁷ Os excursionistas do Círculo deslocaram-se a Torres Vedras, a 18 de Maio de 1958, com uma breve paragem nas Caldas da Rainha onde visitaram o Museu Malhoa. A embaixada escalabitana que integrava os representantes políticos da cidade e do distrito depôs um ramo de flores no monumento comemorativo das Linhas de Torres, antes de visitar a Biblioteca Municipal, o Museu, as instalações da Casa Hipólito e da Tuna Comercial Torreense, onde foi inaugurada uma exposição de artes plásticas. À noite, decorreu o sarau no teatro-cine Ferreira da Silva com o produto a reverter a favor da assistência local. Após a madrinha local, Maria Gracinda Arruda, ter colocado uma fita no estandarte da colectividade, actuaram o Orfeão, a Orquestra Típica, o Teatro Experimental “Actor Taborda”, que repetiram o reportório apresentado no seu sarau anual, e o Grupo Infantil de Danças Regionais.¹²⁸ No seu discurso, Ginestal afirmou “... que o Círculo trouxe a Torres uma mensagem de arte, de paz e de cultura, ao mesmo tempo que fazia sinceros votos para que na bela vila torriense fosse criado um círculo cultural (...) que fomenta entre os homens o melhor entendimento...”¹²⁹. A 2 de Maio de 1959, os excursionistas escalabitanos deslocaram-se à Covilhã para assistir ao sarau cultural realizado no teatro-cine local, a convite do Club Nacional de Montanhismo. Antes da exibição da Orquestra Típica, o grupo Iniciação Teatral “Actor Taborda” apresentou a peça “A Fera Amansada”. No dia seguinte, os excursionistas passearam pela serra da Estrela, uma vez que pernoveram na Colónia Infantil da Montanha, e no

¹²⁶ Sobre a visita a Cascais cf. *Correio do Ribatejo*, 18/8/1956, pp. 1, 4, 10; *A Nossa Terra*, n.º 123, 9/8/1956, pp. 1, 6, 7, 11; n.º 124, 25/8/1956, pp. 1, 4, 5, 7, 8; *Vida Ribatejana*, Agosto de 1956; *O Século*, 18/8/1956; *Diário de Notícias*, 18/8/1956.

¹²⁷ Sobre a deslocação a Vila Franca de Xira cf. *Vida Ribatejana*, 14/8/1957, pp. 1-2; *Correio do Ribatejo*, 15/6/1957, p. 2; *O Século*, 15/6/1957; *Diário de Notícias*, 15/6/1957; *O Primeiro de Janeiro*, 16/6/1957; *Comércio do Porto*, 19/6/1957.

¹²⁸ Sobre a deslocação a Torres Vedras cf. *Badaladas*, 1/6/1958, pp. 1, 4; *Correio do Ribatejo*, 24/5/1958, p. 3.

¹²⁹ *Diário de Notícias*, 19/5/1958.

regresso visitaram Castelo Branco. Pela primeira vez, os representantes políticos da cidade não acompanharam esta embaixada cultural.¹³⁰

O Círculo tornou-se delegado da Juventude Musical Portuguesa¹³¹, em Fevereiro de 1955, após contactos estabelecidos entre Ginestal e o presidente da Juventude, João de Freitas Branco. A 19 de Novembro desse ano, o Círculo apresentou o curso de ópera da Juventude, onde actuaram António Alvarinho, Carlos Jorge, Laura Lima, Leontina de Miranda, Luís França e Maria Teresa de Almeida, que cantaram temas de Verdi, Puccini e Donizetti. As sopranos Helena Barros e Fernanda Machado, o tenor João Rosa e o barítono Luís França, artistas do curso de ópera, actuaram no serão de arte de 21 de Abril de 1958, onde foram apresentados trechos líricos de Verdi, Puccini, Alfredo Keil e Rossini.¹³² A Juventude Musical Portuguesa promoveu, na sede do Círculo, um concerto pelos artistas do grupo de ópera, a 30 de Outubro de 1959. As sopranos Maria Teresa Almeida, Fernanda Machado e Aida Versteeg, o tenor João Rosa, o barítono Luís França e o baixo Carlos Fonseca interpretaram temas de óperas de Mozart, Puccini e Verdi, sendo acompanhados ao piano por Edith Moutinho.¹³³

O Círculo manteve a sua parceria com a Alliance Française da qual se tornou delegado em Santarém, na sequência do que sucedeu com o Orfeão. Para além da regência das aulas de língua e cultura francesa, as ligações culturais mantiveram-se com a deslocação a Santarém de músicos e conferencistas francófonos. Em 1954, a Alliance atribuiu a quantia de mil escudos ao Círculo “... como recordação e agradecimento pelo muito que o Orfeão Scalabitano concorreu para o conhecimento e expansão em Santarém daquela instituição cultural francesa.”¹³⁴. Robert Rey, formado em direito, professor da Escola Nacional de Belas Artes, herói da Grande Guerra e membro da Resistência Francesa, apresentou a 8 de Novembro de 1954, no teatro Taborda, a conferência “Histoire du Palais et du Musée du Louvre”. Também apresentaram conferências, no âmbito desta parceria, o escritor, professor e crítico literário Max-Pol

¹³⁰ Sobre a deslocação à Covilhã cf. *Correio do Ribatejo*, 9/5/1959, pp. 1, 10; *Vida Ribatejana*, 16/5/1959; *Notícias da Covilhã*, n.º 1983, 9/5/1959, pp. 4, 8.

¹³¹ “A Juventude Musical Portuguesa é uma associação sem fim lucrativo, de jovens músicos para todos os jovens. O seu Curso de Ópera foi criado em Setembro de 1954, com o fim de se formar uma companhia lírica portuguesa que apresente frequentemente espectáculos de ópera ao público da Juventude Musical Portuguesa e, inclusivamente, ao público em geral. Para este efeito, foi encontrado um professor estrangeiro que desse garantias, não só do conhecimento da técnica do canto, mas também da arte de representação no espectáculo lírico, o tenor Giovanni Voyer...” in CCS - Programa, 19/11/1955.

¹³² Cf. *Correio do Ribatejo*, 26/4/1958, p. 10.

¹³³ Cf. Idem, 31/10/1959, p. 10.

¹³⁴ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 8, 15/10/1954.

Fouchet, que versou sobre “Maitres Français du 19 ème Siècle: Cézanne et le Génie Méditerranéen”, a 10 de Abril de 1956; o engenheiro químico, matemático e presidente da associação dos escritores científicos F. le Lionnais que dissertou sobre “La Vie dans l’Univers” (22/2/1957). Em Dezembro de 1954, o professor do Conservatório Nacional de Música, Fernando Laires, apresentou num recital de piano temas de Chopin, Listz, Ruy Coelho, Beethoven e Debussy. No ano seguinte, a Alliance proporcionou concertos com o violoncelista brasileiro Mário Camerini e a pianista italiana Nella Basola Maissa.¹³⁵ No encerramento do ano lectivo de 1955-56, o Círculo e a Alliance apresentaram um sarau onde participaram o coro infantil da colectividade e alunos de piano e violino. A cantora Maria Adelaide Robert e a pianista Maria Celeste de Carvalho Silva interpretaram reportório clássico (Debussy, Fauré, Ravel, Saint-Saens) e canções populares francesas das regiões da Normandia e da Bretanha.¹³⁶ A 14 de Dezembro de 1959, a pianista francesa France Clidat apresentou um recital no Círculo onde tocou temas de Chopin, Ravel, Liszt e Debussy.¹³⁷ Um ano depois, o pianista Michael Sendrez e a bailarina e coreógrafa Anne Sendrez, discípula de Maurice Béjart e Kurt Jooss, apresentaram um repertório do clássico ao modernista.¹³⁸ Para além de espectáculos musicais e conferências, a Alliance também promoveu a apresentação de filmes no Círculo cedidos através da embaixada francesa. O Círculo, em colaboração com o Comissariado de Turismo Francês, promoveu um festival infantil de cinema para os filhos dos seus sócios que se realizou a 6 de Maio de 1956. As crianças visionaram os filmes “Zamzabela em Paris”, de Sonika Bô e “Bim, o Burrinho”, de Albert Lamorisse, após o qual foram convidadas a participar num concurso. Estas deviam fazer uma redacção sobre o que gostaram mais de ver nos filmes e enviar os trabalhos para o Círculo, pois “... os melhores serão publicados num grande jornal...”¹³⁹. Em Março de 1956, esteve patente numa sala do Círculo uma exposição de fotografias sobre o teatro francês, cedida pelo Comissariado Geral do Turismo Francês.¹⁴⁰ A partir do ano lectivo de 1956-57, os cursos práticos de francês especiais para alunos de liceu e escola técnica e aperfeiçoamento da civilização francesa passaram a ser leccionados na sede do Círculo, mantendo como professor, Luís Eugénio Ferreira¹⁴¹. As propinas mensais

¹³⁵ Cf. CCS – Convites, 8/11/1954, 10/4/1956, 22/2/1957; CCS – Programas, 19/12/1954; 17/4/1955.

¹³⁶ O sarau decorreu a 25/6/1956. Cf. CCS – Programa, 25/6/1956.

¹³⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 12/12/1959, p. 10.

¹³⁸ Cf. CCS - Programa, 10/12/1960.

¹³⁹ Idem, 6/5/1956.

¹⁴⁰ Cf. Idem, 26/3/1956.

¹⁴¹ Em 1956, o governo francês atribuiu-lhe uma bolsa de estudo para um estágio pedagógico em Paris. O seu ordenado era de 25\$00 por cada aluno inscrito e, anualmente, Ginestal Machado gratificava-o com

variavam entre os 45\$00 pagos no primeiro mês e os 25\$00 dos restantes. As relações entre as duas instituições foram sempre próximas e cordiais apenas se registando algum mau estar com o incidente protagonizado pelo jovem pianista Eric Heidsieck. Este actuou a 12 de Maio de 1955, durante um festival promovido para a apresentação dos três primeiros prémios do Conservatório de Paris, nos quais se incluía também a cantora Edith Selig e do violetista André Vauquet e que executaram temas de Chopin, Schumann, Schubert, Debussy, Fauré e Ravel. Eric Heidsieck gerou grande expectativa em redor da sua actuação, quando “... ao atacar uma das primeiras peças e sem que de principio tivéssemos notado qualquer anomalia, vimos o jovem pianista levantar-se indignado, batendo com a tampa do piano rispidamente. Depois, levantou os braços e proferiu: “Impossible de jouer d’un piano ou il manque une touche!”, seguido de uma série de improperios (...) Numa cadeira da frente, na plateia, o Dr. Humberto Lopes mimoseava o artista, despejando todo o vocabulário reservado para tais ocasiões, enquanto eu [Luís Eugénio Ferreira], D. José da Câmara e o Dr. Ginestal (este muito agastado), subíamos ao camarim onde o pianista se refugiara, para explicações óbvias embora pouco convincentes. O piano tinha sido afinado e revisto dias antes pelo que a falha de uma nota dever-se-ia certamente a qualquer acidente mecânico aleatório (...) O jovem pianista foi acalmando, sendo a sua reaparição no palco sublinhada por uma estrondosa ovação, da parte de uma assistência cujos ouvidos só muito eventualmente notariam a falha de uma simples nota no decurso de uma execução brilhante.”¹⁴². No entanto, o engenheiro Rodrigo Arnaut Pombeiro, delegado em Santarém da I.G.P.A.L., escreveu para a embaixada francesa, a 14 de Maio, onde contestava a falta de educação de Heidsieck. Na resposta de 25 de Maio, o adido cultural Pierre Hourcade desculpava-se pelo sucedido e referia que o artista estava cansado devido às viagens da digressão, nervoso com a actuação e com o estado em que se encontrava o piano em que devia tocar. No dia 1 de Junho, D. José da Câmara, presidente da Alliance Française, recebeu uma carta do subdirector do Conservatório de Paris que acompanhou a digressão em causa. Este esperava que o incidente não alterasse as relações culturais entre os dois países, nem as digressões a Santarém.¹⁴³ Paralelamente ao estudo da língua francesa, o Círculo também promoveu, a partir de 1958, um curso de língua inglesa, dirigido por

1000\$00 pelo trabalho desenvolvido ao longo de cada ano lectivo. Entrevista a Luís Eugénio Ferreira, Santarém, 20 de Setembro de 2004.

¹⁴² Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, p. 20.

¹⁴³ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 7, 2/5/1955; *Correio do Ribatejo*, 25/6/1955, pp. 1, 8.

António Vilela Figueiró, que integrava aulas práticas, conferências, exhibições de filmes e linguafone. A propina mensal orçava em 50\$00.

Em Dezembro de 1954, o Círculo Cultural tinha oitocentos e quarenta e oito sócios fruto da unificação do Orfeão e do Club Literário e da união de esforços em redor deste novo projecto associativo.¹⁴⁴ A própria família Ginestal aderiu ao projecto com a inscrição de Maria de Almeida Topinho, Mariana e Armando Ginestal Machado, respectivamente mãe e irmãos do vice-presidente do Círculo.¹⁴⁵ No ano seguinte, o número de sócios aumentou para novecentos e quarenta e três, pois entraram duzentos e dezanove sócios, dos quais duzentos e oito novos e onze readmitidos, e saíram cento e dezanove sócios, cinquenta e oito a seu pedido, dezassete por falta de pagamento, quatro faleceram e quarenta ausentaram-se de Santarém. Entre estes predominavam os comerciantes, os funcionários públicos, os empregados no comércio e os industriais. As mulheres integravam essencialmente as secções do Orfeão e de Teatro e na sua maioria eram domésticas ou empregadas no comércio.¹⁴⁶ Infelizmente, não existem dados estatísticos nem fichas de sócios que permitam calcular o número exacto de associadas, que seria em menor número relativamente aos homens. No entanto, o Círculo desde o início que se apresentou como a colectividade que mais mulheres atraiu nas suas fileiras, até pelas actividades que desenvolveu. Ao longo da gestão, Proença Duarte / Ginestal Machado foi constante o apelo ao aumento do número de sócios, especialmente de mulheres. Em Janeiro de 1958, surgiu uma campanha de integração de novas orfeonistas, o que levou à adesão das mulheres do maestro Joel Canhão e do dirigente Joaquim Jacob, de forma a obter a confiança de outras mulheres. Ginestal abriu as portas durante as sessões de gravação e ensaios a todos os associados, de forma a estimular a “propaganda” porque “... o Círculo precisa de mais sócios, devido a tal apelamos para todos os consócios a fim de trazerem novos colaboradores a esta obra de verdadeira cultura popular, em prol da cidade e do Ribatejo.”¹⁴⁷ No segundo ano de vida da colectividade, a maioria dos associados continuava a ser empregada no comércio e funcionária pública conforme se pode verificar pelo quadro.

¹⁴⁴ Cf. *Relatório e Contas da Direcção referentes à Gerência de 1955*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, Janeiro de 1956, p. 19.

¹⁴⁵ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 10, 2/11/1954.

¹⁴⁶ *Relatório e Contas da Direcção referentes à Gerência de 1955*, pp. 19-21.

¹⁴⁷ *Circular n.º 13*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 10/10/1959.

Quadro demonstrativo das profissões dos sócios do Círculo Cultural Scalabitano – 1955¹⁴⁸	
Agentes técnicos de engenharia	6
Agricultores	3
Comerciantes	165
Criados hoteleiros de café e clubes	7
Directores de institutos de ensino	2
Domésticas	32
Engenheiros agrónomos	13
Engenheiros civis	7
Engenheiros silvicultores	1
Estudantes	16
Empregados no comércio	105
Empregados de escritório	59
Enfermeiros	5
Ferrovieiros	3
Funcionários das autarquias locais	30
Funcionários bancários e de institutos de crédito	33
Funcionários corporativos	18
Funcionários dos CTT	16
Funcionários de finanças	9
Funcionários de firmas comerciais, sindicatos, hotéis e cafés	44
Funcionários do Governo Civil	3
Funcionários de inspecções agrícolas, pecuárias	7
Funcionários de institutos agrícolas, pecuários	13
Funcionários de institutos de sanidade	4
Funcionários judiciais e forenses	22
Funcionários de obras públicas, hidráulica	5
Funcionários públicos aposentados	7
Graduados e guardas da PSP	3
Industriais	101
Inspectores de seguros	2
Licenciados em ciências	5
Licenciados em direito	23
Médicos	26
Médicos veterinários	11
Motoristas	5
Oficiais do exército	26
Padres Católicos	1
Professores liceais	14
Professores de música	5
Professores primários	8
Professores universitários	1
Proprietários	50
Regentes Agrícolas	18
Sargentos do exército	9

¹⁴⁸ Cf. *Relatório e Contas da Direcção referentes à Gerência de 1955*, pp. 20-21.

A política e a religião eram assuntos afastados do convívio dos sócios dentro da colectividade. As salas da sede apenas eram cedidas para actividades ligadas à arte e à cultura. Em reunião de direcção, realizada a 21 de Outubro de 1957, “... deliberou-se não autorizar a cedência das dependências do Círculo, para a realização de festivais e reuniões, fora do ambiente cultural que é apanágio desta colectividade ...”¹⁴⁹. As ligações do Círculo a cerimónias de componente política eram esporádicas e tinham por objectivo honrar compromissos com as entidades que o apoiavam financeiramente ou obter outros apoios. Em 1955, participou na sessão comemorativa do “estatuto do trabalho”, enquanto no “Dia da Raça” de 1957, realizado em Santarém, o Orfeão cantou na igreja da Graça na recepção ao ministro da Marinha, Cardoso de Miranda, exibindo-se conjuntamente com a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional, dirigida pelo maestro Frederico de Freitas, após a conferência de Manuel Lopes de Almeida.¹⁵⁰ A amizade entre Ginestal Machado, Artur Duarte e o governador civil Lino Dias Valente, e os anos difíceis após as eleições de 1958, levaram o Círculo a participar nalguns eventos, como assegurar a presença na estação de Santarém quando o Presidente da República, Américo Tomás, passou em direcção ao norte para inaugurar a barragem do Picoto, em Abril de 1959. No mês seguinte, numa reunião de direcção, Ginestal informou que “... a Comissão da Feira do Ribatejo solicitou verbalmente, para que a Orquestra Típica actuasse durante o almoço em honra do Presidente da República, quando da sua visita à cidade e inauguração da Feira. Embora a colectividade se mantenha afastada de toda acção política, pensa que o caso é de participar, visto tratar-se da cidade e bem assim de patentear ao incontestável Chefe de Estado uma das mais conceituadas Orquestras Típicas Portuguesas. A direcção aceitou o convite havendo necessidade de informar o maestro e executantes, para não ferir susceptibilidades de quem quer que seja.”¹⁵¹. Os convites para participar em sessões especiais da União Nacional em Santarém eram declinados por Ginestal em favor de Artur Duarte.¹⁵² O Círculo pretendeu “... que o Orfeão possa realizar emissões, fora da sede, e em qualquer dos templos católicos de Santarém, durante o período pascal, com o programa de carácter religioso, para o que se resolveu solicitar autorização às entidades eclesiásticas

¹⁴⁹ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. II, acta n.º 42, 21/10/1957, p. 13.*

¹⁵⁰ Cf. *Diário de Notícias*, 12/6/1957.

¹⁵¹ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. II, acta n.º 71, 26/4/1959, p. 54.*

¹⁵² Cf. Correspondência entre o Círculo Cultural Scalabitano e o Governo Civil do Distrito de Santarém, 1/4/1959.

da cidade.”¹⁵³. Nesse âmbito, o Orfeão realizou um concerto de música sacra, na igreja do Seminário, a 12 de Abril de 1957.¹⁵⁴

Ginestal Machado era um dirigente disciplinado e disciplinador. Para ele, o Círculo era uma “jóia” a manter de forma disciplinada, sendo o regulamento para cumprir.¹⁵⁵ Assim, em Março de 1955, Ginestal criou um prémio de assiduidade e dedicação para os membros do Orfeão. Os prémios eram aliciantes e reflectores das poucas oportunidades de viajar da época.¹⁵⁶ A liderança de Ginestal era incontestada e a sua saída da colectividade vista pela grande maioria dos sócios como uma perda irrecoverável. Em Fevereiro de 1957, durante uma sessão de cinema realizada no teatro Rosa Damasceno, Ginestal defendeu a mãe de uma orfeonista e a própria que haviam sido ofendidas verbalmente por alguns empregados do teatro. Estes apresentaram queixa contra Ginestal que consideraram “menos correcto” a “... um dos guardas da Segurança Pública, que fiscalizava o serviço do teatro nessa noite, redigiu-se e assinou-se a queixa, que foi logo apresentada no Comando da Polícia e daí seguiu para o Tribunal Civil.”¹⁵⁷. Perante a situação, o dirigente e advogado resolveu pedir a demissão para que o nome da colectividade não fosse envolvido no conflito. A direcção do Círculo, liderada por Artur Duarte, reuniu-se de urgência a pedido de um grupo de orfeonistas a fim de evitar o abandono do seu vice-presidente. Os outros membros da direcção recusaram aceitar o pedido de demissão, argumentando que Ginestal tinha sido correcto e que não podia deixar por concluir uma obra grandiosa como a que se iniciara no Círculo. Se ele se demitisse, também a restante direcção se demitia. Perante o apoio e solidariedade recebidas, Ginestal retirou o seu pedido de demissão.¹⁵⁸ No dia 1 de Março, o *Diário de Notícias* publicou uma entrevista a Ginestal intitulada “O Círculo Cultural Scalabitano e

¹⁵³ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. I, acta n.º 30, 4/2/1957.*

¹⁵⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 6/4/1957, p. 1.

¹⁵⁵ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. I, acta n.º 15, 28/9/1955.*

¹⁵⁶ O 1.º prémio era um bilhete de ida e volta a uma cidade do norte ou do sul do país e 200\$00 para pagamento da alimentação e alojamento durante dois dias, no valor de 350\$00. No caso de ser uma senhora a vencedora tinha o direito de se fazer acompanhar por outra pessoa desde que familiar ou cônjuge que recebia também um bilhete e 150\$00 para despesas com alojamento e alimentação, no valor de 500\$00. O 2.º prémio era um bilhete de ida e volta a Lisboa, bilhete de ingresso para um espectáculo e 50\$00 para alimentação. No caso de ser uma senhora a premiada também pode deslocar-se acompanhada recebendo mais um bilhete para a viagem e outro para o espectáculo. O 3.º prémio era um livro sobre música. Dez diplomas de assiduidade concluíam a lista de prémios. Cf. “Prémio de Assiduidade – Regulamento” in *Livro Vermelho: Documentos Avulsos*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1955-1958.

¹⁵⁷ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. I, acta n.º 31, 12/2/1957.*

¹⁵⁸ Cf. *Idem*.

a sua Obra de projecção Nacional e Internacional”¹⁵⁹, onde mais uma vez reforçou os objectivos do ambicioso projecto que dirigia. Em Março de 1958, surgiram alguns casos de indisciplina quer na Orquestra Típica quer no Orfeão, onde se registou uma agressão.¹⁶⁰ Perante proposta de Ginestal são expulsos três elementos da Orquestra e dois orfeonistas. No entanto, os problemas de indisciplina persistiram quando alguns orfeonistas abandonaram os ensaios por motivos desconhecidos. A direcção do Círculo decidiu expulsar onze orfeonistas, para que tais actos não se repetissem e “... considerando que os mesmos orfeonistas tomaram uma atitude que vai contra o bom andamento dos ensaios, considerando que foi uma manifestação premeditada de indisciplina; considerando que foi uma falta da correcção para com os directores presentes e para com o próprio maestro (...) a direcção lastima os factos ocorridos e as sanções a aplicar, mas para bem da moral, da disciplina e bom-nome do Orfeão, há que ser severo. Lamenta que entre os que tomaram parte na manifestação de abandono do ensaio haja alguns orfeonistas que tenham recebido subsídio de assistência do Círculo.”¹⁶¹.

O Palácio da Música

Em Fevereiro de 1932, um grupo de associados do Orfeão resolveu construir uma “sede artística” que lhes permitisse libertar-se da dependência da sede do Grémio Literário Guilherme de Azevedo. Apesar dos cépticos, “... aqueles cépticos fatais que tolham sempre o caminho das elevadas iniciativas, que a época não está para tais “divagações”, que a vida se faz de “coisas práticas, que isto de música são “cantigas” (...) a ideia vai encontrar o melhor acolhimento da parte da nossa terra, que espera ver com satisfação o fruto duma tão nobre como arrojada iniciativa.”¹⁶². O engenheiro Mendonça Ribeiro encarregou-se de elaborar o projecto do edifício de forma “... generosa e desinteressadamente (...) e de solicitar à Câmara Municipal que lhe seja concedido o terreno para aquela edificação – que compreenderá um grande salão de concertos, salas para funcionamento de cursos musicais, anexos – com a cláusula do edifício reverter a favor do município no caso, nada provável, de dissolução do

¹⁵⁹ Cf. *Diário de Notícias*, 1/3/1957.

¹⁶⁰ O orfeonista Evandre Almeida foi agredido pelo orfeonista Victor Faria, por a mulher do primeiro, Natália Almeida, comentar o caso amoroso registado entre o segundo e a orfeonista Otília Lopes. Os dois orfeonistas enamorados foram expulsos porque tencionavam viver maritalmente, “... situação que não é de aceitar por ir contra o decoro e boa reputação do Orfeão...”. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 51, 4/3/1958, p. 25.

¹⁶¹ Idem, acta n.º 52, 15/3/1958, pp. 26v-27.

¹⁶² *Correio da Extremadura*, 13/2/1932, p. 2.

Orfeão.”¹⁶³. Para a construção do “Palácio da Música” contou-se com donativos vários pois “...há já quem dê toda a cal necessária à construção e alguns vagões de madeira...”¹⁶⁴ e o apoio da Câmara que deliberou ceder um terreno, “... que há quem localize no largo das Amoreiras...”¹⁶⁵. A comissão provisória presidida pelo coronel Alberto Cardoso dos Santos iniciou o seu trabalho tendo “... a ideia da construção em Santarém de um Palácio da Música que há-de ser a sede do Orfeão Scalabitano e da Banda dos Bombeiros desta cidade (ao mesmo tempo que será uma Escola Livre e Pública de cultura geral para as classes menos instruídas)...”¹⁶⁶. A dissolução nada provável do Orfeão acabou por acontecer e “... o Palácio da Música em Santarém ficou em escala... cromática...”¹⁶⁷.

Na década de 40, com o ressurgimento do Orfeão, a ideia de construir uma sede persistiu “... com um pouco de boa vontade de alguns homens ricos e amigos da sua terra, que os há nesta cidade, por subscrição pública, poderia iniciar-se, com o auxílio do Município, a construção de um pequeno “palácio da música e da arte”, que o Estado comparticiparia, à semelhança do que se tem feito noutras terras do País.”¹⁶⁸. Esta ideia veio a ser reforçada por Ginestal Machado aquando da sua intervenção no II Congresso do Ribatejo, onde defendeu a necessidade do Orfeão ter uma sede própria “condigna e adequada” que, construída com o apoio do Estado, devia chamar-se Palácio da Música do Ribatejo.¹⁶⁹

A demolição do espaço cedido por Joaquim Matta para a Banda dos Bombeiros ensaiar, e a falta de um espaço sede para o Orfeão e para o Coral Infantil, levaram o comerciante Florentino Dias Vigário a publicar no *Correio do Ribatejo*, de 18 de Novembro de 1950, uma carta aberta onde propunha a construção de um espaço para concertos através de subscrição pública que ele abriu com a quantia de 1000\$00. Vigário acrescentava que “... para uma obra dessa envergadura poderíamos contar, certamente, com a decidida colaboração do operariado escalabitano (...) além da ajuda que os lavradores, proprietários e comerciantes não negariam, contribuindo para a

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ Idem, 20/2/1932, p. 8.

¹⁶⁵ Idem, 5/3/1932, p. 2.

¹⁶⁶ Idem, 20/2/1932, p. 2.

¹⁶⁷ Idem, 17/9/1932, p. 6.

¹⁶⁸ *O Século*, 11/4/1946.

¹⁶⁹ Cf. Manuel Ginestal Machado, “Difusão da Cultura no Ribatejo”, p. 370.

realização de uma obra que a todos interessa.”¹⁷⁰, sendo imprescindível o apoio do Governo Civil, da Câmara, da Junta de Província e do Estado “... que à cultura popular estão dando notável desenvolvimento...”¹⁷¹. O gesto altruísta foi louvado pelo jornal que contribuiu com 500\$00 para uma obra que “... seria de todos e para todos, não havendo por certo quem se recusasse a participar no empreendimento que dotaria a cidade com uma Casa da Música à altura das suas tradições artísticas.”¹⁷². Nas semanas seguintes, a causa angariou mais 2550\$00 de donativos, enquanto o desenhador João António de Oliveira e Cunha se ofereceu para colaborar de forma graciosa no projecto da Casa.¹⁷³ Mais uma vez, acreditava-se “... que a Casa da Música foi ideia que não caiu em terreno sáfaro, prometendo frutificar se não lhe faltar adubação conveniente...”¹⁷⁴ e que o projecto estava “... animado das maiores promessas, não tardando a ser constituída uma comissão que as converta em realidade...”¹⁷⁵. Mas as promessas não passaram de ilusões que ainda eram lembradas três anos depois.

No relatório das actividades desenvolvidas ao longo de 1954, Ginestal assumiu que uma dos projectos do Círculo era “... a construção de um auditório, aspiração pela qual todos devemos e temos de trabalhar...”¹⁷⁶. Um dos objectivos delineados para 1956 era a construção de uma sede própria com um grande auditório para contribuir para “... a propaganda da cultura e elevação do nível cultural das massas populares...”¹⁷⁷. Nesse ano, o Círculo submeteu à consideração da Fundação Calouste Gulbenkian o projecto para a construção do “Palácio da Música”, “... uma sede própria com um salão de festas e um auditorium...”¹⁷⁸, a fim de obter um subsídio. Em Fevereiro de 1959, Ginestal informou os outros elementos da direcção do Círculo que a Fundação Calouste Gulbenkian “... edificaria em Santarém o Palácio da Música, devendo a direcção apresentar o projecto, terreno e participações (...) o projecto do edifício andarà por uns setenta a oitenta mil escudos para o qual já havia recebido promessas de auxílio que já monta a vinte mil escudos. Quanto ao terreno terá que ser cedido pela Câmara Municipal de Santarém, mas que na sua opinião terá que ser no centro da cidade nos terrenos em frente do Presídio Militar onde está situado o

¹⁷⁰ *Correio do Ribatejo*, 18/11/1950, p. 8.

¹⁷¹ *Idem*.

¹⁷² *Idem*.

¹⁷³ Cf. *Idem*, 25/11/1950, p. 8; 1/12/1950, p. 8; 9/12/1950, p. 8.

¹⁷⁴ *Idem*, 25/11/1950, p. 8.

¹⁷⁵ *Idem*, 9/12/1950, p. 8.

¹⁷⁶ *Relatório da Comissão Administrativa do Círculo Cultural Scalabitano*, Santarém, 31/12/1954.

¹⁷⁷ *Reconquista*, 27/5/1956, p. 5.

¹⁷⁸ *Relatório e Contas da Direcção referentes à Gerência de 1955*, p. 22.

dispensário dos tuberculosos, que outrora foi designado para Museu Regional. O vice-presidente solicitou plenos poderes, tendo a direcção concordado.”¹⁷⁹. O projecto do edifício a construir demonstrava a grandiosidade da obra: “...um auditório para mil e quinhentos lugares, dotado de câmara para projecção; duas salas para conferências, recitais e exposições, colocada nos baixos do auditório as quais serviriam de salas de trabalho, sendo uma com a capacidade de duzentas pessoas e outra para quinhentas; seis salas de aula, tendo cada uma a capacidade de trinta alunos, devendo as mesmas (...) condições acústicas e estanques; uma sala para a biblioteca tendo anexa uma sala para museu; uma sala de jogos com capacidade para dois bilhares; uma secretaria; uma sala para arquivo; uma sala para gabinete da direcção; uma sala de estar; duas salas para jogos de vasa; bar, copa e cozinha; duas dependências para o contínuo e instalações sanitárias.”¹⁸⁰. Em Abril, os arquitectos encarregados do projecto, o presidente da Câmara, o engenheiro director dos serviços de urbanização municipal e Ginestal visitaram “...diversos locais, ficando em princípio estabelecido que o edifício seria erguido no terreno situado entre a estrada para Lisboa e o Campo da Feira, terrenos pertencentes a José Rufino.”¹⁸¹. No projecto apresentado à Câmara, a obra era possível de executar em três fases, o auditório, o recinto de exposições e a sede porque eram três corpos distintos ligados entre si.¹⁸² No *Jornal do Ribatejo*, o leitor Amílcar José da Luz Costa sugeriu a criação de um Ginásio Club em Santarém, cidade onde não existe um local ou agremiação onde se pudesse praticar ginástica. Assim, propôs que se incluísse um ginásio no projecto do Palácio da Música.¹⁸³

Uma vez que o terreno preferido pertencia a um particular e perante a contenção financeira do início da década de 60, a Câmara informou o Círculo “... que em princípio oferecia o terreno do largo Paulino da Cunha e Silva para na parte poente ser construído o Palácio da Música (...) Depois de ponderadas as variadíssimas razões (...) aceitou-se sem reservas, o terreno oferecido, foi resolvido responder ao ofício dizendo que se ia pedir o parecer dos técnicos autores do projecto da Casa a construir e até à sua vinda a esta cidade para *in loco* resolver se o terreno oferecido tem ou não condições para o fim

¹⁷⁹ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 68, 25/2/1959, p. 48v.

¹⁸⁰ Idem, acta n.º 70, 18/3/1959, p. 50v.

¹⁸¹ Idem, acta n.º 71, 10/4/1959, pp. 52-52v.

¹⁸² Cf. Idem, acta n.º 74, 18/6/1959, p. 56.

¹⁸³ Cf. *Jornal do Ribatejo*, 19/4/1959, p. 2.

em vista.”¹⁸⁴. Os referidos architectos visitaram o terreno em Fevereiro de 1961 e consideraram que este não era o local adequado para o projecto que tinham desenhado.¹⁸⁵ Um ano depois, a Câmara solicitou ao Círculo “...informação de qual a área necessária para a construção da sede do Círculo. Foi resolvido solicitar do Senhor Presidente da Câmara informação de qual a área do terreno e a sua localização, a fim de nos habilitar a apresentar o assunto a quem de direito, para estudo.”¹⁸⁶. A dimensão do projecto, a dificuldade de obter da Câmara o terreno adequado, as dificuldades económicas vividas pelo Círculo e a conjuntura política do início da década de 60 inviabilizaram a construção do Palácio da Música, um dos maiores sonhos de Manuel Ginestal Machado.

Tempos Díficeis

O início da década de 60 trouxe dificuldades acrescidas às finanças do Círculo Cultural Scalabitano. A falta dos constantes e habituais subsídios atribuídos por algumas entidades ou a redução dos mesmos por parte de outros mecenas levou à redução das actividades a desenvolver pelas secções da colectividade. A 2 de Maio de 1960, Ginestal escreveu uma carta ao governador civil Lino Valente, certo de que este o entenderia como antigo dirigente do Orfeão, onde solicitou que fosse “... imediatamente concedido um subsídio, superior ao do ano passado, visto que o Círculo atravessa actualmente um período de grave crise financeira...”¹⁸⁷. A falta de liquidez da colectividade colocava em risco o pagamento do ordenado aos professores podendo levar à suspensão dos cursos próximo da época de exames. Perante esta situação, o Governo Civil concedeu, pela segunda vez nesse ano, a quantia de 2 000\$00.¹⁸⁸ Em Outubro, a direcção do Círculo voltou a pedir um subsídio ao governador civil, pois todos aqueles a que tinham direito foram recebidos e gastos. Também solicitou que este, mais uma vez, intercedesse junto do ministro da Educação para que a colectividade fosse considerada Instituição de Utilidade Pública,¹⁸⁹ medida que trazia vantagens económicas, e que recebesse pelo menos um subsídio igual ao de 1957.¹⁹⁰ O ministro

¹⁸⁴ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. II, acta n.º 100, 4/1/1961, p. 77v.*

¹⁸⁵ Cf. Idem, acta n.º 104, 20/2/1961, p. 80.

¹⁸⁶ Idem, acta n.º 113, 17/1/1962, p. 85v.

¹⁸⁷ Correspondência entre o Círculo Cultural Scalabitano e o Governo Civil do Distrito de Santarém, 2/5/1960.

¹⁸⁸ Cf. Idem, 3/5/1960.

¹⁸⁹ O Círculo Cultural Scalabitano tornou-se Pessoa Colectiva de Utilidade Pública em 1990.

¹⁹⁰ Cf. Idem, 15/10/1960.

considerou o pedido a partir do “Fundo de Auxílio a Organismos Desportivos”, que já não tinha verbas para atribuir.¹⁹¹ No entanto, perante a gravidade da situação, os pedidos do Círculo ao governador civil mantiveram-se a fim de se obter do ministro da Educação subsídios para a compra de instrumentos musicais para a escola infantil de música frequentada por cerca de cem alunos.¹⁹² Perante os gestos de boa vontade do governador civil, o Círculo justificava-se “... esperamos que V. Ex.^a, nos perdoe os incómodos, mas o fim é nobre: trabalhar pela elevação do nível espiritual da população deste distrito e criar entre os seus habitantes um clima de paz, compreensão e entendimento.”¹⁹³ A 4 de Fevereiro de 1962, Ginestal escreveu ao governador civil para informar que o Círculo aprovou um voto de protesto contra a ocupação ilegal da Índia Portuguesa pela União Indiana, sem se esquecer de recomendar da necessidade do ministro da Educação tomar conhecimento deste gesto da colectividade.¹⁹⁴ Dois meses depois, o Círculo esperava obter um subsídio de 10 000\$00 atribuído pelo ministro do Interior, através da intervenção do governador civil, que apenas chegou em Janeiro de 1963.¹⁹⁵ Três meses depois, o sufoco financeiro ressurgiu, levando os dirigentes a pedir ao Governo Civil o pagamento do subsídio até ao final de Abril, uma vez que a Fundação Gulbenkian só enviava o apoio financeiro em Maio. Também se esperava que o governador civil intercedesse junto da Comissão Municipal de Turismo para que esta pagasse a totalidade do apoio financeiro que prometera para a “Hora de Arte”, onde actuou o pianista Sequeira Costa.¹⁹⁶

Apesar das contingências económicas, o Círculo manteve a oferta de bilhetes aos asilos da cidade para os seus espectáculos infantis e algumas apresentações em localidades ribatejanas. A 24 de Janeiro de 1960, apresentou um sarau no cine-teatro da Chamusca a convite da secção cultural do Club Agrícola Chamusquense. Para além da Orquestra Típica, actuou o grupo de Iniciação Teatral “Actor Taborda” que repôs a peça “À Sesta”. Este último representou, seis dias depois, o Círculo na récita dedicada ao Rancho Folclórico do Vale de Santarém com as peças “A Fera Amansada” e “Uma Anedota”, de Marcelino Mesquita, numa encenação de Carlos Mendes. A 24 de Abril de 1960, a secção de teatro repetiu a sua apresentação, no cine-teatro de Minde, a convite

¹⁹¹ Cf. Idem, 14/11/1960.

¹⁹² Cf. Idem, 16/11/1960.

¹⁹³ Idem, 24/1/1961.

¹⁹⁴ Cf. Idem, 4/2/1962.

¹⁹⁵ Cf. Idem, 4/4/1962; 15/1/1963.

¹⁹⁶ Cf. Idem, 12/4/1963; 19/4/1963.

do Núcleo Cultural e Recreativo Roque Gameiro.¹⁹⁷ No mês seguinte, o Círculo viajou até Tomar onde se apresentou na máxima força, acompanhado pelos Grupos Académico de Danças Ribatejanas e Infantil de Dança Regional de Santarém. O sarau de arte inserido nas “Festas da Primavera” das Comemorações Centenárias de 1960 decorreu no cine-teatro de Tomar, sob o patrocínio da madrinha Maria Antonieta Gomes da Silva. Para além do Orfeão, dirigido por Joel Canhão, que apresentou a primeira audição de “Canção da Vindima”, de Fernando Lopes Graça, também actuaram a Orquestra Típica, as alunas do curso de Dança Clássica que apresentaram coreografias da professora Wanda Ribeiro da Silva e os “Jograis de Santarém”. Este grupo, fundado nesse ano, era composto por quatro dos mais destacados actores da secção de teatro, Carlos Mendes, António Cacho, Nuno Netto de Almeida (1931-1999) e Virgílio Barrera (1944-) e pretendia “... dentro das características do novo movimento jogralesco, num misto de recitação conjunta e individual (...) divulgar a grande poesia de sempre, particularmente a poesia nacional mais representativa.”¹⁹⁸ O sucesso da viagem a Tomar permitiu desanuviar “... a guerra-fria de que injustificadamente se fala, do mal entendido que ninguém sabe donde dimana...”¹⁹⁹ sobre as relações entre as duas cidades ribatejanas. Ginestal deixou votos para que Tomar fundasse uma colectividade semelhante ao Círculo que esperava apadrinhar como sucedeu noutras localidades.²⁰⁰ A 14 de Maio de 1960, as alunas das escolas dos cursos de ballet da Juventude Musical Portuguesa e do Círculo Cultural Scalabitano apresentaram-se no teatro Monumental em Lisboa, sob a direcção de Wanda Ribeiro da Silva.²⁰¹

O número de actividades desenvolvidas na cidade reduziu-se significativamente durante a década de 60. Os recitais infantis mantiveram-se especialmente para apresentar a evolução dos alunos dos cursos de música, de dança e de teatro. A 24 de Fevereiro de 1960, decorreu na colectividade um recital pelo cantor Francisco Loureiro Diniz e pela pianista Regina Croner Cascaes Leitão. A 2 de Fevereiro de 1961, o Círculo apresentou o guitarrista espanhol Alberto Ponce, após uma primeira parte com os “Jograis de Santarém”.²⁰² A pianista russa Xenia Prochovowa actuou no Círculo a 21 de Outubro de 1960, enquanto a 9 de Novembro apresentou-se o Trio Americano

¹⁹⁷ Cf. CCS – Programas, 24/1/1960; 30/1/1960; 24/4/1960.

¹⁹⁸ Idem, 2/2/1961.

¹⁹⁹ João Moreira, “Tomar – Santarém Calorosa Recepção à Embaixada Scalabitana” in *Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo*, dir. de António Maria Rodrigues, n.º 5, 1960, p. 16.

²⁰⁰ Sobre a deslocação a Tomar que decorreu a 22 de Maio de 1960 cf. Idem, pp. 15-17; *O Templário*, n.º 433, 22/5/1960, pp. 1, 6.

²⁰¹ Cf. CCS – Programa, 14/5/1960.

²⁰² Cf. Idem, 2/2/1961.

Mozart.²⁰³ A 10 de Maio de 1961, decorreu um sarau anual comemorativo do 150.º concerto radiofónico do Orfeão transmitido pela Emissora Nacional, em benefício das “vítimas de Angola”, onde actuaram o Orfeão, a Orquestra Típica, o grupo de Iniciação Teatral “Actor Taborda” que apresentou o “Auto de Inês Pereira”, de Gil Vicente, e os “Jograis de Santarém” que interpretaram “Capricho Ribatejano”, de Augusto Souto Barreiros.²⁰⁴ O Círculo decidiu “...contribuir com mil escudos para as vítimas de Angola apesar do prejuízo que deu o sarau, atendendo o fim a que se destinava...”²⁰⁵. A 26 de Junho de 1961, a Fundação Calouste Gulbenkian em colaboração com o Círculo Cultural apresentou em Santarém o concerto coral do Orfeão Donostiarra²⁰⁶, dirigido pelo maestro Juan Gorostidi e integrado no V Festival Gulbenkian de Música. A Fundação patrocinou, juntamente com o S.N.I., a 25 de Fevereiro de 1962, o concerto do Centro Cultural Infantil da Fundação Musical dos Amigos das Crianças, intitulado “A Criança e a Música, Jornadas de Divulgação Musical”, sob a orientação da professora Adriana de Vecchi e Costa e cujo o produto reverteu a favor do “Centro Familiar e Social de Santarém”.²⁰⁷ Dois meses depois, a Fundação Gulbenkian incluía novamente Santarém no Festival da Música, tendo o concerto da Orquestra de Câmara Alemã de Pforzheim se realizado na igreja da Graça.²⁰⁸ Em Maio de 1963, a Fundação financiou o VII Festival de Música em Santarém que apresentou um concerto sinfónico. Ginestal lamentou, numa carta ao governador civil, o desinteresse da população da cidade pelo Festival, notado pelos “... que vieram de longe ao teatro. Compensou-nos o ver o entusiasmo dos antigos e actuais alunos da Escola de Música do Círculo, quase todos de classe modesta. Desculpe V. Exª o nosso desabafo e até revolta mas é legítimo e humano.”²⁰⁹. Apesar deste desânimo, Ginestal tentou contratar a pianista Tania Achol Harautunian para actuar em Santarém no final de 1963. A deslocação da pianista orçava a quantia de 2000\$00, comprometendo-se Ginestal em “... participar com 500\$00 e ver a viabilidade de participação dos outros dirigentes, para que a despesa se reduzisse a cerca de 50%...”²¹⁰. Paralelamente, o Círculo apresentou algumas conferências na sua sede com os escritores Bernardo Santareno (16 de Novembro de

²⁰³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 19/11/1960, p. 11.

²⁰⁴ Cf. CCS – Programa, 10/5/1961.

²⁰⁵ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 107, 16/5/1961, p. 82.

²⁰⁶ Orfeão espanhol fundado em 1897. Cf. CCS – Programa, 26/6/1961.

²⁰⁷ Cf. *Idem*, 25/2/1962.

²⁰⁸ Cf. Correspondência entre o Círculo Cultural Scalabitano e o Governo Civil do Distrito de Santarém, 11/4/1962; 18/4/1962; 23/4/1962.

²⁰⁹ *Idem*, 5/6/1963.

²¹⁰ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 118, 8/11/1963, p. 87v.

1959) e Urbano Tavares Rodrigues (5 de Outubro de 1960) e convidou Fernando Namora e Ferreira de Castro para lhes suceder. No caso de Santarém, a colectividade manteve um conflito com a Associação Académica numa disputa pelo conferencista de “Caminhos Possíveis para um Teatro Português Moderno. Teatro de Amadores” que durou três meses.²¹¹ A 22 de Abril de 1960, o médico Francisco Mendes de Brito dissertou sobre “O Infante D. Henrique e a Civilização Ocidental”.

No final de 1960, dois elementos fundamentais para a Orquestra Típica e para o Orfeão ausentaram-se de Portugal. O fundador da Orquestra Típica, António Gavino partiu para Moçambique, enquanto o maestro do Orfeão, Joel Canhão, ganhou uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para na Suíça se aperfeiçoar no método do pedagogo e metodologista Edgar Willems de ensino da música às crianças.²¹² Joaquim Luís Gomes, maestro da Orquestra Típica, assumiu a direcção artística do Orfeão coadjuvado por Manuel Afonso. A secção de teatro manteve alguma estabilidade sob a direcção de Carlos Mendes, sendo por várias vezes o representante do Círculo, juntamente com a Orquestra Típica, fora de Santarém. Os “Jograis de Santarém” tornaram-se os principais responsáveis pela difusão de poesia portuguesa e brasileira aplaudidos em diversos saraus. A 6 de Agosto de 1960, a Iniciação Teatral “Actor Taborda” apresentou a peça “Alguém Terá de Morrer”, de Luís Francisco Rebelo, encenada por Carlos Mendes, no II Concurso de Arte Dramática das Colectividades de Cultura e Recreio e dos Grupos Dramáticos Independentes promovido pelo S.N.I., sendo o único representante do Ribatejo.²¹³ No ano seguinte, a 26 de Agosto, o grupo voltou a participar no III Concurso de Arte Dramática do S.N.I. com a peça “Meia-Noite”, de D. João da Câmara, encenada por José Carlos de Oliveira Sollas e representada no Ginásio do Seminário.²¹⁴

Apesar de todas as dificuldades e adversidades descritas e do aumento da vigilância pelas estruturas do regime perante a conjuntura política, Ginestal Machado e a sua equipa voltaram a integrar os corpos gerentes para o triénio 1961-63. As reuniões de direcção tornaram-se esporádicas e as actas, pobres em informação e apenas assinadas pelo secretário, reflectiam um certo declínio. Em 1962, a direcção reuniu-se

²¹¹ Cf. Teresa Lopes, “Círculo Cultural Scalabitano versus Associação Académica de Santarém. No Tempo em que se Disputavam Conferencistas...” in *Correio do Ribatejo*, 29/10/2004, pp. 3, 6.

²¹² Cf. Idem, 24/9/1960, p. 11.

²¹³ Cf. Idem, 6/8/1960, p. 6.

²¹⁴ Cf. Idem, 26/8/1961; *Correio do Ribatejo*, 25/8/1961, pp. 1-2.

seis vezes, enquanto no ano seguinte apenas se registam duas reuniões, a contrastar com as reuniões quinzenais da década de 50. Alguns dos colaboradores e amigos de Ginestal revelavam algum desencanto, como D. José Zarco da Câmara e Zeferino Sarmiento, que num artigo relatou a sua preocupação com a situação cultural da cidade. “Que esforços tem feito o Círculo Cultural para levar avante o seu fim notável! Que luta tem travado o Dr. Ginestal Machado, para manter em alto nível aquela organização artística! (...) É pois necessário que todas estas manifestações culturais e espirituais tenham o apoio e o carinho que merecem. Há que olhar, com os olhos bem abertos, para estas coisas que, se não constituem elementos indispensáveis para a vida material, são no entanto, imprescindíveis para a vida cultural.”²¹⁵. No final de 1962, o próprio Ginestal dava “... conhecimento que não tenciona manter-se na vice-presidência, após o término do triénio directivo. Pelos restantes elementos de direcção, foi também comunicado que não desejavam continuar nos corpos gerentes.”²¹⁶. Durante esse ano, a crise adensou-se à organização do Orfeão e da Orquestra Típica. A dificuldade em recrutar novos elementos para o Orfeão, levou Ginestal a propor a suspensão dessa secção até conseguir o regresso de antigos orfeonistas, no que foi apoiado unanimemente pelos restantes membros da direcção.²¹⁷ Em Outubro desse ano, e após uma actuação do Orfeão e da Orquestra Típica televisionada para o Presidente da República, o maestro Belo Marques, a convite do Círculo, ficou de assumir a regência do coral “... para que aquela secção retomasse o ritmo que anteriormente possuía...”²¹⁸. No entanto, os orfeonistas continuaram a comparecer em número reduzido, o que levou, com a concordância do maestro Belo Marques, à suspensão de actividades até 4 de Janeiro de 1963. Os componentes e outros seriam convocados de forma a serem informados da actual situação e a definirem se podiam ou queriam prestar a sua colaboração à secção.²¹⁹ O problema agravou-se quando também o maestro Belo Marques começou a faltar aos ensaios argumentando doença, ao que Ginestal averiguou ser uma falsa justificação. Alguns orfeonistas sugeriram a Ginestal que a direcção do Orfeão fosse entregue ao maestro Joaquim Luís Gomes, enquanto outros organizaram uma comissão para propor o regresso do maestro Joel Canhão.²²⁰ Os componentes da Orquestra Típica também começaram a faltar aos ensaios levando à suspensão da actividade desta secção

²¹⁵ Zeferino Sarmiento, “O Museu Arqueológico de Santarém” in *Correio do Ribatejo*, 26/11/1960, pp. 1, 4, 10.

²¹⁶ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. II, acta n.º 116, 17/12/1962, pp. 86v-87.

²¹⁷ Cf. Idem, acta n.º 114, 22/4/1962, p. 86.

²¹⁸ Idem, acta n.º 115, 15/10/1962, p. 86.

²¹⁹ Cf. Idem, acta n.º 116, 17/12/1962, p. 86v.

²²⁰ Cf. Idem, acta n.º 117, 28/1/1963, p. 87.

até ao início de 1963.²²¹ A 8 de Novembro de 1963, Ginestal presidiu à última reunião de direcção do Círculo, onde os problemas do Orfeão e da Orquestra Típica se encontravam novamente em agenda, “... atendendo à impossibilidade, por agora, de reiniciar a actividade do Orfeão, por falta elementos e dado o compromisso de realização de uma gravação para a Emissora Nacional no próximo mês, ficou de se procurar a viabilidade da realização de uma gravação com a Orquestra Típica e um pequeno coro...”²²². O dirigente preocupava-se com o “... grande desequilíbrio entre as receitas e despesas com a Orquestra Típica, pelo que só seria possível a sua manutenção, no presente, com a gravação do programa para a Emissora Nacional.”²²³. A estes problemas associava-se “... as dificuldades encontradas para a organização da lista de novos dirigentes que se não chegasse a qualquer conclusão positiva, se teria de apresentar o caso à Assembleia-Geral, sem se elaborar qualquer lista.”²²⁴. A 5 de Fevereiro de 1964, Manuel Ginestal Machado morreu subitamente. Os seus directos colaboradores, como Leonardo Ribeiro de Almeida, Virgílio Arruda, Artur Cabral, Pedro Beja dos Santos, Guilherme Pereira, Maria de Lourdes Hintze Ribeiro, José Carlos de Oliveira Sollas e António Cacho, mantiveram-se nos corpos gerentes da colectividade presidida por Artur Duarte. Todos os problemas anteriormente referenciados e especialmente a crise económica levaram o Círculo a abraçar outros projectos de dimensões menores. A crise do Orfeão levou à fundação do Grupo Coral “Alfredo Keil”, composto por vinte vozes masculinas, dirigido por Joel Canhão e que se estreou a 16 de Dezembro de 1963, no Ginásio do Seminário. O “problema de consciência sobre o paradeiro do Orfeão”²²⁵ levou o Grupo Coral “Alfredo Keil” a ser integrado como secção do Círculo, a 15 de Novembro de 1966. Os membros da secção de teatro do Círculo também se debateram com problemas e, em 1965, resolveram criar um conselho de teatro a fim de estimular todos os componentes e obter colaborações e intercâmbios com outras organizações da cidade e da região. Perante as dificuldades, a secção de teatro reorganizou-se e, em Outubro de 1969, fundou o Veto Teatro Oficina, actualmente em actividade. A primeira actividade dinamizada pela nova direcção do Círculo foi a conferência “O Sentido da História”, proferida por Vasco Pulido Valente, a 17 de Março de 1965, em parceria com a Associação Académica e o Cineclube.²²⁶

²²¹ Cf. Idem, acta n.º 116, 17/12/1962, p. 86v.

²²² Idem, acta n.º 118, 8/11/1963, p. 87v.

²²³ Idem, p. 88.

²²⁴ Idem.

²²⁵ Octávio Mendes, “Como é Bom Recordar” in *Correio do Ribatejo*, 23/7/2004, pp. 1, 2, 22.

²²⁶ Cf. Idem, 13/3/1965, p. 12.

2.8 - Orquestra Típica Scalabitana

Um grupo de alunos da Escola de Regentes Agrícolas constituiu, em 1943, o conjunto típico de variedades “Os Rambóias”. O Conjunto era dinamizado pelo músico ribeirense Henrique Dias Vigário e contava com o acordeonista de Tremês, Fernando Ribeiro. Para além destes elementos, integravam-na cerca de uma dezena de músicos que tocavam harmónica bocal, viola, harmónio e acordeão.¹ Os ensaios decorriam no Beco dos Tanoeiros, no armazém da mercearia do Augusto da “Cooperativa”, pai do componente Victor Gomes. No ano seguinte, já abrilhantavam bailes nas colectividades, apresentavam espectáculos nas verbenas como a das Portas do Sol e tocavam nos intervalos dos filmes exibidos nos teatros Rosa Damasceno e Sá da Bandeira. A maioria das suas actuações, quer na cidade quer nalgumas localidades próximas, tinha fins de benemerência e apoio a instituições de caridade e aos Bombeiros Voluntários da cidade, levando o Conjunto a actuar em asilos, prisões e hospitais.² “Os Rambóias” actuaram na segunda parte do concerto radiofónico do Orfeão Scalabitano realizado no Quartel do Grupo de Artilharia 6, em Santarém, a 17 de Dezembro de 1945. O Conjunto dirigido por Arménio Silva contou com as vocalistas Matilde Gavino e Elvira Franco.³ Nessa época, António Gavino passou a assistir aos ensaios do Conjunto e a escrever alguns temas para a sua irmã Matilde interpretar. A partir da observação do trabalho deste conjunto típico, Gavino decidiu fundar uma orquestra com características próprias e que divulgasse “... a música popular do Ribatejo, inspirada ou recolhida nas tradições e melodias do povo.”⁴

A Orquestra Típica Scalabitana foi fundada por António Gavino, a 27 de Março de 1946, e contou com a participação de vinte e quatro músicos amadores que foram recrutados noutros agrupamentos de baile, na Banda dos Bombeiros e em orquestras

¹ “Os Rambóias” contavam com os músicos: António Dias de Carvalho, António Pereira Belo, António Pimentel Saraiva, Carlos Correia, Custódio Santiago, Eusébio Jorge, Francisco Bergson, João Maria Caramujo, José Martins Cabido, Manuel Duarte Jorge “Valvelina” e Victor Gomes.

² Cf. João Moreira, “A Orquestra Típica Scalabitana e a sua Fundação” in *Correio do Ribatejo*, 31/12/1981, p. 17.

³ Cf. Idem, 22/12/1945, p. 2.

⁴ “Bodas de Ouro da Orquestra Típica, Cinquenta Anos de Canções” in *O Mirante*, 6/3/1996, p. 16.

como a Scalabis ou a do Orfeão Scalabitano.⁵ Henrique Dias Vigário, António Pimentel e mais tarde Fernando Guerra, ligados a “Os Rambóias”, e o guitarrista Alexandre Tavares também aderiram ao projecto de Gavino. A vocalista era Matilde Gavino que se apresentava à frente de uma orquestra totalmente masculina e composta essencialmente com instrumentos de cordas como o bandolim, a bandola, o bandolocelo, as violas, o violão baixo e as guitarras e por os acordeões, os clarinetes, a flauta, o flautim e mais tarde a bateria. A direcção da Orquestra pertencia a António Gavino que a regia perante alguns jovens, velhos e experientes músicos da cidade. Se os primeiros ensaios se realizaram na garagem do mecenas Joaquim Mata, rapidamente se percebeu que a forma de uma orquestra com aquelas características vingar dependia de uma estrutura que a apoiasse logisticamente. Assim, em Março de 1947, António Gavino escreveu ao Orfeão Scalabitano a solicitar a integração da Orquestra como secção da colectividade. Manuel Ginestal Machado, que nutria uma especial admiração pelo projecto, percebeu a importância e popularidade que a Orquestra podia representar para o movimento cultural que defendia para a cidade. Este, consciente da importância de aproximar o popular ao erudito, revelou o seu empenho perante a direcção do Orfeão, liderada por António Bastos, para que aceitasse a nova secção. Nesse ano, a Orquestra Típica passou a integrar a estrutura do Orfeão e a ensaiar no Ginásio do Seminário perante a presença assídua de Ginestal. O primeiro director da Orquestra foi o executante de bandola Salvador Supardo sucedido por Amílcar Duarte Silva e Mário Rodrigues. A Orquestra apresentou-se aos sócios do Orfeão no Ginásio do Seminário a 27 de Março de 1947 e ao público três meses depois no teatro Rosa Damasceno. Pela primeira vez, criou-se o papel do apresentador que foi atribuído ao amador do grupo cénico do Orfeão, Joaquim Campos, substituído no início da década de 50 pelo actor amador Carlos Mendes. Os elementos masculinos vestiam camisa branca, calça preta e cinta vermelha, que substituiu o colete preto dos primeiros concertos, enquanto a vocalista trajava vestido de noite comprido. Se a Orquestra representava “o melhor do Ribatejo”, os seus elementos deviam corporalizar esse espírito regional. Assim, Salvador Supardo teve a ideia de solicitar o mecenato das casas agrícolas da região para obter trajes típicos ribatejanos para os músicos que passaram a trajar “à campino”, primeiro em mangas de camisa e mais tarde com jaquetas. A partir de 1949, e com o aumento do número de vocalistas, estas passaram a vestir saia vermelha plissada, avental bordado, blusa colorida e lenço na cabeça conforme usavam as mulheres da zona da lezíria, naquilo que é conhecido

⁵ Adriano Mendes Pereira (1916-) tocava na Orquestra do Orfeão, foi maestro e fundador da Orquestra Scálabis e elemento da Banda dos Bombeiros. Leonel Figueiredo também tocava na Orquestra Scálabis e na Banda dos Bombeiros e foi o primeiro baterista da Orquestra Típica.

como “traje à moda de Almeirim”. Os vocalistas trajavam “à campino” tal como os instrumentistas, enquanto os maestros passaram a vestir o fato domingueiro usado pelos grandes proprietários da região. Só a partir da década de 60 é que os trajes passaram a representar o Ribatejo do bairro à lezíria passando pela charneca.



Orquestra Típica Scalabitana dirigida pelo maestro António Gavino, Santarém, 1948. Fotografia cedida por João Gomes Moreira.

A Orquestra Típica Scalabitana tornou-se uma assídua participante em saraus de carácter regionalista como representante do Ribatejo. Num período em que os grupos ou ranchos folclóricos proliferavam por todo o país, divulgando a mensagem que deles se esperava, a Orquestra apareceu muitas vezes apelidada como um desses componentes. Assim, começou por marcar presença nas principais festas do concelho, como as de Nossa Senhora da Saúde, na Ribeira de Santarém, para além de participar em todos os saraus organizados primeiro pelo Orfeão e depois pelo Círculo Cultural, colectividades onde se encontrava inserida. Muitas das receitas obtidas nos espectáculos destinavam-se a apoiar obras sociais quer do concelho quer de outras localidades. A Orquestra tornou-se num dos melhores cartões de apresentação de Santarém e do Ribatejo para todos os que visitavam a região e/ou a sua capital. A actuação da Orquestra no âmbito de diversas edições da Feira do Ribatejo deu-lhe maior visibilidade, especialmente com a interpretação da “Ode de Exaltação ao Ribatejo” (1956) e “Ronda Ribatejana” (1959), peças apresentadas em conjunto com o Orfeão e, no caso da primeira, também com a Banda dos Bombeiros. Entre 1947 e 1961, a Orquestra percorreu os principais palcos do concelho conforme se pode verificar no anexo X.

Uma vez que a Orquestra se encontrava integrada no Orfeão / Círculo Cultural, passou a acompanhar as viagens organizadas pela colectividade e a partilhar o palco com o coro e a orquestra do Orfeão e o com o grupo cénico. No entanto, a Orquestra também actuou sozinha em vários locais do país onde encheu plateias para ouvir os seus músicos e vocalistas, muitas vezes acompanhada por Ginestal Machado. Nesse périplo, a Orquestra deslocou-se assiduamente a alguns locais com tradições ribatejanas em especial com ligações ao campino, ao touro, ao cavalo e à lezíria, como são as festas de Nossa Senhora do Castelo em Coruche e do Colete Encarnado em Vila Franca de Xira. A partir dos finais de 1949, António Gavino convidou o amigo e poeta José Luís Nazareth Barbosa para escrever para a Orquestra. Este, apesar de não ser ribatejano, enalteceu nos seus poemas tradições da lezíria. Muitos desses retratos ribatejanos foram declamados pelo poeta que, a partir de 1954, se tornou apresentador da Orquestra, e cantados pela sua musa, Dilma Melo, vocalista durante quarenta e um anos. A Orquestra tornou-se uma embaixadora do Ribatejo e um meio de propaganda onde a “Marcha Ribatejana” e “Pampilho ao Alto” estavam presentes numa “Festa Ribatejana”. A 13 de Julho de 1953, dois aviões fretados à TWA pelo empresário Conrad Hilton fizeram escala em Lisboa a caminho de Madrid, onde iam inaugurar o hotel Castellana Hilton. Esta “embaixada de Hollywood” composta por banqueiros, actores de cinema e jornalistas foi recebida no aeroporto por uma acção de propaganda organizada pelo S.N.I. e que contou com a actuação da Orquestra Típica acompanhada por fandanguistas e pelo realizador de cinema Henrique Campos, aproximando “Hollywood e o Fandango”.⁶

Durante a década de 50, Ginestal definiu a importância de a Orquestra actuar individualmente nos famosos concertos da Emissora Nacional, à semelhança do que sucedia com o Orfeão e de obter convites do S.N.I. que lhe permitissem espalhar a mensagem ribatejana pelo país e se possível além fronteiras. O primeiro destes objectivos não foi difícil de concretizar perante o êxito que a Orquestra representava devido à “... sua acentuada expressão regionalista, o valor das suas interpretações, a

⁶ “...[Gentil Marques] marchei a caminho de Santarém. E mercê da boa amizade e inteligente compreensão do Dr. Ginestal Machado e dos outros directores, tudo ficou resolvido. A Orquestra Típica estaria na sua máxima força no aeroporto, segunda-feira, às 6 horas da manhã...” in *Mundo Desportivo*, 17/7/1953, p. 3. Entre os convidados encontravam-se Conrad Hilton e a filha, os actores de cinema Frank Gusman, Van Heflin, Leo Carillo, John Carol Nash, a cantora e actriz Mary Martin, a vedeta de televisão Donna Adams e o empresário teatral de Nova Iorque Jesh Logan. Sobre esta acção de propaganda cf. *Correio do Ribatejo*, 17/7/1953, pp. 1, 8; *A Voz*, 14/7/1953; *Novidades*, 14/7/1953; *O Comércio do Porto*, 14/7/1953; *Diário Popular*, 13/7/1953, p. 6; *Diário de Lisboa*, 13/7/1953; *Diário de Notícias*, 14/7/1953; *O Século*, 14/7/1953; *República*, 14/7/1953; *Primeiro de Janeiro*, 14/7/1953.

espontaneidade e a graça das suas harmonias, tudo valorizado pelo espectáculo de cor que é o traje de campino, deliciaram e entusiasmaram um público que apreciou deveras ineditismo da exibição. Os fandanguistas constituíram, por si só, um número de sensacional interesse. Matilde Gavino, cativante de arte e graciosidade alcançou retumbante êxito...”⁷. Uma vez que a Orquestra apresentava música e cantares típicos do Ribatejo, cedo se percebeu que a representação ficaria mais completa com a exibição de fandanguistas que passaram a participar nos espectáculos mais significativos. Os fandanguistas Joaquim da Silva e Manuel Pascoal de Coruche, que ganharam o Concurso Internacional de Folclore em Madrid, em 1951, passaram a acompanhar a Orquestra nesse ano,⁸ sendo substituídos, em 1957, por José do Rosário e Joaquim Mendes. A popularidade da Orquestra atingiu o seu auge entre 1954 e 1960, quando participou em dezenas de espectáculos fora do concelho de Santarém conforme se pode verificar no anexo XI.

A Orquestra Típica participou em vários “Serões para Trabalhadores” conjuntamente com as vedetas da Emissora Nacional como Maria Clara, Simone de Oliveira, Trio Odemira, Tony de Matos, Hermínia Silva, Max, Francisco José, Madalena Iglésias, Maria José Valério, António Calvário, Alice Amaro, Maria de Lourdes Resende, entre muitos outros. Esta última chegou a cantar acompanhada pela Orquestra Típica em mais do que um espectáculo, celebrizando o tema “Feia”, de Belo Marques. A ligação S.N.I., Emissora Nacional e F.N.A.T. era muitas vezes estabelecida por Ginestal Machado através dos seus contactos, que passavam por António Ferro e Moreira Baptista, em muito auxiliado por Artur Proença Duarte e pelo maestro José Belo Marques e mais tarde por Joaquim Luís Gomes. Outro elo importante nesta cadeia foi o contacto estabelecido com Gentil Marques, director do jornal *Festa* e organizador dos prémios “Ídolos”. Para além de participar na “Parada de Estrelas” com as grandes vedetas do “nacional cançonetismo”, também actuou com os representantes da chamada “cultura popular” como ranchos e grupos folclóricos ou acordeonistas como Eugénia Lima, entre 1955 e 1957. A Orquestra recebeu nos três anos consecutivos o prémio de “Ídolos nos Espectáculos” como melhor conjunto folclórico, enquanto Dilma Melo recebeu o prémio para melhor vocalista em 1956, ultrapassando as consagradas Júlia Barroso, Mirita Casimiro e Maria Clara. Ao longo da década de 50, a Orquestra participou em diversos festivais promovidos pela Propaganda Turística Portuguesa

⁷ *Correio do Ribatejo*, 22/9/1951, p. 8.

⁸ Cf. *Diário Popular*, 4/12/1951, p. 9.

como os “Jogos Florais” realizados no Éden Teatro e no Pavilhão dos Desportos em Lisboa e no Coliseu do Porto, ou no VIII Congresso da União Internacional dos Organismos do Turismo, onde representou o Ribatejo num festival de folclore apresentado no parque do casino do Estoril em Outubro de 1953.

O outro objectivo de Ginestal relativamente à Orquestra passava, como já referimos, pela sua internacionalização que após os consecutivos êxitos lisboetas, em 1951, “...se lhe estão antevendo as mais surpreendentes perspectivas, entre as quais as de uma passeata ao país vizinho...”⁹. Nesse ano a imprensa de Lisboa e do Porto sugeria que a Orquestra actuasse no estrangeiro a fim de promover a cultura popular do país pois apresentava um reportório digno do folclore nacional, enquanto a imprensa regional garantia “... as insistentes propostas para a realização de concertos nos mais variados meios, entre elas uma digressão pelos Estados Unidos...”¹⁰. No entanto, nem os convites nem os apoios surgiram até 1955. Nesse ano, o S.N.I. convidou a Orquestra Típica para se deslocar à Feira de Artesanato em Madrid. Esta agarrou a oportunidade com entusiasmo, chegando a convidar a cantora Margarida Amaral para participar nos ensaios do “programa folclórico” a apresentar.¹¹ No entanto, a actuação ribatejana não se concretizou numa cidade onde os Pauliteiros de Miranda e o Rancho Tá-Mar da Nazaré representaram Portugal em 1953, após uma escolha da F.N.A.T.¹². A Orquestra Típica foi convidada a actuar em Paris na Primavera de 1956 por intermédio de Gentil Marques, mas também este projecto não recebeu os apoios necessários para que se concretizasse.¹³ A primeira internacionalização da Orquestra apenas surgiu numa deslocação a Paris, em 1985.

Por iniciativa de Gentil Marques que exercia as funções de director da Sociedade de Propaganda Turística Portuguesa, decorreu na Quinta das Ómnias, perto da Ribeira de Santarém, a 8 de Abril de 1951, a filmagem de um documentário sobre a Orquestra Típica.¹⁴ No ano seguinte, a Sociedade Cinematográfica “Produtores Associados” convidou a Orquestra para participar no documentário *Usos e Costumes dos Povos* sobre as tradições ribatejanas, cujas filmagens decorreram na Quinta do Castilho em

⁹ *Correio do Ribatejo*, 13/1/1951, p. 8.

¹⁰ *Idem*, 3/2/1951, p. 2.

¹¹ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, acta n.º 13, 2/12/1954.

¹² Cf. Daniel Melo, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Lisboa, ICS, 2001, pp. 198-9.

¹³ Cf. *Festa*, n.º 34, 18/11/1955.

¹⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 14/4/1951, p. 2

Vale Figueira, de José Infante da Câmara (1892-1961).¹⁵ Em 1953, a Orquestra participou no filme *Sinfonia Ribatejana*, de Gentil Marques, subsidiado pelo “Fundo de Cinema”, que após a estreia no teatro Rosa Damasceno e a exibição de algumas semanas no teatro Monumental em Lisboa foi apresentado no Festival de Cannes desse ano.¹⁶ Este documentário obteve o prémio “Ídolos” em 1957, na categoria de “cinema e documentário”. A Orquestra voltou a ser filmada, desta vez no Jardim das Portas de Sol, em Março de 1953, por cineastas representantes da Walt Disney que contaram com o apoio do S.N.I. e da Câmara Municipal de Santarém.¹⁷ A 28 de Setembro de 1956, uma equipa de filmagem, dirigida por Gentil Marques, deslocou-se a Santarém para filmar um documentário sobre a Orquestra para apresentar como introdução ao concerto televisivo da semana seguinte.¹⁸ Para Ginestal Machado, era importante que a Orquestra participasse em programas televisivos de forma a aumentar o seu prestígio e mostrar o seu trabalho no âmbito da cultura popular. A partir de 1956, a Orquestra manteve uma presença anual na televisão chegando a actuar para o presidente da República, Américo Tomás, como sucedeu a 28 de Outubro de 1962. Algumas das participações da Orquestra Típica nos “Jogos Florais” foram radiodifundidos e filmados pela “Lisboa Filme” e pela “Pathé Baby”. Em 1955, a imprensa escrita sugeriu que os concertos da Orquestra fossem mais difundidos pelos programas de rádio.¹⁹ Na realidade, a Rádio Renascença tinha transmitido a gravação da festa de encerramento dos “Jogos Florais” realizada a 13 de Dezembro de 1951, no Coliseu do Porto, onde a Orquestra se tinha apresentado com elevado sucesso.²⁰ Apesar dos pequenos e esporádicos apontamentos musicais inseridos nos concertos radiofónicos do Orfeão e do Círculo, só a 16 de Junho de 1957 é que a Orquestra conseguiu a sua primeira gravação para a Emissora Nacional.

O reportório da Orquestra Típica assentou essencialmente nos três maestros escalabitanos que dirigiram o seu percurso. António Gavino, para além de fundar a Orquestra, foi o autor de muitas das músicas que marcaram até à actualidade o reportório, com principal destaque para a “Marcha Ribatejana”. As primeiras canções foram escritas para uma vocalista que Gavino conhecia bem, não só por ser sua irmã mas também porque já tinha escrito alguns originais para Matilde cantar em Verbenas de Caridade no Jardim das Portas do Sol. A ligação do poeta José Luís Nazareth

¹⁵ Cf. *Orquestra Típica Scalabitana 50.º Aniversário*, Folheto, Santarém, [s.n.], 1996.

¹⁶ Cf. Idem; *Diário Popular*, 13/3/1953. *Mundo Desportivo*, 20/7/1953, p. 8.

¹⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 5/9/1953, p. 2.

¹⁸ Cf. Idem, 29/9/1956, p. 2.

¹⁹ Cf. *Jornal de Notícias*, 1/4/1955.

²⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 15/12/1951, p. 2.

Barbosa à Orquestra também foi da responsabilidade de Gavino, permitindo que as músicas do maestro fossem enriquecidas com os seus poemas. Quando Gavino partiu em busca das aventuras brasileira e moçambicana, o repertório da Orquestra encontrava-se firmado pela originalidade e o número de vocalistas aumentara com a participação de Adelina dos Anjos Costa (1935-), Hélder Santos e Maria da Conceição Rodrigues. Quando Casimiro Silva passou a dirigir a Orquestra, em 1953, optou por um repertório original mas essencialmente escrito por si, mantendo alguns dos clássicos de Gavino. Também pela sua mão surgiram novos vocalistas fundamentais no percurso da Orquestra, como José Carlos Garcia e Dilma Melo. Neste período, o acordeonista Anselmo Guerra escreveu alguns temas para a Orquestra que obtiveram êxito no acordeão da sua jovem filha Fernanda Guerra (1935-). A partir de 1958, a Orquestra passou a ser regida por Joaquim Luís Gomes que deu um novo impulso ao repertório munindo-o de êxitos como “Pampilho ao Alto”, “Ronda Ribatejana”, “Fandango Ribatejano” e “Cidade de Santarém”. Quando Joaquim Luís Gomes deixou a regência da Orquestra em 1965, Casimiro Silva assumiu-a até 1974. Entre 1976 e 1997, foi novamente António Gavino que reergueu a Orquestra. Estes maestros, para além de escolherem temas do folclore português, escreveram temas para a Orquestra conforme se pode verificar pelo anexo XII.

A Orquestra Típica Scalabitana serviu de modelo para a fundação de outras orquestras com características semelhantes. Em 1956, António Gavino fundou a Orquestra Típica de Rio Maior com o objectivo de interpretar música popular portuguesa oriunda de várias regiões do país. Nesse mesmo ano, a acordeonista Eugénia Lima fundou a Orquestra Típica Albicastrense para recolher, preservar e divulgar o folclore da Beira-Baixa nas suas vertentes poética, musical e coreográfica. A Orquestra Típica de Alcobaça, secção do Círculo Alcobacense de Arte e Cultura, definiu a sua organização e funcionamento a partir da sua congénere escalabitana que visitou em Fevereiro de 1959. A Orquestra Típica Scalabitana actuou com algumas destas Orquestras como as de Rio Maior, de Estremoz, de Castelo Branco e de Alcobaça.

O convívio entre os componentes da Orquestra era de fraterna solidariedade, companheirismo e amizade, à semelhança daquilo que a colectividade onde se inseriam defendia. Assim, a Orquestra era um “... exemplo invulgar de (...) onde, lado a lado, se encontra o diplomado com curso superior, a figura grada da terra e o modesto empregado e que com a vestimenta típica veio enriquecer a representação artística da

região...”²¹. Quer as “pessoas modestíssimas” quer as “destacadas individualidades do meio ribatejano” estavam “... unidas num único ideal – o de propagar a sua arte por todos os recantos de Portugal sem outro propósito que não seja o de elevar o nível cultural e artístico do nosso povo...”²². A partir de 1948, os componentes da Orquestra organizaram convívios anuais que constavam de ceia, convívio musical e o inevitável baile. A grande alma desses convívios era o guitarrista Alexandre Tavares coadjuvado por João Gomes Moreira e beneficiando do apoio de Salvador Supardo e Ginestal Machado.²³ Os elementos da Orquestra também confraternizavam com os componentes das outras secções da colectividade participando em almoços e abrilhantando bailes apenas abertos aos sócios e familiares.²⁴ Em 1958, as secções da Orquestra e do Orfeão associaram-se para promover diversas actividades como festas, bailes, piqueniques, jogos de futebol, viagens, para além de homenagens aos elementos falecidos.²⁵

A Orquestra dedicou-se “à expansão da cultura popular” e alcançou êxitos com “... as suas interpretações cheias de sabor regionalista e popular...”²⁶ tendo “... levado a todo o país (...) o que de melhor se lhe conhece na música popular, numa louvável cruzada de expansão de puro folclore a par de melodias arrançadas ou inspiradas em velhos temas cujas origens remontam a um sem número de gerações.”²⁷. Perante os êxitos obtidos, “... constitui o melhor e o mais colorido cartaz de propaganda do Ribatejo.”²⁸. No início da década de 60, a Orquestra também viveu momentos de instabilidade motivados pela indisciplina, desinteresse e falta de assiduidade de alguns elementos, o que levou Ginestal Machado a afastar alguns dos mais reincidentes. A falta de quórum para os ensaios levou o Círculo Cultural a suspender a actividade da Orquestra Típica no final de 1962.²⁹ Dois anos depois, o maestro Joaquim Luís Gomes conseguiu reorganizar a Orquestra a fim de gravar nos estúdios da Emissora Nacional o disco “Ribatejo” e actuar no “Festival da Primavera”, realizado no Casino do Estoril. Entre 1962 e 1964, esta recebeu consecutivamente o diploma de honra dos “Óscares da Imprensa”. A 23 de Maio de 1965, a Orquestra deslocou-se a Portalegre com os Grupos

²¹ *A Voz*, 26/5/1955.

²² *O Eco*, n.º 625, 4/8/1955, p. 3.

²³ Sobre os convívios anuais da Orquestra Típica cf. *Correio do Ribatejo*, 18/12/1948, p. 8; 1/12/1950, p. 8.

²⁴ Cf. *Idem*, 13/6/1953, p. 10.

²⁵ Cf. *Jornal do Ribatejo*, 17/7/1958, p. 3.

²⁶ João Gomes Moreira, “Orquestra Típica Scalabitana” in *Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo*, dir. António M. Rodrigues, n.º 1, Santarém, [s. l.], 1956.

²⁷ *Idem*.

²⁸ *Idem*.

²⁹ Cf. Livro de Actas da Direcção do Círculo Cultural Scalabitano, Vol. II, acta n.º 116, 17/12/1962, p. 86v.

Académicos e Infantil de Danças Regionais, enquanto no ano seguinte actuou no Casino Peninsular da Figueira da Foz. A Orquestra foi a secção do Círculo que primeiro ultrapassou a crise do início da década de 60, acentuada pela “orfandade” de Ginestal, provavelmente devido às suas características, ao papel desempenhado na área da propaganda definido pelo S.N.I. e à administração autónoma que auferia desde 1950 dentro da colectividade.³⁰

³⁰ “A direcção do Orfeão resolveu conceder à Orquestra Típica uma administração autónoma ficando somente, ao encargo do Orfeão, o pagamento da gratificação do regente.” in Idem, acta n.º 7, 22/2/1950.

2.9 - Grupo de Coordenação Cultural de Santarém

A comissão reorganizadora do Orfeão Scalabitano, dirigida por Artur Proença Duarte, iniciou os seus trabalhos em 1943 e foi substituída no ano seguinte com a eleição dos novos corpos gerentes. Na sua tomada de posse a 13 de Outubro de 1944, o novo presidente da direcção do Orfeão, Manuel Ginestal Machado, propôs ampliar a acção cultural da associação com conferências, palestras, a criação de uma escola de música, a organização de espectáculos recreativos e culturais. Mas a ideia de os mais desfavorecidos acederem à cultura levou Ginestal Machado a definir um projecto que intitulou numa primeira fase de “Movimento Cultural”. Uma semana após ter tomado posse como dirigente do Orfeão, promoveu uma reunião na sede do Club Literário Guilherme de Azevedo onde se juntaram as associações de carácter cultural e recreativo de Santarém que constituíram o referido Movimento: Clube Literário Guilherme de Azevedo, Ateneu Comercial, Associação Académica, Grupo de Futebol os Empregados no Comércio, Sociedade dos Bombeiros Voluntários, Banda dos Bombeiros, Teatro Club Ribereense, Sport Grupo Scalabitano “Os Leões”, Sociedade Recreativa Operária e Orfeão Scalabitano. A união de esforços entre as associações pretendia criar uma obra cultural e artística e evitar a dispersão de esforços para elevar o nível intelectual, promovendo espectáculos e conferências gratuitos para as classes mais desfavorecidas, como estudantes, empregados no comércio, operários, entre outros. Por Ginestal Machado “... foram expostos os fins que se pretendem atingir, fins que só poderão ser realizáveis se todos se compenetrarem das suas responsabilidades e deveres perante a colectividade que algumas glórias já tem dado a Santarém.”¹. O Movimento foi constituído “...sem abdicação da independência administrativa e social de cada um dos organismos que colaboram nas iniciativas da direcção do Orfeão.”².

Ginestal também pretendia “... interessar as autoridades locais, levando-as a patrocinar sessões de arte e cultura, de forma que os associados e não associados

¹ *Correio da Extremadura*, 21/10/1944, p. 2.

² *Idem*, 21/10/1944, p. 2.

possam assistir, sem maiores encargos, a tão salutareos espectáculos, facultando aos mais necessitados, gratuidade nas entradas.”³. Nesse sentido, a 25 de Outubro, uma comissão representativa das associações que integravam o movimento avistou-se com o governador civil, major Valente de Carvalho, o presidente da Câmara, António Bastos, e o presidente da Junta de Província do Ribatejo, Artur Proença Duarte, para apresentar o projecto e solicitar apoio e colaboração para o mesmo. As entidades visitadas disponibilizaram-se para acompanhar a Comissão a Lisboa, a fim de se solicitar patrocínios para a programação do Movimento ao Ministério da Educação Nacional, ao S.N.I., à Emissora Nacional e à F.N.A.T..⁴

A 23 de Novembro de 1944, os representantes das associações e das entidades políticas da cidade deslocaram-se a Lisboa⁵ onde foram recebidos pelo subsecretário de Estado da Educação, Amorim Ferreira. Ginestal Machado apresentou o programa do movimento: “Resolveram estas colectividades unir-se para o nobre fim de elevar o nível intelectual da população da cidade de Santarém. Para se efectuar esta obra de dignificação e cultura, pretendem realizar, naquela cidade, conferências e espectáculos de arte, gratuitos, não só com elementos artísticos e valores nela existentes, mas também com a colaboração da Emissora Nacional, F.N.A.T. e os melhores valores do nosso país. Queremos levar àquela cidade todos os grandes artistas e agrupamentos musicais de reconhecido valor no nosso país, para educar e elevar as classes pobres, elevando-as e afastando-as de caminhos errados. Porém, estas colectividades vivem com sacrifício material, não tendo disponibilidades para, apesar de todas as boas vontades, poderem dar perfeita efectivação ao seu plano de trabalhos, pelo bem da população desta cidade. Vêm, por isso, junto de V. Ex.^a, pedir-lhe que lhes dê os meios necessários para que esta aspiração tão justa e benéfica, que já tornou solidários todos os escalabitanos, possa transformar-se numa realidade, difundindo-se a cultura entre a

³ *O Século*, 30/10/1944.

⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 28/10/1944, p. 2.

⁵ A comissão era composta pelo seu presidente e dirigente do Orfeão, Manuel Ginestal Machado, Henrique Jacob, presidente da direcção da Associação Académica de Santarém, José Rodrigues Portela, dirigente do Club Literário Guilherme de Azevedo, Salvador Supardo, representante dos Bombeiros Voluntários, Henrique Vigário, director da Banda dos Bombeiros, Alfredo Ferreira, Eurico Peste, Francisco Baptista, Noel de Oliveira, todos dirigentes do Orfeão, o maestro, José Belo Marques, e representantes do Sporting Club Ribeirense, Grupo de Futebol os Empregados no Comércio, Sport Club Scalabitano “Os Leões” e da Sociedade Recreativa Operária. O poder político de Santarém estava representado pelo governador civil, presidentes da Câmara e da Junta de Província, e o delegado do I.N.T., Carlos Fagulha. O presidente e o secretário da Casa do Ribatejo, respectivamente António Calheiros e Fausto Dias e o presidente do Sindicato Nacional da Crítica, tenente-coronel Alberto Cardoso dos Santos também acompanharam esta embaixada escalabitana.

população desta laboriosa cidade.”⁶. O representante do Ministério da Educação prometeu apoiar o projecto e solicitou que se elaborasse um relatório concreto acerca das pretensões do movimento. A embaixada escalabitana prosseguiu o seu périplo lisboeta sendo recebida por representantes do S.N.I., da F.N.A.T. e da Emissora Nacional que também prometeram o seu apoio a este Movimento. Finalmente, e numa atitude de cortejar a imprensa da capital, os dirigentes associativos e as entidades políticas visitaram a redacção do jornal *Diário de Notícias* que registou o momento com uma fotografia de grupo e notícia na primeira página, também reproduzidos nos jornais *O Século* e *Diário Popular*⁷. De regresso a Santarém, Ginestal relatou “... aos orfeonistas as diligências feitas em Lisboa, a propósito do movimento cultural e as novas perspectivas que se abrem ao Orfeon, verberando os derrotistas de café que, sem escrúpulos, malsinam as melhores das intenções, ouvindo muitos aplausos.”⁸.

O primeiro espectáculo gratuito realizou-se a 9 de Dezembro de 1944, no teatro Rosa Damasceno cedido, livre de encargos, pela direcção do Club de Santarém, sendo os convites reservados aos sócios das colectividades promotoras do movimento, estudantes, seminaristas, asilados e “classes pobres”. Na presença das forças políticas da cidade e da direcção da Casa do Ribatejo apresentou-se um programa constituído por três partes. Na primeira actuou a Banda dos Bombeiros, sob a regência de Manuel Canhão, que executou obras de Carlini, Ferol, Nicolau Júnior e do maestro. Seguiu-se um acto de variedades com o violinista Alfredo Ferreira, o tenor Manuel Afonso, o Quarteto Vocal Scalabitano, alguns números de canto pelas orfeonistas Matilde Gavino, Maria de Lourdes Dória, Deline Martins e Elvira Franco e um recital de poesia por Joaquim Campos e Francisco Baptista, acompanhados ao piano por Georgina Perdigão. O espectáculo terminou com a actuação do Orfeão Scalabitano, do tenor Manuel Afonso e da Orquestra de Câmara, dirigidos pelo maestro Belo Marques, que apresentaram obras de Strauss, Rui Coelho, Michelis, Arménio Silva e do maestro.⁹ Perante o sucesso desta primeira actividade, Ginestal, em entrevista à *Vida Ribatejana*, garantiu que as associações de Santarém “... unanimemente acorreram ao nosso apelo e, em absoluta comunhão com o nobre fim a realizar, se ligaram connosco, tendo-se formado uma Comissão Central de Cultura composta dos presidentes de todas as colectividades.”¹⁰.

⁶ Idem, 25/11/1944, p. 6.

⁷ Cf. *Diário de Notícias*, 24/11/1944, p. 1; *O Século*, 23/11/1944, pp. 1, 2; e *Diário Popular*, 23/11/1944.

⁸ *Correio da Extremadura*, 1/12/1944, p. 6.

⁹ Cf. Idem, 9/12/1944, p. 6 e *O Século*, 10/12/1944.

¹⁰ “O Orfeão Scalabitano” in *Vida Ribatejana*, n.º especial, Natal de 1944.

Em Maio de 1945, o movimento cultural passou a ser uma organização com uma estrutura melhor definida e constituída por uma comissão que integrava os delegados das diversas associações de carácter cultural e recreativo de Santarém¹¹ e uma colectividade de Alpiarça, Grupo de Futebol “os Águias”¹². O regulamento instituiu sócios colectivos, as associações, e individuais. O Grupo de Coordenação Cultural passou a ter uma comissão orientadora constituída por Manuel Ginestal Machado, Humberto Lopes, João Correia Vieira, José Ferreira da Silva e António Cacho e uma comissão consultiva. Os novos tempos de mudança que se viviam na Europa destruída pela II Guerra Mundial traziam uma luz de esperança a estes dirigentes associativos que neste período já se encontravam empenhados em colaborar na mudança do regime político em Portugal. A 21 de Dezembro de 1945, o Grupo reuniu a sua assembleia-geral na sede do Club Literário Guilherme de Azevedo, onde para além dos sócios individuais estiveram os delegados das colectividades de Santarém e Alpiarça que aprovaram os estatutos e elegeram os corpos gerentes para 1946. A comissão organizadora ficou constituída por: Manuel Ginestal Machado (Orfeão), secretário-geral; António Cacho (Associação Académica), secretário-adjunto; João Correia Vieira (individual), tesoureiro; Adolfo Faria de Castro (Ateneu Comercial) e Humberto Lopes (Clube Literário Guilherme de Azevedo) exerciam função de directores.¹³

À semelhança dos dois anos anteriores, algumas das associações que integraram o Grupo, organizaram, em 1945, o III Concurso Literário Ribatejano. A 23 de Janeiro, na sede do Club Literário Guilherme de Azevedo, foi eleita a comissão executiva composta por Humberto Lopes, Agostinho Ferreira, Francisco Baptista, Diamantino Faustino representantes respectivamente do Club anfitrião, do Orfeão e do Grupo Pró-Cultura. A vice-presidência ficou entregue ao Grémio do Comércio enquanto os vogais se distribuíam entre os delegados de “Os Caixeiros”, da Associação Académica e da Sociedade Recreativa Operária. Segundo o regulamento, os concorrentes podiam candidatar-se nas categorias de poesia e prosa, onde se excluía o romance “por motivos de ordem técnica” mas se aceitava o conto, a novela, a crónica, o ensaio económico,

¹¹ Orfeão Scalabitano, Club Literário Guilherme de Azevedo, Grupo de Futebol os Empregados no Comércio “os Caixeiros”, Teatro Club Ribeirense, Sociedade Recreativa Operária, Banda dos Bombeiros, Sociedade dos Bombeiros Voluntários, Associação Académica de Santarém, Sporting Club Ribeirense, Ateneu Comercial, Sport Club Scalabitano “os Leões”, Sport Grupo União Operária e o Grupo Pró-Cultura. Posteriormente, associaram-se os Sindicatos Nacionais dos Motoristas e da Construção Civil.

¹² A colectividade foi fundada a 1 de Outubro de 1922 por Joaquim Francisco Calado.

¹³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 29/12/1945, p. 6.

técnico e científico, a monografia regional, a dramaturgia e a reportagem. Também se enquadravam neste concurso “as produções musicais sobre temas folclóricos”. “O concurso não se restringia a autores ribatejanos nem a temas regionais” desde que os trabalhos fossem inéditos e entregues entre 1 de Março e 30 de Abril na sede do Club Literário Guilherme de Azevedo.¹⁴ Em Abril, a Comissão Executiva do Concurso concluiu que, tal como habitualmente, entre os trabalhos recebidos predominava a poesia e que muitos dos concorrentes eram jovens.¹⁵ O sarau cultural agendado para o dia 10 de Junho no teatro Rosa Damasceno para a apresentação dos melhores trabalhos e a entrega de prémios, apenas se concretizou na noite de 29 de Junho. Este iniciou-se com uma conferência proferida pelo escritor Carlos Selvagem, pseudónimo literário do coronel Carlos Tavares de Andrade Afonso dos Santos, intitulada “O Ribatejo no Mapa da Nação”. O autor foi apresentado pelo presidente da Comissão Executiva do Concurso, Humberto Lopes, sendo a conferência repetida na noite de 7 de Maio de 1945, na Casa do Ribatejo, em Lisboa. Na segunda parte do sarau foram proclamados os vencedores, perante uma vasta e ansiosa assembleia que enchia o teatro. Na categoria de conto, o primeiro prémio foi atribuído em ex-aequo a “Sexto Filho” de Virgílio Ferreira e “Baleeiros” de António Cacho, que também recebeu o segundo prémio com “Manel da Rita”. Os premiados na categoria de poesia disputaram entre si vários prémios, como João Correia Vieira, Aida Valente Cunha, Jorge Manuel Goulão Pestana Bastos e Maria Noémia Lopes de Carvalho.¹⁶ Na categoria de novela, apenas foi atribuída uma menção honrosa a “O Piloto é uma Mulher” de Georgina da Silva Anjos. No final da segunda parte do sarau, a declamadora Manuela Porto recitou alguns poemas vencedores e de autores consagrados como Mário de Sá Carneiro, Fernando Pessoa, José Régio, Álvaro Feijó e Manuel da Fonseca. O sarau terminou com a actuação do Orfeão Scalabitano e da Orquestra de Câmara regidos pelo maestro Belo Marques, sendo solistas o tenor Manuel Afonso e o violoncelista D. José Zarco da Câmara que apresentaram temas de Mozart, Beethoven, Bacherini e Schubert. Nos fins de Julho de 1945, a Comissão Executiva do Concurso reuniu pela última vez para agradecer o apoio logístico e financeiro das autoridades, da Casa do Ribatejo, das colectividades associadas e por fim, saudaram “... o público de Santarém que cada vez mostra mais interesse vivo e saudável por espectáculos desta natureza, os concorrentes que em elevado número e

¹⁴ Cf. “Regulamento do III Concurso Literário” in *Correio do Ribatejo*, 17/2/1945, p. 8.

¹⁵ Cf. Idem, 14/4/1945, p. 6.

¹⁶ A lista de premiados foi publicada pelo *Correio do Ribatejo*, 7/7/1945, p. 6.

com produção de muito mérito deram renome ao Concurso e o Grupo de Coordenação Cultural, que será de futuro, o organizador deste certame.”¹⁷.

O plano de actividades do Grupo para o ano de 1946 ia para além da organização do IV Concurso Literário Ribatejano. A sua Comissão Consultiva, em reunião a 23 de Janeiro, aprovou também a comemoração do centenário de Eça de Queirós e diversas palestras pelas colectividades associadas, a realização de uma “Semana de Arte” e uma campanha a favor dos jardins-escola que incluía uma conferência por João de Deus Ramos. O Grupo pretendia “... criar círculos de estudo e efectuar pequenos cursos sobre História, Literatura, Economia, Artes Plásticas, Desportos, Educação Física, Campismo...”¹⁸. Finalmente, era seu objectivo publicar “... um Boletim que sirva de traço de união a todos os homens e a todas as colectividades interessadas na propagação da cultura.”¹⁹.

A primeira conferência realizou-se a 9 de Fevereiro na sede de “Os Caixeiros”, sendo orador o presidente da “Voz do Operário”, Raul Esteves dos Santos, que versou sobre o tema “O Livro e o Jornal”.²⁰ Ao apresentar o orador, Manuel Ginestal Machado, enalteceu os projectos do movimento cultural com destaque para a necessidade de criar na cidade um jardim-escola. Nessa sequência, o Grupo convidou o escritor e pedagogo João de Deus Ramos que dissertou sobre a obra dos jardins-escola. A palestra decorreu no salão lotado do Club Literário, no dia 15 de Fevereiro. O convidado foi apresentado pelo advogado Eurico Ferreira que valorizou a acção educativa e pedagógica do orador e por Ginestal Machado que mais uma vez defendeu a necessidade de criar um jardim-escola na capital de distrito.²¹ Da mesma opinião comungava Humberto Lopes que no artigo “Alegria da Criança” defendeu a necessidade de “... proporcionar a algumas crianças o sadio prazer de convivência num bom ambiente, com muitos brinquedos em roda, algumas tarefas colectivas e individuais a levar a cabo, e sempre por toda a parte o amparo carinhoso de alguém que os amasse e por isso os entendesse e guiasse...”²². Lopes lembrou a experiência de um jardim-escola que funcionou na sede e sob o patrocínio do Clube Literário Guilherme de Azevedo, colectividade onde era dirigente, em 1944. O projecto durou três meses, apesar dos seus “... muitos defeitos, próprios de

¹⁷ Idem, 5/8/1945, p. 6.

¹⁸ Idem, 26/1/1946, pp. 1-2.

¹⁹ Idem, 26/1/1946, p. 2.

²⁰ Sobre a conferência cf. Idem, 9/2/1946, p. 6 e 16/2/1946, p. 8.

²¹ Cf. Idem 16/2/1946, p. 8.

²² Humberto Lopes, “Alegria da Criança” in Idem, 9/2/1946, p. 1.

uma obra no começo, em que os iniciados caminham um pouco às apalpadelas, embora com os olhos fitos em ténue raio de luz.”²³. Na sua opinião, o futuro jardim-escola devia ter uma sede própria, um horário alargado desde manhã até à noite, pessoal habilitado para as funções a desempenhar e fornecer as refeições às crianças.

No dia 30 de Março de 1946, o Grupo promoveu na Associação Académica a conferência “Literatura e Cinema” proferida pelo crítico cinematográfico Roberto Nobre que repetiu a palestra que realizou na “Voz do Operário”. O autor de “Horizontes do Cinema” referiu as obras portuguesas adaptadas ao cinema com destaque para os romances de Eça de Queirós e Ferreira de Castro, criticando adaptações ou versões menos conseguidas na sétima arte. O convidado foi apresentado pelo advogado Joaquim dos Santos Martinho (1915-2000) numa sessão presidida por Ginestal Machado que relembrou os projectos em que o Grupo se encontrava envolvido.

As relações entre o Grupo e a secção de Santarém da Alliance Française, fundada em 1946, também se estreitaram sempre que se realizavam concertos com músicos franceses como a actuação do violoncelista Bernard Michelin a 12 de Março ou do pianista André Collard a 6 de Dezembro²⁴. Alguns dos dirigentes da Alliance em Santarém compartilham essa responsabilidade com a direcção dos destinos do Grupo e do Orfeão como Ginestal Machado, Eurico Ferreira e D. José Zarco da Câmara. Numa entrevista à *Vida Mundial Ilustrada*, Humberto Lopes reflectiu sobre a obra cultural implementada em Santarém que considerava “... uma pequenita Atenas. Todo o esforço dirigido nesse sentido tem o aplauso do povo. Todas as colectividades de recreio têm a cultura e a beneficência como lema. Para facilitar e tornar realizáveis os seus esforços, com base no velho adágio: “A união faz a força”, organizou-se um Grupo de Coordenação Cultural, de que faço parte, a par dos representantes das várias colectividades de recreio, e que funciona à maneira de Sociedade das Nações, mas que ainda não falhou — felizmente... A tarefa desse núcleo, que orienta e dirige a obra cultural das sociedades de recreio, tem-se realizado através de conferências culturais, de cursos de música, ciências e técnicas; de concertos em que, por vezes, tem colaborado o Orfeão Scalabitano, como sociedade de recreio que é; de jogos florais, como os últimos, patrocinados pela Emissora Nacional ...”²⁵. Aníbal Piló, empregado dos Correios na cidade e dirigente associativo, publicou um artigo intitulado “Cultura” onde referiu a

²³ Idem.

²⁴ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, acta n.º 7, 21/3/1946.

²⁵ *Vida Mundial Ilustrada*, 4/4/1946.

importância do Grupo para a difusão cultural perante os mais desfavorecidos que precisam de “ler, ouvir, ver, auscultar” para fugirem “da escravidão humilhante da ignorância”. O Grupo criou “um ambiente propício” e “... resolveu trazer até Santarém alguns homens de comprovada competência para nos ensinarem alguma coisa do muito que temos a aprender. Aqueles que nada sabem alguma coisa aproveitarão. Aqueles que, apesar de não saberem tudo, alguma coisa já sabem, e que procuram na cultura um meio de dignificação social, um enriquecimento de meios de defesa e, vamos lá, ensejos de recriação espiritual, perdoarão o pouco que lhe oferecemos e, estamos certos, apoiarão os nossos esforços.”²⁶.

Bernardo Gonçalves Neto, professor do Liceu e vereador da Câmara, aceitou o convite do Grupo e apresentou na Sala dos Actos do Seminário, a 17 de Maio de 1946, a conferência “Bernardes e o nosso Tempo”. Ao encerrar a sessão, Manuel Ginestal Machado relembrou os objectivos do Grupo relevando a “Semana de Arte” projectada para a primeira semana de Junho.²⁷ Entre as actividades propostas constavam: uma feira do livro, uma exposição bibliográfica, conferências sobre literatura e arte, uma exposição de pintura, publicação de um boletim intitulado “Cultura” que divulgasse as actividades desenvolvidas pelo Grupo, o IV Concurso Literário Ribatejano e um serão cultural.

A exposição bibliográfica de obras antigas e recentes foi inaugurada a 3 de Junho, na sede da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo, local onde também decorreu uma feira do livro. A exposição de Arte Contemporânea, inaugurada no dia 4 de Junho, decorreu na Sociedade Recreativa Operária e apresentou pinturas a óleo, aguarelas, desenhos e esculturas de trinta artistas.²⁸ A reunião da preciosa colecção de arte “...proporcionou ao público uma lição de conjunto bem proveitosa para todos e, em especial, para quem não tenha fácil ensejo de colher a miúdo tão belos ensinamentos.”²⁹. A 7 de Junho, o escritor Julião Quintinha apresentou a conferência “Digressão Literária (Criação, Esplendor, Decadência e Ressurgimento da Literatura Portuguesa)”, no teatro

²⁶ Aníbal Piló, “Cultura” in *Correio do Ribatejo*, 13/4/1946, p. 6.

²⁷ Sobre a conferência cf. Idem, 25/5/1946, pp. 1, 2.

²⁸ Os artistas representados na mostra foram Júlio de Sousa, Falcão Trigoso, Dórdio Gomes, Roberto Araújo, Maria de Lourdes de Melo e Castro, Américo Marinho, Faria de Castro, Helena Roque Gameiro, Braz Ruivo, António Saúde, Leitão de Barros, Frederico Lapa. As obras foram emprestadas para a exposição por Manuel Ginestal Machado, Artur Proença Duarte, Joaquim Mata, Adolfo Faria de Castro (1904-1955), Antunes Júnior, Nuno Duarte, João Correia Vieira e pela Câmara Municipal de Santarém.

²⁹ Idem, 8/6/1946, p. 6.

Sá da Bandeira. O advogado e membro do Grupo, Eduardo Figueiredo, apresentou o orador que “... focou a evolução da vida literária em Portugal...”³⁰.

O IV Concurso Literário Ribatejano começou a ser organizado pelo Grupo, em Janeiro de 1946, na sede do Clube Literário Guilherme de Azevedo. A novidade do regulamento do concurso consistia na atribuição de prémios a uma nova categoria que contemplava os menores de 15 anos.³¹ No dia 10 de Junho, o Grupo organizou um serão cultural no teatro Rosa Damasceno, que se iniciou com a conferência “Camões e o Classicismo Português”, pelo musicólogo Luís de Freitas Branco, que foi apresentado pelo maestro Belo Marques. A declamadora Dulce de Oliveira procedeu à leitura das poesias premiadas no IV Concurso Literário e foram distribuídos os prémios aos concorrentes vencedores nas diversas categorias. Nas últimas partes do serão actuaram a cantora Judite Lupi Freire acompanhada pela pianista Maria Elvira Barroso que interpretaram obras de Bach, Schumann, Chopin e Frederico de Freitas e o Orfeão Scalabitano.³² Segundo Humberto Lopes, a “Semana de Arte” marcou “... uma viragem decisiva no sentido do alargamento do trabalho desse jovem organismo que é o Grupo de Coordenação Cultural.”³³ A 19 de Junho de 1946, a declamadora brasileira Margarida Lopes d’Almeida³⁴ apresentou-se no teatro Rosa Damasceno a convite do Orfeão, do Club de Santarém e do Grupo de Coordenação Cultural. A declamadora que se encontrava em Portugal a convite do Ministério das Relações Exteriores do Brasil e que apresentou recitais em Lisboa, Porto e Coimbra, recreou o sucesso que obteve em 1934 no mesmo teatro de Santarém.³⁵ Durante o ano de 1946, esteve também em Santarém, a convite do Grupo, o escritor Alves Redol, que dissertou sobre “A Vida Económica do Ribatejo”.³⁶ Ao Grupo “... interessa também o verdadeiro desporto, e pensa efectuar uma festa de atletismo e estudar os problemas desportivos do Ribatejo”³⁷.

³⁰ Idem, 8/6/1946, p. 6.

³¹ Sobre o regulamento cf. Idem, 23/2/1946, p. 5.

³² Cf. Idem, 8/6/1946, p. 8.

³³ Humberto Lopes, “Uma “Semana de Arte” em Santarém” in *Correio do Ribatejo*, 1/6/1946, p. 7.

³⁴ A actriz, escritora, jornalista, poetisa e declamadora brasileira nasceu em 1897 no Rio de Janeiro, era filha dos escritores Júlia Lopes de Almeida (1862-1934) (presidente honorária da Legião da Mulher Brasileira, criada em 1919) e de Filinto de Almeida (português), fundadores da Academia Brasileira de Letras, e irmã de Afonso Lopes de Almeida (1888-1953).

³⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 15/6/1946, p. 2.

³⁶ Manuel Ginestal Machado, “O Grupo de Coordenação Cultural” in *Vida Ribatejana*, n.º especial de 1947.

³⁷ Idem, *Ibidem*.

No segundo semestre do ano, o Grupo aprovou os seus estatutos e reuniu uma assembleia-geral na biblioteca de “Os Caixeiros”, a 13 de Dezembro, a fim de analisar e votar o relatório e as contas da comissão orientadora e o relatório do conselho fiscal e de eleger os seus novos corpos dirigentes. Manuel Ginestal Machado, representante do Orfeão, manteve-se presidente da comissão consultiva enquanto a comissão orientadora ficou a cargo dos sócios individuais Eduardo Figueiredo e João Correia Vieira e dos representantes da Associação Académica, Gilberto Cruz, do Ateneu Comercial, Faria de Castro, e de “Os Caixeiros”, Luís Coelho. A assembleia-geral era presidida por António Mendes em representação do União Operária enquanto o conselho fiscal ficava a cargo de Mário de Castro, João da Costa Ribeiro e Cristiano Branquinho dos Santos, representantes respectivamente do Orfeão, do Sporting Ribeirense e Club Guilherme de Azevedo. O grande ausente desta direcção foi Humberto Lopes, preso pela primeira vez a 1 de Junho de 1946, sob a acusação de pertencer ao comité regional do “Médio Ribatejo” do Partido Comunista Português.³⁸

Toda a burocracia produzida pelo Grupo desapareceu, o que dificulta a análise da sua vida associativa. O Orfeão foi o principal financiador deste projecto quer através de verbas quer com actuações do seu grupo coral. Enquanto mensalmente, o Club Literário Guilherme de Azevedo pagava quotas de 30\$00³⁹ e “Os Caixeiros” de 20\$00,⁴⁰ o Orfeão pagava 40\$00.⁴¹ Em Fevereiro de 1946, o Orfeão atribuiu-lhe um subsídio de 250\$00,⁴² enquanto em Julho atribuiu o donativo de 500\$00 “... para auxiliar o pagamento dos encargos resultantes da Semana da Arte em Santarém...”⁴³. Também o Grupo de Coordenação Cultural de Almeirim, fundado em Abril de 1946, recebeu um subsídio de 200\$00 para a abertura da sua biblioteca.⁴⁴ Provavelmente, também o Grupo de Coordenação Cultural de Alpiarça, criado no mesmo ano, recebeu apoios ainda que tal seja impossível de confirmar devido à falta de fontes. Ao fazer o

³⁸ O advogado foi liberto do Aljube a 14 de Outubro de 1946 após o pagamento de fiança de 30 mil escudos. A 13 de Janeiro de 1948 e na sequência deste processo, Lopes foi condenado a 10 meses de prisão correcional, à suspensão dos seus direitos políticos por três anos e ao imposto de justiça de 800\$00. Apenas foi libertado do Forte de Peniche a 13 de Julho de 1949. Durante este período, Humberto Lopes colaborou com o Grupo ao participar no II Congresso do Ribatejo. Cf. João Madeira, Luís Farinha, Irene Flunser Pimentel, *Vítimas de Salazar – Estado Novo e Violência Política*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2010, p. 160.

³⁹ Cf. *Livro de Caixa do Club Literário Guilherme de Azevedo*, 30/9/1943 a 31/12/1947.

⁴⁰ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 3, 11/3/1946.

⁴¹ Cf. *Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, 1930-1946.

⁴² *Idem*.

⁴³ *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, acta n.º 10, 2/7/1946.

⁴⁴ *Idem*.

balanço das actividades desenvolvidas ao longo da “Semana de Arte”, Humberto Lopes concluiu que “... estamos, como facilmente se enxerga, perante uma realização de envergadura, tanto mais digna de nota quanto é certo que o Grupo de Coordenação Cultural é pobre, como pobres são as colectividades suas aderentes, arrostando por isso com um encargo de alguns contos de réis pesadíssimos na verdade para as suas finanças (...) torna-se, porém evidente que não será possível ir muito longe se ao Grupo faltar o apoio financeiro e moral, dos que melhor colocados estão para o prestar.”⁴⁵. Estão patentes referências a entidades como a Casa do Ribatejo, o Governo Civil, a Câmara Municipal e a Junta de Província que pontualmente subsidiaram actividades do Grupo. No entanto, o recital de Margarida Lopes de Almeida teve 436\$15 de prejuízo em parte suportado pelo Orfeão.⁴⁶

Em 1947, Manuel Ginestal Machado publicou na *Vida Ribatejana* um artigo onde retratou e balanceou o trabalho desenvolvido: “Um grupo de scalabitanos, desinteressados e amigos da sua terra, organizou (...) o Grupo de Coordenação Cultural com o fim de harmonizar e intensificar a obra de educação e cultura já iniciada e dar-lhe justa projecção e uma profícua e criteriosa realização. Elaborou-se um ousado plano de acção, do qual há que salientar: a criação de jardins escolas, a expansão do Concurso Literário Ribatejano, conferências, festas artísticas de real valor, exposições de arte, edição de um boletim, cursos nocturnos gratuitos, teatro e cinema cultural, fundação de um Gabinete de Estudos Ribatejanos e estudar todos os problemas culturais e educativos de interesse para o Ribatejo.”⁴⁷. Segundo este dirigente, o Grupo “... pode contribuir para a elevação espiritual e intelectual do cidadão, para a verdadeira cultura popular e para se tornarem conhecidos os novos valores da nossa terra.”⁴⁸. A primeira actividade que o Grupo promoveu em 1947, foi o concerto de “Os Pequenos Cantores de Viana”, dirigidos pelo maestro Haymo Tauber, realizado no teatro Rosa Damasceno, a 7 de Fevereiro, tendo a receita revertido a favor da Cruz Vermelha. Os jovens cantores com idades compreendidas entre os 9 e os 13 anos interpretaram temas de Galus, Naninus, Herbeck, Schumann, Strauss e Schubert e terminaram o serão com a apresentação da ópera cómica “O Ensaio da Ópera”, de Lortzing. Sempre acompanhados pelo reitor Schmidt, os jovens artistas visitaram os locais turísticos da

⁴⁵ Humberto Lopes, “Uma “Semana de Arte” em Santarém” in *Correio do Ribatejo*, 1/6/1946, p. 7.

⁴⁶ Cf. *Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano*, n.º 2, 1930-1946.

⁴⁷ Manuel Ginestal Machado, “O Grupo de Coordenação Cultural” in *Vida Ribatejana*, n.º especial de 1947.

⁴⁸ Idem, *Ibidem*.

cidade, provaram a doçaria regional, tomaram as suas refeições no hotel Abidis e pernoveram em casa de algumas das famílias de Santarém. A deslocação dos cantores austríacos foi possível devido “... aos que tão generosamente acolheram as crianças em sua casa, dando-lhes prendas e pagando todas as despesas da estadia; das empresas de camionagem Ribatejana e Vinagre, que gratuitamente os transportaram; à imprensa e à direcção do Club de Santarém, sempre tão pronta e amável na cedência do teatro (...) ao dr. Eurico Ferreira que, pela sua actuação dedicadíssima, foi a grande mola que tudo impulsionou. Foi ele, na verdade, que tornou possível o espectáculo...”⁴⁹.

No âmbito do plano de actividades para 1947, o Grupo organizou um ciclo de conferências. A primeira decorreu a 26 de Março, no salão da Junta de Província, e foi proferida pelo escritor e arqueólogo Gustavo Matos Sequeira que dissertou sobre “O Ribatejo e as Festas Centenárias”, texto cedido ao Grupo para que fosse editado, sendo o produto destinado às Cantinas Escolares de Santarém.⁵⁰ O vice-presidente da Casa do Ribatejo e escritor Francisco Câncio apresentou a conferência “Nós os Ribatejanos”, a 18 de Abril, no Ginásio do Seminário. O conferencista foi apresentado por Eduardo Figueiredo que lhe enalteceu “a sensibilidade” e o “acentuado ribatejanismo” perante os representantes da Casa do Ribatejo, os dirigentes associativos, os representantes do poder local e da Igreja e “... congratulou-se pela obra realizada, particularmente no que se refere à acção regionalista, desenvolvida em prol do Ribatejo...”⁵¹. Ginestal Machado também elogiou o orador “... considerado o cronista do Ribatejo...”⁵² concluindo “... que ninguém melhor do que este poderia falar sobre o tema proposto”⁵³. A conferência terminou com a actuação do Orfeão dirigido por Belo Marques e com um “Porto de honra” oferecido à direcção da Casa do Ribatejo. Sempre que as colectividades organizavam conferências, o Grupo fazia-se representar pelos seus delegados como Adolfo Faria de Castro e Eduardo Figueiredo que estiveram presentes na homenagem a Afonso Lopes Vieira e na conferência “Figueira da Foz, Miradouro Atlântico do Ribatejo”, proferida pelo capitão Ernesto Tomé, organizadas respectivamente pelos Orfeão, a 23 de Março de 1946, e Club Guilherme de Azevedo, a 25 de Abril de 1947.

⁴⁹ *Correio do Ribatejo*, 15/2/1947, p. 8.

⁵⁰ Cf. *Idem*, 29/3/1947, pp. 1-2.

⁵¹ *Idem*, 26/4/1947, p. 8.

⁵² *Idem*.

⁵³ *Idem*.

O Grupo de Coordenação e a Sociedade Nacional de Música de Câmara promoveram um sarau de arte no teatro Rosa Damasceno, a 16 de Abril de 1947, com a presença da jovem pianista Margarida Magalhães de Sousa, da cantora de ópera Leontina de Miranda e da declamadora Dulce de Oliveira. Esta declamou poemas de Florbela Espanca, Castilho, João de Deus, Augusto Pinto, Goethe, Silva Tavares, Maria Tamagnini e Guerra Junqueiro, enquanto a pianista executou peças de Haendel, Schubert e Beethoven. O sarau terminou com a actuação da soprano que apresentou árias das óperas “Rigoletto” de Verdi e “Bohème” de Puccini alternados com trechos de Schubert e Schumann. A cantora que terminou a sua exibição com o segundo acto de “O Barbeiro de Sevilha” de Rossini foi acompanhada ao piano por Maria Alvelos de Sousa. Apesar da qualidade do programa, o público não aderiu como se esperava “... sendo de lamentar (...) que a numerosa massa associativa das colectividades representadas pelo Grupo se tenha desinteressado quase por completo desta feliz iniciativa dos seus dirigentes, tão empenhados em favorecê-la com os seus propósitos culturais.”⁵⁴. A delegação do Grupo Coordenação Cultural de Almeirim promoveu, a 24 de Abril, um sarau no cine-teatro da vila para comemorar o seu primeiro aniversário, com a presença das Orquestras de Salão e Típica do Orfeão Scalabitano dirigidas respectivamente por Alfredo Ferreira e António Gavino. No concerto ouviram-se obras de Mozart, Schubert Liszt, Delibes, Tschaikovsky, Saint-Saens, António Gavino, C. Reis e José Mourato após a apresentação do projecto do Grupo e da apresentação das orquestras por Ginestal Machado. No final do sarau foi oferecido um “Ribatejo de honra” na sede do Club União de Almeirim onde foram homenageados os impulsionadores do Grupo, Ginestal, Salvador Supardo e D. José Zarco da Câmara.⁵⁵

A Casa do Ribatejo organizou e patrocinou um novo congresso realizado vinte e quatro anos após o primeiro, a fim de reflectir sobre “... tudo quanto à região pode interessar”⁵⁶. Para isso, projectou comissões concelhias e paroquiais em todos os municípios e freguesias da região que pretendia apresentar em Lisboa um grande cortejo para mostrar “... um Ribatejo unido nas suas instituições e em festa”⁵⁷. Ao Grupo de Coordenação Cultural coube a organização das sessões inaugurais realizadas em Santarém a 29 e 30 de Junho, missão que Ginestal Machado abraçou com o dinamismo que os seus colaboradores conheciam, ao elaborar um projecto ambicioso que desse

⁵⁴ Idem, 19/4/1947, p. 2.

⁵⁵ Idem, 26/4/1947, p. 2.

⁵⁶ Fernando Cândia, “Congresso Ribatejano” in *Correio do Ribatejo*, 30/3/1946, p. 1.

⁵⁷ Idem, 23/11/1946, p. 1.

relevo ao nome da capital da Província. O Grupo apresentou à comissão executiva do Congresso quatro temas referentes à cultura a desenvolver nas sessões: as autarquias locais e a cultura, instrução e cultura, turismo e cultura e desportos e educação física.

Na véspera da abertura do Congresso, foi apresentada uma exposição de pintura e escultura regional intitulada “I Salão Ribatejano”, com uma centena de trabalhos no salão da Caixa de Crédito Agrícola. Os organizadores da exposição, Adelaide Félix (1896-1971), Francisco Câncio e Joaquim de Barros e Mattos, recolheram obras de artistas amadores e profissionais de mérito representantes de géneros diferentes de arte.⁵⁸ O Congresso foi inaugurado pelo subsecretário da Assistência, Trigo de Negreiros, no teatro Rosa Damasceno, após as recepções de boas-vindas na Câmara Municipal e na Junta de Província, às quais se seguiu uma entrada de touros no Campo Sá da Bandeira. Enquanto no teatro Sá da Bandeira decorria a exibição do filme “Um Homem do Ribatejo”, de Henrique Campos, em homenagem aos congressistas, no teatro Rosa Damasceno apresentava-se um “Sarau Literário e Artístico” de encerramento do V Concurso Literário e integrado nas actividades do II Congresso Ribatejano. O sarau iniciou-se com a conferência “Arte, Indivíduo e Grupo”, pelo professor da Faculdade de Letras de Lisboa, Vieira de Almeida. Seguidamente, foram apresentados os premiados do Concurso Literário nas diversas categorias. De realçar que alguns dos premiados já anteriormente tinham sido distinguidos pelo júri, caso de António Cacho e Aida Valente Cunha e Silva. Muitos deles não residiam em concelhos ribatejanos, indo os prémios para lugares distantes como Covilhã, Porto, Coimbra, Funchal, Lisboa, Barreiro, Leiria e Figueira da Foz. Outro aspecto curioso foi a atribuição do prémio de produção poética para menores de dezasseis anos a Rui Madeira Cacho, irmão de António Cacho.⁵⁹ Na terceira parte do Sarau, a actriz Maria Barroso declamou poemas de Sidónio Muralha, Álvaro Feijó, Joaquim Namorado e Manuel da Fonseca entre outros. O recital ficou envolvido em polémica perante a “agressividade” de alguns dos poemas escolhidos que levaram o governador civil a abandonar a mesa de honra que se encontrava colocada no palco. O Orfeão Scalabitano, dirigido pelo maestro Belo Marques, encerrou o espectáculo com a apresentação de

⁵⁸ Augusto Braz Ruivo, Eduardo Rosa Mendes, Francisco Vilela, Adolfo Faria de Castro, João Veiga, Maria de Lourdes Melo e Castro, Eduarda Lapa e Delfim Maia. Cf. Idem, 28/6/1947, p. 8 e 5/7/1947, p. 3.

⁵⁹ A lista dos premiados do V Concurso Literário encontra-se publicada no *Correio do Ribatejo*, 5/7/1947, p. 8.

obras de Mozart, Strauss, Grieg, Delibes, Offenbach, Costa Ferreira, Casimiro Silva e do folclore nacional.

As sessões de estudo do Congresso decorreram no dia 30 no salão da Junta de Província, onde personalidades ligadas ao Grupo de Coordenação e à vida associativa da cidade defenderam as suas teses: “O Cânhamo, uma Riqueza do Ribatejo”, por Celestino Graça; “Da Influência das Cantinas Escolares na Educação Popular”, por Mário dos Santos Forte; “A Criação da Escola Comercial de Santarém” e “Pelourinhos do Ribatejo”, ambas por Adolfo Faria de Castro. Humberto Lopes apresentou a tese “As Colectividades Desportivas de um Novo Tipo” onde se referiu ao “aspecto educativo do desporto”. Segundo o congressista era “...raro haver a preocupação de dar aos atletas, em primeiro lugar, e aos associados, logo a seguir, um mínimo de cultura, que dá discernimento, compreensão e gosto apurado das formas superiores ao desporto. O ideal desportivo é o do atleta inteligente, porque só esse pode – em regra – ser o campeão, o perfeito executante da sua modalidade, porque, simultaneamente, perfeito raciocinador sobre os processos do seu jogo ou da sua arte.”⁶⁰. O dirigente associativo concluiu a sua tese propondo “... que se saúdem todas as colectividades desportivas, que numa atitude de pioneiros, têm dedicado a sua atenção a problemas de cultura; [e] que se exprima a esperança de dentro em pouco não haver, em todo o Ribatejo, uma única colectividade desportiva sem a sua biblioteca, o seu círculo de estudos, o seu programa de conferências e palestras culturais.”⁶¹. Manuel Ginestal Machado apresentou a tese “Difusão da Cultura no Ribatejo” onde abordava “... a necessidade da difusão harmónica da cultura extra-escolar no Ribatejo, por meio de conferências, concertos, recitais, Concurso Literário e a Rádio.”⁶². Na sua opinião, a obra cultural desenvolvida pelas colectividades ribatejanas, apesar de meritória, “... precisava de ser coordenada e ter a devida e justa expansão (...) em todos os concelhos do Ribatejo deviam criar-se núcleos orfeónicos, os quais muito contribuiriam para afastar os homens, nas horas de descanso, de certos locais e centros prejudiciais de diversão, interessando-os antes pela vida espiritual e artística e educando-os.”⁶³

⁶⁰ Humberto Lopes, “As Colectividades Desportivas de um Novo Tipo” in *II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948, pp. 535-536.

⁶¹ Idem, *Ibidem*, pp. 536-537.

⁶² Manuel de Almeida Ginestal Machado, “Difusão da Cultura no Ribatejo” in *II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948, p. 369.

⁶³ Idem, *Ibidem*, pp. 370-371.

Durante o II Congresso, realizou-se um concurso de montras onde os comerciantes de Santarém deram largas à sua imaginação, ao tentar publicitar os produtos que vendiam e o Ribatejo. A comissão desportiva do Congresso organizou a I Volta Ciclista ao Ribatejo que teve início e termo em Vila Franca de Xira, após ter passado por Samora Correia, Benavente, Salvaterra de Magos, Almeirim, Alpiarça, Chamusca, Coruche, Abrantes, Constância, Tomar, Entroncamento, Torres Novas, Santarém e Cartaxo, ficando os prémios a cargo das Câmaras Municipais aderentes. A participação de Santarém no II Congresso terminou com um festival ribatejano realizado no Jardim das Portas do Sol, onde actuou o Rancho Folclórico do Sorraia e a Banda dos Bombeiros sob a direcção do maestro Manuel Canhão e que terminou com fogo de artifício.⁶⁴

“Foi dissolvido o Grupo de Coordenação Cultural desta cidade.”⁶⁵. Esta frase publicada num local discreto da última página do jornal *Correio do Ribatejo* foi o que restou como epitáfio de um projecto com muitos objectivos por cumprir. Após três anos de actividades intensas e de sucesso e de obter apoio de diversas entidades políticas e culturais quer regionais quer nacionais, o que terá levado a um término tão precoce e inesperado? Segundo Ginestal, o Grupo “... tem lutado, como é natural, com a rotina e a incompreensão, mas tem vencido todos os escolhos e a sua obra conseguiu impor-se, e tornou-se um elemento indispensável no Ribatejo”⁶⁶. Por que motivo não conseguiu resistir desta vez?

Alguns dos membros do Grupo, posicionavam-se contra o Estado Novo, sendo membros do M.U.D., como os advogados Manuel Ginestal Machado, Eduardo Figueiredo, Eurico Ferreira e o comerciante Cristiano Branquinho dos Santos, outros encontravam-se mesmo envolvidos nas fileiras do P.C.P., como o advogado Humberto Lopes. Estes acreditavam que o fim da II Guerra Mundial, para além de trazer mudanças políticas na Europa com a queda das ditaduras, também iria trazer eleições livres e democráticas em Portugal. Mas este não parecia ser o motivo único para a extinção do Grupo porque estes elementos de certa forma encontravam-se escudados por homens ligados ao regime, como Artur Proença Duarte, Virgílio Arruda e Joaquim Barros e Mattos. Durante o “Sarau Literário e Artístico” realizado a 29 de Junho de 1947, no

⁶⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 5/7/1947, p. 7.

⁶⁵ Idem, 13/7/1947, p. 8.

⁶⁶ Manuel Ginestal Machado, “O Grupo de Coordenação Cultural” in *Vida Ribatejana*, n.º especial de 1947.

teatro Rosa Damasceno, o Grupo convidou Maria Barroso para um recital de poesia moderna. A imprensa regional criticou a actriz porque “... foi extremamente infeliz nos versos que escolheu, quase todos de inspiração deprimente ou subversiva, quando não atentatória do respeito devido aos próprios princípios morais e religiosos.”⁶⁷. Segundo Maria Barroso, foram apresentados “... versos mais duros e mais expressivos para a mensagem política que quer fazer passar ao auditório.”⁶⁸. Assim, declamou “Nossa Senhora da Apresentação”, “Dois Poemas de Amor da Hora Triste”, de António Feijó; “Chácara das Bruxas Dançando” de Carlos Oliveira; “Prometeu Agrilhado”, de Joaquim Namorado; “Elegia ao Companheiro Morto”, de Mário Dionísio; e “Mataram a Tuna”, “Mar Atlântico”, de Manuel da Fonseca. Para além do desconforto do governador civil, major António Manuel Baptista que abandonou o teatro, Maria Barroso compareceu poucos dias depois na sede da P.I.D.E. em Lisboa para prestar esclarecimentos sobre o referido recital.⁶⁹

Como anteriormente ficou referido, todo o percurso do Grupo de Coordenação Cultural apenas pode ser traçado através das escassas informações registadas em livros de actas das colectividades aderentes, na imprensa e na memória de cada vez menos sócios, o que é manifestamente pouco quando se pretende apurar os motivos que levaram ao seu desaparecimento. A intervenção social e política do Grupo, provavelmente, silenciaram-no, enquanto “... o grande activismo e o grande entusiasmo que o final da guerra trouxe à intelectualidade ia-se espumando à medida que o regime recuperava o seu equilíbrio e se recompunha...”⁷⁰. No entanto, a maioria dos protagonistas envolvidos no projecto do Grupo não esmoreceu e continuou a trabalhar em prol da cultura, sem esquecer a sua actividade cívica e política. Alguns integraram a comissão distrital durante as campanhas de Norton de Matos e Humberto Delgado, como Ginestal Machado, Eduardo Figueiredo, Joaquim dos Santos Martinho, Cristiano Branquinho e Eurico Ferreira. Humberto Lopes iniciou um longo périplo pelas prisões políticas do regime. Não sem antes ter participado com Ginestal na sessão do II Congresso do Ribatejo em Tomar, a 19 de Outubro de 1947, onde apresentou as teses “O Problema do Analfabetismo”, “O Ensino Agrícola no Ribatejo” e “O Conhecimento da Terra Portuguesa, e em Especial do Ribatejo, através dos Livros Adoptados e dos

⁶⁷ *Correio do Ribatejo*, 5/7/1947, p. 8.

⁶⁸ Leonor Xavier, *Maria Barroso, um Olhar sobre a Vida*, Lisboa, Difusão Cultural, 1995, p. 82.

⁶⁹ Cf. Idem, pp. 82-87.

⁷⁰ João Madeira, *Os Engenheiros de Almas. O Partido Comunista e os Intelectuais*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, p. 218.

Programas de Instrução Primária e do Liceu”. Em 1948, Ginestal Machado regressou à direcção do Orfeão da qual se afastara no final de 1946, onde continuou a desenvolver o seu projecto cultural.

2.10 - O Movimento Cineclubista em Santarém

A Associação Scalabitana dos Amigos do Cinema foi fundada em 1932 e constituiu o primeiro agrupamento de associados ligados ao interesse pela sétima arte. Entre os seus fundadores encontravam-se José Afonso de Matos, Mário Rodrigues Mariano, Carlos Perdigão, José Perdigão, José Carlos de Oliveira Sollas, Carlos Ribeiro, Jaime Pereira e António Júlio Cravador que beneficiaram do apoio de Faustino Rosa Mendes.¹ A chegada do cinema sonoro a Santarém, introduzido pelo teatro Sá da Bandeira, a constituição da empresa escalabitana “Cinema Sonoro”² e a publicação do jornal *Cine-Scalabis*³ provavelmente aceleraram o associativismo dos cinéfilos. No entanto, a Associação não ultrapassou a década de 30, desconhecendo-se a data da sua extinção, devido a impedimentos financeiros, falta de apoios, extrema juventude da maioria dos associados e algumas pressões do poder político.⁴

O movimento cineclubista ganhou expressão em Portugal na década de 40, em especial após a fundação do Cineclube do Porto em 1945. Uma nova geração cinéfila começou a formar-se a partir do momento em que os cineclubes começaram a proliferar pelo país, pois “... tudo deve ser feito para educar o gosto dos espectadores de cinema para aumentar o número de pessoas interessadas e com senso crítico bastante para distinguir o bom do péssimo, a obra de arte do espectáculo gratuito e de baixo nível. É neste campo que muito têm a fazer os cineclubes transformando os frequentadores dos cinemas em autênticos apreciadores de cinema, que são coisas inteiramente distintas.”⁵.

¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 12/1/1957, p. 4.

² A empresa “Cinema Sonoro” foi criada por escritura lavrada a 15 de Abril de 1932 e destinava-se ao comércio em geral, ao aluguer de filmes sonoros e podia explorar qualquer ramo industrial. A sua sede funcionava em Santarém, na rua Luís de Camões n.º 28, 2.º esquerdo. Cf. *Correio da Extremadura*, 23/4/1932, p. 5.

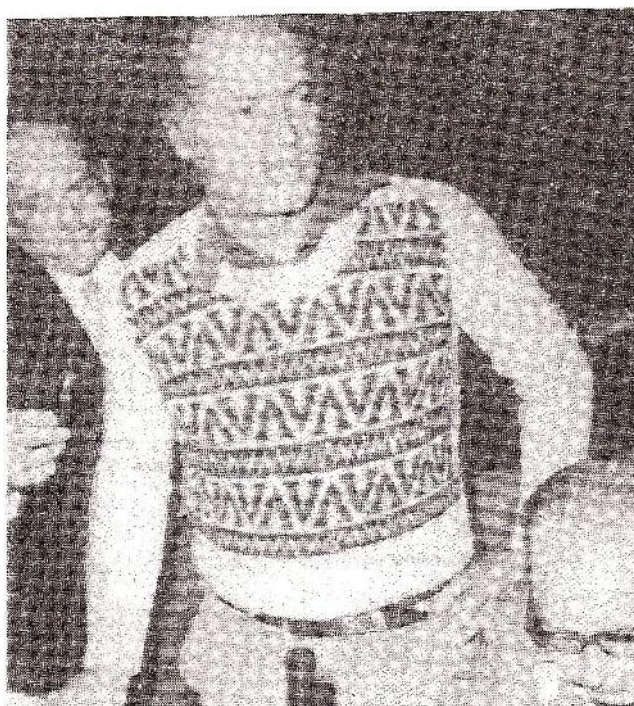
³ O jornal *Cine-Scalabis* foi fundado a 15 de Fevereiro de 1931, por José Afonso de Matos. A redacção funcionava em Santarém sendo o editor Joaquim Maria de Abreu e o redactor principal Mário Mariano. Da publicação mensal apenas saíram dois números.

⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 12/1/1957, p. 4.

⁵ Manuel Azevedo, *À Margem do Cinema Nacional*, Porto, Cineclube do Porto, 1956, p. 16.

Na década de 50, os cineclubes lisboetas mantinham grande actividade, como o ABC, o Universitário, o Imagem, o Centro Cultural de Cinema e o Cineclube Católico.⁶

Em 1954, José Carlos de Oliveira Sollas, influenciado pela experiência da fundação da Associação Scalabitana dos Amigos do Cinema, Manuel Alves Castela⁷ e Humberto Vicente projectaram a fundação de um Cineclube em Santarém recorrendo ao apoio do governador civil, Abílio Tavares, e do presidente da Comissão de Turismo, capitão Joaquim Barros e Mattos. O projecto de estatutos também foi assinado por Vasco Salgueiro Antunes, Virgílio Arruda, José Pereira Caldas, Francisco Pereira Viegas, Alfredo Henriques Ribeiro, Armando Machado Campeão e Álvaro de Oliveira Moreira.⁸ Enquanto estes cinéfilos aguardavam a aprovação superior dos estatutos, Manuel Castela foi convidado para integrar a secção de cinema do Círculo Cultural Scalabitano, fundada em Janeiro de 1955.



Manuel Alves Castela ladeado pelos jornalistas do *Diário de Notícias*, Lino Ribeiro e Meira Burguete. *Celulóide*, n.º 363-365, Rio Maior, Edição de Fernando Duarte, Julho, Agosto e Setembro de 1984, p. 118.

⁶ Cf. Luís de Pina, *História do Cinema Português*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1986, p. 140.

⁷ Sobre o escalabitano Manuel Alves Castela cf. Fernando Duarte, “Um Cineclubista Scalabitano Manuel Castela” in *Celulóide*, n.º 363-365, Rio Maior, Edição de Fernando Duarte, Julho-Setembro de 1984, pp. 118-121; Fernando Duarte, “Um Cineclubista Scalabitano de Santarém, Manuel Castela Crítico de Cinema” in *Celulóide*, n.º 366-368, Rio Maior, Edição de Fernando Duarte, Outubro-Dezembro de 1984, pp. 119-121.

⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 9/2/1957, p. 5.

Manuel Castela delineou o projecto da secção de cinema do Círculo que “... expôs, com clareza, inteligência e perfeito conhecimento do assunto, o que era o Cineclube, o que ele se propõe e as suas vantagens, como meio de difusão cultural e artística. Fez a sua defesa e demonstrou a utilidade que ele trazia à colectividade. Mostrou também a possibilidade de se começar a proteger o cinema de amadores, obra que faria parte do programa do Cineclube, cujo programa e regulamento apresentou e que foram aprovados.”⁹. Para o dirigente do Círculo, Ginestal Machado, esta nova secção era importante para a concretização dos fins culturais e educativos da colectividade. Em Fevereiro de 1955, o Círculo enviou uma circular aos seus sócios onde alertava para a constituição da nova secção que “... tem por finalidade a difusão do bom cinema, estudando tudo o que possa patentear as características do filme e do seu realizador, através de palestras e documentários.”¹⁰. A direcção da secção ficou a cargo do advogado Eduardo Cambezes que contou com a colaboração de Manuel Castela e de Gentil Marques. Dois meses depois, Castela referiu que “... sonhar é fácil, o que é difícil, é ver-se o sonho realizado. Desde há muito tempo (...) que pugnamos em Santarém pela fundação de um Cineclube, conscientes dos resultados que dele tiraríamos, como escola de apreciadores de cinema, dos benefícios não imediatos evidentemente, que da sua acção faríamos porvir em favor do nosso pobre cinema, e não esquecendo que se fosse mais um a juntar à meia dúzia existente, outro elo da cadeia protectora da arte cinematográfica, faria sentir a sua vigorosa existência e poder imunizador, contra a incúria, a maledicência e o conformismo. (...) Santarém, não fica atrás dos demais centros pois embora o seu Cineclube, após um ano de tenazes esforços não tenha surgido, vê-se a ainda indecisa luz da cultura cinematográfica, ganhar novo alento, com a criação duma secção de cinema no Círculo Cultural Scalabitano, que promete seguir com o mais profundo interesse o movimento Cineclubista, de maneira a colocar o cinema no lugar que lhe compete, não só como entretenimento de permanente interesse como ainda um incomensurável meio de cultura.”¹¹.

A inauguração da nova secção decorreu a 2 de Março de 1955, no teatro Rosa Damasceno com a apresentação do filme de 35 mm “Do Sangue Nasceu uma Cruz”

⁹ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. I, Santarém, 1954-1957, acta n.º 2, 31/1/1955.*

¹⁰ *Circular n.º 3, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 16/2/1955.*

¹¹ Programa do filme “O Milagre de Milão”, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 29/4/1955.

(1949), realizado por Christian Jacques.¹² Esta projecção foi antecedida pelo documentário “Arte Sacra Missionária” (1952)¹³, realizado por Gentil Marques, que proferiu uma palestra. Ainda no mês de Março, foi apresentada uma sessão de cinema na sede do Círculo com filmes de 16 mm cedidos pela Shell Portuguesa.¹⁴ Durante o ano de 1955, a secção apresentou quatro sessões de filmes de 35 mm, a maioria comentada por personalidades convidadas, sendo as exhibições privadas e exclusivas para os sócios.

<p align="center">Secção de Cinema do Círculo Cultural Scalabitano Filmes apresentados no Teatro Rosa Damasceno 1955¹⁵</p>		
Data	Filme	Comentador
2 de Março	“Do Sangue Nasceu uma Cruz” (1949), de Christian Jacques.	Gentil Marques, cineasta e escritor.
29 de Abril	“O Milagre de Milão” (1950), de Vittorio de Sica.	
9 de Novembro	“A Sombra de um Homem” (1951), de Anthony Asquith.	Luís Francisco Rebelo, dramaturgo.
23 de Dezembro	“Pena de Morte” (1952?), de André Cayatte.	Roberto Nobre, artista plástico.

Em 1956, a secção apresentou filmes infantis no Círculo apoiadas por diversas embaixadas e empresas, assim como sessões de “cinema cultural” para sócios e familiares, graças ao trabalho de Joaquim Maria das Neves e Alexandre Passos e ao empenho de Ginestal Machado. Paralelamente, na sala do teatro Rosa Damasceno, exibiram-se seis filmes quer europeus quer norte-americanos, antecidos por documentários sobre diversas temáticas, alguns premiados pelo S.N.I., como “Douro, Faina Fluvial” (1930), de Manuel de Oliveira e “O Natal na Arte Portuguesa” (1954), de

¹² Programa do filme “Do Sangue Nasceu uma Cruz”, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 2/3/1955.

¹³ O documentário representou Portugal em Cannes e Berlim e foi premiado pelo S.N.I. com o Prémio Alves dos Reis.

¹⁴ O programa incluiu “A Pesca da Sardinha”, documentário de João Mendes; “Isto é o Petróleo”, bonecos articulados em Technicolor de George Pal; “O Deus Siva Dançou”, filme sobre dança indiana e principais bailarinos; e “Alice no País dos Cangurus”, documentário sobre a Austrália.

¹⁵ Cf. Programas de filmes, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1955.

Ernesto de Sousa. Ginestal Machado serviu-se da sua rede de contactos e do apoio de Artur Proença Duarte para contornar os obstáculos expressos pela censura.¹⁶

<p align="center">Secção de Cinema do Círculo Cultural Scalabitano Filmes apresentados no Teatro Rosa Damasceno 1956¹⁷</p>		
Data	Filme	Comentador
4 de Janeiro	“O Comboio Apitou Três Vezes” (1952), de Fred Zinnemann.	Vitoriano Rosa, crítico e ensaísta.
22 de Fevereiro	“O Rio Escondido “ (1948), de Emílio Fernandez.	José Ernesto de Sousa, jornalista, escritor e cineasta.
19 de Março	“Regresso Eterno“ (1943), de Jean Delannoy.	Henrique Espírito Santo, dirigente associativo.
30 de Abril	“Contos de Hoffman “ (1951), de Michael Powel.	João de Freitas Branco, musicólogo.
3 de Outubro	“As Aventuras de Fanfan la Tulipe“ (1951), de Christian-Jacques.	António Miranda, cineclubista.
7 de Novembro	“As Férias do Sr. Hulot“ (França, 1953), de Jacques Tati.	Sebastião Fonseca, crítico e escultor.

Entre 25 e 26 de Agosto de 1956, a secção de Cinema do Círculo Cultural, liderada por Manuel Ginestal Machado, participou no II Encontro dos Cineclubes Portugueses que se realizou na Figueira da Foz, a convite das Comissões Consultiva e Representativa dos Cineclubes Portugueses. No Encontro “... foram debatidos os mais cruciantes problemas que afectam o cineclubismo nacional num momento particularmente grave da sua evolução. As propostas que, finalmente, foram aprovadas tendentes a solucionar a crise, que julgamos efémera, demonstram claramente a unanimidade de pontos de vista dos delegados presentes e a força juvenil que a todos anima para fazer mais e melhor. A nossa presença neste Encontro suscitou um debate sobre a posição das Secções de Cinema, dentro do Movimento Cineclubista, tendo, por fim, ficado assente que uma Secção como a nossa é credora de respeito, do carinho e do estímulo de todos os Cineclubes, concluindo-se, portanto, que se aquelas secções

¹⁶ Cf. *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”*, Vol. I, Santarém, 1954-1957, acta n.º 29, 19/11/1956.

¹⁷ Cf. Programas de filmes, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1956.

completam a obra dos Clubes de Cinema, por estes não devem ser olhados como concorrentes.”¹⁸.

O aumento do preço do aluguer da sala por parte da empresa do teatro Rosa Damasceno levou a secção a sofrer pesados défices nos meses de Outubro e Novembro desse ano, “... não obstante a nossa insistência pedindo para que o preço de aluguer da sala se torne compatível com os nossos recursos, a referida empresa obstina-se em manter o decidido no princípio da presente época, forçando-nos a interromper a actividade desta secção nos meses de Dezembro de 1956 e Janeiro de 1957. Como por um lado tivemos o prazer de constatar que os nossos sócios não dispensam as sessões que promovemos e por outro lado verificamos, mau grado nosso, que existe um propósito de nos dificultar a acção, seremos forçados a solucionar o problema de qualquer maneira (de momento, não vislumbramos qual seja...) simplesmente, não desistiremos.”¹⁹. Em consequência deste diferendo, o filme “Deus precisa dos Homens” (1950), de Jean Dellancy, programado para 5 de Dezembro apenas foi exibido no teatro Rosa Damasceno a 8 de Fevereiro de 1957, ficando os comentários a cargo de Nuno Portas.

<p>Secção de Cinema do Círculo Cultural Scalabitano</p> <p>Filmes apresentados no Teatro Rosa Damasceno</p> <p>1957²⁰</p>		
Data	Filme	Comentador
8 de Fevereiro	“Deus precisa dos Homens” (1950), de Jean Dellancy.	Nuno Portas, arquitecto.
8 de Março	“Pão Nosso de Cada Dia” (1952), de Guiseppe de Santis.	Henrique Espírito Santo, dirigente associativo.
3 de Abril	“Bem-vindo, Senhor Marshall!” (1952), de Luís G. Berlanga.	José Fonseca e Costa, cineasta.
5 de Julho		

¹⁸ Programa do filme “As Aventuras de Fanfan la Tulipe”, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 3/10/1956.

¹⁹ Programa do filme “Deus precisa dos Homens”, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 8/2/1957.

²⁰ Cf. Programas de filmes, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1957.

A secção de cinema do Círculo Cultural decidiu não enviar um delegado ao III Encontro dos Cineclubes que se realizou em Lisboa entre 1 e 3 de Novembro de 1957, “... em virtude (...) do delegado deste encontro ser somente um observador sem direito a voto (...) evitando-se que a Federação dos Cineclubes intrometa-se na vida associativa da colectividade.”²¹ Em Agosto de 1958, José Carlos de Oliveira Sollas, director da secção de teatro do Círculo Cultural, em entrevista a Viriato Camilo, da revista *Plateia*, assumiu a suspensão da secção de cinema devido à “... falta de sala de exibição em condições favoráveis...”²² apesar de se procurar “... colaborar no movimento cineclubista...”²³. No final desse ano, a colectividade esperava que a secção de cinema retomasse a sua actividade e apresentasse filmes de formato reduzido no salão de festas do Círculo.²⁴ A secção de cinema do Círculo foi reactivada em 1960, passando a ser dirigida por Joaquim Maria das Neves, que promoveu a conferência “A Cultura Cinematográfica e um Cinema Português”, proferida por José Ernesto de Sousa, na sede da colectividade. Esta actividade obteve a colaboração do Cineclubes de Santarém no momento da projecção de duas curtas-metragens.²⁵

Os estatutos elaborados por um grupo de cinéfilos de Santarém, anteriormente referidos, foram aprovados por despacho ministerial de 28 de Abril de 1955, permitindo finalmente a constituição do Cineclubes de Santarém. A inauguração decorreu a 9 de Dezembro de 1955 com a apresentação no teatro Rosa Damasceno do filme “O Fugitivo”, de John Ford, comentado pelo crítico da Emissora Nacional Domingos Mascarenhas.²⁶ O presidente da direcção Francisco Pereira Viegas inaugurou a sede do Cineclubes, situada no Terreirinho das Flores, a 1 de Março de 1956.²⁷ No final desse mês, a inscrição efectiva de sócios foi condicionada ficando os novos associados sujeitos ao regime de vagas.²⁸ O Cineclubes promoveu sessões regulares de filmes de 35 mm no teatro Rosa Damasceno e de 16 mm na sua sede, graças ao empréstimo do projecteur pela Escola de Regentes Agrícolas.

²¹ *Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. I, Santarém, 1954-1957, acta n.º 42, 21/10/1957.*

²² *Plateia*, 1/8/1958, p. 26.

²³ *Idem.*

²⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 25/10/1958, p. 10.

²⁵ A conferência decorreu a 7 de Março de 1960. Cf. *Idem*, 12/3/1960, p. 2.

²⁶ Cf. *Idem*, 10/12/1955, p. 8.

²⁷ Cf. *Idem*, 3/3/1956, p. 2.

²⁸ Cf. *Idem*, 31/3/1956, p. 2.

<p style="text-align: center;">Cineclube de Santarém Filmes apresentados no Teatro Rosa Damasceno 1956²⁹</p>		
Data	Filme	Comentador
13 de Janeiro	“Amor 47”, de Wolfgang Liebneiner	F. Gonçalves Lavrador.
3 de Fevereiro	“O Capote”, de Alberto Lattuada	
2 de Março	“O Ídolo Caído” de Carol Reed.	Manuel Campos Pina, crítico de cinema.
6 de Abril	“O Crime da Avenida Foch”, de Henri Georges Clouzot.	Armindo Blanco, crítico de <i>O Século</i> .
1 de Junho	“Loucura de Milionário”, Alexander Mackendricks.	Vitoriano Rosa, crítico e ensaísta.
6 de Julho	“Moulin Rouge”, de John Houston.	
7 de Setembro	“O Vagabundo dos Sonhos”, René Clair.	Manuel Castela, cineclubista.
9 de Novembro	“Sinhá Moça”, de José Borrego.	Francisco Pereira Viegas, farmacêutico e dirigente associativo.
7 de Dezembro	“Um Dia em Nova Iorque”, Stanley Donen.	Mário Bonito.

Paralelamente, os dirigentes divulgaram o cinema através de sessões infantis na sede da Associação Académica, nas escolas e nos asilos da cidade, na tentativa de criarem “uma cultura cinematográfica”.³⁰ No início de 1957, o Cineclube tinha cerca de setecentos sócios quando estalou uma controvérsia que envolveu Joaquim Veríssimo Serrão e José Carlos Oliveira Sollas contra os dirigentes da colectividade Francisco Pereira Viegas e Edmundo Vaz Mourão. A contenda envolveu os critérios para a escolha de filmes com características cineclubistas, a necessidade de o público ser orientado por um comentador que os ajudasse a compreender a mensagem que se pretendia passar e a urgência em definir nos estatutos as atribuições dos corpos gerentes. O facto de a assembleia-geral do Cineclube realizada durante os dias 4 e 5 de Fevereiro ter decorrido em grande “agitação” e sem grandes conclusões e o facto do filme “Balada de Berlim” não ter sido comentado trouxeram o conflito para as páginas do *Correio*

²⁹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 7/1/1956, p. 2-8/12/1956, p. 2.

³⁰ Cf. Manuel Alves Castela, “Uma Cultura Cinematográfica” in *Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo*, dir. de António Maria Rodrigues, n.º 4, Santarém, [s.n.], 1959, pp. 47-48.

Ribatejo.³¹ As “Poeiras do Cineclubismo” acabaram por assentar enquanto a colectividade continuava a apresentar regularmente as suas sessões de cinema.

<p align="center">Cineclube de Santarém Filmes apresentados no Teatro Rosa Damasceno 1957³²</p>		
Data	Filme	Comentador
5 de Janeiro	“Balada de Berlim” (1948), de R. A. Stemmie.	
5 de Abril	“Brincadeiras Proibidas”, de René Clément.	José Ernesto de Sousa, jornalista, escritor e cineasta.
3 de Maio	“Ela só Dançou num Verão” (1951), de Arne Mattsson.	Manuel Campos Pina, crítico de cinema.
8 de Novembro	“Shave” (1953), de George Stevens.	José Augusto França, crítico de arte.
6 de Dezembro	“Hamlet” (1948), de Lawrence Olivier.	

<p align="center">Cineclube de Santarém Filmes apresentados no Teatro Rosa Damasceno 1958³³</p>		
Data	Filme	Comentador
3 de Janeiro	“Humberto D”, de Vittorio de Sica.	Roberto Nobre, artista plástico.
7 de Fevereiro	“As Portas do Inferno”, de Robert Z. Leonard.	Arnaldo Araújo e António Reis, historiador.
13 de Maio	“O Salário do Medo”, de H. G. Clouzot.	Francisco Pereira Viegas, farmacêutico, dirigente associativo e Luís Eugénio Ferreira, professor da Alliance Française.

³¹ Cf. Joaquim Serrão, “Poeiras do Cineclubismo” in *Correio do Ribatejo*, 12/1/1957, p. 4; Francisco Pereira Viegas, “Poeiras do Cineclubismo” in Idem, 26/1/1957, p. 4; Edmundo Vaz Mourão, “As “Poeiras”... e o Resto” in Idem, 2/2/1957, p. 4; José Carlos de Oliveira Sollas, “Poeiras do Cineclubismo” in Idem, 9/2/1957, p. 5 e 16/2/1957, p. 4.

³² Cf. Idem, 5/1/1957, p. 8-7/12/1957, p. 2.

³³ Cf. Idem, 4/1/1958, p. 2-4/10/1958, p. 2.

2 de Julho	“Páginas de Vida”.	Manuel Castela, cineclubista.
8 de Outubro	“Macbeth”, de Orson Welles.	José Carlos Oliveira Sollas, dirigente associativo.
31 de Outubro	“Noites Brancas”, de Visconti.	Edmundo Vaz Mourão, engenheiro, dirigente associativo.
3 de Dezembro	Filme de Jean Paul Le Chanois.	Arnaldo Aboim.

O IV Encontro de Cineclubes Portugueses decorreu em Santarém entre 31 de Outubro e 2 de Novembro de 1958. No salão da Junta de Província reuniram-se cento e cinquenta delegados do continente e ultramar que ouviram quarenta comunicações e assistiram a filmes realizados por amadores cineclubistas. A projecção do filme “Noites Brancas”, de Visconti, abriu o Encontro, que foi encerrado com a actuação do Rancho Folclórico Infantil, dirigido por Celestino Graça.³⁴ No último dia do Encontro, o secretário do S.N.I., César Moreira Baptista, referiu no seu discurso que “... espero, ou acredito que o próximo encontro dos cineclubes, seja já realmente uma expressão de todo o movimento cineclubista do país, feito canalizado já através da Federação que há-de ser, repito, a expressão do Movimento Cineclubista do país.”³⁵ Finalmente, Moreira Baptista “... acentuou a necessidade da criação de uma Federação que seja o expressivo fiel do movimento.”³⁶ O facto de os Cineclubes nunca terem aceite a Federação Portuguesa dos Cineclubes, constituída em 1956, acelerou a proibição dos Encontros após a sua realização em Santarém. Com a abertura da Cinemateca Nacional, em Setembro de 1958, a Federação tornou-se “... praticamente um serviço do S.N.I., embora apoiado na Cinemateca para as retrospectivas do cinema português que esta começou a exhibir regularmente...”³⁷.

No artigo “Uma Cultura Cinematográfica”, escrito em 1959, Manuel Castela defendia que “... ao cinema estará sempre reservada uma posição de primeira fila nas conquistas humanas e por isso mesmo nada poderá existir que lhe cerceie totalmente as suas possibilidades, ainda que os mais incompreensivos processos se adoptem para as coarctar, antes, e fatalmente, em todo o mundo ele há-de ser mais do que o

³⁴ Sobre o IV Encontro dos Cineclubes Portugueses cf. Idem, 18/10/1958, p. 2; 25/20/1958, p. 1; 1/11/1958, p. 10; 8/11/1958, pp. 1-2.

³⁵ Idem, 8/11/1958, p. 2.

³⁶ Idem.

³⁷ Luís de Pina, *op. cit.*, p. 140.

rebuscadíssimo espectáculo, ele terá de ser o “veículo por excelência” duma nova cultura, nova, porque mais liberta dos condicionalismos e tradições que a esterilizam, porque mais próxima do povo e para o povo, terá de dispensar as espalhafatosas parábolas e estará mais ao alcance de todas as classes. O cinema, e isto entre nós adquire maior vulto, é o melhor indicador do nível intelectual dum povo, porque pelo mais ou menos elevado índice desse nível se poderá ajuizar da sua preparação, das suas preferências as mais interessantes conclusões se poderão tirar, posto que num país de baixo nível intelectual o cinema nunca poderá representar “qualquer coisa”, enquanto num outro com “boa média”, o “amadurecimento crítico” se há-de reflectir na escolha dos temas e no aperfeiçoamento artístico e técnico, tornando assim possível um apuramento de categorias que naturalmente será a base para a constituição de quadros técnicos absolutamente responsáveis, provocará o aflorar dos verdadeiros valores e promoverá o aparecimento de outras vontades, que poderão algum dia ser revelações, ao mesmo tempo que fará desaparecer os mais enraizados oportunistas e vibrará profundo golpe no seio dos especuladores do cinema.”³⁸.

O Cineclube apresentava dificuldades financeiras uma vez que suportava as despesas unicamente com as quotas pagas mensalmente pelos sócios, não recebia subsídios nem apoios das entidades locais, muitas vezes alienadas do trabalho cultural da colectividade.³⁹ No entanto, segundo Castela, “... não pode descansar o Cineclube de Santarém sobre a posição adquirida, tem de criar novas razões de vida, de encontrar novas energias, de tornar mais necessária a sua acção, mais útil e objectiva.”⁴⁰. Apesar de todas as dificuldades surgidas, como os problemas financeiros e a censura, o Cineclube manteve uma intensa actividade até ao final da década de 80, aquando da morte de Manuel Castela.

³⁸ Manuel Alves Castela, “Uma Cultura Cinematográfica”, p. 47.

³⁹ Cf. Idem.

⁴⁰ Idem, p. 48.

2.11 - “Exposições de Arte”, organizadas pela Comissão de Turismo de Santarém

Em Janeiro de 1929, “... deve levar-se a efeito em Santarém uma importantíssima exposição de Artes Regionais, compreendendo artes plásticas (pintura, escultura, arquitectura, desenho, gravura, caricatura, decoração, reclamo e cenografia), artes industriais (fotografia, rendas e bordados, marcenaria, serralharia, tecidos, indumentária), composições literárias, musicais e de teatro.”¹. Esta exposição nunca se concretizou, tal a ambição do projecto. As “exposições de arte” eram essencialmente organizadas e patrocinadas pelas colectividades e/ou pela Comissão de Iniciativa e Turismo posterior Comissão Municipal de Turismo. De entre os artistas escolhidos para apresentarem a sua obra, a maioria era amadora e natural e/ou residente no concelho de Santarém. Alguns tinham já adquirido reconhecimento para além da cidade como Francisco Vilela², Eduardo Rosa Mendes³ e Augusto Braz Ruivo⁴. As exposições apresentavam pinturas, desenhos, esculturas, fotografias, bordados e miniaturas. O “Primeiro Salão Ribatejano de Pintura e Escultura” foi organizado em 1947, por Adelaide Félix, Francisco Câncio e o capitão Joaquim Barros e Mattos. O certame promovido pela Comissão de Turismo pretendia “... mostrar como o Ribatejo constitui rico manancial de “motivos plásticos” – saborosos, sadios, pitorescos e variados; (...) oferecer à nossa província o testemunho, prodigamente comprovado, do bem querer desses artistas que, não tendo nascido em terra ribatejana, sabem entender-lhe os segredos da luz, e da forma e a linguagem das almas e das coisas; agrupar (...) os pintores e escultores do Ribatejo, lançados pela vida em outras estradas; e finalmente, dar a Santarém, como capital da nossa província, a alegria de receber (...) os

¹ *Jornal de Santarém*, n.º 88, 4/11/1928, p. 1.

² Cf. *Catálogo da Exposição “Francisco Vilela um Aquarelista Ribatejano”*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 2001; Teresa Lopes, *Catálogo da Exposição “Homenagem a Francisco Vilela nos 120 Anos do seu Nascimento”*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 2009.

³ Cf. *Catálogo da Exposição “Eduardo Rosa Mendes Itinerário Pictórico”*, Santarém Câmara Municipal de Santarém, 1999; Teresa Lopes, *Catálogo da Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento do Pintor Eduardo Rosa Mendes*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 2007.

⁴ Cf. Joaquim Veríssimo Serrão, “O Primeiro Centenário do Pintor Braz Ruivo” in *Correio do Ribatejo*, 13/4/2006, p. 3; *Catálogo da Exposição “Braz Ruivo Pintor de Santarém”*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 1996.

cumprimentos de galharda animação, com que tem sido honrada em exposições “alheias”, pela pintura e escultura portuguesas.”⁵.



A Comissão de Turismo organizava as mostras em locais diversificados que variavam entre o salão do Turismo e diversos outros espaços disponíveis na cidade. O salão da Comissão recebeu exposições individuais de diversos artistas que apresentaram as suas obras, como Filipe Duarte (quinze aguarelas, em Janeiro de 1933), Augusto Braz Ruivo (desenhos e aguarelas, em Junho de 1934, Julho de 1948⁶, Junho de 1952), Carlos Aguiar (desenhos, guaches e motivos de decoração, em Outubro de 1934), Eduardo Rosa Mendes (desenhos e aguarelas, em Outubro de 1936 e Março de 1947), Alice Menning Pombeiro (Dezembro de 1946), Júlio Silva (Janeiro de 1948), Morais de Carvalho (Outubro de 1948), maestro Luís Silveira (aguarelas e desenhos, em 1949), Jorge Nunes (óleos, em Março de 1950) e Américo Marinho (1913-1997)⁷ (Janeiro de 1960). Para além da pintura, outras expressões de arte passaram pelo salão do Turismo, como as maquetes do arquitecto Perfeito de Magalhães (Março de 1935) ou as fotografias do proprietário da Foto Sequeira, Augusto Palhé Gonçalves (Abril de 1947). As obras de Francisco Vilela foram expostas no salão dos Bombeiros Voluntários

⁵ *Exposição de Pintura e Escultura. 1.º Salão Ribatejano. Catálogo*, Santarém, Comissão Municipal de Turismo, 1947, p. 3.

⁶ Em Dezembro de 1948, Augusto Braz Ruivo apresentou as mesmas aguarelas no “Salão de Inverno” da Sociedade de Belas Artes. Cf. *Correio do Ribatejo*, 18/12/1948, p. 8.

⁷ Cf. *Catálogo da Exposição “Américo Marinho, 63 Anos de Pintura”*, Santarém, Centro Cultural Regional de Santarém, 1983; *Catálogo da Exposição “Américo Marinho, 70 Anos de Pintura”*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 1990; Augusto Cabrita, Carlos Bicas, *Américo Marinho uma Rara Maneira de Olhar*, Barreiro, Livraria du Bocage, 1989.

(Julho de 1926, Janeiro de 1945⁸), instituição a que o pintor esteve ligado ao longo da sua vida.

O salão da Caixa de Crédito Agrícola Mútuo era o “... local predilecto das exposições de pintura cá no burgo...”⁹. Por aí passaram mostras individuais de pintura do espanhol Martin Maqueda (Outubro de 1942), dos escalabitanos Eduardo Rosa Mendes (9 de Junho de 1940, Outubro de 1948, Outubro de 1952), Filipe Cadima Tavares¹⁰ (Novembro de 1952) e Augusto Braz Ruivo (aguarelas e desenhos, em Maio de 1938 e Junho de 1955). Se Cadima apresentou pela primeira vez em público a sua obra com a mostra de mais de quarenta óleos, Braz Ruivo confirmou o seu percurso artístico ao apresentar aguarelas dedicadas ao historiador Alexandre Herculano e à sua residência na Quinta de Vale de Lobos, totalmente adquiridas pela Comissão de Turismo. Na inauguração da exposição esteve presente o Grupo de Amigos de Lisboa que também visitou Vale de Lobos.¹¹ No feriado de 10 de Junho de 1950, o salão apresentou desenhos a carvão e a lápis de Adolfo Faria de Castro e esculturas de bronze e mármore de Rodrigo de Castro.¹² A Comissão de Turismo apresentou uma exposição com documentos diversos, livros, fotografias, produtos comerciais, industriais e agrícolas sobre os Açores. A mostra foi apoiada pela Agência de Turismo dos Açores e contou com uma conferência proferida pelo médico açoriano e residente em Santarém, António da Terra, e um recital de música e poesia por Lusitana Sayal e José Rebelo de Bettencourt.¹³

As exposições de pintura também foram apresentadas nos salões da Junta da Província, no Definitório da Misericórdia e no Grémio da Lavoura. Na primeira sala estiveram expostas obras de Américo Marinho (Abril de 1945), João Veiga (Maio de 1945, Junho de 1946, Junho de 1950), José Campos (Maio de 1945), Augusto Braz Ruivo (Junho de 1948) e Manuel Fernandes (óleos e aguarelas, em Julho de 1949). António Saúde (1875-1958) expôs as suas obras no Definitório, em Agosto de 1932, enquanto os óleos e aguarelas de Lia Rey e Arsénio da Ressurreição (1901-1991)¹⁴

⁸ A exposição foi repetida na Casa do Ribatejo em Lisboa, entre 18 e 31 de Março desse ano, tendo sido inaugurada pelo Presidente da República Óscar Carmona.

⁹ *Correio do Ribatejo*, 6/12/1952, p. 8.

¹⁰ Cf. *Catálogo da Exposição “Filipe Cadima Tavares, uma Vida dedicada à Pintura”*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 1999.

¹¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 25/6/1955, p. 1.

¹² Cf. *Idem*, 10/6/1950, p. 8.

¹³ Cf. *Idem*, 30/10/1948, p. 8.

¹⁴ Cf. Teresa Lopes, Florindo Custódio, Jorge Custódio, *Catálogo da Exposição “Dez Desenhos à Pena sobre Papel de Arsénio da Ressurreição”*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 2007.

estiveram patentes no Grémio da Lavoura, em Outubro de 1951. A Comissão de Turismo patrocinou, em Junho de 1950, uma exposição de miniaturas referentes à evolução da artilharia, máquinas de caminho-de-ferro e outras de tipo mecânico e eléctrico que decorreu no salão Imperial, situado na rua Teixeira Guedes.¹⁵

Paralelamente a estas exposições, foram surgindo na cidade pintores “marginais”, entre os quais o mais emblemático, quer pela perfeição do seu traço quer pela sua vida boémia, foi Rui Santos ou de Santarém. Apesar de este preferir as ruas da cidade para expor, a Comissão de Turismo, consciente do seu valor artístico, foi adquirindo algumas obras, à semelhança do que fez com outros pintores, constituindo uma valiosa colecção de arte actualmente à guarda da Biblioteca Municipal de Santarém.

¹⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 17/6/1950, p. 4.

2.12 - Tauromaquia

“O que se diz... que os próximos meses vão decorrer cá no burgo, sob o signo da festa brava. Toiradas e picarias não faltarão, a entusiasmar a *aficcion* e quantos gostam de provar a sopa... ali em Fora de Vila.”¹

Os espectáculos tauromáquicos atraíam muitos aficionados de diferentes grupos sociais. Se os grandes lavradores das casas agrícolas ribatejanas assistiam às entradas de touros montados a cavalo ou em camarotes, os peões e grandes protagonistas dos espectáculos davam o corpo à valentia enfrentando o perigo ao pegar e/ou tourear sem treino nem preparação técnica. Sem essa camada popular vinda essencialmente do campo mas também da cidade, picarias, largas ou entradas de touros perdiam o elogio da valentia. Os campinos acompanhavam o gado bravo pelos campos transportando-o aos locais das touradas. O gado das herdades ribatejanas podia levar quinze dias a chegar ao norte do país. Esses dias eram percorridos pelos perigos em que homens e animais se envolviam em viagens de solidão mas também de bravura. Muitas vezes essas histórias serviram de pretexto para enaltecer uma região, o Ribatejo, e uma figura masculina que simboliza a virilidade, o campino. Na opereta “Um Homem do Ribatejo” ou no filme com o mesmo nome do realizador escalabitano Henrique Campos, o campino e o touro foram apresentados como o cartão-de-visita do Ribatejo. Até aos anos 30, muitos destes espectáculos promoveram a afirmação da província do Ribatejo e a sua separação da Estremadura.

Esperas ou Entradas de Touros

“O forasteiro deve procurar assistir a uma entrada de gado bravo por Fora de Vila, espectáculo de grande aparato, emocionante e característico.”²

As esperas ou entradas de touros eram espectáculos “... em que não raro se corria riscos, nem sempre calculados, dado o grande número de acidentes que ocorriam

¹ *Correio do Ribatejo*, 5/5/1951, p. 8.

² A. Areosa Feio, Santarém, Princesa das Nossas Vilas, Santarém, J. Cardoso da Silva Editor, 1929, p. 92.

entretanto. A espera de gado consistia em aguardar a chegada dos touros, que eram lançados na cidade, obviamente controlados de perto por campinos adestrados, que os conduziam com a ponta dos pampilhos e com força indomável da sua coragem. Supõe-se que tal entrada, constituiria em tempos, um episódio normal do seu trabalho, que ocorria sempre que se tornava necessária a mudança do gado para outros locais, quer para os preservar das cheias quando estas invadiam o seu habitat natural. O “jogo da espera” surgiu quando os rapazes, para demonstrar a sua coragem, provocaram os touros tentando desviá-los da manada. Quando tal sucedia, o touro assumia a sua gigantesca força (...) e nem sempre os “espontâneos” conseguiam iludi-los...”³.



Entrada de touros em direcção ao Campo Fora de Vila ou Sá da Bandeira, Santarém, sem data. Fotografia cedida por Zeferino Silva.

Habitualmente, estes espectáculos taurinos decorriam no Campo Fora de Vila ou Sá da Bandeira atraindo aficionados de outras localidades que se deslocavam em excursões. Durante as feiras anuais, as exposições feiras, as festas da cidade e outros eventos, as entradas de touros encontravam-se programadas uma vez que atraíam vasto e diversificado público. Estes espectáculos raramente eram gratuitos até porque muitas das vezes as receitas revertiam para a Misericórdia, Bombeiros Voluntários, Asilos e Sopa dos Pobres, entre outras instituições. Em Julho de 1932, o preçário definia “... camionetas com qualquer número de pessoas 40\$00 e sem passageiros 10\$00; automóveis e trens 25\$00; cavaleiros 20\$00; cadeiras 3\$00; varanda da praça de touros

³ Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, p. 28.

3\$00; peões 1\$00.”⁴. “O mais entusiástico espectáculo ribatejano”⁵ envolvia outras diversões taurinas, como provas de campinagem, exercícios equestres, vacadas, picarias e outro tipo de exhibições, como a actuação da Banda dos Bombeiros.

Picarias

As picarias eram “... jogos controlados em recinto circunscrito por varolas dispostas em toda a sua periferia...”⁶. Perante o touro, muitos arriscavam a sua valentia ao tentarem pegá-lo a fim de obterem o prémio que lhes permitia melhorar o conforto familiar para além de lhes reforçar o ego. Estes espectáculos decorriam com muita frequência sendo apelidados como um desporto de Verão. As picarias eram organizadas essencialmente pela Misericórdia e a sua realização era aprovada pela Câmara que cedia o espaço do Campo Fora de Vila. As verbas cobradas para assistir e/ou participar nas picarias eram baixas e permitiam subsidiar obras sociais. Nesse âmbito, a 29 de Outubro de 1933, o ministro da justiça, Manuel Rodrigues, assistiu a uma picaria acompanhado pelo governador civil e presidente da câmara, que aproveitaram a visita do membro do governo para promover “a identidade ribatejana”.⁷



Picaria no Campo Fora de Vila ou Sá da Bandeira, Santarém, sem data. Fotografia cedida por Zeferino Silva.

⁴ *Correio da Extremadura*, 23/7/1932, p. 8.

⁵ *Idem*, 18/6/1932, p. 5.

⁶ Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, p. 28.

⁷ *Correio da Extremadura*, 28/10/1933, p. 2; 4/11/1933, p. 2.

Touradas

As touradas eram espectáculos muito frequentados que decorriam habitualmente na praça de touros. O interesse dos escalabitanos por estes espectáculos é possível de documentar desde o século XVII. A primeira praça de touros de Santarém foi construída num local por definir, situado no Campo Fora de Vila, em 1824, aquando da visita do rei D. João VI. A sua construção foi financiada por subscrição pública e apoiada pela Câmara. Aí, num espaço de um ano, realizaram-se seis corridas de touros organizadas pela Misericórdia. Do percurso desta praça de touros pouco mais se sabe. Em Fevereiro de 1846, a Câmara interessou-se pelo espaço devoluto do extinto Convento de S. Domingos, que adquiriu juntamente com a cerca, a fim de aí construir uma praça de touros. Os claustros do antigo convento foram aproveitados para a construção de uma praça de madeira que ardeu em 1858. Novamente uma subscrição pública permitiu a reconstrução do recinto taurino, a tempo de nesse ano se realizarem algumas corridas em benefício do hospital da Misericórdia. Esta instituição acabou por tomar posse do espaço taurino, devido a uma troca de terrenos com a Câmara, e procedeu às obras de reconstrução.⁸ A 20 de Maio de 1894, o rei D. Carlos e a rainha D. Amélia inauguraram a praça de touros que sofreu obras de recuperação em 1939 e 1943. Esta serviu de sala para os espectáculos taurinos até 1964, ano em que, por subscrição pública e em tempo recorde, foi construída a Monumental Celestino Graça. A programação era variada permitindo atrair as vedetas quer do toureio a cavalo quer apeado, fossem portuguesas, espanholas ou mexicanas.

⁸ Cf. Serafim Córias, “A Praça de Touros de Santarém” in *Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Santarém*, Santarém, Santa Casa da Misericórdia de Santarém, n.º 34, Julho-Setembro de 2005, pp. 1, 4, 5.



Actuação de um matador de touros na praça de touros de Santarém, década de 50. Fotografia cedida por Custódio Alexandre Silva.

Pela praça de Santarém passaram os cavaleiros João Branco Núncio, António Casimiro, José Casimiro, Simão da Veiga, Fernando Salgueiro, Manuel Conde, David Ribeiro Teles e Vasco Jardim e os matadores de touros Manuel dos Santos, Diamantino Viseu, Joaquim Marques, Paquito Casado, Carlitos e Paquito Corpas, que lidaram touros das ganadarias da região, como as das famílias Infante da Câmara e Coimbra. Aí também se estrearam os bandarilheiros escalabitanos César Marinho e Joaquim Gonçalves (-2009). A fundação do Grupo de Forcados Amadores de Santarém, a 8 de Agosto de 1915, pelo escalabitano António Gomes de Abreu (1897-)⁹, trouxe novos atractivos à arte da pega “... D. Fernando de Mascarenhas foi percursor de um novo conceito de pega, ao citar de frente, com o Grupo formado em linha, e dando-se vantagens aos toiros; Ricardo Rhodes Sérgio impôs a pega de cernelha como uma sorte maior, deixando de ser, apenas uma sorte de recurso, quando o Grupo não consumava a pega de caras.”¹⁰. As mulheres também tentaram a sua afirmação num mundo masculinizado. Maria da Graça, “... a valente e castiça campina ribatejana que é incontestavelmente um fenómeno, pois que tem valentia, bela figura e muita arte...”¹¹,

⁹ A primeira formação do Grupo era composta por António Gomes de Abreu (cabo), Fernando de Vasconcelos, Joaquim de Aguiar, José Maria Pedroso, José Maria Antunes, Casimiro Igrejas, Diogo do Rego e João de Figueiredo. Em 1945, o cabo passou a ser D. Fernando de Mascarenhas (1910-1956) e em 1948, Ricardo Rhodes Sérgio (1913-1978). Cf. Leopoldo Nunes, *A História Gloriosa do Grupo de Forcados Amadores de Santarém na Comemoração do 50º Aniversário da sua Fundação*, Santarém, 1965.

¹⁰ *Grupo de Forcados Amadores de Santarém. 95 Anos a Pegar Toiros*, [Santarém], [s.n.], [2010], p. 20.

¹¹ *Correio da Extremadura*, 10/8/1940, p. 2. Maria da Graça actuou na praça de touros de Santarém a 11 de Agosto de 1940, 6 de Julho de 1941, 20 de Outubro de 1941, 9 de Agosto de 1942 e 20 de Outubro de 1946.

participou em diversas touradas de beneficência. Também a chilena Conchita Cintron (1922-2009) toureou por diversas vezes na arena escalabitana.¹²

As touradas com grandes cartéis decorriam durante as feiras do Milagre (abertura da época taurina) e da Piedade e, a partir de 1954, da feira do Ribatejo. Todas as festividades que a cidade viveu ao longo do período em estudo foram assinaladas com touradas. A maioria dos fundos destes espectáculos reverteram para o hospital da Misericórdia. No entanto, realizavam-se vacadas e/ou touradas com artistas amadores, espectáculos de menor expressão, revertendo os fundos para os Asilos da Misericórdia e da Creche de Nossa Senhora dos Inocentes, a Sopa dos Pobres, Bombeiros Voluntários e tantas outras instituições de apoio social. Durante o Cortejo das Oferendas realizava-se uma corrida de touros como a de 17 de Outubro de 1948, que foi filmada por Henrique Campos para integrar o filme “O Filho do Homem do Ribatejo”.¹³ Anualmente, as “individualidades da vida pública da cidade”¹⁴ participavam numa garraizada apelidada de “corrida dos doutores”¹⁵ para auxiliar o hospital. Também os alunos da Escola de Regentes Agrícolas e do Liceu organizavam anualmente as suas vacadas revertendo os lucros para as caixas escolares. Durante o Carnaval, o recinto recebia festivais taurinos cómicos abrilhantados por grupos como “Os Medrosos” de Elvas, muito popular na década de 30. Algumas das garraiadas eram antecedidas de espectáculos como sucedeu a 8 de Setembro de 1940, quando actuou o Rancho Folclórico da Figueira da Foz, Flores de Portugal.¹⁶ A 8 de Junho de 1930 decorreu a primeira tourada nocturna na praça de touros de Santarém, sucedida por outra a 14 de Junho de 1931.¹⁷

Durante as décadas de 20 e 30, alguns dos espectáculos taurinos, como touradas e corridas à corda à moda dos Açores¹⁸, realizaram-se no “redondel” ou “tauródromo” construído no Campo Fora de Vida, revertendo as receitas para a Misericórdia.

¹² Cf. *Correio do Ribatejo*, 17/8/1946, p. 6.

¹³ Cf. *Idem*, 23/10/1948, p. 3.

¹⁴ *Correio da Extremadura*, 30/12/1933, p. 2.

¹⁵ *Idem*, 18/5/1935, p. 8.

¹⁶ Cf. *Idem*, 24/8/1940, p. 3.

¹⁷ Cf. *Idem*, 7/6/1930, p. 3; 13/6/1931, p. 1.

¹⁸ Cf. *Idem*, 21/5/1932, p. 8; *Jornal de Santarém*, n.º 67, 19/6/1926, p. 8.

Tertúlias, Exposições e Concursos

A tertúlia do Grupo Tauromáquico Scalabitano foi fundada em 1943 por um grupo de jovens aficionados, dirigido por Faustino Ferreira, com o objectivo de “... desenvolver o gosto e interesse pela festa brava.”¹⁹. O Grupo Tauromáquico Sector 8 de Santarém foi fundado na década de 40 e promoveu várias actividades ligadas à tauromaquia, como exposições e conferências. A 14 de Março de 1950, o Sector 8 inaugurou uma exposição de motivos tauromáquicos da colecção do matador de touros Diamantino Viseu, seguida da conferência “Seriidade na Festa Brava”, proferida pelo crítico tauromáquico Fernando Baptista.²⁰ A Comissão de Turismo de Santarém inaugurou, a 13 de Julho de 1952, a exposição “Assuntos Tauromáquicos”.²¹

No Círculo Cultural Scalabitano decorreu, em Agosto de 1956, a décima terceira prova do concurso “À Procura dum Novo Toureiro”, organizado pelo jornal *Festa*. O júri era composto pela artista Maria Pereira, madrinha do futuro toureiro, os críticos Manuel Rodrigues e Alexandre Mata, o bandarilheiro Júlio Procópio, o dirigente associativo Manuel Ginestal Machado, Caldas de Oliveira e Manuel Licínio Oliveira. Dos vinte e dois candidatos foram aprovados para passarem às provas finais Eduardo Alberto, Joaquim da Silva, Joaquim Melão e Joaquim Gonçalves.²² Este último acabou por se revelar um bandarilheiro com uma carreira de sucesso e patriarca de duas gerações de toureiros.

¹⁹ *Correio da Extremadura*, 27/2/1943, p. 2.

²⁰ Cf. *Ribatejo*, Ano I, n.º 5, Dezembro de 1950, p. 12.

²¹ Cf. *Exposição de Assuntos Tauromáquicos. Catálogo*, Santarém, Comissão de Turismo de Santarém, 1952.

²² Cf. *Festa*, 10/8/1956.

3. Fraternidade Operária

3.1 - Sociedade Recreativa Operária

O Club Artístico de Santarém, localizado na antiga travessa dos Sete Cantos¹, foi completamente destruído por um incêndio a 18 de Fevereiro de 1896. A tragédia deixou um número avultado de vítimas e a cidade sem um clube que representasse uma significativa classe operária.² A Associação Francisco Nunes da Silva foi inaugurada a 1 de Maio de 1902 e a sua sede funcionava na actual travessa da Hera. Esta Associação tinha por missão estabelecer a ligação com o operariado da cidade daí que recorresse a um patrono como o padre Francisco Nunes da Silva, conhecido na cidade como o padre Chiquito e que, segundo memória jornalística da época, “... foi uma destas figuras prestimosas que há-de sempre perdurar na memória dos homens, porque soube, numa excelente compreensão da vida social, acarinhar os que trabalham levando-lhes ao tugúrio miserando, quando a velhice lhes rouba as energias, uma pensão para as primeiras necessidades quotidianas...”³. O facto deste “padre operário” ter legado um fundo para pensões dos operários pobres e envelhecidos, numa tentativa de evitar que caíssem na mendicidade após longos anos de trabalho, fez dele uma figura a venerar pelos operários escalabitanos no início do século XX. A sua imagem passou a ser usada vinte e três anos após a sua morte para unir este novo grupo social em torno de reivindicações e preocupações do mundo do operariado. A Associação que foi fundada numa data emblemática para o mundo dos trabalhadores, o primeiro de Maio, estabeleceu como as suas prioridades a educação dos operários e dos seus filhos. Entre os seus membros destacavam-se o alfaiate João Maria Marques, o pintor João Alexandre, o tipógrafo Manuel Maria da Piedade e Silva, José Pereira da Silva, Ricardo Maria da Silva, Artur dos Santos Carvalho e Guilherme Bernardino.⁴ Esta Associação extinguiu a sua actividade por motivos desconhecidos e em data difícil de apurar.

¹ Após o incêndio a estreita travessa deu origem a uma artéria mais larga, a rua Nova, actual rua Guilherme de Azevedo. Em 1906, ainda se expropriavam terrenos para obter uma ligação entre a rua Guilherme de Azevedo e o Campo Fora de Vila.

² Cf. *Correio do Ribatejo*, 31/3/1989, p. 24.

³ *Correio da Extremadura*, 1/5/1926, p. 2.

⁴ Cf. João Brigola, *O Padre Francisco Nunes da Silva*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1998.

A Associação Fraternidade Operária de Instrução e Recreio foi fundada a 1 de Dezembro de 1915 e recuperou a ligação ao padre Chiquito, assim como restabeleceu o dia do Trabalhador como a data comemorativa desta colectividade operária. Os seus fundadores e primeiros dirigentes foram o correeiro ribeirense José Eduardo Arruda (1870-1940), o fotógrafo Carlos Gomes, o tipógrafo Antonino Pires da Silva, Francisco Lourenço Martins, João Pedro Monteiro, Manuel Pereira da Guia e Manuel Pinto.⁵ As reuniões preparatórias para a sua fundação decorreram nas instalações do Centro Distrital de Santarém do Partido Republicano Evolucionista.⁶ A sua sede foi instalada numa parte do antigo palácio Landal, residência que viu nascer Manuel de Sousa Coutinho, na rua Direita. Durante a cerimónia de inauguração da sede, os sócios fundadores descerraram um retrato do patrono padre Francisco Nunes da Silva no salão nobre.⁷ A 27 de Novembro de 1916, o Grupo Cénico do Teatro Taborda, integrado no Grémio Literário Guilherme de Azevedo, estreou-se com uma récita na sede da Associação. Este Grupo Cénico era composto por catorze homens e duas mulheres e tinha sócios em comum com a Associação como Francisco Vilela e Carlos Gomes.



Grupo Cénico do Teatro Taborda, foto Carlos Gomes, Santarém, 27/11/1916. Fotografia cedida pela Sociedade Recreativa Operária.

Em 1918, a Associação Fraternidade Operária integrou um conjunto de colectividades que homenagearam os Bombeiros pelos actos de altruísmo que estes

⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 30/5/2008, p. 7.

⁶ Cf. *Correio da Extremadura*, 21/1/1916, p. 1.

⁷ Cf. *Idem*, p. 3.

praticaram aquando da epidemia de gripe pneumónica.⁸ A fim de perpetuar o seu patrono, a Associação, a partir da ideia dos sócios José Eduardo Arruda e Antonino Pires da Silva, reuniu fundos que lhe permitiram mandar fazer um busto do padre Chiquito que foi inaugurado a 1 de Maio de 1919 pelo ministro do Trabalho, Dias da Silva, no largo em frente à sede da colectividade. Após a distribuição, na sede da Associação, de um bodo aos pobres, “... realizou-se um luzido cortejo em que figuraram vários carros alegóricos até ao cemitério onde estão os restos do padre Nunes da Silva, juncando-lhe o mausoléu de flores. Foi uma festa cívica que muito enaltece os sentimentos patrióticos dos habitantes de Santarém...”⁹.

No início de Janeiro de 1922, a Associação Fraternidade Operária de Instrução e Recreio alterou o seu nome para Grémio Recreativo Operário, encontrando-se entre os seus corpos dirigentes José Eduardo Arruda, João de Almeida Portugal e Virgílio Fortunato Wenceslau.¹⁰ Ao longo da década de 20, o Grémio organizou, dinamizou ou emprestou a sua sala para a defesa de causas sociais e culturais e protecção dos direitos dos operários, como o “Congresso dos Trabalhados Rurais” (20 a 22 de Setembro de 1925)¹¹, a sessão de propaganda operária onde falaram vários delegados da Confederação Geral do Trabalho (28 de Setembro de 1925)¹² e o Congresso Gráfico e Rural (20 a 22 de Outubro de 1925)¹³. A 1 de Maio de 1926, realizou-se no Grémio “... uma sessão comemorativa (...) sendo inaugurada a Associação de Construção Civil. Farão uso da palavra delegados da C.G.T. e da F.C.C.. Aquela Associação publicou um manifesto, convidando o operariado a abandonar hoje o trabalho.”¹⁴. Ao Grémio competia a defesa dos seus dirigentes e associados, como se verificou em 1925, “... tendo chegado ao conhecimento da direcção deste Grémio de que se diz haver na mesma direcção um dos seus componentes com seis prisões, a mesma direcção convida quaisquer pessoas que do mesmo assunto tenham conhecimento certo, a vir declará-lo na sede deste Grémio todas as noites das 21 às 23 horas e até 30 do corrente. Findo este

⁸ Cf. *Jornal de Santarém*, n.º 63, 22/5/1926, p. 5.

⁹ *Ilustração Portuguesa*, n.º 691, 19/5/1919, p. 393. Sobre a inauguração do busto do padre Francisco Nunes da Silva cf. *O Debate*, 3/4/1919, p. 2; 10/4/1919, p. 2; 1/5/1919, p. 2; 8/5/1919, p. 2.

¹⁰ Cf. *Livro de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Recreativo Operário*, Santarém, 1922-1930, acta n.º 1, 17/1/1922, fl. 1.

¹¹ Cf. *O Combate*, n.º 28, 19/9/1925, p. 5.

¹² Cf. *Idem*, n.º 30, 3/10/1925, p. 8.

¹³ Cf. *Idem*, n.º 26, 5/9/1925, p. 4.

¹⁴ *Jornal de Santarém*, n.º 60, 1/5/1926, p. 1.

prazo, e não havendo declarações que tal certifiquem considerar-se-ão difamadores, todos os indivíduos que persistirem no que acima fica exposto.”¹⁵.

As preocupações sociais encontravam-se entre as prioridades do Grémio. Em Setembro de 1925, “... por iniciativa do presidente do Grémio Recreativo Operário, está em organização nesta cidade uma “Caixa de Socorros na Doença”. Iniciativa altamente simpática, ela merece a dedicação de todos os operários e o auxílio de todos aqueles a quem o seu trabalho tem ajudado a granjear fortuna.”¹⁶. Anualmente, a colectividade oferecia aos seus sócios um almoço comemorativo do dia do Trabalhador e do Grémio. A profunda crise de trabalho que se fez sentir no início da década de 30 levou o proprietário e comerciante José Maria da Silva Júnior a organizar uma subscrição pública para auxiliar os operários desempregados. Este tentou obter o apoio do Grémio na recepção dos donativos, o que foi recusado por “... ser uma associação de carácter recreativo e não de classe e ainda porque discordava dessa iniciativa.”¹⁷. O sócio do Grémio e operário de serralharia Alfredo Bernardes da Silva escreveu uma carta, a 20 de Março de 1931, que publicou no *Correio da Extremadura*, onde manifestava o seu desacordo pela subscrição, lembrando se “... não seria mais racional, em vista da simpatia que a classe operária lhe merece, rodear-se dos amigos que o acompanham na aludida subscrição e irem junto do Governador Civil pedindo que se faça respeitar o horário de trabalho, que são 48 horas e não 56, como se trabalha nalgumas obras, com manifesto prejuízo dos “sem trabalho”. ”¹⁸. E o operário Alfredo Silva concluía “... não às subscrições, porque quem dá não pode dar sempre, e mesmo só o trabalho nos dá condições de vida, dignidade e independência. No entanto, se sua ex.^a quiser exercer os seus dotes filantrópicos, eu saberei indicar onde há criaturas que fazem parte da pobreza envergonhada, a pior, a que curte em silêncio e que procura o recurso extremo na mendicidade, na praça pública e não em espalhafatosas e teatrais subscrições.”¹⁹. Na sequência desta subscrição, o Grémio desvinculou-se de qualquer ligação com o Sport Grupo União Operária, colectividade que apoiou a iniciativa de José Maria da Silva Júnior.²⁰

¹⁵ *O Combate*, n.º 16, 27/6/1925, p. 4.

¹⁶ *Idem*, n.º 26, 5/9/1925, p. 1.

¹⁷ *Correio da Extremadura*, 28/3/1931, p. 6.

¹⁸ *Idem*.

¹⁹ *Idem*.

²⁰ Cf. *Idem*, 20/6/1931, p. 7.

Outra preocupação centrava-se nos problemas de higiene dos sócios porque a “... população vive em condições de higiene e salubridade que não possui como seria para desejar. Um balneário, pela acção higiénica e de robustecimento físico, é uma necessidade das maiores, numa cidade como Santarém, com uma população relativamente elevada, capital de um distrito, com dois estabelecimentos de ensino secundário cuja frequência é grande e muitos clubes desportivos, cujos sócios têm necessidade de limpeza bastante desenvolvida.”²¹. A falta de balneários públicos para além dos existentes na Escola Agrícola, no Liceu e no Sport Club Scalabitano “Os Leões”, todos de acesso a grupos específicos e que não resolviam as necessidades da cidade, era evidente. Por isso, a Câmara devia “... tratar de montar um balneário, por modesto que seja, com meia dúzia de banheiras e de chuveiros, mas que seja o balneário da cidade, onde o público possa ir livremente, e onde as classes pobres tenham banhos gratuitos ou de exíguo preço. Não deve ser dispendiosa a instalação, pois que não queremos o melhor balneário do mundo ou de Portugal, mas uma coisa modesta e sofrível. Bem sabemos que no Verão, a praia fluvial do Tejo pode suprir o balneário. Mas quem vai tomar banhos de limpeza à praia? E no Inverno quem não tiver em sua casa instalação adequada, onde os há-de tomar?”²². Para suprimir as necessidades dos seus sócios, no final da década de 30, o Grémio disponibilizou a utilização de balneários na sua sede que rapidamente gozaram de grande popularidade entre os mais desfavorecidos.²³

A biblioteca do Grémio foi projectada, em Janeiro de 1925, por Carlos Gomes, sendo o seu regulamento aprovado em reunião de direcção de 3 de Novembro desse ano. Em 1927, era “... digno de ser admirada a biblioteca deste Grémio, sobre as obras profissionais ali existentes.”²⁴. A biblioteca proporcionava aos sócios da colectividade leitura em presença e/ou domiciliária num período inferior a vinte e cinco dias. O bibliotecário era eleito juntamente com os corpos gerentes e tinha a responsabilidade de controlar o movimento dos livros, registar e catalogar as obras, proceder à renovação e conservação do espólio e velar pelo bom funcionamento da sala de leitura. A partir de uma listagem de Março de 1933, conferida em 1939, verifica-se que a biblioteca da colectividade tinha quinhentos e trinta e oito títulos disponíveis. O espólio bibliográfico

²¹ *O Scalabitano*, n.º 4, 28/11/1935, p. 2.

²² *Idem*.

²³ Cf. *Livro de Actas de Direcção da Sociedade Recreativa Operária*, n.º 3, Santarém, 1935-1940, acta de 21/1/1935.

²⁴ *Portugal Anunciador. Ilustração de Turismo e Propaganda Regionalista*. Novembro de 1927.

assentava essencialmente nos romances clássicos quer portugueses quer estrangeiros, nos manuais alusivos a diversas profissões (estucador, torneiro, electricista, marceneiro, fundidor, carpinteiro, motorista), nos almanaques, nos dicionários e nos manuais de história de Portugal. Títulos como “A Rússia Bolchevique”, “A Rússia Hoje e Amanhã”, “A Rússia Misteriosa”, “Nas Origens da Liberdade” ou “O Pão dos Pobres” reflectiam os interesses dos frequentadores da biblioteca. As actas de “O Congresso Ribatejano”, “Por Santarém”, de José Osório, “Santarém, Princesa das Nossas Vilas”, de Areosa Feio, revelavam o interesse pela cidade. Em Novembro de 1941, o número de títulos da biblioteca da Sociedade era de seiscentos e setenta e oito.²⁵

Pelas salas do Grémio passaram alguns conferencistas como o dirigente associativo e desportivo José Fragoso, em Maio de 1925.²⁶ Em 1931, o Grémio organizou um conjunto de conferências mensais subordinadas a temas “educativos”. A 28 de Março de 1931, Alberto Cardoso dos Santos inaugurou este ciclo de palestras ao dissertar sobre “Santarém na História, na Poesia e na Lenda”.²⁷ Nos meses de Abril e Maio, o médico e professor liceal Silva Pereira desenvolveu os temas “O Homem como Valor Social e Económico em Relação com a Higiene” e “A Média da Vida Humana em Relação com a Higiene e Elementos de Propaganda Sanitária”. Estas inseriram-se na “Semana da Higiene” dinamizada por todo o país.²⁸

Na sequência das colectividades antecessoras, o Grémio manteve o seu culto ao padre Chiquito. Em 1929, a direcção do Grémio mostrava-se interessada em obter donativos e organizar espectáculos locais para melhorar o busto do benemérito, devido às suas reduzidas dimensões. Assim, a colectividade organizou uma comissão composta por João Pedro Monteiro, José Eduardo Arruda, Carlos Gomes, Benjamim Marques, Astracliniano Arruda e Antonino Pires da Silva, que contava com a colaboração de José Osório.²⁹ O projecto acabou por não se concretizar por falta de apoios. Em Abril de 1936, o sócio Francisco Silva sugeriu a reorganização de cortejos cívicos anuais de homenagem ao padre Chiquito, com romagem ao cemitério e ao busto, à semelhança do

²⁵ Cf. *Livro de Entradas e Saídas da Biblioteca do Grémio Recreativo Operária*, n.º 1, 1925-1926; *Livro de Títulos da Biblioteca do Grémio Recreativo Operária*, n.º 3, Março de 1933.

²⁶ Cf. *O Combate*, n.º 9, 9/5/1925, p. 2.

²⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 4/4/1931, p. 2; 11/4/1931, pp. 1, 2.

²⁸ As conferências decorreram a 29 de Abril e 27 de Maio de 1931. Cf. *Idem*, 25/4/1931, p. 2; 2/5/1931, p. 2; 16/5/1931, pp. 1-2; 23/5/1931, p. 6.

²⁹ Cf. *Idem*, 16/11/1929, p. 2.

que sucedeu em 1919,³⁰ até porque trinta e oito operários ainda recebiam a pensão instituída pelo sacerdote. A ideia colheu apoiantes e os sócios José Eduardo Arruda, Antonino Pires da Silva, António Eusébio Pedroso e João Pedro Monteiro constituíram uma comissão para “... promover actos de grande solenidade, que constarão do descerramento duma lápide na casa onde nasceu o grande benfeitor dos operários desta terra e duma fotografia emoldurada em preciosa pedra mármore trabalhada que será deposta sobre o majestoso mausoléu do venerando sacerdote.”³¹ Para angariar fundos, a Comissão organizou um espectáculo no teatro Sá da Bandeira, a 20 de Maio de 1937. O medalhão em mármore foi executado na oficina do canteiro António Eusébio Pedroso e esteve exposto numa das montras dos Armazéns do Chiado na cidade.³² As festividades decorreram a 1 de Agosto de 1937 e iniciaram-se com um bode aos pobres de Alfange, local onde o padre nasceu.³³ O cortejo de homenagem percorreu a cidade e contou com os carros alegóricos “... da Comissão Organizadora, que ostentará o busto do grande benfeitor; o das artes gráficas, com um prelo que, durante o percurso imprimirá uma saudação ao grande benemérito, da autoria de Bernardo Henriques; o dos canteiros com interessantes demonstrações de trabalhos do seu mister; o Sindicato Nacional dos Operários e Empregados de Panificação, com produtos da sua indústria; o Sindicato Nacional dos Motoristas, com alegorias da sua profissão e o dos alfaiates e costureiras, com a figuração e movimento dos seus ateliers; e o dos pupilos do Asilo com o material das suas oficinas.”³⁴ Também integraram o desfile, representantes da Mocidade Portuguesa, das Casas do Povo, do Asilo de Santo António, de creches, dos bombeiros municipais e voluntários, das escolas primárias, do Liceu e da Escola Agrícola, acompanhados pelas entidades oficiais da cidade. O cortejo decorreu ao som das músicas tocadas pelas Bandas dos Bombeiros e de Pernes. Durante o desfile venderam-se reproduções do testamento do homenageado. Muitos estabelecimentos comerciais encerraram à hora do cortejo ou autorizaram que os seus empregados o incorporassem.³⁵ Em 1941, das romagens ao padre Chiquito apenas restava uma vaga memória nos mais saudosistas.

Em 1937, outra controvérsia envolveu a memória do padre Chiquito, quando o operário e sócio do Grémio, Fernando Mendonça, questionou a direcção da

³⁰ Cf. Idem, 18/4/1936, p. 3.

³¹ Idem, 27/2/1937, p. 3.

³² Cf. Idem, 15/5/1937, p. 2.

³³ Cf. Idem, 3/5/1941, p. 8.

³⁴ Idem, 31/7/1937, p. 8.

³⁵ Cf. Idem, 7/8/1937, p. 1.

colectividade, em carta ao *Correio da Extremadura*, sobre o paradeiro do busto do padre que decorava o salão de festas.³⁶ Em resposta, a direcção do Grémio afirmou que “... o busto do grande amigo dos operários de Santarém foi de facto retirado da aludida sala por motivos de ornamentação da mesma, mas transitou para o gabinete da direcção, onde se encontra sobre um pedestal próprio, estando assim junto de uma grande fotografia e testamento que diz respeito ao venerando padre Chiquito, bem conservados, o que aliás é dever de todas as pessoas bem formadas de espírito e portanto de bons sentimentos, como nos orgulhamos de ter. A razão de ainda não ter voltado ao seu antigo lugar (...) é por uns sócios reconhecerem que o gabinete da direcção é mais próprio à grande figura do padre Chiquito, pois é ali que se reúne a supremacia do Grémio, enquanto na sala das festas é onde se toca, dança e onde (dentro da moral, é certo) a rapaziada dá largas ao seu espírito moço, não se podendo por este motivo prestar a devida homenagem (...). Também devemos esclarecer que o busto, fotografia e testamento a que já fizemos alusão são relíquias, pertenças da extinta Fraternidade Operária e portanto que nada têm com o Grémio Recreativo Operário (que é composto de todas as classes sociais ou seja operários, comerciantes, empregados no comércio e funcionários públicos), mas no entanto esta colectividade tem e há-de continuar o dever religioso de conservar essas relíquias que são o símbolo do bem.”³⁷.

Na década de 30, a ditadura pressionava as colectividades, especialmente as que se encontravam mais próximas do operariado. De acordo com ofício do Governo Civil, n.º 31, de 25 de Janeiro de 1935, o Grémio inscreveu-se na Inspecção Geral dos Espectáculos.³⁸ Na sequência no Decreto-Lei n.º 29232, de 8 de Dezembro de 1938, o Grémio teve de alterar o seu nome para Sociedade Recreativa Operária, expresso na reunião da assembleia-geral de 20 de Julho de 1939.³⁹ No ano seguinte, a colectividade comemorou as suas bodas de prata, a 1 de Maio, com um convívio e um baile para os associados e familiares.⁴⁰ Em 1944, a Sociedade Recreativa integrou o Grupo de Coordenação Cultural. No âmbito deste movimento cultural, a Sociedade participou no III Concurso Literário Ribatejano (1945) e na Exposição de Arte Contemporânea realizada na sua sede em 1946.⁴¹

³⁶ Cf. Idem, 17/7/1937, p. 6.

³⁷ Idem, 31/7/1937, p. 7.

³⁸ Cf. *Livro de Actas de Direcção da Sociedade Recreativa Operária*, n.º 3, acta de 1/2/1935.

³⁹ Cf. *Livro de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Recreativo Operário*, acta de 20/7/1939.

⁴⁰ Cf. *Correio da Extremadura*, 6/4/1940, p. 2.

⁴¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 8/6/1946, p. 6.

Os bailes do Natal, da passagem de ano, do Dia de Reis, do Carnaval e do *Micareme* eram frequentados pelos sócios do Grémio e seus familiares permitindo alargar os laços de amizade. Durante o dia de Natal, o salão de festas da colectividade estava aberto à população e aí realizava-se uma quermesse e um baile. Junto à árvore de Natal distribuíam-se alguns brinquedos aos filhos dos sócios mediante sorteio. Durante os bailes de passagem de ano, decorria a eleição da “Miss Ano Novo”. Segundo o actual sócio número um da colectividade, António Bernardes Silva, nos frequentes bailes de domingo iniciavam-se namoros que levavam ao início de relações mais duradouras, como foi o seu casamento com Maria Luísa Silva.⁴² Os bailes eram abrilhantados pelo “quarteto do cinema Rosa Damasceno”, pelas Orquestras “Os Setas”, “Jazz Os Persistentes”, “Troupe Jazz”, “Scalabis”, “Haway”, “Os Peraltas” de Lisboa, pelo Grupo Jazz “Os Últimos até Ver” e pelo conjunto musical lisboeta “Os Cubanos”. Por vezes, grupos de sócios e sócias executavam temas musicais no piano da colectividade. Durante a década de 30, alguns dos bailes eram animados através dos programas musicais de um rádio emprestado à colectividade.⁴³ Para festejar o seu décimo quarto aniversário, a 31 de Março de 1936, o Grémio organizou “o baile das chitas”⁴⁴. Pelas salas do Palácio Landal, cujos tectos foram classificados como monumento nacional⁴⁵, passaram outras actividades como uma exposição de trabalhos manuais que decorreu entre 26 e 31 de Maio de 1946 e se integrou na Exposição Feira⁴⁶. As actividades desportivas desenvolvidas pela Sociedade passavam por torneios de jogos tradicionais como o chinquilha, pela pesca desportiva e pelo bilhar. Os jogos de futebol eram pontualmente organizados por grupos de sócios e decorriam no campo “Chã das Padeiras”, sendo seguidos de almoços de confraternização.

A Sociedade Recreativa Operária passou anos atribulados no final da década de 50 e durante a década seguinte devido a problemas políticos muitas vezes articulados com os problemas sociais das classes mais desfavorecidas. O grupo de teatro fundado nesse período acabou por ser extinto devido à acção da polícia política. As ligações maçónicas dos primeiros anos desvaneceram-se, restando apenas o esquadro e o compasso no seu estandarte. Ao longo dos anos a colectividade sobreviveu mantendo as suas tradições como festejar o primeiro de Maio com a oferta de almoço aos sócios,

⁴² Entrevista a António Bernardes da Silva, Santarém, 1/5/2009.

⁴³ Cf. *Livro de Actas de Direcção da Sociedade Recreativa Operária*, n.º 3, acta de 21/1/1935.

⁴⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 28/3/1936, p. 2.

⁴⁵ A classificação dos tectos do palácio Landal e da Igreja de Santa Cruz, na Ribeira de Santarém, foi atribuída em 1950. Cf. *Correio do Ribatejo*, 6/5/1950, p. 2.

⁴⁶ Cf. *Idem*, 25/5/1946, p. 2.

romagem ao busto do padre Chiquito e ao cemitério quer ao mausoléu do patrono quer às campas dos velhos associados.

4 – Cultura e Desporto

4.1 - Grupo de Futebol os Empregados no Comércio, “Os Caixeiros”

Associação de Classe dos Empregados no Comércio (1898-1938)

Em Setembro de 1897, um grupo de empregados no comércio organizou-se para constituir uma Associação que contribuísse “... para a defesa dos interesses, desenvolvimento e ilustração da classe...”¹. A Associação de Classe dos Empregados no Comércio foi fundada a 1 de Janeiro de 1898, conforme atesta o seu estatuto. Nesse ano, os sócios Manuel Maria de Oliveira, António da Costa Lopes, Manuel Lopes Gregório e António da Silva Nobre projectaram a organização de uma biblioteca apelidada de “Infante D. Henrique” porque “... a instrução é a lei fundamental das sociedades (...) nós obscuros obreiros na grande fonte da riqueza nacional – o comércio – precisamos (...) comungar, nas horas libertas da rudeza do trabalho, na santa hóstia da instrução...”². Os sócios e alguns amigos da colectividade ofereceram o espólio da biblioteca. Em 1901, alguns dos sócios chegaram a organizar uma Tuna. A Associação convidou Bernardino Machado para visitar a sede na rua Luís de Camões e patrocinou uma conferência do político, realizada no teatro Rosa Damasceno, a 17 de Julho de 1904.³ Paralelamente à sua actividade social e cultural, a Associação manteve uma intensa actividade política ligada à propaganda e ideário republicanos. Assim, promoveu algumas conferências de republicanos como António Ginestal Machado. A 4 de Dezembro de 1910, a Associação promoveu “uma festa patriótica” onde se fez a “... entrega de um novo estatuto de seda azul franjado a ouro com emblema alegórico e data de fundação...”⁴. Nessa sessão foram oradores o director da Associação, Júlio Alves, o presidente da Associação Comercial, António Mendes Cabral, o advogado republicano, José Montez, o capitão Eduardo Sarmento, Abílio Nobre e Bernardino Santos. A Associação arrendou, a 27 de Outubro de 1921, um prédio para instalar a

¹ *Correio da Extremadura*, 18/9/1897, p. 2.

² *Idem*, 10/12/1898, p. 2.

³ Cf. Jorge Custódio, Luís Mata, *op. cit.*, p. 77.

⁴ *Correio da Extremadura*, 10/12/1910, p. 3.

sede, na rua Capelo e Ivens, n.º 21 e n.º 23 com 1.º andar, para desenvolver as suas actividades como a realização de congressos, conferências e a reorganização da sua biblioteca. O contrato de arrendamento foi estabelecido entre o industrial António Júlio da Costa, residente em Santarém, e o presidente da direcção da Associação, João Ferreira, empregado no comércio e também residente na cidade, perante o testemunho do sócio Eduardo Duarte Melo. O contrato mensal era renovável sendo a renda de 25\$00.⁵ Seis anos mais tarde, a sede da Associação pertencia à proprietária Elisa da Piedade Montês Araújo, residente em Santarém.⁶ Aí decorreu o II Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, entre 20 e 22 de Setembro de 1925.⁷

Uma das colectividades com quem a Associação manteve contactos e parcerias foi o Grémio Literário Guilherme de Azevedo, que emprestou com frequência o teatro Taborda para diversas actividades. Aí se realizou a festa do vigésimo nono aniversário da Associação, que decorreu entre o Natal de 1926 e o Dia de Reis de 1927, com bailes, festas, quermesses e sorteios.⁸ Durante os Santos Populares de 1928, a Associação promoveu um festival (bailes, venda de flores, quermesse e jardim de Inverno) no Taborda, a fim de obter fundos “... para a construção de um sanatório para caixeiros tuberculosos e criar um fundo de previdência e solidariedade na doença...”⁹. A Associação manteve alguns apoios sociais como o tradicional bodo aos pobres no primeiro dia do ano. Como a formação profissional era outra das suas prioridades, em 1928 abriu um curso de escrituração comercial, português e francês para os sócios e não sócios. O apelo alargou-se “... aos indivíduos a quem interessar e que estejam habilitados a leccionar em qualquer destes cursos (...) [e] ao comércio em geral solicita (...) a observância pelo horário de trabalho, de maneira a não impedir que os empregados no comércio se instruíam.”¹⁰. Em 1933, alargou-se o curso à área da contabilidade e começaram a promover-se conferências de carácter educativo e instrutivo. A primeira ficou a cargo do jornalista e escritor Jaime Brasil que dissertou sobre “A Crise da Cultura”, seguida por “O Problema da Educação”, a cargo do

⁵ Cf. “Contrato de Sublocação de Arrendamento do prédio situado na rua Capelo e Ivens” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 27/10/1921.

⁶ Esta autorizou que o serralheiro Manuel Simões fizesse uma canalização para a água desde o contador até à cozinha na casa que habitava por ser o contínuo da Associação dos Empregados no Comércio. Cf. “Declaração de Elisa da Piedade Montês Araújo a Manuel Simões sobre obras no prédio situado na rua Capelo e Ivens” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 23/11/1927.

⁷ Cf. *O Combate*, n.º 28, 19/9/1925, p. 5.

⁸ Cf. *Correio da Extremadura*, 18/12/1926, p. 3.

⁹ *Idem*, 9/5/1928, p. 3.

¹⁰ *Idem*, 7/4/1928, p. 2.

inspector chefe da região escolar de Santarém, Joaquim Tomás. Este defendeu, na sua conferência de 31 de Maio de 1933, que, à semelhança do que sucedia na Bélgica e na Suíça, se desse mais importância ao ensino primário e se investisse na faixa etária dos dois aos cinco anos, promovendo em Santarém a construção de um jardim-escola. A 16 e a 26 de Junho, os advogados escalabitanos Eduardo Figueiredo e João Aurélio Fragoso apresentaram os temas “A Função Social do Direito Penal” e “A Arte como Expressão Cultural” respectivamente. O ciclo de conferências terminou a 1 de Julho, quando João Fragoso defendeu a temática “Os Contemporâneos”.¹¹ Paralelamente, a Associação debatia os temas que mais afligiam a classe, como o desemprego, o horário de trabalho, o descanso semanal, a fundação de uma caixa de previdência e solidariedade que socorresse os empregados no comércio doentes e a defesa dos marçanos, especialmente os menores de idade e com necessidade de obterem “... a regalia do horário de trabalho, de maneira a poderem instruir-se, frequentando cursos e aulas nocturnas...”¹². A delegação de Santarém de os Inválidos do Comércio funcionava na sede da Associação, sendo delegado o sócio José Prado (1908-).¹³

A partir do final de 1933, a Associação, envolvida em actividades sociais e políticas, começou a sofrer pressões para cessar a sua actividade, apesar da sua importância e utilidade na vida associativa.¹⁴ Face aos novos tempos, havia também quem defendesse “... que os empregados no comércio de Santarém deviam seguir o exemplo dos motoristas, reorganizando a sua Associação nos moldes dos Sindicatos Nacionais.”¹⁵. A 6 de Fevereiro de 1935, a Polícia de Segurança Pública publicou um comunicado onde fazia referência “... à liquidação, nos termos da lei, da Associação de Classe dos Empregados no Comércio, sendo os haveres divididos igualmente pelos sócios fundadores e efectivos que o forem há mais de três anos ininterruptamente (artigo 40.º dos Estatutos) ...”¹⁶. A 1 de Abril de 1938, a Associação declarou a sua extinção e

¹¹ Sobre este ciclo de conferências cf. Idem, 27/5/1933, p. 6; 3/6/1933, p. 6; 24/6/1933, pp. 1-2; 1/7/1933, p. 2.

¹² Idem, 14/5/1927, p. 3.

¹³ Cf. Idem, 8/4/1933, p. 6.

¹⁴ Cf. Idem, 3/2/1934, p. 8.

¹⁵ Idem, 2/6/1934, p. 6.

¹⁶ Idem, 9/2/1935, p. 3. Os sócios que se encontravam nessas condições eram: António Rosa Gonçalves, José Caetano Fragoso, Joaquim dos Santos, Augusto Trindade, Francisco Neto Júnior, Virgílio da Costa Patriarca, António Duarte, António José de Almeida, Pedro Beja Santos, Rui de Almeida Pereira, Eugénio Portugal Ribeiro, Francisco Rosado Prado, António Pinheiro Costa, João Patriarca, Emílio Duarte Caldas, José Prado, Alfredo Santos Pinheiro, Joaquim de Oliveira Coelho, Carlos Romeu Trindade, Luís Medeiros Leal, António Coelho, António Rodrigues, Carlos Júlio Pedro da Costa, Manuel da Silva Coelho, António Gonçalves, Juvenal Pereira, Vasco Duarte (1905-), António Wenceslau, Alfredo Marques Baptista (1907-), Silvino Ferreira Cravador, António Montez, João Maria Fragueiro, Joaquim

entregou o seu espólio, ao Grupo de Futebol os Empregados no Comércio “Os Caixeiros”, com quem manteve contactos, parcerias e a quem arrendou um gabinete para a direcção e vestiário para os jogadores, no início da década de 30, por 15\$00 mensais.¹⁷ Por outro lado, a maioria dos sócios era comum às duas colectividades, tomando por exemplo José Prado que simultaneamente era sócio beneficiário da extinta Associação e presidente da direcção de “Os Caixeiros”, em 1938. O espólio incluía todos os bens¹⁸ e a sede cuja posse era temporária, devendo “Os Caixeiros” tomar “... para si a responsabilidade de utilizar e conservar a integridade de todo o recheio que lhe seja confiado e à fiscalização duma comissão representativa dos proprietários do espólio.”¹⁹ Qualquer caso omissos na declaração não podia ser resolvido definitivamente sem o parecer da direcção de “Os Caixeiros” e dos sócios beneficiários do espólio da extinta Associação, representados por Joaquim dos Santos, António Duarte e Alfredo Santos Pinheiro. O contrato de arrendamento da sede foi estabelecido, a 29 de Dezembro de 1937, entre o proprietário António Júlio da Costa, residente em Santarém, e o Grupo de Futebol dos Empregados no Comércio, situado no Largo Emílio Infante da Câmara, representado pelo presidente da direcção José Fragoso. O contrato mensal era renovável sendo a renda de 120\$00.²⁰ A biblioteca da Associação ficou na posse transitória de “Os Caixeiros” até que estivesse devidamente organizada e regulamentada, o que apenas sucedeu em 1942. A direcção de “Os Caixeiros” obriga-se: “1.º - A manter todo o recheio existente, que pode ser aumentado, e lhe será entregue mediante inventário; 2.º - A conservar o bom estado dos livros e a fiscalizar assiduamente o movimento de entradas e saídas, de modo a evitar o seu extravio; 3.º - A

Aldino Correia, Ernesto dos Santos, Manuel Pereira Veloso, Gabriel Alves Alexandre, João Gomes Costa, João Correia Vieira e Mário Jesus Prado.

¹⁷ Ao longo de 1933, “Os Caixeiros” tiveram dificuldade em pagar as rendas à Associação de Classe. Cf. *Livro de Actas da Direcção de “Os Caixeiros”*, n.º 1, acta n.º 1, 17/4/1933; acta n.º 2, 29/4/1933; acta n.º 7, 30/9/1933.

¹⁸ O inventário do espólio entregue pela Associação de Classe dos Empregados do Comércio ao Grupo de Futebol os Empregados no Comércio “Os Caixeiros” incluía: 48 cadeiras, 1 bilhar com cobertura de pano, 2 quadros de marcador, 1 taqueira, 8 tacos, 2 mesas redondas, 5 mesas quadradas, 12 bancos, 1 “fauteuil”, 2 rabecas, 2 lavatórios, 2 relógios, quadros com fotografia e com vistas, 4 “abajures”, 5 escarradores com pé, 1 escarrador sem pé, 2 secretárias, 1 vitrina grande, 1 vitrina pequena, 1 jarro, 1 copo, 1 prato em vidro, 1 cabido, 1 quadro escolar, 1 escadote, 1 tableta, 1 mesa grande com 4 gavetas, 1 mesa com prensa de copiador, 3 quadros para relatórios, 3 molduras, 1 estante, 1 cesto para papéis, 3 jogos de bolas, 1 jogo de dominó, 1 estrado de madeira, 1 tinteiro de metal, 2 candeeiros de 3 hastes, 1 candeeiro com franja de vidro, 1 capacho, 3 chuveiros, 1 espelho, 1 bomba de elevação, 1 lamparina, 1 cinzeiro de vidro, 1 passadeira, 1 tapete, 3 estantes, 8 suportes para livros, 1 mesa de biblioteca, 8 cadeiras de biblioteca, 1 estore em pano, 1 máquina de escrever, 5 “ridés” com varões, 4 reposteiros de veludo com varões, 6 braçadeiras, 4 reposteiros em junta com sanefas, 1 bambinela com sanefa, 1 depósito para água e instalação eléctrica. Cf. “Declaração e Inventário da Associação de Classe dos Empregados no Comércio” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 1/4/1938.

¹⁹ Idem.

²⁰ Cf. “Contrato de Arrendamento do prédio situado na rua Capelo e Ivens” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 29/12/1937.

aceitar o controlo da Comissão liquidatária, seus delegados ou sucessores, sempre que tal se julgue necessário, para conferência do inventário, organização geral da biblioteca (livros, índices...); 4.º - A cumprir e fazer cumprir o regulamento privativo da biblioteca, aprovado em reunião extraordinária da Assembleia-Geral do Grupo de Futebol Empregados no Comércio, realizada a 6/6/1942; 5.º - A não promover a alteração do citado regulamento sem prévio acordo dos legais liquidatários; 6.º - A nomear um bibliotecário privativo que cumpra e faça cumprir as cláusulas aqui exaradas e o respectivo regulamento da biblioteca; 7.º - A Direcção do Grupo de Futebol Empregados no Comércio salvaguarda para si o direito de propriedade definitiva para os livros que possui na sua biblioteca e para os que comprar, pelo seu cofre, durante todo o tempo da posse transitória da biblioteca da extinta Associação de Classe dos Empregados no Comércio.”²¹.

“Os Caixeiros”

O Grupo de Futebol os Empregados no Comércio “Os Caixeiros” foi fundado a 5 de Junho de 1917 por um grupo de homens ligados à actividade comercial, constituído entre outros por Manuel Filipe, Carlos Arsénio da Piedade, José Prado e Silvino Ferreira Cravador. Segundo os seus estatutos tratava-se de “... uma associação desportiva, recreativa e cultural que visa ao desenvolvimento e educação dos seus associados, nos aspectos cultural, físico e desportivo...”²², sendo o Grupo “... completamente alheio a todos os credos políticos, religiosos e na sua sede são proibidas todas as manifestações e discussões deste carácter....”²³. A sua sede localizava-se no largo dos Pasteleiros e muitas das suas actividades culturais e recreativas decorreram nas instalações do Grémio Literário. No início da década de 30, “Os Caixeiros” passaram a partilhar a sede com a Associação dos Empregados no Comércio a quem alugaram alguns espaços. Em 1932, instalaram um vestiário na nova sede para, quatro anos mais tarde, construírem um balneário. Em 1937, a direcção da colectividade pretendia que a senhoria fizesse obras no edifício da sede e, se possível, diminuísse o valor da renda perante as dificuldades financeiras.²⁴

²¹ “Anexo à Declaração e Inventário da Associação de Classe dos Empregados no Comércio” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 25/9/1942.

²² “Estatutos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 1938, artigo 1.º.

²³ Idem, artigo 10.º.

²⁴ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta de 30/8/1937.

A partir de 1933, “Os Caixeiros” instalaram um campo de jogos, balneário e casa do guarda na Cerca da Mecheira ao arrendarem o espaço a José Duarte Marques através de contrato verbal passado a escrito em Setembro de 1952.²⁵ O grande projecto da colectividade durante a década de 40 foi a construção de um balneário no campo de jogos chegando a receber apoio monetário do Governo Civil para o primeiro projecto, no valor de 2 000\$00.²⁶ A Direcção Geral do Desporto subsidiou com 10 000\$00 a construção do referido balneário, após uma visita do seu director tenente-coronel Sacramento Monteiro à colectividade, a 8 de Março de 1946. Quando a Câmara Municipal enviou o projecto do balneário para a Direcção Geral dos Serviços de Urbanização em Lisboa, esta detectou-lhe algumas imperfeições que vieram a atrasar a obra.²⁷ A abertura do concurso para a execução da mesma decorreu em Abril de 1947, tendo o construtor Benjamim Machado apresentado uma proposta no valor de 47 890\$00. Entretanto, o Ministério das Obras Públicas informou o clube da comparticipação do Fundo de Desemprego no valor de 21 840\$00 para a referida construção.²⁸ A obra ficou concluída em Outubro de 1947, sendo inaugurada com um torneio de basquetebol para o qual foram convidados “Os Leões” e a Associação Académica e do qual a equipa da casa se saiu vencedora.²⁹ Em 1951, o espaço beneficiou de obras nas bancadas que foram construídas em cimento e no recinto que foi remodelado, cimentado e transformado em ringue, permitindo a prática do hóquei em patins.³⁰

No início de 1945, “Os Caixeiros” aumentaram o espaço da sua sede ao conseguirem arrendar o rés-do-chão do edifício ao Asilo de Santo António, por 350\$00, com o objectivo de aí construírem um ginásio onde os seus atletas pudessem melhorar a

²⁵ José Duarte Marques, comerciante, casado, natural de Monsanto e residente em Santarém e o presidente da direcção de “Os Caixeiros”, José Jorge Mendonça, solteiro, comerciante, residente em Santarém assinaram uma escritura do contrato de arrendamento de um terreno devidamente demarcado na Cerca da Mecheira, S. Domingos, junto ao Campo Sá da Bandeira, freguesia de S. Nicolau. O arrendamento era mensal e teve início a 1 de Outubro de 1952, sendo a renda de 200\$00. Ao terreno foi atribuído o valor de 60 000\$00. O local do arrendamento destinava-se a campo de jogos desportivos, podendo o inquilino realizar nele quaisquer festejos ou espectáculos permitidos pelas leis e regulamentos. Cf. “Escritura do contrato de arrendamento do terreno do ringue” in *Pasta de Documentos Avulsos de “Os Caixeiros”*, Santarém, 8/9/1952.

²⁶ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 47, 2/11/1945.

²⁷ Cf. Idem, n.º 3, acta n.º 16, 31/10/1946.

²⁸ Cf. Idem, n.º 3, acta n.º 4, 25/4/1947.

²⁹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 4/10/1947, p. 7; 18/10/1947, p. 3.

³⁰ Cf. Idem, 18/8/1951, p. 4; 27/12/1952, p. 5. O ringue foi inaugurado em 1953, cf. Idem, 29/8/1953, pp. 2, 8; 5/9/1953, pp. 1, 10.

sua condição física. O atraso da obra proporcionou um acordo verbal com o proprietário da Confeitaria Monteiro e Ramos, António Faustino, que arrendou em 1946 o referido rés-do-chão para funcionar como arrecadação.³¹ A durabilidade do contrato dependia da necessidade do espaço por parte da colectividade, mas o projecto de construir um ginásio acabou por cair no esquecimento. Aproveitando as obras em execução na sede para a ampliação do salão de festas, a colectividade decidiu, em Novembro de 1945, “... mandar arranjar as duas salas de jogos (...) dando assim também maiores comodidades e conforto aos nossos associados.”³².

Nos anos 20, “Os Caixeiros” disputavam a popularidade desportiva com os outros Clubes da cidade, tendo, em 1925, recebido no Teatro Rosa Damasceno a taça de popularidade, obtida por votação. Neste período, a prática desportiva passava essencialmente pelo futebol. Em 1924, “Os Caixeiros” integraram o número de clubes que fundaram a Associação de Futebol de Santarém. Nesse período, duas das preocupações de “Os Caixeiros” eram obter autorização da Associação de Futebol para jogar à 5.^a feira, dia de folga dos empregados no comércio³³, e conseguir ao melhor preço o aluguer de um campo para treinar e jogar. Perante a falta de opções de escolha, nestes primeiros tempos, os jogos eram disputados no campo de “Os Leões”. No entanto, o constante aumento dos preços da renda do “estádio” levaram a conflitos entre as duas colectividades. Em Novembro de 1930, “Os Leões” aumentaram a renda para valores muito elevados, que “Os Caixeiros” não podiam pagar. Como forma de protesto, estes decidiram não comparecer num jogo de futebol com a equipa leonina organizado pela Associação de Futebol.³⁴ No ano seguinte, os dois clubes acordaram um novo contrato de arrendamento do campo de jogos. De forma a reduzir as despesas, “Os Caixeiros” suspenderam o arrendamento durante os meses de férias e nem sempre contratavam o serviço de balneários, o que levava os atletas a tomar banho em casa ou no balneário de outra colectividade. Em Setembro de 1933, a Associação de Futebol ofereceu-se para mediar o conflito entre “Os Leões”, “Os Caixeiros” e o Sport Lisboa e Santarém motivado pelo contrato de aluguer do campo. Os arrendatários consideravam

³¹ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 16, 31/10/1946.

³² Idem, n.º 3, acta n.º 47, 2/11/1945.

³³ Em Abril de 1930, “Os Caixeiros” escreveram à Associação de Futebol a solicitar que os jogos de futebol fossem à quinta-feira sob pena de o clube abandonar o campeonato distrital. Cf. Idem, n.º 1, acta n.º 3, 22/4/1930.

³⁴ Cf. Idem, n.º 1, acta n.º 10, 25/11/1930.

o discurso do senhorio “agressivo e extemporâneo”³⁵. Nos anos seguintes, o conflito manteve-se, até que, a partir de Setembro de 1945, “Os Caixeiros” passaram a alugar o campo Chã das Padeiras do União Operária.³⁶

A maioria dos adversários eram os clubes desportivos da cidade e esporadicamente do distrito e da capital. No final da primeira volta do campeonato distrital de 1925-1926, o clube liderava de forma destacada, enquanto nessa temporada venceu as taças da “Associação Comercial” e “José Rosa”. Na temporada seguinte, “Os Caixeiros” renovaram o seu título de vencedor da taça da “Associação Comercial”. Na época de 1928, a equipa de futebol “... apresentará a mesma gente em campo, continuando a esperar-se por algumas inovações que bem precisa.”³⁷. Em Junho de 1930, a selecção distrital de futebol integrava cinco jogadores do clube: Alfredo da Silva, Pedro Monteiro Freire, Carlos Mariano, António Rodrigues e José Prado.³⁸ Dois anos depois, essa representação englobava três jogadores: Pedro Monteiro Freire, Carlos Mariano e Mário Prado.³⁹ Em Março de 1931, a Associação de Futebol informou o clube sobre as novas alterações à lei do jogo e convidou-o para concorrer ao campeonato das segunda e terceira categorias, o que foi recusado.⁴⁰ Nessa época, o clube adquiriu novas “botas”, uma bola, vinte e dois pares de meias, doze cuecas e novos calções pretos para completar o equipamento dos jogadores que disputaram a taça de “Os Caixeiros” e o jogo com Sport Club Escolar Bombarralense.⁴¹ A 3 de Dezembro de 1931, o clube sofreu uma humilhante derrota por dez golos sem resposta com o União Operária.⁴² No mês seguinte, o clube desistiu de todas as provas da Associação de Futebol de Santarém e do torneio de classificação do campeonato de Portugal “... por má vontade dos jogadores...”⁴³. Em Março de 1932, após consultar os atletas, o clube decidiu aceitar o convite da Associação de Futebol para disputar a taça de honra. Nos anos seguintes, disputou o campeonato distrital da zona sul onde os resultados não surgiram, como se pode verificar pelo penúltimo lugar obtido na época 1935-1936.⁴⁴ Em Setembro de 1937, a colectividade indicou os sócios Ricardo Mariano Júnior e

³⁵ Cf. Idem, n.º 1, acta n.º 7, 30/9/1933.

³⁶ Cf. Idem, n.º 3, acta n.º 44, 14/9/1945.

³⁷ *Jornal de Santarém*, n.º 85, 13/10/1928, p. 10.

³⁸ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta n.º 5, 11/6/1930.

³⁹ Cf. Idem, n.º 1, acta n.º 1, 17/4/1933.

⁴⁰ Cf. Idem, n.º 1, acta n.º 12, 9/3/1931.

⁴¹ Cf. Idem, n.º 1, acta n.º 9, 2/11/1931; acta n.º 14, 17/2/1932.

⁴² Cf. *Correio da Extremadura*, 12/12/1931, p. 2.

⁴³ *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta n.º 13, 11/1/1932.

⁴⁴ Cf. *O Scalabitano*, n.º 4, 28/11/1935, p. 3.

Joaquim dos Santos para integrarem os corpos gerentes da Associação de Futebol, enquanto rejeitava a nomeação do árbitro João Trindade de Almeida que alegadamente “... nos quer prejudicar...”⁴⁵. À semelhança dos outros clubes da cidade, “Os Caixeiros” disputaram várias taças na modalidade de futebol como a “José da Silva Suspiro Júnior”, a “Inválidos do Comércio” e a “Alfredo Aguiar” e participavam em torneios a fim de auxiliar antigos atletas ou operários que se encontravam doentes ou em precária situação financeira.

Na época de 1938-1939, “Os Caixeiros” disputavam o campeonato distrital. No início dos anos 40, a colectividade deixou de disputar o referido campeonato em virtude de os jogos se realizarem ao domingo quando o dia de folga dos empregados no comércio continuava a ser à quinta-feira. Com a uniformização do dia de descanso semanal para os trabalhadores, a colectividade decidiu voltar a competir no campeonato distrital de futebol, a 30 de Setembro de 1945, quando jogou com “Os Leões”. O plantel da equipa de futebol era composto pelos jogadores Arménio Costa, Arménio Almeida, Manuel Lousada (1919-2011), Manuel Marques, Mário Moreira Soares, Mário Fragoso, Raul da Branca, César Gomes, José Pinheiro, José Inês, M. Silva, Saul Nogueira, José Santos, Rui Amaro, Luís Ilídio.⁴⁶ Os bailes tornaram-se uma constante para angariar fundos para suportar a equipa de futebol. No ano seguinte, a equipa de futebol debatia-se com falta de jogadores o que inviabilizou a sua participação no campeonato. Quer a União Operária quer “Os Leões” tentaram contratar alguns dos jogadores que continuavam a ingressar na equipa de “Os Caixeiros” caso a colectividade abdicasse de competir. Com a entrada em vigor do novo regulamento da Associação de Futebol, “Os Caixeiros” ficaram integrados na II Divisão, o que obrigava a frequentes deslocações para fora de Santarém. A situação agravou-se com a falta de jogadores que entretanto saíram para outros clubes ou deixaram de jogar e porque a Associação de Futebol passou a não aceitar inscrições de clubes sem campo para a prática da modalidade. Perante os factos, a colectividade decidiu não participar no campeonato de futebol na época 1946-7.⁴⁷ Durante a década de 50, o clube apenas organizou campeonatos de juniores da modalidade.

⁴⁵ *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta de 26/10/1937.

⁴⁶ Cf. Idem, n.º 3, acta n.º 45, 28/9/1945.

⁴⁷ Cf. Idem, n.º 3, acta n.º 13, 31/8/1946.

Em Agosto de 1930, “Os Caixeiros” planearam a organização de um torneio de atletismo⁴⁸, modalidade que se praticou ao longo de largos anos na colectividade. Durante as comemorações do vigésimo aniversário do clube, em 1937, realizaram-se no campo de jogos as provas atléticas de 80, 300, 1000 e 3000 metros, salto em altura, salto em comprimento, cross e lançamento do peso. A medalha designada como “Pró-Aletismo” foi entregue ao melhor classificado da geral.⁴⁹ Em Setembro de 1937, os atletas de “Os Caixeiros” Abílio David, Luís David, Arménio Costa, José Rodrigues, José Neves e Francisco Victorino participaram no torneio popular de atletismo organizado pelo Grupo Desportivo “Os Treze”, em Lisboa, onde venceram as estafetas de 3x600 metros.⁵⁰ “Os Caixeiros” organizaram em Junho de 1942 provas de *cross county*, saltos em altura e em comprimento e lançamento do peso.⁵¹ Em Agosto de 1946, os atletas da colectividade participaram no torneio popular de atletismo organizado por “Os Leões”, obtendo o primeiro lugar na estafeta de 3x80m e no torneio de atletismo organizado pela Associação Académica, no Verão do ano seguinte. A colectividade participou no torneio de atletismo organizado por “Os Leões”, em Outubro do mesmo ano, onde os resultados não foram significativos para a equipa convidada.

Na década de 30, o clube tinha uma secção de ciclismo que participou em provas fora do concelho de Santarém. Em 1932, José Castelo Romão classificou-se em terceiro lugar na categoria de “fracos” na III Volta a Portugal em Bicicleta.⁵² No ano seguinte, o clube recebeu um convite para participar numa prova ciclista em Alcanena com os seus melhores ciclistas.⁵³ A pedido do Governo Civil, a colectividade integrou uma comissão de recepção à passagem da XI Volta a Portugal em Bicicleta por Santarém, em 1946.

“Os Caixeiros” fundaram a 1 de Maio de 1933 a Associação de Basquetebol de Santarém, no mesmo ano em que criaram a secção da modalidade perante o aumento do número de adeptos escalabitanos.⁵⁴ Em Dezembro de 1935, a Associação de Basquetebol convidou o clube para indicar árbitros, sendo os escolhidos os sócios

⁴⁸ Cf. Idem, n.º 1, acta n.º 7, 22/8/1930.

⁴⁹ Cf. Idem, n.º 1, acta de 6/7/1937.

⁵⁰ Cf. Idem, n.º 1, 14/9/1937.

⁵¹ Cf. *Correio da Extremadura*, 30/5/1942, p. 2.

⁵² Cf. Idem, 17/9/1932, p. 4.

⁵³ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta n.º 7, 30/9/1933.

⁵⁴ Cf. Idem, n.º 1, acta n.º 1, 17/4/1933; *Livro de Actas da Associação de Basquetebol de Santarém*, Santarém, 1933.

Abílio David e António Venceslau. No mês seguinte, “Os Caixeiros” indicaram o número de jogadores a inscrever naquela Associação.⁵⁵ Em 1936, o clube disputou o campeonato da modalidade com o Sport Lisboa e Santarém, a Académica e “Os Leões”, realizando-se os jogos no seu campo que alugou às equipas rivais. Em Maio desse ano, a Associação de Basquetebol convidou a primeira equipa de “Os Caixeiros” para treinar para a selecção, perante os resultados indiscutíveis obtidos no campeonato. Nesse Verão, a equipa deslocou-se a Torres Vedras para jogar com o Sporting Club local, após um passeio pela Praia de Santa Cruz.⁵⁶ Em 1937, foram inscritos oito jogadores para o Campeonato de Portugal de Basquetebol por 44\$00, enquanto António Venceslau e Rui Trindade foram nomeados para o Conselho Técnico de Basquetebol. Durante os festejos do vigésimo aniversário da colectividade, em 1937, decorreu um campeonato da modalidade com a presença da Associação Académica e do Sporting Club de Torres Vedras. Nesse ano, “Os Caixeiros” festejaram na pensão Aliança o título de Campeão Distrital de Santarém. Durante a comemoração das Bodas de Prata do clube, em Junho de 1942, organizou-se um torneio de basquetebol em que participaram a Académica e os atletas do Desportivo Voleibol Club. Nesse torneio, o sócio Albano Colaço (1901-1942) foi homenageado, a título póstumo, por ser um dos introdutores da modalidade em Santarém, dando o nome ao campo de jogos da colectividade.⁵⁷ A 19 de Junho de 1943, “Os Caixeiros”, juntamente com “Os Leões” e a Académica, participaram nas jornadas desportivas do *Diário de Notícias*, que decorreram a 19 de Junho de 1943.⁵⁸ Em Junho de 1945, “Os Caixeiros” solicitaram a sua inscrição na remodelada Associação de Basquetebol de Santarém com as equipas júnior, reserva e honra. Simultaneamente passaram a competir no campeonato distrital da modalidade.⁵⁹ A colectividade, através de uma comissão organizadora composta por Manuel Lousada, João Neves e Joaquim Vieira, organizou um torneio de basquetebol onde se disputou uma taça de homenagem ao falecido sócio António Rodrigues, que decorreu em Abril de 1946.⁶⁰ Como na época de 1946-1947, a Associação de Basquetebol não organizou torneios oficiais, os clubes da cidade disputaram jogos particulares da modalidade. A partir de Abril de 1947, Manuel Lousada, Domingos Portugal e Joaquim Vieira passaram a organizar a parte técnica da secção de basquetebol. Em 1950, “Os Caixeiros” defrontaram as equipas do

⁵⁵ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, actas de 28/12/1935 e 9/1/1936.

⁵⁶ Cf. *Correio da Extremadura*, 1/8/1936, p. 3.

⁵⁷ Cf. *Idem*, 6/6/1942, p. 2.

⁵⁸ Cf. *Idem*, 19/6/1943, p. 2.

⁵⁹ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 39, 2/6/1945.

⁶⁰ Cf. *Idem*, n.º 3, acta n.º 4, 4/4/1946.

Benfica, do Club Fluvial do Porto e da Académica de Coimbra a fim de se prepararem para disputar o Campeonato Nacional da II Divisão e obterem receitas que subsidiassem a modalidade. No ano seguinte, “Os Caixeiros” organizaram um torneio inter-sócios que envolveu dezenas de atletas desejosos de mostrar o seu interesse pela modalidade e um torneio regional em que participaram a Associação Académica e o União de Almeirim.⁶¹ Nesse ano, também se defrontaram o Atlético Club de Portugal, campeão de Lisboa e vice-campeão nacional e Sport Club Conimbricense, campeão nacional da II Divisão.

“Os Caixeiros” organizaram a secção de Pingue-Pongue / Ténis de Mesa na década de 30. O clube participou com uma equipa no torneio de inter-clubes, organizado por “Os Leões”, a 27 de Janeiro de 1936.⁶² As primeiras e segundas categorias da modalidade da Sociedade Columbófila de Torres Novas deslocaram-se a Santarém para disputar um torneio a convite de “Os Caixeiros” que se realizou a 1 de Outubro de 1944. A equipa da casa, através dos seus atletas Manuel Lousada, António Faustino e João Neves, venceu o torneio.⁶³ Neste período, a equipa de pingue-pongue do Sindicato Nacional dos Empregados de Escritório treinava no campo de “Os Caixeiros” mediante o pagamento mensal de 23\$00.⁶⁴ A colectividade foi convidada em Agosto de 1945 pela União Futebol, Comércio e Indústria de Tomar para colaborar na fundação de uma Associação de Ténis de Mesa do distrito de Santarém, a fim de poder ingressar no campeonato nacional da modalidade.⁶⁵ A secção constituiu, em 1946, uma comissão composta por José Inês, Mário Beja e Fernando Beja que organizou o Campeonato Scalabitano de Ténis de Mesa e aceitou o convite da Associação Académica para participar na formação da Associação Distrital de Pingue-Pongue. Nesse período surgiu um conflito que envolveu as colectividades de Santarém e o Sporting Club de Tomar sobre a fundação e localização de uma Associação Distrital. “Os Caixeiros” congratularam-se com a ideia de formar a referida estrutura, desde que a sede funcionasse em Santarém. O referido projecto apenas se concretizou a 16 de Janeiro de 1952.⁶⁶ A equipa de ténis de mesa da colectividade disputou um torneio em Alcanena e jogos com atletas do Sporting Clube de Abrantes, em 1947, enquanto alguns

⁶¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 21/7/1951, p. 2; 28/7/1951, p. 5.

⁶² Cf. *Correio da Extremadura*, 1/2/1936, p. 7.

⁶³ Cf. *Idem*, 7/10/1944, p. 6.

⁶⁴ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 39, 2/6/1945.

⁶⁵ Cf. *Idem*, n.º 3, acta n.º 42, 17/8/1945.

⁶⁶ Cf. *Livro de Actas da Associação de Ténis de Mesa de Santarém*, Santarém, 1952.

dos seus jogadores representaram Santarém num campeonato contra a cidade das Caldas da Rainha. Ainda nesse ano, a secção promoveu um torneio para principiantes dos treze aos dezassete anos de forma a encontrar potenciais atletas da modalidade que defendessem as cores do clube. Também participaram na disputa da taça “João dos Santos Lúcio”, aquando do aniversário da colectividade. No ano seguinte, “Os Caixeiros” disputaram o campeonato escalabitano da modalidade com a Associação Académica, o Sporting Ribeirense e o Grupo Desportivo do Ateneu Comercial ficando as suas equipas em segundo e quinto lugar,⁶⁷ e um torneio com o Grupo Desportivo dos Ferroviários do Entroncamento e o União Operária. A 21 de Janeiro de 1950, as equipas masculinas e femininas de “Os Caixeiros” defrontaram os atletas do Caldas Sport Club. A equipa feminina fez a sua primeira apresentação em público e venceu todos os encontros, pelo que a imprensa da época deu-lhe amplo destaque.⁶⁸

A prática de voleibol tinha poucos adeptos entre os desportistas da cidade, especialmente após a extinção do Desportivo Voleibol Club que dinamizou a modalidade juntamente com o basquetebol durante as décadas de 30 e 40. Em Junho de 1942, “Os Caixeiros” organizaram um torneio inter-sócios de voleibol. A comissão de basquetebol da colectividade decidiu intensificar a prática do voleibol levando a efeito um torneio, em Abril de 1946.⁶⁹ Os encontros de voleibol foram essencialmente disputados entre “Os Caixeiros” e a Associação Académica, durante os anos de 1947 e 1948.

“Os Caixeiros” criaram em Agosto de 1944 uma ala de ginástica para infantis e adultos, leccionada por um professor diplomado que, no ano seguinte, era o professor Pina Duarte.⁷⁰ Em 1946, o curso de ginástica era orientado pelo primeiro-sargento Pires Duarte que se queixava, nas reuniões da direcção, da falta de assiduidade dos seus atletas adultos, ao contrário do que sucedia com as crianças. Em Abril de 1949, a colectividade organizou um curso de ginástica, direccionado para crianças e adultos, de frequência gratuita e facultativa, alargado também aos que não fossem sócios.

⁶⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 24/4/1948, p. 3.

⁶⁸ Cf. *Idem*, 21/1/1950, p. 4.

⁶⁹ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 4, 4/4/1946.

⁷⁰ Cf. *Correio da Extremadura*, 19/8/1944, p. 6.

Após o sucesso da exposição de campismo realizada no campo de jogos a 12 de Junho de 1947, a colectividade fundou, em Janeiro de 1951, a sua secção de campismo de forma a dar maior incremento a esta prática desportiva. A adesão foi significativa quer por parte dos sócios quer por parte de outros adeptos deste “saudável” desporto.⁷¹ Entre 21 e 23 de Março desse ano, a colectividade promoveu, na sua sede, uma exposição de “... diverso material de uso campista, pelo que os simpatizantes desta salutar modalidade terão oportunidade de verificar as suas “faltas” e, aqueles que não o sejam, de visionar o encanto e o pitoresco dum dia de acampamento.”⁷² A referida secção promoveu no Ginásio do Seminário, a 1 de Junho desse ano, filmes de propaganda campista e turística.⁷³

A colectividade associou-se a um grupo de amadores de xadrez da cidade e promoveu um torneio que decorreu entre Dezembro de 1950 e Janeiro de 1951 e envolveu as primeiras e segundas categorias da modalidade. Entre os concorrentes encontravam-se Júlio Malhou da Costa, Machado Ferreira, Aníbal Piló, Gabriel Bastos, Carlos Ribeiro, Abreu Ferreira, João Abreu e Cunha, José Simões e João Luís Arrais.⁷⁴

Outras modalidades desportivas tiveram a sua importância no clube, como o hóquei em patins, as danças de salão, o montanhismo e o andebol. A 18 de Agosto de 1938, alguns atletas do clube participaram nas provas náuticas organizadas pelo Sporting Ribeirense. Na prova de natação, o atleta Fernando Ferreira classificou-se em terceiro lugar, enquanto no polo aquático a equipa do “Comércio” venceu o União Operária.⁷⁵ Em Dezembro de 1945, o sócio José Lopes Cardoso Filho solicitou à colectividade uma sala para treinar boxe.⁷⁶ A preocupação da prática desportiva infantil era evidente. Em 1937, Domingos Santos Almeida e Abílio David, jogadores de primeira categoria, foram nomeados respectivamente treinadores dos grupos infantis de futebol e de basquetebol.⁷⁷ Apesar de ser permitido jogar às cartas, “os jogos de azar” eram totalmente interditos e punidos com a suspensão imediata do clube.

⁷¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 27/1/1951, p. 8.

⁷² *Idem*, 17/3/1951, p. 2.

⁷³ Cf. *Idem*, 2/6/1951, p. 2.

⁷⁴ Este grupo de amadores disputava as suas partidas de xadrez nos cafés escalabitanos Arcádia e Portugal que chegaram a organizar campeonatos. Cf. *Idem*, 16/12/1950, p. 2; 13/1/1951, p. 2.

⁷⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 3/9/1938, p. 2.

⁷⁶ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 49, 21/12/1945.

⁷⁷ Cf. *Idem*, n.º 1, acta de 24/3/1937.

As actividades recreativas e culturais eram realizadas nos teatros Taborda e Sá da Bandeira por falta de instalações condignas na sede. A partir do momento em que “Os Caixeiros” se instalaram na sede da extinta Associação dos Empregados no Comércio, começaram a organizar aí os seus eventos e posteriormente também na Cerca da Mecheira. Os bailes de Carnaval, domingo de Páscoa, Santos Populares, Natal e passagem de ano eram eventos certos e muito concorridos pelos sócios e familiares. Durante o Verão, a “Esplanada” instalada na Cerca da Mecheira, que sofreu melhoramentos em 1945, promovia espectáculos em duas partes: a desportiva e o baile. Ao longo do ano eram frequentes as “matinés dançantes de domingo”, por vezes para adquirir fundos para as secções. Outros espectáculos no campo de jogos atraíram muito público como o Concurso do Vestido de Chita e uma noite de fados com Carlos Ramos, ambos em 1945, ou a Noite Ribatejana, em Setembro de 1949. O grupo cénico “Ribalta”, secção de teatro de “Os Caixeiros”, apresentou alguns dos seus espectáculos no Ginásio do Seminário, durante a década de 50.

Em Abril de 1932, o sócio e dirigente Américo Gramacho sugeriu que a colectividade organizasse uma série de conferências sobre o tema desporto.⁷⁸ No entanto, só com a constituição da Comissão Pró-Cultura do Grupo, no início da década de 40, é que se iniciou uma série de conferências louvadas pelo governador civil como “... um belo exemplo em prol da cultura popular...”⁷⁹. A primeira decorreu a 12 de Março de 1941, sendo orador o aluno da Faculdade de Letras de Lisboa, Fernando Piteira Santos que abordou o tema “Desporto, Saúde e Cultura”.⁸⁰ A 31 de Maio de 1941, o deputado Artur Proença Duarte dissertou sobre “O Desporto e o Espírito”, “... analisando a actividade desportiva tal como foi considerada por Salazar.”⁸¹. A terceira conferência ficou a cargo do escritor Alves Redol que abordou “A Segunda Descoberta do Brasil”, a 18 de Junho de 1941, sendo apresentado por Virgílio Arruda. Após analisar os feitos de Pedro Álvares Cabral, o escritor referiu-se à “segunda descoberta” que era “... a revelação da nova geração literária brasileira (...) descrevendo com brilho a acção dos principais romances e novelas (...) lançando um apelo para a formação, em Santarém, duma grande biblioteca de autores brasileiros.”⁸². No ano seguinte, o Grupo Pró-Cultura promoveu as conferências “Cultura e Técnica”, por Agostinho da Silva e

⁷⁸ Cf. Idem, n.º 1, acta n.º 1, 11/4/1932.

⁷⁹ *Correio da Extremadura*, 15/3/1941, p. 8.

⁸⁰ Cf. Idem.

⁸¹ Idem, 7/6/1941, p. 6.

⁸² Idem, 21/6/1941, p. 6.

“Educação Física e Desporto”, por Soeiro Pereira Gomes, respectivamente a 11 de Março e a 17 de Abril.⁸³ No âmbito da comemoração das bodas de prata do clube, Salazar Carreira dissertou sobre os benefícios sociais do desporto.⁸⁴ A 27 de Junho de 1942, o mesmo Grupo organizou, com o apoio do Club Literário, a conferência “A Poesia Moderna do Brasil”, proferida pelo escritor José Osório de Oliveira acompanhado pela declamadora Manuela Porto.⁸⁵ No ano seguinte, o escritor e artista plástico Manuel Mendes apresentou uma palestra sobre a vida e a obra de Alexandre Herculano, numa sessão presidida por Humberto Lopes e Celestino Graça.⁸⁶ O Grupo Pró-Cultura organizou a conferência “Como se faz um Jornal”, proferida pelo director do *Gazeta de Filosofia*, António de Sousa, que decorreu a 17 de Abril de 1943.⁸⁷ O inspector dos Desportos, Salazar Carreira debateu a história do desporto, na inauguração da programação cultural de 1945.⁸⁸ A ligação da colectividade ao Grupo de Coordenação Cultural (1945-1947), através do Grupo Pró-Cultura, na divulgação de saberes pelos mais desfavorecidos levou à realização de conferências como “A Missão da Mulher” proferida por Dinah dos Santos de Lima, apresentada por Manuel Ginestal Machado e realizada a 9 de Junho de 1945, ou “O Livro e o Jornal”, dissertação de Raul Esteves dos Santos, presidente de “A Voz do Operário”, apresentada a 9 de Fevereiro de 1946.⁸⁹

A biblioteca da colectividade manteve um papel importante na educação dos seus sócios, daí o empenho dos dirigentes em conseguir aumentar e renovar o espólio herdado da Associação dos Empregados no Comércio. Em 1944, o clube fundou uma biblioteca infantil com objectivo de incutir hábitos de leitura nos filhos dos associados. Os promotores desta iniciativa inédita na cidade aceitaram a oferta de livros infantis e juvenis que permitiram diversificar as leituras.⁹⁰ Ao longo da década de 40, “Os Caixeiros” tentaram obter subsídios da Junta de Província para adquirir mais obras de estudo técnico e infantil e melhorar o funcionamento do espaço de leitura. Em 1945, a referida instituição atribuiu um donativo no valor de 2 000\$00, alargado a outras

⁸³ Cf. Idem, 21/3/1942, p. 2; 25/4/1942, p. 2.

⁸⁴ A conferência decorreu a 15 de Junho de 1942. Cf. Idem, 20/6/1942, p. 2.

⁸⁵ Cf. Idem, 27/6/1942, p. 2.

⁸⁶ A palestra decorreu a 10 de Abril de 1943. Cf. Idem, 17/4/1943, p. 2.

⁸⁷ Cf. Idem, 17/4/1943, p. 2.

⁸⁸ A conferência decorreu a 16 de Abril de 1945. Cf. *Correio do Ribatejo*, 21/4/1945, p. 6.

⁸⁹ Cf. Idem, 16/6/1945, p. 6; 16/2/1946, p. 8.

⁹⁰ Cf. *Correio da Extremadura*, 20/5/1944, p. 6.

actividades culturais. No ano seguinte, a Junta entregou 500\$00 de subsídio para adquirir livros e efectuar outros benefícios no espaço da biblioteca.⁹¹

Os sócios de “Os Caixeiros” deviam ter 14 anos de idade ou, no caso de não terem essa idade, possuírem a autorização paternal, e serem empregados no comércio, de escritório ou comerciantes. Estes podiam ser efectivos, honorários e auxiliares se não fossem empregados no comércio e/ou fizessem parte das secções desportivas e correspondentes se vivessem fora de Santarém. Em 1926, “Os Caixeiros” tinham cento e cinquenta sócios.⁹² Seis anos mais tarde, perante o número de sócios com quotas em atraso, desistências e expulsões, o clube decidiu reorganizar a lista de associados. O clube tinha duzentos e sessenta e sete sócios que pagavam de quota 1\$50 e treze que pagavam 2\$50, o que perfazia um total de duzentos e oitenta sócios.⁹³ Nas três décadas seguintes, inscreveram-se duzentos e setenta e três sócios perfazendo um total de quatrocentos e vinte e três sócios, dados obtidos através da consulta das fichas biográficas dos sócios. Logo, estes números são aproximados e possíveis de uma margem de erro, porque se perdeu muita da documentação anterior a 1930 e devido à alteração do número de sócios com pagamento em atraso que posteriormente podiam ser readmitidos. Muitos dos sócios e dirigentes do clube pertenciam aos corpos gerentes de outras colectividades da cidade, como Guilherme Monteiro Pereira, José Carlos de Oliveira Sollas, Eduardo Duarte Melo, João dos Santos Lúcio e Artur Madeira Cabral. Neste universo de sócios, o número de mulheres era muito reduzido, apesar destas trabalharem como caixeiras no comércio local. A primeira mulher que se inscreveu como sócia da colectividade foi Maria José Fonseca Santos, em 1932.

⁹¹ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 18, 27/12/1946.

⁹² Cf. *Jornal de Santarém*, n.º 58, 17/4/1926, p. 8.

⁹³ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta n.º 13, 11/1/1932.

Sócias do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio (1932-1959)⁹⁴					
Nome	Idade	Profissão	Admissão	Demissão	Readmissão
Maria José Fonseca Santos			1932		
Maria José Menino					
Francisca Pereira da Graça					
Maria Luísa Santos				1946	1945
Rosa de Jesus Nunes Corujo		Caixeira	1944		1949
Maria da Conceição da Cruz Moreira			1945		
Maria Lúcia da Cruz Moreira			1945	1946	
Irene Lucinda Pires Machado				1946	
Odete Coelho da Silva			1946	1947	
Maria Helena da Luz Costa			1946		
Maria de Lourdes Luz Costa			1946		
Lucília Ferreira			1947		
Maria de Lourdes Colaço			1947		
Maria Luísa Colaço			1947		
Maria do Carmo da Conceição Godinho Sousa	20	Telefonista	1948		
Isabel Maria Mendes Veríssimo ⁹⁵	1		1958		
Anália Maria das Neves Prado	28	Doméstica	1958		
Maria Ester da Silva Murteira	16	Doméstica	1959		
Violeta Jesus Seco	46	Doméstica	1959	1967	
Zulmira Bulha Duarte		Caixeira	1959		

A maioria destas mulheres eram familiares de sócios ou dirigentes do clube. A partir de Janeiro de 1941, uma comissão constituída por Francisca Pereira da Graça, Maria José Menino e Maria Luísa Santos promoveu uma série de festejos na sede da colectividade “... destinados ao desenvolvimento da cultura e do desporto...”⁹⁶. A prática desportiva feminina apenas surgiu no início da década de 50 com a constituição de uma equipa de ténis de mesa. A partir dos anos 60, o número de sócias aumentou, em especial para obter a carta de campista e beneficiar da redução da quota em cinquenta por cento, aprovada na revisão dos estatutos, em Novembro de 1959.

⁹⁴ Cf. *Ficheiro de Sócios*, Santarém, 1924-1965.

⁹⁵ Filha do sócio Alexandre Duarte dos Santos Veríssimo.

⁹⁶ *Correio do Ribatejo*, 25/1/1941, p. 2.

Ao longo da sua história, “Os Caixeiros” passaram por várias crises financeiras considerando que habitualmente o número de receitas era inferior ao das despesas. Daí, as penas de expulsão aplicadas aos sócios com quotas em atraso. Em 1932, o clube devia quantias avultadas aos seus dirigentes Guilherme Pereira (193\$00), António Rodrigues (170\$70) e Vasco Duarte (91\$00).⁹⁷ As dificuldades de liquidez também não permitiram o pagamento de rendas em atraso à Associação de Classe. Neste período, a colectividade abriu pela primeira vez uma conta numa instituição bancária, o Banco Espírito Santo. Em Agosto de 1937, a direcção agradeceu aos sócios Fernando Marques Fernandes e António Rodrigues, que organizaram excursões em benefício do clube a Mafra, Ericeira, Sintra, Praia das Maças, Cascais, Estoril e Lisboa. Estes angariaram a quantia de 242\$50 e ofereceram uma taça a disputar num torneio de basquetebol.⁹⁸

Os tempos de crise soaram a partir de Janeiro de 1962 quando a direcção da colectividade foi acusada, durante uma reunião de assembleia-geral, de não apresentar as contas dos últimos sete meses e do livro de actas ter desaparecido de forma inexplicável.⁹⁹ “Os Caixeiros” continuavam a debater-se com acentuados problemas financeiros quando surgiu novamente a hipótese de fusão dos clubes desportivos de Santarém, em 1969. Apesar da conjuntura que o clube atravessava, os sócios uniram-se e após acesas discussões rejeitaram essa fusão, o que sucedeu sempre que essa hipótese foi colocada.

⁹⁷ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta n.º 17, 4/4/1932.

⁹⁸ Cf. *Idem*, n.º 1, acta de 12/8/1937.

⁹⁹ Cf. *Livro de Actas da Assembleia-Geral do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, 1962-1982, acta n.º 1, fls 2-3v.

4.2 - Sport Lisboa e Santarém

Numa primeira fase, o Sport Lisboa e Santarém foi fundado por João Costa no segundo semestre de 1915.¹ No ano seguinte, o jovem clube vivia momentos difíceis devido à incompatibilidade dos membros da direcção, o que levou ao afastamento do dirigente Carlos Gomes, fotógrafo lisboeta que se instalara na década anterior em Santarém.² Provavelmente, esses conflitos terão conduzido ao encerramento do clube em 1919.³ Por volta de 1927, o Sport Lisboa e Santarém ressurgiu devido à acção de Joaquim Vicente Serrão, Fausto de Oliveira e António Mendes. O futebol e o ciclismo eram duas das modalidades praticadas no clube sediado na rua Dr. Joaquim Luís Martins.⁴

Apesar de não possuir um campo de futebol próprio, em 1927 já disputava o campeonato distrital de futebol e a taça da cidade no campo do Sport Club Scalabitano “Os Leões”. No entanto, os resultados do Sport mostravam a sua fragilidade perante os outros clubes da cidade. Durante a disputa da taça da cidade em futebol nesse ano, os resultados pesados da derrota remeteram-no para o último lugar com vinte e seis golos sofridos e apenas um marcado.⁵ No ano seguinte, o Sport disputou a taça da Associação Comercial de Santarém, vendo-se de novo remetido para o fim da tabela classificativa. Os maus resultados remeteram o clube para uma inactividade que, em Novembro de 1931, a acção dos associados pretendia combater. Alguns adeptos do desporto na cidade pareciam não acreditar neste ressurgimento porque “... tornou a aparecer o Sport Lisboa e Santarém... que o mesmo há-de levar um bonito enterro...”⁶, enquanto para outros “... o Sport desta vez é que vai...que para isso já moveu o Scalabitano Foot-ball Club Operário...”⁷. Na realidade, o Santarém Futebol Club “Os 13” foi fundado em 1920, também por João Costa. À semelhança do Sport, não tinha obtido resultados dignos de

¹ Cf. Jorge Custódio, Luís Mata, *op. cit.*, p. 67.

² Carlos Gomes demitiu-se da direcção do Sport Lisboa e Santarém a 26 de Dezembro de 1916. Cf. *O Debate*, 28/12/1916, p. 2.

³ Cf. Jorge Custódio, Luís Mata, *op. cit.*, p. 67.

⁴ Cf. *Portugal Anunciador. Ilustração de Turismo e Propaganda Regionalista*, Novembro de 1927, p. 22.

⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 10/12/1927, p. 2.

⁶ *Notícias do Ribatejo*, n.º 7, 22/11/1931, p. 3.

⁷ *Idem*, n.º 8, 29/11/1931, p. 6.

registo, excepto quando, em 1921, venceu o troféu Manuel Ribeiro Duarte (antigo jogador do Sport) ao derrotar “Os Leões”.⁸

Numa segunda fase, a junção destes dois clubes permitiu o reaparecimento do Sport Lisboa e Santarém como filial do Sport Lisboa e Benfica, em Janeiro de 1932. O primeiro recebeu o seu patrono que lhe “ofereceu” uma pesada derrota de nove golos sem resposta.⁹ Ao longo de 1932, o Sport participou em jogos de treino com “Os Caixeiros” e “Os Leões” e no torneio “Relâmpago” organizado pelo União Operária em benefício de um operário escalabitano gravemente doente.¹⁰ A partir de 1933, o Sport passou a disputar o campeonato distrital de Santarém e a taça “Associação Comercial” sem que tenha conseguido impor-se nos resultados perante os seus adversários escalabitanos. A 17 de Março de 1935, o Sport participou juntamente com os outros clubes da cidade na disputa do torneio de apoio à instituição “Inválidos do Comércio”, organizado pela Associação Comercial com o patrocínio da Associação de Futebol. Nas épocas 1935-1936 e 1936-1937, os resultados do campeonato distrital de futebol continuaram a remeter o Sport para o último lugar da classificação onde a Associação Académica imperava.¹¹ Tal como outros clubes, o Sport dependia do empréstimo e/ou do aluguer do campo de “Os Leões” e mais tarde, também do campo da União Operária para treinar e realizar os seus jogos. Os custos elevados do aluguer praticados especialmente por “Os Leões” levantaram problemas de subsistência a clubes que tinham receitas limitadas, como era o caso do Sport.

Os sócios do Sport Lisboa e Santarém também praticaram ciclismo. Na prova “II Volta dos Ases”, realizada a 7 de Julho de 1935, em Santarém, participaram oito ciclistas do Sport. Destes, apenas quatro concluíram a prova, Emiliano Cunha, Gutierrez, Antunes e Santos Forte, que ficaram entre o décimo nono e o vigésimo segundo lugares, enquanto a vitória pertenceu a José Maria Nicolau. O Sport ganhou o prémio regional de Santarém ao receber a taça “Governador Civil”, inteiramente justo em virtude de ser a única equipa da cidade presente na prova.¹²

⁸ Cf. Jorge Custódio, Luís Mata, *op. cit.*, pp. 103-104.

⁹ Cf. *Correio da Extremadura*, 9/1/1932, p. 5.

¹⁰ Cf. *Idem*, 2/4/1932, p. 2; 7/5/1932, p. 5.

¹¹ Cf. *Idem*, 25/12/1937, p. 2; *Renovação Nacional*, n.º 53, 3/12/1936, p. 5.

¹² Cf. *Correio da Extremadura*, 13/7/1935, p. 8.

O basquetebol foi uma modalidade também acarinhada pelo Sport cujos jogos se realizavam, a partir de 1935, no campo de “Os Caixeiros”. Os elevados custos e as baixas receitas levaram o Sport a ter dificuldade em cumprir os seus compromissos como o aluguer do campo de “Os Caixeiros”, logo no primeiro ano.¹³ Em 1936, o Sport ficou classificado em segundo lugar no torneio de basquetebol, logo atrás de “Os Caixeiros”.¹⁴

Após o término do campeonato distrital de futebol de 1937-8, o percurso do Sport Lisboa e Santarém entrou no obscurantismo, possivelmente devido à falta de resultados, ao afastamento dos sócios e aos inevitáveis problemas financeiros avolumados pela conjuntura vivida nos finais dos anos 30. Este cenário é impossível de confirmar em virtude de toda a documentação referente ao Sport não ter chegado aos nossos dias, sendo difícil retratar o clube quando até o número e nome dos sócios e dos corpos gerentes se desconhece. Em Setembro de 1942, a Associação de Futebol de Santarém eliminou dos seus registos o Sport Lisboa e Santarém “... por falta de pagamento das taxas de filiação...”¹⁵. Perante as dificuldades, o clube optou por cessar a sua actividade desportiva.

¹³ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, 23/9/1935.

¹⁴ Cf. *Idem*, 8/4/1936.

¹⁵ *Correio da Extremadura*, 26/9/1942, p. 2.

4.3 - Sport Club Scalabitano “Os Leões”

“Domingo passado, vieram de Lisboa
Em pessoa
Os do Sporting jogar a Santarém.
O encontro correu bem e os Leões
Que em certas ocasiões afirmam o seu valor,
A deixa aproveitaram
E com alma, entusiasmo, com calor
Afirmaram claramente
Que a água de Palhais
E os marmelos de Alcorça
Indiscutivelmente,
Dão mais alento e força
Que a mais bela e repolhuda alface
Que no mundo desse Deus e Ele Criasse!
Havia nas bancadas pessoas engravatadas
E nos peões, com a claque dos Leões
Formada pela Academia,
Uns cavalheiros cá da terra
Useiros e vezeiros
Em apupar em alta berra
Os santarenos.”¹

“Vamos embora Leões!”²

O Sport Club Scalabitano “Os Leões”, parente por afinidade do Sporting Club de Portugal, foi fundado a 8 de Dezembro de 1911,³ sendo “... pioneiro do desporto na velha Scalabis, nascida numa hora de máscula vibração, desprovida de recursos e de outros meios de acção que não fosse o ardente arreganho de pôr em jogo músculos e brio, dando à terra alma bastante para que o burgo não fosse um título morto, na competição que a juventude então empreendia com paixão viril. A coisa nasceu ali em Fora de Vila, ao tempo em que os jogadores por pouco não carregavam com as balizas e

¹ *Correio da Extremadura*, 29/12/1928, p. 3.

² Grito futebolístico relacionado com os incentivos à equipa de futebol que nos anos 50 quase concretizou o sonho de subir à I Divisão do Campeonato Nacional de Futebol. Essa equipa era constituída pelo guarda-redes António José Fevereiro, que jogou no Belenenses, pelos jogadores escalabitanos Zé Catorze, António Faustino, ex-jogador do Benfica, António Vieira, Fernando Cardoso e Manuel Machado auxiliados pelos jogadores Jaime, Lima, Garnacho, Medeiros e João Preto. Cf. Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, pp. 69-70.

³ Cf. *Ribatejo*, n.º 4, Junho de 1954, p. 87.

as redes às costas, a tudo se prestando para que a ideia vingasse e as suas cores não destinguissem na magna empresa a que meteram ombros.”⁴. De entre os seus sócios, um grupo de estudantes e jovens de classe média e alta empenharam-se na prática desportiva especialmente do futebol. Se nos primeiros tempos as vitórias escassearam, “Os Leões” obtiveram as suas primeiras taças ao vencerem o campeonato distrital de futebol nas épocas de 1924-1925 e o torneio da Associação Comercial, após o clube realizar “...uma obra notável, para a qual chamamos a atenção e auxílio dos nossos leitores.”⁵.

Pela primeira vez, uma colectividade escalabitana empreendeu a construção de um “estádio”, apesar da indiferença de muitos que não viam no futebol um desporto de futuro e de massas. A construção do “estádio” decorreu na Chã de S. Lázaro e contou com capital obtido através do empréstimo do banqueiro Manuel João Telhada. A obra foi projectada por um grupo de jovens composto, entre outros, por Alfredo Rodrigues Aguiar (1894-1926), Joaquim Garcia, Francisco Gaspar, Raimundo Serrão, Rosa Mendes, António Abreu, Joaquim Abreu e tenente Isidoro.⁶ A primeira parte da obra foi inaugurada em Abril de 1925 com um jogo entre a equipa da casa e o União Futebol Club de Lisboa, num “... campo, que ficou de forma a causar inveja aos campos da capital.”⁷. Os projectos dos jovens de “Os Leões” incluíam a construção de bancadas, um campo de ténis, um ringue de patinagem e uma piscina, só concretizáveis com apoios financeiros.⁸ Após a construção do seu estádio, “Os Leões” cederam-no para batalhas de flores, gincanas de automóveis (1927), corsos (1929) e até jogos de futebol (1927) durante o Carnaval. Em 1926, o clube encontrava-se em crescimento e já contava com trezentos e cinquenta sócios.

Na temporada de 1925-1926, “Os Leões” renovaram o seu título de campeão distrital de futebol após um confronto renhido na tabela classificativa com “Os Caixeiros”.⁹ No início de 1926, “Os Leões” defrontaram o Sporting Club de Portugal e o clube húngaro Szombathely, naquele que foi o primeiro encontro internacional de

⁴ *Correio da Extremadura*, 15/12/1951, p. 8.

⁵ *O Combate*, n.º 1, 14/3/1925, p. 1.

⁶ Cf. *Idem*, n.º 4, 4/4/1925, p. 5.

⁷ *Idem*, n.º 7, 25/4/1925, p. 3.

⁸ Cf. *Idem*, n.º 4, 4/4/1925, p. 5.

⁹ Cf. *Idem*, n.º 39, 5/12/1925, p. 1.

futebol em Santarém.¹⁰ A 9 de Maio desse ano, “Os Leões”, campeão de Santarém, defrontaram o Belenenses, campeão de Lisboa, num jogo de futebol a contar para o campeonato nacional de futebol realizado no campo de Palhavã, em Lisboa.¹¹ O resultado foi favorável à equipa lisboeta apesar dos escalabitanos terem jogado “... com o grupo mais pesado que actualmente possuímos, na plena posse de todos os seus recursos, com bela técnica num jogo científico e de conjunto.”¹² Neste período, “Os Leões” e o Sporting Clube de Tomar tinham as duas equipas de futebol mais fortes do distrito, levando-os a serem sucessivamente finalistas do campeonato distrital. No entanto, num jogo realizado a 7 de Novembro de 1926, verificou-se a fragilidade da equipa de futebol escalabitana perante “a primeira categoria” do Benfica que venceu por cinco golos. O jogador internacional benfiquista Pimenta comentou o jogo com a equipa anfitriã relembrando que “Gostei do jogo. Os rapazes portaram-se bem, sobretudo com muita alma. Surpreendeu-me a técnica desenvolvida. Santarém hoje faz futebol, por vezes do mais interessante, da melhor marca.”¹³ Dois meses depois, o clube venceu na sua casa o Sporting Club de Portugal por quatro golos a três.¹⁴ Em Dezembro de 1926, “Os Leões” sofreram um duro golpe com a morte súbita do seu associado, dirigente e desportista Alfredo Aguiar, de 32 anos.¹⁵ Após se terem consagrado, pela terceira vez consecutiva, campeões distritais, “Os Leões” disputaram o campeonato de Portugal, em 1927. Nesse ano, venceram a Taça Cidade após obterem unicamente vitórias contra o União Operária, “Os Caixeiros” e o Sport Lisboa e Santarém. A 8 de Abril de 1928, “Os Leões” deslocaram-se a Espanha para defrontar o Sport Club de Badajoz que retribuiu a visita a 20 de Maio, no âmbito das festas da cidade. O club escalabitano venceu por cinco golos a um, desforrando a derrota sofrida em Badajoz por um golo. Durante o intervalo, os jogadores das duas equipas e os seus dirigentes confraternizaram com um “Porto de Honra”.¹⁶ Nesse ano, o União Operária venceu o campeonato distrital o que acentuou a sua rivalidade com “Os Leões” que recorreram para a Associação de Futebol queixando-se da arbitragem.¹⁷ Na disputa da Taça dos Bombeiros Voluntários, as duas equipas desentenderam-se e o grupo “Operário” abandonou o campo antes do fim do

¹⁰ O Sporting derrotou “Os Leões” por nove golos a um, a 30/1/1926, enquanto o Szombathely ganhou por quatro golos sem resposta, a 11/2/1926. Cf. Idem, n.º 49, 13/2/1926, pp. 1, 8; *Correio da Extremadura*, 23/1/1926, p. 3.

¹¹ Cf. *Jornal de Santarém*, n.º 62, 15/5/1926, p. 3.

¹² *Correio da Extremadura*, 15/5/1926, p. 3.

¹³ Idem, 13/11/1926, p. 3.

¹⁴ Cf. Idem, 5/2/1927, p. 3.

¹⁵ Cf. Idem, 18/12/1926, p. 3.

¹⁶ Cf. Idem, 26/5/1928, p. 2.

¹⁷ Cf. Idem, 17/6/1928, p. 3.

jogo.¹⁸ Os encontros entre as duas equipas foram sempre emocionantes porque “... muita energia se gastava nestes encontros, alguns dos quais acabavam por vezes em demonstrações de boxe. À incorrecção de alguns jogadores juntava-se por vezes a fúria dos partidários e assim o povo escalabitano que se deslocava ao estádio de S. Lázaro para ver futebol, começou a abandoná-lo e os desafios começaram a disputar-se em “família”.¹⁹ No final da década de 20, “Os Leões” e o Torres Novas Futebol Club rivalizavam na disputa do campeonato distrital de futebol.²⁰ Na temporada de 1929-1930, o clube escalabitano venceu o campeonato distrital de futebol. A 19 de Abril de 1931, “Os Leões” perderam a Taça Lisboa para o Futebol Club Barreirense num encontro realizado em Santarém, sendo “... o desafio tão aguerrido que a polícia teve de intervir para evitar desacatos. E tudo isto porque o árbitro conduziu o jogo facciosamente, prejudicando o club santareno!”²¹. Apesar de os resultados futebolísticos nem sempre serem favoráveis ao clube leonino, a sua influência no meio desportivo levava a afirmar-se “... que a Associação de Futebol de Santarém é uma filial dos Leões.”²². O clube sofreu uma cisão ao perder os seus melhores jogadores de futebol, estudantes da Escola Agrária e do Liceu, que fundaram uma nova colectividade, a Associação Académica de Santarém, em 1931. Se inicialmente, a rivalidade se instalou entre os dois clubes, esta desvaneceu-se ao longo dos anos, inviabilizando a tentativa de fusão em 1932.

Na época de 1932-1933, “Os Leões” disputaram novamente o campeonato distrital de futebol com clubes como o União Operária, a Académica, o Sporting de Tomar, o Coruchense e o União do Entroncamento, entre outros. A 5 de Outubro de 1933, decorreu no estádio leonino um festival desportivo com um jogo de futebol entre “Os Leões” e o União Operária, uma largada de pombos-correios e uma corrida de bicicletas.²³ “Os Leões” e o União Operária defrontaram-se, a 4 de Fevereiro de 1934, para apurar o representante de Santarém no campeonato de Portugal, num jogo onde novamente imperaram os conflitos o que levou o segundo clube a protestar o resultado do desafio perante a Associação de Futebol.²⁴ Em 1936, “Os Leões” disputaram o

¹⁸ O jogo decorreu a 18 de Junho de 1928 e foi o primeiro encontro entre as duas equipas após o conflito na Associação de Futebol relativo às arbitragens e que determinou o vencedor do campeonato distrital. Cf. Idem, 23/6/1928, p. 3; 30/6/1928, p. 3.

¹⁹ Idem, 14/12/1929, p. 3.

²⁰ Cf. Idem, 23/11/1929, p. 3; 10/5/1930, p. 3.

²¹ Idem, 25/4/1931, p. 2.

²² *Notícias do Ribatejo*, n.º 9, 5/12/1931, p. 6.

²³ Cf. *Correio da Extremadura*, 23/9/1933, p. 2.

²⁴ Cf. Idem, 3/2/1934, p. 2.

campeonato distrital da zona sul enquanto, no ano seguinte, competiam no campeonato distrital da II Liga. Ao desistirem dessa prova, em Novembro de 1936, após uma vitória esmagadora sobre a Associação Académica, o campeonato de futebol perdeu grande parte do seu interesse.²⁵ Na época de 1938-1939, “Os Leões” e a Associação Académica foram os clubes que apresentaram as equipas mais fortes para competir no campeonato distrital.²⁶ Na temporada de 1940-1941, “Os Leões” venceram o campeonato distrital de futebol, título que revalidaram quatro anos depois. O clube leonino defrontou o Campeonato Distrital da II Divisão com clubes como a CUF, o Torreense, o Estoril Praia, o União de Coimbra e o rival escalabitano União Operária, na época de 1945-1946. Dois anos depois, o clube disputou o Campeonato Nacional da II Divisão com o Sporting da Covilhã, o Sport Lisboa e Castelo Branco, o União Futebol Club de Coimbra, o Naval 1.º de Maio, o Sport Lisboa e Viseu, os Ferroviários do Entroncamento e o Ginásio de Alcobaça. Nessa época, o clube também teve um bom desempenho ao disputar a Taça de Portugal, o que levou um grupo de sócios e simpatizantes a oferecer-lhe uma taça semelhante.²⁷ A equipa de futebol encontrava-se valorizada com a exibição de alguns dos seus jogadores onde “... Cardoso é o cérebro, Fernando a fogosidade,²⁸ Matos a energia, Bessa a serenidade, Américo a segurança, Pinto da Rocha uma barreira...”²⁹. Em 1949, o clube abdicou de disputar as taças “Ribatejo” e “Estremadura”, pois optou por investir na preparação da taça de Portugal. Esta escolha mereceu críticas pois deixou a região sem representante nas referidas competições e porque “Os Leões” foram eliminados no primeiro jogo da taça de Portugal.³⁰ Nesse ano, o clube foi o único representante de Santarém que participou no concurso do *Diário Popular* de homenagem aos clubes desportivos e ao trabalho que executavam em prol do desporto.³¹

²⁵ Cf. *Renovação Nacional*, n.º 51, 19/11/1936, p. 5.

²⁶ Cf. *Correio da Extremadura*, 15/10/1938, p. 2.

²⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 5/6/1948, p. 2.

²⁸ Sobre o avançado leonino cf. Joaquim Augusto Correia, *Fernando Cardoso Jogador, Capitão e Treinador do Sport Grupo Scalabitano “Os Leões”*, Santarém, Tipografia Silva, 1949; Joaquim Augusto Correia, *Fernando Cardoso Jogador*, Santarém, Editorial Jack, 1949.

²⁹ *Correio do Ribatejo*, 4/12/1948, p. 4.

³⁰ Cf. *Idem*, 9/4/1949, p. 4.

³¹ Cf. *Idem*, 7/5/1949, p. 4.



Equipa de futebol do Sport Club Scalabitano “Os Leões”, campeão distrital na época 1952-1953 in *Associação de Futebol de Santarém (1924-1999)*, edição comemorativa dos 75 anos, Santarém, Associação de Futebol, 1999, p. 29.

Nas épocas seguintes, “Os Leões” continuaram a competir no Campeonato Nacional da II Divisão, atingindo o terceiro lugar na classificação. As alterações no funcionamento do Campeonato Nacional da II Divisão definidas pela Federação Portuguesa de Futebol, relegaram “Os Leões” para a III Divisão, na época de 1950-1951. Em Março de 1950, “Os Leões” e os Ferrovários do Entroncamento decidiram entre si a final de futebol no campeonato nacional de juniores. Na época de 1951-1952, a equipa principal de futebol de “Os Leões” era treinada por Alberto Gonçalves, sob a orientação de Cândido de Oliveira (1896-1958), que se deslocava propositadamente de Lisboa, e disputava a Divisão de Honra.³² Na época seguinte, o clube venceu o campeonato distrital de futebol e a taça “Centro de Portugal”.³³ Na temporada de 1956-1957, “Os Leões” competiram no Campeonato da II Divisão, zona sul, quando rescindiram com o treinador e sofreram uma pesada multa aplicada pela Federação de Futebol por motivos disciplinares.³⁴ Nesse período também a equipa de juniores leoninos entrou em conflito com o Grupo Desportivo “O Coruchense” que chegou a faltar a um jogo. O diferendo apenas foi sanado após a intervenção do presidente da direcção Manuel Ginestal Machado.³⁵ Na época de 1958-1959, “Os Leões” juntamente com a União Operária disputaram o Campeonato Distrital de Futebol da I Divisão. O

³² Cf. Idem, 15/12/1951, p. 5.

³³ Cf. *Ribatejo*, n.º 4, Junho de 1954, p. 87.

³⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 26/1/1957, p. 5.

³⁵ Cf. Idem, 12/1/1957, p. 5.

clube obteve o seu último título na época de 1962-1963, quando venceu o Campeonato Nacional da III Divisão.

À semelhança de outros clubes, “Os Leões” realizaram vários encontros de futebol quer comemorativos, como aquando da inauguração do mercado municipal coberto (1930), quer de apoio a instituições de caridade. Também disputaram várias taças como a da “Associação Comercial”, “José Maria Carrilho Júnior” (1932), “José da Silva Suspiro Júnior” (1935), “Inválidos do Comércio” (1935), “Adelino Paula, desportista da cidade” (1941), “Alfredo Aguiar” (vencedor em 1949) e “Associação de Futebol de Leiria” (1950). A Associação de Futebol de Santarém instituiu, na época de 1947-1948, a Taça “Preparação”, sendo o distrito dividido em três séries. A primeira série contava, para além de “Os Leões”, com o União Operária e o Club de Futebol “Os Mineiros” de Rio Maior.³⁶

Enquanto detentor do único campo para a prática de futebol, denominado “Alfredo Aguiar”, o clube arrendava-o às outras colectividades que disputavam campeonatos e taças, organizadas pela Associação de Futebol de Santarém, até 1945. Em 1930, o valor cobrado pelo aluguer do campo aumentou de 30\$00 para 50\$00, tornando-se inabonável para clubes de características mais populares, como o União Operária, o Sport Lisboa e Santarém e “Os Caixeiros”, mesmo que estes só os alugassem durante a época desportiva e muitas vezes prescindissem de tomar banho.³⁷ A tentativa por parte dos arrendatários de obter descontos no aluguer não se concretizou em 1932, mesmo quando se dizia “... que o campo dos Leões está impróprio para a prática do futebol.”³⁸. Perante o arrastar do conflito, em 1933 a Associação de Futebol ofereceu-se para mediar o arrendamento do campo entre “Os Leões”, “Os Caixeiros” e o Sport Lisboa e Santarém.³⁹ No ano seguinte, o problema agravou-se e atingiu também o União Operária, uma vez que “Os Leões” pretendiam que a renda mensal do campo passasse de 50\$00 para 150\$00, sem outras despesas como a marcação do campo e a utilização dos balneários. Os clubes sentiam-se prejudicados e, perante a falta de recursos, acabaram por preferir jogar no estádio do Cartaxo. O diferendo acabou por se resolver com a intervenção do representante da Associação Comercial, Alfredo da Silva

³⁶ Cf. Idem, 20/9/1947, p. 8.

³⁷ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta n.º 10, 25/11/1930.

³⁸ *Notícias do Ribatejo*, n.º 18, 6/2/1932, p. 3.

³⁹ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta de 30/9/1933.

Leitão, mediante um contrato de arrendamento mais acessível que abriu novamente as portas do Campo de S. Lázaro aos clubes arrendatários.⁴⁰ Em 1934, “Os Leões” fizeram obras no seu estádio, cobrindo as bancadas e melhorando o piso. O clube obteve um subsídio da Câmara no valor de 2000\$00 anuais com a condição de manter a classe de ginástica infantil e continuar as obras de melhoramento do estádio que incluíam a construção de um balneário.⁴¹ O ciclone de 15 de Fevereiro de 1941 provocou estragos avultados no campo leonino. O clube promoveu uma sessão de cinema onde apresentou o filme “O Primeiro Amor da Gata Borralheira”, de Deanna Durbin, para obter receitas e uma quotização suplementar para proceder às reparações.⁴² Em Dezembro de 1943, o campo de futebol leonino encontrava-se interdito pela Federação Portuguesa de Futebol pois necessitava de obras devido aos estragos provocados por uma concentração de gado cavalar. A direcção do clube garantiu a execução desses melhoramentos após obter novamente o apoio da Câmara.⁴³ As obras que incluíram uma remodelação de bancadas e o acréscimo de uma fila de camarotes decorreram entre Abril e Setembro de 1944.⁴⁴ A inauguração decorreu a 24 de Setembro com um jogo de futebol entre a equipa da casa e a Académica. Em Abril de 1946, o clube inaugurou as novas bancadas laterais do “estadium” aumentando a lotação do espaço desportivo para mil e quinhentos lugares. A obra beneficiou do mecenato do Governo Civil, da Junta de Província do Ribatejo e da Federação Portuguesa de Futebol.⁴⁵

Apesar de ser um clube que se dedicava essencialmente à prática futebolística, em Outubro de 1928 a sua direcção projectou instalar “... na sua sede em S. Lázaro, um “ring” de patinagem, um “court” de ténis, e um curso de ginástica para os seus associados.”⁴⁶. Em 1931, o clube organizou um curso de ginástica para os filhos dos seus associados, dirigido pelo professor diplomado tenente Pedro Schiappa, que funcionou “... num ginásio montado com aparelhagem necessária a esse fim.”⁴⁷. O curso estava aberto a crianças de “... ambos os sexos, dos sete aos treze anos, funcionando porém, em classes separadas. Haverá uma rigorosa inspecção médica às crianças no princípio da época, com inspecções periódicas no decorrer da mesma.”⁴⁸.

⁴⁰ Cf. *Correio da Extremadura*, 3/11/1934, p. 2; 10/11/1934, p. 2; 17/11/1934, p. 2; 24/11/1934, p. 2.

⁴¹ Cf. *Idem*, 16/6/1934, pp. 2, 6.

⁴² Cf. *Idem*, 8/3/1941, p. 6.

⁴³ Cf. *Idem*, 18/12/1943, p. 2.

⁴⁴ Cf. *Idem*, 8/4/1944, p. 6.

⁴⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 20/4/1946, p. 2.

⁴⁶ *Jornal de Santarém*, n.º 85, 13/10/1928, p. 1.

⁴⁷ *Correio da Extremadura*, 16/5/1931, p. 8.

⁴⁸ *Idem*.

Em 1933, o curso de ginástica infantil contava com cinquenta e seis alunos e precisava de obter apoios quer através das inscrições e pagamento de pequenas mensalidades pelos pais dos alunos quer pela propaganda e esforço do clube.⁴⁹ Os treinos desta ginástica educativa efectuavam-se duas vezes por semana, estando os cuidados clínicos a cargo dos médicos Ramiro Nobre e Manuel Pereira Branco. Entretanto, notava-se um maior interesse dos pais em inscrever as crianças. O curso continuou a funcionar no ano seguinte, com duas turmas (masculina e feminina). Os treinos decorriam às quintas-feiras e aos domingos durante uma hora para cada turma.⁵⁰ Durante a década de 40, o clube manteve a prática desta modalidade para classes infantis e juvenis de ambos os sexos. Em Novembro de 1948, os treinos do curso de ginástica infantil passaram a decorrer no salão de ensaios do Orfeão Scalabitano.⁵¹

Na década de 30, “Os Leões” estimularam a prática de pingue-pongue / ténis de mesa. Em Janeiro de 1934, organizaram um torneio intersócios da modalidade para apuramento dos campeões nas diversas categorias. A 2 de Dezembro de 1935, o club organizou um campeonato individual de pingue-pongue nas categorias de fortes e principiantes, sendo as inscrições gratuitas.⁵² No ano seguinte, durante mais um torneio individual da modalidade, o representante leonino, Noel Oliveira, obteve o terceiro lugar. Nesse período, a colectividade também dinamizou um torneio interclubes de equipas da cidade que contou com a participação de várias grupos de “Os Caixeiros” e da Académica. As equipas leoninas classificaram-se em terceiro e quarto lugar.⁵³ Em Dezembro de 1946, quando a Federação de Ténis de Mesa aprovou a Associação Distrital com sede em Tomar, “Os Leões” e “Os Caixeiros” consideraram em carta ao Sporting Club de Tomar “... que julgavam da maior justiça para a nossa cidade e prestígio dos nossos clubes, de que Santarém seja sempre indicada e preferida como capital de distrito e província, ao abrigo do disposto no 2.º do Artigo 21.º do Decreto n.º 32946, de 3 de Agosto de 1946 que diz “... as Federações cuja sede é obrigatoriamente em Lisboa exercem sua jurisdição em todo o território continental e nas ilhas adjacentes; a competência das Associações exerce-se na área do distrito ou província em

⁴⁹ Cf. Idem, 15/4/1933, p. 2.

⁵⁰ Cf. Idem, 24/2/1934, p. 2.

⁵¹ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano*, acta de 30/10/1948.

⁵² Cf. *Correio da Extremadura*, 23/11/1935, p. 8.

⁵³ Cf. Idem, 18/1/1936, p. 6; 1/2/1936, p. 7.

cuja capital tem a sua sede.”.”⁵⁴ A velha rivalidade entre as duas cidades ribatejanas passava para além das fronteiras desportivas.

O clube aderiu à prática do basquetebol a partir de 1933, realizando-se os treinos duas vezes por semana, às segundas-feiras e sábados, onde os atletas se preparavam para competir no campeonato da modalidade.⁵⁵ Os basquetebolistas leoninos disputavam os seus jogos no campo de “Os Caixeiros” que passaram a arrendar a partir de Fevereiro de 1936.⁵⁶ Nesse espaço defrontaram o campeão Benfica, a 13 de Julho de 1941, e os dois jogos integrados nas jornadas desportivas do *Diário de Notícias* realizados em Junho de 1943.⁵⁷ Na competição da modalidade envolviam-se também as equipas de “Os Caixeiros” e da Académica em serões que terminavam com bailes abrilhantados pelas Orquestras Broadway e dos Bombeiros Voluntários. A partir de 1945, os clubes passaram a organizar torneios infantis da modalidade com a colaboração do Ateneu Comercial.⁵⁸ A 9 de Outubro de 1947, “Os Leões” disputaram a Taça “Balneário” numa organização de “Os Caixeiros”, tendo voltado a participar num torneio de preparação, a 25 de Julho de 1951, onde também marcaram presença a Associação Académica, “Os Caixeiros” e o União de Almeirim.⁵⁹

Os desportos atléticos começaram a ser praticados duas vezes por semana no clube a partir de 1933, passando os atletas a inscreverem-se anualmente para a prática da modalidade.⁶⁰ Nesse ano, o clube organizou provas de atletismo num campeonato intersócios onde participaram as categorias infantis e juvenis. A 18 de Setembro de 1934, o clube organizou um “festival desportivo de atletismo” com a presença de outros clubes da cidade. A equipa da casa dominou a competição do salto à vara através de José Frutuoso e Luís Melo, enquanto Fernando Cardoso ficou em segundo lugar nas provas de 80 metros e salto em comprimento e Mário Ferreira venceu a prova de 1000 metros.⁶¹ Em Dezembro de 1945, “Os Leões” representaram Santarém nos Campeonatos de Estreantes, mostrando os resultados dos seus praticantes na

⁵⁴ *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 18, 27/12/1946.

⁵⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 21/1/1933, p. 9.

⁵⁶ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta de 19/2/1936.

⁵⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 2/7/1941, p. 2; 19/6/1943, p. 2.

⁵⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 5/5/1945, p. 2.

⁵⁹ Cf. *Idem*, 18/10/1947, p. 3; 4/8/1951, p. 4.

⁶⁰ Cf. *Correio da Extremadura*, 21/1/1933, p. 9.

⁶¹ Cf. *Idem*, 22/9/1934, p. 2.

modalidade.⁶² No ano seguinte, organizaram um torneio popular de atletismo no seu estádio que contou com a presença do União Operária, de “Os Caixeiros” e da Académica. Nessa prova apenas podiam participar os atletas que não tivessem competido em provas oficiais sendo a inscrição extensiva a todos os clubes da cidade nas vertentes individual ou colectiva. O torneio compreendeu as seguintes provas: 80, 300 e 1000 metros, estafetas de 3x80 e 3x300, saltos em altura e comprimento e lançamento do peso.⁶³ Este foi um sucesso, numa cidade que não assistia há cinco anos a provas de atletismo, apesar do elevado número de praticantes, “... analisando os resultados práticos deste brilhante torneio, verificamos que o seu aproveitamento reverteu a favor de uma centena de jovens que, deste modo, beneficiaram da competição e do entusiasmo necessário para poderem continuar em jornadas idênticas.”⁶⁴ Em 1947, o clube voltou a organizar um torneio de atletismo desta vez com a participação de “Os Águias” de Alpiarça e do Académico do Cartaxo, para além dos clubes escalabitanos Académica e União Operária. O torneio programado para Agosto apenas se realizou a 14 de Outubro devido à segunda fase dos Campeonatos Nacionais Femininos.⁶⁵

A 30 de Julho de 1933 decorreu uma prova de ciclismo em que participaram os atletas do clube Francisco Godinho, Francisco Miguel e João da Silva Lázaro, que se classificaram respectivamente em primeiro, terceiro e quinto lugar.⁶⁶ Quinze dias depois, a equipa de “Os Leões”, composta por Francisco Miguel, José Simões, Francisco Godinho e António Vitorino, ganhou a taça Ribatejo em ciclismo ao percorrer 80 km do distrito.⁶⁷ A revista *Ribatejo Ilustrado*, com a colaboração de “Os Leões”, organizou, a 7 de Outubro de 1934, a “I Festa dos Ases” que integrou um festival de ciclismo, para além do lançamento de pombos com a colaboração do Grupo Columbófilo, uma gincana de motos e uma picaria iniciada após a chegada do último ciclista.⁶⁸ A 29 de Outubro de 1949, “Os Leões” organizaram a prova de ciclismo “Circuito do Ribatejo” que percorreu Vila Franca de Xira, Santarém e Torres Novas e foi ganha pelo União Operária.⁶⁹

⁶² Cf. *Correio do Ribatejo*, 22/12/1945, p. 9.

⁶³ Cf. Idem, 24/8/1946, p. 10.

⁶⁴ Idem, 31/8/1946, p. 10.

⁶⁵ Cf. Idem, 9/8/1947, p. 7; 18/10/1947, p. 3.

⁶⁶ Cf. *Correio da Extremadura*, 5/8/1933, p. 2.

⁶⁷ Cf. Idem, 2/9/1933, p. 6.

⁶⁸ Cf. Idem, 13/10/1934, p. 6.

⁶⁹ Cf. *Ribatejo*, Ano I, n.º 1, Novembro de 1949, p. 13.

A secção de Columbofilia iniciou a sua actividade em Julho de 1933, sendo os seus primeiros corpos gerentes compostos por Adolfo Branco Nunes Correia (presidente da direcção), Joaquim Manuel Ribeiro (presidente da assembleia-geral) e António Augusto de Castro (conselho técnico).⁷⁰ A primeira largada de pombos decorreu em Setembro desse ano, após o anilhamento e criação de um albergue para o tratamento de pombos-correios doentes e/ou extraviados.⁷¹ A secção traduziu e publicou no *Correio da Extremadura* o artigo “Os Pombos-Correios e os Caçadores”, de André Gerard, inicialmente editado pelo “France Columbofile”.⁷² A 14 de Abril de 1934, a maioria dos sócios da secção de columbofilia, após um desentendimento com a direcção de “Os Leões”, fundou o Grupo Columbófilo Scalabitano⁷³. Segundo a colectividade leonina, a referida secção mantinha-se em funcionamento com outros associados.⁷⁴ Dois meses depois, os conflitos encontravam-se sanados e as relações estabelecidas entre “Os Leões” e o Grupo Columbófilo. Ambas as colectividades encontravam-se a treinar para participar num concurso no Porto.⁷⁵

“Os Leões” criaram uma secção de xadrez, em Abril de 1951, que se filiou na Associação de Xadrez do Sul. Na secção inscreveram-se vinte praticantes que foram distribuídos por três categorias (A, B, e C). Da categoria A saíram os representantes da cidade nas eliminatórias do campeonato de Portugal da modalidade.⁷⁶ Na década de 50, o clube fundou uma secção de pesca desportiva que passou a organizar, a partir de 1956, o concurso de pesca no rio.⁷⁷

No final da década de 30, “Os Leões” passaram por um período difícil que atingiu todas as modalidades devido ao afastamento dos sócios, à falta de apoios financeiros e de praticantes jovens que permitissem rejuvenescer a prática desportiva. Em Novembro de 1937, o clube endereçou um convite a todos os jovens com mais de

⁷⁰ Cf. *Correio da Extremadura*, 19/8/1933, p. 6.

⁷¹ Cf. *Idem*, 2/9/1933, p. 6.

⁷² Cf. *Idem*, 14/10/1933, p. 6.

⁷³ João Assis, Joaquim Manuel Ribeiro, Eurico Correia, Hugo Martins Ferreira, Eurico Peste, Manuel Sobreira, José Costa Oliveira Grilo e Carlos Silva Cardoso constituíram os primeiros corpos gerentes do Grupo, eleitos em assembleia-geral realizada no salão dos Bombeiros, onde passou a funcionar a sede provisória da nova colectividade. Ainda em 1934, filiou-se na Associação Columbófila do Distrito de Lisboa e recebeu um prémio da Comissão de Iniciativa e Turismo de Santarém. Em 1940, o Grupo participou em provas com soltas em Espanha (La Corunha, Madrid, Talavera, Manzanares, Alcazar). Actualmente, o Grupo mantém a sua actividade desportiva.

⁷⁴ Cf. *Idem*, 21/4/1934, p. 6; 28/4/1934, p. 2.

⁷⁵ Cf. *Idem*, 26/5/1934, p. 2; 30/6/1934, p. 2.

⁷⁶ Cf. *Correio do Ribatejo*, 26/5/1951, p. 4.

⁷⁷ Cf. *Idem*, 7/9/1957, p. 8.

quinze anos para se inscreverem gratuitamente nas secções de futebol, atletismo e ginástica, com garantia de assistência médica. A campanha de angariação de atletas resultou na inscrição de trinta e oito jovens só na primeira semana, ultrapassando a centena no mês seguinte.⁷⁸ A direcção do tenente Mota Carmo afirmava, em 1937, “... a sua inquebrantável fé no ressurgimento deste Club (...) [porque] estamos todos dispostos aos maiores sacrifícios para enveredarmos o desporto pelo caminho que já há muito devia ter seguido.”⁷⁹ Este novo fôlego na vida do Clube exigia a “... colaboração de toda a gente e estamos convencidos que as associações congéneres não poderão suportar por muito tempo, os enormes encargos que as categorias de futebol trazem à vida dos clubes. Como sabe na província, a assistência aos desafios é diminuta e, portanto, os resultados financeiros não permitem as despesas que hoje se fazem com jogadores. (...) Antigamente apareciam rapazes com habilidade que os clubes recrutavam no Campo Sá da Bandeira e nas praças públicas e, com esses elementos preenchiam as vagas que se davam nos seus “teams” de futebol. Presentemente, os elementos novos não aparecem porque as autoridades – e com toda a razão – não permitem a prática de futebol fora do respectivo campo de jogos, que mal chega para treinos dos seis clubes que existem actualmente. Desta forma, a falta de matéria-prima é grande e é contra isso que estamos dispostos a lutar. O mal é geral e a maneira de o combater não é tão difícil como parece.”⁸⁰ Os problemas económicos do clube agudizaram-se no início da década de 50, acentuados com a dificuldade em encontrar dirigentes para o ano de 1952. O produto da “Festa da Chita”, realizada a 21 de Novembro de 1953, no teatro Rosa Damasceno, iniciativa do seminário “Cartaz”, sob o patrocínio da Câmara, da Comissão Municipal de Turismo e do Grémio do Comércio, reverteu para “Os Leões”.⁸¹ A 17 de Outubro de 1956, o governador civil, João Carlos de Castro Reis, visitou a sede e as instalações do clube sendo recebido pelos dirigentes leoninos e da Associação de Futebol. O presidente da direcção do clube, Manuel Ginestal Machado, solicitou empenho ao governador civil para que a Câmara incluísse no seu orçamento anual uma verba destinada ao desporto e a distribuir por todos os clubes, à semelhança de outras congéneres. Também se lembrou o facto de a cidade não ter um campo com condições para nele realizar encontros de grande projecção à semelhança de outras localidades, o que afecta a prática desportiva e causa prejuízos ao comércio local. Assim, havia necessidade de construir um estádio municipal ou arranjar

⁷⁸ Cf. *Correio da Extremadura*, 4/12/1937, p. 2.

⁷⁹ *Idem*.

⁸⁰ *Idem*.

⁸¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 21/11/1953, pp. 1, 8.

conveniente o campo que melhores condições tinha que era o leonino “Alfredo Aguiar”.⁸² A 23 de Dezembro de 1958, “Os Leões” inauguraram uma nova sede na travessa do Fróis, num prédio da família Dias. Aí, perante um grande número de sócios, decorreu uma sessão solene dirigida pelo presidente da comissão administrativa da colectividade, Ramiro Nobre, após a qual decorreu um sorteio “à americana” que rendeu cerca de dois mil escudos.⁸³

Apesar de ser um clube essencialmente voltado para a prática desportiva, desenvolveu outras actividades de componente cultural. Em 1933, a direcção do clube criou uma “secção de estudos de cultura e instrução” que começou por promover um ciclo de conferências. Bernardino Henriques e Cândido de Oliveira foram os dois primeiros oradores que dissertaram sobre “Sport e Optimismo” e “O Valor Educativo e Social do Sport”, respectivamente a 5 e 29 de Julho de 1933.⁸⁴ “Os Leões” também aderiram ao conceito de “embaixadas culturais” tão em voga no final da década de 40 e difundido essencialmente pelo Orfeão Scalabitano. Nesse contexto, o clube acompanhou a deslocação a Aveiro, em 20 de Junho de 1948, do Orfeão e da Banda dos Bombeiros. A equipa leonina de futebol jogou e ganhou ao Beira-Mar no âmbito do programa de amizade, desporto e cultura entre as duas cidades.⁸⁵ “Os Leões” também se associaram ao Grupo de Coordenação Cultural à semelhança de outras colectividades da cidade. O clube desportivo também apoiou outras colectividades quer financeiramente quer logisticamente como o Orfeão Scalabitano e o Círculo Cultural.

Durante as comemorações do seu vigésimo segundo aniversário, o clube para além de homenagear os seus sócios falecidos, organizou uma sessão solene onde foram oradores os advogados Virgílio Arruda e Augusto Frazão e o jornalista Cândido de Oliveira “... que enaltecera a obra desportiva e cultural desta agremiação, fazendo o elogio da cultura física como factor primacial do ressurgimento nacional.”⁸⁶ A celebração da efeméride terminou com um jantar de confraternização no hotel Aliança que envolveu cerca de cem pessoas entre sócios e convidados. Para comemorar o seu vigésimo quinto aniversário, a colectividade inaugurou no campo de jogos uma placa de homenagem ao desportista Alfredo Aguiar, apresentou um novo estandarte, organizou

⁸² Cf. Idem, 27/10/1956, p. 4.

⁸³ Cf. Idem, 27/12/1958, p. 6.

⁸⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 22/7/1933, p. 6; 5/8/1933, p. 2.

⁸⁵ Cf. *Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano*, n.º 1, Maio de 1950, p. 3.

⁸⁶ *Correio da Extremadura*, 9/12/1933, p. 2.

um jantar e promoveu conferências sobre o movimento desportivo proferidas por Cândido de Oliveira e pelo director dos “Sports” Raul de Oliveira. As comemorações terminaram com um encontro de futebol entre os aniversariantes e a Associação Académica.⁸⁷ O programa do quadragésimo aniversário do clube apresentou diversas actividades como um jogo de futebol entre “Os Leões” e o Vitória de Setúbal, que venceu, uma palestra sobre desporto proferida pelo cronista Lança Moreira, uma exposição de troféus e um espectáculo musical com Amália, Francisco José, elementos da Emissora e uma classe feminina de ginástica do Ginásio Club Português. Como o número de sócios se mantinha nos oitocentos, o clube lançou uma campanha com o objectivo de angariar mais quatrocentos sócios atraídos pelo sorteio de um emblema em ouro.

Ao longo dos anos, os dirigentes mais marcantes de “Os Leões” foram sem dúvida Manuel Ginestal Machado, sócio desde 22 de Outubro de 1935 com o número 290, Ramiro Nobre, sócio desde a década de 30, e Vasco de Sá Nogueira, sócio desde a década de 40 e que dirigiu os destinos do clube como presidente da direcção três vezes nos anos 50. Este último foi homenageado pela equipa de futebol, em Setembro de 1951, em prol do trabalho desenvolvido na modalidade e na escola de jogadores.⁸⁸ A este dirigente se deveu a confiança que envolveu o clube na competição futebolística. Durante a sua direcção, o clube esteve à beira de concretizar o seu maior sonho, ascender ao Campeonato Nacional da I Divisão.

A fusão das colectividades desportivas da cidade surgiu a partir de uma ideia defendida por sócios de “Os Leões”, em 1946. O objectivo era formar um clube que representasse a cidade nas competições desportivas ao mais alto nível e que engrandecesse Santarém e o Ribatejo.⁸⁹ No ano seguinte, “Os Leões” formalizaram uma proposta às suas congéneres nesse sentido porque “... há necessidade absoluta da fusão e fusão total desportiva, ou seja de todos os nossos clubes num apenas! Andamos a navegar em naus muito podres e os resultados obtidos não compensam o enorme esforço despendido. (...) Santarém tem o dever e obrigação de defender-se da enfermidade que a assola, sabido que poderemos dar luta cerrada, pois temos elementos para isso, faltando-nos apenas alicerces. Um grande clube em Santarém, eis a necessidade presente, um clube que faça movimentar diversas modalidades, um clube

⁸⁷ Cf. Idem, 7/12/1935, p. 10.

⁸⁸ A sua fotografia foi descerrada na sede da colectividade. Cf. *Correio do Ribatejo*, 15/9/1951, p. 5.

⁸⁹ Cf. Idem, 31/8/1946, p. 10.

que ponha em actividade todo o nosso relicário humano.”⁹⁰. A proposta patrocinada pela Associação de Futebol apenas obteve o parecer positivo do União Operária.⁹¹ O projecto ficou assim remetido ao silêncio mas não ao esquecimento. A crise acentuada da secção de futebol e as dificuldades vividas por “Os Leões”, à semelhança de outros clubes desportivos da cidade, levaram ao retomar da questão, em Agosto de 1950. A Associação de Futebol de Santarém promoveu uma reunião onde juntou os representantes dos referidos clubes “... a fim de enfrentar a melindrosa situação do desporto escalabitano. Depois de Agostinho Mariano [dirigente da Associação de Futebol] ter exposto o que viria a ser a actividade dos grupos de futebol da cidade, qualquer que seja a modalidade adoptada na nova época, discutiu-se o magno problema da fusão.”⁹². Novamente, os clubes após consulta aos seus sócios rejeitaram a fusão continuando cada um a trilhar o seu caminho e a preservar a sua identidade, apesar de uma série de apelos conducentes a esse caminho proferidos por Agostinho Mariano, em 1956.⁹³ A fusão acabou por se concretizar, em 1969, quando “Os Leões” e o Sport Grupo União Operária deram origem à União Desportiva de Santarém, sem obterem o apoio das outras colectividades desportivas da cidade.

⁹⁰ Idem, 15/3/1947, p. 11.

⁹¹ Cf. Idem, 1/11/1947, p. 3; 8/11/1947, p. 2.

⁹² Idem, 26/8/1950, p. 4.

⁹³ Cf. Agostinho Mariano, “A Cidade e a Fusão de Clubes” in Idem, 4/2/1956, p. 8; 11/2/1956, p. 7; 18/2/1956, p. 8; 10/3/1956, pp. 4, 7; 31/3/1956, p. 9; 25/4/1956, p. 7.

4.4 - Sporting Club Ribeirense

O “Arrebenta Pedras” foi o primeiro nome desta colectividade criada na Ribeira de Santarém, provavelmente em 1916, e que praticava essencialmente futebol.¹ Tal como o nome indica tratava-se de uma colectividade de características populares. Em 1925, já com o nome de Sporting Club Ribeirense, disputava a taça da Associação Comercial em futebol com três clubes do planalto da cidade, o Sport Grupo União Operária, “Os Leões” e “Os Caixeiros”. O clube da beira-rio era manifestamente o mais fraco, pois no final da primeira volta da disputa da taça encontrava-se em último lugar, com zero pontos após ter perdido por dez, sete e seis golos respectivamente com “Os Leões”, com “Os Caixeiros” e com a União Operária. Nesse mesmo ano disputou o campeonato organizado pela Associação de Futebol mas os resultados continuavam a empurrá-lo para o último lugar sem vitórias à vista.² No ano seguinte, o Sporting Ribeirense manteve-se na disputa da taça da Associação Comercial e no campeonato da Associação de Futebol, apesar de os bons resultados não aparecerem.³ A 31 de Janeiro de 1926, o Sporting Ribeirense, treinado pelo jogador Manuel Veloso e apresentando a sua “linha de jogo reforçada”, enfrentou o poderoso Futebol Club “Os Belenenses”, primeiro classificado do Campeonato de Futebol de Lisboa. Os visitantes, num dia de chuva e vento impiedoso sacrificaram o Ribeirense com oito golos sem resposta, até porque “... “Os Belenenses” estiveram positivamente brincando ao futebol (...) nem como lição pudemos tomar a sua exibição. Lembra-nos aqueles grandes actores que num benefício ao dia de semana, despejam o papel com a mesma resignação com que um gato-pingado acompanha funerais ao cemitério. “Os Ribeirenses” nada fizeram de notável. Apalpavam de quando em vez o terreno, à compita com os seus adversários...”⁴.

Entre os finais de 1926 e 1937, o Sporting Ribeirense parou a sua actividade provavelmente por falta de resultados e de apoios. A 23 de Maio de 1937, o Club

¹ Cf. Jorge Custódio, Luís Mata, *op. cit.*, p. 66.

² Cf. *O Combate*, n.º 28, 19/9/1925, p. 1; n.º 39, 5/12/1925, p. 1.

³ Cf. *Correio da Extremadura*, 22/5/1926, p. 3.

⁴ *Idem*, 6/2/1926, p. 4.

renasceu como filial do Sporting Club de Portugal, graças ao empenho de alguns ribeirenses, como Fernando Mendes, Júlio Costa e o desportista Antonino da Costa Alves e ao apoio do Teatro Club Ribeirense. Na sessão solene, Egídio de Sousa, dirigente do Teatro Club Ribeirense, “... aludiu aos benefícios de carácter social, desportivo e de disciplina que da nova organização podem resultar.”⁵. Para o jogo de futebol estreia realizado com o patrono Sporting Club de Portugal, o homólogo Ribeirense pediu os equipamentos emprestados a “Os Caixeiros”.⁶ Nesse ano, passou a competir no campeonato distrital da zona sul juntamente com a Associação Académica, “Os Caixeiros”, o Sport Lisboa e Santarém, “Os Leões” e o União Operária, acabando por se classificar num honroso terceiro lugar.⁷ Paralelamente, o Sporting Ribeirense organizava jogos de futebol entre os casados e solteiros associados do clube. Todos estes jogos de futebol eram efectuados nos campos de “Os Leões” e/ou da União Operária, em virtude do clube da Ribeira não possuir um campo desportivo. Na época 1938-39, o Sporting Ribeirenses voltou a participar no Campeonato Distrital de Futebol juntamente com os clubes do planalto. A participação na prova levou a colectividade a abrir inscrições para todos os que desejassem praticar a modalidade independentemente de serem associados.⁸ Para além de participar no campeonato distrital de futebol, o Sporting Ribeirense disputou pontualmente torneios da modalidade organizados pelos clubes da cidade como a taça “Adelino Paula”, a 31 de Maio de 1942, com o objectivo de auxiliar o referido desportista.⁹

Com os olhos voltados para o rio, o Sporting Ribeirense organizou, em Agosto de 1938, provas náuticas com o patrocínio da junta de freguesia de Santa Iria da Ribeira de Santarém proporcionando a “... saída do letargo em que se encontrava a mocidade desportiva da nossa terra. As águas do Tejo são batidas por ela, não no trivial “banho”, mas sim nas provas de competição.”¹⁰. Durante o defeso do futebol e aproveitando as condições da praia fluvial dava-se um impulso à prática de outros desportos. As provas de natação (33 e 66 metros) e “water-polo” atraíram participantes de outras colectividades da cidade como a Académica, “Os Caixeiros” e o União Operária.¹¹

⁵ Idem, 29/5/1937, p. 3.

⁶ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta de 12/10/1937.

⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 25/12/1937, p. 2.

⁸ Cf. Idem, 10/9/1938, p. 3.

⁹ Cf. Idem, 20/6/1942, p. 2.

¹⁰ Idem, 3/9/1938, p. 2.

¹¹ Cf. Idem.

Em Abril de 1948, o Sporting Ribeirense participou com uma equipa no campeonato escalabitano de ténis de mesa organizado pela Académica, em colaboração com “Os Caixeiros” e o Grupo Desportivo do Ateneu Comercial de Santarém. No universo das sete equipas em competição, os atletas ribeirenses classificaram-se em sexto lugar.¹²

Para além das actividades desportivas, o Sporting Ribeirense também promoveu bailes, em especial nos meses de Verão e nas datas festivas, como o Carnaval, Santos Populares, Romaria da Senhora da Saúde, Natal e passagem de ano. Estes eram abrilhantados por acordeonistas como Anselmo Guerra e Queijeiro e por *jazz bands* escalabitanas como a “Royal” e “Os Misteriosos”. A festa da inauguração da nova sede da colectividade, a 20 de Fevereiro de 1943, foi animada pela Orquestra Scalabis.¹³ Os aniversários do Sporting Ribeirense eram habitualmente celebrados com sessões solenes onde ilustres ribeirenses como Egídio de Sousa e Virgílio Arruda proferiam palestras sobre a importância do desporto e da educação física na melhor formação de cidadãos e a importância social da actividade física entre a comunidade da Ribeira. Aos discursos seguia-se um jogo de futebol com um clube escalabitano convidado e o tradicional lanche ou jantar. A noite terminava com um baile.¹⁴

O espírito altruísta também se fazia sentir no Sporting Ribeirense que no primeiro dia de 1938 promoveu, por subscrição aberta entre os seus sócios e outros doadores, um almoço para cento e cinquenta crianças pobres da Ribeira de Santarém, realizado no Teatro Club Ribeirense.¹⁵ A colectividade também promovia sorteios durante os Santos Populares e o Natal para obter fundos para os seus cofres e poder auxiliar muitos dos pobres que viviam na Ribeira, considerando que alguns deles depois de devidamente alimentados e treinados poderiam revelar-se bons atletas.¹⁶

À semelhança de outras colectividades, o Sporting Ribeirense entrou em decadência na década de 60, em especial a partir da fusão do União Operária com “Os Leões”, em 1969. Todos os esforços, nomeadamente financeiros, encontravam-se voltados para uma única colectividade, mais forte e que representasse toda a cidade do

¹² Cf. *Correio do Ribatejo*, 24/4/1948, p. 3.

¹³ Cf. *Correio da Extremadura*, 20/2/1943, p. 2.

¹⁴ Cf. Idem, 28/5/1938, p. 6; 20/5/1939, p. 2; *Correio do Ribatejo*, 9/6/1951, p. 2; 25/5/1974, p. 2.

¹⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 1/1/1938, p. 8.

¹⁶ Cf. Idem, 1/6/1940, p. 7.

planalto à zona ribeirinha. A própria malha social da Ribeira começou a degradar-se. Muitas das famílias com algum poder económico e prestígio social partiram em busca de uma vida melhor e foram substituídas por franjas marginalizadas e marginais da sociedade. A linha de comboio que divide a Ribeira avolumou o afastamento da população, acentuado pelo ostracismo do planalto em relação ao rio. Estruturas como o Sporting Ribeirense, o Teatro Club Ribeirense e até o Montepio Ribeirense entraram numa agonia da qual apenas o segundo sobreviveu sem o brilhantismo e a glória de outrora.

4.5 - Sport Grupo União Operária

O Sport Grupo União Operária foi fundado a 18 de Julho de 1919 por um grupo de treze operários ligados ao meio fabril e artesanal.¹ O clube sediado na rua Capelo e Ivens tinha cerca de duzentos sócios em 1926.² A 8 de Junho desse ano, a Câmara autorizou-o a usar como emblema as armas da cidade.³ O Grupo já contava com cerca de oitocentos sócios quando, em Fevereiro de 1931, aprovou os seus estatutos e inaugurou a sua nova sede na rua João Afonso, n.º 38.⁴ Em Maio desse ano, o clube organizou uma viagem a Coimbra a fim de estreitar as relações entre as duas cidades através de um convívio cultural e desportivo que envolveu um jogo de futebol.⁵ Na década de 40, o clube vivia um período que, “... se é certo que já atingiu enorme renome nas pugnas desportivas, também é verdade que mercê de várias circunstâncias e muito principalmente do desinteresse que pelo Club tiveram os operários desta cidade, o seu valor desportivo e associativo desceu bastante.”⁶ Se o número de associados tinha diminuído nesse período para cento e cinquenta, com um rendimento de quotização na ordem dos 300\$00, apresentava um aumento progressivo que, em 1946, era já de quatrocentos e sessenta sócios. No entanto, a imprensa regional lançava algumas questões: “Havendo em Santarém mais de 3000 operários, se apenas metade fossem sócios, o que não seria possível fazer? De resto, sendo o Sport Grupo União Operária o único Club que em Santarém representa a sua classe, não será um dever serem sócios?”⁷ Dois anos depois, a imprensa reafirmava que “Santarém tem um outro club desportivo – União Operária. Tem?! Tem sim!... – mas o Club está tão silencioso...”⁸. A 7 de Agosto de 1951, num altura em que se encontravam abertas inscrições para todas as modalidades, o Operária promoveu uma reunião com os seus “... associados, a quem foram expostas as dificuldades com que lutam para manter a colectividade, apelando

¹ Cf. *Mundo Desportivo*, 17/7/1953, p. 5.

² Cf. *Jornal de Santarém*, n.º 58, 17/4/1926, p. 8.

³ Cf. Idem, n.º 66, 12/6/1926, p. 4; AHCMSTR, Livro de Actas das Reuniões de Câmara, 8/6/1926.

⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 24/1/1931, p. 2.

⁵ Cf. Idem, 28/3/1931, p. 6.

⁶ *Correio do Ribatejo*, 20/7/1946, p. 3.

⁷ Idem.

⁸ Idem, 11/9/1948, p. 9.

para a boa vontade e amor-próprio de todos para que este baluarte do desporto escalabitano possa continuar a exercer com brilho a sua actividade.”⁹.

O futebol foi uma das primeiras modalidades que atraiu adeptos ao Grupo. Na temporada 1924-1925, já disputava a Taça da Associação Comercial de Santarém em futebol juntamente com “Os Caixeiros” e “Os Leões”, ficando em segundo lugar.¹⁰ Na época seguinte, encontrava-se em competição com as referidas equipas e com o Sporting Club Ribeirense na disputa do campeonato de futebol de Santarém e das Taças da Associação de Futebol e da Associação Comercial.¹¹ A 1 de Janeiro perdeu a taça de bronze José Rosa a favor de “Os Caixeiros” devido à superioridade deste clube na prática da modalidade. A 13 de Novembro de 1926, num jogo de futebol entre a União Operária e “Os Leões”, os últimos “... tiveram a tarde mais desastrada dos últimos anos. Sucumbiram por um 3-2, sob os seus adversários que a esta hora ainda esfregam os olhos, não vá dar-se o caso de ter sido um sonho tudo isto. O certo é que ganharam. E factos são factos.”¹². As vitórias surgiam quando o União Operária competia com o Sporting Ribeirense, que chegava a apresentar-se com apenas nove jogadores, com o Sport Lisboa e Santarém, manifestamente as equipas de futebol mais fracas. No entanto, na época de 1927-1928, o Grupo sagrou-se campeão distrital de futebol, em disputa com “Os Leões”, o Sport Lisboa e Santarém, o Club Atlético Ribeirense e o “Torres Novas”.¹³ A 16 de Junho de 1928, perdeu para “Os Leões” a Taça dos Bombeiros Voluntários, “... tendo havido divergências de que resultaram o grupo “Operário” abandonar o campo.”¹⁴. Perante o acidentado encontro de futebol expresso no campo pela rivalidade das principais equipas escalabitanas, Faustino da Rosa Mendes concluiu “... que a gente do desporto na nossa terra está, senão desvairada, pelo menos desorientada, sem bússola. (...) Que interesse há para o desporto, para o seu desenvolvimento, o saber-se da existência dum público mal-educado, dum árbitro “três acompli” de grupos que se digladiam como feras, sem a menor elegância desportiva e duma Associação de Futebol que só existe no papel?”¹⁵. Na época de 1928-1929, com o regresso da Taça Associação Comercial, após um ano de suspensão, o “... Operária vive na doce esperança de manter a situação de privilégio que disputou a época passada, em

⁹ Idem, 18/8/1951, p. 4.

¹⁰ Cf. *O Combate*, n.º 1, 14/3/1925, p. 8.

¹¹ Cf. Idem, n.º 38, 28/11/1925, p. 1; n.º 39, 5/12/1925, p. 1.

¹² *Correio da Extremadura*, 20/11/1926, p. 3.

¹³ Cf. Idem, 3/3/1928, p. 3; 31/3/1928, p. 3; 17/6/1928, p. 3.

¹⁴ Idem, 23/6/1928, p. 3.

¹⁵ Idem, 30/6/1928, p. 3.

que conquistou o título de campeão.”¹⁶. A sua rivalidade com “Os Leões” mantinha-se no campo de futebol, onde “... os Operários desmancharam por vezes, com brutalidade escusadas e violentas antipatias, tanto maiores e mais antipáticas quando é certo que foram exercidas sobre “petizes”! Não lhe louvamos a acção, e à direcção do seu clube diremos muito sinceramente que já não se trata duma questão de futebol, aquilo de que o seu onze enferma. É sobretudo um problema de educação que a direcção do Operário tem de enfrentar e resolver sem tibiezas, a menos que amanhã os julgemos coniventes, solidários em tais desmandos – desmandos que hão-de levar o onze do Operário, velho e com responsabilidades no meio desportivo – a ser apontado como grupo com que se não pode fazer decentemente um jogo.”¹⁷. A 20 de Novembro de 1930, o jogador de “Os Caixeiros” Mário Prado foi agredido durante um jogo com a União Operária.¹⁸ No ano seguinte, um outro jogador da mesma equipa foi violentamente agredido durante um jogo de futebol com os operários.¹⁹ Na época de 1929-1930, o União Operária sagrou-se novamente campeão distrital de futebol, sendo o representante no campeonato nacional, feito assinalado com um “banquete” que contou com a presença das entidades políticas da cidade e de jornalistas.²⁰ Em Dezembro de 1929, disputou a Taça Natal com o Club de Futebol “Os Ribeirenses”, “Os Operários” de Tomar, o Sporting Club de Tomar, o Sport Club Coruchense e o Torres Novas Futebol Club.²¹ Um ano depois venceu a Taça Ateneu Comercial de Lisboa em disputa com “Os Caixeiros”.²² No início da década de 30, os jogadores mais populares do Grupo eram os irmãos Lavareda, Joaquim Correia, “o Chocolate”, Luís Melo e Octávio Policarpo que foi “... inspeccionado para alinhar no *team* de honra do Sport Lisboa e Benfica.”²³.

¹⁶ *Jornal de Santarém*, n.º 85, 13/10/1928, p. 10.

¹⁷ *Correio da Extremadura*, 15/12/1928, p. 3.

¹⁸ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta n.º 10, 25/11/1930.

¹⁹ Cf. *Idem*, acta n.º 11, 3/2/1931.

²⁰ Cf. *Mundo Desportivo*, 17/7/1953, p. 5; *Correio da Extremadura*, 15/3/1930, p. 3.

²¹ Cf. *Correio da Extremadura*, 28/12/1929, p. 6.

²² Cf. *Idem*, 6/12/1930, p. 6.

²³ *Idem*, 8/11/1930, p. 3.



O jogador do União Operária, Joaquim Correia “o Chocolate”, cliché de J. A. C. in *Correio da Extremadura*, 6/12/1930, p. 6.

Em Dezembro de 1930, envolveu-se num conflito com a Associação de Futebol de Santarém recusando participar nas provas organizadas por aquela colectividade.²⁴ A 19 de Abril de 1931, o Operária deslocou-se ao Porto para defrontar o Leça Futebol Club num jogo de futebol para o Campeonato de Portugal, onde empatou a dois golos, motivo pelo qual o jogo de desempate se realizou em Santarém na semana seguinte. Nesse jogo, o clube escalabitano apresentou o seu melhor futebol que se sagrou numa vitória folgada e a consequente passagem aos quartos-de-final do referido Campeonato.²⁵ Esta vitória veio comprovar a melhoria de resultados da equipa de futebol que se aproximava dos sucessos de “Os Leões” e “Os Caixeiros”. Este último clube foi derrotado pelo Operária por dez golos sem resposta, a 3 de Dezembro de 1931.²⁶ Nas épocas 1931-1932, 1932-1933 e 1933-1934, o Operária sagrou-se campeão distrital de futebol,²⁷ registando feitos memoráveis como a ausência de derrotas durante a primeira das referidas épocas futebolísticas.

²⁴ Cf. Idem, 13/12/1930, p. 2.

²⁵ Cf. Idem, 25/4/1931, p. 2; 2/5/1931, p. 6.

²⁶ Cf. Idem, 12/12/1931, p. 2.

²⁷ Cf. *Mundo Desportivo*, 17/7/1953, p. 5.



Sport Grupo União Operária, equipa de futebol de 1933-1934 in *Correio da Extremadura*, 1/4/1933, p. 5.

No início da época de 1934-1935, a União Operária, juntamente com a Associação Académica, “Os Caixeiros” e o Sport Lisboa e Santarém, envolveu-se num diferendo com “Os Leões” sobre o arrendamento do Campo de S. Lázaro, pertença deste último que o cedia aos outros clubes que não tinham espaço próprio para a prática do futebol. Os elevados preços propostos para a utilização do Campo de S. Lázaro levaram os clubes a preferir o estádio do Cartaxo para efectuar os seus jogos, porque se “... os dirigentes dos Clubes não aceitaram o que eles pretendiam, não foi por maldade, foi por necessidade. É do domínio público, a vida dificultosa da maioria dos Clubes locais; as suas receitas são, quase por completo, absorvidas pelas despesas, como se pode constatar fazendo um rápido exame às suas escritas (...) em tempos, para obterem do S. G. União Operária a liquidação de algumas rendas em atraso, tiveram de com eles [“Os Leões”] realizar dois jogos particulares, sem que o União Operária desses encontros percebesse a mais pequena parcela dos resultados financeiros. (...) E, a terminar, diremos que, além da ruínosa proposta apresentada, teríamos ainda o desgosto da seguinte e humilhante imposição: dois meses de renda, pagos adiantadamente, com fiador e escritura lavrada no notário.”²⁸. O diferendo acabou por se resolver devido à intervenção medianeira da Associação Comercial, passando os jogos a realizarem-se no Campo de S. Lázaro. Apesar de todos os contratempos do início da época, o União Operária voltou a sagrar-se campeão distrital da época 1934-1935, feito comemorado

²⁸ *Correio da Extremadura*, 17/11/1934, p. 2.

com um banquete na pensão Aliança oferecido pela direcção a mais de setenta convidados, imprensa incluída.²⁹ À semelhança dos outros clubes desportivos da cidade, participava em torneios com o objectivo de angariar receitas, para fins solidários. Nas épocas de 1935-1936 e 1936-1937, o Operário não conseguiu melhor que um segundo lugar no campeonato distrital atrás da Associação Académica.³⁰ Nem mesmo o protesto junto da Associação de Futebol por parte do Operário contra o resultado do jogo com a Académica por se considerar lesado pela intervenção do árbitro, alterou a classificação. A Federação de Futebol, a quem a Associação recorreu, homologou o resultado do desafio tornando-se a Académica o primeiro representante da II Liga juntamente com o Sporting de Tomar, em representação da Associação de Santarém.³¹ Na época de 1937-1938, o Operário viu-se relegado para o penúltimo lugar na tabela classificativa do campeonato distrital da zona sul em futebol e só nas épocas de 1942-1943, 1944-1945 e 1945-1946, é que se voltou a sagrar campeão distrital.³² No início da década de 40, o Operária reuniu apoios de diversas entidades e particulares, para além do trabalho gratuito dos operários, a fim de construir um campo de futebol na Chã das Padeiras,³³ a que mais tarde adicionou diversos melhoramentos e a construção de balneários. À semelhança de “Os Leões”, a partir de 1945, também o Operário passou a arrendar o seu campo de futebol aos outros clubes da cidade, a preços mais acessíveis que o seu concorrente. Em 1946, o Operário passou a disputar o Campeonato Nacional da II Divisão em futebol com equipas como o Bombarralense, Club Oriental de Lisboa, Estoril Praia, Alhandra Sporting Club e “Os Leões”. Nos anos seguintes, “... uma equipa aguerrida, composta por elementos jovens, habilidosos...”³⁴ disputava o Campeonato Distrital da I Divisão com clubes como o União de Tomar, o Desportivo de Torres Novas e “Os Leões”. A 21 de Março de 1948 integrou juntamente com “Os Leões” uma equipa mista que defrontou a equipa de honra do Benfica.³⁵ O público associado nem sempre demonstrava compreensão com as claques adversárias nem com os resultados menos felizes obtidos no seu próprio campo, como foi o caso do sucedido num jogo contra o Benavente realizado a 10 de Outubro de 1948. Enquanto o clube

²⁹ Cf. Idem, 2/2/1935, p. 2.

³⁰ Cf. Idem, n.º 53, 3/12/1936, p. 5; *O Scalabitano*, n.º 4, 28/11/1935, p. 3.

³¹ Cf. *Renovação Nacional*, n.º 57, 31/12/1936, p. 8; n.º 58, 4/1/1937, p. 4.

³² Cf. *Correio da Extremadura*, 25/12/1937, p. 2; *Mundo Desportivo*, 17/7/1953, p. 5.

³³ Para as obras do campo de futebol contribuíram o Governo Civil, a Junta de Província do Ribatejo, a Câmara Municipal, a Federação Portuguesa de Futebol, a Associação de Futebol do Distrito, Francisco Ferreira Vinagre, Alfredo César Henriques, Silvino Pinto e os associados Júlio Patrício, Luís Paula de Oliveira, Diamantino de Jesus Faustino e Joaquim Ferreira Henriques. Cf. *Correio da Extremadura*, 27/9/1941, p. 6.

³⁴ *Correio do Ribatejo*, 8/11/1947, p. 7.

³⁵ Cf. Idem, 20/3/1948, p. 2.

visitante, apesar de estar a perder, era apoiado pela sua claque, os adeptos do Operária gritavam “Cala a boca, ó barrão!”. No final do jogo acabaram por perder após terem estado a ganhar durante grande parte do encontro, “... mostrando uma grande cachola... porque o seu grupo nem no seu próprio campo conseguiu vencer!!! (...) nos problemas da bola, o facto de se ser preto ou barrão (?) não interessa... – porque o necessário é saber jogar a bola! – porque além de se saber jogar, se deve ser delicado! O espectador pode não saber jogar... – mas deve ser educado! Ora o União Operária tem alguns elementos que ignoram as duas coisas: – saber jogar e saber ser educado, com prejuízo do Club, claríssimo!”³⁶.

No final da década de 40, a crise continuava a apoquentar a equipa de futebol do clube “... ainda que a actual posição não seja das mais brilhantes, não é demais lembrar os encontros que ainda há poucas épocas faziam vibrar os escalabitanos, pois o “trio” Operário, Leões e Académica, fazia com que os adeptos de qualquer dos grupos acoresse aos campos desportivos, clamando pelo seu favorito, que só ao cabo dos noventa minutos sabia se era vencido ou vencedor, – e quantas vezes só a sorte resolvia a contenda – dada a igualdade dos valores de cada equipa. Mas, relegados para um plano secundário pela actual orgânica do Campeonato Nacional, o seu onze não tem seguido uma orientação técnica que lhe pudesse elevar a posição. Além disso, faltava-lhe a luta com agrupamentos locais que lhe espevitasse o ânimo, para que se aliasse à vontade de vencer, a vontade de se prepararem física e tecnicamente. (...) Não vai muito distante o tempo em que a sua equipa lutou em competições mais altas, defrontando o Sporting, o Belenenses, o Marítimo, o Leça e outros, e os resultados obtidos não deslumbraram o futebol escalabitano. Porque se não há-de trabalhar com afinco para que voltem melhores dias?”³⁷. Na tentativa de recuperar o anterior prestígio e fugir “... ao marasmo em que se encontrava...”³⁸, a direcção do União Operária “... em conjunto com um grupo de associados, resolveu dar novo rumo à colectividade, todos se empenhando em fazer reviver, nas medidas do possível, as tradições do Club.”³⁹. Assim, contrataram um novo treinador, o antigo jogador José Bartolomeu Rodrigues, e instituíram prémios de “assiduidade”, “vitória e dedicação”, “campeões e vencedores” para os jogadores, “... deixando de lado questões e antigos despeitos, trabalhando em conjunto para o bem do Club e do desporto escalabitano, mostrando

³⁶ Idem, 16/10/1948, p. 3.

³⁷ Idem, 23/7/1949, p. 8.

³⁸ Idem, 3/9/1949, p. 4.

³⁹ Idem.

mais uma vez que “União” não é palavra vã dentro da colectividade, trazendo mais para cima o nome do grupo...”⁴⁰. Na temporada 1950-1951, o Operária passou a liderar a tabela classificativa tendo ascendido à I Divisão Regional.⁴¹ Na época seguinte, o Operária mantinha a maioria dos seus jogadores assim como o treinador Fernando Cardoso e atingiu o quarto lugar que lhe permitiu a disputa do Nacional da III Divisão. Durante a restante década de 50, o clube dirigido pelo padre Manuel Maria Henriques manteve-se em competição futebolística ao continuar a disputar o campeonato regional da I Divisão.

A 18 de Janeiro de 1931, o Sport União Operária abriu uma nova secção desportiva, a prática atlética ou atletismo, com a participação dos desportistas no “Cross – Operário” em Santarém, onde “... jovens abandonaram a taberna, deitaram fora as cartas e desprezaram a “bisca”, preferindo calçar um par de alpercatas e envergarem o calção e a camisola operária para disputarem a supremacia naquela primeira prova de “cross – country” que se organizou na nossa cidade, a primeira prova de “cross – country” que se organizou na presente época em Portugal. (...) A assistência era numerosa, o entusiasmo era grande.”⁴². Dos dezassete atletas, oito competiram nos “infantis” e os restantes nos “seniores”, sendo o ponto de partida e chegada o Campo Sá da Bandeira.⁴³ O Operária participou num torneio popular de atletismo organizado por “Os Leões” que decorreu a 25 de Agosto de 1946 e envolveu os restantes clubes desportivos da cidade, tendo os atletas participado em corridas em 80, 300 e 1000 metros, estafetas de 3x80 e 3x300, lançamento do peso, saltos em altura e em comprimento.⁴⁴ A 22 de Janeiro de 1931, o União Operária inaugurou no ginásio do Colégio de Santarém, cedido para o efeito, um curso de ginástica que contava com quarenta atletas masculinos.⁴⁵ Dezasseis anos mais tarde, o clube continuava a aceitar inscrições de rapazes dos catorze aos dezoito anos para integrar as “... turmas de ginástica, que é ministrada no seu campo de jogos por professor competente e sujeita a vigilância médica.”⁴⁶. O ciclismo foi uma modalidade que reuniu alguns adeptos no União Operária. Os atletas do clube participaram nos circuitos de ciclismo promovidas por “Os Leões”, a 5 de Outubro de 1933 e entre 29 e 30 de Outubro de 1949. Esta

⁴⁰ Idem.

⁴¹ Idem, 9/12/1950, p. 4.

⁴² *Correio da Extremadura*, 24/1/1931, p. 2.

⁴³ A prova dos infantis foi ganha por Eloy dos Santos com o tempo de 5’, enquanto o vencedor dos seniores foi Adalberto Duarte com o tempo de 13’49”. Cf. Idem.

⁴⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 31/8/1946, p. 10.

⁴⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 17/1/1931, p. 2.

⁴⁶ *Correio do Ribatejo*, 22/3/1947, p. 2.

última prova, “Circuito do Ribatejo”, foi ganha por António Albino do União Operária que venceu duas etapas e também recebeu a taça da Casa do Ribatejo. O clube ganhou por equipas devido aos resultados de Aníbal Alcobia Costa, José Ferreira, Manuel Rosa, Felismino Morgado e António Preguiça que ficaram classificados em terceiro, quinto, sétimo, oitavo e décimo lugares respectivamente.⁴⁷ A 11 de Janeiro de 1931, na praça de touros, o amador de pugilismo Joaquim Correia (Chocolate) defendeu a camisola do Operária ao disputar e ganhar a taça Alfredo de Aguiar a João Damas. Na homenagem ao atleta José Santa (Camarão) também participaram os profissionais Francisco de Brito, Carlos Martinó, Walter Pressier e José Maria Liberato. Apesar dos preços populares, o público não ocorreu como esperado.⁴⁸ Em Dezembro desse ano, o clube organizou uma sessão de pugilismo novamente na praça de touros. A 18 de Agosto de 1938, o Operária voltou-se para o rio ao participar nas provas náuticas organizadas pelo Sporting Ribeirense, nas categorias de polo aquático e natação.⁴⁹ A prática do basquetebol não reuniu adeptos no Operária ao contrário do que sucedia em outros clubes da cidade, por isso a colectividade recusou o convite de “Os Caixeiros” para disputar o torneio de basquetebol inter-clubes de Santarém, em 1947.

Apesar de o União Operária ser um clube essencialmente dinamizador de actividades desportivas, não descurou outras componentes culturais. Em 1931, o Operária organizou um grupo dramático com o objectivo de levar à cena a opereta “O Sonho de Luísa”, letra de José Avelino de Sousa, música de João Pinto Ribeiro, encenação de João Codina e interpretação de Rosália Diogo, Antonino Pires da Silva, João Codina, José da Guia e José Eduardo Arruda. A estreia decorreu no teatro Rosa Damasceno a 4 e 5 de Abril desse ano.⁵⁰ O sucesso da opereta levou à sua repetição a 23 desse mês, em homenagem à Guarnição Militar de Santarém e aos Combatentes da Grande Guerra. Nessa récita, o União Operária inaugurou um estandarte e o seu hino com letra de José Avelino de Sousa e música de Alberto Codina.⁵¹ Os bailes de sócios e dos familiares eram frequentes na sede da colectividade e /ou no ginásio do Colégio de Santarém, sendo animados por diversas orquestras ou bandas locais como a Orquestra

⁴⁷ Cf. *Ribatejo*, Ano I, n.º 1, Novembro de 1949, p. 13.

⁴⁸ Os preços praticados eram de 20\$00 para os camarotes, 7\$50 para as cadeiras de ringue, 5\$00 e 3\$00 para as bancas respectivamente à sombra e ao sol e 1\$50 para as meias entradas. Cf. *Correio da Extremadura*, 10/1/1931, pp. 7-8; 17/1/1931, p. 6.

⁴⁹ Cf. *Idem*, 20/8/1938, p. 6.

⁵⁰ Cf. *Idem*, 24/1/1931, p. 2; 11/4/1931, p. 2.

⁵¹ Cf. *Idem*, 18/4/1931, p. 2.

Jazz “Os Misteriosos” da Azóia de Baixo⁵². Em 1931, a colectividade adquiriu um piano para animar os serões dos seus sócios. O Carnaval era um dos períodos do ano mais festejados e que contava com a animação de “jazz-band”. Pontualmente, também decorriam outros espectáculos que contavam com artistas locais como Alfredo Albano e a sua “partenaire” Arminda (1946) ou festas taurinas (1942). A 28 de Julho de 1946, o União Operária organizou as comemorações do seu vigésimo sétimo aniversário que contaram com uma palestra sobre a vida da colectividade, uma romagem ao cemitério, provas de “cross-country” (atletismo), um almoço convívio e um baile abrilhantado pela orquestra lisboeta “Glória Jazz”. A maioria das actividades decorreu na sede situada na rua Capelo e Ivens que sofreu obras de beneficiação e alargamento que incluíram a organização de uma biblioteca com leitura na sede e ao domicílio e uma sala de jogos com mesas de bilhar. Durante os meses de Verão, o União Operária organizou verbenas na Cerca de S. Lázaro e na praça de touros, a fim de obter receitas para uma caixa de auxílio aos operários impossibilitados de trabalhar. Paralelamente, o União Operária organizou festivais desportivos que envolviam outras colectividades da cidade com fins solidários de apoio a antigos desportistas e a operários desempregados e/ou doentes.⁵³

A questão da fusão das colectividades desportivas da cidade a fim de criar um clube mais forte que pudesse representar a cidade em competições de maior envergadura nas diversas modalidades surgiu em 1946, a partir de uma proposta de “Os Leões”. A 1 de Novembro de 1947, o Operária reuniu a sua assembleia geral para discutir a hipótese de fusão, à semelhança dos outros clubes desportivos. A ideia não se concretizou porque só obteve o apoio da União Operária, uma vez “... que o insucesso quanto à tentativa de fusão dos clubes desportivos cá da terra não foi surpresa para todos aqueles que não acreditam em milagres...”⁵⁴. No entanto, a fusão entre o Sport União Operária e “Os Leões” acabou por se concretizar em 1969 ao constituir-se a União Desportiva de Santarém.

⁵² Cf. *Correio do Ribatejo*, 15/6/1946, p. 2.

⁵³ Cf. *Idem*, 7/5/1932, p. 6.

⁵⁴ *Correio do Ribatejo*, 8/11/1947, p. 8.

4.6 - Club dos Caçadores de Santarém

Desde 1928 que um grupo de “... distintos sportmen...”¹ da cidade tentava fundar um clube de caçadores. Apesar de Areosa Feio se referir ao Club dos Caçadores de Santarém no seu livro *Santarém, Princesa das Nossas Vilas*, publicado em 1929,² a colectividade apenas foi fundada em Abril de 1930. As preocupações dos caçadores do distrito de Santarém e a dificuldade de poderem “... apresentar as suas reivindicações junto dos poderes públicos ou contribuído para que as licenças não tivessem o elevado custo que chegaram a atingir (...) Regalias desta natureza só as poderão conseguir aqueles que encontrem devidamente agremiados e unidos, que tenham em mira o interesse comum que deve merecer a todos os verdadeiros caçadores o objectivo deste desporto.”³. Segundo os organizadores do Club, “... Santarém, cidade que não é fértil em manifestações desportivas, vai abrir, com a fundação deste club, uma série de elegantes diversões, senão de todo desconhecidas, pelo menos, muito longínquas e raras. Assim, havemos de ver em breve a nossa terra colocar-se a par de outras que, com menos elementos, por ventura de menor valia, têm visto efectivadas manifestações da moderna vitalidade desportiva, como seja tiro aos pombos, pratos...”⁴. Entre os primeiros corpos gerentes encontravam-se os associados Artur Proença Duarte, Mário Nobre, Joaquim Matta e Manuel Pereira Branco. A esta elite da cidade associaram-se patentes militares como os capitães Lino Dias Valente e Albano Coelho, os tenentes Ribeiro de Almeida e Pedro Schiappa Pietra e o alferes Artur Franco. Às mulheres apenas lhes era permitido assistirem às provas e entrega de prémios. O primeiro director do Club foi Silvério Fragoso, enquanto a presidência da assembleia-geral ficou a cargo de Artur Proença Duarte.⁵

A primeira prova desportiva, tiro aos pratos, realizou-se nas festas da cidade, a 18 de Maio, e foi o início de muitas outras vulgarmente intercaladas com o tiro aos

¹ *Correio da Extremadura*, 26/4/1930, p. 3.

² Cf. A. Areosa Feio, *op. cit.*, p. 86.

³ *Correio da Extremadura*, 26/4/1930, p. 3.

⁴ *Idem.*

⁵ Cf. *Idem.*, 7/6/1930, p. 2.

pombos. Em 1931, a colectividade instalou um *stand* para tiro aos pratos e aos pombos na Quinta de S. Lázaro. As receitas de alguns campeonatos de tiro reverteram a favor de obras sociais como o apoio aos tuberculosos, indigentes e crianças em risco. A 27 e 28 de Maio de 1933, o Club organizou em Santarém a Taça de Portugal em tiro aos pombos, com a disputa de avultados prémios na obtenção das taças “Portugal”, “José Veiga” e “Sport”. Na prova participaram, para além do clube anfitrião, as sociedades de tiro aos pombos de Lisboa, Sousel, Elvas, Vila Viçosa e Montemor-o-Novo e os clubes de caçadores de Lisboa e Porto. O recinto da prova na Quinta de S. Lázaro contou com serviço de bar e restaurante.⁶ Os sócios do Club participavam em diversas provas realizadas em Santarém ou noutras localidades, como o torneio Outonal ou o campeonato do Ribatejo. Em 1934, os caçadores escalabitanos participaram na Taça de Portugal em Sousel e no torneio aos pratos e aos pombos realizado em Coimbra, onde Luís Infante da Câmara, José Veiga e Manuel Pereira Branco foram três dos premiados.⁷

A 10 de Junho de 1934, os atiradores inscritos na carreira de tiro de Santarém reuniram-se na sede do Club dos Caçadores para apreciarem o projecto de estatutos que passava a reger a recém-criada Sociedade de Tiro.⁸ Alguns dos dirigentes eram comuns às duas agremiações, como Joaquim Matta, os militares de alta patente Manuel Topinho e Netto de Almeida. Entre 16 e 18 de Novembro de 1935, decorreu em Santarém o II Concurso Anual de Tiro que compreendeu duas provas militares e uma civil organizada pela Sociedade de Tiro n.º 60 de Santarém. A prova civil envolveu concorrentes de Santarém, Lisboa e Setúbal.⁹

Paralelamente à actividade desportiva, o Club promoveu debates sobre assuntos de interesse para os associados, como a apreciação da proposta de lei da caça em 1931. Os sócios também participaram na eleição da Comissão Venatória realizada na Câmara Municipal. Em 1932, o Club inaugurou a sua sede na travessa das Frigideiras. Três anos mais tarde, a Câmara arrendou um terreno ao Club para este “... construir junto à igreja de Santa Clara os seus *stands* de tiro de espingarda e pistola, *court* de ténis e de jogos para crianças...”¹⁰. Deste projecto apenas se concretizou a construção do campo de tiro

⁶ Cf. Idem, 27/5/1933, p. 6; 3/6/1933, p. 6.

⁷ Cf. Idem, 14/7/1934, p. 1.

⁸ Cf. Idem, 7/7/1934, p. 2.

⁹ Cf. Idem, 23/11/1935, p. 8.

¹⁰ Idem, 11/5/1935, p. 6.

de Santa Clara que foi inaugurado a 12 de Março de 1936, a tempo de entrar em funcionamento no decorrer da Exposição Feira.¹¹ Os sócios podiam treinar o tiro aos pratos e aos pombos no novo campo de tiro às quintas-feiras e domingos. Enquanto os pombos pereciam aos tiros dos caçadores, a rapaziada que vivia nos bairros populares junto às barreiras de Santa Clara tentava salvar o conduto para a refeição familiar.¹²

A 9 de Março de 1947, realizou-se uma reunião da assembleia-geral, presidida por Artur Proença Duarte, a fim de decidir se o Club tinha condições para se manter enquanto associação ou se devia ser dissolvido.¹³ Através desta convocatória percebe-se que a colectividade vivia tempos menos prósperos, provavelmente em consequência do rescaldo da Segunda Guerra. Apesar das dificuldades, os associados optaram por manter o Club em funcionamento. Na década de 50, o Club dos Caçadores apresentou maior prosperidade como se pode verificar pela organização do Grande Prémio de Santarém em Tiro aos Pratos, com prémios no valor de cinco mil escudos que decorreu a 6 de Maio de 1956.¹⁴ Dois anos mais tarde, alguns sócios deslocaram-se a Madrid para participar no Campeonato Ibérico de Tiro aos Pratos, onde Augusto Soares de Brito obteve o segundo lugar.¹⁵

¹¹ Cf. *Renovação Nacional*, n.º 15, 12/3/1936, p. 5; *Santarém Exposição – Feira – 1936*, [Santarém], [s.n.], [1936], pp. 8-9.

¹² Entrevista a Custódio Alexandre Silva, Santarém, 22/2/2013.

¹³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 1/3/1947, p. 3.

¹⁴ Cf. *Idem*, 5/5/1956, p. 10.

¹⁵ Cf. *Idem*, 24/5/1958, p. 2.

4.7 - Associação Académica de Santarém

Gil Vicente Sacramento Monteiro, aluno da Escola Agrícola de Coimbra, transferiu-se em 1925 para a Escola Agrícola de Santarém. Ao praticar futebol no Sport Scalabitano “Os Leões” encontrava-se com colegas quer da sua Escola quer do Liceu a quem passou o entusiasmo da Associação Académica de Coimbra onde jogou. Nesse período efectuaram-se na Escola Agrícola reuniões para se estudar a hipótese de se fundar um clube desportivo constituído apenas por estudantes, até porque estes encontravam-se entre os melhores jogadores de “Os Leões”. O projecto acabou por não se concretizar porque os referidos atletas recusaram-se a abandonar o referido clube. Nesse ano, surgiu a Selecção Académica orientada por Gil Vicente que, em Abril, disputou um jogo com “Os Leões” a contar para a taça da Associação Comercial.¹ Em 1926, a Selecção Académica defrontou e venceu as equipas de Veterinária, a Selecção Académica de Lisboa e a Associação Académica de Coimbra. O entusiasmo pelo futebol manteve-se entre os estudantes após Gil Vicente ter partido de Santarém em consequência do término do curso. Os estudantes do Liceu Valdemar Amaral, que jogava no “Torres Novas” e da Escola Agrícola Emílio Albuquerque, que jogava por “Os Leões”, conhecidos como “pais da bola”, aproximaram os dois estabelecimentos de ensino na prática desportiva fortificando a carreira da Selecção Académica. Estes jogadores e Afonso Temudo acabaram por conviver em Coimbra enquanto faziam o seu curso superior e jogavam futebol na Académica local. Temudo jogou futebol durante um ano no Sport “Os Leões” juntamente com outros estudantes como José Fragoso e Raul Pereira Gomes. A dificuldade em adaptar-se a “Os Leões” aumentou a sua ideia de fundar um clube desportivo de estudantes. A 5 de Outubro de 1931, Afonso Temudo e o seu amigo José Suspiro refundaram a Associação Académica de Futebol de Santarém, documentada em 1914, que uniu estudantes do Liceu e da Escola Agrícola após uma cisão operada no Sport “Os Leões”.² Os comentários na imprensa da época reflectiam as

¹ Cf. *Combate*, n.º 3, 28/3/1925, p. 8.

² Entre os sócios fundadores da Associação Académica encontravam-se Carlos Faustino da Silva Duarte, António Fernandes Peralta, José da Silva Louro, Salvador da Cunha Gonçalves, António Pereira de Sant’Ana, Francisco Rosa Pais de Azevedo, Manuel Carvalho Pontes, Celestino Graça, Eduardo Máximo.

atenções voltadas para a nova colectividade “dizem... que vai ser organizada a Associação Académica, que com tal notícia os Leões já tremem, que anda “tempestade” no União Operária, que alguns jogadores do mesmo clube querem voar...”³, assim como as suas rivalidades “dizem... que os Leões não gostam da Associação Académica...”⁴. A sua estreia decorreu na disputa da Taça Preparação organizada pela Associação de Futebol, a 25 de Outubro de 1931, num jogo contra “Os Caixeiros”. Nos primeiros jogos, a nova colectividade levou de vencida quer a primeira equipa que defrontou quer o União Operária e “Os Leões”, “dizem... que a Associação Académica entrou com o pé direito e que os Caixeiros já lhe conhecem a força...”⁵ e “... que a Académica chegou, viu e venceu...”⁶. Na sua primeira temporada, o clube sagrou-se campeão de futebol de Santarém. Em Setembro de 1932, o candidato a dirigente de “Os Leões” Bernardino Henriques tentou iniciar conversações para fundir os dois clubes contando com o apoio do dirigente da Académica Henrique Teles Feio. No entanto, a rivalidade impossibilitou o acordo.⁷ No início da época de 1934-1935, a Associação Académica juntamente com “Os Caixeiros”, o Sport Lisboa e Santarém e o União Operária envolveu-se num diferendo com “Os Leões” sobre o arrendamento do Campo de S. Lázaro para a prática do futebol. Os antecedentes dos dois clubes e o referido conflito aumentaram a sua rivalidade desportiva.⁸ “Os Leões” e a Académica só jogaram no campo do primeiro, a 18 de Novembro de 1934, após autorização do Governo Civil por solicitação da Associação de Futebol, devido aos constantes desacatos entre os dois rivais.⁹ Nessa temporada, o clube renovou o título de campeão de futebol da cidade. Na época de 1935-1936, a Académica jogava no campeonato distrital da zona sul, do qual se sagrou campeão.¹⁰

Maria Cândida Pinto Coelho de Freitas e Maria Leonor Nunes Alves Barradas foram as duas únicas mulheres que integraram a Associação. Cf. Celestino Graça, “Académica, algumas Notas sobre a sua História” in *A Briosia*, n.º 2, Outubro de 1949, p. 3.

³ *Notícias do Ribatejo*, n.º 3, 25/10/1931, p. 8.

⁴ *Idem*, n.º 4, 1/11/1931, p. 5.

⁵ *Idem*, n.º 5, 8/11/1931, p. 3.

⁶ *Idem*, n.º 7, 22/11/1931, p. 3.

⁷ Sobre a fusão entre a Académica e “Os Leões” cf. *Correio da Extremadura*, 3/9/1932, p. 6; 10/9/1932, p. 2.

⁸ Cf. *O Scalabitano*, n.º 3, 21/11/1935, p. 4.

⁹ Cf. *Correio da Extremadura*, 17/11/1934, p. 2.

¹⁰ Cf. *Renovação Nacional*, n.º 39, 27/8/1936, p. 5.



A equipa da Associação Académica de Santarém que se sagrou campeã distrital na temporada 1935-1936 in *Associação de Futebol de Santarém (1924-1999) – 75 Anos*, [Santarém], [s.l.], [1999], p. 27.

Na temporada seguinte, a Académica disputou simultaneamente a II Liga de Futebol com clubes como o Chelas, Sporting das Caldas da Rainha, Casa Pia de Lisboa e “Os Leões” e o campeonato de futebol de Santarém, do qual se tornou campeã, tendo ganho as taças José da Silva Suspiro Júnior e “Inválidos do Comércio”.¹¹ Nos campeonatos disputados entre as épocas 1937-1938 e 1943-1944, a Académica sagrou-se campeã distrital de futebol enquanto nas épocas de 1938-1939 e 1939-1940 venceu o torneio da Província do Ribatejo. A 31 de Maio de 1942, participou, juntamente com os clubes desportivos da cidade, no torneio de futebol para a disputa da taça Adelino Paula, em homenagem ao desportista da cidade.¹² Em 1946, a Académica optou por abandonar a prática de futebol na categoria de seniores mantendo os juniores, em prol do amadorismo integral.¹³ A equipa de juniores venceu o Campeonato Regional de Futebol, em 1947, e na temporada de 1950-1951 continuou a liderar o campeonato. Nos dois anos posteriores, a equipa de futebol júnior qualificou-se respectivamente para os oitavos e para os quartos-de-final nos Campeonatos Nacionais.¹⁴

Na época de 1933-1934, a Académia iniciou as inscrições oficiais no basquetebol. No torneio da modalidade realizado no campo de “Os Caixeiros” a 8 de Abril de 1936, a Académica classificou-se em último lugar atrás do clube anfitrião, do Sport Lisboa e Santarém e do Desportivo Voleibol Club e desistiu de manter o contrato

¹¹ Cf. Idem, n.º 53, 3/12/1936, p. 5.

¹² Cf. *Correio da Extremadura*, 23/5/1942, p. 5.

¹³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 29/9/1956, pp. 1, 10.

¹⁴ Cf. Idem, 13/19/2006, p. 21.

de arrendamento do campo de basquetebol de “Os Caixeiros”.¹⁵ No ano seguinte, a equipa de reservas de basquetebol da Académica participou na festa comemorativa do vigésimo aniversário de “Os Caixeiros”.¹⁶ Em 1938, António Cacho tornou-se treinador e responsável por um grupo de jovens praticantes de basquetebol no clube que se tornaram vencedores de torneios e campeonatos regionais durante vários anos consecutivos, “... pela qualidade de jogo produzida, número de provas e classificações obtidas...”¹⁷. Nesse ano, a equipa de basquetebol venceu a Taça “António Máximo”. Nos anos seguintes, os encontros entre as equipas de basquetebol da Académica e de “Os Caixeiros” mantiveram-se às quais se juntaram as equipas de “Os Leões” e do Ateneu Comercial. Os jogos decorriam no ringue de “Os Caixeiros”, como sucedeu a 19 de Junho de 1943, durante as jornadas desportivas promovidas em Santarém pelo jornal *Diário de Notícias*,¹⁸ ou na disputa da taça “Inválidos do Comércio” no ano seguinte.¹⁹ Estas colectividades possuíam uma equipa de infantis que também disputava o seu campeonato na cidade. A partir de 1946, a Académica voltou a arrendar o ringue de “Os Caixeiros” para a prática da modalidade e venceu a taça António Cacho demonstrando a sua superioridade perante as restantes equipas. Na época seguinte, ao disputar a taça Balneário, a Académica acabou por ser derrotada pela equipa de “Os Caixeiros”.²⁰ No Natal de 1951, a equipa deslocou-se a Vila Nova de Ourém onde defrontou e venceu a equipa local dos Bombeiros Voluntários.²¹ Em 1952, a secção de basquetebol foi extinta.²²

A 27 de Janeiro de 1936, a Académica participou com duas equipas de pingue-pongue no torneio de equipas inter-clubes da cidade, organizado por “Os Leões”.²³ A partir de 1945, a prática do ténis de mesa beneficiou de um grande impulso entre os sócios da Académica com o início de um torneio da modalidade onde defrontaram os rivais de “Os Caixeiros”. Entre 1946 e 1947, a Académica venceu o primeiro Torneio da Casa do Ribatejo, o Campeonato de Santarém, a Taça Grémio do Comércio e Taça João

¹⁵ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 1, acta de 8/4/1936.

¹⁶ Cf. *Idem*, acta de 8/6/1937.

¹⁷ *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*, Santarém, Associação Académica de Santarém, 1961.

¹⁸ Cf. *Correio da Extremadura*, 19/6/1943, p. 2.

¹⁹ O torneio decorreu a 30 de Setembro de 1944. Cf. *Idem*, 7/10/1944, p. 6.

²⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 18/10/1947, p. 3.

²¹ Cf. *Idem*, 29/12/1951, p. 4.

²² Cf. João Gomes Moreira, *Ementa do Almoço de Homenagem dedicado ao Ribatejano António Ferreira Madeira Cacho*.

²³ Cf. *Correio da Extremadura*, 1/2/1936, p. 7.

dos Santos Lúcio.²⁴ A equipa da Académica composta por António Ribeiro, Fernando Carvalho e Eugénio Natividade defrontou e venceu uma selecção de Vila Franca de Xira, num torneio integrado no II Congresso Ribatejano.²⁵ Na época 1947-1948, a Académica ao defrontar “Os Caixeiros” venceu as taças Correio do Ribatejo e Café Central.²⁶ Entre Abril e Maio de 1948, a Académica organizou em colaboração com “Os Caixeiros” e o Grupo Desportivo do Ateneu Comercial o campeonato escalabitano da modalidade, na qual se inscreveram sete equipas. O campeonato decorreu no Ginásio do Seminário e as entradas foram francas. As três equipas da Académica venceram o campeonato acabando todas em primeiro lugar com dezasseis pontos.²⁷ Em 1949, a Académica era o terceiro centro do país na prática da modalidade, em parte devido à acentuada progressão dos seus jogadores e ao treinador e dirigente da secção Francisco Cacho.²⁸ Na temporada 1949-1950, as equipas de pingue-pongue / ténis de mesa venceram a taça Mário Conciato e o II Torneio do Ribatejano.²⁹ Na década de 50, as equipas da Académica continuavam a vencer torneios como a taça da Imprensa (1955).

O atleta João Pimenta obteve o primeiro título oficial de atletismo para a Académica ao vencer a prova dos 80 metros em 1937. Os atletas da colectividade participaram no torneio popular de atletismo organizado por “Os Leões” a 25 de Agosto de 1946.³⁰ A Académica promoveu um torneio de atletismo para principiantes no estádio de “Os Leões”, a 14 de Setembro de 1947, tendo os seus atletas dominado a prova com destaque para Sá Pereira e Damião.³¹ O atleta da Académica José Adriano de Sousa Meneses Monteiro foi campeão nacional de peso entre 1957 e 1959, permitindo-lhe a internacionalização.³² A secção de tiro foi inaugurada em 1937, ano em que o clube obteve o segundo lugar na Prova Cidade de Santarém. A Académica participou nas provas náuticas organizadas pelo Sporting Ribeirense, a 18 de Agosto de 1938. Os resultados obtidos no polo aquático remeteram-na para os primeiros lugares da classificação enquanto na natação os seus atletas António Ferreira, Carlos Bicudo e António Santana arrebataram os primeiros lugares.³³ Em 1939, a Académica iniciou um curso de ginástica que decorria ao ar livre, factor que limitou a sua durabilidade. No

²⁴ Cf. *A Briosia*, n.º 1, Julho de 1949, p. 3.

²⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 19/7/1947, p. 7.

²⁶ Cf. *A Briosia*, n.º 1, Julho de 1949, p. 3.

²⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 24/4/1948, p. 3; 15/5/1948, p. 2.

²⁸ Cf. *A Briosia*, n.º 1, Julho de 1949, pp. 3, 7.

²⁹ Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*.

³⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 31/8/1946, p. 10.

³¹ Cf. *Idem*, 20/9/1947, p. 7.

³² Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*.

³³ Cf. *Correio da Extremadura*, 20/8/1938, p. 6.

final de 1945, a colectividade “... reconhecendo que será da maior utilidade a prática de ginástica orientada tecnicamente (...) tomou a iniciativa de fazer funcionar classes de ginástica na sua sede (...) dirigidas por um distinto professor diplomado pelo Instituto Nacional de Educação Física, sendo uma das classes constituída por “infantis”. Fica assim suprida uma falta que de há muito se fazia sentir nos meios desportivos desta cidade.”³⁴ A partir de 1956, o professor José Teodoro Gameiro passou a leccionar um curso de ginástica.³⁵ A secção de voleibol iniciou-se na Académica em 1946, apesar da sua pouca actividade por falta de praticantes na cidade. Os encontros decorriam no campo de jogos de “Os Caixeiros”, colectividade que na época 1947-1948 também possuía uma equipa da modalidade. Em 1950, a Académica venceu o Águias Sport Club. Na temporada 1952-1953, a equipa venceu o título de campeã de Lisboa da Promoção e o torneio de Encerramento.³⁶ Em 1950, a Académica foi o primeiro clube da cidade a introduzir a prática de hóquei em patins que praticava no ringue de “Os Caixeiros”. A 29 de Outubro desse ano, a Académica defrontou, no campo da Junqueira, uma selecção dos antigos internacionais Leonel da Costa, Álvaro Lopes, Victor Lemos, Olivério Serpa, Rui Pedrosa, Germano Magalhães e Gastão Silva. O árbitro foi o internacional e campeão do mundo Sidónio Serpa.³⁷ No ano seguinte, construíram um ringue no quintal da sede onde passaram a praticar a modalidade, o que lhes permitiu vencer um torneio. Nesse período, “Os Caixeiros” tornaram-se o seu grande rival desportivo. A partir de 1953, a equipa começou a participar nos torneios oficiais da modalidade.³⁸ O projecto de Francisco Cacho para criar uma secção de campismo concretizou-se em 1951. Inicialmente, o projecto não vingou como se pretendia e a secção foi reorganizada em 1957, contando com dezoito participantes.³⁹ A secção de pesca desportiva foi fundada em 1954 e no ano seguinte venceu a taça Turismo.⁴⁰

A Associação alargou os seus horizontes da actividade física à actividade intelectual, deixando “cair” o termo “foot-ball”. Promover a cultura através da realização de conferências, saraus musicais, récitas de poesia, exposições, visitas aos monumentos, o que entusiasmou alguns dos briosos académicos como Joaquim Veríssimo Serrão, os irmãos Cacho (António, Rui, Carlos e Francisco), José de Freitas,

³⁴ *Correio do Ribatejo*, 1/12/1945, p. 2.

³⁵ Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*.

³⁶ Cf. *Idem*.

³⁷ Cf. *Correio do Ribatejo*, 28/10/1950, p. 8.

³⁸ Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*.

³⁹ Cf. *Idem*.

⁴⁰ Cf. *Idem*.

Celestino Graça, Joaquim Martinho da Silva, Carlos Ribeiro, José Pedro do Rosário, José Clemente, Fernando Veríssimo, Joaquim Graís, entre tantos outros nomes. A primeira sede da colectividade foi inaugurada na travessa das Figueiras a 6 de Junho de 1937 e contou com a homenagem e descerramento de retratos dos falecidos sócios José da Silva Suspiro e Pedro Fernandes Peralta.⁴¹ No ano seguinte, a sede da Académica passou para a rua Capelo e Ivens número 164 para se fixar na travessa das Condinhas, número 4, a partir de 15 de Maio de 1942. A biblioteca da Académica foi organizada por uma comissão constituída por Carlos Mendes, Celestino Graça e José Macedo Fragateiro. Muitos dos livros foram oferecidos pelos sócios, destacando-se a dádiva do capitão Júlio da Costa Pinto, do Ministério da Educação Nacional, do Governo Civil e da Comissão Municipal de Turismo.⁴² Em 1949, o sócio Joaquim Martinho da Silva defendia que a “... Associação Académica não é para o estudante uma casa onde se pratica somente o desporto. É uma casa onde nós nos podemos educar moral e cientificamente. A sua biblioteca tem livros valiosos onde os associados podem passar noites agradáveis estudando nos livros ou distraíndo-se com leituras amenas. Por meio da sua comissão bibliotecária podemos trazer compêndios para casa estudando por eles. O estudante pobre não tem que lutar com a dificuldade de aquisição de livros pois a nossa “Briosa” tem-nos na sua biblioteca.”⁴³ Nesse ano, a colectividade promoveu uma campanha para que os alunos que já não precisassem dos manuais escolares os entregassem na biblioteca para serem distribuídos “... por estudantes pobres, durante o período escolar.”⁴⁴.

A Associação Académica organizou vários ciclos de conferências e/ou palestras culturais na sua sede. A 5 de Março de 1939, Hortêncio Pais Lopes apresentou a conferência intitulada “Associações Académicas, sua Função e seu Valor”.⁴⁵ Em 1941, um grupo de sócios constituído por António Cacho, Manuel Afonso, Celestino Graça, Carlos Cacho e João Leal organizou um ciclo de conferências. A primeira foi proferida a 2 de Abril, na presença do governador civil, por Virgílio Arruda e intitulou-se “A Conquista da Saúde”.⁴⁶ Dois meses depois, professor José Barata dissertou sobre “As Aclamações de Santarém”.⁴⁷ Em 1944, a Académica integrou o Grupo de Coordenação

⁴¹ Cf. *Correio da Extremadura*, 5/6/1937, p. 2.

⁴² Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*.

⁴³ Joaquim Martinho da Silva, “Caro Brioso” in *A Briosa*, n.º 2, Outubro de 1949, p. 4.

⁴⁴ *A Briosa*, n.º 1, Julho de 1949, p. 3.

⁴⁵ Cf. *Correio da Extremadura*, 11/3/1939, p. 2.

⁴⁶ Cf. *Idem*, 5/4/1941, p. 6.

⁴⁷ A conferência realizou-se a 13 de Junho de 1941. Cf. *Idem*, 21/6/1941, p. 6.

Cultural, com o objectivo de difundir a cultura junto dos mais desprotegidos. Algumas das conferências promovidas pelo Grupo realizaram-se na sede da Académica, como a proferida pelo crítico cinematográfico Roberto Nobre que abordou o tema “Literatura e Cinema”, a 30 de Março de 1946.⁴⁸ O ciclo de conferências organizado pela Académica prosseguiu com a intervenção “As Principais Tendências da Moderna Literatura”, por Humberto Lopes, realizada a 21 de Março de 1945.⁴⁹ Joaquim dos Santos Martinho abordou o tema “As Associações Académicas, seus Fins e sua Função Social”, um ano depois.⁵⁰ Em 1949, foi criada a primeira comissão cultural da Académica que tinha por objectivo “... dar à massa associativa, estudantes em geral, novos temas culturais para seu intelectual benefício.”⁵¹ Esta organizou um ciclo de conferências que contou com a participação de Adolfo Faria de Castro, António Dias Miguel, Francisco Cordeiro e Joaquim Veríssimo Serrão que abordaram respectivamente os temas “Imagens da Arte Portuguesa”, “Breve História da Poesia Moderna”, “Tonalidades Ribatejanas” numa exaltação do folclore da província do Ribatejo e “Camões e o Significado da sua Epopeia”.⁵² Em Julho de 1949, saiu o primeiro número do boletim informativo da Associação Académica intitulado *A Briosas*, dirigido por Joaquim Veríssimo Serrão. A sua distribuição era gratuita, uma vez que a publicidade dos sócios pagava a publicação. Nesse ano foram ainda publicados mais dois números o boletim, em Outubro e Dezembro. A 15 de Março de 1950, Joaquim Martinho da Silva dissertou sobre “15 de Março de 1147 – a incorporação de Santarém no património sagrado da Nação Portuguesa”, no âmbito do aniversário da tomada de Santarém aos mouros.⁵³ Três dias depois, João de Freitas Branco abordou o tema “Formas Musicais”, sendo acompanhado por solos de piano executados por Victor de Macedo Pinto.⁵⁴ Durante o mês de Maio foram oradores na sede da Académica, José Maria de Sousa Rafael que falou sobre “Cabral e a Terra de Santa Cruz”, enquanto Marília Mariano e José Castelão declamaram poemas de Guilherme de Azevedo.⁵⁵ Entre Setembro e Outubro, os conferencistas Fernando Vaz, Rui Belo e Luís de Oliveira Guimarães apresentaram os temas “Amadorismo e Profissionalismo”, “Guilherme de Azevedo Homem de Santarém Poeta de Portugal” e “Alguns Aspectos de Guerra Junqueiro”.⁵⁶ A 27 de Outubro, os

⁴⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 6/4/1946, p. 8.

⁴⁹ Cf. Idem, 28/4/1945, p. 1.

⁵⁰ Cf. Idem, 23/3/1946, p. 8.

⁵¹ *A Briosas*, n.º 1, Julho de 1949, p. 2.

⁵² Cf. Idem.

⁵³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 11/3/1950, pp. 1, 8.

⁵⁴ Cf. Idem, 25/3/1950, p. 7.

⁵⁵ Cf. Idem, 6/5/1950, p. 8.

⁵⁶ Cf. Idem, 28/10/1950, p. 8.

sócios homenagearam o presidente da comissão cultural, capitão Joaquim de Barros e Mattos e o presidente da direcção, Joaquim Veríssimo Serrão, dando este último o nome à sala de exposições.⁵⁷ No início de 1951, a Académica promoveu várias actividades de índole cultural, como visitas de estudo guiadas aos principais monumentos e/ou espaços de cultura da cidade de Santarém. A iniciativa que foi aberta aos associados mas também a toda a população da cidade pretendia dar a conhecer a história de Santarém, através de visitas guiadas à Igreja da Graça, ao Museu de S. João do Alporão, à igreja do Seminário e à Biblioteca Anselmo Braamcamp Freire sob a orientação respectivamente do capitão Joaquim Barros e Mattos, Zeferino Sarmento, o vice-reitor Fernando Duarte e Adolfo Faria de Castro.⁵⁸ Em 1952, os oradores que passaram pela Académica foram João de Freitas Branco que dissertou sobre as “Juventudes Musicais”, acompanhado pela actuação do Coral Infantil Scalabitano, e Joaquim Veríssimo Serrão, que abordou “O Drama Espiritual dos Poetas do Realismo”. Vieira Natividade, Reinaldo dos Santos e Carlos Cacho (1919-1976) opinaram sobre “As Flores na Poesia Popular Portuguesa”, “Estilo Barroco Português” e “Breves Noções sobre Energia Atómica”, em 1953. Nesse ano, foi criada, em Lisboa, por universitários e ex-estudantes em Santarém, uma delegação da Associação Académica de Santarém, sendo seu principal obreiro Olindo de Figueiredo.⁵⁹ Francisco Rebelo Gonçalves (1907-1982), Zeferino Sarmento e Mário Ventura Henriques abordaram os temas “Afrânio Peixoto e a Língua Portuguesa”, “A Visita de Garrett a Santarém” e “Garrett e os Fenómenos da Poesia”, estes últimos no âmbito das comemorações do centenário do escritor, nas conferências realizadas em 1954.⁶⁰ “Origens de Santarém à Luz da Arqueologia” e “Introdução ao Estudo da Economia” foram as conferências apresentadas por Afonso do Paço e Armando Ramos Monteiro, no ano seguinte.

A partir de 1955, a Académica passou a colaborar com o Cineclubes na formação cultural das crianças de forma a elevar o nível intelectual. Estas frequentavam duas vezes por mês a sede da Associação para assistir a filmes.⁶¹ A 28 de Junho de 1956, o presidente do Clube Filatélico de Portugal, Armando José de Vasconcelos Carvalho, debateu os “Motivos e Vantagens do Coleccionismo de Selos” perante filatelistas de Santarém, Lisboa e Caldas da Rainha. Simultaneamente, foi apresentada a exposição

⁵⁷ Cf. Idem, 4/11/1950, p. 2.

⁵⁸ Cf. Idem, 25/2/1950, p. 1.

⁵⁹ Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*.

⁶⁰ Cf. Idem.

⁶¹ Cf. Idem.

“Filatélica Relâmpago”, na sala de sessões da Académica, organizada pelo delegado da Federação Portuguesa de Filatelia, Filipe da Conceição Domingos, e que contou com numerosos expositores.⁶² No ano seguinte, a Académica fundou as secções de Numismática e Filatelia que em 1961 possuíam mil e quinhentos selos, duzentas e cinquenta moedas e vinte e nove notas e cédulas.⁶³ A Académica e o Círculo Cultural apresentaram uma sessão comemorativa do bi-centenário de Mozart no salão de festas da segunda colectividade, a 26 de Julho de 1956, onde participaram o musicólogo João de Freitas Branco, o concertista Eduardo Marques Simões e Maria Helena Ferreira Campos. Entre os conferencistas de 1956, a Académica contou com Álvaro Mamede Ramos Pereira, José Gomes Braz, José Esteves, António Henriques Barata e César Faustino, que dissertaram sobre “A Economia e o Homem”, “Antero, Vate da Humanidade”, “A Iniciação Desportiva e os Clubes”, “Psicologia e Educação” e “A Ginástica perante a Humanidade e o Desporto”.⁶⁴ No Outono de 1957, a Académica decidiu “... renovar os seus propósitos culturais...”⁶⁵ através da sua comissão cultural promovendo conferências sobre temas da actualidade, exposições de artes plásticas, visitas a monumentos e locais de interesse histórico e artístico para valorizar os prejuízos da especialização desportiva. Nesse âmbito, a Académica promoveu as conferências de Vieira de Almeida, Virgílio Arruda e capitão Júlio da Costa Pinto, respectivamente sobre “Estudo e Técnica”, “Fialho e o seu Tempo” e “Angola na Saudade de um Velho Pioneiro”. Segundo o dirigente José Freitas, a “... Académica, mercê duma acção brilhante indelével no sector cultural (...) tem sabido conquistar, sem sombra de dúvida, um lugar de relevo dentro do ambiente culto da cidade. Com estas manifestações mais se não pretende que enaltecer o valor do espírito na sua projecção dentro do Clube, certos que, com tais realizações, lucros de ordem moral e cultural hão-de advir para a nossa massa associativa e da população de Santarém. Não se olvide que dessa massa associativa de que falamos fazem parte estudantes, rapazes na pujança da sua mocidade, e que, orientados por uma efectiva tarefa de valorização intelectual acabam por receber um forte impulso na sua preparação. Assim, desta actividade (...) têm dimanado evidentes benefícios para todos. Imensos para os jovens associados desta Casa, grandes para todos os antigos estudantes a quem se forneceu a possibilidade de aumentar o seu horizonte intelectual, para o público escalabitano a oportunidade de escutar belas lições e sugestivas

⁶² Cf. Idem.

⁶³ Cf. Idem.

⁶⁴ Cf. Idem.

⁶⁵ *Correio do Ribatejo*, 7/9/1957, p. 1.

conferências.”⁶⁶. Entre 11 e 19 de Janeiro de 1958, a Académica organizou uma exposição de Artes Plásticas que apresentou cento e doze obras essencialmente de artistas escalabitanos.⁶⁷ Nesse ano, os conferencistas convidados foram Lúcio Craveiro da Silva, professor de filosofia e reitor da Faculdade Pontifícia de Braga, coronel Mário Xavier de Brito, António Manuel da Cunha Lopes e Joaquim Veríssimo Serrão, que abordaram os temas “Valores Humanos e Questão Social”, “Reflexões sobre o Desenvolvimento de Santarém”, “Acerca da Vida, do Amor e Morte de Seres Estranhos em Estranho Mundo” e “Santarém no Século XVI”.⁶⁸ Em 1958, publicou-se pela primeira vez o “Jornal Mural” que regularmente era afixado em vitrinas no interior da sede. No ano seguinte, as conferências na Académica mantiveram-se com a presença de Mário Tavares Chicó, capitão Nuno Beja e Carlos Manuel Baeta Neves, que dissertaram sobre “Santarém, Cidade Gótica”, “Santarém na minha Lembrança” e “Um Problema e um Apelo”.⁶⁹

Em 1938, António Cacho e Carlos Mendes propuseram à direcção da Académica a fundação de um grupo cénico,⁷⁰ porque para “... além do desporto há certas actividades que todo o estudante pode praticar na Associação como por exemplo o teatro que desempenha um papel importante na educação das gentes.”⁷¹. A primeira récita realizou-se no teatro Sá da Bandeira, a 21 de Maio desse ano, com a apresentação da comédia de André Brun, “A Maluquinha de Arroios”, e a revista de costumes locais, “Nuvem que Passa”, de José Rosado Salgueiro, musicada por Luís Fernandes. A revista apresentava quadros com títulos relacionados com a economia, a sociedade e a cultura escalabitana, como “Portas do Sol”, “Campinos”, “Café Central”, “Café Estrela

⁶⁶ Idem, 21/12/1957, p. 29.

⁶⁷ Na exposição de Artes Plásticas participaram Augusto Braz Ruivo (desenhos e azulejos), Adriano Quaresma (óleos), António Rafael (óleos), Cadima Tavares (óleos e um desenho), Carlos A. Cruz (óleos), Carlos Patinha de onze anos (óleo), Dionísio Anjos (óleos e jarrões), Mário Gastão da Costa (óleos), Leandro Lucas (óleos), Maria José de Sousa Rafael (óleos, aguarelas e desenhos), Maria Rita Barão Gomes (desenhos), Maria Susana Torgal Nunes (óleos), Eduardo Rosa Mendes (óleos), Sabino Caldas (óleos), José F. Serrão de Faria (óleos), Tomás Borges (óleos), Francisco Santos Vilela (aguarelas) e oito alunas do Colégio de Santa Margarida que apresentaram pinturas, iluminuras, mármore pintado, talha em madeira, plasticina, barro, serapilheira. Cf. *Catálogo da Exposição de Artes Plásticas*, Santarém, Associação Académica de Santarém, 1958.

⁶⁸ Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*.

⁶⁹ Cf. Idem.

⁷⁰ António Gavino, António Cacho, Carlos Mendes, Machado Santos, Viriato Ferreira, Olindo Figueiredo, Alexandre Silva, João Moreira, José L. da Silva, João Soares Ferreira, José C. Consciência, Francisco Cacho, Manuel Afonso, António Ribeiro, Hélder Veríssimo, J. Ferreira Campos, José Bernardo da Costa, Manuel A. Duarte, Joaquim Peralta, Mário Nascimento, Luís Nery, Edmundo Mourão, Fernando Carvalho, António Carvalho, Grimoaldo Duarte, Vasco Ferreira, Américo Gramacho, Augusto Lino, José Santos Pinheiro e Henrique Grena integravam o Grupo Cénico. As mulheres não participaram nas peças sendo os homens a representar os papéis femininos. Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*.

⁷¹ Joaquim Martinho da Silva, “Caro Brioso” in *A Briosa*, n.º 2, Outubro de 1949, p. 4.

Scalabis”, “Celestes”, “Abidis”, “Bombeiros”, “Comércio”, “Indústria” e “Agricultura”. O espectáculo repetiu-se no Club Literário Guilherme de Azevedo, no mês seguinte e no Carnaval de 1939, no teatro Rosa Damasceno, tendo a receita revertido para o Hospital.⁷² Na récita que decorreu a 2 de Março de 1940, no teatro Rosa Damasceno, o Grupo Cénico apresentou a comédia “A Voz do Sangue”, de Eduardo Garrido, ensaiada por João Codina e a revista com oito números musicais “Eles e Elas”, de Manuel Afonso e Joaquim Campos. O Grupo também apresentou o espectáculo em Torres Novas e Coruche, tendo as receitas revertido para a Sopa dos Pobres.⁷³ A 1 de Fevereiro de 1941, apresentou a comédia “O Aldrabão”, de Félix Bermudes e João Bastos, ensaiada por João Codina e em repetição a revista “Eles e Elas”.⁷⁴ Na récita do ano seguinte que decorreu a 21 de Março, o Grupo apresentou a comédia “O Leão da Estrela”, de Félix Bermudes, João Bastos e Ernesto Rodrigues, grande sucesso no teatro Avenida em Lisboa, e a revista “Devaneios”, de Manuel Afonso e Joaquim Campos, ensaiada por Guilherme Pereira. Os números musicados foram acompanhados pela Orquestra Scalábis.⁷⁵ A 27 de Fevereiro de 1943, o Grupo representou, no teatro Rosa Damasceno, a peça “O Troca-Tintas”, de Arnaldo Leite e Campos Monteiro, ensaiada por Guilherme Pereira, seguida de um apontamento de variedades organizado por Manuel Afonso e que contou com a colaboração musical da pianista Judite David e da Orquestra Scalábis.⁷⁶ A partir de 1944, as mulheres integraram o Grupo Cénico que passou a contar com as irmãs Dolores, Acidália e Regina Blaz, Matilde Gavino, Ricardina Morais, Maria Isabel Pereira e Deline Martins. Na récita desse ano, o Grupo apresentou a comédia “Novos e Velhos” de Lino Ferreira, Fernando Santos e Almeida Amaral, ensaiada por Guilherme Pereira, sendo os cenários do teatro Variedades. O espectáculo terminou com um acto de variedades que contou com a colaboração de Manuel Afonso, dos quartetos vocais femininos (Deline Martins, Acidália Blaz, Maria Luísa Almeida, Dolores Blaz) e masculinos (António Gavino, Casimiro Silva, António Alfaiate, Mário Clemente) dirigidos por Judite David.⁷⁷ A 10 de Novembro de 1945, o Grupo Cénico exibiu-se pela última vez no teatro Rosa Damasceno, ao apresentar a peça “O Domador de Sogras”, dirigida por Guilherme Pereira. Alguns dos membros do Grupo, como Carlos Mendes, António Cacho, João Gomes Moreira, Joaquim Campos,

⁷² Cf. *Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém*.

⁷³ *Idem*.

⁷⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 1/2/1941, p. 6.

⁷⁵ Cf. *Idem*, 21/3/1942, p. 2; 4/4/1942, p. 6.

⁷⁶ Cf. *Idem*, 27/2/1943, p. 2; 6/3/1943, p. 6.

⁷⁷ A récita decorreu a 11 de Março de 1944. Oito dias depois, o Grupo repetiu o espectáculo a favor da órfã de cinco anos, Edite Ventura Coelho sob o patrocínio do Governo Civil. Cf. *Idem*, 18/3/1944, pp. 1-2.

ingressaram na Secção de Teatro do Orfeão Scalabitano.⁷⁸ No início de 1948, um grupo de amadores da colectividade iniciou os ensaios da peça “O Pinto Calçudo” com o objectivo de a apresentar no teatro Rosa Damasceno o que não se veio a concretizar.⁷⁹

A Académica organizava bailes para os seus sócios e familiares com alguma regularidade, especialmente para comemorar algumas datas festivas como o Carnaval, a Páscoa, os Santos Populares e a passagem de ano. Estes realizavam-se na sede ou ao ar livre no quintal da colectividade, “... onde se passam noites sem calor e com alegria...”⁸⁰, e eram abrilhantados pelas Orquestras Scalábis, Bombeiros Voluntários de Santarém, Lusitânia, Scalabitana, York de Lisboa, “Os Manos” da Amadora, Ribatejo de Almeirim, Costa Pinto, Alves Coelho e Filho, Monumental de Rio Maior e Ritmo do Barreiro. Alguns dos bailes contavam também com espectáculos de variedades organizados por amadores escalabitanos. Para comemorar o início do ano lectivo, uma comissão de sócios da Académica composta por António Rosa da Silva Pedrosa e Carlos Alberto Faria dos Santos organizou, a 14 de Setembro de 1946, nas salas do Montepio Geral, uma “soirée rose” com a participação da Orquestra Scalábis. Para além do serviço de bar proveniente das melhores pastelarias da cidade, a festa contou com a distribuição de flores, balões, serpentinas, “confeti” e gorros às senhoras que dançassem. O programa era variado e contava com música americana, valsas vianenses, música alusiva ao Carnaval brasileiro, sevilhanas, música do Hawai e uma marcha luminosa com balões, viras, fandangos, corridinhos, numa alusão aos Santos Populares. Estes números foram apresentados pelo “Organizador X” de Álvaro de Castro, com experiência em festas lisboetas na Academia Recreio Artístico e no Clube Lusitano. Perante o sucesso obtido, a festa repetiu-se nas duas semanas seguintes.⁸¹ À semelhança de outras colectividades, a Académica também organizou esplanadas de Verão entre 1941 e 1949, onde decorriam jogos de basquetebol seguidos de bailes. Os encontros de Verão que não envolviam actividades desportivas decorriam no quintal da colectividade. A Académica também organizou pontualmente espectáculos taurinos como vacadas e garraíadas. Alguns destes espectáculos contavam com a presença de figuras consagradas do mundo da tauromaquia, como o cavaleiro David Ribeiro Teles, e as receitas revertiam para o Hospital da Misericórdia e/ou para a Sopa dos Pobres.

⁷⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 10/11/1945, p. 6.

⁷⁹ Cf. *Idem*, 27/3/1948, p. 2.

⁸⁰ *Idem*, 3/7/1948, p. 2.

⁸¹ Cf. *Idem*, 21/9/1946, p. 6; 28/9/1946, p. 6; 5/10/1946, p. 8.

Em Outubro de 1945, a Académica organizou um conjunto de festividades comemorativas do seu décimo quarto aniversário. Para além da sessão solene, do baile regional e de um jantar de confraternização, Joaquim dos Santos Martinho proferiu uma conferência sobre a história da colectividade.⁸² Dois anos depois, as comemorações do aniversário da colectividade passaram essencialmente pela prática desportiva com torneios de futebol, basquetebol, atletismo, voleibol e ténis de mesa. Nas duas últimas modalidades, a Académica defrontou as suas congéneres do Sporting Club de Portugal que sem dificuldade venceram a aniversariante.⁸³ Em Outubro de 1949, a colectividade voltou a comemorar o seu aniversário com diversas actividades. As conferências “Desporto e Trabalho”, “Académica, algumas Notas sobre a sua História”, “Na Hora da Confraternização” e “A Sinfonia Beethoven e a Cultura Moderna” foram proferidas respectivamente pelo professor da Universidade de Coimbra Sílvio de Lima, Celestino Graça, António Cacho e Humberto d’Ávila. Os amadores de música da cidade organizaram uma “Noite de Arte” enquanto um grupo cénico apresentou uma comédia e um espectáculo de variedades. Na biblioteca da colectividade decorreu uma exposição sobre o livro, o desenho e a pintura. Ao nível desportivo, estiveram presentes o Sport Lisboa e Benfica, o Caldas Sport Club e “Os Caixeiros” para participarem num torneio de basquetebol com a equipa homenageada. As equipas da casa em pingue-pongue também defrontaram as suas congéneres de “Os Caixeiros” e do Caldas Sport Club, no Ginásio do Seminário. As antigas glórias do futebol da Académica confraternizaram num jogo que culminou num almoço com fados e guitarradas por Fernando Rolim (1931-) e Alexandre Tavares.⁸⁴ No ano seguinte, a Académica festejou o seu décimo nono aniversário com torneios desportivos nas modalidades de futebol, basquetebol, hóquei em patins e ténis de mesa, um almoço de confraternização, inauguração de melhoramentos na sede, um baile e conferências do jornalista Joaquim Manso e do professor Sílvio Lima que dissertaram sobre “A Alma e a Obra de Junqueiro” e “Temas Desportivos: o Mecânico, o Biológico e o Humano”.⁸⁵

A partir da década de 60, a Associação Académica passou a concentrar a sua actividade essencialmente na prática desportiva, apesar de ter reduzido o número de modalidades. A colectividade que recebeu as medalhas de ouro da cidade de Santarém

⁸² Cf. Idem, 6/10/1945, p. 6; 13/10/1946, p. 6.

⁸³ Cf. Idem, 18/10/1947, p. 3.

⁸⁴ Sobre o décimo oitavo aniversário da Associação Académica cf. Idem, 8/10/1949, p. 8; *A Briososa*, n.º 3, Dezembro de 1949, pp. 1, 2, 4.

⁸⁵ Cf. *Correio do Ribatejo*, 23/9/1950, p. 8; 30/9/1950, 8; 7/10/1950, p. 8.

(1956), do Mérito Desportivo e de Bons Serviços Desportivos, já festejou as suas Bodas de Diamante e continua a desenvolver a prática desportiva, especialmente do futebol, junto das camadas infantis e juvenis.

4.8 - O Campismo Escalabitano

O desejo de vida natural de quem vivia na cidade levou ao surgimento do movimento campista. O campismo surgiu em França na década de 30 e rapidamente chegou a Portugal. Se noutros países foram os estudantes que impulsionaram a divulgação deste desporto, em Portugal o movimento campista muito ficou a dever aos empregados no comércio e de escritório. O Clube Português de Campismo foi fundado em 1937. Devido ao aumento do número de campistas, em 1940 realizou-se o I Congresso Português de Campismo, em Belas, que contou com a orientação da Mocidade Portuguesa. Nesse congresso concluiu-se que havia necessidade de criar uma organização campista que agrupasse os praticantes e defendesse os seus interesses. No ano seguinte, um grupo de campistas criou o Clube Nacional de Campismo que promoveu palestras e criou a revista “Campismo”, para além de se preocupar com os equipamentos para a prática da modalidade. A portaria ministerial de 6 de Janeiro de 1945 criou a Federação Portuguesa de Campismo, a fim de unificar o movimento campista e federar todas as associações distritais. Assim, surgiram as associações no Porto, Faro e Setúbal enquanto o Clube Nacional de Campismo passou a Associação de Campismo em Lisboa. A Federação era “... o órgão superior da hierarquia desportiva do campismo (...) [que] devia promover e disciplinar a expansão e a organização do movimento campista português, difundindo, orientando e regulamentando a prática do campismo...”¹. Os seus estatutos foram elaborados pela comissão administrativa de 1947, constituída por Carlos Mendonça Freire, Francisco da Conceição Amado, José Patrício dos Reis e Artur Varela Pereira e foram discutidos e aprovados no II Congresso da Federação realizado entre 28 de Maio e 2 de Maio de 1948.²

Em Janeiro de 1945, o jornal *Correio do Ribatejo* fez referência ao I Circuito Hibernar da Serra da Estrela onde os campistas andaram durante dez dias e estiveram acampados oito dias sobre a neve e suportando temperaturas baixas, concluindo que “... ainda há portugueses de boa fibra, destes que rejeitam as atitudes burguesas e, afeitos às

¹ *Estatuto da Federação Portuguesa de Campismo*, Lisboa, Tipografia Sousa & Gonçalves, 1948, Cap. I, Art.º 1, p. 1.

² Cf. *Diário do Governo*, II Série, n.º 166/1948, de 19 de Julho.

práticas desportivas, primam antes pelos gestos heróicos.”³. No ano seguinte, um artigo publicado no mesmo jornal referia que “... o campismo está cada vez mais na ordem do dia (...) [e] que, não sendo um desporto, tem utilíssimas facetas desportivas, da maior vantagem para os sedentários que, chegando o mês das férias, se podem dedicar a exercícios salutareis ao ar livre. A marcha, a bicicleta, o barco, a natação, a ginástica, tudo se integra no programa do campismo como factor de cultura física, bastando a vida ao ar puro e ao sol para tornar recomendável este factor higiénico, compensador do desgaste que a vida citadina provoca no nosso organismo. (...) Acampar num pinhal, à beira mar, na serra ou na margem dum rio, é felicidade que se pode obter com uma tenda e pouco dinheiro. Se muitos se dessem ao prazer da vida simples estamos certos de que seria muito maior a alegria de viver!”⁴.

O Grupo de Coordenação Cultural de Santarém aprovou o seu plano de actividades a 23 de Janeiro de 1946, onde previa a realização de cursos de campismo.⁵ No ano seguinte, o Núcleo Campista “Os Livres” de Santarém fundado por João Coelho das Neves e José Pinheiro encontrava-se em actividade e participou na discussão dos estatutos da Federação. João Gomes Moreira e António Cacho fundaram, em 1949, o Núcleo Campista Scalabis que chegou a congregar cerca de trinta participantes. Os campistas associados aos dois núcleos escalabitanos “... lançam-se por esse Portugal fora a animar acampamentos regionais, com grande alegria e espírito de camaradagem.”⁶ Em Setembro desse ano, os campistas escalabitanos participaram num encontro realizado em Alcobaça que contou com a presença de dirigentes da Federação Portuguesa de Campismo e representantes de Setúbal, Porto, Figueira da Foz, Vila Franca, Lisboa, Torres Vedras, Caldas da Rainha, Leiria e Bombarral, para além dos anfitriões. O acampamento decorreu no pinhal da Escola Prática Vieira Natividade, contando a representação de Santarém com vinte e dois representantes num universo de noventa e quatro tendas e cento e cinquenta e três campistas.⁷ “Os Caixeiros” também se empenharam na divulgação do campismo realizando uma exposição sobre a temática no seu campo de jogos, a 12 de Junho de 1947. A colectividade fundou uma secção de

³ *Correio do Ribatejo*, 13/1/1945, p. 1.

⁴ Idem, 18/8/1946, p. 1. No artigo “Campismo”, Carlos Pinhão Correia defendeu a importância deste desporto em expansão, especialmente entre os mais jovens no Ribatejo. Cf. Idem, 15/3/1947, p. 11. Em 1951, J.R.P. escreveu dois artigos intitulados “Campismo, Escola de Paz” onde defendeu a prática do campismo. Cf. Idem, 16/6/1951, p. 4; 23/6/1951, p. 4.

⁵ Cf. Idem, 26/1/1946, p. 2.

⁶ João Gomes Moreira, *Ementa do Almoço de Homenagem dedicado ao Ribatejano António Ferreira Madeira Cacho*, [Santarém], [Gráfica Galdete], 9/5/1992.

⁷ Cf. António Cacho, “Vida ao Ar Livre. De Santarém a Alcobaça uma Jornada que não se Esquecerá” in *Correio do Ribatejo*, 24/9/1949, p. 8.

campismo em Janeiro de 1951 que obteve forte adesão por parte dos sócios e não sócios.⁸ O número de associados da colectividade aumentou devido à expansão da prática da modalidade e à necessidade de obter a carta de campista⁹. Durante a década de 50, “Os Caixeiros” e os Núcleos de Campistas “Os Livres” e “Scalabis” promoveram exposições, conferências e filmes de propaganda sobre o campismo. Em Julho de 1951, dois campistas escalabitanos, Rui Cacho e Fernando Fernão Pires, deslocaram-se a Florença para participarem num acampamento internacional.¹⁰

Após a realização do I Acampamento Nacional Campista nas Caldas da Rainha, em 1948, os campistas escalabitanos envolveram-se no projecto de concretizarem também um evento nacional em Santarém. O II Acampamento Nacional Campista realizou-se em Santarém entre os dias 9 e 11 de Junho de 1950 e foi significativo para a expansão da modalidade entre os ribatejanos, até porque foi o maior do género em Portugal. Este acontecimento fundamental para a vida regional foi inaugurado pelo presidente da Federação Nacional de Campismo, Mário Vieira, após uma conferência de Francisco Lyon de Castro sobre campismo. O acampamento decorreu na Quinta dos Anjos, localizada nos arredores da cidade, propriedade de João Sabino de Passos Caldas, e envolveu cerca de duas mil pessoas, entre portugueses, franceses e belgas. O local com capacidade para instalar mais de mil tendas foi preparado de forma a receber os campistas e a dar resposta ao variado programa que incluiu “... cerimónias oficiais, excursões turísticas, festejos regionais e dois “fogos de campo”, onde os campistas exibirão canções e recitativos de sabor folclórico e nacional, como é de uso nos grandes acampamentos.”¹¹. Se o Clube de Campismo de Lisboa apresentou teatro popular ao ar livre com o quadro “Braços Abertos para a Natureza”, que envolveu dezenas de campistas, a animação ribatejana esteve a cargo da Orquestra Típica Scalabitana. As mulheres também estiveram presentes no acampamento, “... estas de calção, como os homens, animando o seu trajar, que não deixou de causar surpresa em Santarém, ao percorrerem a cidade, os seus monumentos, jardins e miradouros.”¹². Santarém esteve representada pelos núcleos “Os Livres” e “Scalabis” e pelos núcleos em formação “O Luar” e “Santa Iria”. A chuva intensa do último dia inviabilizou o total sucesso do acampamento e o acesso ao público em geral previsto para essa tarde. A importância

⁸ Cf. Idem, 27/1/1951, p. 8.

⁹ A carta de campista era um documento que identificava os praticantes da modalidade que deviam ser maiores de 18 anos e estar inscritos numa colectividade filiada na Federação Portuguesa de Campismo.

¹⁰ Cf. Idem, 21/7/1951, p. 11; 28/7/1951, p. 8.

¹¹ Idem, 8/4/1950, p. 8.

¹² Idem, 17/6/1950, p. 1.

deste encontro nacional levou a Federação Portuguesa de Campismo a dedicar-lhe um número especial onde Joaquim Veríssimo Serrão escreveu sobre Santarém.¹³ A jornada campista muito ficou a dever ao trabalho gracioso de António Cacho, António Gavino, Matilde Gavino e João Gomes Moreira, entre muitos outros admiradores da modalidade.

Na década de 50, um dos maiores problemas da prática da modalidade era a falta de parques de campismo e o número reduzido de casas de abrigo. O problema acentuava-se quando grupos de campistas estrangeiros se deslocavam a Portugal e não tinham espaços com capacidade e comodidade para se instalarem. Como Santarém não possuía um parque de campismo, os escalabitanos que praticavam a modalidade esperavam o apoio da Câmara para erguer essa estrutura.¹⁴ Em Março de 1958, o vereador responsável pela Comissão Municipal de Turismo, Caetano Marques dos Santos (-1963), projectou a instalação de um parque de campismo “... dada a circunstância de ser cada vez maior o número de turistas que nos visita, com os seus carros, e os seus hábitos de independência e civilização.”¹⁵ O parque devia ter as “... condições apropriadas, como abastecimento de água, instalações sanitárias, arrumação de veículos, local para tendas...”¹⁶. No ano seguinte, quando se realizou o I Congresso de Campismo dos Empregados de Escritório da Sociedade de Combustíveis de Santarém, o parque ainda não estava construído. Estes campistas montaram as dez tendas numa propriedade dos Herdeiros de Paulinho da Cunha e Silva, na freguesia rural de Alcanhões.¹⁷ O projecto apenas se concretizou na década de 70, graças ao empenho de António Cacho e João Gomes Moreira, ficando o parque instalado ao lado do edifício dos paços do concelho.

¹³ Idem, 17/6/1950, p. 8.

¹⁴ Cf. Idem, 19/5/1951, p. 8.

¹⁵ Idem, 15/3/1958, p. 12.

¹⁶ Idem.

¹⁷ O acampamento decorreu entre 10 e 12 de Julho de 1959. Cf. Idem, 11/7/1959, p. 10.

5 - Festas Populares e Feiras

5.1 – Verbenas, Esplanadas e Cafés

As verbenas e/ou esplanadas organizavam arraiais ou festas nocturnas com programas variados, com o objectivo de proporcionar divertimentos a preços populares a todos os que não podiam partir de férias para as praias e/ou termas. Para os que ficavam na cidade, as verbenas eram “... um verdadeiro “achado”. Toda a gente se divertiu por pouco dinheiro, ganhando com isso a assistências aos operários impossibilitados de trabalhar e o cofre da benemérita corporação dos Bombeiros Voluntários.”¹. As receitas obtidas com esses espectáculos revertiam essencialmente para as colectividades que as organizavam, contemplando as causas que defendiam, ou para instituições como a Sopa dos Pobres ou o Hospital da Misericórdia. Em cada Verão, estes espaços de cultura popular surgiam pela cidade movimentado uma larga franja da população.

Cerca do Asilo da Misericórdia

A Cerca do Asilo da Misericórdia começou a funcionar no Verão de 1923. A Empresa Ideal, proprietária do Animatógrafo Ideal, passou a apresentar filmes às quintas-feiras e domingos. Simultaneamente decorriam bailes e quermesses em benefício da Misericórdia. Na década de 30, a Cerca mantinha a sua actividade de estio. O filme de propaganda “A Revolução de Maio”, de António Lopes Ribeiro estreou aí, a 4 de Julho de 1937. Este projecto, que permitiu angariar fundos quer para o asilo quer para o hospital, acabou por não alcançar a década de 40.

Verbena de S. Francisco ou dos Bombeiros Voluntários

No início da década de 30, a Banda dos Bombeiros viveu um período de grande instabilidade, coroado por uma grave crise financeira que ameaçou a sua existência.

¹ *Correio da Extremadura*, 10/10/1931, p. 2.

Perante esta situação, o Regimento de Cavalaria 4 cedeu, durante o Verão de 1931, uma dependência do seu quartel, a alameda de S. Francisco, para aí se realizarem espectáculos diversos como cinema, variedades e bailes populares, a fim de angariar fundos para o cofre da organização musical.² A programação ficou a cargo dos Bombeiros Voluntários enquanto a Banda dos Bombeiros se tornou uma presença constante nos espectáculos. As receitas obtidas também reverteram a favor dos Bombeiros a fim de adquirem um pronto-socorro.

Verbena de S. Francisco 1931³	
Data	Programa
2 de Agosto	Filme “O Navio do Diabo”. Concerto pela Banda dos Bombeiros. A actriz Teresa Gomes cantou fados. Jogos diversos. Baile.
9 de Agosto	Filme. Concerto pela Banda dos Bombeiros. Bailados por Anita Correia. Actuação dos artistas Pepita de Abreu e Rui Metelo que fizeram sucesso no Coliseu dos Recreios.
16 de Agosto	Filmes “Vagabundo no Oceano” e “Caçada no Deserto”. Espectáculo pela actriz e cantora Virgínia Soler.
23-24 de Agosto	Filme “Contra Peso de Família” e exibição de um documentário português. Espectáculo pelos artistas Holbeche Bastos e Dulce de Meneses.
29-31 de Agosto	Revista “É... Garganta” por uma companhia de artistas de Lisboa. Concerto pela Banda dos Bombeiros.
6-7 de Setembro	Filme “O Conde de Monte Cristo”. Concerto pela Banda dos Bombeiros.
12 de Setembro	Filme “O Pele Vermelho”. Concerto pela Banda dos Bombeiros.
13 de Setembro	Filme “De Casaca e Luva Branca”. Concerto pela Banda dos Bombeiros.
19 de Setembro	Filmes “Dentro da Lei” e “Aquela Rapariga”. Concerto pela Banda dos Bombeiros.
26 de Setembro	Filmes “Tortura da Carne” e “Caçador de Dotes”. Exibição do documentário “Revista Mundial”
28 de Setembro	Concerto pela Banda dos Bombeiros.
4 de Outubro	Filme “Chama Divina”.

² Cf. Idem, 11/7/1931, p. 2.

³ Cf. Idem, 1/8/1931, p. 2-10/10/1931, p. 2.

No ano seguinte, a verbena de S. Francisco voltou a funcionar nos mesmos moldes revertendo as receitas a favor dos organizadores dos espectáculos, os Bombeiros Voluntários e a Banda dos Bombeiros. A verbena abriu a 12 de Junho para comemorar a noite de Santo António com um baile, fogueiras, iluminações e queima de alcachofras. O serviço de bar estava a cargo do Café Estrela Scalabis.⁴ A verbena decorreu habitualmente às quintas-feiras e domingos e estava “... fazendo as delícias dos santarenos... o que se aconselhava era um pouco de água para apagar a poeira do recinto.”⁵.

Verbena de S. Francisco 1932⁶	
Data	Programa
12 de Junho	Filme “Ladrões de Jóias”. Baile. Fogueiras de Santo António, iluminações e queima de alcachofras.
13 de Junho	Filme “O Cadete de West Point”.
19 de Junho	Filme. Concerto pela Banda dos Bombeiros. Baile.
23-24 de Junho	Festas de beneficência a favor da Misericórdia. Filmes com actores como Greta Garbo e Buster Keaton. Bailes. Fogueiras de S. João. Tômbola. Barracas com venda de doces e gelados.
26, 28 de Junho	Festas de beneficência a favor da Misericórdia. Filmes. Bailes. Fogueiras de S. Pedro. Tômbola. Barracas com venda de doces e gelados.
10 de Julho	Concerto pela Banda dos Bombeiros. Espectáculo por uma companhia de variedades com artistas de Lisboa.
20-22 de Julho	Espectáculo por uma companhia de variedades “Vianor” de Lisboa, com a apresentação do imitador de mesmo nome, a companhia de baile “Lady and Jaury” e cantores.
28 de Julho	Filme.
31 de Julho	Filme.
14 de Agosto	Filme “Circe a Encantadora”.

⁴ Cf. Idem, 18/6/1932, p. 2.

⁵ Idem, 20/8/1932, p. 6.

⁶ Cf. Idem, 11/6/1932, p. 7-24/9/1932, p. 2.

21 de Agosto	Filme “O Grande Salto”.
4 de Setembro	Filme. Concerto pela Banda dos Bombeiros.
11 de Setembro	Filme “O Turbulento Teddy”.
18 de Setembro	Homenagem aos ciclistas participantes na III Volta a Portugal em Bicicleta. Concerto pela Banda dos Bombeiros. Filme.
27 de Setembro	Exibição de um filme cuja receita reverteu para a “Sopa dos Pobres”.

Nos dois anos seguintes, a verbena manteve-se em funcionamento, mas com um menor impulso e uma programação baseada essencialmente na projecção de filmes.

Esplanada da Banda dos Bombeiros

O sócio e mecenas da Banda, Joaquim Cunha e Matta, emprestou um quintal que se situava junto à casa de ensaios da referida colectividade, atrás da igreja da Graça, para a realização de concertos e várias diversões ao ar livre durante os meses de Verão. No recinto foram instaladas barracas de tómbola e um restaurante.⁷ O teatro Sá da Bandeira emprestou a sua máquina de projecção, o que permitiu a exibição de filmes, especialmente portugueses. Os preços eram acessíveis à maioria da população que muitas vezes se fazia acompanhar da sua cadeira para poupar alguns tostões.

Esplanada da Banda dos Bombeiros 1938-1940⁸	
Data	Programa
6 de Agosto de 1938	Concerto pela Banda dos Bombeiros. Baile.
10 de Agosto de 1938	Festival de variedades.
11 de Agosto de 1938	Filme.
12 de Agosto de 1939	Baile.
9 de Setembro de 1939	Último baile da temporada abrilhantado por uma orquestra jazz.
14 de Julho de 1940	Exibição do Rancho Tá-Mar da Nazaré. Baile.
15 de Julho de 1940	Espectáculo pelos fadistas do “Retiro da Severa” Fernando Farinha, Armandinho, Alfredo Marceneiro, Arminda Vidal,

⁷ Cf. Idem, 27/2/1937, p. 8.

⁸ Cf. Idem, 1938-1940.

	Adelina Ramos, Maria Emília Ferreira, Maria do Carmo, José Porfírio, Filipe Pinto, Xavier Pinto, acompanhados por Raul Nery e Alfredo Costa. Baile.
16 de Julho de 1940	Festa de homenagem a todos os executantes da Banda dos Bombeiros e ao seu maestro Manuel Canhão.
21 de Julho de 1940	Espectáculo pelos fadistas do “Retiro da Severa” Fernando Farinha, Armandinho, Arminda Vidal, Rosa Maria, Natividade Pereira e o actor Octávio de Matos.
24 de Agosto de 1940	Filmes “A Canção da Terra”, “Hora H”, “O Vale dos Tigres”.
27 de Agosto de 1940	Filme “A Carga da Brigada Imperial”. Espectáculo pela actriz de revista Ercília Costa.
31 de Agosto de 1940	Filmes “As Pupilas do Senhor Reitor” e “Cigano Ladrão”.
3 de Setembro de 1940	Filmes “O Filho de Frankenstein” e “Mil Apoteoses”.
7 de Setembro de 1940	Filmes “A Tormenta” e “Sangue Ardente”.
10 de Setembro de 1940	Filme “Aldeia da Roupa Branca”.

Durante os anos da guerra, a esplanada suspendeu a sua actividade. Em 1946, a direcção da Banda contratou a Orquestra Scalabis e alguns números de variedades vindos de Lisboa para realizar uma série de espectáculos e bailes, na sua sede, durante os meses de Verão.⁹ A pedido de muitos dos associados, a partir de 23 de Agosto de 1947, a Esplanada da Banda voltou a funcionar após uma paragem de seis anos. Na estreia decorreu um concerto pela Banda seguido de baile abrilhantado por uma orquestra-jazz, tendo as receitas revertido a favor do Cofre de Auxílio ao Executante.¹⁰ As obras na igreja da Graça, realizadas entre 1948 e 1949, conduziram à demolição da sede da Banda e por consequência o espaço onde decorria a esplanada.

Verbena na Alameda Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém

Esta verbenha decorreu na zona ribeirinha da cidade, entre 26 de Julho e 3 de Agosto de 1931, tendo as receitas revertido a favor da assistência aos tuberculosos.

Esplanada da Banda dos Bombeiros	
1931¹¹	
Data	Programa
26 de Julho	Inauguração de casas de chá e refrescos. Abertura da quermesse.

⁹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 4/5/1946, p. 2.

¹⁰ Cf. *Idem*, 23/8/1947, p. 2.

¹¹ Cf. *Correio da Extremadura*, 1/8/1931, p. 2-8/8/1931, p. 2.

	Gincanas de bicicletas. Concerto pela Banda dos Bombeiros.
2 de Agosto	Concerto pela Banda de Alcanena.
3 de Agosto	Gincana de bicicletas. Desafio de basquetebol entre equipas do Liceu e da Ribeira que ganhou. Concerto pela Nova Filarmónica de Pernes.

Verbena na Cerca de S. Lázaro

A verbenha na Cerca de S. Lázaro foi organizada pelo Sport Grupo União Operária num espaço cedido por Sara Silveira. Durante o Verão de 1931, organizaram-se espectáculos com o objectivo de obter fundos que permitissem auxiliar operários doentes e/ou em precária situação financeira. Estes deviam solicitar auxílio através de ofício enviado à Comissão Administrativa constituída por Manuel António Baptista, Pedro Marques, José Alexandre, João Trindade de Almeida, Antonino Pires da Silva, Francisco Cruz, Manuel da Graça e Américo Jacob. A sede do projecto funcionava no Colégio de S. José. Os primeiros operários contemplados com 100\$00 cada foram o pintor José Madeira, o pedreiro Júlio César Lavareda, o sapateiro Silvino Vitorino e o marceneiro Aquilino Grego. A maioria destes operários sofria de tuberculose ou necessitava de cirurgias com carácter de urgência. Na lista de operários também se encontravam três mulheres, de profissão desconhecida, que receberam entre 50\$00 e 100\$00.¹²

No espaço da verbenha foi instalado um aparelho cinematográfico cedido por António Marques Pinheiro, ligado à exploração do teatro Sá da Bandeira, e “... barracas para quermesse, tómbola, argolas, pim-pam-pum, comboio, venda de chá e recinto vedado para bailes.”¹³. A inauguração decorreu na véspera de S. João estando o serviço de bufete a cargo do Café Estrela Scalabis. No primeiro fim-de-semana, a verbenha recebeu mais de dois mil e quatrocentos visitantes. As receitas do baile realizado a 23 de Julho reverteram a favor da Creche de Nossa Senhora dos Inocentes.

¹² Cf. Idem, 4/7/1931, p. 2; 23/7/1931, p. 2.

¹³ Idem, 20/6/1931, p. 2.

<p style="text-align: center;">Verbena na Cerca de S. Lázaro 1931¹⁴</p>	
Data	Programa
23-25 de Junho	Concerto pela Filarmónica de Pernes. Baile.
28-29 de Junho	Concerto pela Filarmónica de Pernes. Baile.
2 de Julho	Baile.
9 de Julho	“Tragédia de Amor”, novela policial em 10 episódios e 29 partes.
12 de Julho	Concerto pela Filarmónica de Alcanede. Fados por Ercília Costa. Baile.
13 de Julho	Concerto pela Filarmónica de Pernes. Fados por Ercília Costa. Baile.
16 de Julho	Baile.
19 de Julho	Filme “Maquilage”. Espectáculo com a fadista Maria Albertina e o cançonetista Filipe Pinto.
20 de Julho	Filme “Quem Inventou a Partida...”. Espectáculo com a fadista Maria Albertina e o cançonetista Filipe Pinto.
23 de Julho	Baile.
26 de Julho	Baile.
2 de Agosto	Filme “A Mulher na Lua”. Baile popular abrilhantado por uma “jazz-band” composta por quinze executantes.
3 de Agosto	Espectáculo pela fadista Maria Albertina que, a pedido, interpretou o “Fado de Santarém”. Baile.
5 de Agosto	Espectáculo com a cantora Amélia Vasquez.
6-7 de Agosto	Baile.
9 de Agosto	Filmes “A Inocência Nua” e “A Condessa Endiabrada”. Concerto pela Banda Nova de Pernes. Fogo-de-artifício. Baile popular.
13 de Agosto	Baile.
15 de Agosto	Filme “Amor de Perdição”. Baile popular abrilhantado pela Velha Filarmónica de Pernes.
20 de Agosto	Filme “Fátima Milagrosa”. Baile.
22 de Agosto	Filmes “Fátima Milagrosa” e “Indigestão”. Baile.
23 de Agosto	Filme “O Salto da Morte”. Baile.
27 de Agosto	Baile.

¹⁴ Cf. Idem, 20/6/1931, p. 2-26/9/1931, p. 2.

29 de Agosto	Filme “Os Fidalgos da Casa Mourisca”. Baile popular abrilhantado por uma “jazz band”. Rifa de um garraio.
30 de Agosto	Filmes.
5 de Setembro	Filme “Aventuras de Biscotin”.
6 de Setembro	Filme “Malacara, Cavalo Selvagem”.
12-13 de Setembro	Exibição da Companhia Espanhola de Variedades com o artista Vianor.
19 de Setembro	Filme “O Caminheiro”.
20 de Setembro	Filmes “Pulsos de Ferro” e “Lobo de Canyon”.
26 de Setembro	Filmes “Um Homem às Direitas” e “Alerta com as Viúvas”.

Verbena de S. Domingos ou da Praça de Touros

À semelhança da Verbena na Cerca de S. Lázaro, também esta foi organizada pelo Sport Grupo União Operário e decorreu durante os meses de Julho, Agosto e Setembro de 1944. A inauguração decorreu a 2 de Julho com uma sessão de fados e um baile. A fim de atrair o público, anunciaram-se “preços populares” e bailes abrilhantados por “excelentes orquestras”.

Verbena de S. Domingos ou da Praça de Touros 1944 ¹⁵	
Data	Programa
2 de Julho	Espectáculo por uma embaixada de fadistas do Café Luso de Lisboa. Baile.
15 de Julho	Variedades com os artistas Idalina de Almeida, Alda Bettencourt, Olga França, Moisés Campelos, António Vilela e Artur Machado. Espectáculo com os ginastas e atletas Guerra Mix e seus filhos (refugiados belgas). Baile.
16 de Julho	Exibição do Rancho Regionalista do Bairro de Campo de Ourique, privativo da Sociedade Filarmónica “Alunos de Apolo” “... composto por quarenta e duas figuras, que exhibirá bailados e canções de todas as províncias de Portugal, com marcações de Charles, letra de Jaime Lúcio e música de Melo Júnior.” ¹⁶ .
6 de Agosto	Exibição do Rancho Folclórico Tá-Mar da Nazaré.

¹⁵ Cf. Idem, 1/7/1944, p. 2 - 23/9/1944, p. 2.

¹⁶ Idem, 15/7/1944, p. 2.

13 de Agosto	Exibição do Rancho Típico Regional de Soure.
20 de Agosto	Espectáculo com o humorista Joaquim Cordeiro e os fadistas do Café Marialvas, Márcia Condesso, Ilda Silva, Manuel dos Santos e Epifânio Guimarães, acompanhados por Salvador Gomes e Renato Rami.
27 de Agosto	Exibição do Rancho do Sorraia e dos seus fandanguistas.
9 de Setembro	Espectáculo com a bailarina Lolita Bahamonde, o trio Julmar's entre outros artistas. Baile.
16 de Setembro	Baile com a Orquestra “Os Misteriosos” ao preço único de 1\$00.
24 de Setembro	Festa taurina e fados a preços populares.

Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros”

A Esplanada dinamizada por o Grupo de Futebol os Empregados no Comércio “Os Caixeiros” funcionava no campo de jogos da Cerca da Mecheira e foi uma das mais frequentadas durante a década de 40. A sua programação pretendeu aliar a prática desportiva aos espectáculos musicais, sem esquecer os famosos bailes muitas vezes abrilhantados por orquestras da cidade, como a Scalabis¹⁷. Os primeiros espectáculos com as referidas características começaram em Julho de 1940, com especial destaque para a exibição das equipas femininas de basquetebol de “Os Belenenses” e do Clube Desportivo de Pedrouços.¹⁸ No ano seguinte, os preparativos para a abertura da Esplanada iniciaram-se em Junho, após as obras de remodelação para aumentar a comodidade dos espectadores e montagem de uma nova aparelhagem sonora pela casa “Electro-Dinâmica”.¹⁹ As noites eram animadas, os preços baixos e o serviço de bar esmerado.

Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros”	
1941²⁰	
Data	Programa
23-24 de Junho	Festivais populares nocturnos comemorativos do S. João. Baile, fogueiras, queima de alcachofras e venda de manjericos.

¹⁷ A Orquestra Scalabis foi fundada em 1940 por Adriano Mendes Pereira e era constituída por onze elementos que integravam outros agrupamentos musicais como a Orquestra do Orfeão, a Orquestra Típica e a Banda dos Bombeiros. Os vocalistas da Orquestra foram Matilde Gavino, Gina Anjos, João Condinho (1924-) e Carlos Franco (1925-).

¹⁸ Cf. Idem, 13/7/1940, p. 2.

¹⁹ Cf. Idem, 21/6/1941, p. 2.

²⁰ Cf. Idem, 21/6/1941, p. 2-27/9/1941, p. 2.

19 de Julho	Baile abrilhantado por um acordeonista.
20 de Julho	Sessão de Fados pela embaixada do Solar da Alegria, com Berta Cardoso, Maria Cármen, Noémia Cristina, Júlio Proença e Frutuoso França acompanhados por Casimiro Ramos e Alfredo Mendes.
24 de Julho	Gincana de bicicletas com a inscrição de algumas senhoras. Baile.
3 de Agosto	Jogo de basquetebol entre o Carnide e a Associação Académica. Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
9 de Agosto	Baile abrilhantado por uma orquestra jazz.
10 de Agosto	Festival de basquetebol organizado pela Associação Académica. Baile.
13 de Agosto	Festival de basquetebol entre “Os Caixeiros”, a Académica e o União Futebol de Lisboa. Baile.
16 de Agosto	Festival de basquetebol organizado pela Associação Académica. Baile.
23 de Agosto	Festival de basquetebol organizado pela Associação Académica. Baile abrilhantado pela Orquestra Jazz Riomaioireense.
31 de Agosto	Marcha Luminosa do Bairro de Campo de Ourique, ²¹ privativa da Sociedade Filarmónica Alunos de Apolo de Lisboa exibiu-se na Esplanada após uma actuação diurna na praça de touros de Santarém.
6 de Setembro	Baile com o acordeonista António Mestre ²² .
13 de Setembro	Jogo de basquetebol entre “Os Caixeiros” e a Académica Jogo de basquetebol entre “Os Caixeiros” e o União Futebol de Lisboa. Baile.
20 de Setembro	Exibição do cantor Jacinto Pereira e do ilusionista d’Aguilar. Baile.
28 de Setembro	Gincana de bicicletas. Baile abrilhantado pelo Jazz dos Bombeiros Voluntários.
2 de Outubro	Baile com o acordeonista António Mestre.

Em 1942, a Esplanada foi inaugurada durante a comemoração das bodas de prata de “Os Caixeiros”. A direcção do teatro Rosa Damasceno, acusada de ter levantado dificuldades à abertura da Esplanada, defendeu-se numa declaração publicada na imprensa da cidade onde afirmava que “... não está no âmbito da direcção do teatro Rosa Damasceno tentar prejudicar os interesses de qualquer colectividade de Santarém, antes pelo contrário os tem auxiliado.”²³.

²¹ A Marcha ganhou o prémio “Elegância” nas Festas Centenárias.

²² O acordeonista António Mestre era natural de Lagos e aos dezasseis anos ganhou um prémio em Paris numa competição com cinquenta e quatro tocadores. Cf. Idem, 6/9/1941, p. 2.

²³ Idem, 25/7/1942, p. 2.

Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros”

1942²⁴

Data	Programa
12 de Junho	Baile dedicado aos sócios.
13 de Junho	Baile.
22-23 de Junho	Festas populares comemorativas do S. João. Bailes abrilhantados pela Orquestra Scalabis. Fogueiras e queima de alcachofras.
28 de Junho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
29 de Junho	Baile abrilhantado pela Orquestra “Os de Verdade”.
4 de Julho	Espectáculo com os ilusionistas Robertini e Olivier. Baile.
12 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
19 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
21 de Julho	Variedades com Lucinda Trindade e Júlio Monteiro. Baile abrilhantado pela Orquestra Columbia de Lisboa.
1 de Agosto	Baile abrilhantado pela Ribatejo Orquestra Jazz de Almeirim
5 de Agosto	Variedades com o artista da rádio José Castelo.
12 de Agosto	Baile.
19 de Agosto	Variedades. Baile.
23 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Dancing de Lisboa.
26 de Agosto	Variedades com Carlos de Oliveira e a bailarina sambista Black Daisy.
30 de Agosto	Actuação da artista Virgínia Soler. No intervalo realizou-se um baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
5 de Setembro	Espectáculo de ilusionismo. Baile.
16 de Setembro	Baile.
21 de Setembro	Noite de fados e variedades com Fernando Farinha, Adelina Ramos, Berta Cardoso e Júlio Vieira, acompanhados por Casimiro Ramos e Fernando Reis.
26 de Setembro	Jogo de basquetebol entre uma equipa mista da cidade e o Sport Lisboa e Benfica. Baile abrilhantado pela Broadway Orquestra Jazz. A receita reverteu a favor da Sopa dos Pobres.
30 de Setembro	Espectáculo com os artistas da Emissora Nacional, Arménio Silva e Óscar de Lemos organizado pela delegação de Santarém dos “Inválidos do Comércio”.
18 de Outubro	Noite desportiva com um jogo de basquetebol entre “Os Caixeiros” e a Académica. Baile.

²⁴ Cf. Idem, 30/5/1942, p. 2-26/9/1942, p. 2.

<p align="center">Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros” 1943²⁵</p>	
Data	Programa
23 de Junho	Festas populares comemorativas do S. João. Baile. Fogueiras e arraial.
28 de Junho	Festas de S. Pedro. Actuação do acordeonista Teodoro Gonçalves. Baile com a Orquestra Scalabis.
7 de Julho	Baile.
10 de Julho	Fados, sambas e canções com Ema de Oliveira, Maria Laura e António Rosa. Baile.
17 de Julho	Jogo de basquetebol entre “Os Caixeiros” e o campeão de Leiria.
31 de Julho	Espectáculo de <i>music-hall</i> com a companhia de dança da bailarina Black Daisy. Baile.
14 de Agosto	Baile.
21 de Agosto	Espectáculo dedicado à canção nacional, com Noémia Cristina, Margarida Pereira, Deolinda de Sousa, Gabino Ferreira e Jaime Silva, acompanhados por Adelino dos Santos e Fernando Reis.
28 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Ibéria. Actuação da Troupe Dubini que apresentou números musicais e de comédia.
4 de Setembro	Baile.
18 de Setembro	Baile abrilhantado pelo acordeonista Teodoro Gonçalves. Actuação dos artistas Elvira Velary, Ondini Dubini e José Dubini.

No Verão de 1944, a Esplanada reabriu “... completamente remodelada na sua organização e beneficiada com grandes melhoramentos (...) estando já feito contrato com algumas das melhores orquestras do país e números de variedades de grande sensação.”²⁶. O primeiro espectáculo decorreu a 2 de Agosto, mas o maior êxito da Esplanada ocorreu com a actuação de Amália Rodrigues, a 16 de Setembro.

²⁵ Cf. Idem, 19/6/1943, p. 2-18/9/1943, p. 2.

²⁶ Cf. Idem, 8/7/1944, p. 2.

<p align="center">Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros” 1944²⁷</p>	
Data	Programa
2 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Dancing.
13 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Jazz Ribatejo de Almeirim.
20 de Agosto	Espectáculo de variedades com Noémia Cristina, Natividade Correia e Jaime Silva. Baile abrilhantado pelo acordeonista Teodoro Gonçalves.
9 de Setembro	Jogo de basquetebol entre “Os Caixeiros” e “Os Leões”. Baile abrilhantado pela Orquestra Broadway.
16 de Setembro	Espectáculo com Amália Rodrigues, após o sucesso que alcançou em Madrid. Baile.
24 de Setembro	Jogos de basquetebol entre “Os Caixeiros”, a Académica e “Os Leões”. Baile.
30 de Setembro	Noite dedicada aos “Inválidos do Comércio” com disputa da taça de basquetebol com o mesmo nome entre “Os Caixeiros”, “Os Leões” e a Académica. Baile abrilhantado pela Orquestra dos Bombeiros Voluntários.

No ano de 1945, o espaço da Esplanada beneficiou novamente de melhoramentos ao introduzir novas comodidades para o público e ao adquirir um amplificador eléctrico a utilizar nos serões de arte.

<p align="center">Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros” 1945²⁸</p>	
Data	Programa
23-24 de Junho	Festejos de S. João. Bailes abrilhantados pela Orquestra Jazz Ribatejo. Fogueiras.
30 de Junho	Baile abrilhantado pela Orquestra Jazz Ribatejo.
5 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Jazz Ribatejo.
11 de Agosto	Sessão de fados com os artistas privativos do Café Luso, de Lisboa, Carlos Ramos, Natividade Correia e Maria Augusta. Baile.
1 de Setembro	Baile.
29 de Setembro	Baile abrilhantado pela Orquestra “Olivais Sax-Jazz”, de Lisboa.

²⁷ Cf. Idem, 29/7/1944, p.2-7/10/1944, p. 2.

²⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 23/6/1945, p. 2-29/9/1945, p. 2.

Em Maio de 1946, a direcção de “Os Caixeiros” reuniu um grupo de sócios para ajudar a organizar o campo de jogos e definir a programação da Esplanada de Verão.²⁹

Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros” 1946³⁰	
Data	Programa
22 de Junho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis, para angariar fundos para “Os Caixeiros”, organizado por um conjunto de sócios.
27 de Julho	Jogo de basquetebol entre “Os Caixeiros” e o clube da “Casa Hipólito” de Torres Novas. Baile abrilhantado pela Orquestra “Os Lusitanos” de Torres Vedras.
31 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis “... que com o seu vasto reportório perfeita harmonia, tem sabido honrar a nossa terra em toda a parte, onde se tem exibido, motivo porque este baile está a ser aguardado com muito interesse pelos seus numerosos admiradores.” ³¹
3 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
11 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis e dedicado à toureira Conchita Cintron que nessa noite actuou na praça de touros da cidade.
24 de Agosto	Jogo de basquetebol entre “Os Caixeiros” e o Sport Algés e Dafundo. Baile.

Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros” 1947³²	
Data	Programa
23 de Junho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis. Fogueira e queima de alcachofras. “O representante nesta cidade dos afamados produtos de beleza Cosmel, distribuirá a todas as senhoras, amostras dos seus muito apreciados produtos.” ³³
5 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
13 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
23 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
2 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra “Os Águias” de Coruche.
6 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.

²⁹ Cf. *Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, n.º 3, acta n.º 8, 21/5/1946.

³⁰ Cf. *Correio do Ribatejo*, 22/6/1946, p. 2-24/8/1946, p. 2.

³¹ BMS – Programas da Orquestra Scalabis, 31/7/1946.

³² Cf. *Correio do Ribatejo*, 21/6/1947-6/9/1947.

³³ BMS – Programas da Orquestra Scalabis, 21/6/1947.

	Distribuição de brindes aos presentes oferecidos pelos principais estabelecimentos comerciais da cidade num “Cocktail da Publicidade”.
9-10 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis que também acompanhou a cantora Constança Maria da Emissora Nacional.
23 de Agosto	Baile seguido do “II Cocktail da Publicidade”.
30 de Agosto	Exibição da cançonetista Alda Mota da Emissora Nacional. Baile abrilhantado pela Orquestra Olivais de Lisboa.
6 de Setembro	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis, seguido do “III Cocktail da Publicidade”.
20 de Setembro	Concurso do Vestido de Chita.

Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros”
1948³⁴

Data	Programa
26 de Junho	Baile abrilhantado pela Orquestra Ribatejo, de Almeirim.
3 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Caravela, de Lisboa.
10 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Flórida, de Lisboa.
14 de Julho	Baile.
17 de Julho	Baile.
24 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
31 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Ribatejo, de Almeirim. Actuação da cantora da Emissora Nacional, Alda Mota.
7 de Agosto	Desafio de basquetebol entre a equipa de “Os Caixeiros” e a Associação Desportiva e Educação de Torres Vedras. Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
14 de Agosto	Desafio de basquetebol entre a equipa de “Os Caixeiros” e a Associação de Educação Física e Desportiva de Torres Vedras. Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabis.
21 de Agosto	Baile e actuação do ilusionista D. Edmundo.
11 de Setembro	Actuação do Rancho Folclórico Popular de Alpiarça. Baile abrilhantado pelo Grupo Musical do Rancho.
18 de Setembro	Baile abrilhantado pela Orquestra Adónis.

Esplanada dos Empregados no Comércio, “Os Caixeiros”
1949³⁵

Data	Programa
Junho	Festas alusivas aos Santos Populares.
9 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Broadway.

³⁴ Cf. *Correio do Ribatejo*, 26/6/1948, p. 2-18/9/1948, p. 2.

³⁵ Cf. *Idem*, 2/7/1949, p. 2-10/9/1949, p. 2.

16 de Julho	Desafios de basquetebol entre “Os Caixeiros” e o Campolide Atlético Club e entre a Associação Académica e uma equipa mista de Santarém. Baile.
30 de Julho	Desafio de basquetebol entre “Os Caixeiros” e o Casa Pia. Baile abrilhantado pela Orquestra Broadway.
6 de Agosto	Baile abrilhantado pela Orquestra Broadway.
13 de Agosto	Desafio de basquetebol entre “Os Caixeiros” e o Grupo Desportivo Ferroviário de Lisboa. Baile.
27 de Agosto	Desafio de basquetebol entre “Os Caixeiros” e o Sporting de Torres Vedras. Baile abrilhantado pela Orquestra Broadway.
28 de Agosto	Disputa do Campeonato Corporativo de Voleibol com a presença das equipas do Instituto Nacional de Estatística, do Cimento de Leiria e do Banco Lisboa e Açores.
10 de Setembro	“Noite Ribatejana”.

Esplanada no Quintal da Associação Académica

À semelhança de outras colectividades, a Associação Académica também organizou uma esplanada no jardim da sua sede. Durante o ano de 1942, os bailes animaram as noites quentes de Verão. Sete anos mais tarde, a Académica retomou o funcionamento da sua esplanada para que os seus sócios e familiares passassem “... umas horas de grande animação...”³⁶.

Esplanada no Quintal da Associação Académica 1942³⁷	
Data	Programa
24 de Junho	Baile de S. João.
22 de Agosto	Baile.
5 de Setembro	Baile abrilhantado pelo acordeonista José Massena Fialho, o Ceguinho da Luz.

³⁶ Idem, 6/8/1949, p. 2.

³⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 20/6/1942, p. 2-5/9/1942, p. 2.

<p align="center">Esplanada no Quintal da Associação Académica 1949³⁸</p>	
Data	Programa
18 de Junho	Baile e bufete.
23 de Junho	Baile de S. João.
6 de Agosto	Baile.

Verbena das Portas do Sol

O local apazível onde se situa o Jardim das Portas do Sol permitiu que nas noites de Verão fosse bastante frequentado, especialmente por famílias. À semelhança do que sucedeu nas décadas de 10 e 20, organizou-se no Verão de 1946 uma Verbena nas Portas do Sol, revertendo as receitas para a Casa de Trabalho de Marvila. Por cima do lago foi colocado um palco que estava rodeado com barracas de petiscos, tómbolas, diversões e bazares. O “cantinho ribatejano” servia “jantares concerto” com o acompanhamento musical de uma concertina, sendo as marcações feitas na Comissão de Turismo. Os espectáculos eram abrilhantados por artistas amadores da cidade como os Rambóias, o Quarteto Vocal e os fandanguistas António Gatinho, Custódio Santiago e Osvaldo Teixeira. A futura vocalista da Orquestra Típica, Matilde Gavino, estreou-se na Verbena, nesse Verão, com as canções “Futuro” e “Senhora de Sameiro”, acompanhada por João Moreira e pelo seu irmão, o maestro António Gavino. A fadista Berta Cardoso, o cantor de Coimbra, Mário de Castro, o fantasista Arménio Silva e a bailarina Maria Luísa foram alguns dos profissionais que passaram pela Verbena.³⁹ Os Santos Populares foram festejados “... com animação, havendo fogueiras e alcachofras, cravos, manjericos e concerto pela Banda dos Bombeiros.”⁴⁰ Para além do cinema ao ar livre, eram frequentes as exibições de ranchos folclóricos, como o do Sorraia, Coruche e o da Moçarria, Santarém.

Esplanada dos Combatentes

Esta Esplanada funcionou, em 1946, na avenida dos Combatentes onde predominava o bairro operário da cidade. A chamada “aldeia dos macacos” era uma

³⁸ Cf. *Correio do Ribatejo*, 18/6/1949, p. 2-6/8/1949, p. 2.

³⁹ Cf. *Idem*, 13/7/1946, p. 2.

⁴⁰ *Idem*, 29/6/1946, p. 1.

avenida nova composta por pátios com pequenas casas térreas onde os operários e as suas famílias se amontoavam como “macacos nos seus galhos”. Os bailes de carácter popular animaram a maioria desses serões de estio.

Esplanada dos Combatentes 1946⁴¹	
Data	Programa
7 de Julho	Baile com a Orquestra Jazz Os Misteriosos. Variedades com Nelly e Domy, palhaços parodistas e musicais através dos seus exóticos instrumentos.
11 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Jazz Ribatejo, de Almeirim.
15 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Jazz Ribatejo, de Almeirim.
20 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Jazz Ribatejo, de Almeirim.
27 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Os Águias.
28 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Portugal.
4 de Agosto	Baile abrilhantado pela orquestra regida pelo maestro Alves Coelho.
18 de Agosto	Baile abrilhantado pela orquestra regida pelo maestro Alves Coelho.
25 de Agosto	Baile abrilhantado pela orquestra regida pelo maestro Alves Coelho e dedicado aos vencedores do Torneio Popular de Atletismo que receberam os prémios.

Esplanada de Santa Clara

A Esplanada funcionou no átrio do convento de Santa Clara durante o Verão de 1947. A sua programação contemplava essencialmente bailes abrilhantados por acordeonistas.

Esplanada de Santa Clara 1947⁴²	
Data	Programa
16 de Agosto	Baile pelo acordeonista Teodoro Gonçalves. “Concurso das Mentiras” promovido pelo representante da firma de perfumes e cremes de beleza “Cosmel”.
30 de Agosto	Baile pelo acordeonista Teodoro Gonçalves.
6 de Setembro	Baile abrilhantado pelo acordeonista alentejano Certezas.
13-14 de Setembro	Bailes com quatro acordeonistas.

⁴¹ Cf. Idem, 6/7/1946, p. 7-24/8/1946, p. 2.

⁴² Cf. Idem, 16/8/1947, p. 2-13/9/1947, p. 2.

Esplanada Colonial na Verbena do Salvador

A Esplanada funcionou durante o Verão de 1951, na rua Luís de Camões, no pátio das Escolas Primárias do Salvador, porque “... o local reúne as melhores condições para o fim em vista, central, isolado, sendo um dos mais belos da cidade quanto ao aspecto panorâmico. A população vai certamente ficar radiante com este novo empreendimento, tanto mais que ele representa a garantia duma bela distracção e duma frescura aprazível nas noites quentes que já se fazem sentir.”⁴³. Ao contrário de outras esplanadas/verbenas, as receitas desta reverteram para o seu proprietário que teve a preocupação de trazer à cidade muitos dos artistas em voga na Emissora Nacional. A inauguração prometida para o fim de Junho apenas se veio a concretizar a 15 de Julho num espaço “... profundamente iluminado, (...) um atraente aspecto, com a sua alegre decoração, funcionando ali retiros e barracas de doces regionais, comidas e bebidas e um palco para espectáculos de variedades com plateia para algumas centenas de espectadores.”⁴⁴. Esta Esplanada pretendia substituir a extinta feira popular da cidade que decorreu entre 1948 e 1950 promovida pela F.N.A.T..

Esplanada Colonial na Verbena do Salvador 1951 ⁴⁵	
Data	Programa
15 de Julho	Inauguração da verbena com um espectáculo pelos artistas Maria Sidónio, Toni de Matos, Luís Horta, Maria de Lurdes Coelho, apresentados por Marques Vidal.
21 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabitana.
22 de Julho	Espectáculo de variedades com os artistas da Emissora Nacional, Francisco José, Eduardo Futre, Maria do Carmo, Maria Susete acompanhados pela pianista Maria Carolina e a Orquestra Scalabitana. A locução ficou a cargo de Marques Vidal.
28 de Julho	Baile abrilhantado pela Orquestra Scalabitana.
29 de Julho	Espectáculo de variedades com os artistas Hernani Muñoz, Mimi Gaspar, João Azevedo, Mimi Muñoz, Maria Luísa Boulanger, João Viana (Vianinha), Fernando Carmo, Muñoz Filho e Lisete Alves.
5 de Agosto	Espectáculo com os artistas João Villaret, Miguel Simões, Horácio Reinaldo, Maria Helena Ferreira, Maria Benamor,

⁴³ Idem, 16/6/1951, p. 7.

⁴⁴ Idem, 21/7/1951, p. 11.

⁴⁵ Cf. Idem, 16/6/1951, p. 7-15/9/1951, p. 2.

	acompanhados pelo pianista Diego del Piero e pela Orquestra Scalabitana.
12 de Agosto	Espectáculo com os artistas Humberto Madeira, Lisete Moinhos, Maria de Lourdes Coelho e Montanha Campos, acompanhados pelo pianista Humberto Batalha e pela Orquestra Scalabitana. A locução ficou a cargo de Miguel Simões.
19 de Agosto	Espectáculo com os artistas Tomé de Barros Queiroz, Maria Pazo, Eduardo Futre, Maria del Carmen Quintana, Maria Augusta Gândra e Carlos Agostinho. O acompanhamento musical ficou a cargo da orquestra de variedades Costa Rica.
26 de Agosto	Baile.
2 de Setembro	Apresentação do “Programa Rádio Publicitário” com os artistas Irene Velez, Luís Horta, Luís Piçarra, Maria Amélia Marques, Maria Pereira, Mimi Gaspar, Rui Mascarenhas e o quinteto dos “Companheiros da Alegria”, ficando a locução a cargo de Igrejas Caeiro. Concurso “À Procura duma Estrela”, sendo o amador escolhido contemplado com 500\$00 e uma viagem com estadia de uma semana em Vila do Conde.
9 de Setembro	Espectáculo como mágico Dr. Kalwó e as artistas Hermanas Lopez e Palmira.
16 de Setembro	Espectáculo com os artistas João Villaret, Virgínia Soler, Gina Maria, Marilú e Rui Ferrão, acompanhados pela pianista Maria Carolina e pela Orquestra Scalabitana.

Cafés

A separação dos grupos sociais manifestava-se na frequência dos cafés onde o factor masculinidade imperava e onde a clientela se organizava de acordo com o estatuto social e profissional e as preferências políticas. Santarém não era uma excepção à regra, pois os cafés eram essencialmente frequentados por homens de classe média e/ou alta, enquanto aos outros restava as tabernas. Às mulheres, ditas senhoras, estavam reservadas as pastelarias (Bijou⁴⁶ e a Eureka), as confeitarias (Scalabis⁴⁷) e as casas de chá (Abidis). Por estes espaços de convívio, passava a conversa, a discussão política, o “mal-dizer”, os bilhares, o xadrez, as exposições, os apontamentos literários e musicais.

Na década de 20, os cafés Nacional e Estrela Scalábis eram dos espaços mais frequentados na cidade. O primeiro destes espaços situava-se na rua Guilherme de Azevedo, foi fundado a 10 de Outubro de 1925 e era propriedade dos sócios Cruz e

⁴⁶ A pastelaria Bijou foi inaugurada a 22 de Dezembro de 1945. Quatro anos depois, também funcionava durante o Verão na Nazaré. Cf. Idem, 23/12/1950, p. 8.

⁴⁷ A confeitaria Scalabis pertencia a João Marques Eloy e foi inaugurada em 1940.

Anachoreta.⁴⁸ O Estrela Scalábis pertencia a Alfredo da Silva Leitão e foi fundado em 1922. Em 1925, “... o centro de reunião mais *chic* de Santarém...”⁴⁹ promovia concertos musicais abrilhantados pelo violinista, violoncelista e pianista do teatro Rosa Damasceno, às terças-feiras, quintas-feiras e sábados que atraíam vasta clientela.⁵⁰ A 6 de Dezembro de 1925, financiou a taça de futebol “Estrela-Scalabis”.⁵¹ No Verão do ano seguinte, Alfredo da Silva Leitão aumentou as instalações do café em Santarém e criou uma sucursal da Nazaré, na dependência do Hotel Central de Santarém.⁵² A partir de 1932, o café Estrela Scalabis passou a organizar campeonatos de bilhar que se mantiveram nos anos seguintes. A inauguração de um novo salão de jogos com duas mesas de bilhar, em 1941, contou com a presença do presidente da Associação Portuguesa de Amadores de Bilhar, coronel Joaquim de Azevedo, e do bilharista internacional João Pereira que se apresentou perante os amadores escalabitanos.⁵³ No final de 1942, o café foi adquirido pela Sociedade Comercial União Ribatejana⁵⁴ que promoveu um concurso para alterar o nome do espaço. O “novo” café Portugal beneficiou de obras projectadas pelo arquitecto Filipe Nobre de Figueiredo e passou a funcionar no rés-do-chão, enquanto o restaurante se situava no primeiro andar e no segundo funcionava a sala de jogos. O local, reaberto em Abril de 1943, também beneficiava de um terraço onde a clientela de funcionários públicos, comerciantes e viajantes de ocasião podia desfrutar da paisagem da velha urbe.⁵⁵ Pelo café Portugal passaram torneios de bilhar, de damas e de xadrez, por vezes em disputa com os desportistas do café Arcádia. A 5 de Outubro de 1944, o pintor escalabitano Leandro Lucas apresentou uma exposição de pintura.⁵⁶ O café que foi vendido em 1946 e das práticas culturais e desportivos apenas restaram os bilhares até à década de 70.⁵⁷

O café Central encontrava-se ligado a um hotel com o mesmo nome que pertencia à família Fernão Pires. Em 1932, o café sofreu uma grande remodelação que o

⁴⁸ Cf. *O Combate*, n.º 32, 17/10/1925, p. 2.

⁴⁹ Idem, n.º 35, 7/11/1925, p. 7.

⁵⁰ Cf. Idem, n.º 34, 31/10/1925, p. 1; n.º 38, 28/11/1925, p. 5.

⁵¹ Cf. Idem, 28/11/1925, p. 8.

⁵² Cf. *Jornal de Santarém*, n.º 75, 14/8/1926, p. 1.

⁵³ Cf. *Correio da Extremadura*, 15/2/1941, p. 6.

⁵⁴ Cf. Idem, 17/10/1942, p. 2; 31/10/1942, p. 2; 7/11/1942, p. 2. A Sociedade Comercial União Ribatejana era constituída por Bernardino Ribeiro Gonçalves, Miguel de Almeida Melo (1905-1969), Francisco Martins, Mário dos Santos Forte, António de Oliveira Silvestre, Abel Duarte Viana, Henrique Dias Ferreira, José Dias Ferreira, José Maria Antunes, José Augusto Baptista, João da Silva Salsa, Manuel Henriques, Tomás Pereira da Fonseca, Luís Torres Baptista, António Francisco das Neves e António Pinheiro da Costa.

⁵⁵ Cf. Idem, 10/4/1943, p. 6.

⁵⁶ Cf. Idem, 30/9/1944, p. 6.

⁵⁷ Cf. Idem, 4/5/1946, p. 7.

transformou num dos espaços mais frequentados pela elite da cidade. O café da firma de Ramiro Fernão Pires apresentava-se “... agora melhorado em todo o seu aspecto, com a sua profusa e bem distribuída iluminação, os seus bilhares modernizados, os seus frisos de azulejos holandeses, a decoração sóbria mas elegante das suas paredes em tons suaves e o seu novo mobiliário, dá-nos a mais bela impressão de atractivo, vindo concorrer poderosamente para a animação da vida santarena.”⁵⁸. Quatro anos depois, o proprietário modernizou a fachada do seu café de acordo com o projecto do arquitecto Amílcar Pinto.⁵⁹ A clientela do café reinaugurado a 17 de Abril de 1937 “... conseguiu instituir no seu interior, uma verdadeira hierarquia, de acordo com a organização vigente. Ao entrar pela bela porta circulatória, ficava-nos ao lado direito do corredor central, o espaço fixo das forças vivas da Nação, os deputados, os autarcas, um ou outro grande lavrador, sentando-se do lado esquerdo, uma boa parte dos altos contestatários ao regime, advogados ou funcionários normalmente conotados com a oposição. Era uma espécie de parlamento táctico, em que cada um ocupava o seu espaço particular e se auto definia apenas pela posição que ocupava. Eram raras as trocas de palavras ou as alusões à sua situação, porque no fundo, todos sabíamos que acima de tudo pairava a regra do silêncio vigiado e todos a aceitavam à sua maneira.”⁶⁰. No Central ceavam muitos dos artistas e conferencistas que se deslocavam a Santarém. O salão de jogos ficou instalado entre o café e o hotel, onde os torneios de bilhar eram frequentes.

O café Brasileira pertencia ao ribeirense Florentino Dias Vigário e era um ponto de encontro para comerciantes e agricultores, pois situava-se no “coração da cidade”, o largo do Seminário. Por se localizar próximo do liceu, o espaço atraía muitos estudantes, em especial para jogar bilhar. Entre 1944 e 1945, o café beneficiou de obras, mas a sua mística permaneceu. Herberto Helder inspirou-se para escrever um conto ao frequentar o Brasileira quando aí foi “... companheiro de vagabundagens nocturnas e digressões filosóficas...”⁶¹.

A Orquestra Scalabis actuou na inauguração do café Arcádia, situado na rua de S. Nicolau, a 6 de Fevereiro de 1943. Os proprietários David Rodrigues e a pianista Judite Figueiredo David desenvolveram neste seu espaço uma cultura musical associada ao serviço de café e restaurante. Nesse âmbito, o espaço promoveu um concerto pela

⁵⁸ Cf. Idem, 18/6/1932, p. 6.

⁵⁹ Cf. Idem, 25/7/1936, p. 3; 17/4/1937, p. 6.

⁶⁰ Luís Eugénio Ferreira, *op. cit.*, pp. 23-24.

⁶¹ Idem, p. 23.

Orquestra Ibéria, a 18 de Dezembro de 1943.⁶² O Arcádia organizava frequentes espectáculos musicais recorrendo com frequência aos amadores da cidade e promovia campeonatos de damas e de xadrez.⁶³

Outros cafés ou bares mantiveram activa a vida cultural da cidade, como o bar Ribatejo, fundado em 1942 por um adepto desportivo, José Serafim Moreira, o bar Berlenga, de João Gomes Beja, ou o Café Estrela do Mar, de João Lopes. Este último estava ligado à oposição ao regime e era local de confraternização para grupos desportivos e agentes culturais. Em 1930, Raul Peixoto adaptou um espaço de armazém que possuía no largo das Amoreiras a uma casa de pasto, a Adega Ribatejana, que entre outras actividades “... proporciona jogos ao ar livre...”⁶⁴. Durante o verão de 1932 e 1933, a Adega organizava bailes populares aos sábados e domingos que atraíam essencialmente forasteiros e o operariado da cidade.⁶⁵

O hotel Abidis foi inaugurado a 7 de Outubro de 1944 com uma festa apenas acessível às classes mais abastadas da cidade e arredores. O espectáculo contou com a presença dos artistas da Emissora Nacional, Curado Ribeiro, Maria Gabriela, Arménio Silva, Irmãs Meireles e o pianista cantor Fausto Caldeira.⁶⁶ O hotel de Diamantino Veloso passou a contratar os cantores da rádio mais famosos para animar as suas festas, enquanto orquestras vindas de Lisboa abrilhantavam os bailes de passagem de ano.

⁶² Cf. *Correio da Extremadura*, 18/12/1943, p. 2.

⁶³ Cf. *Idem*, 10/4/1943, p. 2.

⁶⁴ *Idem*, 11/4/1931, p. 2.

⁶⁵ Cf. *Idem*, 18/6/1932, p. 2; 1/7/1933, p. 2.

⁶⁶ Cf. *Idem*, 30/9/1944, p. 6.

5.2 - Das Exposições Feira à Feira do Ribatejo

Feiras do Milagre e da Piedade

“A Feira da Piedade,
Divertimento do povo,
Tem certa grandiosidade,
Lavou a cara de novo...

Da cidade toda a gente
Faz por lá largas noitadas
Mas quem goza francamente,
São as almas namoradas.”¹

As duas feiras anuais de maior importância económica realizavam-se em Santarém nos meses de Abril e Outubro, respectivamente as feiras do Milagre e da Piedade. Ambas datam da segunda metade do século XIX e encontram-se associadas a festividades religiosas e às irmandades afectas às igrejas de Santo Estêvão ou do Milagre e de Nossa Senhora da Piedade. À semelhança das exposições feiras, o Campo Fora de Vila ou Sá da Bandeira foi o palco escolhido para instalar estes locais de comércio e diversão. Quando, em 1935, a Comissão de Turismo projectou ajardinar o Campo, considerando que este se encontrava desaproveitado, o administrador do jornal *O Scalabitano*, Sebastião Sarmento, saiu em defesa da manutenção do espaço “... a festa tradicional e característica do Ribatejo, a festa portuguesa por excelência, tem ali o seu teatro natural. A picaria, a pega, a espera de gado, ali se realizam tradicionalmente, com a alegria sã e expansiva da gente do Ribatejo, o mesmo se não dando numa praça de touros. É justo e necessário que o Município e o Turismo conservem o recreio natural e característico que anima e dá vida a Santarém e que tem dado excelentes interesses à Misericórdia, em vez de empunharem o camartelo da civilização mecânica e dinâmica, pretendendo alienar o Campo para o transformar em qualquer recinto banal e improdutivo, onde a vida da cidade só artificialmente logrará ter alguma animação fora das já referidas (...) resumindo, o Campo deve continuar a ser o local da feira e das picarias, local de comércio e recreio do povo de Santarém e arredores tablado da mais

¹ *Correio da Extremadura*, 15/10/1927, p. 2.

típica festa portuguesa.”². O Campo manteve-se até à década de 50 como um espaço multiusos da cidade.

A feira do Milagre iniciava-se no domingo de Pascoela, durava uma semana e encontrava-se associada à relíquia do Santíssimo Milagre. Esta começou por se realizar no largo do Pereiro, próximo da igreja de Santo Estêvão, local onde se guarda a relíquia. Os feirantes beijavam-na antes da inauguração do certame, numa cerimónia que decorreu até 1910.³ As barracas da feira transitaram para o Campo Fora de Vila, em 1925, e passaram a ser iluminadas por luz eléctrica cedida gratuitamente pela Câmara.⁴ Em 1933, o certame passou a ser uma iniciativa da Associação Comercial de Santarém. A partir da década de 50, a feira foi perdendo a sua importância em favor das festividades religiosas. A sua durabilidade foi diminuindo drasticamente, os circos⁵, os carroceiros e outros divertimentos procuraram outros mercados mais movimentados.

No final do século XIX, a feira da Piedade era “... o grande pretexto para convergir a Santarém as gentes das vilas, aldeolas e casais disseminados pelas veigas ribatejanas.”⁶. As festividades e o movimento das gentes das aldeias para a cidade levaram a prosas apaixonadas escritas por João Arruda⁷, José Osório⁸ e Alberto Pimentel que ao visitá-la encontrou “... na cidade um movimento e animação extraordinária, um borborinho constante de trens, cavaleiros, de peões que chegavam a cada momento. Santarém estava em festa. No Campo Sá da Bandeira armavam-se as barracas dos feirantes, de brincheiros, de franqueiros, de quinquilheiros, de ourives, de bebidas, de pim-pam-pum (estas estão em grande número), havendo também armados alguns teatros populares. Num dos recantos do campo havia enorme estendal de frutas (...) No Largo do Espírito Santo, sobre a terra, e arrumada contra as paredes, estavam expostos as alfaías agrícolas e as madeiras em construção. No Largo – Pimentel Pinto – era a feira de gado, muito abundante de exemplares e de espécies. Contornando o Passeio da Rainha havia alinhamentos de tabuleiros com bolos, brinquedos, lugares de frutas, legumes e hortaliças...”⁹.

² *O Scalabitano*, n.º 3, 21/11/1935, pp. 1, 4.

³ Cf. *Correio do Ribatejo*, 1/4/2010, p. 12.

⁴ Cf. *O Combate*, n.º 5, 11/4/1925, p. 3.

⁵ Pela feira do Milagre passaram os circos Mariano (1926), Royal (1928), Vilar (1931-1932), Portugal (1934), Luftman (1939, 1948), Equestre Victória (1939), Império (1937-1938) e Alegria (1949, 1951).

⁶ *Correio da Extremadura*, 15/10/1891, p. 1.

⁷ Cf. João Arruda, *Através de Santarém*, pp. 96-106.

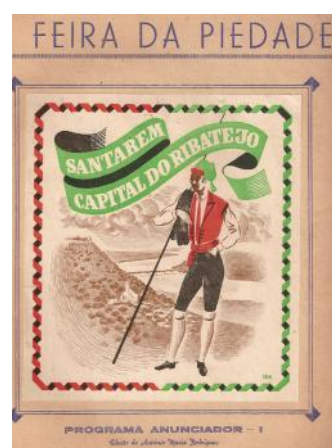
⁸ Cf. José Osório, *Guia de Santarém*, Santarém, J. Cardoso da Silva Editor, 1924, p. 94.

⁹ *Correio do Ribatejo*, 14/6/1996, p. 8.



Feira da Piedade, Santarém, 1912. Fotografia cedida por Zeferino Silva.

Às tendas de comércio uniam-se os espaços de diversão como os circos¹⁰, os concertos da Banda dos Bombeiros, as largadas, as entradas de touros, as picarias e as touradas. As receitas do espectáculo taurino reverteram a favor do Hospital da Misericórdia. Nos anos 30, decorreram duas exposições de electromecânica com centenas de figuras em movimento intituladas “Presépio e Panorâmica de Jerusalém” (1931) e “Cidade Encantada” (1933).¹¹ A partir de 1928, o Governo Civil autorizou o alargamento do horário do comércio na cidade durante o período da feira, para que também os lojistas beneficiassem com a visita de muitos forasteiros.¹² A Comissão de Iniciativa e Turismo publicou uma brochura de divulgação da feira em 1929, ideia que o editor António Maria Rodrigues retomou em 1947¹³.



¹⁰ Pela feira da Piedade passaram os circos Mariano (1928-1939, 1941-1945, 1950), Internacional (1928), Grande Circo Equestre América Show (1929-1931), Cardinali (1931), Luftman (1942, 1947, 1950), Nacional (1943), Maravilhas (1943), Novo Circo (1944) e Costa (1946).

¹¹ Cf. *Correio da Extremadura*, 17/10/1931, p. 2; 14/10/1933, p. 1.

¹² Cf. *Jornal de Santarém*, n.º 85, 13/10/1928, p. 7.

¹³ Cf. *Feira da Piedade*, Santarém, Edição da Comissão de Iniciativa e Turismo de Santarém, 13/10/1929; *Feira da Piedade – Programa Anunciador 1*, editada por António Maria Rodrigues, Santarém, Tipografia Dias Ferreira, 1947.

À semelhança da feira do Milagre, também a feira da Piedade entrou em lenta agonia durante a década de 50, sem que a tradição e as memórias de outros tempos a conseguissem salvar.

Exposição Feira da Liga Regionalista do Ribatejo (28 a 31 de Julho de 1923)

A primeira exposição feira que decorreu em Santarém foi organizada pela Liga Regionalista do Ribatejo, em 1923, com o objectivo de “... unamo-nos todos, ribatejanos; de qualquer política, de nenhuma política – sejamos todos da grande política da Pátria! Engrandecemos o Ribatejo, amparemos a cidade.”¹⁴. Esta exposição foi uma das primeiras iniciativas da Liga, liderada por António Saúde, e teve como modelo uma feira com características semelhantes, realizada na cidade em 1914. O certame obteve apoios de diversas personalidades, casa agrícolas e comerciais da região, do Sindicato Agrícola de Santarém, Câmaras Municipais, bancos e do Club de Santarém. A inauguração decorreu a 28 de Julho com uma entrada de toiros no Campo Fora de Vila numa demonstração de “... um quadro tipicamente ribatejano...”¹⁵. À noite, realizou-se um sarau no teatro Rosa Damasceno onde Mota Cabral dissertou “Sobre os Aspectos da Região” e foram representadas as peças “Santarém por Dentro”, de José Osório, e “À Sesta”, de Faustino de Reis e Sousa, com músicas e danças regionais. O espectáculo foi repetido no encerramento da exposição feira, sendo Nuno Beja o conferencista. A 29 de Julho, foi inaugurada a exposição de produtos e artes regionais, na Escola Agrícola de Santarém, pelo Presidente do Ministério e os ministros da Agricultura e do Comércio, à qual se seguiu uma tourada. Durante os dias do certame decorreu, na Associação Comercial, uma mostra de trabalhos de arte aplicada e bordados das discípulas da professora Cacilda Fragoso.

A exposição decorreu até 31 de Julho e foi visitada por cerca de dezoito mil pessoas, revelando-se um êxito regional com divulgação na imprensa nacional *Diário de Lisboa*, *Época*, *Diário de Notícias*, *A Pátria* e *O Século*.¹⁶ Jorge de Miranda criticou “a parte artística” da Exposição ressaltando a necessidade de “... tornar maior o Ribatejo sob o ponto de vista artístico, criar a arte regional, depurá-la de exibimos nocivos e arranjar um ambiente propício a manifestações de Arte na nossa região e no

¹⁴ *Gazeta do Ribatejo*, n.º 2, 5/8/1923, p. 1.

¹⁵ *Idem*, n.º 2, 5/8/1923, p. 2.

¹⁶ *Cf. Idem*, n.º 1, 28/7/1923, p. 6.

nosso meio tão arredo destas questões, que por via da regra são tratadas de sobejo e vão para o número das coisas mínimas.”¹⁷. Sobre a importância do evento, José Osório alertou que “... deixar morrer Santarém é um crime. Por isso tratemos todos de a erguer, conservando-lhe os seus tesouros históricos e enfeitando-a com galas novas para que ela apareça aos olhos dos seus visitantes, garrida e moça, bela e airosa, acolhedora e hospitaleira como sempre. Vamos, meus amigos, para a frente. Não desfaleçamos e desprezemos aqueles que nos abandonam por lhes faltar a compreensão dos deveres cívicos (...) Prossigamos, portanto, no caminho tracejado, despendendo o nosso esforço, sem desânimo, para melhor êxito ainda de futuras manifestações de regionalismo ribatejano, porque ficaremos conscientes de bem ter cumprido com os nossos deveres de patriotismo.”¹⁸.

I Feira Franca (5 a 12 de Julho de 1925)

A Associação Comercial de Santarém solicitou à Câmara a criação de uma feira para além das tradicionais Feiras do Milagre e da Piedade. Este pedido levou à génese da I Feira Franca, em 1925, com o objectivo de criar uma pequena cidade agrícola, comercial e industrial e “... verificado o potencial de riqueza e a grandeza de que é índice esse pitoresco e sugestivo cortejo dos campos, todas as outras manifestações de trabalhos da região e do trabalho dos portugueses, trabalho fecundo – exemplo aos *políticas* do parlamento e das *camarilhas* – está patente à vista, à consciência e à meditação dos que por força não querem que Portugal seja Portugal.”¹⁹. A comissão executiva da Feira era constituída por António Mendes Cabral e Américo R. de Passos e Silva, enquanto a comissão estética que aprovou os projectos para a construção de pavilhões esteve a cargo do engenheiro Virgílio Santos e dos pintores António Saúde e Francisco Vilela.²⁰ O atraso das obras levou os mais cépticos a questionarem a data de inauguração do certame porque “... insistir na ideia de à viva força marcar para o dia 5 de Julho para a realização da Feira, o mesmo é que condenar Santarém a viver a realidade duma aventura cruel. Nós somos os primeiros a lamentar que tanta boa vontade e tantos esforços da parte dos organizadores não baste para evitar os inconvenientes que surgem, mas julgamos que a situação é ainda remediável desde que

¹⁷ Jorge de Miranda, “Assuntos de Arte. A Parte Artística da nossa Exposição” in Idem, n.º 4, 19/8/1923, p. 5.

¹⁸ José Osório, “Prossigamos...” in Idem, n.º 2, 5/8/1923, p. 2.

¹⁹ *Jornal de Santarém*, n.º 64, 29/5/1926, p. 1.

²⁰ Cf. *O Combate*, n.º 11, 23/5/1925, p. 8.

se não perca tempo em fazer constar o adiamento da Feira para o melhor dia que se ofereça da primeira ou segunda quinzena de Agosto. Sabemos que uma boa parte dos indivíduos que têm a seu cargo determinados serviços que faltam organizar, sentem e receiam como nós o resultado final das atribuições em que se encontram...”²¹. Apesar do esforço e do trabalho reconhecido dos organizadores, sem o adiamento “... resultará o gravíssimo risco de prejudicar com o inevitável estrondo dum fiasco absolutamente certo, tanto a próxima Feira marcada como todas as que de futuro se tentarem.”²². No entanto, a feira acabou por ser inaugurada na data prevista, 5 de Julho, marcando “... uma era nova na vida de Santarém e do Ribatejo...”²³. Se a noite de 4 de Julho foi animada com uma entrada de touros, a inauguração oficial do certame contou com a presença da Banda dos Bombeiros que alegrou quer o recinto quer as ruas da cidade, com fogo-de-artifício, tourada, batalha de flores e um cortejo, organizado pelas casas agrícolas da região, que apresentou maquinaria, gado bravo e um desfile de ranchos de trabalhadores, “... nesta parada figuram alfaias, maquinaria agrícola, carros alegóricos e ranchos de mulheres do campo que vão dar o pitoresco das cantigas e dos seus trajes a este vistoso e inédito cortejo.”²⁴. As noites eram abrilhantadas pelo circo Luftman e pelos concertos da Banda dos Bombeiros, Banda dos Marinheiros da Armada, Banda de Música do Barreiro e Banda dos Bombeiros Voluntários de Portalegre que actuaram num palanque construído no recinto, no coreto do jardim da República e no jardim das Portas do Sol. O desporto marcou presença no evento através de uma gincana, uma corrida de automóveis no recinto, uma parada de ciclistas após o término da prova entre Tomar e Santarém e um concurso hípico realizado no Regimento de Artilharia 3, que contou com cerca de quarenta concorrentes.²⁵ Durante a feira, a professora Cacilda Fragoso voltou a expor na Associação Comercial os trabalhos de arte aplicada realizados pelas suas alunas. A 9 de Julho, procedeu-se no Jardim das Portas do Sol ao lançamento da primeira pedra para o monumento de homenagem ao Soldado Desconhecido do concelho de Santarém, a partir de donativos públicos.²⁶

²¹ Idem, n.º 14, 13/6/1925, p. 5.

²² Idem.

²³ Idem, n.º 17, 5/7/1925, p. 1.

²⁴ Idem, n.º 16, 27/6/1925, p. 5.

²⁵ Cf. Idem, n.º 18, 11/7/1925, p. 5.

²⁶ Cf. Idem, p. 8.

II Feira Franca - Exposição Feira de Produtos Agrícolas, Pecuários, Comerciais e Industriais (6 a 27 de Junho de 1926)

Esta exposição feira pretendeu seguir o modelo da I Feira Franca de Santarém e da Exposição Agrícola Pecuária e Industrial realizada entre 16 e 23 de Agosto de 1925, nas Caldas da Rainha. Inicialmente, programada para 30 de Maio, o golpe militar de Braga levou ao seu adiamento para 6 de Junho. Se a ideia inicial desta exposição partiu de dois representantes da Câmara, António Augusto Antunes Júnior e Virgílio Patrocínio dos Santos, acabou por obter apoios diversificados: Associação Comercial, Associação de Futebol, Club de Santarém, Grémio Recreativo Operário, Bombeiros Voluntários, Sindicato Agrícola, Governo Civil, Junta Geral do Distrito, Câmara Municipal, Juntas de Freguesia, Misericórdia, Artilharia 3 e Infantaria 16. De forma a divulgar o certame, os organizadores procuraram “... obter a representação de todos os concelhos do distrito, redução nas tarifas do caminho-de-ferro e ampliação dos prazos de validade dos bilhetes de ida e volta e ainda um subsídio do Ministério da Agricultura.”²⁷. As actividades foram concentradas no recinto da feira e para comodidade do público construiu-se um pavilhão para assistir às diversões. O Club de Santarém e os Bombeiros Voluntários foram as únicas colectividades a construírem no recinto um pavilhão próprio. No programa do evento constavam várias diversões como um campeonato de cavalo de sela do Ribatejo, batalha de flores, desafios de futebol, corrida e gincana de automóveis, concertos pela Banda de Infantaria 16, bailes, concurso de danças regionais, fogueiras, fogo-de-artifício, provas de campinagem, tenta de novilhos, garraíadas e duas touradas.²⁸ Perante os elevados custos na construção dos pavilhões e das estruturas de apoio ao certame “... a comissão executiva viu-se na necessidade de estabelecer o preço de 1\$00 para as entradas no recinto da feira, em dias de divertimentos, por virtude dos grandes encargos que os mesmos acarretam. Cessará, porém, a cobrança logo que as despesas estejam cobertas.”²⁹. Para além dos expositores de artes regionais, de produtos agrícolas e pecuários, também participaram no certame feirantes de quinquilharias, restauração e diversões variadas. A feira decorreu de forma condicionada pela situação política do país, exemplo disso foi o facto de a parada agrícola apenas ter contado com a presença de cinco casas agrícolas.³⁰

²⁷ *Jornal de Santarém*, n.º 52, 6/3/1926, p. 1.

²⁸ Cf. *II Feira e Exposição de Santarém. Catálogo Oficial*, Santarém, Tipografia Jacinto Cardoso da Silva, [1926].

²⁹ *Jornal de Santarém*, n.º 64, 29/5/1926, p. 1.

³⁰ Cf. *Idem*, n.º 66, 12/6/1926, p. 5. No ano seguinte realizou-se no campo do Sporting Club de Tomar uma Feira Franca a favor da Misericórdia e Creche Asilo de Nossa Senhora da Piedade daquela cidade.

Exposição Feira Distrital (17 de Maio a 7 de Junho de 1936)

“Salvé! Santarém, vitoriosa
Em tua exposição regional,
Que para ser, em tudo, magistral,
Se aproxima da mais gloriosa!...

Em vastíssimo campo levantada,
Bonitos stands te guarnecem,
Que jamais da memória desaparecem,
Para que sejas sempre recordada...

Do teu rico solo, tem em profusão,
Vinhos, azeite e vários frutos,
Tudo, em fim, de tão farta região!...

E, assim, entre delicadas flores,
Ostentas, galharda, os teus produtos,
Com direito aos maiores louvores!...”

Joaquim Ferreira, 26/5/1936³¹

Após uns anos de interregno, a ideia de organizar uma exposição feira surgiu de um grupo de homens empenhados na defesa do regime liderado por Salazar e na celebração da região do Ribatejo, ainda que não tenham obtido apoio financeiro do S.P.N..³² O certame pretendia apresentar “... a riqueza do distrito, a sua vitalidade, não obstante o ano ingrato que atravessa e as inundações (...) e ser testemunho de quanto vale a fertilíssima região de Santarém. Já em tempos se organizaram certames idênticos, que foram as Feiras Francas, ainda na memória de todos. Depois tudo acabou. (...) [Esta] feira representa um decidido desejo de fazer alguma coisa em prol de Santarém distrito, reanimando o seu comércio, a sua indústria, o seu turismo mesmo.”³³. Os concelhos de Mação, Tomar, Constância, Golegã, Chamusca, Vila Nova da Barquinha, Torres Novas, Abrantes, Alcanena, Rio Maior, Cartaxo, Salvaterra de Magos, Benavente, Almeirim, Alpiarça, Coruche, Sardoal, Ferreira do Zêzere, apresentaram-se no evento através de um pavilhão próprio onde divulgaram as suas produções agrícolas

³¹ *Renovação Nacional*, n.º 27, 4/6/1936, p. 4.

³² A comissão executiva da Exposição Feira Distrital era constituída por Eugénio de Lemos, governador civil, Guilherme Guerra, presidente da Junta Geral do Distrito, capitão Romeu das Neves, presidente da Comissão Administrativa do Município, Zeferino Sarmento, representante da Comissão de Turismo, Alfredo da Silva Leitão, presidente da direcção da Associação Comercial, José Joaquim de Castro Constâncio, dirigente do Sindicato Agrícola de Santarém, Celestino David, secretário-geral do Governo Civil e tenente Antunes Basílio, secretário particular do Governador Civil. Cf. Idem, n.º 2, 12/12/1935, p. 8.

³³ *Santarém Exposição – Feira – 1936*, [Santarém], edição de Francisco Silveira, [1936], p. 2.

e pecuárias, produtos artesanais e espectáculos abrilhantados por Bandas e grupos de danças locais. O Club de Santarém e os Bombeiros Voluntários construíram novamente um pavilhão próprio no recinto onde foram erguidos dois coretos e outras estruturas de apoio ao evento. A feira funcionava entre as nove e as vinte horas, sendo o preço de 1\$00, enquanto à noite o horário era entre as vinte e uma e as duas horas, aumentando o preço 0\$50.

A Exposição Feira Distrital foi inaugurada a 17 de Maio pelo presidente da República, Óscar Carmona, acompanhado pelos ministros da Justiça, Agricultura e das Obras Públicas e o sub-secretário de Estado das Corporações e da Previdência Social. Após a missa campal, a parada agrícola e o desfile das Casas do Povo do Distrito, as entidades oficiais visitaram o recinto da feira e as exposições de Arte Antiga, Fotografia e Pintura Regional. O almoço oferecido ao Presidente da República decorreu no Ginásio do Liceu, sendo abrilhantado pela Orquestra da Emissora Nacional. No seu discurso, Carmona referiu que o certame era “... uma manifestação patriótica e nacionalista que não era possível sem a profunda transformação que o movimento do 28 de Maio imprimiu ao país. O regionalismo em Portugal, ao contrário do que sucede noutros países, é um elemento precioso de união e de progresso. Glorifica a nossa terra e constitui motivo forte de estímulo para o trabalho. Por isso, a Exposição Feira é mais uma consagração, um merecido padrão, erguido no planalto da montanha que sustenta a obra do Estado Novo.”³⁴. Após o desfile dos alunos das escolas de Santarém e Almeirim em frente à tribuna presidencial, decorreu uma tourada de gala com um concurso de ganadarias.³⁵ A noite terminou com um concerto pela Banda dos Bombeiros de Santarém e pela Banda dos Escuteiros do Entroncamento.³⁶

O dia 18 de Maio, feriado municipal de Santarém, foi dedicado à capital do distrito que apresentou um programa variado com a exibição de ranchos populares, concertos musicais pelas Bandas dos Bombeiros de Santarém, da Sociedade Filarmónica de Pernes e da Sociedade Filarmónica União Pernesense e um festival onde actuaram fandanguistas, fadistas, guitarristas e jogadores do pau. Muitas das actividades decorreram no pavilhão do concelho escalabitano, desenhado por Saul de Almeida, que se inspirou no património histórico da cidade. Simultaneamente decorreu um concurso

³⁴ *Renovação Nacional*, n.º 25, 21/5/1936, pp. 1, 2.

³⁵ Os touros de João Coimbra foram lidados pelos cavaleiros Simão da Veiga Júnior, José Casimiro Júnior e Fernando Salgueiro e pegados pelos forcados de Edmundo de Oliveira.

³⁶ Cf. *Santarém Exposição – Feira – 1936*, p. 8; *Correio da Extremadura*, 16/5/1936, pp. 1-3.

de montras e de bonecos com trajes regionais.³⁷ Dois dias depois, festejou-se o Dia do Bombeiro com parada, simulacro de incêndio e concerto da Banda. O concurso de filarmónicas civis do distrito decorreu a 21 de Maio e foi organizado pelos maestro major Raul Ferrão, capitão Lino Valente e tenente Alberto Lima. Os três premiados foram a Sociedade Filarmónica Gualdim Pais de Tomar, a Sociedade Filarmónica de Benavente e a Sociedade Republicana Nabantina de Tomar. A Marcha da Ribeira de autoria de Manuel Figueiredo estreou-se a 26 de Maio e pretendia reconstituir de forma popular as tradicionais lendas da cidade. A Marcha era composta por quatro carros alegóricos alusivos à tomada de Santarém e às lendas da Santa Iria e da Fonte de Palhais. Cada carro era acompanhado por um rancho que entoou canções escritas por Manuel Figueiredo e musicadas por Raul Ferrão. Perante o sucesso, os cerca de dois mil componentes da Marcha voltaram a exhibir-se dois dias depois. A Festa do Vinho da Estremadura, programada pelo enólogo António Antunes Júnior, realizou-se a 30 de Maio. No cortejo desfilaram carros dedicados à temática do deus Baco, assim como ranchos de trabalhadores que cantaram ao som de harmónios, ferrinhos e pandeiros. Durante a festa foram distribuídos noventa mil copos de vinho oferecidos pelos vinicultores da região. Um arraial ribatejano com fandango, tocadores de harmónica, fados e jogo do pau, encerrou as festividades.³⁸

O desporto também teve lugar na exposição feira com a apresentação de sessões de ginástica sueca e rítmica, tiro aos pombos organizado pelo Club dos Caçadores, um concurso hípico realizado no campo de obstáculos do regimento de Cavalaria n.º 4 e um desafio de basquetebol que decorreu no campo Alfredo de Aguiar entre o Grupo Desportivo dos Bombeiros Voluntários de Ourém e a selecção de Santarém. A Associação de Futebol organizou três jogos entre as equipas escalabitanas “Os Leões” e a Associação Académica, as selecções de Torres Novas e de Abrantes e do Sporting Club da Covilhã. O I Circuito Automóvel de Santarém foi patrocinado pelo Automóvel Club de Portugal, num percurso de cinco mil, cento e cinco metros em vinte voltas, ganho por Jorge Monte Real, seguido de Eduardo Ferreirinha e Manuel de Oliveira.³⁹

A evocação histórica “Auto de Aclamação de D. João II”, expressamente escrita pelo coronel Alberto Cardoso dos Santos, foi representada pela Companhia Lucília

³⁷ Cf. *Santarém Exposição – Feira – 1936*, p. 8. Os premiados do concurso de montras foram a Confeitaria Monteiro e Ramos, a Casa A. Sampaio e a Casa Neves.

³⁸ Cf. *Renovação Nacional*, n.º 26, 28/5/1936, p. 4; *Correio da Extremadura*, 6/6/1936, p. 1.

³⁹ Cf. *Santarém Exposição – Feira – 1936*, pp. 8-9; *Correio da Extremadura*, 6/6/1936, p. 6.

Simões e Erico Braga, na Alameda do Convento de S. Francisco, a 31 de Maio. O espectáculo único e classificado de “... grande categoria artística [com] admiráveis efeitos de luz [e] indumentária rigorosa...”⁴⁰ acabou por obter críticas negativas para o seu director geral, Erico Braga, a quem “... valeu (...) a excelente disposição do público e a sua tolerância para não passar um momento justamente amargo da sua vida de artista. Não há direito de ludibriar assim o autor de uma obra literária, como o coronel Cardoso dos Santos, e a Comissão que lhe entregou a realização do espectáculo, e as pessoas que de muito longe vieram e muito caro pagaram para o presenciarem. Nem artistas, nem figurantes, nem efeitos de luz, nem música. Nada. Imagine-se que o repique dos sinos era feito por um velho, enferrujado e fanhoso gramofone! Uma mistificação, uma falta de probidade artística e um autêntico agravo ao bom gosto do público, que não foi ali para assistir a um entremez. E nunca nenhum artista teve as possibilidades de que dispunha o senhor Erico Braga. O partido que ele podia tirar, por exemplo, dos cavaleiros, nem se calcula. Para cúmulo, diremos que a fachada da igreja ficou pintada de amarelo, segundo estética adoptada para as fachadas dos quartéis!... Nem ao menos uma mão de cal branca! Para desfazer a péssima impressão de todos, principalmente dos forasteiros, pensa-se em realizar outro espectáculo, mas este dirigido por Amélia Rey Colaço, que alia ao talento e ao bom gosto uma probidade artística indiscutível, mais realçada agora pela vergonhosa exibição confiada ao senhor Erico Braga e que todos os escalabitanos sinceramente lamentam.”⁴¹. A comissão executiva da Exposição Feira demarcou-se do fracasso referindo que “... não tem responsabilidade de espécie alguma na realização do “Auto de D. João II” e muitas menos nas referências que a imprensa de Lisboa lhe fez.”⁴².

Durante o período em que decorreu a Feira estiveram patentes as exposições de Arte Antiga, no Palácio do Provedor das Lezírias de Eugénio da Silva, a de Pintura Contemporânea, no Salão dos Bombeiros Voluntários e a de Fotografia, na Caixa de Crédito Agrícola. A exposição de Arte Antiga foi organizada por Zeferino Sarmiento com a colaboração de Euclides da Fonseca. As peças expostas foram emprestadas pelo dono da casa e por entidades públicas e privadas da cidade. Para além da azulejaria do palácio, os visitantes observaram mobiliário do século XVIII português e francês, tapeçarias de Arraiolos, pintura italiana, faqueiros em prata, colchas bordadas, um bufete do século XVII, esculturas e gravuras de século XIX, relógios de século XVIII e

⁴⁰ *Santarém Exposição – Feira – 1936*, p. 9.

⁴¹ *Renovação Nacional*, n.º 27, 4/6/1936, p. 1.

⁴² *Idem*, n.º 29, 18/6/1936, p. 4.

peças de arte sacra deslocadas das igrejas de Santa Maria de Almoester (casulas) e Marvila (paramentos de seda e ouro).⁴³ A mostra revelou-se um êxito sendo “... uma alta afirmação da beleza que honra a cultura e o bom gosto de quem a organizou e nos leva a aplaudir com entusiasmo aqueles que, senhores de tão valiosos elementos artísticos os quiseram dar a conhecer, demonstrando assim, com apreciável nobreza, o seu fervor bairrista.”⁴⁴. Na exposição de Pintura Contemporânea foram apresentados óleos e aguarelas de Carlos Reis, Frederico Aires, José Campas, Maria de Lourdes Melo e Castro, Simão da Veiga, Augusto Braz Ruivo, Francisco Vilela, revelando “... alegria comunicativa dessas poucas, mas boas telas, que se devem todas a naturais do Ribatejo ou a estranhos que nele encontram inspiração.”⁴⁵. A exposição de Fotografia foi “... organizada para reunir as melhores traduções fotográficas de beleza da paisagem e dos monumentos ribatejanos, dos costumes e da vida regional...”⁴⁶. De entre os trinta quatro participantes, apenas quatro eram profissionais com destaque para o fotógrafo Alvão do Porto, vencedor de um prémio de 700\$00.⁴⁷ As suas treze fotografias “... são outros tantos primores a atestarem a mestria do seu autor e a graça e o pitoresco de alguns dos aspectos da cidade de Santarém. “Panorama das Portas do Sol” é a consagração de um dos mais belos mirantes do meu país de encantamento. Certas fotografias deste mestre ganharam foros de pintura, tanto se aproximam desta arte e fogem aos moldes banais dos velhos clichés secos e sem expressão.”⁴⁸.

Para todos os que visitaram o certame, os divertimentos populares abundavam como bailes, touradas, concertos⁴⁹, exibição de ranchos folclóricos⁵⁰, provas de vinhos e visita aos pavilhões e exposições. Muitos deslocaram-se em excursões organizadas

⁴³ Cf. Zeferino Sarmiento, “Museu Etnográfico do Ribatejo” in *Vida Ribatejana*, n.º especial, 1947; *Correio da Extremadura*, 30/5/1936, p. 6.

⁴⁴ *Renovação Nacional*, n.º 27, 4/6/1936, p. 4.

⁴⁵ *Idem*, n.º 29, 18/6/1936, p. 4.

⁴⁶ *Idem*.

⁴⁷ Cf. *Correio da Extremadura*, 30/5/1936, p. 1.

⁴⁸ *Renovação Nacional*, n.º 27, 4/6/1936, pp. 4-5.

⁴⁹ Na exposição actuaram: Banda dos Bombeiros de Santarém, Sociedade Filarmónica Instrução Popular da Golegã, Filarmónica Recreativa Chamusquense, Banda dos Bombeiros Voluntários da Barquinha, Banda dos Bombeiros Voluntários de Alcanena, Filarmónica da Sociedade Musical Mindense, Banda dos Bombeiros Voluntários de Rio Maior, Filarmónica da Marmeleira, Sociedade Filarmónica Cartaxense, Sociedade Filarmónica da Lapa e Sociedade Filarmónica de Pontével, Sociedade Filarmónica de Benavente, Banda Sociedade União Samorense, Banda de Santo Estêvão, Banda Pontelvense, Banda de Mação, Banda Operária Torrejana, Banda da Casa do Povo do Rossio ao Sul do Tejo, Banda da Casa do Povo do Tramagal, Banda Marcial de Almeirim, Sociedade Filarmónica Peralvalense, Sociedade Filarmónica Asseiceirense, Banda Municipal de Vila Nova de Ourém, Banda Nabantina de Tomar, Banda Gualdim Pais de Tomar, Filarmónica Sociedade União Macaense, Filarmónica Sardoalense, Filarmónica de Ferreira do Zêzere e Orfeão Abrantino Pinto Ribeiro. Cf. *Santarém Exposição – Feira – 1936*, pp. 8-9.

⁵⁰ Rancho das Rendilheiras de Vila de Conde, Rancho da Casa do Povo de Benavente e Rancho Regional de Torres Novas.

beneficiando dos descontos de comboio. Também as entidades oficiais marcaram presença em Santarém, como os ministros do Interior, do Comércio, das Colónias, da Educação, o subsecretário de Estado das Corporações, para além dos deputados da Nação por Santarém, António Carlos Borges e Artur Proença Duarte e outros destacados militantes da União Nacional. A 25 de Maio, o Cardeal Patriarca Cerejeira visitou a exposição, após na véspera ter presidido no teatro Rosa Damasceno à reunião anual da Juventude Católica Feminina.⁵¹ No último dia do certame, 7 de Junho, Salazar fez uma visita rápida e inesperada à feira, antes da batalha de flores, do desfile de amazonas e do concerto pela Banda da Guarda Nacional Republicana.⁵²

Perante o sucesso e o elevado número de visitantes da Exposição Feira Distrital, a organização decidiu manter o certame em funcionamento até 30 de Junho, revertendo as receitas para as Misericórdias do Distrito. Os pontos altos da programação foram a exibição do Rancho Tá Mar da Nazaré, a 11 de Junho; o arraial de Santo António, com bailaricos, marchas com balões e manjericos e a exibição dos Ranchos Folclóricos do Espinheiro e das Fontaínhas, organizado por António Antunes Júnior, a 12 de Junho; a representação do “Auto de S. João”, pela Companhia de Teatro de Amélia Rey Colaço, no largo do Seminário; e a repetição da Marcha da Ribeira. O Teatro do Povo representou no recinto da feira as peças “Os Três Desejos”, de Armando Vieira Pinto, e “Auto do Vaqueiro”, de Gil Vicente, a 20 e 21 de Junho, uma iniciativa do S.P.N..⁵³ O cinema sonoro animava as noites sem espectáculos agendados.⁵⁴

Na sequência do certame, as câmaras do distrito foram consultadas “... sobre a conveniência de se realizar um filme documentário da exposição feira, em que sejam registados os seus aspectos e fases mais interessantes, tendo-se trocado impressões sobre as propostas já apresentadas por várias casas editoras para a sua realização, tendo sido resolvido continuar no estudo do assunto em ordem a conseguir-se, se for possível, que o filme seja sonoro.”⁵⁵ Este foi realizado pela empresa do Fotógrafo Alvão do Porto, sendo a primeira prestação paga pela Comissão Municipal de Turismo, no valor de 1700\$00.⁵⁶ Após ser exibido nalgumas praias durante o Verão, o filme estreou no

⁵¹ Cf. Idem, p. 9.

⁵² Cf. *Renovação Nacional*, n.º 28, 11/6/1936, pp. 1, 8; *Correio da Extremadura*, 13/6/1936, p. 1.

⁵³ Cf. *Correio da Extremadura*, 27/6/1936, p. 1.

⁵⁴ Cf. *Renovação Nacional*, n.º 29, 18/6/1936, p. 4.

⁵⁵ Idem, n.º 19, 9/4/1936, p. 8.

⁵⁶ Cf. Comissão de Turismo de Santarém, Registo de Correspondência – Entrada – 1936-1950, 25/9/1936, p. 18.

teatro Rosa Damasceno, a 8 de Outubro.⁵⁷ A comissão executiva da feira também adquiriu álbuns de fotografias aos fotógrafos Alvão e Marques Abreu do Porto para perpetuar o evento e para oferecer ao presidente da República, Óscar Carmona.⁵⁸

Festas Centenárias do Ribatejo (9 a 11 de Junho de 1940)

À semelhança do que sucedia no país, a capital do Ribatejo também organizou as suas Festas Centenárias integradas nas comemorações nacionais do duplo centenário. Estas foram antecedidas pelo Congresso Eucarístico Regional, presidido pelo Cardeal Patriarca Manuel Gonçalves Cerejeira e que decorreu entre 14 e 28 de Abril.⁵⁹ As Festas ocorreram no Campo Sá da Bandeira e foram inauguradas, a 9 de Junho, pelo ministro da Justiça, Manuel Rodrigues, em representação do Presidente da República, Óscar Carmona. Após a cerimónia inaugural decorreu uma parada agrícola e pecuária, com o objectivo de mostrar a vitalidade dos principais sectores de actividade da região. As entidades também visitaram o jardim das Portas do Sol onde descerraram uma lápide evocativa. As exposições de produtos agrícolas, industriais e de artes populares foram inauguradas antes do início da tourada de gala ficando adiado o projecto de fundar um Museu Etnográfico da Província do Ribatejo. O primeiro dia terminou com a actuação de coros de música ribatejana, arraial abrilhantado pela Banda dos Bombeiros e fogo-de-artifício. O segundo dia de Festas iniciou-se com o cortejo litúrgico da igreja do Seminário até à igreja do convento de Santa Clara que foi benzida pelo Cardeal Patriarca Cerejeira, após conclusão das obras de restauro. À tarde decorreu uma parada folclórica e um cortejo do trabalho organizados por uma comissão composta por Virgílio Arruda, Carlos Fagulha, tenente Antunes Basílio, José Barata e Nunes Barroso. Para esta comissão, “... o cortejo folclórico deve constituir o mostruário vivo e animado de todos os elementos característicos da Província do seu folclore e actividade rural. Dele são banidas todas as ridículas imitações que tão frequentemente se exibem ao sabor da fantasia. O cortejo abrange três aspectos: uma parte retrospectiva onde se exibirão os trajes, instrumentos de trabalho e meios de transporte, antigos já em desuso; outra parte actual, onde figurarão todos os elementos do folclore e das actividades rurais tal como são hoje; e finalmente uma parte política composta de um casal de cada um

⁵⁷ BMS – Programas de Cinema, G 288/243 A, 8/10/1936.

⁵⁸ Cf. Comissão de Turismo de Santarém, Registo de Correspondência – Entrada – 1936-1950, pp. 8, 24. Os álbuns de fotografias encontram-se à guarda do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Santarém.

⁵⁹ Cf. *Correio da Extremadura*, 20/4/1940, pp. 1, 3; 26/4/1940, pp. 1-3, 8.

dos concelhos.”⁶⁰. Após a parada de bombeiros vindos de diversas localidades para participarem no seu VII Congresso Nacional realizado em Santarém decorreu uma tourada, um arraial ribatejano, a exibição de ranchos folclóricos e fogo-de-artifício. As Festas terminaram a 11 de Junho com provas desportivas. O circuito de ciclismo percorreu 82 km num total de dezasseis voltas à cidade. O torneio de tiro aos pombos foi organizado pelo Clube dos Caçadores e decorreu no seu pavilhão. No campo de “Os Leões” disputou-se uma partida de futebol entre o Benfica e o Belenenses.⁶¹

No conjunto de preparativos para as Festas, “... Adriano Lopes Vieira, técnico de gravação e Armando Leça, técnico musical gravaram discos com trechos de música popular da região que serão radiodifundidos pela Emissora Nacional...”⁶². O evento foi visitado pelos ministros da Justiça, Agricultura, Corporações, pelos deputados da Assembleia Nacional, Artur Duarte, Carlos Borges e Santos Crespo, e por todos os presidentes das câmaras ribatejanas, enquanto muitos populares aproveitaram os descontos do comboio “expresso popular” para se deslocarem a Santarém.⁶³

Exposição Feira de Pecuária (2 a 4 de Junho de 1946)

Apesar do sucesso da Exposição Feira Distrital de 1936, um longo interregno surgiu na organização de certames similares em consequência de factores externos como a Guerra Civil de Espanha e a Segunda Guerra Mundial e de factores internos como os anos consecutivos de cheias no Ribatejo e de fome que atingiram todo o país. Em Abril de 1946, o presidente da Junta de Província do Ribatejo, Artur Proença Duarte, lançou a ideia de se realizar uma feira pecuária que promovesse as riquezas do Ribatejo, especialmente o gado bravo e o cavalar. A comissão executiva integrou o coronel Adriano Caldas, comandante militar, António Maria Galhordas, presidente da Câmara, José Infante da Câmara, presidente do Grémio da Lavoura, e os proprietários João de Passos Caldas, António Canavarro, José Ribeiro Tropa, Emílio Infante da Câmara e José de Sousa Rafael.⁶⁴ No início de Maio, a cheia do Tejo quase provocou o adiamento da exposição feira que acabou por ser inaugurada na data marcada, 2 de

⁶⁰ Idem, 9/3/1940, p. 8.

⁶¹ Sobre as Festas Centenárias do Ribatejo cf. Idem, 8/6/1940, p. 2; 15/6/1940, pp. 1, 8.

⁶² Idem, 2/3/1940, p. 1.

⁶³ A Exposição do Mundo Português foi inaugurada a 23 de Junho e no início de Agosto recebeu a visita de uma numerosa representação de Santarém. Cf. Idem, 3/8/1940, p. 1.

⁶⁴ Cf. Idem, 6/4/1946, pp. 2, 8.

Junho, pelo presidente da República, Óscar Carmona.⁶⁵ Na feira estiveram presentes expositores de Almeirim, Alpiarça, Santarém, Alcanena, Cartaxo, Azambuja, Golegã, Salvaterra de Magos, Ponte de Sôr, Fronteira e Elvas.⁶⁶ As casas agrícolas e os grandes lavradores da região construíram pavilhões no recinto da feira onde expuseram os seus melhores exemplares de gado bovino, cavalar, ovino, caprino e suíno. Durante o evento decorreram duas touradas com concursos de ganadaria, apresentação de cavalos de sela, equipagens, corridas de cavalos com jóquei e com campinos na Estação Zootécnica Nacional (Fonte Boa) e um torneio de tiro aos pratos no planalto de S. Bento. Apesar do esforço da organização, a feira apenas durou dois dias sendo os meios envolvidos bastante reduzidos comparando aos utilizados em anteriores eventos do mesmo género.

Festas Regionais (23, 24, 25 de Julho de 1949)

O presidente da Junta de Província do Ribatejo, Artur Proença Duarte, e o delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, Carlos Fagulha, promoveram as Festas Regionais, seguindo o exemplo de outras terras ribatejanas como Tomar, Vila Franca de Xira e Entroncamento. As Festas decorreram entre 23 e 25 de Julho, comemorando-se os dias da Região do Tejo, da Mulher Ribatejana e do Desporto Ribatejano. O programa das festividades foi diversificado: bailes populares com orquestras e/ou bandas, arraiais no Jardim da República, animação nas ruas da cidade com bandas de música e ranchos folclóricos, tourada, picarias, entradas de touros e exposição de montras. O dia da Mulher Ribatejana foi comemorado com um cortejo pelas ruas da cidade “... onde ranchos de raparigas percorrerão as ruas da cidade, com os seus cantares e a alegria que é própria da gente ribatejana.”⁶⁷ No último dia, as actividades desportivas incluíram uma parada de ginástica e jogos atléticos no campo de “Os Leões”, uma gincana de motas, corridas de cavalos, tiro aos pombos e aos pratos. A prova ciclística “Volta dos Ases”, após um interregno de uma década, voltou a realizar-se através de um concurso dos melhores estradistas nacionais separados nas categorias de amadores e independentes enquanto a XIV Volta a Portugal em Bicicleta terminou uma das suas etapas em Santarém. Durante as festividades, decorreram no Jardim das Portas do Sol espectáculos com ranchos folclóricos, a Orquestra Típica, as Bandas dos Bombeiros de Santarém, de Pontével, da Azinhaga, da Ereira e de Rio Maior. Na última noite, a F.N.A.T. apresentou um festival com a participação da Orquestra Popular,

⁶⁵ Cf. Idem, 11/5/1946, pp. 1-2.

⁶⁶ Cf. Idem, 18/5/1946, p. 8.

⁶⁷ Cf. Idem, 18/6/1949, p. 8.

dirigida pelo maestro Dias Pombo. Muitos foram os forasteiros que se deslocaram a Santarém neste período e encontraram os estabelecimentos comerciais abertos. Os dias de Festa terminaram com fogo-de-artifício no Campo Sá da Bandeira.⁶⁸

Feira Franca (4 a 11 de Junho de 1950)

A Junta de Província do Ribatejo promoveu este certame onde foram apresentadas exposições agrícolas, industriais e comerciais, no Campo Sá da Bandeira. A Feira foi inaugurada pelo ministro da Economia, Castro Fernandes, e contou com exposições de gado, uma parada agrícola, uma tourada, picarias, corridas de campinos e uma batalha de flores. Simultaneamente decorreram as Festas da Cidade no Campo Sá da Bandeira e a Feira Popular na esplanada da F.N.A.T., em S. Lázaro, ambas iniciadas a 28 de Maio.⁶⁹ As Festas da Cidade comemoraram os dias da Festa Brava, das Flores, do Concelho de Santarém, da Tradição e da Cidade e a noite dos Ganadeiros e dos Campinos. A Feira Popular contou com um programa variado que incluiu espectáculos de variedades e de teatro, bailes e projecção de filmes. No espaço funcionou um recinto de patinagem, automóveis eléctricos, diversos restaurantes e confeitarias explorados pelos comerciantes escalabitanos. O certame que foi inaugurado com a revista “Ondas Curtas”, representada pelo grupo cénico do Club Literário Guilherme de Azevedo fechou as suas portas, no final do Verão, com a apresentação de “A Marcha da Ribeira”.

Feira do Ribatejo

“Vem aí a Feira! E mais não é preciso para que a cidade e a província participem no alvoroço de quantos lutam pelo Ribatejo e pelo engrandecimento da pátria portuguesa.”⁷⁰

A Feira do Ribatejo surgiu, em 1954, a partir de uma proposta do vereador da Câmara, Caetano Marques dos Santos, que se inspirou na realização de grandes eventos como a exposição feira de 1936. A deliberação camarária aprovada por unanimidade registava: “Considerando que Santarém é a capital da Província do Ribatejo e sede do Distrito; considerando que esta Província e Distrito é sobretudo agrícola; considerando que em Santarém se realizam duas feiras anuais, sendo pelo menos uma efectuada numa época quase morta e que só a tradição as tem aguentado; considerando que é preciso

⁶⁸ Sobre as Festas Regionais de 1949 cf. Idem, 23/7/1949, pp. 1, 2, 4; 30/7/1949, pp. 4, 7, 8.

⁶⁹ Sobre a Feira Franca de 1950 cf. Idem, 10/6/1950, pp. 1, 2, 4, 8; 17/6/1950, pp. 1, 2, 4, 8; 24/6/1950, pp. 1, 2; *Ribatejo*, Ano II, n.º 6, Abril de 1951, pp. 14-15.

⁷⁰ *Correio do Ribatejo*, 7/5/1960, p. 1.

mostrar ao país a vitalidade do nosso querido Ribatejo, proponho: 1.º - que fosse criada uma feira anual em Maio ou Junho, depois de ouvidos os Grémios interessados e serviços técnicos competentes; 2.º - que essa feira assentasse em moldes modernos e de elite para as espécies pecuárias; 3.º - que a duração fosse de 8 dias; 4.º - que fosse criada uma Comissão presidida pelo Presidente desta Câmara e entidades que melhor convenha ao fim em vista para elaborarem o respectivo regulamento e manter a continuidade deste certame feira e bem assim o nome da nossa terra.”⁷¹. A primeira feira decorreu entre 23 e 30 de Maio desse ano e contou com exposições de gado, maquinaria, produtos agrícolas e comerciais, artesanato, pequenas e grandes indústrias. O programa foi enriquecido com “... manifestações típicas, de carácter regionalista e popular...”⁷², como condução de jogos de cabrestos, a presença de campinos trajados a rigor, torneios de chinquilha, tiro aos pratos, garraíadas, desfiles de bandeiras da adiafa e exibições de ranchos folclóricos, como o Rancho Folclórico “Os Campinos” da Azinhaga.



Feira do Ribatejo, Santarém, 1956(?). Fotografia cedida por Zeferino Silva.

Perante o sucesso da primeira feira do Ribatejo, estava lançado o embrião para um certame mais alargado e de maior duração. Durante vinte anos, a dupla constituída por Luís Barreiro Nunes e Celestino Graça, respectivamente presidente e secretário da feira, empenhou-se no alargamento e internacionalização deste projecto ribatejano que “... rapidamente passou a ser também um forte centro regional de actividades de carácter recreativo-cultural oriundas de um ribatejanismo que tinha aqui lugar para se

⁷¹ *Livro de Actas das Reuniões da Câmara Municipal de Santarém*, 4/2/1954.

⁷² *Festival Internacional de Folclore, Bodas de Prata – Retrospectiva*, Santarém, [s.n.], 1983, pp. 6-7.

expressar em todo o seu esplendor.”⁷³. O campino era a figura por excelência da Feira como representante de uma região onde a sua masculinidade era glorificada e a sua coragem perpetuada. As provas de campinagem e a condução de gado reforçavam a imagem do homem da lezíria representante das grandes casas agrícolas da região. No decorrer da Feira, as touradas eram espectáculos muito apreciados e prestigiantes para as principais figuras do toureiro.

Celestino Graça, “o senhor Feira”, inspirado na exibição do Rancho Folclórico “Os Campinos” da Azinhaga, resolveu envolver-se no projecto de fundar grupos folclóricos que representassem as três sub-regiões Bairro, Lezíria e Charneca. Secundado por João Gomes Moreira e Bertino Coelho Martins, iniciou uma recolha etnográfica que conduziu à fundação do Rancho dos Pescadores do Tejo de Benfica do Ribatejo (estreou-se na II Feira do Ribatejo, 1955), do Rancho Folclórico do Graíño e Fontainhas (estreou-se na III Feira do Ribatejo, 1956) e do Grupo Folclórico Infantil Scalabitano (1956). Este último originou, no ano seguinte, o Grupo Infantil de Danças Regionais de Santarém e, em 1957, o Grupo Académico de Danças Ribatejanas que se apresentou pela primeira vez na IV Feira do Ribatejo. Todos estes grupos folclóricos passaram pela Feira e por diversas localidades onde se apresentaram como protagonistas de um cartaz de diversão e publicidade do Ribatejo.⁷⁴



O Grupo Infantil de Danças Regionais de Santarém, 1956 (?). Foto Novarte, de Dinis Ferreira.

⁷³ Humberto Nelson Ferrão, “A Feira Nacional de Agricultura e Celestino Graça” in *Correio do Ribatejo*, 7/6/2013, p. 14.

⁷⁴ Cf. Daniel Melo, *op. cit.*, pp. 193-194.

O I Festival Internacional de Folclore surgiu durante a V Feira do Ribatejo, em 1958, devido à necessidade de criar novas perspectivas às exposições de folclore que decorriam desde a fundação do certame.⁷⁵ A internacionalização deu-se com a presença do Grupo de Coros e Danzas de la Seccion Feminina de la Falange Tradicionalista de Badajoz. Perante o sucesso, o Festival de Folclore passou a ficar associado à Feira marcando gerações de ribatejanos que se acotovelavam para ver grupos folclóricos de países tradicionalmente distantes e proibidos como os do leste da Europa.⁷⁶ A 4 de Junho de 1960, Celestino Graça e Viriato Ferreira organizaram um Cortejo das Bandeiras de Adiafa. Na pista da Feira desfilaram ranchos ribatejanos com trajes e carros típicos, instrumentos de trabalho, imagens de santos, iniciais de casas agrícolas e “... os mais variados motivos, de ingénua e imaginosa lembrança, sugestões desse grande artista que o povo é.”⁷⁷.

⁷⁵ A comissão organizadora do I Festival de Folclore era composta por António Cacho, Fernando Picoto, João Gomes Moreira e Vítor Manuel da Silva Rodrigues.

⁷⁶ Em Junho de 1962, participou no Festival um grupo folclórico da Hungria. Celestino Graça teve de solucionar diversos problemas com a PIDE e foi obrigado a garantir que os húngaros só saíam do recinto acompanhados por membros da organização da Feira do Ribatejo. Nesse ano, Celestino Graça obteve autorização para se deslocar a Praga e Bratislava para assistir a festivais a convite do Ministério da Cultura da Checoslováquia.

⁷⁷ *Correio do Ribatejo*, 11/6/1960, p. 1.

II

1. A Elite da Cidade – Conclusão

O Club de Santarém e o Teatro Club Ribeirense surgiram no século XIX e eram as duas colectividades de elite da cidade de Santarém. A segunda, situada na Ribeira de Santarém, pretendia imitar o modelo da primeira, sem no entanto o conseguir totalmente. Por várias vezes esta colectividade abriu as suas portas a famílias de classe média ou permitiu espectáculos dentro da sua sede com características menos elitistas. Pelo contrário, o Club de Santarém fechou as suas portas a todos os que não tivessem um estatuto elevado na orgânica da cidade. Os governadores civis podiam frequentar o Club mesmo que não fossem sócios, enquanto um comerciante que tivesse sucesso nos negócios nem sempre conseguia o convite para se associar.

Ambas as colectividades possuíam um teatro, o que lhes conferia autonomia ao nível dos equipamentos. O Club Ribeirense possuía o teatro dentro da sua sede e nele promoveu actividades como teatro, bailes e espectáculos musicais. O teatro Rosa Damasceno, apesar de pertencer ao Club, chegou a ter autonomia em relação aos seus corpos gerentes. O espaço era emprestado para diversos espectáculos dinamizados por outras colectividades ou associações de estudantes, sendo alugado para conferências, concertos e projectação de filmes. Todos os concertos organizados pela delegação de Santarém do Círculo de Cultura Musical decorreram no Rosa Damasceno.

O Club manteve-se financeiramente estável chegando a apoiar monetariamente outras colectividades, casos do Orfeão, do Círculo Cultural, de “Os Leões” e da Banda dos Bombeiros. O mesmo não sucedeu com o Club Ribeirense que entrou em declínio a partir dos anos 50 devido a dificuldades financeiras, abrindo as suas portas a um grupo de sócios socialmente mais diversificado.

II

2. “Todos Têm Direito à Cultura” – Conclusão

O Club Literário Guilherme de Azevedo, o Orfeão Scalabitano e o Círculo Cultural encontravam-se empenhados em difundir a cultura aos mais desfavorecidos. Esta última colectividade resultou da fusão das duas primeiras, a partir do projecto de difusão cultural do dirigente associativo Manuel Ginestal Machado, estruturado na ideia “todos têm direito à cultura”. As portas destas colectividades estavam abertas a todos os associados independentemente do seu poder económico e da sua estratificação social. O Club Literário possuía um teatro, o Taborda, que foi utilizado também pelo Orfeão e posteriormente pelo Círculo Cultural.

A dinâmica cultural impulsionada por estas colectividades permitiu contactos com outras localidades motivadas pelas “embaixadas culturais”. Estas permitiram que padrões e empregados partilhassem das mesmas experiências, impossíveis de concretizar para a grande maioria dos segundos, sem a oportunidade associativa de viajar. Estas colectividades contavam com um número elevado de associadas em relação às suas congéneres. As únicas dirigentes associativas encontravam-se no Orfeão e no Círculo Cultural.

Na década de 40, Ginestal Machado empenhou-se num projecto mais vasto, o Grupo de Coordenação Cultural que pretendia estabelecer uma programação em rede das diversas colectividades, com apoios do ministério da Educação, do S.N.I., da F.N.A.T. e com o objectivo de difundir a cultura aos mais necessitados. Este projecto envolvia o ensino de música, de línguas estrangeiras, espectáculos de música e teatro gratuitos, conferências e a fundação de um jardim-escola, segundo o modelo dinamizado durante alguns meses pelo Club Literário. À semelhança do que sucedeu com o Orfeão e com o Círculo Cultural, o Grupo também manteve preocupações sociais, nomeadamente o apoio aos associados doentes ou com problemas financeiros.

Do Club Literário, do Orfeão e do Círculo surgiram outros projectos de referência que chegaram a obter autonomia dentro destas colectividades, como o Coral Infantil Scalabitano, a Orquestra Típica Scalabitana e o Cineclube. Ao longo das décadas em estudo, estas colectividades foram obtendo apoios e subsídios anuais quer das entidades locais e nacionais, quer de parcerias estabelecidas com a Alliance Française e a Fundação Calouste Gulbenkian, entre outras instituições.

Para as classes mais desfavorecidas, equipamentos como o teatro Sá da Bandeira e companhias de teatro desmontável que se instalavam no campo Fora de Vila permitiam o acesso à cultura a preços menores ou, no caso do desmontável, em troca de trabalho.

II

4. Cultura e Desporto – Conclusão

Das várias colectividades escalabitanas empenhadas na prática desportiva apenas quatro se mantiveram em permanente actividade ao longo do século XX: o Grupo de Futebol os Empregados no Comércio “Os Caixeiros”, o Sport Grupo Scalabitano “Os Leões”, o Sport Grupo União Operária e a Associação Académica de Santarém. Estas colectividades mantinham uma acesa rivalidade na prática das diversas modalidades. Enquanto “Os Leões” e o União Operária disputaram campeonatos de futebol, “Os Caixeiros” e a Académica sentiram-se mais atraídos por modalidades como o basquetebol, o voleibol, o hóquei em patins, o ténis de mesa e o atletismo. O Sport Club Ribeirense, mais próximo do rio, também desenvolveu modalidades como a natação e a vela. A fusão de clubes esteve presente nos objectivos de “Os Leões” desde a década de 40, a fim de que a cidade tivesse um clube mais forte que a representasse como capital do Ribatejo ao mais alto nível na prática de diversas modalidades desportivas, com destaque para o futebol e o basquetebol. O projecto de fusão apenas se veio a concretizar em 1969, quando “Os Leões” e a União Operária deram origem à União Desportiva de Santarém, não sem um período de discussão e polémica na cidade. Nem a falta de recursos financeiros da grande maioria das colectividades perante “Os Leões” permitiu uma fusão mais alargada.

Os locais para a prática desportiva reduziam-se ao estádio Alfredo Aguiar, que pertencia a “Os Leões” e que o alugavam aos outros clubes que não possuíam um campo próprio. No início da década de 40, o União Operária conseguiu apoios das entidades e dos associados para a construção do campo desportivo Chã das Padeiras que passou também a alugar às outras colectividades, a preços mais acessíveis. A partir de 1933, “Os Caixeiros” instalaram um campo desportivo no Cerco da Mecheira que, em 1951, após obras de remodelação, se transformou em ringue onde todas as outras colectividades praticavam basquetebol e hóquei em patins. O ringue tornou-se o local preferido para a organização de esplanadas de Verão que atraíram os que não tinham possibilidades económicas para gozarem férias. A falta de um campo desportivo e as

dificuldades financeiras levaram muitas das colectividades com menos associados ao encerramento.

O estatuto social dos associados variava consoante as colectividades, sendo que “Os Leões” tendiam a reunir a elite desportiva da cidade. Os estudantes do Liceu e da Escola de Regentes Agrícolas disputavam as cores da Académica enquanto o operariado e os caixeiros ligavam-se às colectividades que defendiam os seus interesses. A presença das mulheres era pouco estimulada na prática desportiva, daí a sua menor adesão a estes clubes. A excepção foi a equipa feminina de ténis de mesa de “Os Caixeiros”.

Conclusão

Ao longo do período retratado neste estudo, percebe-se que a fase compreendida entre 1943 e 1958 é aquela em que os projectos culturais promovidos na cidade de Santarém sofreram um maior impulso, com o surgimento de novas colectividades e o envolvimento de um conjunto de homens que pretendiam dinamizar o seu ideário em áreas como a educação e a cultura. Liderados por Manuel Ginestal Machado, tais homens pretendiam divulgar actividades culturais e promovê-las junto daqueles que não tinham tido as mesmas oportunidades, mas que entendiam ter direito de aceder a uma educação que lhe permitisse alargar os seus horizontes. O conjunto de dirigentes associativos e de agentes culturais da cidade que se reviram no ideário de Ginestal abraçou um projecto de “educação popular”. Ao longo do dia a separação entre patrão e empregado era determinante na hierarquia de uma cidade conservadora e de características rurais, enquanto à noite, ao reunirem-se em espaços de convívio cultural como a sede das colectividades, transformavam-se em companheiros unidos pelo gosto da música, do teatro, do cinema e do desporto. Ginestal Machado, dirigente de diversas colectividades ao longo das décadas em estudo, definiu um projecto cultural que ainda hoje apresenta marcas nalgumas colectividades da cidade. Será que podemos enquadrá-lo na “cultura popular”? Sendo que esta foi uma das grandes questões colocadas ao longo deste estudo, consideramos que o ideário de Ginestal não correspondia estritamente aos universos da “cultura popular”, uma vez que aqueles que beneficiaram das oportunidades culturais trabalhavam essencialmente nos serviços, na administração pública e no comércio. Muitos dos beneficiários deste projecto cultural tinham começado a trabalhar ainda adolescentes e tinham-se mantido nos seus empregos apesar dos ordenados baixos e das poucas oportunidades de ascenderem socialmente. Muitos encontravam-se acomodados ao que uma vida remediada lhes tinha atribuído. Alguns tinham passado por experiências que os tinham feito lutar por melhores oportunidades para aqueles que tinham a seu cargo, como foi o caso de António Cacho, que, ao ficar órfão e tendo quatro irmãos mais novos para educar, deixou os estudos e começou a trabalhar para que o mesmo não sucedesse a Rui, Carlos, Manuel e Francisco Cacho. Os irmãos Cacho envolveram-se quer no projecto cultural de Ginestal quer na introdução pioneira de modalidades desportivas na cidade como o basquetebol, o voleibol, o

pingue-pongue e o campismo. Se “todos têm direito à cultura”, as oportunidades estavam essencialmente direccionadas para uma população urbana, inserida na sociedade, com trabalhos “honestos” e que respeitava a hierarquia social instituída. A população rural, dependente do trabalho na agricultura, basicamente assalariada e/ou contratada na praça dos homens ou das mulheres, maioritariamente analfabeta estava excluída deste projecto cultural. Nos poucos textos escritos por Ginestal e pelos seus colaboradores, esta faixa da população aparecia completamente ignorada, apesar das recriações e de alguns temas interpretados pela Orquestra Típica Scalabitana. Se os componentes da referida Orquestra se vestiam de acordo com os trajes usados na lezíria, estes são essencialmente usados por uma elite de proprietários e por uma população assalariada urbana que desconhece o peso da enxada. A necessidade de afirmação da província do Ribatejo e o enaltecer da figura do campino, tão explorada pela política cultural do regime político, acabam por transformar este povo campestre em figurantes apresentados em exposições feiras como elementos de quadros vivos da vida rural ou em desfiles como o Cortejo das Oferendas organizado pela Misericórdia com o apoio das casas agrícolas da região a partir da década de 40.

Se o projecto de Ginestal pretendia colmatar as lacunas culturais da população urbana, o de Celestino Graça pretendia explorar a componente antropológica e etnográfica da população rural. Ao contrário de Ginestal, que nasceu e viveu num meio urbano onde exerceu advocacia, Graça nasceu no Graínho, uma aldeia próxima de Santarém, onde iniciou a sua actividade na agricultura, optando pelo curso de regente agrícola. O Ribatejo rural do bairro à lezíria, sem esquecer as comunidades que viviam junto ao Tejo, como os avieiros e os varinos, apaixonaram-no. Se Graça foi o mentor do maior certame agrícola que surgiu em Portugal em 1954, a Feira do Ribatejo, também fundou e organizou ranchos folclóricos representativos das várias sub-regiões ribatejanas. Envolveu-se num projecto de “cultura popular” percorrendo o espaço rural para recolher músicas, poemas, canções e tradições do povo. Com todos os erros que os etnógrafos e antropólogos lhe possam actualmente apontar, Graça foi um pioneiro neste tipo de trabalho na região que lhe mereceu o respeito do povo, o apoio das elites e o reconhecimento do Estado Novo. Ginestal e Graça eram dois homens de “vistas largas” e cedo perceberam que os seus projectos culturais se complementavam, daí que estabelecessem parcerias ainda hoje presentes na memória da cidade, como a apresentação da “Ode ao Ribatejo” na Feira do Ribatejo. Ambos se relacionaram com o regime político de forma a concretizar e obter apoio financeiro para os seus projectos.

Ginestal foi um opositor à política de Salazar, membro do M.U.D. e das comissões de apoio às candidaturas de Norton de Matos e Humberto Delgado, que, porém, se soube escudar por um grande apoiante do regime, o deputado Artur Proença Duarte. Estes dois homens ideologicamente tão diferentes mantiveram o respeito e uma parceria cultural de cerca de três décadas. Sem esta parceria teria sido impossível promover uma política cultural na cidade, política esta que, com a morte de Ginestal, Duarte não conseguiu continuar. Graça, apesar de não se apresentar como um opositor ao regime, também se escudou por homens influentes junto das elites salazaristas, como António Canavarro e Luís Barreiro Nunes, que lhe permitiram ultrapassar algumas regras pré-definidas, como trazer grupos folclóricos de países de leste para actuarem na Feira do Ribatejo, na década de 60. Quer Graça quer Ginestal morreram cedo e de forma inesperada, deixando uma orfandade cultural ainda hoje patente na cidade.

A política cultural definida por Ginestal e Graça encontrava-se inevitavelmente ligada às associações recreativas e culturais da cidade. Na década de 30, muitas destas associações, herdeiras do republicanismo, passavam por dificuldades económicas e estruturais, perante a necessidade de se adaptarem às transformações que o novo regime político exigia. Na década de 30, Graça e outros colegas da Escola de Regentes Agrícolas e do Liceu fundaram uma nova colectividade de carácter desportivo e cultural, a Associação Académica de Santarém. Ginestal aproveitou o ressurgimento do Orfeão Scalabitano para promover a “consagração da obra” a partir da década de 40. O apogeu deste projecto cultural e associativo acabou por se concretizar em 1954 quando surgiu o Círculo Cultural Scalabitano. Pelo meio ficou um dos planos mais arrojados de Ginestal, a fundação do Grupo de Coordenação Cultural. Este movimento cultural delineado com o objectivo de fortalecer o associativismo da cidade, promover um vasto conjunto de actividades gratuitas destinadas aos que tinham menor acesso à cultura e incentivar a educação dos mais jovens com a fundação de um jardim-escola e o ensino da música e de uma língua estrangeira, através do protocolo estabelecido com a Alliance Française, permitiu modificar a vida cultural de muitos, apesar dos entraves do poder político e da curta duração do Grupo. A vida associativa da cidade encontrava-se ligada a um conjunto de activistas culturais que se embrenhavam na vida de diversas colectividades. Se analisarmos o anexo XIII, que pretende mapear associados e dirigentes na época em estudo, verifica-se que a grande maioria destes homens envolveu-se em várias colectividades. Muitos dirigentes como Ginestal, António Cacho, Artur Duarte, Virgílio Arruda e José Avelino de Sousa integraram os corpos gerentes de

duas ou mais colectividades em simultâneo. Muitos destes dirigentes eram recrutados entre os profissionais liberais, comerciantes, militares de baixa patente e empregados no comércio e nos serviços, com excepção do Club de Santarém e da Sociedade Recreativa Operária, o primeiro pelas suas características elitistas e o segundo por falta de associados que pertencessem às referidas franjas profissionais e sociais. O papel das mulheres na vida associativa da cidade foi bastante discreto durante o período em referência. Muitas das associadas acompanhavam familiares directos ou os maridos, o que lhes permitia aceder à prática de algumas actividades culturais, essencialmente o teatro e a música. A prática desportiva quase que se lhes encontrava vedada, com algumas excepções na área do ténis de mesa e especialmente do campismo. Através das listagens de sócios das diversas colectividades que foi possível consultarmos, concluiu-se que o número de mulheres associadas era bastante reduzido e nalguns casos inexistente por motivos sociais e/ou profissionais, como são exemplificativos os registos do Club de Santarém e da Sociedade Recreativa Operária. O Orfeão Scalabitano e o Círculo Cultural foram as colectividades que mais mulheres integraram como sócias e as únicas onde estas atingiram o estatuto de dirigentes, como sucedeu com as pianistas Georgina Perdigão e Maria de Lourdes Hintze Ribeiro, filhas e esposas de homens socialmente influentes na hierarquia social da cidade. Os estudantes do Liceu, Escola Agrícola e Ateneu Comercial envolviam-se nas actividades culturais da cidade, para além de organizarem récitas anuais que contavam com a participação de muitos dos amadores escalabitanos que se dividiam pelas diversas colectividades.

Os projectos culturais promovidos pelas colectividades obtinham apoio financeiro e/ou logístico do poder local (junta de província, governo civil, câmara municipal). Algumas das colectividades obtinham apoios monetários anuais dessas entidades, como sucedia com o Orfeão, o Círculo Cultural e a Banda dos Bombeiros. Por vezes, o Club de Santarém financiava, quer monetariamente quer através da cedência do teatro Rosa Damasceno, actividades desenvolvidas por outras colectividades. Também a Igreja, através do cônego Francisco Félix, apoiava o associativismo ao ceder o espaço do Ginásio do Seminário para a apresentação de espectáculos, para local de ensaios ou para sede, como sucedeu com o Orfeão. Ginestal foi um dos dirigentes associativos que melhor se relacionou com as estruturas culturais do poder central obtendo apoios do ministério da Educação, do S.N.I., da F.N.A.T., e da Emissora Nacional. Paralelamente, estabeleceu parcerias com entidades independentes como a Fundação Calouste Gulbenkian, a Alliance Française e a Juventude Musical

Portuguesa. O Orfeão e a Orquestra Típica actuaram em “Serões para Trabalhadores” e participaram numa centena de concertos difundidos pela Emissora Nacional. Ambos participaram em dezenas de espectáculos de norte a sul do país e tiveram presença assídua em Lisboa, especialmente nos concertos do Coliseu, onde a Orquestra se tornou um ícone da província do Ribatejo quando passou a actuar acompanhada por fandanguistas de diversos ranchos folclóricos ribatejanos. Ginestal teve o cuidado de contratar os melhores maestros, encenadores e professoras de dança vindos da capital, quer da Emissora Nacional quer do Conservatório, a fim de formar músicos, cantores, bailarinos, actores. Este projecto permitiu a criação de um grupo de trabalhadores de elite que, a par com outros, como contínuos, costureiras, electricistas, carpinteiros, vendiam o seu trabalho no âmbito da difusão da cultura. Nesse primeiro grupo encontrava-se os maestros Belo Marques, Fernando Cabral e Joel Canhão, as bailarinas Bruna Barocchi e Wanda Ribeiro, os encenadores Carlos Sousa e Humberto d’Ávila. Alguns conseguiram obter bolsas de estudo em Lisboa ou no estrangeiro, como sucedeu com o maestro Joel Canhão, que beneficiou de uma especialização feita na Suíça. A “política do espírito” encontrava-se presente no projecto cultural delineado por Ginestal, assim como outras influências externas. Estas foram bem evidentes no trabalho desenvolvido em parceria com a delegação da Alliance Française que promoveu dezenas de concertos, conferências, exposições e distribuiu algumas bolsas de estudo, sendo o professor de francês Luís Eugénio Ferreira um dos beneficiários. As relações estabelecidas entre Santarém e outras regiões através das “embaixadas culturais” permitiram a troca de experiências culturais e o convívio entre muitos homens e mulheres que de outra forma não teriam acesso a viajar. Novas portas se abriram, nomeadamente com a participação em espectáculos na capital, por vezes em locais inacessíveis para muitos, como o teatro S. Carlos, na década de 40.

Apesar do sucesso da dinâmica cultural impulsionada por Ginestal, alguns projectos ficaram por concretizar, como a construção de um “Palácio da Música”, com auditórios e outras estruturas de apoio, mesmo obtendo apoio financeiro e logístico da Fundação Calouste Gulbenkian e da Câmara Municipal. Provavelmente, este fracasso pesou na desilusão que abalou Ginestal no início da década de 60 e que teve consequências na maioria das colectividades da cidade. Avizinhavam-se tempos difíceis mas também reformistas no seio do associativismo, como se verificou no Círculo Cultural, quando após o vazio deixado pelo dirigente histórico e o período inevitável de transição, Francisco Pereira Viegas passou a liderar a instituição.

Fontes e Bibliografia

I – Fontes Manuscritas

Arquivo da Associação Académica de Santarém

Livros de Actas da Assembleia-Geral, 1931-1963.

Livros de Actas da Direcção, 1931-1963.

Estatutos da Associação Académica de Santarém, Santarém, [s.n.], 1931.

Arquivo do Círculo Cultural Scalabitano

Álbum de Fotografias do Orfeão Scalabitano.

Álbum de Fotografias do Círculo Cultural Scalabitano.

“Bases para a Fusão do Clube Literário Guilherme de Azevedo e Orfeão Scalabitano, Acordadas em Reunião das Duas Direcções Realizada em 27 de Julho de 1954” in *Livro “Diversos”*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano.

Boletins do Orfeão Scalabitano, Santarém, 1928-1932.

Circular n.º 3, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 16/2/1955.

Circular n.º 13, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 10/10/1959.

Correspondência entre o Círculo Cultural Scalabitano e o Governo Civil do Distrito de Santarém, Santarém, 1959-1977.

Correspondência entre o Círculo Cultural Scalabitano e as Associações Culturais e Artísticas, Santarém, 1959-1973.

Dossiê Imprensa, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1951-1954.

_____, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1952-1960.

_____, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1956-1958.

Livros de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Literário Guilherme de Azevedo, Santarém, 16/12/1922-10/1/1942.

Livro de Actas da Comissão Administrativa do “Círculo Cultural Scalabitano”, Vol. I, Santarém, 29/7/1954-12/2/1957.

Livro de Actas da Direcção do Círculo Cultural Scalabitano, Vol. II, Santarém, 12/2/1957-8/6/1964.

Livros de Actas de Direcção do Grémio Literário Guilherme de Azevedo, Santarém, 1926.

Livro de Actas da Direcção do Orfeão Scalabitano, Santarém, 21/3/1946-11/8/1950.

Livro de Caixa do Club Literário Guilherme de Azevedo, Santarém, 30/9/1943-31/12/1947.

Livro de Caixa do Orfeão Scalabitano, n.º 2, Santarém, Julho de 1930 a 1946.

“Prémio de Assiduidade – Regulamento” in *Livro Vermelho: Documentos Avulsos*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1955-1958.

Programa do Dia do Orfeonista, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 19/6/1955.

Programas de Filmes, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1955-1957.

Regulamento Interno do Grémio Literário Guilherme de Azevedo, Santarém, 1917.

Relatório da Comissão Administrativa do Círculo Cultural Scalabitano, Santarém, 31/12/1954.

Relatório de Contas da Direcção Referentes à Gerência de 1955, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 1956.

Arquivo do Club de Santarém

“Carta do Grémio Literário Guilherme de Azevedo para o Clube de Santarém assinada por Hermínio Julião Paes Júnior” in *Pasta de Documentos Avulsos do Club de Santarém*, Santarém, 17/7/1907.

Livro de Actas da Assembleia-Geral do Club de Santarém, Santarém, 10/12/1909-16/12/1944.

_____, Santarém, 26/1/1974-21/3/1986.

Livro de Actas da Direcção do Club de Santarém, Santarém, 1/1/1882-6/7/1887.

_____, Santarém, 3/1/1904-7/1/1922.

_____, Santarém, 9/1/1922-2/6/1947.

Livro das Actas das Sessões da Comissão Nomeada para Promover a Edificação de Casa e Teatro para o Club de Santarém, Santarém, 3/4/1877-17/3/1885.

Livro de Cobrança de Quotas da Sociedade Philarmónica de Santarém, Santarém, 1/9/1870-9/4/1873.

Livro de Matrícula de Sócios do Club de Santarém, Santarém, 1/12/1884-12/12/1924.

_____, Santarém, 1924-2000.

Livro das Obrigações Emitidas pelo Club de Santarém dos Accionistas do Teatro Rosa Damasceno, Santarém, 1883-1930.

Arquivo Distrital de Santarém

Espólio de Artur Proença Duarte

Correspondência Recebida por Artur Proença Duarte (1925-1961).

Relatório da Direcção do Orfeão (1925-1931).

Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Santarém

Livro de Actas das Reuniões da Câmara Municipal de Santarém, 1926.

_____, 1936.

_____, 1954.

Espólio da Banda dos Bombeiros

Pasta de fotografias (1925- 1957).

Espólio da Comissão de Turismo de Santarém

Álbuns de Fotografias da Exposição Feira Distrital de 1936.

Livro de Recortes de Imprensa da Comissão de Turismo de Santarém, Santarém, 1952.

Livro de Recortes de Imprensa da Comissão de Turismo de Santarém, Santarém, 1956.

Livro de Registo de Entrada de Correspondência na Comissão de Turismo de Santarém, Santarém, 1936-1950.

Espólio do Grupo dos Amigos do Museu e de Obras de Arte de Santarém

Estatutos do Grupo dos Amigos do Museu e Obras de Arte de Santarém, [Santarém], [exemplar dactilografado], [1938].

Livro de Contabilidade do Grupo de Amigos do Museu e Obras de Arte de Santarém, Santarém, 1938-1957.

Espólio de Virgílio Arruda

Correspondência Enviada por Custódia Cravador Arruda para Virgílio Arruda, 1923-1932.

Correspondência Recebida por João Arruda, 1919-1934

Correspondência Recebida por Virgílio Arruda, 1925-1973.

Arquivo do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio “Os Caixeiros”

“Anexo à Declaração e Inventário da Associação de Classe dos Empregados no Comércio” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 25/9/1942.

“Contrato de Arrendamento do prédio situado na rua Capelo e Ivens” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 29/12/1937.

“Contrato de Sublocação de Arrendamento do prédio situado na rua Capelo e Ivens” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 27/10/1921.

“Declaração de Elisa da Piedade Montês Araújo a Manuel Simões sobre obras no prédio situado na rua Capelo e Ivens” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 23/11/1927.

“Declaração e Inventário da Associação de Classe dos Empregados no Comércio” in *Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio*, Santarém, 1/4/1938.

“Escritura do contrato de arrendamento do terreno do ringue” in *Pasta de Documentos Avulsos de “Os Caixeiros”*, Santarém, 8/9/1952.

Estatutos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio, Santarém, 1938.

_____, Santarém, 1957.

_____, Santarém, 1959.

Ficheiros de Sócios, Santarém, 1924-1965.

Livros de Actas da Assembleia-Geral, 1962-1982, Santarém.

Livro de Actas da Associação de Basquetebol de Santarém, Santarém, 1933.

Livro de Actas da Associação de Ténis de Mesa de Santarém, 1952.

Livro de Actas da Direcção do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio, n.º 1, Santarém, 24/3/1930-26/4/1938.

_____, n.º 3, Santarém, 1945-1951.

Pasta de Documentos Avulsos do Grupo de Futebol os Empregados no Comércio.

Arquivo da Sociedade Recreativa Operária

Livro de Actas de Direcção da Sociedade Recreativa Operária, n.º 3, Santarém, 21/1/1935-13/9/1940.

_____, n.º 4, Santarém, 27/9/1940-20/7/1945.

Livro de Actas da Assembleia-Geral do Grémio Recreativo Operário, Santarém, 17/1/1922-9/1/1930.

_____, Santarém, 10/1/1938-18/12/1945.

Livro de Conta Corrente da Sociedade Recreativa Operária, Santarém, 15/6/1939-15/12/1945.

Livro de Entradas e Saídas da Biblioteca da Sociedade Recreativa Operária, n.º 1, Santarém, 6/2/1925-5/11/1926.

Livro de Títulos da Biblioteca da Sociedade Recreativa Operária, n.º 3, Santarém, Março de 1933.

Pasta de Correspondência Expedida e Recebida, 1934-1942.

Pasta com as Fichas de Registo dos Sócios da Sociedade Recreativa Operária.

Espólios Pessoais

António Madeira Cacho, à guarda de Ludgero Mendes.

Celestino Graça, à guarda da filha Graça Maria Graça.

João Gomes Moreira.

Joaquim Martinho da Silva.

Manuel Ginestal Machado, à guarda da filha Maria Antónia de Brito Ginestal Machado.

Entrevistas

António Bernardes da Silva, Santarém, 1 de Maio de 2009.

Carlos Oliveira, Santarém, 20 de Abril de 2012.

Custódio Alexandre Silva, Santarém, 22 de Fevereiro de 2013.

Dinis Ferreira, Santarém, 23 de Abril de 2012.

Florindo Raimundo Custódio, Santarém, 10 de Março de 2005.

João Gomes Moreira, Santarém, 23 de Março de 2005 e 22 de Agosto de 2013.

Joaquim Martinho da Silva, Santarém, 22 de Abril de 2005.

José Carlos Garcia, Santarém, 7 de Janeiro de 2012.

José Ramos, Cascais, 20 de Março de 2005.

Luís Eugénio Ferreira, Santarém, 20 de Setembro de 2004.

Maria Antónia de Brito Ginestal Machado, Lisboa, 30 de Outubro de 2011.

Maria Elisa Figueiredo, Santarém, 18 de Abril de 2012.

II - Fontes Impressas

Estatutos

Estatuto da Federação Portuguesa de Campismo, Lisboa, Tipografia Sousa & Gonçalves, 1948.

Estatutos do Asilo de Infância Desvalida Denominada de Santo António na Cidade de Santarém, Santarém, Tipografia do Governo Civil, 1872.

Estatutos da Associação dos Amigos do Liceu de Sá da Bandeira, Santarém, Tipografia de J. Avelino de Sousa, [s.d.].

Estatutos da Associação Commercial de Santarém, Santarém, Imprensa Moderna, 1891.
Estatutos da Associação Commercial de Santarém, Alcobaça, Typographia de A. Coelho da Silva, 1895.

Estatutos do Círculo de Cultura Musical do Porto, Porto, [s.n.], 1940.

Estatutos do Club de Santarém. Aprovados por Alvará de 1876, Santarém, Minerva Industrial Typ. de Domingos Santos & Irmão, 1883.

Estatutos do Club de Santarém, Santarém, T. da E. E. de “O Debate”, 1915.

Estatutos do Grémio Literário Guilherme de Azevedo, Santarém, [s.n.], 1914.

Estatutos da Sociedade de Bombeiros Voluntários de Santarém, Santarém, Typographia Progresso, 1909.

Estatutos da Sociedade Philharmonica de Santarém, Lisboa, Tipographica Franco-Portuguesa, 1864.

Estatutos da Sociedade Philharmonica União Ribeirense, Lisboa, Typographica de Salles, 1870.

Estatutos da Sociedade Philantropico-Academica Estabelecida em Santarém, Lisboa, Typographia Minerva Central, 1891.

Legislação e Outros

Diário do Governo, n.º 275/29, I série, 29/11/1929, p. 2423.

Diário do Governo, n.º 93/1932, II série, 21/4/1932.

Diário do Governo, n.º 166/1948, II série, 19/7/1948.

Diário das Sessões da Assembleia Nacional, IV legislatura, sessão n.º 190, 20/3/1957.

Portaria n.º 6501, 24/11/1929.

Propaganda

Pasta com Cartazes e Folhetos de Touradas, Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, 1910-1970.

Pasta com Cartazes, Convites e Programas de Sala das Colectividades, Biblioteca Municipal de Santarém, 1916, 1925-1931, 1943-1950, 1952, 1954-1955.

Pasta com Cartazes, Convites e Programas de Sala, Círculo Cultural Scalabitano, Santarém, 1944-1962.

Programas da Banda dos Bombeiros, Biblioteca Municipal de Santarém, 1935.

Programas de Sala e Folhetos dos Espectáculos de Cinema nos Teatros Rosa Damasceno e Sá da Bandeira, Biblioteca Municipal de Santarém, 1927-1940.

Programas de Sala da Orquestra Scalabis, Biblioteca Municipal de Santarém, 1946-1947.

Catálogos

Américo Marinho, 63 Anos de Pintura, Santarém, Centro Cultural Regional de Santarém, 1983.

Américo Marinho, 70 Anos de Pintura, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 1990.

Braz Ruivo Pintor de Santarém, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 1996.

Catálogo da Exposição de Artes Plásticas, Santarém, Associação Académica de Santarém, 1958.

Eduardo Rosa Mendes Itinerário Pictórico, Santarém Câmara Municipal de Santarém, 1999.

Exposição de Assuntos Tauromáquicos. Catálogo, Santarém, Comissão de Turismo de Santarém, 1952.

Exposição de Pintura e Escultura. 1.º Salão Ribatejano. Catálogo, Santarém, Comissão Municipal de Turismo, 1947.

Filipe Cadima Tavares, uma Vida dedicada à Pintura, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 1999.

Francisco Vilela um Agualelista Ribatejano, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 2001.

I Salão de Artes Plásticas em Santarém, Santarém, Comissão Municipal de Turismo, [1973].

LOPES, Teresa, *Associação Académica de Santarém Setenta e Cinco Anos Depois*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 2007.

_____, *Exposição Comemorativa do Centenário de Nascimento do Pintor Eduardo Rosa Mendes*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 2007.

_____, *Homenagem a Francisco Vilela nos 120 Anos do seu Nascimento*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 2009.

LOPES, Teresa, CUSTÓDIO, Florindo, CUSTÓDIO, Jorge, *Dez Desenhos à Pena sobre Papel de Arsénio da Ressurreição*, Santarém, Biblioteca Municipal de Santarém, 2007.

Jornais e Revistas¹

Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo, Santarém, 1956-1962.

O Alcôa, Alcobaça, 1946.

Almonda, Torres Novas, 1954, 1956.

Ateneu, Santarém, Associação Comercial de Santarém, 1937.

O Atleta, Quinzenário de Sport, Cinema e Teatro, Santarém, 11/6/1933-3/3/1934.

Badaladas, Torres Vedras, 1958.

Beira Dão, Santa Comba, 1956.

A Bola, Lisboa, 1957.

Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, Santarém, 2005.

Brados do Alentejo, Estremoz, 1953.

A Briosas, Boletim Informativo da Associação Académica de Santarém, Santarém, 1944-1949.

O Cabaceiro, Santarém, 1932-1933.

O Caixeiro Desportivo, dir. de Vasco Duarte, número único, Santarém, Oficinas do Correio da Extremadura, Junho de 1942.

Celulóide. Revista Portuguesa de Cinema, Rio Maior, Edição de Fernando Duarte, 1984.

O Charrua, Quinzenário Agrícola, Académico, Literário e Noticioso, Santarém, Escola de Regentes Agrícolas, 1930-1961.

Cidade de Tomar, Tomar, 1953.

Cine-Scalabis, Santarém, 1931.

Comarca de Alcobaça, Alcobaça, 1946.

A Comarca de Arganil, Arganil, 1953.

O Combate, Santarém, 1925-1926.

Comércio do Porto, Porto, 1944-1946, 1952-1957, 1959.

Concelho de Mação, Mação, 1953.

Correio da Extremadura, Santarém, 1891-1944.

Correio do Ribatejo, Santarém, 1945-1965, 1981-1982, 1996, 2004-2007, 2009-2013.

A Defesa, Évora, 1953.

O Debate, Santarém, 1907-1926.

O Despertar, Coimbra, 1952, 1955.

Democracia do Sul, Évora, 1953.

Diário do Alentejo, Beja, 1954.

¹ Os limites cronológicos referem-se ao período considerado para a elaboração deste estudo.

Diário de Coimbra, Coimbra, 1953, 1956-1957.

Diário Ilustrado, Lisboa, 1957.

Diário de Lisboa, Lisboa, 1944-1946, 1952-1958.

Diário de Luanda, Luanda, 1952-1953.

Diário da Manhã, Lisboa, 1936, 1944, 1952-1955.

Diário do Norte, Porto, 1952-1953.

Diário de Notícias, Lisboa, 1926, 1943-1946, 1951-1959.

Diário Popular, Lisboa, 1944, 1950-1959.

Diário do Ribatejo, Santarém, 1970-1978.

Districto de Santarém, Jornal Noticioso, Commercial e Litterario, Santarém, 1880-1886.

O Eco, Pombal, 1953, 1955.

Eco Social, Órgão Defensor da Classe Operária, Santarém, 1931.

O Entroncamento, Entroncamento, 1955.

Festa, Lisboa, 1955-1956.

Futebol. Semanário de Propaganda e Crítica Desportiva, Lisboa, 1936.

Gazeta de Cantanhede, Cantanhede, 1952.

Gazeta do Ribatejo, Santarém, 1923.

Gazeta Santarena, Santarém, 1918-1919.

Goal, Seminário Ribatejano de Desporto, Arte e Literatura, Vila Franca de Xira, 1933.

Ilustração Portuguesa, Lisboa, n.º 691, 19/5/1919, p. 393.

Jornal de Abrantes, Abrantes, 1945, 1951.

Jornal “Aléo”, Lisboa, 1944, 1946.

Jornal do Comércio, Lisboa, 1945-1946, 1957.

Jornal de “Comércio e Colónias”, Lisboa, 1945.

Jornal da Covilhã, Covilhã, 1945.

Jornal de Elvas, Elvas, 1945-1946.

Jornal de Notícias, Porto, 1951-1956.

Jornal do Ribatejo, Santarém, 1958-1963.

Jornal de Santarém, Santarém, 1926-1928.

Jornal de Santarém, Santarém, 1935.

Jornal de Sintra, Sintra, 1956.

Lux, Rio de Janeiro, Brasil, 1946.

Lux Charitas, Revista Comemorativa do Festival nas Portas do Sol, Santarém, [s.n.], 1924.

Mensageiro de Leiria, Leiria, 1957.
O Mocho, Santarém, Liceu Nacional de Santarém, 1932-1965.
O Mundo, Lisboa, 1906.
Mundo Desportivo, Lisboa, 1953.
Mural, Santarém, Associação Académica de Santarém, 1958.
A Nossa Terra, Cascais, 1956, 1958.
Notícias do Cartaxo, Cartaxo, 1959.
Notícias da Covilhã, Covilhã, 1945, 1959.
Notícias de Évora, Évora, 1953.
Notícias de Ourém, Vila Nova de Ourém, 1950, 1952-1953.
Notícias do Ribatejo, Santarém, 1931-1932.
Notícias do Ribatejo, Santarém, 1962-1964.
Novidades, Lisboa, 1946, 1952-1955.
O Orfeão, número único, Santarém, [s.n.], Maio de 1932.
Portas do Sol, Publicação Quinzenal de Literatura, Recreio, Anúncios, Notícias, Sport, Santarém, 1917.
O Primeiro de Janeiro, Porto, 1945-1946, 1952-1954, 1957.
Província do Ribatejo, Santarém, 1937-1938.
A Rabeca, Portalegre, 1953.
Rádio Nacional, Lisboa, 1945-1946, 1952-1953.
Reconquista, Castelo Branco, 1956.
Renovação Nacional, Santarém, 1935-1936.
República, Lisboa, 1944-1946, 1952-1957.
Ribatejo, Santarém, 1949-1954.
Ribatejo Ilustrado, Santarém, 1932-1935.
Ribatejo, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1949-1954.
O Riomaioense, Rio Maior, 1954.
O Santareno, Santarém, 1889.
O Scalabitano, Santarém, 1935-1936.
O Século, Lisboa, 1926, 1943-1946, 1952-1958.
O Século Ilustrado, Lisboa, 1953.
O Templário, Tomar, 1960.
A Verdade, Alenquer, 1950, 1954.
Vida Mundial Ilustrada, Lisboa, 4 de Abril de 1946.

Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano, ano I, n.º 1, Santarém, Tipografia Silva, Dezembro de 1949.

_____, ano II, n.º 2, Santarém, Tipografia do “Correio do Ribatejo”, Maio de 1950.

_____, ano III, n.º 3, Santarém, [s.n.], 1952.

Vida Ribatejana, Vila Franca de Xira, 1944-1948, 1950, 1952, 1954-1959.

Vida Rural, Lisboa, 1955.

A Voz, Lisboa, 1945-1946, 1952-1955.

A Voz de Domingo, Leiria, 1954.

Artigos em Jornais e Revistas

AFONSO, Maria, “Santarém e a Música” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 25/9/1954, p. 4.

ALMEIDA, Leonardo Ribeiro de, “Círculo Fechado” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 15/9/1951, p. 1.

ARRUDA, João, “Horas de Arte. O Orfeão Scalabitano Dois Concertos Memoráveis” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 26/4/1930, p. 2.

_____, “O Orfeão Scalabitano em Peregrinação à Covilhã. Impressões e Comentários” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 29/5/1926, p. 2; 19/6/1926, p. 2; 26/6/1926, p. 3; 3/7/1926, p. 3.

ARRUDA, Virgílio, “O Círculo de Cultura Musical” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 2/9/1950, p. 8.

_____, “O Renascimento do Orfeão Scalabitano” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 24/4/1943, p. 6.

_____, “O Teatro Rosa Damasceno em Santarém” in *Correio do Ribatejo*, 16/3/2007, p. 5; 23/3/2007, p. 10; 13/4/2007, p. 11.

BALTAZAR, Isabel, “Imagens de uma Vida. Um Olhar sobre a Vida e Obra de Leonor Leitão Cadete” in *Faces de Eva*, n.º 23, Lisboa, Edições Colibri / Universidade Nova de Lisboa, 2010, pp. 145-154.

BARBOSA, José Luís Nazareth, “O Círculo Cultural Scalabitano – Um Sonho que é Hoje uma das Melhores Realidades Culturais do País. Deus Quer, o Homem Sonha, a Obra Nasce” in *Século de Domingo*, coord. de Olavo d’Eça Leal, Lisboa, n.º 16, 9/11/1958, pp. 1, 2.

BARBOSA, Luísa, “A Formação do Gosto pelo Cinema em Santarém” in *Correio do Ribatejo*, 1/8/2007, p. 6.

BEJA, Nuno, "A Nossa Banda" in *A Banda dos Bombeiros*, número único comemorativo do 75.º aniversário da Banda dos Bombeiros, dir. de J. Pires de Matos, Santarém, 30/11/1969, p. 7.

"Bodas de Ouro da Orquestra Típica, Cinquenta Anos de Canções" in *O Mirante*, 6/3/1996, p. 16.

CACHO, António, "Uma Instituição que Honra Portugal" in "L'Arecchino", n.º 12, Setembro de 1954.

_____, "Vida ao Ar Livre. De Santarém a Alcobaça uma Jornada que não se Esquecerá" in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 24/9/1949, p. 8.

CALDAS, Ana Maria, "O Início dum Ciclo" in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 19/11/2004, p. 3.

CÂNCIO, Fernando, "Congresso Ribatejano" in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 30/3/1946, p. 1.

CANHÃO, Joel, "Círculo Cultural Scalabitano uma Instituição a Várias Vozes" in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 24/9/2004, pp. 1, 5.

CASTELA, Manuel Alves, "Uma Cultura Cinematográfica" in *Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo*, dir. de António Maria Rodrigues, n.º 4, Santarém, [s.n.], 1959, pp. 47-48.

CECIL, A., "A Banda dos Bombeiros de Santarém" in *Correio do Ribatejo*, 27/12/1952, p. 5.

CHAVES, Luís, "Campino Cavaleiro Ilustrativo da Lezíria Ribatejana" in *Folclore*, n.º 1, Lisboa, Editor Joaquim Adelino Rodrigues, Julho de 1969, pp. 29-30.

"O Círculo Cultural Scalabitano aos Microfones da Emissora Nacional" in *Rádio e Televisão*, Lisboa, 7/3/1959, p. 6.

"O Círculo Cultural Scalabitano e a sua Obra de Projecção Nacional e Internacional" in *Diário de Notícias*, Lisboa, 1/3/1957.

CÓIAS, Serafim, "A Praça de Touros de Santarém" in *Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Santarém*, Santarém, Santa Casa da Misericórdia de Santarém, n.º 34, Julho-Setembro de 2005, pp. 1, 4, 5.

"O Coral Infantil Scalabitano" in *Ribatejo*, 2.ª série, n.º 6, Dezembro de 1954, p. 124.

CORREIA, Carlos Pinhão, "Campismo" in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 15/3/1946, p. 11.

CUSTÓDIO, Florindo, "A Arte de Talma no Taborda (1895-1969)" in *Correio do Ribatejo*, Santarém, n.º 5902, 30/7/2004, pp. 1-2, 20.

DUARTE, Artur Proença, “Razão de Ser” in *Vida Musical. Boletim do Orfeão Scalabitano*, Santarém, n.º 1, Dezembro de 1949, p. 3.

DUARTE, Fernando, “Um Cineclubista Scalabitano Manuel Castela” in *Celulóide*, n.º 363-365, Rio Maior, Edição de Fernando Duarte, Julho-Setembro de 1984, pp. 118-121.

_____, “Um Cineclubista Scalabitano de Santarém, Manuel Castela Crítico de Cinema” in *Celulóide*, n.º 366-368, Rio Maior, Edição de Fernando Duarte, Outubro-Dezembro de 1984, pp. 119-121.

“Entrevista de José Carlos de Oliveira Sollas, director da secção de teatro do Círculo Cultural Scalabitano, a Viriato Camilo” in *Plateia*, Lisboa, 1/8/1958, p. 27.

FERRÃO, Humberto Nelson, “A Feira Nacional de Agricultura e Celestino Graça” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 7/6/2013, p. 14.

FILHO, Campomizzi, “Círculo Cultural Scalabitano” in *Folha do Povo*, Cidade de Ubá, Minas, Brasil, 11/5/1957, p. 1.

FREITAS, Ruben, “Gente da Minha Cidade... Santarém” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 3/2/2006, p. 8; 29/9/2006, p. 8.

GRAÇA, Celestino, “Académica, algumas Notas sobre a sua História” in *A Briosa*, n.º 2, Santarém, Outubro de 1949, p. 3.

GRANJA, Paulo, “O Movimento dos Cineclubes e o Cinema Português – 1945-1962” in *Argumento*, Viseu, Cineclube de Viseu, Julho-Agosto de 2003.

LOPES, Humberto, “Alegria da Criança” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 9/2/1946, p. 1.

_____, “Um Orfeão em Santarém” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 10/4/1943, p. 6.

_____, “O Primeiro Jardim Infantil de Santarém” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 18/3/1944, p. 6.

_____, “Uma “Semana de Arte” em Santarém” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 1/6/1946, p. 7.

LOPES, Teresa, “A Associação de Classe dos Empregados no Comércio (1898-1938)” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 28/12/2012, p. 23.

_____, “A Briosa Associação Académica de Santarém” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 23/3/2007, p. 20.

_____, “O Campismo Escalabitano” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 9/8/2013, p. 11.

_____, “Círculo de Cultura Musical, Delegação de Santarém” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 2/9/2011, p. 12; 9/9/2011, p. 15.

_____, “Círculo Cultural Scalabitano versus Associação Académica de Santarém. No Tempo em que se Disputavam Conferencistas...” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 29/10/2004, pp. 3, 6.

_____, “Coral Infantil Scalabitano” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 15/2/2013, p. 8.

_____, “*Correio do Ribatejo*, 122 Anos de História e Memória” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 6/4/2013, pp. 4, 6.

_____, “Damas ao Bufete” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 15/6/2012, p. 24.

_____, “Exposições de Arte Organizadas pela Comissão de Turismo de Santarém” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 30/8/2013, p. 11.

_____, “As Feiras em Santarém durante a Década de 20” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 14/6/2013, p. 15.

_____, “O Grupo de Coordenação Cultural de Santarém (1945-1947) in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 7/10/2011, p. 13.

_____, “Henrique Campos, um Homem do Ribatejo” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 13/2/2009, p. 9.

_____, “José Osório, Versos Simples de uma Vida por Santarém” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 5/4/2012, p. 8.

_____, “Júlio da Costa Pinto” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 16/1/2009, p. 14.

_____, “Manuel António das Neves” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 25/10/2010, p. 14.

_____, “Memórias de “Os Caixeiros”” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 9/6/2011, pp. 14-15.

_____, “O Movimento Cineclubista” *Correio do Ribatejo*, Santarém, 23/8/2013, pp. 10-11.

_____, “O Movimento Cultural de Santarém (1944-1945)” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 23/9/2011, p. 13.

_____, “Os Pobres também são Gente” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 3/12/2010, p. 10.

_____, ““Os Pobres também são Gente” Breve Reflexão sobre o Estado da Cultura em Santarém, Portugal” in *Revista Opsis*, vol. 12, n.º 2, Dossiê “História Política do Brasil: Historiografia, História e Memória”, Catalão, Brasil, Departamento de História e Ciências Sociais da Universidade de Federal de Goiânia, Dezembro de 2012, pp. 269-280.

_____, “O Poder do Operariado em Santarém” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 29/3/2013, pp. 10-11.

_____, “Ser Ciclista em Santarém nas Décadas de 30 e 40” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 16/8/2013, p. 11.

_____, ““Todos têm Direito à Cultura”, o Sonho e a Obra de Manuel Ginestal Machado” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 31/12/2004, pp. 1, 3; 7/1/2005, p. 7; 14/1/2005, pp. 10, 15.

MACHADO, Manuel d’Almeida Ginestal, “O Círculo Cultural Scalabitano. Uma Obra Cultural que Honra a Cidade de Santarém, a Província do Ribatejo e todo o Portugal” in *Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo*, dir. António M. Rodrigues, n.º 3, Santarém, [s. l.], Outubro de 1958.

_____, “O Grupo de Coordenação Cultural” in *Vida Ribatejana*, Vila Franca de Xira, n.º especial de 1947.

_____, “O Orfeão Scalabitano. Actividades e Aspirações” in *Vida Ribatejana*, Vila Franca de Xira, 1954.

MARIANO, Agostinho, “A Cidade e a Fusão de Clubes” in *Correio do Ribatejo*, Santarém 4/2/1956, p. 8; 11/2/1956, p. 7; 18/2/1956, p. 8; 10/3/1956, pp. 4, 7; 31/3/1956, p. 9; 25/4/1956, p. 7.

MENDES, Faustino Rosa, “A Municipalização da Banda dos Bombeiros” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 16/8/1930, p. 2; 30/8/1930, p. 1; 20/9/1930, p. 1; 18/10/1930, p. 1; 22/11/1930, p. 1; 24/1/1931, p. 8; 28/2/1931, p. 2.

_____, “Tribuna Livre. A Semana Dia-a-Dia. Quem tem Razão? Nós ou Eles?” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 3/5/1930, p. 2.

_____, “O Ribatejo Desconhecido” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 20/7/1929, p. 1; 10/8/1929, p. 1; 31/8/1929, p. 1.

MENDES, Octávio, “Como é Bom Recordar” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 23/7/2004, pp. 1-2, 22.

MIRANDA, Jorge de, “Assuntos de Arte. A Parte Artística da nossa Exposição” in *Gazeta do Ribatejo*, n.º 4, Santarém, 19/8/1923, p. 5.

MONTEIRO, António, “A Fanfarra do Asilo da Misericórdia” in *Boletim Informativo da Santa Casa da Misericórdia de Santarém*, n.º 49, Abril-Junho de 2009, p. 8.

MOREIRA, João Gomes, *Ementa do Almoço de Homenagem dedicado ao Ribatejano António Ferreira Madeira Cacho*, [Santarém], [Gráfica Galdete], 9/5/1992.

_____, “Orquestra Típica Scalabitana” in *Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo*, dir. António M. Rodrigues, n.º 1, Santarém, [s. l.], 1956.

_____, “A Orquestra Típica Scalabitana e a sua Fundação” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 31/12/1981, p. 17; 8/1/1982, p. 11; 15/1/1982, p. 12; 22/1/1982, p. 11.

_____, “Tomar – Santarém Calorosa Recepção à Embaixada Scalabitana” in *Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo*, dir. de António Maria Rodrigues, Santarém, ano V, n.º 5, 1960, pp. 15-17.

_____, BARBOSA, Luísa, “A Orquestra Típica Scalabitana – a sua Fundação” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 13/8/2004, pp. 1, 18.

MORGADO, Calisto, “A Orquestra Típica do Orfeão Scalabitano honra o Folclore Nacional” in *Rádio Nacional*, Lisboa, n.º 846, 10/10/1953, pp. 1- 2.

MOURÃO, Edmundo Vaz, “As “Poeiras”... e o Resto” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 2/2/1957, p. 4.

NARCISO, João Paulo, “Três Congressos (no Correio) do Ribatejo” in *Correio do Ribatejo*, 20/1/2006, p. 10.

ORLEM, Nunes, “A Arte e O Folclore no Ribatejo” in *Programa da VII Feira do Ribatejo*, Santarém, Comissão Municipal de Turismo, 1960.

OSÓRIO, José, “A Banda dos Bombeiros de Santarém” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 20/8/1927, p. 2.

_____, “A Banda dos Bombeiros Voluntários, as suas Tradições e a Necessidade que seja Reorganizada” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 30/4/1927, p. 2.

_____, “Os Campinos” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 29/6/1929, p. 1.

_____, “Prossigamos...” in *Gazeta do Ribatejo*, n.º 2, Santarém, 5/8/1923, p. 2.

_____, “Questão Palpitante a Banda dos Bombeiros”, in *Correio da Extremadura*, Santarém, 7/6/1931, p. 8.

_____, “Santarém” in *Ilustração Portuguesa*, II série, n.º 858, Lisboa, Edição do Jornal “O Século”, 29/7/1922, pp. 102-103.

_____, “Vida Artística. A Festa de Luís Silveira” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 7/6/1930, p. 2.

P., J. R., “Campismo, Escola de Paz” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 16/6/1951, p. 4; 23/6/1951, p. 4.

PILO, Aníbal, “Cultura” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 13/4/1946, p. 6.

QUINTINO, Carlos, “José Carlos Garcia uma Vida de Cantigas” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 10/2/2012, p. 11.

RIBEIRO, José Luís, “As Virtudes do Ribatejano” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 27/2/1932, p. 1.

RODRIGUES, Alexandre da Silva, “Jardins-Escola em Santarém” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 14/11/1942, pp. 1, 8; 21/11/1942, pp. 1, 6; 19/12/1942, p. 6; 9/1/1943, p. 6.

SARMENTO, Zeferino, “O Museu Arqueológico de Santarém” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 26/11/1960, pp. 1, 4, 10.

_____, “Museu Etnográfico do Ribatejo” in *Vida Ribatejana*, Vila Franca de Xira, n.º especial, 1947.

_____, “Viva a Banda dos Bombeiros” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 28/12/1935, p. 8.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, “Poeiras do Cineclubismo” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 12/1/1957, p. 4

_____, “O Primeiro Centenário do Pintor Braz Ruivo” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 13/4/2006, p. 3.

SILVA, Joaquim Martinho da, “Caro Brioso” in *A Briosa*, n.º 2, Santarém, Outubro de 1949, p. 4.

_____, “50 Anos do Círculo Cultural Scalabitano” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 6/8/2004, pp. 1, 5.

SOLLAS, José Carlos de Oliveira, “Poeiras do Cineclubismo” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 9/2/1957, p. 5 e 16/2/1957, p. 4.

“O Orfeão Scalabitano” in *Vida Ribatejana*, Vila Franca de Xira, n.º especial, Natal de 1944.

““Todos os Homens têm Direito à Cultura” declarou-nos o Sr. Dr. Ginestal Machado, Vice-Presidente do Círculo Cultural Scalabitano” in *Jornal do Ribatejo*, Santarém, n.º 3, 20 de Março de 1958, pp. 1, 12.

VALENTE, Lino Dias, “A Banda dos Bombeiros” in *Correio da Extremadura*, Santarém, 4/1/1936, p. 6.

VIEGAS, Francisco Pereira, “Poeiras do Cineclubismo” in *Correio do Ribatejo*, Santarém, 26/1/1957, p. 4.

Livros e Capítulos de Livros

Associativismo

Apontamentos da Arte de Dizer do Professor Carlos Sousa, coligidos por Florindo Custódio, Santarém, Tipografia do “Jornal do Ribatejo”, 1959.

Associação de Futebol de Santarém (1924-1999), edição comemorativa dos 75 anos, Santarém, Associação de Futebol, 1999.

BONITO, Rebelo, Canto Coral e Vida Orfeónica: Subsídios para a História do Canto Colectivo Popular e Artístico, Porto, [s.n.], 1952.

BRIGOLA, João, *O Padre Francisco Nunes da Silva*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1998.

CASTRO, Adolfo Faria, “A Criação da Escola Comercial de Santarém” in *II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948.

Círculo Cultural Scalabitano, 50 Anos, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 2004.

CORREIA, Joaquim Augusto, *Fernando Cardoso Jogador, Capitão e Treinador do Sport Grupo Scalabitano “Os Leões”*, Santarém, Tipografia Silva, 1949.

_____, *Joaquim Augusto Correia apresenta Fernando Cardoso*, Santarém, Editorial Jack, 1949.

COSTA, Victor, “O Desporto e a Sociedade em Portugal entre finais do Século XIX e inícios do Século XX” in *Uma História do Desporto em Portugal. Corpo, Espaços e Média*, coord. de José Neves e Nuno Domingos, vol. I, Lisboa, Quidnovi, 2011, pp. 73-120.

A Cultura Portuguesa e o Estado, Lisboa, S.N.I., 1946.

Exposição Retrospectiva dos Grupos Académico de Danças Infantil de Danças Regionais de Santarém, Santarém, [s.n.], 1977.

FERRÃO, Humberto Nelson, “Associativismo e Folclore: Duas Faces da mesma Moeda” in *Actas do I Congresso Internacional de Folclore*, Lisboa, Inatel, 1991.

_____, “Ranchos Folclóricos: que Associativismo? Deambulações: a Técnica e a Associativa” in *Actas do II Congresso de Folclore do Ribatejo*, Santarém, Edição de Turismo do Ribatejo, 1990.

FERRO, António, *Dez Anos da Política do Espírito (1933-1943)*, Lisboa, SPN, 1944.

_____, *Teatro e Cinema (1936-1949)*, Lisboa, SNI, 1950.

Festival Internacional de Folclore, Bodas de Prata – Retrospectiva, Santarém, [s.n.], 1983.

GRAÇA, Fernando, *Relatório do Grupo de Futebol dos Empregados no Comércio de Santarém 2006-2007*, [Santarém], [texto policopiado], [2007].

Grupo de Forcados Amadores de Santarém. 95 Anos a Pegar Toiros, [Santarém], [s.n.], [2010].

“*In Memoriam*” de Celestino Graça, Santarém, [s.n.], 1978.

Livro Comemorativo do 30.º Aniversário da Associação Académica de Santarém, Santarém, Associação Académica de Santarém, 1961.

LOPES, Humberto, “As Colectividades Desportivas de um Novo Tipo” in *II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948, pp. 533-537.

_____, “O Problema do Analfabetismo”, in *II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948, pp. 525-532.

MOREIRA, João Gomes, *Teatro, Circo e Cinema na Vida de João Moreira*, Santarém, [texto policopiado], 2010.

NUNES, Leopoldo, *A História Gloriosa do Grupo de Forcados Amadores de Santarém na Comemoração do 50º Aniversário da sua Fundação*, Santarém, 1965.

Orquestra Típica Scalabitana 50.º Aniversário, Folheto, Santarém, [s.n.], 1996.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *A Mundividência na Poesia de Guilherme de Azevedo*, Santarém, Edição do Club Literário Guilherme de Azevedo, 1948.

TRINDADE, Luís, “A Imagem do *Sportsman* e o Espectáculo Desportivo” in *Uma História do Desporto em Portugal. Corpo, Espaços e Média*, coord. de José Neves e Nuno Domingos, vol. I, Lisboa, Quidnovi, 2011, pp. 121- 146.

VIDAL, Frédéric, GONÇALVES, Gonçalo Rocha, “O Desporto na Rua em Lisboa no Início do Século XX” in *Uma História do Desporto em Portugal. Corpo, Espaços e Média*, coord. de José Neves e Nuno Domingos, vol. I, Lisboa, Quidnovi, 2011, pp. 147- 166.

25.º Aniversário da Fundação dos Grupos Académico e Infantil da Danças Regionais de Santarém. Notas para a sua História, Santarém, [s.n.], 1981.

Feiras

Álbum Ilustrado da Feira do Ribatejo, Edição de António Maria Rodrigues, Santarém, 1956-1972.

Benavente, Exposição-Feira de Santarém de 1936, Lisboa, Comissão Concelhia de Benavente, 1936.

Feira da Piedade, Santarém, Edição da Comissão de Iniciativa e Turismo de Santarém, 1929.

Feira da Piedade - Portugal Anunciador I, Edição de António Maria Rodrigues, Santarém, 1947.

Programa da Feira do Ribatejo, Santarém, Comissão Municipal de Turismo, 1955-1973.

VI Feira do Ribatejo. Roteiro Comercial 1959, Santarém, Edição de Abel d'Oliveira Alves, [1959].

Santarém. Exposição – Feira – 1936, [Santarém], Edição de Francisco Silveira, [1936].

II Feira e Exposição de Santarém. Catálogo Oficial, Santarém, Tipografia de J. C. Silva, [1926].

Ribatejo

BARREIROS, Augusto, *Capricho Ribatejano*, Lisboa, [s.n.], 1965.

CÂNCIO, Francisco, *Ribatejo*, Lisboa, Bertrand, 1929.

_____, *Ribatejo Histórico e Monumental*, 3 vols, [s.l.], [s.n.], 1938-9.

_____, *Ribatejo Lendário e Pitoresco*, Lisboa, [s.n.], [1946-7].

CHAVES, Luís, “Aspectos Etnográficos do Distrito de Santarém” in *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, n.º 43, Santarém, Junta Geral do Distrito de Santarém, 1936, pp. 132-136.

CORREIA, A. A. Mendes, “Ribatejanos” in *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, ano III, n.º 37-42, Santarém, J.G.D.S., 1933.

FARIA, José Serrão de, *Ao Sol da Lezíria. Quadros Ribatejanos*, [s.l.], [s.n.], 1949.

FÉLIX, Adelaide, *Eu Pecador me Confesso*, Lisboa, Publicações Europa-América, [1954].

_____, *O Grito da Terra*, Porto, Civilização, 1936.

_____, “Não sou uma qualquer” in *Histórias Breves de Escritores Ribatejanos*, Lisboa, Prelo, 1968, pp. 9-21.

_____, *Personae. Conto Ribatejano*, Lisboa, Livraria Ferin, 1926.

_____, *Seixo na Corrente*, Lisboa, Publicações Europa – América, [1963].

FERRÃO, Humberto Nelson, “O Folclore no Ribatejo – O Ribatejo nos Anos 30-60 – Primeira Aproximação” in *Actas do I Congresso de Folclore do Ribatejo*, Santarém, Edição da Região de Turismo do Ribatejo, 1990, pp. 147-154.

_____, “A Política do Espírito e o Ressurgimento dos Ranchos Folclóricos no Distrito de Santarém, 1930-60” in *Temas de História do Distrito de Santarém*, Santarém, Escola Superior de Educação de Santarém, 1991, pp. 721-739.

_____, “Ribatejo: do Rancho de Trabalhadores ao Ranchos Folclórico. A Construção Social de Novas Práticas Configuradas numa Identidade Regional” in *Actas do IV Congresso Português de Sociologia*, Lisboa, Associação Portuguesa de Sociologia, 2000, pp. 1-25.

FORTE, Mário dos Santos, “Da Influência das Cantinas Escolares na Educação Popular” in *II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948.

GRAÇA, Celestino, “O Cânhamo, uma Riqueza do Ribatejo” in *II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948.

LAMAS, Maria, *Mulheres do meu País*, Lisboa, Caminho, 2003.

LOPES, Humberto, “O Conhecimento da Terra Portuguesa, e em Especial do Ribatejo, através dos Livros Adoptados e dos Programas de Instrução Primária e do Liceu” in *II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948, pp. 389-404.

_____, “O Ensino Agrícola no Ribatejo” in *II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948, pp. 515-523.

MACHADO, Manuel Ginestal, “Difusão da Cultura no Ribatejo” in *II Congresso Ribatejano. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio*, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948, pp. 369-372.

NETTO, António Lino, *O Ribatejo e a sua Influência no Desenvolvimento do Municipalismo e do Corporativismo em Portugal*, Lisboa, [s.n.], 1938.

PIMENTEL, Alberto, “O Ribatejo” in *Portugal Pittoresco e Ilustrado. A Extremadura Portuguesa*, Vol. I, Lisboa, Empresa da História de Portugal Sociedade Editora, 1908.

Portugal Anunciador. Ilustração de Turismo e Propaganda Regionalista. Santarém, Lisboa, [s.n.], Novembro de 1927.

REDOL, Alves, *Fanga*, Lisboa, Portugália Editora, 1943.

_____, *Cancioneiro do Ribatejo*, Vila Franca de Xira, Centro Bibliográfico, 1950.

_____, “Ribatejo” in *Portugal Maravilhoso*, org. de João de Barros, vol. II, Lisboa, Edições Cosmos, 1946, pp. 90-176.

REIS, Fernando, *A Lezíria e o Equador*, Lisboa, Editorial “Adastra”, 1954.

RIBAS, Tomás, “Introdução ao Estudo das Danças Populares do Ribatejo” in *Actas do I Congresso de Folclore do Ribatejo – 1987. Comunicações, Recomendações e Propostas*, Santarém, Região do Turismo do Ribatejo, 1990, pp. 199-204.

RIBEIRO, Orlando, “Algumas Notas de Geografia do Ribatejo” in *Boletim da Junta Geral do Distrito de Santarém*, n.º 43, Santarém, Junta Geral do Distrito de Santarém, 1936, pp. 65-76.

SÃO, António de Monte, “Ribatejo, Terra de Gente Forte e Boa” in *Boletim da Junta de Província do Ribatejo*, Santarém, Junta de Província do Ribatejo, 1937-1940, pp. 57-62.

II Congresso do Ribatejo. Regulamento, Actas das Sessões, Teses, Congressistas, Entrevistas na Imprensa e na Rádio, Lisboa, Casa do Ribatejo, 1948.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos, CÂNCIO, Francisco, *Duas Conferências sobre o Ribatejo*, Santarém, Edição das Cantinas Escolares de Santarém, 1947.

TELES, Silva, *A Região Ribatejana e seus Limites*, Santarém, [s.n.], 1931.

TORGA, Miguel, “Diário I” in *Poesia Completa*, Vol. I, Lisboa, D. Quixote, 2001, p. 118.

Santarém

ARRUDA, João, *Através de Santarém*, Santarém, Imprensa Moderna, 1898.

ARRUDA, Virgílio, *Santarém no Tempo*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1997.

CAMPOS, Carlos Augusto da Silva, *Almanach Commercial de Lisboa para 1886*, Ano VI, Lisboa, Lalléman Frères Imprensa, 1885.

FEIO, A. Areosa *Santarém, Princesa das Nossas Vilas*, Santarém, J. Cardoso da Silva Editor, 1929.

FERREIRA, Luís Eugénio, *Santarém Memórias da Cidade*, Santarém, Câmara Municipal de Santarém, 1998.

LE MOS, Eugénio de, *Santarém Lenda e História*, Santarém, edição do “Correio do Ribatejo”, 1940.

OSÓRIO, José, *Guia de Santarém*, Santarém, J. Cardoso da Silva Editor, 1924.

_____, *Por Santarém (Impressões & Fantasias)*, [Santarém], [s.n.], [1915].

Santarém e os seus Arredores. Indicações Geraes para Uso dos Viajantes, Lisboa, Sociedade Propaganda de Portugal, 1916.

Sarmento, Zeferino, *Santarém*, Porto, Marques Abreu, 1931.

SERRÃO, Joaquim Veríssimo, *Páginas da História de Santarém*, Lisboa, Academia Portuguesa da História, 2008.

_____, *Santarém na História de Portugal*, Santarém, Tipografia Dias Ferreira, [s.d.].

III - Bibliografia

Estudos

ALMEIDA, Ana Cristina de Oliveira, *Memórias no Feminino: O Círculo de Cultura Musical no Porto (1937-2007)*, Aveiro, Universidade de Aveiro – Tese de Mestrado [texto policopiado], 2008.

ALVES, Ana Búzio, *O Teatro Clube Ribeirense*, Santarém, ESES, 2005, [texto policopiado].

AZEVEDO, Manuel À *Margem do Cinema Nacional*, Porto, Cineclube do Porto, 1956.

BARBOSA, Luísa, Evocação do Centenário do Grémio Literário Guilherme de Azevedo. A Construção do Edifício Republicano, Santarém, [s.n.], [s.d.], [texto policopiado].

BOURDIEU, Pierre, *O Poder Simbólico*, Lisboa, Difel, 1989.

BRAZ, José Campos, *Santarém: Raízes e Memórias. Páginas da minha Agenda*, Santarém, Santa Casa da Misericórdia, [2000].

BURKE, Peter, *O que é História Cultural?*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005.

CABRITA, Augusto, BICAS, Carlos, *Américo Marinho uma Rara Maneira de Olhar*, Barreiro, Livraria du Bocage, 1989.

CAMPOS, Graça Maria Soares, *O Ateneu Desportivo de Leiria*, Lisboa, [s.n.], 2006, [tese de mestrado].

CATROGA, Fernando, *O Republicanismo em Portugal da Formação ao 5 de Outubro de 1910*, Lisboa, Casa das Letras, 2010.

CERTEAU, Michel, “A Beleza do Morto. O Conceito de Cultura Popular” in *A Invenção da Sociedade*, Lisboa, Difel, 1989.

CHARTIER, Roger, *A História Cultural entre Práticas e Representações*, Lisboa, Difel, 2002.

COELHO, João Nuno, PINHEIRO, Francisco, *A Paixão do Povo – História do Futebol em Portugal*, Porto, Afrontamento, 2003.

CUCHE, Dennis, *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*, Lisboa, Fim do Século, 1999.

CUSTÓDIO, Jorge, MATA, Luís, *Santarém, Roteiros Republicanos*, Matosinhos, Quidnovi, 2010.

DIAS, José Manuel de Oliveira, *Leiria entre 1920 e 1940: Sociabilidade e Vida Quotidiana*, Leiria, Magno, 1999.

EAGLETON, Terry, *A Ideia de Cultura*, Lisboa, Temas e Debates, 2003.

ESTEVES, José, *O Desporto e as Estruturas Sociais*, Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 1999.

FILIPE, José Guilherme Mora, *Percursos Itinerantes, a Companhia de Rafael de Oliveira Artistas Associados*, [texto policopiado da dissertação de mestrado em Estudos de Teatro], Lisboa, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2007.

GOMES, Regina M. Ferreira Gomes, *As Bandas Filarmónicas como Expressão e Veículo Culturais*, [Lisboa], [exemplar dactilografado], [1985].

HOGGART, Richard, *As Utilizações da Cultura: Aspectos de Vida da Classe Trabalhadora com Especiais Referências a Publicações e Divertimentos*, 2 vols., Lisboa, Presença, 1973-1975.

LEAL, João, *Etnografias Populares (1870-1970) – Cultura Popular e Identidade Popular*, Lisboa, D. Quixote, 2000.

LOPES, Aurélio, MARTINS, Bertino Coelho, *Campinas. A Mulher Ribatejana, o Canto e a Dança*, Chamusca, Edições Cosmos, 2011.

LOPES, Teresa, CUSTÓDIO, Florindo, *Percursos de Manuel Ginestal Machado*, Santarém, Círculo Cultural Scalabitano, 2005.

LUCENA, Armando de, *Arte Popular, Usos e Costumes Portugueses*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, Vols. I-III, 1944-1945.

MADEIRA, João, *Os Engenheiros de Almas. O Partido Comunista e os Intelectuais*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996.

MADEIRA, João, FARINHA, Luís, PIMENTEL, Irene Flunser, *Vítimas de Salazar – Estado Novo e Violência Política*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2010.

MARTINS, Bertino Coelho, *Celestino Graça sua Produção Literária e Elementos Biográficos*, [Santarém], [s.n.], [1981].

MARTINS, Rui Silva, *Rosa Damasceno*, [s.n.], [s.l.], 2009.

MELO, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Lisboa, ICS, 2001.

MOURA, Mário Mendes, *O Campismo na Vida Moderna*, Lisboa, Biblioteca Cosmos, n.º 102, 1946.

Nazaré Memória de uma Praia de Banhos, coord. de Doris Santos, Nazaré, Instituto dos Museus e da Conservação / Museu Dr. Joaquim Manso, 2010.

NEVES, José, *Comunismo e Nacionalismo em Portugal. Política, Cultura e História no Século XX*, Lisboa, Tinta-da-China, 2010.

Ó, Jorge Ramos do, *Os Anos de Ferro. O Dispositivo Cultural durante a “Política do Espírito” – 1933-1949*, Lisboa, Editorial Estampa, 1999.

PINA, Luís de, *História do Cinema Português*, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1986.

REBELLO, Luís Francisco Rebelo, *Breve História do Teatro Português*, Mem Martins, Publicações Europa – América, 2000.

REVEL, Jacques, *A Invenção da Sociedade*, Lisboa, Difel, [1990].

ROSAS, Fernando, “O Estado Novo” (1926-1960) in *Nova História de Portugal*, dir. de Joel Serrão e A. H. de Oliveira Marques, Vol. XII, Lisboa, Editorial Presença, 1992.

_____, “O Estado Novo” (1926-1974) in *História de Portugal*, dir. de José Mattoso, Vol. VII, Lisboa, Círculo de Leitores, 1994.

_____, *O Estado Novo nos Anos Trinta. Elementos para o Estudo da Natureza Económica e Social do Salazarismo (1928-1938)*, Lisboa, Editorial Estampa, 1986.

SILVA, Joaquim Martinho da, *Os Advogados de Santarém*, Santarém, Ordem dos Advogados – Delegação de Santarém, 2002.

TRINDADE, Luís, *O Estranho Caso do Nacionalismo Português: O Salazarismo entre a Literatura e a Política*, Lisboa, Imprensa de Ciência Sociais, 2008.

_____, *Primeiras Páginas: o Século XX nos Jornais Portugueses*, Lisboa, Tinta-da-China, 2010.

VALENTE, José Carlos, *Estado Novo e a Alegria no Trabalho: uma História Política da F.N.A.T. (1936-1958)*, Lisboa, Colibri e Inatel, 1999.

VALENTE, Justino, *Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo (1945-1995)*, Lisboa, Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo, 1995.

XAVIER, Leonor, *Maria Barroso, um Olhar sobre a Vida*, Lisboa, Difusão Cultural, 1995.

Dicionários

Dicionário de História do Estado Novo, dir. de Fernando Rosas e J M. Brandão de Brito, 2 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1996.

Dicionário de História de Portugal, dir. de Joel Serrão, coord. de António Barreto e Maria Filomena Mónica, vols. VII-IX, Porto, Livraria Figueirinhas, 1999-2000.

Anexo I

Companhias de Teatro de Lisboa que apresentaram espectáculos no teatro Rosa Damasceno (1925-1958)¹

Data	Companhia	Peças Representadas
23/3/1925	Maria Matos e Mendonça de Carvalho	“O Senhor Roubado”
1/4/1925	Teatro Apolo	Revista “Mola Real”
2/4/1925	Teatro Apolo	Revista “Pst”
24/4/1925	Erico Braga e Lucília Simões	“Ninho de Águias”
25/4/1925	Erico Braga e Lucília Simões	“Mademoiselle Pascal”
14/5/1925	Alves da Cunha e Berta Bívar	“Papá Lébonnard”
15/5/1925	Alves da Cunha e Berta Bívar	“Abade Constantino”
7/6/1925	Alves da Cunha	“As Duas Causas”
1/7/1925	Maria Matos e Mendonça de Carvalho	“Era uma vez uma Menina”
12/12/1925	Maria Matos e Nascimento Fernandes	“A Massaroca”
13/12/1925	Maria Matos e Nascimento Fernandes	“Era uma vez uma Menina”
14/12/1925	Maria Matos e Nascimento Fernandes	“O Arroz Doce”
28/2/1926	Declamação Ilda Stichini e Rafael Marques	Drama “Simone”, de Brioux
1/3/1926	Declamação Ilda Stichini e Rafael Marques	“Hora do Amor”, de Edward Bourdet
2/3/1926	Declamação Ilda Stichini e Rafael Marques	“Se eu quisesse...”, de Paul Gerald e Robert Spitzer
3/3/1926	Declamação Ilda Stichini e Rafael Marques	“Ingleses”, de Brioux
20/3/1926	Alves da Cunha e Berta Bívar	“O Saltitão”
21/3/1926	Alves da Cunha e Berta Bívar	“A Malquerida”

¹ Cf. *Correio da Extremadura*, 1925-1944; *Correio do Ribatejo*, 1945-1958; *O Combate*, 1925-1926; *Jornal de Santarém*, 1928.

22/3/1926	Alves da Cunha e Berta Bívar	“Sansão”
24/4/1926	Erico Braga e Lucília Simões	“A Exilada”
25/4/1926	Erico Braga e Lucília Simões	“O Homem das 5 Horas”
26/4/1926	Erico Braga e Lucília Simões	“O Príncipe João”
24-25/4/1928	Revistas e Fantásias de Eva Stachino	Revista “Plumas e Perfumes”.
27/10/1928	Alves da Cunha	“A Garra”
27/10/1928	Alves da Cunha	“Cabeleireiro de Senhoras”
1/11/1928	Ilda Stichini	“Oiro”
7/11/1928	Ilda Stichini	“Oiro”
22/4/1929	Ausenda de Oliveira	
2/2/1930	Erico Braga e Lucília Simões	“Rei da Sorte”
3/2/1930	Erico Braga e Lucília Simões	“A Raça do Azaral”
4/2/1930	Erico Braga e Lucília Simões	“A Primeira Noite”
12/3/1930	Adelina e Aura Abranches	“O Grande Amor”
13/3/1930	Adelina e Aura Abranches	“Em Maré de Sorte”
1/4/1930	Ester Leão e Alexandre de Azevedo	“O Processo de Maryduquan”
2/4/1930	Ester Leão e Alexandre de Azevedo	“O Comboio Fantasma”
3/4/1930	Ester Leão e Alexandre de Azevedo	“A Ameaça”
23/4/1930	Maria Matos	
24/4/1930	Maria Matos	
18/7/1930	Ilda Stichini	“Oiro”
19/7/1930	Ilda Stichini	“Vivete”
20/10/1930	Rafael Marques	“A Ceia dos Fadistas”
10/5/1931	Ilda Stichini	“Sonho de Madrugada”
1-2/7/1931	Adelina Abranches	“A Velha”
2/7/1931	Adelina Abranches	“Ela ou o Diabo”
24/1/1932	Joaquim Miranda	“A Alvorada do Amor”
25/1/1932	Joaquim Miranda	Comédia “Ó Pai Paulino”
30/7/1932	Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro	Drama “Terra de Ninguém”

31/7/1932	Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro	Comédia “Oiro de Lei”
1/8/1932	Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro	Comédia “O Diabo Azul”
24/1/1933		Festa artística do actor Henrique Campos que apresentou “A Cruz de Guerra”, “A Coroa de Rosas” e “Oh Mestre! Onde está o Gato?”. Colaboram actores profissionais de Lisboa e amadores de Santarém.
17/6/1933	Lina de Moel e Rafael Marques	“Exposição de Sevilha”
18/6/1933	Lina de Moel e Rafael Marques	“Zé-Povinho”
23/6/1933	Lina de Moel e Rafael Marques	“A Revista das Revistas”, selecção de quadros de revista. Comédia “O Grande Homem”.
2/9/1933	Estêvão Amarante e Ausenda de Oliveira	Comédia “Desculpa, ó Caetano”
3/9/1933	Estêvão Amarante e Ausenda de Oliveira	Comédia “O Bom Ladrão”
4/9/1933	Estêvão Amarante e Ausenda de Oliveira	Comédia “O Noivo das Caldas”
15/11/1934		Vários quadros de revista com os actores Henrique Campos e Virgínia Soler, os bailarinos Francis e Ruth Walden e uma orquestra composta por amadores dirigidos por um maestro de Lisboa.
17/12/1934	Maria Odette	Revista “Off-side”.
18/12/1934	Maria Odette	Revista “Bonecos Animados”.
27/2/1935	Comédia e Farsa do Teatro da Trindade de Lisboa	Comédia “O Menino Virtuoso”, de Georges Feydeau com Irene Isidro, Vasco de Santana, Barroso Lopes e Assis Pacheco.
17/11/1935	Alves da Cunha e Berta Bívar	“Quem Matou?”
14/3/1936	Eva Stachino	Revista “Ai-ló”
15/3/1936	Eva Stachino	Revista “Arraial”
16/3/1936	Eva Stachino	Revista “Zé dos Pacatos”
24/10/1936	Alves da Cunha e Berta Bívar	“As Duas Causas” Tragédia de um Pai ou Vingança de Pai”, com Nascimento Fernandes. Variedades com todos os artistas da Companhia.
25/10/1936	Alves da Cunha e Berta Bívar	“As Cobardias”

		“O Passado”, de e com Nascimento Fernandes.
28/1/1937	Nascimento Fernandes	Comédia “Adeus, Artur!”. Revista “Desenhos Animados”.
29/1/1937	Nascimento Fernandes	Farsa “Chuva de Pais”. Revista “Nove a Zero”.
29/3/1937	Grande Companhia de Revistas	Revista “Arre Burro”.
30/3/1937	Grande Companhia de Revistas	Revista “Sardinha Assada”.
16/6/1938	Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, Teatro Nacional	“A Recompensa”, de Ramada Curto.
17/6/1938	Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, Teatro Nacional	“Perdoai-nos Senhor...”, de Vasco Mendonça Alves.
9/7/1938	Alves da Cunha	“O Papá Lebonnard” Homenagem a Henrique Campos.
18/11/1938	Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, Teatro Nacional	“Cristalina”.
13/12/1938	Teatro Vitória	Revista
26/1/1939	Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, Teatro Nacional	Comédia “As Três Helenas”. “Rosas de todo o Ano”, de Júlio Dantas, com Palmira Bastos e Maria Lalande.
31/1/1939	Popular de Revistas do Teatro Apolo	Revista “A Dança da Luta”, com Teresa Gomes e Hermínia Silva.
1/2/1939	Popular de Revistas do Teatro Apolo	Revista “Isclas com Elas”
16/3/1939	Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro, Teatro Nacional	“O Alfageme de Santarém”, de Almeida Garrett. No intervalo, concerto dirigido por René Bohet.
27/5/1939	“Embaixada da Alegria”	Revista “Branca de Neve”, com Corina Freire e Manuel Santos Carvalho.
28/5/1939	“Embaixada da Alegria”	Revista “Dia da Espiga”, com Corina Freire e Manuel Santos Carvalho.
7/6/1939	Maria Matos	Comédia “Os Anjinhos”.
8/6/1939	Maria Matos	Comédia “Fidalga de Arronches”.
10/11/1939	Teatral Portuguesa, Teatro Avenida	Comédia “O Sacrificado”, de Máximo Portugal, com Henrique Campos, Irene Isidro, Assis Pacheco, Emília de Oliveira, Elvira Velez, Brunilde Júdice, Henrique Pereira.

11/11/1939	Teatral Portuguesa, Teatro Avenida	Comédia “Faustino, Limitada”, de Mário Marques e Luna de Oliveira, com Palmira Bastos, Estêvão Amarante, Irene Isidro, Emília de Oliveira, Henrique Campos, Brunilde Júdice, Elvira Velez, Assis Pacheco.
3/1/1940	Comédias do Teatro Variedades	Comédia “O Padre Piedade” com Mirita Casimiro, António Silva, Ribeirinho, Josefina Silva e Barroso Lopes.
25/1/1940	Adelina e Aura Abranches	“Quantas vezes a Mãe Canta”.
26/1/1940	Adelina e Aura Abranches	Comédia “A Velha Rabugenta”.
13/10/1940	Revistas de Mirita Casimiro e Vasco de Santana	Revista “Olaré, quem Brinca!”.
20/10/1940	Adelina e Aura Abranches	“A Abelha-mestra”
21/10/1940	Adelina e Aura Abranches	Comédia “Fruto Proibido”.
9/2/1941	Revistas do Teatro Apolo	Revista “Toma Lá Cerejas”, com Dina Teresa e a fadista Berta Cardoso.
13/6/1941	Estêvão Amarante	Comédia “O Padre Piedade”.
7/10/1942	Nova Companhia de Comédias de Adelina Abranches	Comédia “A Formiga”, encenação de Vasco Santana, com Mirita Casimiro, Adelina Abranches.
10/2/1943	Companhia de Declamação de Alves da Cunha e Berta de Bívar do Teatro da Trindade	“Envelhecer”, de Marcelino Mesquita.
11/2/1943	Companhia de Declamação de Alves da Cunha e Berta de Bívar do Teatro da Trindade	“A Mulher Legítima”
30/3/1943	Grande Companhia do Teatro da Trindade	Comédia “O Sabão n.º 13”, com Irene Isidro, Erico Braga, Barroso Lopes, Cremilda de Oliveira.
28/7/1943	João Villaret	Espectáculo de arte com recital poético.
30/8/1943	Teatro Apolo	“O Tio Misérias”, com António Silva, Madalena Sotto, Armando Machado, Silvestre Alegirim, Luís Veloso.
2/6/1944	Teatro Maria Vitória	Revista “Toma lá, dá cá!”.
3/6/1944	Teatro Maria Vitória	Revista “Cantiga da Rua”.
30/6/1944	Companhia Maria Matos do Teatro Variedades (empresa de António Macedo)	Comédia “A Vizinha do Rés-do-chão”, de Fernando Santos e Almeida Amaral, com Maria Matos, Maria Helena, Assis Pacheco, Luís de Campos, Álvaro Benamor.

1/7/1944	Companhia Maria Matos do Teatro Variedades (empresa de António Macedo)	Comédia “Cá em Casa Mando Eu”.
31/12/1944	Teatro Avenida	“O Zé do Telhado”
1/1/1945	Teatro Avenida	“De Fora dos Eixos”
13/1/1945		Revista “A Voz de Portugal”
16/2/1945	Brunilde Júdice e Alves da Costa	“A Malvada”
17/2/1945	Brunilde Júdice e Alves da Costa	“A Serpente”
31/8/1945	Maria Matos	“A Marechala”
1/9/1945	Maria Matos	“A Hora H”
25/2/1946	Teatro Variedades	Revista “Alto Lá com o Charuto”.
26/2/1946	Teatro Variedades	Revista “Bolacha Americana”.
4/3/1951		Revista “Ó Ai, Ó Linda”, com Amarante e Teresa Gomes.
18/3/1951		Recital com Maria Dulce.
Agosto de 1958	Teatro do Gerifalto	“Os Velhos não devem Namorar”, com direcção artística de António Manuel Couto Viana e actuações de Rogério Paulo, Luís Horta, João Perry, Fernanda Montemor, Fernando Gusmão, Fernanda Alves, Mário Pereira, Maria Albergaria, António Anjos.

Anexo II

Espectáculos Musicais no teatro Rosa Damasceno (1925-1957)²

Data	Artistas	Outras Informações
19/3/1925	“El Gran Carona”	Musical.
29/3/1925	“Les Bellinis”	Dueto brasileiro.
19/4/1925	Companhia de Luísa de Lerma	Opereta e bailado.
	Trupe “América”	Sexteto misto de bailarinos e cantores que obtiveram sucesso no Salão Foz de Lisboa.
1/11/1925	Bailarinas Irmãs Muñoz e cançonetista Nora Castilla	
8/11/1925	Bailarinas Hermanas Garridos	
29/11/1925		Variedades.
1/1/1926	Hermanas Gimenez	Variedades.
4/2/1926	Cantora lírica Manuela Pinto Bastos	
15/5/1926	Cantora Raquel Barros e pianista Maria Luísa Schiappa Viana	Concerto com peças de Chopin e Manuel de Falla.
6/1/1930	Cantores Ermelinda Vieira, Isabel Fragoso e Armando Baptista.	Concerto e variedades.
23/2/1930	Orquestra Sinfónica de Rui Coelho	
5/5/1930	Tuna Académica de Coimbra	
25/5/1930	Guitarrista Júlio Silva	Variedades no intervalo do filme “Uma Noite em Singapura”.

² Cf. *Correio da Extremadura*, 1925-1944; *Correio do Ribatejo*, 1945-1957; *O Combate*, 1925-1926; *Notícias do Ribatejo*, 1931.

11/6/1930	Sarau musical	Festa de homenagem a Alberto Cardoso dos Santos.
8/11/1930	Cruz's Dance Orquestra	Concerto.
23/12/1930	Cantora lírica Manuela Pinto Bastos e declamadora Alice Ogando	Recital.
6/1/1931	Actriz cantora Elisa de Guiset do teatro Variedades	Concerto e variedades dedicados à Banda dos Bombeiros.
16/12/1931	Orfeão da Associação Académica de Coimbra	Sarau.
6/3/1932	Cançonetista espanhola Ester Zamorana.	
5/3/1934	Fadistas Maria Albertina, Maria Celeste, Maria Luísa, Júlio Proença, Alberto Costa, Joaquim Pimentel, Júlio Duarte e Carlos Oliveira acompanhados por Carlos Ramos e Armando Silva.	“Noite do Fado”.
27/3/1934	Declamadora brasileira Margarida Lopes de Almeida acompanhada por Alfredo Ferreira no violino, D. José Zarco no violoncelo e Olímpia Dória no piano.	Recital com poemas de autores portugueses e brasileiros e temas de Haydn, Offenbach e A. Bose.
17/5/1934	Cantora lírica Conchita Ulia acompanhada ao piano pelo maestro Frederico de Freitas e actriz Brunilde Júdice.	Recital de música e poesia.
12/12/1934	Cantora lírica Conchita Ulia.	
30/3/1935	Sarau musical pela pianista Olímpia Dória e o violinista Alfredo Ferreira, poemas ditos por Georgina Cardoso dos Santos e conferência de Virgílio Arruda.	Festa de homenagem a Alberto Cardoso dos Santos.
17/4/1935	Orfeão Académico de Lisboa	Recital.
22/12/1938	Banda dos Bombeiros de Santarém	Concerto.
4/3/1939	Tuna Académica da Universidade de Coimbra	
23/12/1941	Banda dos Bombeiros de Santarém	Concerto.
3/4/1943	Orquestra “Aldrabofona”	Variedades e representação de textos cómicos.
15/4/1943	Bailarina Conchita Breton, cançonetista Carmelita Caballero e Orquestra Caravana.	Variedades.
14/5/1944	Cançonetista Maria Sidónio	Repertório de canções brasileiras.
19-20/5/1944	A vedeta do bailado espanhol Pilarim Avellan, as cançonetistas e parelha de baile Hermanas Lopez, a artista brasileira Black Daisy, a parelha de baile Hermanas Valadares, a actriz e compositora Constança Maria, a cantora revelação da Emissora Nacional Mimi	Variedades.

	Alcobia, a Orquestra Caravana e os fadistas Fernando Farinha e Guiomar da Conceição.	
22-23/7/1944	Professor Milá, mágico, ventrículo e ilusionista.	Espectáculo “Câmara de Harmonia”.
29/1/1945	Tuna Académica de Coimbra	Sarau.
3/11/1945	Pianista Fernando Laires, Irmãs Meireles, Gina Esteves e o locutor Jorge Alves.	Serão para trabalhadores com conferências de Virgílio Arruda e Carlos Fagulha.
15/12/1945	Orquestra de Almeida Cruz e os artistas da rádio Maria Gabriela, José António, Irmãs Meireles e Luísa Maria.	Espectáculo musical e baile.
Junho de 1951	Orfeão da Covilhã	Sarau.
3/5/1951	“Caravana Musical”, com Francisco José, Gina Esteves, Maria Amélia Marques.	Espectáculo musical gravado pela Rádio Ribatejo.
27/12/1951	Acordeonista Eugénia Lima, Orquestra Típica Scalabitana e Banda dos Bombeiros de Santarém.	Homenagem à acordeonista.
10/3/1957	Orquestra Ribatejo dirigida pelo maestro Costa e Silva e com a pianista Briolanja Gomes dos Santos.	Espectáculo “A Gente Miúda” de Almeirim.

Anexo III

Filmes portugueses exibidos no teatro Rosa Damasceno (1925-1951)³			
Data	Filme	Realizador	Actores
Maio de 1925	“As Pupilas do Senhor Reitor” (1924)	Maurice Mariaud	Eduardo Brazão, Maria Helena, Augusto de Melo, Maria de Oliveira
25/10/1925	“A Tormenta” (1924)	Georges Pallu	António Pinheiro, Maria Clementina
21/8/1932 29/10/1936	“Pão Nosso de Cada Dia” ⁴ (1932)		Vasco de Santana
5/3/1934 17/9/1940	“A Canção de Lisboa” (1933)	José Conttinelli Telmo	António Silva, Vasco Santana, Beatriz Costa, Teresa Gomes
1-2/9/1934 14-15/10/1934 14/4/1935	“Gado Bravo” (1934)	António Lopes Ribeiro	Artur Duarte, Raul de Carvalho, António Silva, Armando Machado, Mariana Alves, Nita Brandão
1-3/5/1935 13/10/1935 18/11/1935	“As Pupilas do Senhor Reitor” (1935)	Leitão de Barros	Maria Matos, António Silva, Leonor de Eça, Maria Paula
30-31/5/1937	“Bocage” (1936)	Leitão de Barros	António Silva, João Villaret, Maria Helena, Raul de Carvalho
22-23/4/1939 8/10/1939	“Aldeia da Roupa Branca” (1938)	Chianca de Garcia	Beatriz Costa, Manuel Santos Carvalho, José Amaro, Hermínia Silva, Óscar de Lemos, Elvira Velez
16-17/7/1939	“Os Fidalgos da Casa	Artur Duarte	Maria Castelar, Tomaz de Macedo, Teresa Casal, Eduardo

³ Cf. *Correio da Extremadura*, 1925-1944; *Correio do Ribatejo*, 1945-1951; *O Combate*, 1925-1926.

⁴ Documentário da vida agrícola e industrial portuguesa, produzido pela Companhia União Fabril.

9/10/1939 9/4/1945	Mourisca” (1938)		Fernandes, João Lopes, Emília de Oliveira.
18-19/2/1940 15/10/1940	“A Varanda dos Rouxinóis” (1939)	Leitão de Barros	Dina Teresa, António Silva, Costinha, Maria Matos.
8-9/9/1940	“Pão-Nosso” (1940)	Armando de Miranda	Leonor d’Eça, António de Sousa, Paiva Raposo, Silvestre Alegrim, Emília de Oliveira
5-6/10/1940 26/12/1940 17/1/1943	“João Ratão” (1938)	Jorge Brum do Canto	Óscar de Lemos, Maria Domingas, António Silva, Manuel Santos Carvalho, Teresa Casal, Costinha, Álvaro de Almeida.
20/4/1941 22/6/1941	“Porto de Abrigo” (1940)	Adolfo Coelho	Virgínia Soler, Barreto Poeira, Igrejas Caeiro, Óscar de Lemos.
19/10/1941	“A Revolução de Maio”(1937) ⁵	António Lopes Ribeiro	Ribeirinho, Maria Clara, Emília de Sousa.
9-10/11/1941 12/4/1942	“O Pai Tirano” (1941)	António Lopes Ribeiro	Ribeirinho, Vasco de Santana, Leonor Maia, Barroso Lopes.
1-2/3/1942	“O Pátio das Cantigas” (1942)	Ribeirinho	António Silva, Vasco de Santana, Laura Alves, Ribeirinho.
19-20/4/1942 21/6/1942	“Lobos da Serra” (1942)	Jorge Brum do Canto	Maria Domingas, António de Sousa, António Silva, Costinha.
18-19/10/1942 27/12/1942	“Ala-Arriba” (1942)	Leitão de Barros	Pescadores da Póvoa do Brasil.
13/12/1942	“O Feitiço da Lua” (1940)	António Lopes Ribeiro	António Silva, Emília de Oliveira, Estêvão Amarante, Ribeirinho.
7-8/2/1943	“Aniki-Bóbó” (1942)	Manuel de Oliveira	Fernanda Matos, António Palma, António Santos.
2-3/5/1943 10/10/1943 9/4/1944	“O Costa do Castelo” (1943)	Artur Duarte	António Silva, Maria Matos, Curado Ribeiro, Manuel Santos Carvalho.

⁵ Exibição inserida na sessão de propaganda eleitoral onde falaram Carlos Borges, Artur Duarte, Eugénio de Lemos e Lino Valente. Cf. *Correio da Extremadura*, 19/10/1941, p. 1; 25/10/1941, p. 6.

20-22/11/1943 16/4/1944 12/9/1944	“Amor de Perdição” (1943)	António Lopes Ribeiro	António Vilar, Carmen Dolores, António Silva, Barreto Poeira, Igrejas Caeiro, Óscar de Lemos.
23/7/1944	“O Trevo de Quatro Folhas” (1936)	Chianca de Garcia	Beatriz Costa, Nascimento Fernandes.
23/7/1944	“Maria Papoila” (1937)	Leitão de Barros	Mirita Casimiro, António da Silva, Alves da Costa.
25-27/6/1945	“A Vizinha do Lado” (1945)	António Lopes Ribeiro	Ribeirinho, António Silva, Carmen Dolores, Hortense Luz.
Agosto de 1951	“Fado História de uma Cantadeira” (1947)	Perdigão Queiroga	Amália Rodrigues, Virgílio Teixeira.

Anexo IV

Círculo de Cultura Musical, Delegação de Santarém Lista de Sócios (1948-1950)¹

Nome do Sócio	Outros Sócios	Profissão	Residência	Temporada 1948-1949	Temporada 1949-1950
Abel Pinhão			Alpiarça	X	
Adelino José Dias Vigário	Esposa		Santarém	X	X
Adolfo Faria de Castro		Professor de Liceu Pintor	Santarém	X	X
Adriano Caldas	Esposa	Coronel	Santarém	X	X
Adriano de Oliveira	Esposa		Santarém	X	
Albano Colaço	Esposa e Filhas	Dono de uma relojoaria	Santarém	X	
Alberto da Cunha e Sá	Esposa			X	
Alberto Saavedra		“Dr.”	Cartaxo	X	
Alberto Silva Cabral			Coruche	X	
Alcides Magalhães dos Santos	Esposa			X	
Alda Ferreira Lopes		“Dr. ^a ”	Caldas da Rainha		X
Alexandre de Sousa Passos			Santarém	X	X

¹ Cf. *Correio do Ribatejo*, 8/5/1948, p. 1; 15/5/1948, p. 8; 22/5/1948, p. 1; 29/5/1948, p. 3; 5/6/1948, p. 8; 3/7/1948, pp. 1, 2; 24/7/1948, pp. 1, 8; 16/7/1949, p. 8; 20/8/1949, p.2; 10/9/1949, p. 1; 1/10/1949, p. 8; 15/10/1949, pp. 1-2; 22/10/1949; 5/11/1949, p. 10.

Alfredo Baptista Amado	Esposa	Capitão	Santarém		X
Alfredo César Henriques		Proprietário	Santarém	X	X
Alfredo Duarte Lagoa	Esposa	“Dr.”	Alpiarça	X	X
Alfredo Ferreira	Esposa		Santarém	X	X
Amador Veríssimo		Farmacêutico	Santarém	X	X
Amélia Alice Restani Romão			Alpiarça		X
Amélia Maia Melo				X	
Amílcar Duarte Silva	Esposa e Filhos		Coruche	X	X
Amílcar Leitão	Esposa	“Dr.”	Santarém	X	X
Amílcar Piedade Marques		“Dr.”	Santarém	X	
Ana João Dias				X	
Ana Maria Couto Nascimento			Caldas da Rainha		X
Ana Mendonça Schiappa Pietra		Professora Proprietária do Colégio de Santa Margarida	Santarém	X	X
Aníbal de Almeida Campos	Esposa e Filhos	“Dr.”		X	X
Angélica Pitta de Moraes		Proprietária	Santarém	X	X
António Afonso Lucas	Esposa	“Dr.”	Almeirim	X	
António Avilez Melo e Castro			Santarém		X
António de Bastos	Esposa Maria Amélia Soares de Bastos	Presidente da Câmara	Santarém	X	Faleceu
António Bernardes da Silva	Esposa Luísa Silva	Cabeleireiro Doméstica	Santarém	X	
António Bernardo Figueiredo		Jornalista	Santarém	X	
António Carlos Borges	Esposa Elisa Pinto de Gouveia Borges	Advogado Deputado da Nação	Santarém	X	X
António Cordeiro Gomes de Abreu	Esposa	Advogado	Santarém	X	X

	Maria Cecília Holbeche Fino Gomes de Abreu				
António Diniz Lopes	Esposa Adélia Diniz Lopes	Comerciante	Santarém	X	X
António Ferreira Quintas		Engenheiro	Santarém		X
António Gonçalves Leitão	Esposa	“Dr.”	Alpiarça	X	X
António Madeira Cacho		Empregado de Escritório	Santarém	X	X
António Manuel Baptista		Tenente-coronel Governador Civil	Santarém	X	X
António Maria Galhordas	Esposa Maria do Espírito Santo Lampreia Galhordas	Professor de Liceu	Santarém	X	X
António de Matos		Padre		X	
António Mendes	Esposa			X	X
António de Meneses				X	
António Nobre		Comerciante	Pernes	X	X
António Onofre		Padre		X	
António Paixão Ferreira		Médico	Santarém	X	
António de Passos Canavarro	Esposa Maria Teresa Van Zeller Canavarro	Advogado Proprietários	Santarém	X	X
António Pedro Rodrigues	Esposa		Santarém		X
António Pinheiro da Costa			Santarém	X	X
António do Rosário Marques	Esposa	Professor de Liceu	Santarém	X	X
António Simões		Padre		X	
António da Terra		Médico	Santarém	X	X
Armando Carvalhosa			Cartaxo	X	
Armando Henrique Cumbre	Esposa	“Dr.”	Chamusca	X	

Armando de Moura	Esposa	Médico	Santarém	X	X
Armindo Rodrigues		Comerciante	Santarém		X
Artur Almada e Melo	Esposa	“Dr.”	Santarém	X	X
Artur de Assunção Martins		“Dr.”	Cartaxo	X	X
Artur Lima		Tenente	Santarém	X	X
Artur de Oliveira	Esposa e Filha		Santarém	X	X
Artur Proença Duarte	Esposa Emília da Silva Santos Duarte	Advogado Deputado da Nação Presidente da Junta de Província do Ribatejo	Santarém	X	X
Ary Belchior Nunes Júnior	Esposa e Filha	Comerciante de materiais de construção	Santarém	X	X
Augusto Braz Ruivo	Esposa Maria Amélia Santa Ana Braz Ruivo	Empregado bancário na Caixa Geral de Depósitos Pintor	Santarém	X	X
Augusto Pais de Azevedo		Engenheiro Professor de Liceu	Santarém	X	X
Augusto da Silva Sousa			Santarém	X	
Augusto Soares de Bastos	Esposa		Santarém		X
Bartolomeu de Noronha da Costa		“Dr.”	Cartaxo	X	
Bernardo Gonçalves Neto		Professor de Liceu	Santarém	X	X
Berto Luís Guerreiro	Esposa	Professor de Liceu	Santarém	X	X
Branca Maria Caldas Correia Pereira		Proprietária	Santarém	X	X
Caetano Marques dos Santos	Esposa Judith Gameiro Guedes Santos	Proprietário Vereador	Santarém	X	X
Cândida Anachoreta			Santarém	X	X
Carlos Alberto Ribeiro		Padre		X	
Carlos Augusto de Castro	Esposa	“Dr.”	Santarém	X	X

Carlos Cristo			Golegã	X	
Carlos Eugénio Marques Perdigão				X	X
Carlos Gonçalves Fagulha	Esposa Maria Antónia Fagulha	Juiz Proprietária	Santarém	X	X
Carlos Henrique Almada Jorge	Esposa		Santarém	X	X
Carlos José Alves Cardoso	Esposa	Alferes		X	X
Carlos Malfeito Monteiro	Esposa		Santarém	X	X
Carlos Veríssimo		Padre		X	
Cláudio Oriol Pena	Esposa		Santarém	X	
Constantino Avelar Freire Torres			Coruche	X	
Custódia Cravador Arruda		Proprietária	Santarém		X
Custódio Branquinho dos Santos	Esposa	Comerciante	Santarém	X	X
Dâmaso de Sousa	Esposa	Capitão		X	X
Daniel Caetano de Andrade	Esposa e Filha			X	X
Domingos Arala Pinto		“Dr.”	Santarém	X	X
Domingos Henriques Gil Guedes			Almoster	X	
Diogo de Lucena Ferreira		Major		X	
Duarte Caldas		“Dr.”		X	X
Eduardo Belchior Nunes		“Dr.”	Santarém	X	X
Eduardo Sousa de Almeida	Esposa	“Dr.”		X	X
Eduardo de Sousa Figueiredo		Advogado	Santarém	X	X
Eduardo de Sousa Máximo			Santarém	X	X
Elisa Rafael Serra e Guerra				X	
Emília Cardoso Forte			Santarém		X
Emílio Centeno da Câmara		“Dr.”	Santarém	X	
Emílio Ferreira Durão	Esposa		Santarém	X	
Ernesto de Melo Gomes		“Dr.”	Cartaxo	X	
Ernesto Rola Henriques	Esposa e Filho		Caldas da Rainha		X
Eurico Ferreira		Advogado	Santarém	X	X

Eurico Pinto Ferreira	Esposa		Santarém	X	X
Fábio Schaller Dias	Esposa Maria Inês Schaller Dias	Advogado Professora de Liceu	Santarém	X	X
Fausto Sacramento Marques	Esposa	Engenheiro	Santarém	X	X
Felisbela de Jesus Neves				X	X
Fernanda Ginestal Machado		Professora de Liceu	Santarém	X	X
Fernando de Almeida Azevedo	Esposa		Santarém	X	X
Fernando Coelho das Neves	Esposa		Santarém		X
Fernando Duarte		Padre		X	
Fernando Leonardo Lino Caetano			Vila Chã de Ourique		X
Fernando da Luz Lopes		Padre		X	
Fernando Machado Soares de Oliveira e Sousa		Capitão		X	
Fernando Maia de Almeida Campos				X	X
Fernando de Oliveira Soares		Major		X	X
Fernando dos Santos Silva			Cartaxo	X	
Fernando de Santana Simões			Santarém	X	
Fernando da Silva Martins		Padre		X	
Firmino Canelas da Silva	Esposa	“Dr.”	Coruche	X	
Florentino Dias Vigário		Proprietário Comerciante	Santarém	X	X
Francisco Antunes Luís Santos			Santarém	X	X
Francisco Barbosa		“Dr.”	Rio Maior	X	
Francisco Cordeiro	Esposa		Santarém	X	X
Francisco Costa Reis	Esposa e Filhos	“Dr.”		X	X
Francisco Duarte Caldas		“Dr.”	Santarém	X	
Francisco Freire			Vila Chã de Ourique	X	

Francisco Hintze Ribeiro	Esposa	Capitão	Santarém	X	
Francisco Jacinto Batata Correia			Alpiarça		X
Francisco Lobo de Vasconcelos	Esposa	Engenheiro Agrônomo	Almeirim	X	
Francisco Martins	Esposa		Santarém	X	X
Francisco de Noronha Leote	Esposa		Santarém	X	X
Francisco de Oliveira Santos			Cartaxo	X	
Francisco Ribeiro	Esposa e Filha		Cartaxo	X	
Francisco Saramago		Padre		X	
Frederico Bonacho dos Anjos	Esposa			X	
Georgina Perdigão			Santarém	X	X
Gilberto Lino Caetano			Vila Chã de Ourique		X
Guilherme de Amorim					X
Helena Maria Augusta Cordeiro			Santarém	X	
Henrique Aguiar		“Dr.”	Cartaxo	X	
Henrique Dias Ferreira			Santarém	X	
Henrique Dias Vigário	Esposa	Inspector da Singer Vereador	Santarém	X	X
Henrique Teles Feio	Esposa	Advogado	Santarém	X	X
Henriqueta Tavares				X	
Hermenegildo do Carmo Campeão	Esposa e Filho		Santarém	X	X
Hermínio Paciência Gaspar	Esposa e Filhos	Médico	Alpiarça	X	X
Horácio Pinto			Santarém	X	
Hugo de Moraes		Proprietário	Santarém	X	X
Hugo da Silva Leitão	Esposa e Filha	Capitão			X
Humberto de Almeida Raposo			Coruche	X	X
Humberto Diniz Lopes	Esposa Arminda Soares Lopes	Advogado	Santarém		X
Ilda Mascarenhas Leote Nobre			Santarém	X	X

Isabel Lagos			Santarém		X
Isabel Maria Velez			Entroncamento		X
Isequias Simões dos Reis			Santarém	X	X
Ismael Simões dos Reis	Esposa	“Dr.”	Santarém	X	X
Jacinto Cardoso da Silva	Esposa	Comerciante	Santarém	X	X
Jaime Manuel de Sousa Marques		“Dr.”	Santarém	X	X
Jaime Mendonça Ribeiro				X	
Jerónimo de Noronha	Esposa		Santarém		X
João Anachoreta	Filho		Santarém		X
João Baptista Brandão de Campos	Esposa		Santarém	X	X
João de Barros e Cunha		Tenente		X	
João Carlos de Castro Reis		Advogado	Cartaxo	X	X
João Correia Vieira	Esposa e Filhas	Comerciante	Santarém	X	X
João da Cunha Baptista	Esposa	Major		X	
João Duarte Meira	Esposa	Médico	Santarém	X	X
João Falcão	Esposa	“Dr.”		X	
João Ferreira		Padre	Santarém	X	X
João Ilídio Lopes Garcia			Santarém	X	
João Luís Botelho Falcão	Esposa	Engenheiro	Santarém	X	X
João Manso Ribeiro	Esposa Maria Cristina Baptista Manso Ribeiro	Veterinário Proprietária da Farmácia Baptista	Santarém	X	X
João de Passos Caldas			Santarém	X	
João de Passos Canavarro	Esposa	Proprietário	Santarém	X	X
João Pedroso	Esposa			X	X
João Rodrigues Pena	Esposa		Santarém	X	
João Saldanha Pimentel Rolim		Engenheiro		X	X
João Sequeira Marcelino		Alferes	Santarém	X	X
João Trancas	Esposa	Médico	Santarém	X	X

Joaquim Almeida Rodrigues Anjinho	Esposa e Filha		Santarém	X	X
Joaquim Augusto de Barros e Mattos	Esposa Maria Júlia de Carvalho do Amaral Barros e Mattos	Capitão Presidente da Comissão Municipal de Turismo	Santarém	X	X
Joaquim Caetano Frazão		Vereador Proprietário	Santarém	X	X
Joaquim Cordeiro Narciso			Cartaxo	X	
Joaquim Crespo Guimarães		“Dr.”	Santarém	X	X
Joaquim Duarte Barreira	Esposa		Alpiarça	X	X
Joaquim Garcia	Esposa		Santarém	X	
Joaquim Malfeito Monteiro	Esposa	Médico	Santarém	X	X
Joaquim Manuel Mateus de Sousa			Santarém	X	X
Joaquim Martins da Cunha e Matta		Proprietário	Santarém	X	X
Joaquim Pedroso de Costa	Esposa	Médico	Santarém	X	X
Joaquim dos Santos Martinho	Esposa Maria Luísa Caeiro Abreu Martinho	Advogado	Santarém	X	X
Joaquim da Silva Pereira	Esposa	“Dr.”	Santarém	X	
Joaquim Simões de Carvalho			Alpiarça	X	
Jorge Faria			Caldas da Rainha		X
José Alves Barbosa Bessa	Esposa	Capitão		X	X
José Augusto Mendes Brites			Cartaxo	X	
José Augusto Tente	Esposa		Santarém	X	X
José Aureliano Ferreira	Esposa			X	X
José Belchior Júnior			Santarém	X	X
José Carlos Cordeiro Dias			Santarém	X	X
José Centeno Infante da Câmara		Proprietário		X	
José Couto Nascimento			Caldas da Rainha		X
José Ferreira da Silva				X	X

José Gomes Bento	Esposa		Santarém	X	X
José Gonçalves de Sá Calado			Cartaxo	X	
José Infante da Câmara	Esposa	Proprietário	Santarém	X	
José Jorge Canelas		Aspirante		X	
José Lopes Sanches Falcão	Esposa	Capitão			X
José Luís	Esposa		Almeirim	X	
José Manuel da Cunha Ferreira		“Dr.”	Cartaxo	X	
José Manuel Tavares Cabral	Esposa	“Dr.”		X	
José Maria Antunes	Esposa			X	
José Maria Gonçalves				X	X
D. José Maria Gonçalves Zarco da Câmara, Conde da Ribeira Grande	Esposa Maria Ester de Magalhães Zarco da Câmara	Proprietários	Santarém	X	X
José Maria de Sousa Rafael	Esposa e Filhos		Santarém	X	X
José Marques de Almeida		“Dr.”	Golegã	X	
José Mota de Carvalho	Esposa			X	X
José Nobre Infante		Padre	Santarém	X	
José Nobre da Veiga	Esposa	Proprietário	Santarém	X	X
José Pedroso	Esposa			X	
José Ramos	Esposa		Caldas da Rainha		X
José Reis e Silva	Esposa	“Dr.”	Santarém	X	X
José Ribeiro de Almeida	Esposa Maria Luísa Monteiro Ramos Ribeiro de Almeida	Capitão	Santarém	X	X
José Ribeiro Tropa	Esposa e Filha			X	X
José dos Santos Ferreira			Santarém	X	X
José da Silva					X
José da Silva Lico	Esposa	Proprietário	Alpiarça	X	X
José Taborda Ramos	Esposa			X	

José Valente de Carvalho	Esposa	Tenente-Coronel	Santarém	X	X
Judite Aguiar da Silva			Santarém	X	X
Judite Figueiredo David		Professora Pianista	Santarém	X	X
Judite Pedroso da Costa			Santarém	X	X
Júlio Gomes de Carvalho	Esposa e Filha	Major	Santarém	X	X
Júlio Lopes		“Dr.”	Caldas da Rainha		X
Júlio Malhou da Costa	Esposa		Alpiarça	X	X
Júlio Neto de Almeida	Esposa		Santarém	X	X
Laura Ferreira Rodrigues				X	
Leonardo Ribeiro de Almeida		Advogado	Santarém	X	X
Lídia Nobre Holbeche Trigoso		Proprietária	Santarém	X	X
Lino Ribeiro			Santarém	X	X
Lúcia Serrão de Faria			Santarém		X
Lucinda Conde			Santarém	X	X
Ludovico dos Santos Pereira	Esposa	“Dr.”	Santarém		X
Luís António Bruto da Costa	Esposa e Filhas	Engenheiro agrónomo	Santarém	X	X
Luís Gomes Correia			Almeirim	X	
Luís Gonçalves			Almeirim	X	
Luís Macieira de Barros			Coruche	X	
Luís Martins Aparício		Padre		X	X
Luís Martins Ferreira	Esposa	“Dr.”	Alcanhões	X	
Luís de Matos		“Dr.”	Santarém	X	X
D. Luís de Meneses (Margaride)	Esposa e Filhos	Proprietário	Almeirim	X	X
Luís Torres Baptista	Esposa		Santarém	X	X
Madalena Inácio			Santarém		X
Manuel Afonso	Esposa Celeste Veríssimo	Cantor Lírico Funcionário Público Pianista	Santarém	X	X

Manuel Antunes Mendes	Esposa	Engenheiro	Santarém	X	
Manuel Ascenso	Esposa		Santarém	X	X
Manuel Belo Catarino	Esposa	Farmacêutico	Santarém	X	X
Manuel Bertrand Vila Nova			Santarém	X	
D. Manuel Braamcamp Sobral	Esposa	Proprietário	Almeirim	X	X
Manuel Correia Ramalho		“Dr.”	Cartaxo	X	
Manuel Fragoso de Almeida	Esposa e Filha	“Dr.”	Cartaxo	X	X
Manuel Fróis Gil Ferrão	Filho			X	
Manuel Garcia Trigo	Esposa			X	X
Manuel Ginestal Machado	Esposa Maria da Paz Brito Ginestal Machado	Advogado	Santarém	X	X
Manuel Henriques da Silva Flores				X	X
Manuel João Telhada	Esposa	Comerciante Proprietário	Santarém	X	X
Manuel José Coutinho	Esposa		Alpiarça	X	X
Manuel Lopes Branquinho	Esposa	Comerciante	Santarém	X	X
Manuel Marecos Duarte		Engenheiro	Santarém		X
Manuel Maria Henriques		Padre	Santarém		X
Manuel Mendes Martinho	Esposa		Santarém	X	X
Manuel Pereira Branco	Esposa	Médico	Santarém	X	X
Manuel Simões dos Santos Justo	Esposa e Filhas	Comerciante	Santarém	X	X
Manuel Soares de Bastos	Esposa	Engenheiro	Santarém	X	X
Manuela Palhoto Camacho			Santarém	X	X
Maria Adélia Pêgo			Cartaxo	X	
Maria Alzira de Oliveira				X	X
Maria Amélia Peixoto			Santarém	X	X
Maria Ana Henriques Marques				X	X
Maria de Andrade Gonçalves			Almeirim	X	X

Maria Antónia Lobo de Ávila		Proprietária		X	X
Maria Antonieta Fernandes			Santarém	X	X
Maria do Carmo Sousa			Santarém	X	X
Maria Cristina Dias Holbeche Fino	Filha	Proprietária	Santarém	X	X
Maria Dulce Ferreira Lopes			Caldas da Rainha		X
Maria Eugénia Cordeiro			Santarém	X	X
Maria Estefânia Anachoreta		Funcionária Pública	Santarém	X	X
Maria Fernanda Meireles Freira			Santarém	X	X
Maria Helena Arez		“Dr. ^a ”	Santarém		X
Maria Helena Fragoso			Chamusca	X	X
Maria Helena Maia de Almeida Melo			Santarém	X	
Maria Isabel Palhoto			Santarém		X
Maria Ivone Guedes			Cartaxo	X	
Maria de Jesus da Câmara Oliveira				X	X
Maria José Fernandes		“Dr. ^a ”	Santarém		X
Maria de Lourdes Nobre da Veiga Hintze Ribeiro		Proprietária Professora de piano	Santarém	X	X
Maria de Lourdes Tavares Pereira				X	
Maria de Lourdes Veríssimo		Doméstica	Santarém	X	X
Maria Luísa Martins				X	X
Maria Luísa Simões dos Reis			Santarém	X	X
Maria Natércia Martins				X	X
Maria Nazaré Rigor Malfeito				X	X
Maria Raquel Guedes de Amorim		Professora	Santarém	X	X
Maria Romana de Vilhena Barbosa Caldas		Proprietária	Santarém	X	X
Maria Teresa Dauplas (Alcochete)			Santarém		X
Mariana Ginestal Machado		Professora de Liceu	Santarém	X	X
Marília Mariano				X	X
Marília de Sousa Mendes			Santarém		X

Mário de Augusto de Castro		Veterinário	Santarém	X	X
Mário Augusto Ferreira Pinto			Santarém	X	
Mário Cambezes	Esposa	Coronel	Santarém	X	X
Mário Forte		Funcionário Público	Santarém	X	X
Mário Romão	Esposa	“Dr.”	Alpiarça	X	X
Mateus de Sousa		Médico	Santarém	X	
Miguel de Almeida Melo	Esposa Mousete Rodrigues da Fonseca de Melo	Solicitador	Santarém	X	X
Miguel Saraiva			Santarém	X	X
Natércia Spínola Martins			Santarém	X	X
Noel Augusto de Oliveira	Esposa			X	X
Nuno Franco Duarte	Esposa	Funcionário Público	Santarém	X	X
Octávio Soares de Almeida			Cartaxo	X	
Olímpia da Silva Dória		Professora de Piano	Santarém	X	X
Pedro Casqueiro			Alpiarça	X	X
Pedro Schiappa Pietra	Filhas	Capitão	Santarém	X	X
Pimentel Rolim		Engenheiro		X	
Ramiro Caldas	Esposa	Advogado	Santarém	X	X
Ramiro Fernão Pires	Esposa	Proprietário do café e hotel Central		X	
Ramiro Guimarães Nobre	Esposa Ilda Mascarenhas Leote Nobre	Médico	Santarém	X	X
Raul Carlos Delgado Moreira	Esposa	“Dr.”		X	
Raul José das Neves	Esposa	“Dr.”	Alpiarça	X	X
Regino Mota Ramos	Esposa			X	X
Rodrigo Pombeiro	Esposa	“Dr.”		X	
Rogério Soares			Almeirim	X	

Rosária Maria Antunes			Santarém		X
Rui Puga	Esposa Armandina Henriques Puga	Médico	Santarém	X	X
Rui da Silva Leitão	Esposa Laura da Silva Leitão	Reitor do Liceu	Santarém	X	X
Rui de Sousa Cambezes		Tenente	Santarém	X	X
Salvador Gonçalves	Esposa			X	X
Salvador Supardo	Esposa Mariana Salema Supardo	Empresário	Santarém	X	X
Sara Sousa			Santarém	X	X
Sebastiana Tropa Rigor				X	X
Sebastião Henrique Pereira Simões			Coruche	X	
Sebastião Tavares de Matos		“Dr.”	Cartaxo	X	
Vasco de Sá Nogueira	Esposa	Empresário	Santarém	X	X
Vicente Marques Cadete		“Dr.”	Cartaxo	X	
Victor Claudino das Neves			Alpiarça	X	X
Virgílio Cravador Arruda	Esposa Maria Gertrudes Lino Netto Arruda	Advogado Jornalista Doméstica	Santarém	X	X
Xavier Pereira da Silva	Esposa			X	X

Anexo V

Banda dos Bombeiros Concertos no Concelho de Santarém (1894-1959)¹

Data	Local	Outras Informações
1/1/1894	Ruas da cidade de Santarém	Concerto de Ano Novo.
Agosto de 1894	Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.
Maio de 1895	Passeio da Rainha	
Maio de 1896	Passeio da Rainha	
7/1/1897	Igreja do Salvador	Concerto na missa.
19/3/1898	Romaria às Ómnias	Concerto na Quinta de S. José nas Ómnias.
Setembro de 1898	Passeio da Rainha	
Fevereiro de 1908	Passeio da Rainha	
25-26/12/1909	Teatro Rosa Damasceno	Concertos de Natal.
1-2/1/1910	Teatro Rosa Damasceno	Concertos de Ano Novo.
6/1/1910	Teatro Rosa Damasceno	Concerto de Dia de Reis.
29/7/1923	Praça de Touros	Tourada da Exposição Feira.
22/7/1923	Jardim da República	
15/3/1925	Jardim da República	
19/3/1925	Romaria às Ómnias	

¹ Cf. *Correio da Extremadura*, 1894-1944 e *Correio do Ribatejo*, 1945-1959.

29/3/1925	Estação de Caminho-de-Ferro	Recepção aos alunos do Colégio Vasco da Gama de Lisboa que visitaram Santarém.
12/4/1925	Praça de Touros	Tourada da Feira do Milagre.
22/6/1925	Jardim da República	
5/7/1925	Ruas da cidade e recinto da Feira Franca.	
5/7/1925	Praça de Touros	Tourada.
6/7/1925	Feira Franca	
5/10/1925	Ruas da cidade de Santarém Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
19/3/1927	Romaria às Ómnias	
18/5/1927	Campo de futebol de “Os Leões”	Parada das corporações dos Bombeiros de Santarém.
31/7/1927	Jardim da República	
7/8/1927	Avenida do Tejo, Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.
14/8/1927	Jardim da República	
4/9/1927	Jardim da República	
25/9/1927	Avenida do Tejo, Ribeira de Santarém	
5/10/1927	Ruas da cidade de Santarém Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
29/10/1927	Ruas da cidade de Santarém Quartel dos Bombeiros Voluntários	Alvorada e concerto no âmbito do aniversário da Sociedade dos Bombeiros Voluntários.
6/11/1927	Avenida do Tejo, Ribeira de Santarém	
18/12/1927	Jardim da República	
22/12/1927	Teatro Rosa Damasceno	Concerto em seu benefício intercalado com actos de variedades por amadores da cidade.
1/1/1928	Jardim da República	Concerto de Ano Novo.
21/2/1928	Campo de futebol de “Os Leões”	Concerto e festa carnavalesca em benefício da Banda.
11/3/1928	Jardim da República	
18/3/1928	Avenida do Tejo, Ribeira de Santarém	
19/3/1928	Romaria às Ómnias	

8/4/1928	Jardim da República	
29/4/1928	Jardim da República	
10/6/1928	Jardim da República	
11/6/1928	Avenida do Tejo, Ribeira de Santarém	
16/9/1928	Jardim da República	
20/9/1928	Avenida do Tejo, Ribeira de Santarém	
5/10/1928	Ruas da cidade de Santarém Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
29/10/1928	Teatro Rosa Damasceno	Concerto comemorativo do aniversário da Sociedade dos Bombeiros Voluntários.
18/11/1928	Jardim da República	
1/12/1928	Teatro Rosa Damasceno	Sarau literário musical de gala que contou também com a participação da Orquestra do Orfeão dirigida por Luís Silveira.
1/1/1929	Ruas da cidade de Santarém	Apresentação de cumprimentos e de boas festas a diversas entidades da cidade.
6/1/1929	Jardim da República	
20/1/1929	Jardim da República	
19/3/1929	Romaria às Ómnias	
24/3/1929	Jardim da República	
25/4/1929	Avenida Júlio Malfeito ² , Ribeira de Santarém	
21/4/1929	Jardim da República	
25/4/1929	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
28/4/1929	Jardim da República	
12/5/1929	Jardim da República	
18/7/1929	Jardim da República	
21/7/1929	Jardim da República	
25/7/1929	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
1/8/1929	Jardim da República	

² Antiga avenida do Tejo.

17/8/1929	Jardim da República	
5/10/1929	Ruas da cidade de Santarém Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
5-6/10/1929	Teatro Rosa Damasceno	
13-14/10/1929	Praça de touros	Touradas da Feira da Piedade.
15/10/1929	Feira da Piedade, Campo Fora de Vila	
17/10/1929	Teatro Rosa Damasceno	Concertos com a participação dos actores Erico Braga, Sílvio Vieira e da bailarina Cármen Henares.
17/11/1929	Jardim da República	
1/1/1930	Ruas da cidade de Santarém	Apresentação de cumprimentos e de boas festas a diversas entidades da cidade.
5/1/1930	Jardim da República	
26/1/1930	Jardim da República	
2/2/1930	Jardim da República	
23/2/1930	Jardim da República	
16/3/1930	Jardim da República	
19/3/1930	Romaria às Ómnias	
21/3/1930	Procissão dos Passos	
4/4/1930	Jardim da República	
18/5/1930	Jardim da República	Festas da Cidade.
19/6/1930	Jardim da República	
28-29/6/1930	Cerca do Liceu	As receitas dos concertos reverteram para o monumento ao Soldado Desconhecido, em Santarém.
20/7/1930	Cerca do Liceu	As receitas do concerto reverteram para o monumento ao Soldado Desconhecido, em Santarém.
30/7/1930	Jardim da República	
2/8/1930	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
25/9/1930	Jardim da República	
5/10/1930	Ruas da cidade de Santarém	Evocação da Implantação da República.

	Jardim da República	
9/11/1930	Mercado	Inauguração do Mercado Municipal de Santarém.
23/11/1930	Jardim da República	
30/11/1930	Jardim da República	
21/12/1930	Jardim da República	
22/2/1931	Jardim da República	
10/5/1931	Praça de touros	Tourada.
18/5/1931	Jardim da República	Festas da Cidade.
11/6/1931	Jardim da República	Concerto inserido na “Semana da Tuberculose”, em Santarém.
26/7/1931	Praça de touros	Vacada a favor da Banda.
26/7/1931	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	As receitas destinaram-se à assistência aos tuberculosos.
9/8/1931	Verbena de S. Francisco	
29-30/8/1931	Verbena de S. Francisco	
6-7/9/1931	Verbena de S. Francisco	
12-13/9/1931	Verbena de S. Francisco	
19/9/1931	Verbena de S. Francisco	
28/9/1931	Verbena de S. Francisco	
5/10/1931	Ruas da cidade de Santarém Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
11-12/10/1931	Praça de touros	Touradas da Feira da Piedade.
Novembro de 1931	Teatro Rosa Damasceno	
6/12/1931	Jardim da República	
16/12/1931	Ruas da cidade. Teatro Rosa Damasceno	Participação no cortejo de recepção aos estudantes da Universidade de Coimbra que visitaram Santarém e no sarau de gala.
1/1/1932	Ruas da cidade de Santarém	Apresentação de cumprimentos e de boas festas a diversas entidades da cidade.

10/1/1932	Jardim da República	
31/1/1932	Jardim da República	
6/3/1932	Jardim da República	
2/4/1932	Teatro Sá da Bandeira	
9/4/1932	Jardim das Portas do Sol	Inauguração do monumento ao “Soldado Desconhecido”.
18/5/1932	Jardim da República	Feriado concelhio.
29/5/1932	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
19/6/1932	Verbena de S. Francisco	
10/7/1932	Verbena de S. Francisco	
27/7/1932	Jardim da República	
3/8/1932	Jardim da República	
4/9/1932	Verbena de S. Francisco	
18/9/1932	Verbena de S. Francisco	Homenagem aos ciclistas da III Volta a Portugal em Bicicleta.
1/1/1933	Ruas da cidade de Santarém	Apresentação de cumprimentos e de boas festas a diversas entidades da cidade.
15/1/1933	Jardim da República	
12/2/1933	Quartel dos Bombeiros Municipais	Abrilhou um simulacro dos Bombeiros.
26/3/1933	Jardim da República	
2/4/1933	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
12/4/1933	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
23/7/1933	Jardim das Portas do Sol	As receitas beneficiaram “Os Inválidos do Comércio”.
27/7/1933	Jardim da República	
6/8/1933	Esplanada de S. Francisco	
23/8/1933	Jardim da República	
30/8/1933	Jardim da República	
13/9/1933	Jardim da República	
17/9/1933	Campo Sá da Bandeira	Entrada de touros e picaria.
27/9/1933	Jardim da República	
5/10/1933	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.

15/10/1933	Praça de touros	Garraiada em benefício da Banda.
22/10/1933	Praça de touros	Vacada.
12/11/1933	Jardim da República	
14/1/1934	Jardim da República	
25/2/1934	Jardim da República	
5/3/1934	Teatro Rosa Damasceno	Festa do “Micarene” organizada pela Banda e que contou com a apresentação da farsa musicada “No Pico de Regalados”, de Pedro Bandeira, pelo Grupo Cénico do Grémio Literário Guilherme de Azevedo e do filme “Diplomata para Senhoras”.
25/3/1934	Jardim da República	
2/4/1934	Romaria às Ómnias	
13/5/1934	Praça de touros	Vacada em benefício da Banda.
18/5/1934	Jardim da República	Feriado concelhio
7/6/1934	Jardim da República	
27/6/1934	Jardim da República	
23/7/1934	Jardim da República	
13/8/1934	Jardim da República	
5/10/1934	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
18/11/1934	Jardim da República	
1/12/1934	Ruas da cidade	Homenagem ao feriado da Restauração da Independência.
31/12/1934	Jardim da República	
10/2/1935	Jardim da República	
17/2/1935	Jardim da República	
28/4/1935	Jardim da República	
18/5/1935	Ruas da cidade Jardim da República	Feriado concelhio
16/6/1935	Quartel dos Bombeiros Municipais	Inauguração do pronto-socorro.
1/7/1935	Jardim da República	
14/7/1935	Praça de touros	Tourada em benefício da Banda.

30/7/1935	Jardim da República	
16/8/1935	Jardim da República	
5/10/1935	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
24/11/1935	Jardim da República	
22/12/1935	Jardim da República	
12/4/1936	Praça do Município Ruas da cidade	
3/5/1936	Teatro Rosa Damasceno	
4/5/1936	Jardim da República	
17/5/1936	Recinto da Exposição Feira Distrital	Inauguração do evento.
18/5/1936	Recinto da Exposição Feira Distrital	
20/5/1936	Recinto da Exposição Feira Distrital	
29/5/1936	Recinto da Exposição Feira Distrital	
12/7/1936	Praça de touros	Tourada em benefício da “Sopa dos Pobres”.
19/7/1936	Jardim da República	
24/8/1936	Jardim da República	
13/9/1936	Jardim da República	
27/9/1936	Jardim da República	
5/10/1936	Ruas da cidade	Evocação da Implantação da República.
6/10/1936	Jardim da República	
7/11/1936	Ruas da cidade	Actuou no desfile que saudou o êxito dos nacionalistas perante os republicanos na Guerra Civil de Espanha.
8/11/1936	Jardim da República	
15/11/1936	Jardim da República	
22/11/1936	Praça de touros	Comício anti-comunista.
20/12/1936	Jardim da República	
26/12/1936	Jardim da República	
1/1/1937	Jardim da República	
31/1/1937	Teatro Rosa Damasceno	Concerto de homenagem à Comissão Administrativa do Município na

		presença do ministro do interior, Mário Pais de Sousa.
28/2/1937	Jardim das Portas do Sol	
7/3/1937	Salão dos Bombeiros Voluntários	
13/3/1937	Sede da Banda.	Baile cuja receita se destinou à Caixa de Previdência da Banda.
21/3/1937	Teatro Sá da Bandeira	
28/3/1937	Teatro Sá da Bandeira	Espectáculo de música e cinema dedicado à Banda.
25/4/1937	Jardim das Portas do Sol	
17/5/1937	Praça do Município	Comemoração do primeiro aniversário da Exposição Feira Distrital de Santarém.
2/6/1937	Estação de caminho de ferro	Paragem em Santarém do Presidente da República Óscar Carmona durante a sua deslocação ao norte em comboio.
6/6/1937	Adro da igreja do Seminário	
5/7/1937	Ruas da cidade.	Homenagem a Salazar.
16/7/1937	Jardim das Portas do Sol	
1/8/1937	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
1/8/1937	Sociedade Recreativa Operária	Homenagem ao padre Francisco Nunes.
8/8/1937	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
5/10/1937	Mercado Municipal	Evocação da Implantação da República.
14/11/1937	Salão dos Bombeiros Voluntários	
1/1/1938	Jardim da República	
6/2/1938	Jardim da República	
20/2/1938	Jardim da República	
13/3/1938	Esplanada contígua ao edifício dos Correios.	Inauguração do “Palácio das Comunicações, edifício dos Correios, em Santarém.
27/3/1938	Jardim da República	
10/4/1938	Praça de touros	Tourada da Feira do Milagre promovida pela Banda.
18/5/1938	Jardim da República	Feriado municipal.
28/5/1938	Jardim da República	
10/7/1938	Jardim da República	

27/7/1938	Jardim da República	
6/8/1938	Esplanada dos Bombeiros Voluntários.	Concerto e baile.
7/8/1938	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
10/8/1938	Esplanada dos Bombeiros Voluntários.	
11/8/1938	Esplanada dos Bombeiros Voluntários.	
20/8/1938	Sede da Banda	
27/8/1938	Esplanada dos Bombeiros Voluntários.	
5/10/1938	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
30/10/1938	Jardim da República	Concerto comemorativo do 67.º aniversário dos Bombeiros Voluntários.
22/12/1938	Teatro Rosa Damasceno	Sarau com um concerto musical e a exibição do filme “Doido com Juízo” de Frank Capra.
19/3/1939	Romaria às Ómnias	
2/4/1939	Jardim da República	
7/5/1939	Jardim da República	
15/6/1939	Estação de caminho de ferro de Santarém	Homenagem aos Viriatos que viajavam de comboio do Porto para Lisboa.
25/6/1939	Jardim da República	
16/7/1939	Jardim da República	
13/8/1939	Jardim da República	
3/9/1939	Jardim da República	
5/10/1939	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
19/11/1939	Jardim da República	
1/1/1940	Ruas da cidade de Santarém	Apresentação de cumprimentos e de boas festas a diversas entidades da cidade.
21/1/1940	Jardim da República	
28/1/1940	Jardim da República	
3/3/1940	Jardim da República	
24/3/1940	Jardim da República	
9/6/1940	Campo Sá da Bandeira	Homenagem à Junta de Província do Ribatejo.

14/7/1940	Ruas da cidade	
14/7/1940	Praça de touros	Tourada alusiva ao 48.º aniversário da Banda.
15/7/1940	Esplanada da Banda	
5/10/1940	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
10/11/1940	Alcanhões	
1/12/1940	Jardim da República	
1/1/1941	Ruas da cidade de Santarém	Apresentação de cumprimentos e de boas festas a diversas entidades da cidade.
19/1/1941	Jardim da República	
15/3/1941	Jardim da República	Feriado Municipal.
6/4/1941	Jardim da República	
28/4/1941	Ruas da cidade	Manifestação comemorativa do aniversário de Salazar.
11/5/1941	Jardim da República	
10/7/1941	Praça de touros	Vacada em benefício da Banda que tocou na arena e abrilhantou o espectáculo taurino.
11/7/1941	Jardim da República	
10/8/1941	Jardim da República	
5/10/1941	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
23/12/1941	Teatro Rosa Damasceno	
18/1/1942	Jardim da República	
15/3/1942	Jardim da República	Feriado municipal.
15/3/1942	Romaria às Ómnias	
3/5/1942	Jardim da República	
14/5/1942	Jardim da República	
26/7/1942	Praça de touros	Festa taurina organizada pelo Sport Grupo União Operária.
5/10/1942	Jardim da República	
10/1/1943	Jardim da República	
15/1/1943	Jardim da República	
14/3/1943	Jardim da República	

18/4/1943	Jardim da República	
9/5/1943	Jardim da República	
6/6/1943	Jardim da República	
11/7/1943	Jardim da República	
30/8/1943	Jardim da República	
5/10/1943	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
16/1/1944	Jardim da República	
2/4/1944	Jardim da República	
14/5/1944	Jardim da República	
11/6/1944	Jardim da República	
14/7/1944	Jardim da República	
5/10/1944	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
9/12/1944	Teatro Rosa Damasceno	Concerto com a participação do Orfeão inserido no movimento cultural.
18/2/1945	Jardim da República	
14/4/1945	Jardim da República	
8/5/1945	Ruas da cidade Jardim das Portas do Sol Largo do Seminário	Concerto comemorativo do “Dia da Vitória” em que também actuou o Orfeão.
3/6/1945	Jardim da República	
5/6/1945	Ruas da cidade	Recepção ao Orfeão e à sua comitiva após o regresso da visita à Covilhã.
15/7/1945	Praça de touros	Tourada.
4/8/1945	Jardim da República	
19/8/1945	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	Inauguração de um novo coreto e de bancos na avenida ribeirinha.
31/8/1945	Jardim da República	
5/10/1945	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
14-15/10/1945	Praça de touros	Touradas da Feira da Piedade.
30/12/1945	Jardim da República	
17/3/1946	Jardim da República	

19/3/1946	Romaria às Ómnias	Festas de S. José.
5/5/1946	Jardim da República	
26/5/1946	Jardim da República	
29-30/6/1946	Verbena no Jardim das Portas do Sol	Festas de S. Pedro onde actuou o Rancho Folclórico do Sorraia de Coruche. A verbena terminou com a exibição de um filme ao ar livre. A receita reverteu a favor da Casa de Trabalho de Marvila.
11/7/1946	Jardim da República	
31/8/1946	Teatro Rosa Damasceno	Festival de música e desporto (boxe, esgrima) no âmbito do final de uma etapa da Volta a Portugal em Bicicleta em Santarém.
5/10/1946	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
13/4/1947	Praça de touros	Festival taurino.
20/4/1947	Jardim da República	
10/6/1947	Jardim da República	Concerto em homenagem dos dirigentes e componentes do Orfeão Scalabitano.
29/6/1947	Praça de touros	Tourada no âmbito do II Congresso do Ribatejo.
30/6/1947	Jardim das Portas do Sol	Concerto no âmbito do II Congresso do Ribatejo.
25/7/1947	Jardim da República	
23/8/1947	Esplanada da Banda	Concerto e baile em benefício da Caixa de Auxílio ao Executante.
5/10/1947	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
22/2/1948	Jardim da República	
15/3/1948	Jardim da República	Feriado municipal.
25/4/1948	Jardim da República	
18/6/1948	Jardim da República	
27/8/1948	Jardim da República	
28/8/1948	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
5/10/1948	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
15/3/1949	Jardim da República	Feriado municipal. Inauguração do coreto remodelado.
12/6/1949	Jardim da República	

21/8/1949	Campo Sá da Bandeira	“Dia do Bombeiro”. Entrega de novas viaturas aos Bombeiros Voluntários e Municipais.
1/10/1949	Loja Singer, rua Direita	Inauguração das novas instalações da marca.
5/10/1949	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
1/12/1949	Ruas da cidade	Comemoração do dia da Restauração da Independência.
12/2/1950	Jardim da República	
15/3/1950	Jardim da República	Feriado municipal.
1/6/1950	Jardim da República	
13/7/1950	Jardim da República	
1/9/1950	Jardim da República	
24/9/1950	Avenida Júlio Malfeito, Ribeira de Santarém	
1/10/1950	Sede da Associação Académica de Santarém	Concerto comemorativo do XIX aniversário da Académica.
5/10/1950	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
1/12/1950	Ruas da cidade	Comemoração do “Dia da Mocidade”.
27/1/1951	Teatro Rosa Damasceno	Concerto após a exibição do filme “Fiesta” transmitido pela Rádio Ribatejo.
15/3/1951	Jardim da República	
Março de 1951	Alcanhões	Festejos do “Enterro do Bacalhau”.
12/4/1951	Jardim da República	
4/7/1951	Jardim da República	
25/7/1951	Jardim da República	
1/8/1951	Jardim da República	
5/9/1951	Jardim da República	
5/10/1951	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.
27/12/1951	Teatro Rosa Damasceno	Espectáculo de homenagem à Banda com a participação da Orquestra Típica Scalabitana e da acordeonista Eugénia Lima.
10/5/1953	Jardim da República	Inauguração da nova sede dos Bombeiros Municipais.
1/8/1953	Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.
5/10/1953	Jardim da República	Evocação da Implantação da República.

6/11/1953	Teatro Rosa Damasceno	Homenagem ao maestro Amadeu de Moura Stoffel com a presença da Orquestra Típica Scalabitana.
Março de 1954	Jardim da República	
2/8/1954	Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.
3/12/1954	Teatro Rosa Damasceno	Homenagem ao maestro Amadeu de Moura Stoffel com a presença da Orquestra Típica Scalabitana.
6/8/1955	Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.
13/4/1956	Teatro Rosa Damasceno	Sarau anual da Banda.
Junho de 1956	Recinto da Feira do Ribatejo	Espectáculo de encerramento da Feira onde a Banda, o Orfeão e a Orquestra Típica apresentação a composição “Ode de Exaltação ao Ribatejo”.
7/8/1956	Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.
19/3/1957	Romagem às Ómnias.	
9/6/1957	Recinto da Feira do Ribatejo	Na Feira do Ribatejo foi apresentada a “Ode de Encerramento”, do maestro Herculano Rocha interpretada pelo Coral e Orquestra Folclórica de Rio Maior, Banda dos Bombeiros e o Grupo Académico de Dança Regional de Santarém.
9/5/1958	Teatro Rosa Damasceno	Sarau anual da Banda.
27/7/1958	Jardim das Portas do Sol	Festival organizado pela Comissão Municipal de Turismo em homenagem ao Grupo Infantil Ribatejano.
7/4/1959	Teatro Rosa Damasceno	Sarau anual da Banda.
19/4/1959	Praça de touros	Festival do Ginásio Clube Português.

Anexo VI

Banda dos Bombeiros **Concertos Fora do Concelho de Santarém** **(1894-1956)³**

Data	Local	Outras Informações
Agosto de 1894	Coruche	Festas de Nossa Senhora do Castelo.
12/6/1895	Lisboa	Festas do Centenário de Santo António.
29/9/1901	Esplanada de D. Luís Filipe, Cascais	Concerto a que assistiu a família real.
18-19/9/1927	Coreto, Nazaré	Concertos dedicados aos turistas escalabitanos.
9/9/1928	Azambuja	Concerto nas festas locais.
4/11/1928	Rio Maior	Concerto a favor das obras do hospital de Rio Maior.
8/8/1929	Teatro, Almeirim	Concerto para a Banda obter fundos.
11/8/1929	Alpiarça	Concerto para a Banda obter fundos.
29/9/1929	Jardim público, Évora	Concerto a convite da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Évora.
7/10/1929	Vila Franca de Xira	Concerto numa festa de caridade.
Outubro de 1929	Teatro, Cartaxo	Concerto para a Banda obter fundos.
Outubro de 1929	Teatro, Rio Maior	Concerto para a Banda obter fundos.
8/5/1930	Coimbra	O Orfeão também integrou esta deslocação.
23/7/1932	Coreto no Jardim, Covilhã	Congresso Nacional de Bombeiros.
29/7/1934	Runa	Concerto nos festejos organizados pelo Asilo de Inválidos Militares de Runa.
25-26/5/1935	Meca, Alenquer	Festas anuais.
16/6/1935	Lisboa	Actuou na II Parada dos Bombeiros.
11/7/1937	Évora	“Dia do Bombeiro”.

³ Cf. *Correio da Extremadura*, 1894-1944 e *Correio do Ribatejo*, 1945-1956.

18/7/1937	Vila Nova da Barquinha	Concerto em benefício da Misericórdia local.
29/8/1937	Nazaré	Festas em benefício dos Bombeiros Voluntários da Nazaré.
8/5/1938	Alcanena	Inauguração do Sindicato Nacional dos Operários dos Curtumes do distrito de Santarém.
16/8/1938	Coruche	
29/8/1938	Ruas de Tomar	Aproveitando a deslocação a Vila Nova de Ourém.
21/8/1938	Vila Nova de Ourém	Festas em favor do Hospital de Santo Agostinho de Vila Nova de Ourém.
28/8/1938	Cine-teatro de Salvaterra de Magos	
25/5/1939	Cartaxo	Acompanhou o Grupo Cénico do Grémio Literário Guilherme de Azevedo que apresentou a comédia “Barão de Marvila” de Artur Horta e a revista “Conchinhas do Mar” de Jaime Santos.
4/5/1941	Praça do Rossio, Lisboa	Parada das Sociedades de Educação, Recreio e Desporto, em homenagem a Salazar.
17/8/1941	Avenida Constantino Palha, Vila Franca de Xira	Festa da Associação de Bombeiros Voluntários Vila-franquenses.
20/9/1941	Parque D. Leonor, Caldas da Rainha	
21/9/1941	Nazaré	
16/7/1944	Leiria	O Orfeão acompanhou a deslocação da Banda.
15/5/1947	Caldas da Rainha	Festa da abertura da época balnear.
14/9/1947	Figueira da Foz	Acompanhou a deslocação do Orfeão.
20/6/1948	Parque da Cidade, Aveiro	Acompanhou a deslocação do Orfeão.
20/6/1949	Jardim Público, Évora	Acompanhou a deslocação do Orfeão.
6/8/1950	Ringue de Patinagem do Parque, Caldas da Rainha	Acompanhou a deslocação do Orfeão.
11/9/1950	Recinto de Festas, Alenquer	Festas Anuais.
Setembro de 1953	Portalegre	Exposição Pecuária.
31/1/1954	Praça do Comércio, Rio Maior	Acompanhou a deslocação do Orfeão.
10/6/1955	Campo do Cevadeiro, Vila Franca de Xira.	Festas do Colete Encarnado onde também actuou a Orquestra Típica Scalabitana.

27/5/1956	Jardim do Paço, Castelo Branco	Deslocação do Círculo Cultural.
12/8/1956	Jardim do Museu Conde Castro Guimarães, Cascais	Deslocação do Círculo Cultural.

Anexo VII

Temas de Autores Portugueses Executados pela Banda dos Bombeiros (1927-1951)⁴

Tema	Autor	Tipo de Música	Anos em que foi tocada
“Abertura Sinfónica”	J. Fernandes Fão		1941
“Alucinada”	J. Fernandes Fão	Marcha	1939
“Alto Alentejo”	Belmiro Guedes		1940
“Bicolor”	Silva Ribeiro	Marcha	1950
“Boa Viagem”	F. Mendes Canhão	Valsa de Concerto	1950
“Cantares Portugueses”	David de Sousa		1940-1941
“Capricho Varino”	J. S. Marques		1938 1940
“Capricho Vertiginoso”	J. S. Marques	Fantasia	1935-1937
“Coimbra”	D. Coelho		1947
“O Combatente”	J. C. Sousa Morais	Marcha	1939-1940
“Concurso do Estoril”	F. Mendes Canhão	Fantasia	1946
“Conspicuidade”, ouverture	Serra e Moura		1938-1942 1946
“Corta Arame”	J. A. Gonçalves		1929
“De Capa e Espada”	F. Mendes Canhão	Marcha	1940

⁴ Cf. *Correio da Extremadura*, 1927-1944 e *Correio do Ribatejo*, 1945-1951.

“De Évora a Elvas”	C. Silva		1936
“Dinah”	F. Matos	Valsa	1935
“Espadarte”	F. Mendes Canhão	Marcha	1943
“Espanha Livre”	Cruz e Sousa	Marcha	1943
“Espírito de Liberdade”	Sousa	Marcha	1935 1938
“Estrábico”	J. Oliveira Brito	Fantasia	1941-1944
“Estrela do Minho”, ouverture	Pinto Ribeiro		1935-1936 1940 1943
“Flávia”	Pinto Ribeiro	Sinfonia	1930 1935-1936 1942
“Florípedes, a Pastora Portuguesa”	Sebastião Ribeiro	Marcha	1933 1938 1941
“Gregório”	António Melo	Marcha	1943
“Ideal”	José Sousa	Marcha	1939
“José Maria Nicolau”	Fernando Isidro	Passo-doble	1938 1940
“Legião”	B. G. de Almeida	Marcha	1942-1943
“Lena”	B. Valente	Sinfonia	1935
“Lusitânia”	J. Fernandes Fão	Passo-doble	1947
“Marcha Americana”	Sousa	Marcha	1931
“Marcha Gomes da Costa”	M. Ribeiro	Marcha	1930
“Marcha de Lisboa”	Raul Ferrão	Marcha	1935
“Meridional”	F. Mendes Canhão	Marcha	1947
“Mimosa”	P. Ribeiro		1935
“Miragem”	A. G. Taborda	Valsa	1940

“Morgadinho dos Loureiros”	Nicolau Júnior	Opereta	1951
“Murmúrios de Vizela”	Chicória		1941
“Namorada Aguiar”	F. Mendes Canhão	Marcha	1943
“Oh Luso”	Sebastião Ribeiro	Marcha	1936-1938
“Para França”	Costa Lança	Marcha	1940
“Passagens da Vida”	F. Matos	Folclore Beirão	1930
“Por Espinho”	Sebastião Ribeiro	Marcha	1936-1937
“Rapsódia n.º 8”	Artur Ribeiro Dantas		1939-1940 1950
“Rapsódia n.º 4 de Cantos Populares do Porto”	J. C. Sousa Morais		1940 1941 1943
“Rapsódia do Baixo Alentejo”	J. C. Sousa Morais		1928-1930 1939-1941
“Rapsódia de Fados”	Waldemar Pinto		1927-1929 1933
“Rapsódia Moderna”	P. Ribeiro		1931
“Rapsódia Portuguesa”	Silva Marques		1947
“Rapsódia Portuguesa, n.º 3, Cantos Populares”	A. S. C. Ferreira		1942
“Regateira”	A. Gomes		1939
“Ressurreição”	Amadeu Stoffel	Marcha	1951
“Ribaldeira”	B. Valente	Marcha	1928-1930 1933 1946
“Segunda Suite Portuguesa” (Fandango, Fado, Bailarico)	Artur Ribeiro Dantas		1941 1942
“Setentrional”	Vasco Rocha	Marcha	1943
“Os Sinos de S. João da Madeira”	J. C. Sousa Morais	Fantasia	1931 1940-1942

“Sombras do Oriente”	Álvaro Ventura	Marcha	1950
“Suite Alentejana” (final)	Luís Freitas Branco		1940 1942
“Suite Portuguesa”	A. Ribeiro de Antas		1941
“Suite Portuguesa” (Dança, Fado, Chula)	Ruy Coelho		1927-1928 1933-1936 1943
“Suite Portuguesa Nossa Senhora do Sameiro”	Raul Campos		1930 1935-1937
“Os Três Lacraus”	A. Guedes de Almeida		1950
“As Três Marias”	J. G. Figueiredo	Marcha	1945
“Vamos aos Touros”	C. da Silva		1942
“Variações de Saxofone”	B. Costa		1929
“Viagem do Gama”	Sousa Morais		1951
“Vinte e oito de Dezembro”	B. Valente	Marcha	1946

Anexo VIII

Filmes portugueses exibidos no teatro Sá da Bandeira (1925-1951)¹

Data	Filme	Realizador	Actores
Maio de 1925	“Fontes dos Amores”		
27/4/1930	“Lisboa Crónica Anedótica” (1930)	Leitão de Barros	
18/5/1930	“Zé do Telhado” (1929)	Rino Lupo	
3/7/1930 6/11/1931	“Maria do Mar” (1930)	Leitão de Barros	Adelina Abranches, Alves da Cunha, Rosa Maria, Oliveira Martins.
28-29/10/1931 24/12/1931 27/3/1934 13/10/1934 18/10/1936 18-20/5/1944 11-12/10/1947 6/8/1944	“A Severa” (1931)	Leitão de Barros	Dina Teresa, Silvestre Alegirim.
12/6/1932	“Minha Noite de Núpcias”	E. W. Enro	Beatriz Costa, Estêvão Amarante, Leopoldo Fróis.

¹ Cf. *Correio da Extremadura*, 1925-1944; *Correio do Ribatejo*, 1945-1951; *O Combate*, 1925; *Notícias do Ribatejo*, 1931.

	(1931)		
7-8/1/1934 20/2/1934 1/5/1934 14/10/1934 19/9/1943 23-24/10/1948	“A Canção de Lisboa” (1933)	José Conttinelli Telmo	António Silva, Vasco Santana, Beatriz Costa, Teresa Gomes
19/1/1936 4/9/1946	“Gado Bravo” (1934)	António Lopes Ribeiro	Artur Duarte, Raul de Carvalho, António Silva, Armando Machado, Mariana Alves, Nita Brandão
17/9/1936 20/3/1938 9/5/1943 6/8/1944 29/10/1944 11/2/1946 16-17/10/1948	“As Pupilas do Senhor Reitor” (1935)	Leitão de Barros	Maria Matos, António Silva, Leonor de Eça, Maria Paula
23-25/1/1937 6/8/1944	“Bocage” (1936)	Leitão de Barros	António Silva, João Villaret, Maria Helena, Raul de Carvalho
6-8/11/1937 8/2/1938 29/5/1938 14/2/1943	“Maria Papoila” (1937)	Leitão de Barros	Mirita Casimiro, António da Silva, Alves da Costa.
12-14/3/1938 24/4/1938 7/8/1938 6/8/1944	“Rosa do Adro” (1938)	Chianca de Garcia	Maria Lalande, Adelina Abranches, Oliveira Martins, Tomás de Macedo, Costinha.
16-18/4/1939 25/12/1943 29/7/1945 4/9/1946	“A Canção da Terra” (1938)	Jorge Brum do Canto	Óscar de Lemos, Elsa Rumina, Barreto Poeira.

21-22, 24/2/1943 26/12/1943 6/8/1944	“Ala-Arriba” (1942)	Leitão de Barros	Pescadores da Póvoa do Brasil.
14/3/1943	“O Trevo de Quatro Folhas” (1936)	Chianca de Garcia	Beatriz Costa, Nascimento Fernandes.
21/4/1943 26/12/1943	“João Ratão” (1938)	Jorge Brum do Canto	Óscar de Lemos, Maria Domingas, António Silva, Manuel Santos Carvalho, Teresa Casal, Costinha, Álvaro de Almeida.
16/5/1943 6/8/1944	“A Varanda dos Rouxinóis” (1939)	Leitão de Barros	Dina Teresa, António Silva, Costinha, Maria Matos.
30/5/1943 6/8/1944	“O Pai Tirano” (1941)	António Lopes Ribeiro	Ribeirinho, Vasco de Santana, Leonor Maia, Barroso Lopes.
6/6/1943 25/12/1943 1/8/1950	“Aldeia da Roupa Branca” (1938)	Chianca de Garcia	Beatriz Costa, Manuel Santos Carvalho, José Amaro, Hermínia Silva, Óscar de Lemos, Elvira Velez
4/7/1943	“O Feitiço da Lua” (1940)	António Lopes Ribeiro	António Silva, Emília de Oliveira, Estêvão Amarante, Ribeirinho.
17-19/7/1943 10/10/1943 9/4/1944 6/8/1944 5/8/1945 7/12/1947	“Fátima Terra de Fé” (1943)	Jorge Brum do Canto	Barreto Poeira, Graça Maria.
29/8/1943	“Pão-Nosso” (1940)	Armando de Miranda	Leonor d’Eça, António de Sousa, Paiva Raposo, Silvestre Alegim, Emília de Oliveira.
5/9/1943 10/4/1944	“O Pátio das Cantigas” (1942)	Ribeirinho	António Silva, Vasco de Santana, Laura Alves, Ribeirinho.
8-11/7/1944 1-2/10/1944	“A Menina da Rádio” (1944)	Artur Duarte	Maria Matos, António Silva, Ribeirinho, Maria Eugénia, Óscar de Lemos.
6/8/1944	“Lobos da Serra” (1942)	Jorge Brum do Canto	Maria Domingas, António de Sousa, António Silva,

			Costinha.
6/8/1944 15/4/1945	“Ave de Arribação” (1943)	Armando Miranda	Assis Pacheco, Leonor Maia, Virgílio Teixeira, Julieta Castelo.
8/10/1944 11-12/7/1947 6/8/1944	“O Costa do Castelo” (1943)	Artur Duarte	António Silva, Maria Matos, Curado Ribeiro, Manuel Santos Carvalho.
4/3/1945 21/10/1945 11-12/10/1947	“Um Homem às Direitas” (1945)	Jorge Brum do Canto	Barreto Poeira, Maria Matos, Virgílio Teixeira, Carmen Dolores.
8/4/1945	“Amor de Perdição” (1943)	António Lopes Ribeiro	António Vilar, Carmen Dolores, António Silva, Barreto Poeira, Igrejas Caeiro, Óscar de Lemos.
17/4/1945 22/4/1945 9-10/8/1947	“Inês de Castro” (1945)	Leitão de Barros	António Vilar.
9-10/3/1946	“José do Telhado” (1945)	Armando Miranda	Virgílio Teixeira, Adelina Campos, Patrícia Álvares.
29-30/6/1946	“Cais do Sodré” (1946)	Alexandre Perla	Barreto Poeira, Virgílio Teixeira, Costinha.
10-11/8/1946	“É Perigoso Debruçar-se” (1946)	Artur Duarte	Milú, Erico Braga.
31/8/1946 1/9/1946	“Ladrão Precisa-se!” (1946)	Jorge Brum do Canto	Maria da Graça, Tatão, Virgílio Teixeira, Pedro Navarro.
19/10/1946 29/10/1946 8-9/11/1947	“A Mantilha de Beatriz” (1946)	Eduardo Garcia Maroto	António Vilar, Virgílio Teixeira, Barroso Lopes.
Outubro de 1946 11-12/1/1947 1-2/2/1947 28-29/6/1947 15/4/1948	“Um Homem do Ribatejo” (1946)	Henrique Campos	Barreto Poeira, Julieta Castelo, Eunice Muñoz, Assis Pacheco, Hermínia Silva.

Outubro de 1946 9/11/1946 5-6/4/1947	“Camões” (1946)	Leitão de Barros	António Vilar, Leonor Maia, José Amaro.
Outubro de 1946 16-17/11/1946	“Três Dias sem Deus” (1946)	Bárbara Virgínia	Bárbara Virgínia, João Perry, Elvira Velez, António Sacramento.
26/4/1947	“A Vizinha do Lado” (1945)	António Lopes Ribeiro	Ribeirinho, António Silva, Carmen Dolores, Hortense Luz.
17-18/5/1947 26-27/7/1947 7-8/8/1948	“Capas Negras” (1947)	Armando Miranda	Amália Rodrigues, Alberto Ribeiro.
7/6/1947	“Os Vizinhos do Rés-do-chão” (1947)	Alexandre Perla	António Silva, Costinha, Teresa Gomes, Hortense Luz, Óscar Acúrcio.
14-15/6/1947	“O Hóspede do Quarto 13” (1947)	Artur Duarte Eugénio Deslaw	Estêvão Amarante, Maria Olguim, Teresa Casal.
13/7/1947 25/6/1950	“Aqui Portugal” (1947)	Armando Miranda	Maria Clara, Hermínia Vidal, Irmãs Meireles.
18/9/1947 20-21/9/1947 1-2/11/1947	“Rainha Santa” (1947)	Aníbal Contreiras	António Vilar, Barreto Poeira, Virgílio Teixeira, Julieta Castelo, Maruchi Fresno.
27-28/9/1947	“Bola ao Centro” (1947)	João Moreira	José Amaro, Barroso Lopes, Raul de Carvalho.
18-19/10/1947 Outubro de 1949	“Viela (Rua sem Sol)”		Milú, Maria Olguim, Isabel de Castro, Barreto Poeira, Oliveira Martins, Augusto Fraga.
25/10/1947 31/1/1948 1/2/1948	“Três Espelhos” (1947)	Ladislau Vjada	João Villaret, António Silva, Virgílio Teixeira, Cármen Dolores, Madalena Soto, Ribeirinho, Raul de Carvalho, Maria Clara.
8-9/11/1947	“Aniki-Bóbó” (1942)	Manuel de Oliveira	Fernanda Matos, António Palma, António Santos.
26/11/1947 29-30/11/1947	“O Leão da Estrela” (1947)	Artur Duarte	António Silva, Maria Olguim, Milú, Artur Agostinho, Maria Eugénia, Laura Alves.

10-11/1/1948 7/2/1948			
15-16/2/1948 21-23/2/1948 10/4/1948 9-10/10/1948 8/5/1949	“Fado História de uma Cantadeira” (1947)	Perdigão Queiroga	Amália Rodrigues, Virgílio Teixeira.
13/5/1948	“Serra Brava” (1948)	Armando Miranda	António Sacramento, Juvenal de Araújo.
11-12/9/1948	“Touros e Toureiros”		
1/1/1949 11-12/6/1949	“Não há Maus Rapazes” (1948)	Armando Vieira Pinto	Raul de Carvalho, Maria Lalande, Maria Matos, Assis Pacheco.
12-13/2/1949	“Uma Vida para Dois” (1949)	Armando de Miranda	Virgílio Teixeira, Leonor Maia, Raul de Carvalho, Costinha.
12-14/3/1949	“A Morgadinha dos Canaviais” (1949)	Amadeu Ferrari Caetano Bonucci	Maria Matos, Raul de Carvalho, Costinha.
26-27/3/1949	“Heróis do Mar” (1949)	Fernando Garcia	António Silva, Maria Matos, Virgílio Teixeira, Barreto Poeira.
10-11/9/1949 17-18/9/1949 8-9/10/1949	“Ribatejo” (1949)	Henrique Campos	Virgílio Teixeira, Eunice Muñoz, Vasco Santana, Hermínia Silva.
17/9/1949	“O Desterrado, Vida e Obra de Soares dos Reis” (1949)	Manuel Guimarães	José Amaro
14/10/1951	“Sol e Touros” (1949)	José Buchs	Manuel dos Santos, Amália, Leonor Maia, Costinha, Ana Paula, Eugénio Salvador.
1/10/1949	“Fogo” (1949)	Artur Duarte	Isabel de Castro, Raul de Carvalho, Carlos Otero, Manuel Santos Carvalho.
15/10/1949	“A Volta de José do Telhado” (1949)	Armando de Miranda	Virgílio Teixeira, Milú, Leonor Maia.
25/7/1950	“Cantiga da Rua” (1950)	Henrique Campos	Alberto Ribeiro, Deolinda Rodrigues, Costinha.

Abril de 1951	“Frei Luís de Sousa” (1950)	António Lopes Ribeiro	Raul de Carvalho, Maria Sampaio, Maria Dulce, Barreto Poeira, José Amaro.
---------------	--------------------------------	-----------------------	--

Anexo IX

Coral Infantil Scalabitano - Regulamento Interno¹²

“Base I – A escola criada pela direcção do Club Literário Guilherme de Azevedo, denominar-se-á “Coral Infantil Scalabitano (Escola de Música)” e reger-se-á em todas as modalidades musicais pela orientação estabelecida pelo Conservatório Nacional de Música, levando em imediata consideração a possível legalização através do Ministério da Educação Nacional.

Base II – Os cursos estabelecidos e a estabelecer adentro do intuito da educação e profissionalismo musical devem conter tudo o que for necessário e possível no comportamento pedagógico eficaz, para o que deverá ser pedido o auxílio da Câmara Municipal e da Junta de Província, bem como o da população de Santarém libertando o Club, no todo ou em parte, dos seus auxílios pecuniários e de outra ordem.

Base III – O auxílio da população de Santarém será firmado através dos indivíduos que pagarem uma cota mensal, no mínimo de 2\$50 e que se denominarão “Amigos do Coral”, cabendo-lhes funções de acção administrativa que noutro lugar se esclarecerão. Todo o indivíduo ou entidade que pague uma cota mensal igual ou superior a 50\$00, ser-lhe-á conferido o título de “Benemérito do Coral”.

Base IV – Atendendo à função educativa da escola e à sua projecção social são de admitir como sócios especiais os Sindicatos Nacionais de Santarém e outras agremiações, para o que pagarão uma cota mensal ou anual num mínimo, respectivamente, de 20\$00 e 240\$00, cabendo-lhes um representante de todos eles com funções directivas.

Base V – Os subsídios provenientes da Câmara Municipal e Junta de Província, têm o fim unicamente aplicável à manutenção do corpo docente, à compra de instrumentos ou mais material afins e as bolsas de estudo que possivelmente venham a criar-se. Para a hipótese de uma dissolução e desde que a direcção do Club não pretenda utilizar, para idênticos fins culturais, o instrumental e material da escola, ficarão à

¹ *Correio do Ribatejo*, 14/1/1950, p. 8.

² *Correio do Ribatejo*, 14/1/1950, p. 8.

disposição da Câmara Municipal e da Junta de Província, que lhe darão o destino que acharem por conveniente.

Base VI – O Coral Infantil Scalabitano será administrativamente constituído por a) – Assembleia-geral; b) – Direcção; c) – Conselho Pedagógico; e d) – Conselho Fiscal.

Base VII – a) – A Assembleia-geral será constituída por três membros: presidente e dois secretários. O presidente será o da direcção do Club Literário Guilherme de Azevedo; o secretário será um “amigo” ou “benemérito” do Coral, eleito pela Assembleia; o segundo secretário será um representante dos Sindicatos, sócios especiais. b) – A direcção será constituída por cinco membros, um deles será membro do Club Literário Guilherme de Azevedo ou seu representante e portanto é lugar perpétuo; um outro será o representante dos Sindicatos. Os outros três são os “amigos” ou “beneméritos” do Coral elegíveis directamente pela Assembleia-geral. c) – O Conselho Pedagógico é constituído por todos os professores e pelo presidente da direcção ou seu representante. d) – O Conselho Fiscal será constituído por três indivíduos que representem, respectivamente, o Club Literário Guilherme de Azevedo, os Sindicatos e “amigos” ou “beneméritos” do Coral.

Base VIII – A dissolução do Coral Infantil Scalabitano não pode ser resolvida pelo Club Literário Guilherme de Azevedo, pelos Sindicatos Nacionais ou pelos “amigos” ou “beneméritos” do Coral, a não ser que as três partes estejam de acordo. No caso de litígio, a questão deve ser apresentada à Câmara e Junta de Província, que tomarão as providências que entenderem por necessárias. No caso da proposta de dissolução ser por acordo das três partes, obriga-se o Coral Infantil Scalabitano a comunicar àquelas entidades para que seja nomeada uma comissão para esse fim.

Base IX – O Coral Infantil Scalabitano não pode desligar-se do Club Literário Guilherme de Azevedo, que se deve sempre reconhecer como seu fundador, a não ser que a direcção do Club, depois de ouvida a Assembleia-geral, esteja de acordo. Toda a proposta nesse sentido pode ser votada pelo presidente da direcção do Club. Também, por outro lado, direcção do Club ou a sua assembleia-geral não terão autoridade de desligar o Club do Coral Infantil Scalabitano, sem que os corpos directivos do Coral sejam ouvidos.

Base X – A Assembleia-geral, a Direcção, o Conselho Pedagógico e o Conselho Fiscal têm autonomia total em relação ao Club não tendo esta capacidade para interferir no Coral senão através dos seus representantes ali englobados.

Base XI – Os “amigos” e “beneméritos” do Coral Infantil que não sejam sócios do Club, apenas poderão frequentar as dependências ocupadas pelo Coral, assim como o salão de festas, durante a sua utilização pela Escola Musical. No entanto, em dias de festa do Coral ser-lhes-á facultada a utilização do bufete, mas sem qualquer permanência nas restantes dependências.”

Anexo X

Orquestra Típica Scalabitana Espectáculos no Concelho de Santarém (1947-1961) ¹

Data	Local	Outras Informações
27/3/1947	Ginásio do Seminário, Santarém	Apresentação da Orquestra aos sócios do Orfeão.
10/6/1947	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau Anual do Orfeão.
31/5/1949 1/6/1949	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau Anual do Orfeão.
25/12/1949	Ginásio do Seminário, Santarém	Festa dedicada às crianças e inválidos dos Asilos da Misericórdia e de Santo António, Instituto de Nossa Senhora dos Inocentes e Albergue Distrital.
15/5/1950	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau comemorativo das “Bodas de Prata” do Orfeão.
7/7/1950	Ginásio do Seminário, Santarém	Concerto radiofónico do Orfeão.
6/11/1950	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Grande Festa do Centro dos Jogos Florais das Férias de 1950, uma iniciativa da Propaganda Turística Portuguesa com o patrocínio do <i>Diário Popular</i> . A Orquestra acompanhou a cantora Maria de Lourdes Resende.
27/12/1951	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Participou com a Banda dos Bombeiros na homenagem à acordeonista Eugénia Lima.
21/5/1952	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau Anual do Orfeão.
13/2/1953	Ginásio do Seminário, Santarém	Audição para sócios e familiares.

¹ Cf. CCS – Programas, 1947-1961.

29/5/1953	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau Anual do Orfeão.
19/7/1953	Estação Zootécnica Nacional, Vale de Santarém	Concerto dedicado aos estudantes de engenharia agrónoma da Universidade de S. Paulo, Brasil.
3/8/1953	Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.
16/8/1953	Pernes	Festas de Pernes e inauguração da Pousada do Mouchão.
7/10/1953	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau do Orfeão.
6/11/1953	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Homenagem ao maestro da Banda dos Bombeiros, Amadeu de Moura Stoffel.
21/11/1953	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Festa da Chita, iniciativa do jornal lisboeta de actualidades artísticas, literárias e desportivas <i>Cartaz</i> , patrocinada pela Câmara de Santarém, Comissão Municipal de Turismo e Grémio do Comércio de Santarém. O produto da festa reverteu para o Sport Grupo Scalabitano “Os Leões”.
3/8/1954	Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.
28/5/1954	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau do Círculo Cultural integrado no programa da I Feira do Ribatejo.
3/12/1954	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Homenagem ao maestro da Banda dos Bombeiros, Amadeu de Moura Stoffel.
26/5/1955	Jardim das Portas do Sol, Santarém	Visita de “Os Amigos de Lisboa” a Santarém para homenagear Alexandre Herculano.
3/6/1955	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau do Círculo Cultural integrado no programa da II Feira do Ribatejo.
5/6/1955	Recinto da Feira do Ribatejo, Santarém	Festival de encerramento da Feira. Actuou juntamente com grupos folclóricos da Azinhaga, Almeirim, Abrantes, Constância e Benavente.
10/8/1955	Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.
23/9/1955	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	XXII Aniversário do Estatuto do Trabalho Nacional organizado pelas delegações de Santarém do I.N.T.P. e da F.N.A.T.
13/11/1955	Secorio, Santarém	O produto das festas do Secorio destinava-se a melhoramentos na freguesia como a construção de um fontanário inaugurado no ano seguinte. No final da actuação decorreu um baile abrilhantado por alguns dos elementos da Orquestra.
27/1/1956	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau comemorativo do 100.º concerto radiofónico do Orfeão.
16/6/1956	Recinto da Feira do Ribatejo, Santarém	Espectáculo de encerramento da Feira do Ribatejo com a apresentação de “Ode de Exaltação ao Ribatejo”, escrita por Cardoso dos Santos e musicada pelo maestro Herculano Rocha, num total de cento e cinquenta executantes em palco.
7/8/1956	Ribeira de Santarém	Festas de Nossa Senhora da Saúde.

18/11/1956	Hotel Abidis, Santarém	Festival a favor do Lactário da cidade onde também actuaram o Coral Infantil Scalabitano, grupos folclóricos e a acordeonista Eugénia Lima.
15/3/1957	Sede do Círculo Cultural, Santarém	Hora de Arte do Círculo Cultural.
17/5/1957	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau anual do Círculo Cultural.
5/8/1957	Ribeira de Santarém	Nas Festas de Nossa Senhora da Saúde actuou juntamente com Maria de Lourdes Resende e Tristão da Silva.
2/5/1958	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau anual do Círculo Cultural.
27/7/1958	Jardim das Portas do Sol, Santarém	Festival organizado pela Comissão de Turismo de Santarém para a entrega da medalha de ouro aos Grupos Académico e Infantil Ribatejano.
19/12/1958	Sede do Círculo Cultural, Santarém	Hora de Arte do Círculo Cultural.
10/5/1959	Salão de festas do União na Azóia de Baixo, Santarém	Também actuou o Conjunto de Figueira Padeiro ² que abrilhantou o baile.
12/5/1959	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau anual do Círculo Cultural.
31/5/1959	Casa do Campino, Santarém	Almoço oferecido pela Comissão Organizadora da Feira do Ribatejo cujos membros foram condecorados pelo presidente da República, Américo Tomás.
12/6/1959	Palco do recinto de diversões da Feira do Ribatejo, Santarém	Festival de Arte do Círculo Cultural. A Orquestra Típica e o Orfeão interpretaram “Ronda Ribatejana”, música de Joaquim Luís Gomes e letra de A. Sousa Freitas.
10/5/1961	Teatro Rosa Damasceno, Santarém	Sarau Anual do Círculo Cultural comemorativo da 150. ^a emissão do Orfeão Scalabitano para a Emissora Nacional de Radiodifusão e em benefício das vítimas de Angola.

² António Figueira Padeiro (1923-2010) era comerciante de instrumentos musicais e acordeonista. Para além de tocar acordeão na Orquestra Típica, constituiu um conjunto musical para abrilhantar bailes, essencialmente no distrito de Santarém,

Anexo XI

Orquestra Típica Scalabitana
Espectáculos Fora do Concelho de Santarém
(1948-1961)³

Data	Local	Outras Informações
20/6/1948	Teatro Aveirense, Aveiro	Deslocação do Orfeão.
8/5/1949	Mercado Municipal, Coruche	
20/6/1949	Teatro Garcia de Resende, Évora	Deslocação do Orfeão.
7/8/1949	Caldas da Rainha	
17/8/1949	Praça do Comércio, Coruche	Dia do Campino, Festas de Nossa Senhora do Castelo.
4/12/1949	Salão da Firma Emídio Raposo & Filhos, Minde	Angariação de fundos para a reconstrução do cine-teatro Alfredo Roque Gameiro.
19/2/1950	Coimbra	Angariação de fundos para a obra “Ninho dos Pequeninos”.
24/6/1950	Almeirim	
27/6/1950	Recinto de festas, Alcanena	
9/7/1950	Tomar	Festa dos Tabuleiros.
6/8/1950	Ringue de Patinagem do Parque, Caldas da Rainha	Deslocação do Orfeão.
16/9/1950	Esplanada dos Bombeiros, Vila Nova de Ourém	Angariação de fundos para as obras na igreja.
21/12/1950	Éden Teatro, Lisboa	Festa de Encerramento dos Jogos Florais das Férias de 1950, uma iniciativa da

³ Cf. CCS – Programas, 1948-1961.

		Propaganda Turística Portuguesa com o patrocínio do <i>Diário Popular</i> . Também actuaram Maria de Lourdes Resende, Francisco José, Max, Alberto Ribeiro e Maria da Graça. Alguns dos trabalhos vencedores foram lidos por Assis Pacheco, Maria Dulce, Bárbara Virgínia, Brunilde Júdice, Aura Abranches e Igrejas Caeiro.
1/7/1951	Pavilhão dos Desportos, Lisboa	Festival promovido pela Propaganda Turística Portuguesa para a inauguração dos Jogos Florais de 1951.
5/8/1951	Esplanada dos Bombeiros, Vila Nova de Ourém	Concerto em benefício dos Bombeiros Voluntários.
17/8/1951	Coruche	Festas de Nossa Senhora do Castelo.
9/9/1951	Montemor-o-Velho	
16/9/1951	Salão do Café do Grande Casino Peninsular, Figueira da Foz	Deslocação do Orfeão.
13/12/1951	Coliseu, Porto	Festa de encerramento dos Jogos Florais das Férias de 1951, uma iniciativa da Propaganda Turística Portuguesa com o patrocínio do <i>Diário Popular</i> e do <i>Jornal de Notícias</i> . Também actuaram Maria de Lourdes Resende, D. Vicente da Câmara, Tony de Matos e Óscar de Lemos.
10/6/1952	Ginásio da C.U.F., Barreiro	Festival promovido pela Propaganda Turística Portuguesa para a inauguração dos Jogos Florais de Portugal.
26/6/1952	Vila Moreira	Concerto transmitido pela Rádio Ribatejo a 1/7/1952.
28/6/1952	Verbena no Centro de Alegria no Trabalho dos Ferroviários, Entroncamento	
10/8/1952	Mira de Aire	Festa em honra de Nossa Senhora de Fátima. Angariação de fundos para colectividades locais de beneficência.
17/8/1952	Praça do Comércio, Coruche	Dia do Campino, Festas de Nossa Senhora do Castelo.
14/9/1952	Montemor-o-Velho	Deslocação do Orfeão.
28/9/1952	Cinemar, Peniche	
21/6/1953	Campo de patinagem, Vila Nova de Ourém	Comemoração do quarto aniversário do Club Atlético Ouriense.
28/6/1953	Cine-teatro, Mação	Deslocação do Orfeão.
13/7/1953	Aeroporto, Lisboa	Recepção aos convidados de Conrad Hilton que se deslocaram de avião para a inauguração de um hotel em Madrid.

26/7/1953	Pombal	Festa do Bobo.
17/8/1953	Coruche	Festas de Nossa Senhora do Castelo.
27/8/1953	Pastelaria Abidis, Nazaré	Convite de Diamantino Veloso, dono das Pastelarias Abidis em Santarém e na Nazaré.
8/9/1953	Praça de Touros, Estremoz.	Festas da Exaltação de Santa Cruz onde também actuou o Orfeão Tomás Alcaide de Estremoz.
19/9/1953	Golegã	Angariação de fundos para a Misericórdia da Golegã.
21/9/1953	Alenquer	Angariação de fundos para o Orfanato de S. José.
8/10/1953	Casino e Parque, Estoril	VIII Congresso da União Internacional dos Organismos de Turismo onde a Orquestra Típica representou o Ribatejo. Também se exibiram “conjuntos de carácter folclórico” do Minho, Trás-os-Montes, Estremadura, Alentejo e Algarve.
17/10/1953	Cine-teatro, Almeirim	Festa dos concessionários das máquinas de costura Oliva para distribuição de diplomas às melhores alunas do curso de corte e bordados da marca.
1/12/1953	Teatro Eduardo Brásão, Bombarral	Sarau de Arte da União Cultural e Recreativa do Bombarral.
3/12/1953	Coliseu dos Recreios, Lisboa	Festa em benefício do hospital de Arganil e da construção do hospital de Pampilhosa da Serra, organizada por Erico Braga. Também participaram Raul Solnado, Paulo Renato, Laura Alves, Luís Piçarra, Max, Aida Baptista, os fadistas da Adega Machado e o Orfeão de Leiria.
19/12/1953	Lisboa	Festival dedicado aos filhos dos empregados da Companhia de Transportes Aéreos Portugueses.
31/1/1954	Casa do Povo, Rio Maior	Deslocação do Orfeão.
4/5/1954	Teatro D. Maria Pia, Leiria	Campanha de Natal a favor dos pobres da cidade.
17/6/1954	Cine-teatro Pax Júlia, Beja	Deslocação do Orfeão.
11/7/1954	Azinhaga	Convite da Casa do Povo para a angariação de fundos para a Misericórdia. Também actuou Júlia Barroso.
18/7/1954	Cartaxo	Convite da Confederação de S. Vicente de Paulo.
25/7/1954	Cine-teatro, Alenquer	
31/7/1954	Esplanada do cine-teatro, Torres Novas	Festival de Caridade organizado pela Misericórdia de Torres Novas.
10/8/1954	Moitas Vendas	Angariação de fundos para a assistência local.
12/9/1954	Santa Cita	Feira anual em honra do Senhor Jesus das Necessidades.

3/10/1954	Sobral	
12/11/1954	Salvaterra de Magos	XXVIII Congresso da Federação Internacional de Agências de Viagens com a presença de 48 países. Convite do S.N.I.
1/12/1954	Bombarral	Concerto a convite da União Cultural e Recreativa do Bombarral.
18/12/1954	Aeroporto, Lisboa	Convite do pessoal dos Transportes Aéreos Portugueses para a Orquestra actuar na festa de Natal.
22/4/1955	Cine-teatro Moitense, Moita do Ribatejo	Espectáculo de homenagem ao primeiro aniversário do jornal <i>Festa</i> , dirigido por Gentil Marques. Também actuaram Maria José Valério e Manuel de Almeida.
27/4/1955	Cine-teatro, Vila Franca de Xira	Espectáculo organizado pelo Ateneu Artístico Vila-franquense para comemorar o 65.º aniversário da Fanfarra 1.º de Maio.
1/5/1955	Teatro Eduardo Brásão, Bombarral	Convite da União Cultural e Recreativa do Bombarral.
12/6/1955	Mira de Aire	Festa de encerramento dos Cursos de Donas de Casa.
19/6/1955	Parque Desportivo de S. Bento, Lisboa	Sarau recreativo promovido pelo Esperança Atlético Club, cujo produto reverteu para apoiar crianças pobres. Também participaram Celeste Rodrigues, João Vilarett, Júlia Barroso, Maria José Valério, o acordeonista Siegfried Sugg e a Orquestra de Victor Bonjour.
10/7/1955	Campo do Cevadeiro, Vila Franca de Xira	Festas do Colete Encarnado
17/7/1955	Esplanada da Sociedade Harmonia, Santiago de Cacém	Festival promovido pela Acção Católica Feminina para auxiliar a construção de um bairro para pobres.
24/7/1955	Verbena dos Bombeiros Voluntários, Queluz	
31/7/1955	Pombal	Festas do Bodo
21/8/1955	Cernache de Bonjardim	Festas de em honra do Beato Nuno de Santa Maria.
18/9/1955	Alpiarça	Actuou na Festa da Vindima juntamente com Hermínia Silva e Maria de Lourdes Resende.
30/10/1955	Gândara, Leiria	
5/11/1955	Cine-teatro, Vila Franca de Xira	Festa dos Ídolos organizada pelo jornal <i>Festa</i> dirigido por Gentil Marques. A Orquestra Típica foi uma das vencedoras e actuou na “Parada de Estrelas”, com Maria José Valério e Eugénia Lima. O discurso ficou a cargo da escritora escalabitana Adelaide Félix
11/11/1955	Lisboa	Espectáculo de apoio à Liga dos Combatentes da Grande Guerra.

27/12/1955	Cine-Ribatejo, Cartaxo	Concerto organizado pela Sociedade Filarmónica Cartaxense.
1/3/1956	Coliseu dos Recreios, Lisboa	Festival de homenagem ao cantor Luís Piçarra promovida por uma Comissão de Amigos e Admiradores. ⁴
27/5/1956	Cine-teatro Avenida, Castelo Branco	Deslocação do Círculo Cultural.
14/7/1956	Torres Novas	
12/8/1956	Recinto de Patinagem, Cascais	Deslocação do Círculo Cultural.
14/8/1956	Batalha	Actuou nas Festas Populares, Feira Anual e Comemorações da Batalha de Aljubarrota juntamente com Anita Guerreiro e o Trio Odemira.
27/10/1956	Coliseu dos Recreios, Lisboa	Festas de Outono onde participaram também os Ranchos Folclóricos do Cartaxo e do Pego, o Grupo Folclórico Infantil de Santarém e a parte Infantil do Rancho dos Pescadores do Tejo. A Orquestra Típica recebeu o troféu “Ídolos do Espectáculo” promovido pelo jornal <i>Festa</i> como o melhor conjunto folclórico. A sua vocalista Dilma Melo também foi premiada.
14/6/1957	Cine-teatro de Vila Franca de Xira	Deslocação do Círculo Cultural.
26/6/1957	Coliseu dos Recreios, Lisboa	Festa de consagração do Sport Lisboa e Benfica como campeão nacional de futebol com locução de Igrejas Caeiro.
14/7/1957	Parque da Cidade, Leiria	Verbena Popular do Orfeão de Leiria.
28/7/1957	Castelo, Torres Novas	
18/8/1957	Coruche	Festas de Nossa Senhora do Castelo.
18/5/1958	Teatro-cine Ferreira da Silva, Torres Vedras	Deslocação do Círculo Cultural.
3/7/1958	Almeirim	Festas em honra do Mártir S. Sebastião.
5/7/1958	Parque dos Desportos, Alcácer do Sal	
30/11/1958	Escola Prática de Engenharia, Tancos.	
28/2/1959	Ginásio do Liceu Camões, Lisboa	Serão Cultural e Recreativo para Trabalhadores organizado pela F.N.A.T. e pela Emissora Nacional e dedicado ao Sindicato Nacional dos Profissionais de

⁴ Na homenagem participaram: Gina Esteves, o humorista Joaquim Cordeiro, Júlia Barroso, Max, Maria José Valério, Siegfried Sugg, Eugénia Lima, Tristão da Silva, Maria Adalgisa, Anita Guerreiro, Maria de Lourdes Resende, Costinha, Raul de Solnado, Teresa Gomes, Vasco de Santana, Humberto Madeira, Irene Isidro, José Viana, Leónia Mendes, Camilo de Oliveira, Orquestras de Dias Pombo e de Victor Bonjour. A locução esteve a cargo de Erico Braga, José Luís Nazareth Barbosa, Pedro Moutinho e Artur Agostinho.

		Enfermagem. Também actuaram o Conjunto de Segundo Galarza, Rui de Mascarenhas e a Orquestra Ligeira dirigida por Tavares Belo.
21/3/1959	Pavilhão dos Desportos, Lisboa	“Festival da Primavera” - Serão Cultural e Recreativo para Trabalhadores organizado pela F.N.A.T. e pela Emissora Nacional e dedicado ao Sindicato Nacional dos Profissionais de Telecomunicações e Radiodifusão. Também actuaram o Conjunto de Segundo Galarza, Maria de Fátima Bravo, Trio Odemira, Simone de Oliveira, Maria de Lourdes Resende e a Orquestra Ligeira da Emissora Nacional dirigida por Fernando de Carvalho. Espectáculo transmitido pela televisão a 21/4/1959.
5/4/1959	Mercado Municipal, Coruche	“Festival da Primavera” e “Festa das Costureiras”. Também actuaram Maria de Fátima Bravo e Rui de Mascarenhas antes de um baile popular abrilhantado pela acordeonista Maria Fernanda dos Santos.
2-3/5/1959	Teatro-cine, Covilhã	Deslocação do Círculo Cultural. Sarau Cultural organizado pelo Club Nacional de Montanhismo.
18/5/1959	Coimbra	“Noite de Ciências” da “Queima das Fitas”. No festival folclórico também actuou a Orquestra Típica de Estremoz.
30/5/1959	Pavilhão dos Desportos, Lisboa	“Rapsódia Portuguesa” – Serão Cultural e Recreativo para Trabalhadores organizado pela F.N.A.T. e pela Emissora Nacional e dedicado ao Sindicato Nacional dos Técnicos e Operários Metalúrgicos e Metal-Mecânicos do Distrito de Lisboa. Também actuaram Madalena Iglésias, Paulo Alexandre, Maria de Lourdes Resende e a Orquestra Ligeira da Emissora Nacional dirigida por Tavares Belo.
11/6/1959	Cinema Teatro Joaquim de Almeida, Montijo	“Jogos Florais” – Festas Populares de S. Pedro, organização do jornal <i>Festa</i> com patrocínio da Câmara Municipal do Montijo.
19/7/1959	Pataias	Festejos organizados pela Fundação Joaquim Matias no âmbito do XV aniversário da Companhia Portuguesa de Cimentos Brancos.
25/7/1959	Cine-esplanada, Rio Maior	
26/12/1959	Pavilhão dos Desportos, Lisboa	“Álbum Musical” – Serão Cultural e Recreativo para Trabalhadores organizado pela F.N.A.T. e pela Emissora Nacional e dedicado à Casa do Pessoal dos Serviços Médico – Sociais (Federação das Caixas de Previdência). Também actuaram Maria

		de Lourdes Resende, Simone de Oliveira, Maria de Fátima Bravo, Alice Amaro, Carlos Ramos e a Orquestra Ligeira da Emissora Nacional dirigida por Tavares Belo.
24/1/1960	Cine-teatro da Misericórdia, Chamusca	Sarau do Círculo Cultural a convite da Secção Cultural do Club Agrícola Chamusquense.
22/5/1960	Cine-teatro, Tomar	Sarau de Arte do Círculo Cultural inserido nas “Festas da Primavera” no âmbito das Comemorações Centenárias de 1960.
16/7/1960	Pavilhão dos Desportos, Lisboa	“Romance Musical” – Serão Cultural e Recreativo para Trabalhadores organizado pela F.N.A.T. e pela Emissora Nacional e ao Sindicato Nacional do Pessoal da Indústria de Lanifícios do Distrito de Lisboa e ao Sindicato Nacional dos Empregados e Operários da Indústria de Panificação. Também actuaram Simone de Oliveira, Alice Amaro, Natércia da Conceição e a Orquestra Ligeira da Emissora Nacional dirigida por Tavares Belo.
6/8/1960	Lagos	Actuou num espectáculo no âmbito das Comemorações Henriquinas juntamente com Alice Amaro, Maria do Espírito Santo e Maria de Lourdes Resende perante personalidades políticas portuguesas e brasileiras. O espectáculo foi filmado pelas televisões americana e brasileira enquanto o Rádio Clube Português o transmitiu em directo numa reportagem para o programa “Isto é Portugal”.
19/9/1960	Óbidos	Festas da Misericórdia. Também actuaram Max, Paula Ribas, Fernando Farinha e Rancho Folclórico do Vale de Santarém
25/9/1960	Soure	Festas da Vila e Feira Anual de S. Mateus. Também actuaram Alice Amaro, Madalena Iglésias e Paulo Alexandre.
30/12/1960	Teatro Tivoli, Lisboa	Espectáculo comemorativo do 25.º aniversário da Emissora Nacional. Também actuaram Maria Clara, António Calvário, Luís Piçarra, Maria Teresa de Noronha, Alice Amaro, Simone de Oliveira, Eugénio Lima, Trio Odemira e Orquestra Ligeira da Emissora Nacional dirigida por Tavares Belo, Belo Marques e Fernando de Carvalho.
14/3/1961	Quartel de Caçadores n.º 5, Lisboa	
21/8/1961	Benavente	
23/8/1961	Pavilhão dos Desportos, Lisboa	Serão Cultural e Recreativo para Trabalhadores organizado pela F.N.A.T. e pela

		Emissora Nacional.
31/8/1961	Lamego	

Anexo XII

<p>Temas originais interpretados pela Orquestra Típica Scalabitana (1947-1960)⁵</p>				
Ano	Título	Autor da Música	Autor do Poema	Solistas
1947	“O Futuro”	António Gavino		Matilde Gavino Adelina dos Anjos Costa
1948	“Senhora do Sameiro”	António Gavino		Matilde Gavino
1948	“Penso que sei mas não sei”	Casimiro Silva		Matilde Gavino Maria Júlia Jorge
1949	“Olhão”	Teodoro Gonçalves		
1949	“O Presente”	António Gavino		Matilde Gavino Adelina dos Anjos Costa
1949	“Senhora do Castelo”	António Gavino		
1949	“Marcha Ribatejana”	António Gavino		
1949	“A Feia”	José Belo Marques		Matilde Gavino Maria de Lourdes Resende Adelina dos Anjos Costa
1950	“Corridinho da Sorte”	António Gavino		
1951	“As Suíças do Tiago”	António Gavino		
1951	“Destino”	António Gavino		Matilde Gavino
1951	“Canção da Saudade”	António Gavino		Matilde Gavino Adelina dos Anjos Costa
1952	“Raminho de Louro”	António Gavino		

⁵ Cf. CCS – Programas, 1947-1960.

1952	“Devagar se vai ao Longe”	António Gavino		Hélder Santos
1952	“Serenata do Tejo”	António Gavino		
1952	“Marcha das Férias”	António Gavino		Maria da Conceição Rodrigues
1952	“O Rei dos Corridinhos”	António Gavino		
1952	“Desde que Partiste”	António Gavino		Hélder Santos
1952	“Uma Reza”	António Gavino		Adelina dos Anjos Costa
1952	“Nostalgia”	Joaquim Luís Gomes		Maria da Conceição Rodrigues
1952	“Mulher Pequena”	José Belo Marques		Maria da Conceição Rodrigues
1953	“Verde-Gaio”	Anselmo Guerra		Margarida Amaral
1953	“Lezírias”	Anselmo Guerra		
1953	“Amendoeiras”	Anselmo Guerra		Acordeonistas Fernanda Guerra e Celestino Guerra
1953	“Alma Ribatejana”	Anselmo Guerra		Acordeonistas Fernanda Guerra e Celestino Guerra
1953	“Uma Lenda de Amor”	Anselmo Guerra	José Luís Nazareth Barbosa	José Carlos Garcia
1953	“Arrufo de Namorados”	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Marília Bastos José Carlos Garcia Dilma Melo Nuno de Almeida
1953	“Tenho um Amor Atrevido”	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Adelina dos Anjos Costa Dilma Melo
1953	“Águas do Douro”	Casimiro Silva		
1953	“Mensagem”	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Hélder Santos Adelina dos Anjos Costa António Santos Miguel
1953	“Cantigas no Ar”	Casimiro Silva		
1953	“Vem, meu Amor”	Casimiro Silva		Marília Bastos
1953	“Rumo ao Norte”	Casimiro Silva		
1953	“Sem ti não sei de mim”	Casimiro Silva		Adelina dos Anjos Costa
1953	“Fogueiras”	Casimiro Silva		Maria Júlia Jorge
1953	“O mal é tomar-lhe o	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Marília Bastos Adelina dos Anjos Costa

	gosto”			Maria João de Campos Irene Macedo
1953	“Cachopa às Direitas”	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Adelina dos Anjos Costa
1954	“O Tempo Dirá”	Casimiro Silva	Augusto Barreiros	José Carlos Garcia
1954	“Outono”	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Solo de bandola por José Francisco Cardoso. José Carlos Garcia
1954	“Vira”	Casimiro Silva		
1954	“Valsa Portuguesa”	Casimiro Silva		
1954	“Vamos a Alenquer”	Casimiro Silva		
1954	“Canção de Recordar”	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Dilma Melo
1954	“Sou Ciumenta”	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Dilma Melo
1954	“Pé Ligeiro”	Casimiro Silva		
1954	“Chula”	Marcos Vilas	José Luís Nazareth Barbosa	Adelina dos Anjos Costa Dilma Melo
1954	“Vira Ribatejano”	Anselmo Guerra		
1954	“Joaninha”	António Gavino	Joaquim Campos	Adelina dos Anjos Costa
1954	“Marcha de Despedida”	António Gavino		
1955	“Balada”	Alexandre Tavares		Guitarista Alexandre Tavares
1955	“Fonte dos Namorados”	António Gabino		
1955	“Seja o que Deus Quiser”	António Gavino		Maria Joana Azevedo
1955	“Ribatejo em Festa”	Casimiro Silva		
1955	“Coração às Apressas”	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Maria João de Campos Dilma Melo
1955	“Romarias”	Casimiro Silva		
1956	“À volta cá te espero”	Casimiro Silva		
1956	“À Vara Larga”	Casimiro Silva		
1956	“Azeitona Miudinha”	Casimiro Silva		Graciosa Maria Dilma Melo
1956	“Maroto do Luar”	Casimiro Silva	Joaquim Campos	Dilma Melo

1956	“Fingimento”	Casimiro Silva		Nuno de Almeida
1956	“Quem Canta seu Mal Espanta”	Casimiro Silva		Irene Macedo
1956	“Chula”	José Belo Marques		Dilma Melo
1957	“Praia da Rocha”	Casimiro Silva		
1957	“Tempos que não Voltam”	Casimiro Silva		
1957	“Aguarela Arraiana”	Casimiro Silva		Irene Macedo
1958	“Regresso à Terra”	Joaquim Luís Gomes		
1958	“Lá no Muro do Derrete”	Joaquim Luís Gomes	Hernâni Correia	Olívia Duarte Maria Joana Azevedo Maria Cândida
1958	“Festa Ribatejana”	Joaquim Luís Gomes	Luís Simão	Manuel Albano
1958	“Luar na Lezíria”	Joaquim Luís Gomes		
1958	“Pampilho ao Alto”	Joaquim Luís Gomes		
1958	“Corridinho”	Joaquim Luís Gomes		
1958	“Fandango Ribatejano”	Joaquim Luís Gomes		
1958	“Vira Ribatejano”	Joaquim Luís Gomes		
1959	“Alfazema e Alecrim”	Joaquim Luís Gomes	Manuel Simão	Dilma Melo
1959	“Rabela da Má Língua”	Joaquim Luís Gomes	Joaquim Vieira	Dilma Melo
1959	“Cidade de Santarém”	Joaquim Luís Gomes	A. Sousa Freitas	Maria Júlia Fonseca Maria Cândida
1959	“Ronda Ribatejana”	Joaquim Luís Gomes	A. Sousa Freitas	
1960	“Chula do Trólaró”	Joaquim Luís Gomes	Hernâni Correia	Helder Frazão
1960	“Trovas da Nossa Terra”	Joaquim Luís Gomes	Hernâni Correia	Manuel Albano
1960	“Bailarico no Adro”	Joaquim Luís Gomes		
1960	“Vindimas”	Joaquim Luís Gomes		
1960	“Namorado Atrevido”	Casimiro Silva	José Luís Nazareth Barbosa	Dilma Melo

Anexo XIII

Lista de Associados

	Banda	Club	Caixeiros	Orfeão	Círculo Cultural	Académica	Leões	U. Operária	Sociedade Recreativa	Círculo C. Musical	Bombeiros	Associação Comercial	Grupo C. Cultural	Club G. Azevedo	Associação Futebol	Teatro Club Ribeirense	Club Caçadores	Cineclube	Associação E. Com.	Orquestra Típica	Sporting	Alliance	Núcleo Campista	Sociedade Tiro	Sport Lx Santarém	Coral Infantil
Adolfo Faria de Castro						X																X				
Agostinho Mariano	X		X	X										X			X									
Albano Colaço			X				X																			
Alexandre Fonseca Tavares		X		X	X	X	X							X						X						
Alfredo Aguiar							X				X															
Alfredo César Henriques		X	X	X	X			X																		
Alfredo da Silva Leitão	X	X		X	X		X			X	X	X		X												
Amador Veríssimo	X	X																								
Américo Passos	X		X	X	X						X			X												
Aníbal Piló Freire			X				X						X					X								
Antonino Pires da Silva			X					X	X																	
António Bastos		X		X									X													
António Bernardo Silva			X				X		X	X																
António Canavarro		X																								
António Carlos Borges		X								X				X												
António Figueira Padeiro			X		X															X						
António Gavino				X	X	X														X			X			
António Gomes de Abreu	X	X								X	X															
António José de Almeida			X						X					X					X							

António Madeira Cacho			X	X	X	X				X			X									X			X
António Maria Galhordas		X																							
António Mendes Cabral	X	X									X	X													
António Nobre		X																							
António Paixão Ferreira	X	X					X																		
António Verediano Gomes	X									X			X												
Artur Madeira Cabral			X	X	X								X												
Artur Proença Duarte		X		X	X				X			X				X						X			
Augusto José da Silva		X					X																		
Augusto Monteiro Frazão		X					X																		
Augusto Rosa Paes Azevedo		X				X													X						
Carlos Fagulha	X	X																							
Carlos Gomes	X							X		X			X										X		
Carlos Mendes	X			X	X	X									X				X						
Carlos Ribeiro			X																						
Celestino Graça		X	X			X								X											
Cristiano Branquinho Santos						X																			
Custódio Branquinho Santos		X	X				X						X												
Diamantino Pereira Veloso			X		X																				
Eduardo Duarte Melo			X										X				X	X							
Eduardo Cambezes		X		X	X											X									
Eduardo de Sousa Figueiredo	X	X				X			X			X	X	X						X					
Edmundo Vaz Mourão	X	X			X	X										X									
Egídio Augusto de Sousa		X													X					X					
Eurico Ferreira	X	X				X	X		X			X	X							X					
Eurico Peste			X	X	X		X					X													
Florentino Dias Vigário	X					X									X										
Francisco Pereira Viegas					X	X										X									
Francisco Santos Vilela	X							X			X		X												

Francisco Vinagre								X																				
Georgina Perdigão		X		X	X					X																		
Guilherme Monteiro Pereira			X			X						X		X											X			X
Henrique Dias Vigário	X	X					X				X		X					X		X								
Humberto Diniz Lopes	X		X	X	X	X			X	X	X		X	X								X						
Jacinto Cardoso da Silva		X																										
Jaime Luizelo Figueiredo		X				X																						
João António Arruda												X		X		X												
João António Codina			X			X		X			X			X														
João Carlos Castro Reis		X			X	X																						
João Correia Vieira			X	X															X			X						
João Gomes Moreira				X	X	X					X			X						X			X					
João Rodrigues Trancas		X					X																					
João dos Santos Lúcio			X	X																								
Joaquim Barros e Matos		X				X				X									X									X
Joaquim Campos				X	X	X																						
Joaquim Cordeiro Jacob		X			X	X																						
Joaquim Cunha e Matta	X	X		X	X					X				X				X			X				X			
Joaquim Custódio da Silva	X										X																	
Joaquim Malfeito Monteiro	X	X																										
Joaquim Martinho da Silva	X	X	X	X	X	X					X																	
Joaquim Santos Martinho		X				X																						
Joaquim Vale Cruz			X		X																							
Joaquim Veríssimo Serrão	X	X			X	X																						X
José Augusto Frazão	X						X							X														
José Avelino de Sousa	X							X			X			X														
José Barata	X			X		X	X																					
José Carlos Garcia			X	X	X															X								
José Carlos Oliveira Sollas	X		X	X	X	X	X							X					X									X

José Eduardo Arruda								X	X						X	X										
José Fragoso	X		X											X	X				X							
José Osório	X	X																								
José Prado			X	X										X					X							
José Rodrigues de Almeida	X			X										X												
José Rodrigues Portela	X		X								X	X	X	X												
José de Sousa Martinho	X							X	X																	
José de Sousa Silva		X				X																				
José Valente de Carvalho		X					X																			
D. José Zarco da Câmara		X		X	X			X			X											X				X
Judite Figueiredo David				X										X												X
Júlio da Costa Pinto				X	X	X																				
Júlio Pedro da Costa			X			X																				
Leonardo Ribeiro Almeida	X	X			X	X													X							
Lino Dias Valente	X	X		X	X						X							X						X		
Luís António Bruto da Costa		X		X	X	X	X																			
Luís Fernandes				X	X	X																				
Luís Hilário Barreiro Nunes		X					X																			
Luís Vaz Sousa		X				X		X						X												
Manuel Afonso		X		X	X	X																				X
Manuel Alves Castela					X	X													X							
Manuel Ginestal Machado	X	X		X	X	X	X				X			X		X			X		X					
Manuel Lopes Branquinho			X				X																			
Manuel Lousada Rodrigues			X												X											
Manuel Pereira Branco		X					X											X								
Manuel Teles Feio		X																								
Manuel Topinho		X																X						X		
Maria Lourdes Hintze		X		X	X						X															
Mário Guimarães Nobre		X					X								X			X								

Mário Jesus Prado			X					X																		
Miguel de Almeida Melo	X	X					X																			
Miguel da Silva Vaz Mourão	X	X					X								X	X										
Noel de Oliveira				X	X		X						X													
Nuno Franco Duarte	X	X																						X		
Olímpia Dória				X																						
Paulo Jardim							X																			
Pedro Beja Santos	X		X		X		X		X					X					X							
Pedro Schiappa Pietra	X	X				X	X											X						X		
Quintino Augusto Suspiro			X	X	X																					
Rafael Pais Calado		X					X																			
Ramiro Guimarães Nobre		X					X			X																
Ricardo Mariano Júnior			X			X			X																	
Rui Ferrer Nunes	X		X	X	X																					
Rui Madeira Cacho			X			X																				
Salvador Supardo		X		X	X					X			X	X						X						
Vasco Duarte	X		X		X																					
Vasco de Sá Nogueira		X					X																			
Virgílio Arruda	X	X	X	X	X	X	X			X		X				X		X			X					
Virgílio Barrera			X	X	X																					

C I D A D E D E S A N T A R É M

- 1 Convento de Santa Clara
- 2 Convento de S. Francisco
- 3 Capela de N. Senhora do Monte
- 4 Capela de N. Senhora da Piedade
- 5 Seminário Patriarcal
- 6 Igreja de S. Nicolau
- 7 Igreja da Santa Casa da Misericórdia
- 8 Igreja de Jesus Cristo
- 9 S. João do Alporão (Museu Arqueológico)
- 10 Igreja da Graça
- 11 Igreja de S.S. Milagre
- 12 Igreja de Alcacova
- 13 Igreja de Santa Cruz
- 14 Igreja de Marvila



- | | |
|----|----------------------------------|
| 15 | Mercado Diário |
| 16 | Câmara Municipal |
| 17 | Biblioteca |
| 18 | Torre das Cabanas (Cabaceiro) |
| 19 | Cinemas |
| 20 | Rodoviária Nacional |
| 21 | Hospital |
| 22 | Fonte das Figueiras |
| 23 | Correios, Telégrafos e Telefones |
| 24 | Palácio da Justiça |
| 25 | Furismo |
| 26 | Praca de Touros |

- | | |
|----|-----------------------------|
| 27 | Campos Desportivos |
| 28 | Parque de Campismo |
| 29 | Estação de Caminho de Ferro |
| 30 | Governo Civil |